

Romance

Lori Wick
Coração de
Sofia

UNITED PRESS 
UM SELO EDITORIAL HÁ 60 ANOS



Depoimentos de quem leu a primeira edição original deste livro:

Apreciei muito a leitura de *O coração de Sofia*. O livro me ajudou a perceber como Deus trabalha em nossas vidas, seja em meio a sofrimentos ou alegrias. Deus conhece as nossas necessidades, os nossos sonhos e dirige nossas vidas tanto a auxiliar outros, como a sermos auxiliados. Apesar de ser uma ficção, Lori Wick traça perfis psicológicos de pessoas reais como nós e podemos identificar, sofrer e nos alegrar com suas personagens.

Lizzander

Não estou acostumada a ler ficção cristã, e este foi um dos primeiros livros que li dessa categoria. Não demorou muito, porém, Lori Wick tornou-se uma de minhas autoras favoritas. Gostei muito do amor e respeito do relacionamento de Sofia com sua avó e de como ela abriu mão da presença da neta, incentivando-a a buscar sua felicidade. Mas... nem sempre as coisas saem como idealizamos. As barreiras da língua e da cultura do novo país levaram uma mulher culta como Sofia a empregos sem qualificação para poder sobreviver. Dói lidar com a frustração, mesmo quando sabemos que Deus está no controle.

Sara Winardi



Lori Wick
Coração de
Sofia

UNITED PRESS
uma editora editorial brasileira

©1995 by Lory Wick
Originally published in the U.S.A. under title:
Sophie's heart
Harvest House Publisher
Eugene, Oregon, 97402, USA
Portuguese edition ©2014 by Editora
Hagnos Ltda

Tradução
Neyd Siqueira

Revisão
Liege M. S. Marucci
Patricia Murari
Nanete Neves
Noemi Lucília Lopes

Capa
Maquinaria Studio

Diagramação
Catia Soderi

1ª edição - Outubro de 2005
2ª edição - Outubro de 2014

Editor
Juan Carlos Martinez
Coordenador de produção
Mauro W. Terrengui

Impressão e acabamento
Imprensa da Fé

Todos os direitos desta edição reservados para:

Editora Hagnos

Av. Jacinto Júlio, 27

04815-160 - São Paulo - SP - Tel (11) 5668-5668

hagnos@hagnos.com.br - www.hagnos.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Wick, Lori

O coração de Sofia: um romance da autora de *best-sellers* / Lori Wick;
[tradução Neyd Siqueira]. - São Paulo: Hagnos, 2005.

Título original: *Sophie's heart*

ISBN 85-243-0331-X

Bibliografia.

I. Ficção norte-americana I. Título.

05-5505

CDD-813.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura norte-americana 813.5

Editora associada à:



P R Ó L O G O

8 DE OUTUBRO DE 1988
PRAGA, CECOSLOVÁQUIA

A MULHER DE CABELOS ESCUROS saiu do alto edifício com fachada de pedra tendo o casaco bem apertado contra o corpo para fugir do frio, que chegara cedo. Era bom ir para casa e melhor ainda saber que o dia seguinte seria domingo, dia de folga.

A mulher chegou à porta de seu apartamento em apenas dez minutos. Era uma das melhores unidades habitacionais da cidade, à qual tinha direito devido à sua elevada posição de tradutora da Assembleia Federal. Entrou em silêncio, mas a avó, a única outra ocupante do apartamento, ouviu o ruído da porta. Chamou-a então do canto da cozinha que haviam batizado de "sala de estar".

— Você está um pouco atrasada, mas fiz chá. Venha tomá-lo comigo, Sofia.

Atendendo ao chamado, a mulher mais moça tirou os agasalhos e encaminhou-se para onde estava Kasmira Kopecky — a única mãe que conhecera nos últimos vinte anos. Kasmira servia o chá em um bule lascado e em xícaras também lascadas. Enquanto se concentrava em sua tarefa, seus olhos tinham um brilho juvenil que não correspondia à sua idade.

— Você está parecendo muito feliz esta tarde — comentou Sofia enquanto aceitava a xícara oferecida.

— Ele chegou, Sofia. — A voz familiar estava quase sem fôlego de tão entusiasmada. — Chegou com a correspondência de hoje. Seu nome foi inserido na lista.

A xícara parou a meio caminho da boca de Sofia, e ela ficou olhando espantada para a avó. Isso só deveria acontecer dentro de muito tempo.

— Não acredito... — conseguiu dizer finalmente.



A avó pegou um pedaço de papel e apresentou-o com um floreio triunfante.

— Está bem aqui. Seu nome, Sophia Velikonja, impresso em letras escuras e nítidas.

— Mas, e você?

— Sofia — a voz da avó tornou-se repentinamente muito suave — , nunca estive na lista.

— Sei disso, mas não está sugerindo que a deixe, não é?

— Claro que sim. — A voz dela continuava doce. — Sobrevivi ao câncer, mas sou velha, e meu tempo aqui continua sendo muito curto.

— Não me importo que seja ou não curto. Não quero perder nem um minuto dele.

As duas silenciaram, cada uma ocupada com seus pensamentos. Anos antes, falaram sobre seu sonho em comum de conhecer a América, não só vê-la, mas viver ali pelo resto de seus dias. Quando o período de sonhos e orações terminou, decidiram colocar o nome na lista para deixar a Checoslováquia. Todavia, antes de o ato se concretizar, a avó de Sofia soube que tinha câncer. Foi uma época difícil, mas supondo que morreria antes da ida de Sofia, a avó insistira em que a neta incluísse apenas seu nome. Deus, porém, tinha outros planos.

— Você precisa ir, Sofia. — A mulher mais idosa quebrou o silêncio. — Esse tem sido meu sonho para você há muito tempo.

O tom em que a avó falava — aquele com o qual a neta nunca pudera argumentar — fez os olhos de Sofia fecharem-se brevemente em desespero. Ao abri-los, sua atenção voltou-se para o piano velho e usado, com as teclas lascadas e a madeira descascada. Será que cantariam de novo junto dele algum dia? Olhou outra vez para a avó.

— É tão longe... — sussurrou. — É possível que nunca mais a veja.

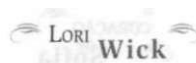
— Nossos corações estarão sempre unidos em Cristo. Nunca esqueça isso.

A mulher mais jovem só conseguiu acenar com a cabeça, seus lindos olhos negros não se desviaram da avó. Esta falou de novo, com palavras transbordantes de amor.

— Siga o coração de Deus, minha querida, foi isso o que o Senhor planejou para você.

Depois de ouvir essas palavras, Sofia soube que as coisas tinham de ser assim. Deixaria seu país e a avó.

Momentos depois, estavam abraçadas, com lágrimas correndo pelas faces, enquanto soluços sacudiam seu corpo. Cada uma sentindo como se uma mão gigantesca tivesse invadido seu mundo para separá-las para sempre.



12 DE OUTUBRO DE 1988

MIDDLETON, WISCONSIN

— Tenho de achar a nota da lavanderia. Fica muito difícil sem ela.

Não havia ninguém no carro com Vanessa Riley, mas isso não impediu, de forma alguma, seu monólogo. O marido sempre caçoava dela por causa de seu hábito de falar sozinha, e Vanessa sorriu ao pensar o que diria se contasse que voltara a fazer a mesma coisa.

— E agora, o que é isso? — disse nervosa, desviando momentaneamente os olhos da estrada. — Que coisa! Onde estará aquele cheque? É possível que o tenha dado ao encanador. Alec vai me estrangular.

— Vamos, Vanessa, fique atenta — disse ela enquanto desviava um pouco. — Você nem viu aquele carro.

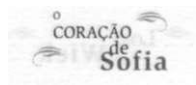
Vanessa entrou e saiu da lavanderia num instante, mas tinha ainda duas outras coisas a fazer. Entrou de novo no trânsito, aflita o tempo inteiro.

— Oh, chuva outra vez, e nós vamos para o lago. Sinceramente — disse ela com crescente frustração —, nem comecei o jantar ainda, e as crianças vão precisar de ajuda com o dever de casa.

A mão de Vanessa estava de novo dentro da bolsa, procurando desta vez a lista de compras. Detestava prepará-las e se sentia orgulhosa por ter conseguido fazer a daquele dia. Ao lembrar-se de que a tinha deixado na mesa da cozinha, sua irritação chegou ao extremo.

Essa frustração foi, provavelmente, o motivo de ter feito a curva depressa demais. Havia casas em um lado da rua, mas apenas cercas e muitas árvores do outro. O tempo estivera muito seco, e a chuva repentina tornara o calçamento traiçoeiro. Vanessa, que tinha orgulho em dizer que nunca sofrera um acidente, ficou bastante surpresa ao perceber que o carro patinava fora de controle.

Pela primeira vez na vida, não sabia que pedal apertaria. Tateou com o pé o chão do carro, enquanto surgia em sua mente uma breve imagem do marido e dos três filhos. O último pensamento de Vanessa Riley foi que tinha simplesmente de voltar para casa e para eles; não tinha sequer começado o jantar.



Duas horas mais tarde, Alec Riley entrou na cozinha pela porta dos fundos da casa. Estava cansado, mas não demais, e esperava, ansioso, a ida ao lago na tarde do dia seguinte. Parou de repente ao ver os três filhos preparando o jantar na cozinha. Aquilo não era normal. Refletiu brevemente se estariam todos amadurecendo ao mesmo tempo.

— Onde está sua mãe? — perguntou, sabendo que a resposta provavelmente seria: "Deitada com dor de cabeça".

— Não sabemos — disse a mais velha, Rita, e isso surpreendeu Alec. Percebeu, então, o ar solene deles.

— Como assim?

— Só que ela não está aqui... — Rita encolheu os ombros.

— E o carro? — A voz de Alec era profunda e calma, pensando que os filhos não haviam provavelmente verificado. — Quem sabe ela está no vizinho?

— O carro não está — interferiu Craig. — E ela não deixou um bilhete.

— Está bem — esperando esconder a crescente preocupação, respondeu depressa. — Sei que ela deve voltar a qualquer momento. Vou ajudá-los com o jantar.

Estavam trabalhando juntos havia mais de vinte minutos quando a campainha tocou. Alec enviou Craig, certo de que era um dos amigos dele querendo alguma coisa. O garoto apareceu na porta da cozinha em menos de um minuto, muito pálido.

— Dois homens querem ver você, pai. Um deles é um policial.

Por um momento, Alec sentiu que os pés estavam grudados no chão. As circunstâncias, o olhar no rosto de Craig, fizeram seu coração agitar-se. Pegou metodicamente o pano de prato que mantinha pendurado no ombro, colocou-o no balcão da cozinha e dirigiu-se à sala de estar, sabendo de alguma forma que os homens na porta da frente iriam dizer-lhe algo que mudaria para sempre a sua vida.

CHICAGO, ILLINOIS

JANETE RING entrou no estacionamento da igreja por puro instinto, já que sua mente estava a quilômetros de distância de casa. Esforçou-se, então, para ficar sentada atrás do volante por algum tempo, a fim de se acalmar. O estudo bíblico — dirigido por ela — deveria começar em menos de trinta minutos, e Janete sentia-se completamente arrasada.

— Sei que é por causa de Alec, Senhor — sussurrou ela enquanto olhava pelo para-brisa. — Sei que estou preocupada com ele. Por favor, ajude-o, console Alec e as crianças. Nove meses, Senhor, e eles continuam tão perdidos, tão chocados e indefesos. E principalmente hoje. Ele deve estar em agonia.

Lágrimas encheram os olhos de Janete e ela não pôde continuar. Hoje seria o décimo oitavo aniversário de casamento de Alec e Vanessa, e ela não estaria aqui para compartilhar a data com ele. Janete quase não conseguiu suportar a ideia. O que mais queria era voltar para casa, afundar na cama e chorar até dormir.

Um movimento fora do carro chamou finalmente sua atenção. Uma velha amiga estava ali de pé, no calor do verão, olhando-a com olhos compassivos. Sem que Janete soubesse, ela também nunca mais fora a mesma depois da morte de Vanessa.

Janete abriu a porta e saiu, colocando-se ao lado de Deise, que lhe falou com carinho:

— Não vou perguntar como está porque sei como se sente. Está pensando em seu irmão, não é?

— É verdade. Hoje seria o aniversário de casamento deles e estou realmente sofrendo — disse Janete com um pálido sorriso.

Deise abraçou-a enquanto caminhavam para o prédio da igreja.

— Vai telefonar para ele?



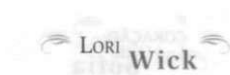
- Não sei. Neste momento só consigo pensar em ir para casa e chorar. — Janete tentou mais uma vez conter as lágrimas. — Uma líder de estudo bíblico não deveria sentir-se assim.
- Seu sofrimento não é pecado — afirmou a amiga.
- Sei disso, Deise, mas as mulheres de meu grupo são todas novas convertidas. Não quero fazer nada que as leve a tropeçar.
- Fique sossegada. Sua tristeza neste momento é normal, Janete, e também saudável, posso acrescentar. Quanto à sua classe, peça a Deus que a faça enfrentar uma coisa de cada vez e que use você de alguma forma hoje. Talvez apenas compartilhar o quanto está sofrendo tocará o coração de alguém, e isso dará a todas elas uma oportunidade de orar por você.

Janete concordou. Estavam no prédio agora, e precisavam separar-se. Com uma palavra final de encorajamento, Deise deixou Janete e foi para a sua sala. Janete entrou no banheiro das mulheres e, ao encontrá-lo vazio, orou por alguns momentos: "Peço que me uses hoje, Pai. Toca a ferida em meu coração e transforma-a em glória para ti. Ajuda-me a compartilhar com meu grupo, de modo a mostrar a elas que, embora esteja sofrendo, continuo esperando em ti". Janete procurou silenciar o coração, ficando simplesmente de pé e pensando em como o seu Deus era poderoso. Entregando o seu dia ao Senhor, também entregou o irmão nas mãos dele e saiu para a aula.



Quarenta e cinco minutos mais tarde, depois de as mulheres terem se detido alguns momentos antes da ministração da Palavra para orar por Janete e encorajá-la, voltaram-se para o estudo. Era um texto sobre a vida de Cristo, e as mulheres — quase trinta — estavam realmente interessadas.

Quase a classe inteira fazia as lições todas as semanas e muitas compartilhavam suas ideias ou faziam perguntas. Estavam envolvidas em uma discussão a respeito do relacionamento de Cristo com seus discípulos, quando uma jovem que Janete não conhecia entrou silenciosamente e sentou-se ao fundo na sala. Ninguém notou a recém-chegada, mas Janete, que estava de frente para a turma, viu-a imediatamente. As alunas novas eram geralmente apresentadas e acolhidas com alegria, mas aquela chegara na hora errada. Várias alunas tentavam falar ao mesmo tempo, e Janete tinha certeza de que



a novata iria apenas sentir-se constrangida, caso fizesse com que fosse notada naquele momento.

— Penso que Jesus era chegado a todos eles — comentou uma das mulheres —, mas também acho que fica claro que alguns poderiam ser considerados amigos mais íntimos.

— Concorde —, interrompeu outra do grupo. — Eu estava lendo ontem à noite sobre a ida dele ao jardim para orar e notei em Mateus 26 que Jesus só levou Pedro, Tiago e João em sua companhia. Os três discípulos não conseguiram nem ficar acordados para ajudá-lo! — A voz dela demonstrava certo desapontamento. — Aquele deve ter sido um momento muito vulnerável para Jesus, e acho interessante que ele só tenha chamado aqueles poucos discípulos para compartilhar seu sofrimento.

— O que podemos aprender aqui? — perguntou Janete, sabendo que o horário estava quase chegando ao fim, e desejando que as alunas se retirassem levando com elas um ensino especial. Seus olhos passaram pelo grupo esperando uma resposta. Enquanto isso, notou que a nova aluna, lá no fundo da sala, buscava a resposta em sua Bíblia, mas foi uma das alunas regulares que respondeu.

— Essa talvez seja apenas a ponta do iceberg, mas penso que pode ser uma evidência de que é normal ter várias amigas cristãs, embora provavelmente não tenhamos dúzias de amigas cristãs íntimas.

— Estava pensando a mesma coisa — exclamou outra. — Vamos ter amigas, talvez muitas ou talvez poucas, mas não podemos esperar ser íntimas de todas elas.

— Mas e as outras? — desafiou Janete. — Todo homem certamente *queria* ser um amigo íntimo de Jesus. Vocês acham que houve ciúmes entre eles?

Muitas cabeças acenaram afirmativamente.

— Era certa essa inveja?

Ouviu-se um coro de negativas.

— E nós? É fácil cair na mesma armadilha? Claro que sim. Queremos ser amigas das mulheres mais "populares". — Janete levantou os dedos, fazendo o sinal de aspas. — Somos tentadas a ficar zangadas quando não podemos nos tornar amigas da líder de estudo bíblico, da mulher do pastor ou até da mulher que faz solos com uma voz angelical.

Algumas mulheres mostraram uma expressão um tanto solene no rosto. Janete continuou a falar com mais gentileza.



— Posso ver que algumas de vocês estão espantadas com esta linha de pensamento. Sei que muitas são recém-convertidas e pensam que deixaram para trás essas atitudes no grupo de café do escritório ou no recreio com as garotas da segunda série.

Janete continuou falando:

— Detesto dizer isso, mas tais atitudes podem e são muitas vezes encontradas entre cristãos. Devemos lutar contra essa divisão. Você pode ou não ter conflitos nessa área; mas, de qualquer modo, peça ajuda a Deus para que o seu motivo seja puro, não no sentido de exaltar-se. Depois, pergunte-lhe onde ele quer que você ministre ou de quem ele quer que você seja amiga. Com isso chegamos ao fim — disse Janete repentinamente, ao ver que a visitante no fundo da classe se levantava para sair. E arrematou: — Estou certa de que voltaremos a discutir este assunto. Mas agora, Nanei, quer por favor terminar com uma oração?

Enquanto as mulheres inclinavam a cabeça, Janete foi rapidamente até o fundo da classe. Encontrou o vestibulo vazio e praticamente correu até a porta para encontrar a jovem que entrara novamente. Ela já estava cruzando o estacionamento quando Janete a chamou.

— Gostei muito que tivesse vindo hoje — disse Janete, e mostrou-se agradecida quando a mulher parou, voltou-se surpresa e depois sorriu. Janete aproximou-se dela e estendeu a mão.

— Sou Janete Ring e fiquei contente por ter vindo à nossa reunião.

Elas se cumprimentaram.

— Sou Sophia Velikonja — respondeu a mulher mais alta suavemente.

Janete piscou, procurando desesperadamente identificar de onde era aquele sotaque forte.

— Desculpe — disse finalmente.

A outra mulher sorriu de novo, um sorriso lindo e caloroso.

— Por favor, me chame de Sofia. Sinto ter de ir embora, mas tenho de trabalhar.

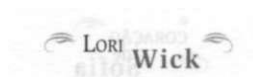
— Tem de ir trabalhar? — Janete estava começando a entender os sons.

— Sim, tive muito prazer em estar na reunião hoje, mas preciso voltar ao trabalho.

Janete sorriu:

— Que bom que gostou. Espero que volte.

— Voltarei, com certeza, mas não sei o horário. Cheguei atrasada hoje.



— Começamos às 9 horas e geralmente terminamos cerca das 10h30.

Sofia fez um sinal com a cabeça. — Vou tentar. Obrigada, Jana.

— Janete — corrigiu-a amavelmente.

— Janete. — Sofia pronunciou o nome e recebeu um sorriso de Janete.

— Até logo, Janete.

— Até logo, Sofia.

Sofia virou-se para ir embora e Janete voltou para a sala de aula. Se tivesse permanecido ali, teria visto que Sofia não saiu de carro, mas continuou andando até deixar o estacionamento. Isso não era esforço para Sofia, pois a vida toda ela se acostumara a caminhar. Como tinha de chegar logo ao trabalho, andava depressa, com a bolsa e a Bíblia na mão. Ao se aproximar do ponto de ônibus, ficou aliviada ao ver que o veículo estava subindo a rua.

Uma vez sentada, olhou pela janela e refletiu sobre os acontecimentos da manhã. Ficou agradecida por Janete Ring ter ido à sua procura. Ficara preocupada por chegar atrasada e por sair cedo. A princípio, dissera a si mesma que nem valia a pena ir, mas a necessidade de encontrar um grupo cristão, mesmo que fosse por pouco tempo, a pressionara.

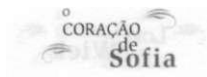
Não seria fácil ir ao estudo bíblico e chegar a tempo no trabalho, mas Sofia sentia agora que o esforço fora compensador. Orou por Janete Ring e pelas outras mulheres da classe. Antes que percebesse, o tempo havia passado e estava na hora de descer do ônibus.



— A mesa três está em desordem, Sofia, e Barb precisa de uma mesa para oito em quinze minutos.

— Está bem, senhor Markham — respondeu Sofia, empurrando seu carrinho em direção à sala de refeições.

Desde a sua primeira semana na América, ela trabalhava no Tony's, um bom restaurante de Chicago. Chegara finalmente ao posto de "transportadora de carrinhos". Sofia percebera que aquela função era melhor do que lavar pratos ou fazer a limpeza noturna. Mesmo assim, era trabalho pesado e mal pago. A pior parte do emprego era, vez por outra, ser tratada pelo chefe e pelas garçonetes como uma criança retardada.



Sofia sempre dizia a si mesma que, se um dia viesse a ser garçonne, jamais faria alguém se sentir tolo. Mas começava a parecer que nunca teria a oportunidade de ser garçonne. Sabia que elas ganhavam bem e esperava algum dia conseguir esse trabalho. O senhor Markham, porém, tornara claro em várias ocasiões que seu inglês era ainda deficiente.

Sofia chegara à conclusão de que, se a sua habilidade de falar o idioma da América não era boa o bastante, o problema estava *nela*. Na mente de Sofia, essa era a pior parte da vida nos Estados Unidos. Nem mesmo a separação da avó fora tão penosa como sentir-se invisível a maior parte do tempo. Por lutar com as palavras, as pessoas pensavam que era retardada ou que não iria compreender alguns dos comentários cruéis que faziam diante dela. Para sua tristeza, ela os compreendia muito bem.

— Não são oito, são dez.

— O quê?

Sofia, que estivera trabalhando febrilmente para aprontar as coisas, arregalou os olhos para a garçonne. Barb, que não era uma das mais delicadas, revirou os olhos e falou com Sofia como se fosse uma idiota:

— Aumentou o número de pessoas. Preciso de dez pratos, não de oito — disse Barb, erguendo os dedos no ar.

— Está bem — respondeu Sofia, cuidando de fazer a mudança.

— Por que as pessoas não ficam em seu país? — resmungou Barb em voz alta enquanto saía.

Por alguns segundos, Sofia ficou absolutamente imóvel, pensando que a dor em seu coração iria matá-la.



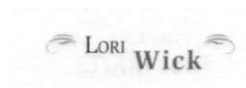
— Conheci uma mulher hoje.

Davi Ring, colocou de lado o jornal que lia. O tom de voz da mulher atraiu imediatamente sua atenção. Estavam sozinhos na sala de estar. Os três filhos já haviam dormido, e aquele era finalmente o tempo "deles" à noite.

— Onde a conheceu?

— Ela veio ao estudo bíblico. — Janete respondeu com um olhar pensativo.

— Ela é cristã?



- Estava com uma Bíblia.
- Você acha que ela vai voltar?
- Acho que sim. Não tive oportunidade de saber nada a seu respeito, mas havia nela algo muito especial...
- Como se chama?
- Sofia. Falou o sobrenome, mas é estrangeira e seu sotaque dificultou minha compreensão.
- Espero que a veja novamente.
- Eu também. Gostaria de ter tido mais tempo com ela, estou então pedindo ao Senhor que a mande de volta.
- Vou orar também por ela. Você já decidiu se vai telefonar para o Alec? — perguntou o marido. As lágrimas imediatamente encheram os olhos de Janete, mas ela sacudiu a cabeça negativamente.
- Decidi escrever a ele para que saiba que me importo. Pensei também em convidá-los para nos visitar antes que as aulas comecem.
- Faça isso — disse Davi imediatamente. — Conte que o calor está forte, mas podemos passar o dia na piscina.

Ficaram então em silêncio, mas a mente de Janete só pensava em Alec. Deveria escrever ou telefonar para convidá-lo? Não tinha muita certeza disso, e ainda tentava resolver o problema quando ela e Davi foram deitar.

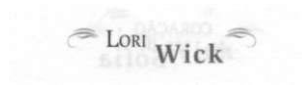
TODOS OS OLHOS ESTAVAM fechados e as cabeças inclinadas em oração quando Sofia entrou na sala para o estudo bíblico na semana seguinte. Depois que a última mulher havia orado, Janete viu-a e fez uma breve apresentação. Todas as alunas se voltaram, sorriram e disseram "Olá". Embora se sentisse constrangida, Sofia denotou estar feliz quando Janete iniciou o estudo.

Sofia não tinha o livro usado para os estudos, mas como cada pergunta era seguida de versículos bíblicos, não foi difícil acompanhar a aula. Os minutos voaram. A vida de Cristo era um dos temas favoritos de Sofia. Ela ficou chocada ao olhar o relógio e ver que estava na hora de ir para o trabalho. As outras continuariam a participar do estudo, mas ela não tinha outra opção.

Janete viu-a sair, e não encontrou nenhuma forma de detê-la. Sabia que não devia abandonar a classe todas as semanas, e não poder acompanhar Sofia tornou-se difícil para Janete. Sua mente voltou-se, então, para o grupo, e, orando, pediu a Deus que fizesse surgir novas oportunidades para que ela e Sofia pudessem conversar por mais tempo.



- Oi, tia Janete, — Tory Riley disse alegremente do outro lado da linha.
- Como vai, Tory?
- Estou bem. Temos de voltar em poucas semanas para a escola. — A garotinha de dez anos parecia desapontada.
- Você está parecendo a Beth — comentou Janete, referindo-se à opinião da filha quanto ao começo das aulas. — Olhe, querida, seu pai está por perto?
- Está, espere só um segundo e vou chamá-lo.



Vários segundos passaram-se antes que Alec pegasse o telefone, mas Janete esperou com paciência.

— Recebeu minha carta?

— Recebi.

— O que resolveu? Você e as crianças podem vir?

— Não sei, Jan — a voz de Alec era profunda e baixa. — Tenho cinco casas para vender agora e não sei se posso me afastar.

— Só no fim de semana — Janete tentou negociar. — Você não trabalha nesses dias, não é? — O silêncio do outro lado da linha deu a resposta que ela não queria ouvir.

— Aprecio a oferta, Jan. Agradeço mesmo — disse Alec depois de alguns instantes. — Mas não vai dar antes do começo das aulas. Talvez no outono.

— Tudo bem, Alec — disse Janete obrigando-se a não pressioná-lo. — E você, como está?

— Quase na mesma.

Não era a resposta que esperava, mas sabia que, com a distância que os separava, orar era tudo o que podia fazer. Na maior parte das vezes, era o melhor.

— Falo com você mais tarde — disse Alec, e Janete percebeu que estava prestes a desligar.

— Tudo bem, Al. Beije as crianças por mim.

— Obrigado, Jan. Faça o mesmo com as suas.

— Boa noite, Alec.

— Boa noite, Janete.

Desligaram o telefone, mas a conversa, pelo menos na mente de Janete, continuou por vários minutos.



— Não acredito que esteja me levando para o Tony numa noite de sexta-feira. Não vamos lá há séculos!

— Bem, não é todo dia que um corretor fecha negócio com a maior casa que já vendeu.



- Falando assim — disse Janete a Davi enquanto se aproximava mais dele no banco da frente do carro —, eu é que deveria convidar você para sair.
- Nada disso — disse ele enquanto entravam no trânsito.— Na verdade, você merece isso mais do que eu. •

— Como assim?

- Quero dizer que, muitas vezes, você é quem segura as pontas enquanto saio à noite. Não poderia vender casas se não fosse por você. Esse comprador em especial precisou ser mais "cortejado" do que a maioria.

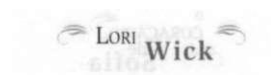
Janete inclinou-se e o beijou no rosto. Sabia que a noite seria maravilhosa.

A esperança dela foi, de fato, recompensada. A comida e a atmosfera no Tony estavam acima de qualquer expectativa, e com um quarteto de cordas tocando em um canto do restaurante, havia também romantismo. Estavam quase terminando a sobremesa quando Janete viu Sofia. Limpava uma mesa do outro lado. Janete apontou-a para Davi e, depois, esperou até que estivesse indo para o fundo do restaurante antes de se aproximar dela.

— Olá, Sofia.

A mulher mais jovem voltou-se surpresa e, depois, sorriu alegremente.

- Olá, Janete. Vi você antes, mas não pude ir até sua mesa. Boa a comida?
- Sim, excelente. É aqui que você trabalha?
- Sim, tenho uma folga para comer em dez minutos, mas ficarei aqui até a uma hora.
- Dez minutos? Que ótimo! Podemos conversar?
- Bem... — Sofia pareceu um tanto embaraçada. — Eu gostaria, mas não posso ir para o salão.
- Claro — Janete não tinha pensado nisso. — Onde você come? Podemos nos encontrar ali?
- Eu faço minha refeição nos fundos. — Sofia respondeu outra vez com certo ar de preocupação. — Lá não é tão bonito quanto aqui.
- Ora, Sofia. Não nos importamos, se você não se importa. E tão difícil conversar no estudo bíblico e eu queria realmente saber como você vai.
- Está bem. — Sofia viu a sinceridade dela e concordou, achando que seria agradável ter companhia.



Cinco minutos mais tarde, viu Janete e Davi na sala de jantar dos fundos do restaurante, lugar onde os empregados podiam comer quando não houvesse nenhum banquete marcado. Sofia só pôde juntar-se a eles, porém, alguns minutos mais tarde. Uma das moças havia derrubado um prato de comida e Sofia teve de fazer a limpeza. Da última vez que isso acontecera, seu horário de almoço fora encurtado, mas decidiu que, naquela noite, usaria todo o tempo a que tinha direito.

— Sinto ter feito vocês esperarem — disse Sofia enquanto sentava com os Rings. Colocou um prato de comida na mesa e um copo alto com água gelada. — Parece estranho comer enquanto vocês... — Sofia fez um gesto constrangimento e Davi falou:

— Não se preocupe. Comemos tanto que não poderíamos engolir mais nada.

— Sofia — disse Janete —, este é meu marido, Davi. Davi, esta é Sofia. Ela participa de meu grupo de estudo bíblico.

— Prazer em conhecê-la, Sofia.

Eles se cumprimentaram e, depois, Sofia desculpou-se e agradeceu silenciosamente a Deus pela refeição. Janete achou que não deveria ser apressada demais, mas estava tão fascinada pelo pouco que sabia daquela estrangeira que temeu mostrar-se ansiosa demais e agressiva.

— Você gosta de trabalhar aqui? — perguntou Davi.

Ele notara a ansiedade da esposa e tomara delicadamente a mão dela por sob a mesa. Janete ficou aliviada com a compreensão do marido.

— Agradeço muito pelo trabalho — respondeu Sofia. — Tantos não têm emprego!

— Está há muito tempo em Chicago?

— Nove meses. Sou da Checoslováquia.

— Está bem longe de casa — falou Davi bondosamente.

— Sim. Alguns dias muito longos.

— Trabalhava em um restaurante na Checoslováquia?

— Não — Sofia deu um sorriso. — Esta é nova... — ela hesitou.

— Experiência? — Davi completou.

Sofia sacudiu a cabeça concordando. Sua face estava um tanto vermelha por não ter conseguido encontrar uma palavra tão simples.



— Não costumo dormir até tarde — acrescentou suavemente. — Gosto do começo do dia, portanto, isso é o mais difícil... ficar acordada à noite e perder o nascer do sol.

— Você tem alguma folga na parte da tarde, Sofia? — perguntou Janete. — Queria muito que fosse almoçar conosco.

Antes que moça respondesse, seu chefe enfiou a cabeça na porta e disse que precisava dela no salão, por isso deveria apressar-se. Sofia desculpou-se em voz baixa e atravessou a sala. O senhor Markham ia saindo, mas Sofia chamou-o. Quando ele parou, ela lhe disse respeitosamente:

— Hoje, preciso de todo o meu tempo de folga, senhor Markham. Não posso voltar para o salão mais cedo esta noite.

O homem franziu a testa ameaçadoramente, mas Sofia nem piscou. Sentia-se agitada por dentro, mas por fora sua compostura era admirável.

— Preciso de você no salão.

— Volto assim que o meu tempo de folga terminar.

— Vamos, Sofia. — O tom de voz dele denotava que não toleraria nenhum argumento.

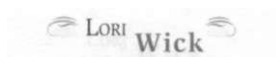
Sofia, porém, não pretendia ceder. Balançou a cabeça, ainda calma e completamente controlada, continuou:

— Esta não é a primeira vez que acontece isso. Desde a última vez sei que não posso trabalhar bem sem ter meu horário livre para o almoço. Não posso fazer isso, senhor Markham, nem agora nem mais tarde.

— Quer continuar trabalhando aqui, Sofia? — perguntou o homem, pensando que isso poria fim à conversa.

— O senhor quer que a lei seja cumprida aqui, senhor Markham? — Sofia notou que o homem piscou, mas continuou amavelmente, considerando a posição de ambos. — Todos aqui pensam que sou idiota. — Sofia acrescentou. — Mas eu não sou. Li sobre as leis. O senhor deve permitir que eu tenha todo o tempo do almoço. Preciso dele.

Para surpresa de Sofia, o senhor Markham abriu um largo sorriso e seus olhos brilharam divertidamente.



— Termine o seu tempo de folga — disse ele simplesmente, e Sofia voltou para a mesa.

— Tudo em ordem? — perguntou Janete.

— Tudo ótimo — respondeu Sofia sinceramente.

— Você pode vir almoçar?

— Gostaria muito.

Janete pegou papel e lápis na bolsa.

— Dê-me o seu telefone.

Sofia olhou alegremente para eles. Recebera sua linha telefônica há apenas uma semana e sentia-se muito feliz. O tempo em que estiveram juntos terminou com uma troca de números de telefone e de endereços.



— O que achou dela? — perguntou Janete ao marido enquanto iam para casa.

— É simpática — respondeu ele, depois hesitou. Também vira algo especial em Sofia, mas não era fácil traduzir o sentimento em palavras.

— Mal posso esperar que venha nos visitar. Acho que não deve ter muitas amizades.

— Penso que tem razão — replicou Davi, enquanto disfarçava um bocejo.

— Nunca encontrei alguém que parecesse tão capaz e ao mesmo tempo tão frágil. Isso faz sentido?

— Com certeza. Tenho a impressão de que enfrentou o chefe pela primeira vez e se sentiu muito bem com isso.

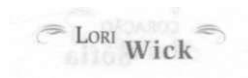
Janete concordou. Mas no momento Davi não prestava mais atenção. Sua mente foi para Sofia e depois para Alec. Não estava sendo casamenteiro. Na verdade, não sabia o que pensar, mas os dois continuavam a ocupar seu pensamento. Davi não conseguia afastar a ideia de que Sofia poderia envolver-se bastante com sua família antes de tudo acabar. Disse depois a si mesmo que estava muito cansado para dar atenção ao assunto e se concentrou em chegarem bem em casa.

DEZ DIAS MAIS TARDE era o dia de folga de Sofia. Ela acordou e, naquela manhã ia almoçar na casa de Janete; mas tinha ainda algum tempo até a hora de sair. Ainda deitada na cama estreita, ela estendeu o braço para alcançar a Bíblia que estava no chão. Abriu no livro de Isaías. Depois de chegar aos últimos versículos do capítulo 40, Sofia leu em voz alta e suave: *Por que, pois, dizes, ó Jacó, e falas, ó Israel: O meu caminho está encoberto ao SENHOR, e o meu direito passa despercebido ao meu Deus? Não sabes, não ouviste que o eterno Deus, o SENHOR, o Criador dos fins da terra, nem se cansa, nem se fatiga? Não se pode esquadrinhar o seu entendimento. Faz forte ao cansado e multiplica as forças ao que não tem nenhum vigor. Os jovens se cansam e se fatigam, e os moços de exaustos caem, mas os que esperam no SENHOR renovam as suas forças, sobem com asas como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam, (v. 27-31).*

"Alegro-me tanto porque o Senhor não se cansa — Sofia orou em seu coração. Sinto-me sempre cansada com a minha vida aqui. Por favor, perdoe minha falta de louvor. Obrigada pelo emprego e por este teto sobre a minha cabeça. Por favor, abençoe os que trabalham. Ajude-me a mostrar o Senhor em minha vida. Na sua vontade e no seu tempo, Pai, por favor, me tire deste lugar. Enquanto estiver aqui, vou servi-lo. Mas o Senhor sabe, Pai, como anseio por um lugar mais sossegado".

Os pensamentos de Sofia voltaram-se, então, para a avó e o pequeno apartamento em Praga. Orou por longo tempo pela mulher mais idosa, passando depois a refletir sobre o dia à sua frente. Havia mesmo muita coisa a agradecer, c Janete era uma delas. Após sua chegada aos Estados Unidos, Sofia tinha tido tão pouco contato com outros crentes, que se sentia um tanto carente.

Tudo era diferente do que sonhara. A América deveria ter sido a terra da oportunidade. Sofia não se atrevera ainda a contar à avó que a vida ali não era nada do



que elas tinham acreditado. Que as pessoas pareciam ver como idiota quem não falasse um inglês perfeito. Sofia sonhava que a avó, de alguma forma, viesse se juntar a ela um dia, mas sabia que o inglês dela era ainda mais estrangeirado do que o seu. Tinha medo de fazer qualquer coisa que prejudicasse outra vez a convivência de ambas. A jovem sabia perfeitamente que a sua ideia era impraticável, mas desejava que se concretizasse, e não diria nada que fizesse a avó hesitar, caso a oportunidade surgisse um dia.

Sofia suspirou fundo e, depois, teve de confessar a sua falta de fé. Se Deus quisesse que a avó se reunisse a ela, isso aconteceria. Ficou mais alguns momentos imóvel, pedindo a Deus que abençoasse o seu dia, antes de levantar-se e providenciar algumas coisas.



— Para sair da Checoslováquia, precisava pôr o nome numa lista? — quis saber Janete.

— Isso mesmo — concordou Sofia. — Mas a minha avó estava doente e não pensamos nisso...

Sofia terminou com um encolher de ombros desanimado, e Janete mudou sabiamente de assunto. O almoço terminara, mas Janete só precisava ir buscar os filhos daí a uma hora, por isso tinham bastante tempo para conversar naquela elegante sala de estar.

Sofia Velikonja era uma das pessoas mais fascinantes que Janete já conhecera. Era bondosa e amável, e quanto mais descontraída se tornava, tanto mais fácil era entendê-la. Janete, porém, não ficara sabendo muito a seu respeito. Sabia que a moça deixara a terra natal por vontade própria e que a avó permanecera lá. Embora tivesse respondido a todas as perguntas que Janete lhe fizera, a atitude reservada de Sofia não permitia que a pressionasse demais.

— São seus filhos? — perguntou Sofia apontando os retratos em cima do piano, enquanto seus olhos acariciavam também o instrumento.

— Sim, temos dois meninos e uma menina. Brian é o mais velho, tem dezesseis anos. Depois vem Jeremias com catorze e Betânia com onze.

— Betânia é um lindo nome.

— Também acho — concordou Janete com um sorriso. — Todos frequentam uma escola cristã na Park Avenue.



- Que bom para eles! Seus filhos gostam da escola?
- Na maior parte do tempo, sim. As escolas cristãs têm problemas comuns a todas as outras escolas, mas o padrão acadêmico é excelente, e ter Cristo no centro da sala de aula é uma bênção a mais. Nossas escolas públicas locais são também boas, mas pusemos o Brian na Park quando ele foi para o jardim de infância, e a cada ano o Senhor proveu o sustento necessário para mais um ano. Deixamos, então, que continuasse ali.

Conversaram mais um pouco e Sofia agradeceu a Janete o almoço delicioso, dizendo que precisava mesmo ir embora. Janete ficou aliviada, porque estava na hora de buscar os filhos e ela não sabia como dizer isso a Sofia. Foi com Sofia até a porta, dizendo que esperava vê-la de novo no estudo bíblico.

- Que tal nos encontrarmos na igreja? — disse ela repentinamente.

Sofia sacudiu a cabeça numa resposta negativa.

- Trabalho no sábado até tarde e novamente na noite de domingo, portanto não vai ser possível ir ao culto.

Janete lembrou-se de que, no restaurante, Sofia dissera que gostava de levantar cedo.

- Seria ótimo se conseguisse um trabalho diurno.

Sofia pareceu refletir.

- E verdade, mas o que mais quero é ir para um lugar sossegado. Chicago é muito barulhenta.

Janete concordou e, com um aceno, Sofia foi descendo a rampa de entrada. Já se achava bem distante quando Janete percebeu que não se dirigia para um carro.

- Sofia! — chamou. — Onde está seu carro?

A jovem parou.

- Não tenho carro. Não dirijo.

- Como veio até aqui?

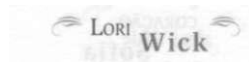
- De ônibus.

- Mas o ônibus não vem até nossa casa.

Sofia escondeu um sorriso ao ver o ar de preocupação da nova amiga.

- Não tive de andar muito.

Janete sentiu-se tão constrangida que nem sabia o que dizer. Ao convidar Sofia para o almoço, nem cogitou que ela não tivesse carro. Todas as mulheres



que conhecia tinham um à sua disposição. E Janete percebeu, então, que tinha tomado esse luxo como certo. Ainda pensava no que dizer a Sofia, quando Davi chegou.

Janete e Sofia saíram do caminho e esperaram que estacionasse e emergisse das profundezas de um Pontiac verde. Davi usava um terno cinza-claro e se aproximou das duas mulheres com uma pasta na mão.

— Olá, querido —, Janete cumprimentou-o.

Davi beijou o rosto dela e estendeu a mão para Sofia.

— Que bom vê-la de novo, Sofia.

— Como vai, Davi?

— Davi — disse Janete antes ainda de os dois terem apertado as mãos. — Será que pode ir buscar as crianças hoje?

— Claro. Agora?

— Sim. Quero levar Sofia para casa.

— Oh, Janete — interrompeu a jovem imediatamente. — Não é preciso.

— Quero fazer isso, Sofia.

— Faço sempre os ônibus — ela estava encabulada e seu inglês começou a falhar. — E meus pés, isto é, eu costumo sempre andar. Por favor, Janete.

Janete já estava entrando em casa dizendo, por cima do ombro, que ia pegar as chaves do carro. Sofia ficou ali, hesitante, até que sentiu os olhos de Davi sobre ela. Ele sorria, e Sofia não pôde senão sorrir de volta.

— Ela quer cuidar de você.

Sofia concordou:

— As mães fazem isso.

— Você não se importa?

— Não quero ser problema.

— Isso não é problema nenhum. Janete está acostumada a ter carro e acho que a ideia de andar de ônibus é um tanto ameaçadora para ela.

— Davi — a voz de Sofia ficou muito séria —, o que é "espavoradora"?

— Ameaçadora.

— Isso. Ameaçadora.



— Vamos ver. Penso que significa algo como perda de coragem. Faz sentido?

— Sim, faz. É uma palavra que eu poderia ter usado muitas vezes.

Davi sorriu gentilmente.

— Há provavelmente muitas qualidades que eu poderia usar para descrever você, Sofia, mas duvido que falta de coragem seja uma delas.

Sofia sorriu diante das palavras bondosas de Davi, mas não disse nada. Ele não imaginava que ela fora covarde algumas vezes.

A moça viu Janete dando marcha a ré numa *minivan*, saindo da garagem. Agradeceu a Davi e encaminhou-se para o veículo, que parecia novo.

— Vamos lá, Sofia — disse Janete, depois de Sofia ter colocado o cinto de segurança e de terem chegado ao fim da rampa de entrada. — Para onde?

— Moro na rua Conner.

— Rua Conner?

— Sim, num apartamento atrás de uma mercearia que tem uma cara de porco bem grande na frente.

— O "Piggley Wiggley"?

— E assim que se pronuncia?

— Sim, sei exatamente onde fica.

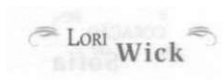
Naquela hora do dia, o trânsito começava a ficar congestionado, e as duas não falaram muito, enquanto Janete seguia para a casa de Sofia. Levaram mais de vinte minutos no trajeto, no entanto ao chegarem, Janete teve de lutar com suas emoções. Tudo era tão deteriorado! — o edifício, o estacionamento... de fato, a rua inteira. Pareceu-lhe que o prédio de apartamentos não era pintado há anos. As janelas, que deixavam ver o interior dos apartamentos, também mostravam falta de cuidado, e várias delas não tinham cortinas. E mesmo aquelas cortinas que Janete conseguiu ver estavam rasgadas e manchadas.

— Obrigada por trazer-me, Janete, e também pelo almoço.

— De nada, Sofia.

Janete sentiu-se compelida a sair do carro junto com Sofia e ir com ela até a porta. Havia um grupo de adolescentes olhando para a van, e Janete acompanhou a amiga um tanto preocupada.

— Vejo você no estudo bíblico — disse Janete quando Sofia parou diante de uma das portas que dava para as escadas que levavam ao piso inferior.



— Vou estar lá.

Em um impulso, Janete abraçou Sofia. Esta correspondeu com um abraço apertado. Ao se afastar, Janete sorriu. Mas o sorriso desapareceu de seu rosto ao ver lágrimas nos olhos da amiga estrangeira.

— Sofia, o que foi que eu fiz?

— Não é nada. — Uma lágrima escorreu pelo seu rosto.

— Por favor, me conte.

Sofia hesitou, enrubescendo levemente. Respirou o mais fundo que pôde.

— Há muitos meses, desde que vim para a América, ninguém me abraçava.

— Oh, Sofia — disse Janete enquanto a abraçava outra vez. Sentiu Sofia tremer e ficou pensando se seu coração iria também partir-se. Sofia, preocupada com a volta de Janete para casa, pôs fim ao abraço.

— É melhor você ir agora, Janete. O trânsito vai ficar pior.

Janete concordou, com os olhos marejados.

— Vejo você mais tarde.

Sofia acenou e abriu a porta. Janete ainda continuava emocionada ao chegar em casa.

Naquela noite, já na cama, Janete contou a Davi o que acontecera. Com o braço em volta da esposa, o marido ouviu em silêncio a história da ida à casa de Sofia. Outra vez veio-lhe à mente de que ela poderia ser a pessoa indicada para ajudar Al com as crianças. Entretanto, não comentou nada com Janete. Ao adormecer, Davi orou, pedindo que se realmente fosse essa a vontade de Deus, ele colocasse a ideia também no coração de sua esposa.



— Parece que você não teve de sair mais cedo hoje, não é, Sofia? — Janete comentou depois do estudo bíblico, duas semanas mais tarde.

— Não — respondeu Sofia com um sorriso. — Meu horário mudou; agora tenho as terças-feiras de folga.

Janete abraçou-a.

— Tenho pensado tanto em você, Sofia. Como vão as coisas no seu trabalho?



— Estão bem. O senhor Markham está me entregando tarefas mais leves, e até me pediram que eu ensinasse uma das novas meninas.

— Isso é um elogio para você.

Sofia não sabia como isso poderia ser um elogio. Outra das alunas, porém, se juntou a elas, e Sofia não prosseguiu com o assunto. Ouviu em silêncio a pergunta que a aluna fez sobre o estudo bíblico e ficou impressionada com a resposta de Janete. Era evidente que ela pesquisara bastante sobre o assunto. Sofia ouviu com atenção até perceber que a aluna que se aproximara delas estava acompanhada da filha. A menina devia ter uns quatro anos e permaneceu quieta enquanto a mãe conversava. Nem levantava os olhos. Ao notar que o tênis da garotinha estava desamarrado, Sofia abaixou-se e se dirigiu a ela:

— Seu sapato — mostrou Sofia e esperou que a menina olhasse para o pé. — Está desamarrado, quer que eu amarre?

A menininha não respondeu, mas esticou o pezinho. Com dedos hábeis, Sofia fez um laço perfeito e depois sorriu para a criança. De onde estava, Janete não podia ver o rosto de Sofia, mas o de Sandra, a garotinha, tinha uma expressão de alegria, e ela sorria por causa de algo que Sofia falava com ela. De repente, Janete ficou tão empolgada com alguma coisa, que mal conseguia dar atenção à aluna com quem estava conversando.

Naquele momento, outras alunas se aproximaram e Janete passou a se ocupar delas durante a meia hora seguinte. Havia se esquecido de Sofia e, quando procurou-a, viu que ela já havia ido embora. Pensou em ir até o apartamento de Sofia, mas se conteve. Não queria se adiantar e falar com Sofia precipitadamente. Foi direto até o escritório do marido, ansiosa por repartir com ele uma ideia que lhe havia vindo à cabeça.



— Olá, Janete — Alec falou ao telefone. — Estava justamente pensando em você.

— Mesmo?

— Sim. Davi ainda está com a minha serra elétrica?

— Acho que sim.



- Ótimo. Ainda não tenho certeza de que vou ao meu terreno durante o outono. Mas é bom saber que a serra ainda está com vocês.
- Tenho quase certeza de que está lá em casa, sim. Vou verificar.
- Muito bem. Como vão Davi e as crianças?
- Tudo em ordem. E você?
- Vou indo bem. Pelo seu tom de voz, acho que está querendo me dizer algo especial.
- Janete respirou fundo.
- Tem razão. Quero mesmo. Pode me ouvir até o fim?
- É tão ruim assim?
- Tenho medo de que ache isso.
- Alec ficou calado por alguns instantes.
- Vou ouvir, Jan. Você sabe.
- Olhe, encontrei alguém que quer muito sair de Chicago. Ela é solteira e provavelmente está na metade ou no final da casa dos vinte anos. Pelo que pude observar, é muito competente. Davi e eu achamos que ela seria a pessoa certa para você e as crianças.
- O que você está sugerindo exatamente. Jan?
- Que ela vá para sua casa, e passe a cuidar de vocês.
- Você quer dizer que seja governanta da casa e passe a morar conosco?
- Alec parecia ter ficado tão assustado, que Janete continuou logo continuou a falar:
- Não é exatamente isso. Ela poderia ficar no apartamento em cima da garagem. Não é verdade, Alec, que as crianças estão preparando as próprias refeições e ficam sozinhas muito tempo enquanto você trabalha? Acredito que Sofia é perfeita para esse trabalho.
- Você já falou com ela?
- Claro que não! Não faria isso sem consultar você! Nem sei se ela vai concordar. Se ela estiver disposta, você marcaria uma entrevista com ela?
- Janete ouviu Alec suspirar do outro lado.
- Quanto isso vai custar? — Alec sabia que a pergunta era uma desculpa, mas fez questão de inquirir.
- Não sei, mas não se esqueça de incluir o seguro social. Foi exatamente por essa razão que você e Davi fizeram essas apólices para Van e para mim.



Sei que parece que estou querendo mandar em você, Alec, mas quero tanto ajudar!... mas moramos muito longe um do outro. — Janete fez uma pausa para controlar as lágrimas que surgiram repentinamente. Respirou fundo e continuou: — Acho que Sofia pode ser uma "dádiva de Deus".

Houve silêncio do outro lado da linha. Na verdade, Alec tinha se esquecido completamente da apólice de seguro de Vanessa. Ele recebera o cheque quando ainda estava abatido pela dor e simplesmente o colocara em sua poupança, sem pensar em outra coisa. Sua firma ia tão bem, que mal podia administrá-la. Assim, não fora necessário usar o valor daquele cheque.

— Você ainda está aí?

— Sim — disse Alec baixinho. Janete não poderia adivinhar que Alec observava a filha mais velha, Rita, passar com uma cesta de roupa suja. Enquanto outras garotas de dezesseis anos estavam só ajudando as mães, Rita ficara responsável pelos trabalhos da casa.

— Vamos só perguntar a ela, Al. Se tiver quaisquer dúvidas depois de entrevistá-la, não pensaremos mais no assunto, ok?

— Você vai trazê-la até aqui. E depois de entrevistá-la, se eu achar que ela não deve vir, não haverá problema?

— Isso mesmo. Vou conversar com ela e, certamente, ela compreenderá isso.

Para Alec, aquela ideia não pareceu muito prudente, mas ele tinha certeza de que a irmã saberia como falar com Sofia.

— Por favor, Alec... — a voz de Janete soou carinhosa aos seus ouvidos.

— Está bem — disse ele ainda relutante. — Pode falar com ela, mas faça com que entenda bem as coisas e me avise antes de virem.

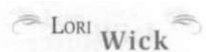
— Pode deixar, Alec. E, por favor, confie em mim.

— Tudo bem, Jan.

Terminaram rapidamente a conversa. Janete contou a Davi que metade do plano tinha alcançado sucesso, mas que faltava ainda a outra metade. Tomou, então, o telefone e ligou para Sofia.



Uma semana mais tarde, Janete foi buscar Sofia para jantar em sua casa. Os dois filhos menores de Janete estavam com ela no carro. Ela orou, pedindo



a Deus que Sofia não se sentisse constrangida. Para sua surpresa, Sofia logo passou a conversar com as crianças.

— Você deve ser Betânia e, você, Jeremias.

Betânia concordou e sorriu.

— Minha mãe disse que você é da Checoslováquia.

— Sou. Lá não é como Illinois. — Betânia sorriu e Jeremias, curioso, perguntou:

— Como é lá?

— Bem, eu deveria ter dito que não é como Chicago. Na Checoslováquia, há muitas terras não cultivadas. Penso que é como Illinois, apesar de não ter visto campos por aqui.

— Temos muitas fazendas — disse Jeremias. — Mas se você trabalhar na cidade, nunca vai vê-las.

Sofia concordou com a cabeça e sorriu para ele.

— Onde você trabalha, Sofia? — perguntou Betânia.

— Trabalho com um carrinho no restaurante Tony's.

— Oh, que legal! Papai e mamãe gostam da comida de lá. Era isso que você fazia na Checoslováquia também? Trabalhava em um restaurante?

— Não — respondeu Sofia com um sorriso, sem dizer mais nada.

— Na Checoslováquia vocês comem as mesmas coisas que nós comemos aqui? — perguntou Betânia, de repente, assim que pensou nisso.

— Algumas comidas são iguais, outras são diferentes — respondeu Sofia.

Jeremias era bem comunicativo e continuou a perguntar:

— Do que você sente falta?

— De comer?

— Isso. Sente falta de alguma comida de lá que nós não conhecemos aqui?

— É. Bela-ruza vocês não têm aqui — disse Sofia.

— Bela-ruza? O que é isso?

— Bela-ruza significa "rosa branca". É uma torta com recheio branco, especial, com cerejas. Minha avó é quem fazia.

— Parece que é gostosa — disse Jeremias antes de Sofia ouvir outro "Que legal!" de Betânia. Momentos depois, chegaram à casa dos Rings.

MEU MAIOR MEDO, Sofia, é que pense que estamos conspirando contra você — disse Janete à amiga, já na sala de estar, sem as crianças, depois de terem jantado.

Sofia, que ainda tentava entender a palavra "conspiramos", replicou:

— Acho que não.

— O que Janete está tentando dizer — interveio Davi — é que nós queríamos que estivesse conosco no jantar, mas gostaríamos também de conversar com você sobre uma ideia que tivemos. Entretanto, não se trata de nada obrigatório, está bem?

— Obrigatório? — A expressão de Sofia mostrou que ela não estava entendendo nada do que Janete e Davi estavam falando.

— Se você não concordar com a nossa ideia — Davi continuou a falar — continuaremos a gostar de você. Não ficaremos aborrecidos.

Sofia olhou um momento para eles.

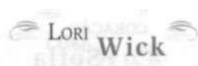
— Gostaria de ter entendido — ela admitiu.

Davi percebeu que não deveria ter começado o assunto daquela maneira. E prosseguiu:

— A culpa é minha por não ter sido claro. Deixe-me explicar melhor. Há mais ou menos dez meses, o irmão de Janete, Alec Riley, perdeu a esposa num acidente de carro. Ele tem três filhos. Mesmo depois de todo esse tempo, Alec e as crianças parecem estar ainda perdidos, especialmente em relação ao serviço da casa e à cozinha.

Davi continuou a falar:

— Você nunca se queixou, Sofia, mas Janete e eu temos a impressão de que seu emprego não é exatamente o que você gostaria. Além disso, você disse que preferia morar em um lugar mais sossegado. Alec e os filhos moram em



Middleton, Wisconsin. É um lugar mais tranquilo e pode ser justamente o que você está procurando. Janete e eu estivemos pensando que talvez você possa considerar a ideia de ir trabalhar para Alec. Acho que eles precisam de alguém que lave, cozinhe, limpe a casa e cuide das crianças. Mas não há nada definitivo. Você poderá conversar com Alec sobre o assunto.

- Então você ainda não falou com seu irmão, Janete? — Sofia quis saber.
- Sobre alguns pontos específicos, ainda não. Telefonei para ele e lhe falei sobre a nossa ideia. Ele concordou em entrevistá-la. É claro que, se um de vocês não tiver interesse, não há nenhum problema em desistir da ideia.

Sofia pareceu refletir.

- Quantos anos têm os filhos de Alec?
- Quase a mesma idade dos meus. Rita tem dezesseis, quase dezessete. Craig tem doze e meio, e Tory acabou de fazer dez.
- Tão novos para perder a mãe!

Davi e Janete concordaram em silêncio, mas permaneceram calados, para que Sofia tivesse tempo para pensar. Davi teve o ímpeto de dizer a Sofia que ela não precisava dar a resposta imediatamente. Mas Sofia logo falou:

- Gostaria de tentar. Não sei se sou a pessoa certa para o trabalho, mas quero tentar.

Janete sentiu como se o Senhor a tivesse abraçado.

- Quando é a sua próxima folga, Sofia?
- Só na próxima terça-feira, mas esse é o dia do estudo bíblico. Acho que posso pedir uma licença de um dia, se não for no fim de semana. Devo fazer isso?
- Sim. Veja o que pode conseguir e me telefone. É uma viagem de cerca de três horas, portanto vamos precisar do dia inteiro.

Sofia concordou, e Janete levantou-se para ir buscar café e a sobremesa. Embora tivesse achado agradável o restante da noite, Sofia sentiu-se aliviada quando voltou para o seu apartamento a que, apesar de simples, ela chamava de casa. Precisava desesperadamente de algum tempo para ficar sozinha, pensar e orar.



Na noite seguinte, Sofia saiu mais cedo do trabalho, mas não conseguiu dormir. Conseguiu a segunda-feira para estar de folga. Mas tinha o coração cheio de interrogações. Rolou na cama, sem dormir, durante vinte minutos. Resolveu, então, levantar e acender a luz. Passava um pouco da uma hora da madrugada. Sofia sentou-se numa cadeira e estendeu o braço para pegar a carta que começara a escrever para a avó na noite anterior. Mas mudou de ideia.

— Já é de manhã em casa — pensou de si para si, e resolveu telefonar para a avó, em lugar de lhe enviar uma carta. Sua mão tremia ao discar o número do telefone da avó, mas procurou não entrar em pânico, pensando no preço que pagaria pela ligação. Quando a avó atendeu em Praga, os olhos de Sofia lacrimejaram.

— Alô, *babushka*.

— Oh, minha querida, você está bem? — A voz da avó era de ansiedade.

— Estou bem. Não queria assustá-la.

Ouviu o choro da avó e lutou com as próprias emoções. Esperou, sabendo que a avó precisaria de alguns minutos para se controlar, e orou para que conseguissem conversar.

— Desculpe — disse a avó para Sofia. — Tenho sentido muito a sua falta. Estou me culpando por ter insistido para que você fosse para aí.

Sofia sorriu, sabendo que aquilo não era verdade, e respondeu:

— Sinto também muita saudade e precisava falar com você.

— Vou assoar o nariz e depois você pode começar a falar — disse a avó.

Sofia riu outra vez; a avó tinha esse efeito sobre ela.

— Na próxima semana, vou para Wisconsin. Vou ver outro emprego — disse Sofia quando Kasmira voltou ao telefone.

— Tradução?

— Não. Há uma família que precisa de uma governanta. O lugar é tranquilo e isso me agrada.

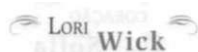
— Vai ser bom também estar com crianças.

Sofia sorriu. A avó a conhecia muito bem.

— Você está contente no emprego atual?

— Estou em paz, mas ansiosa para sair de Chicago.

— Onde é esse Wis...?



- Wisconsin. Pegue o seu mapa. Fica acima de Illinois. A cidade é Middleton, bem perto de Madison, a capital. Já procurei saber alguma coisa sobre a cidade. Tem uma população de mais de 14 mil habitantes. Não é uma cidade pequena, mas Davi disse que, a oeste, a zona é rural e que, mesmo perto da capital, tudo é bem diferente de Chicago.
- Quem vai decidir se você fica com o emprego?
- O homem que vai me entrevistar, senhor Alec Riley. Não posso imaginar-me desistindo desse emprego; se ele me aceitar, eu fico com o trabalho. Tenho orado muito para que Deus me leve para um lugar mais sossegado e sinto que ele está abrindo essa porta.
- E se ele fechar a porta?
- Eu sabia que ia perguntar isso. Se isso acontecer, continuarei em Chicago.
- O lugar aí é pior do que me falou em sua carta, não é?
- Pela voz da avó, Sofia sentiu que ela estava apreensiva, e quase chorou.
- Sei que Deus está cuidando de mim, mas me sinto muito só aqui — admitiu — Todos são muito desconfiados. Se você se mostra agradável com uma mulher, ela logo pensa que você deseja tirar algum proveito disso. Se for agradável com um homem, ele pensa logo em relações sexuais. Em um lugar tão grande, meu mundo tornou-se muito pequeno.
- Ouvi você falar em Davi, Davi Ring?
- Sim.
- Foram os Rings que lhe ofereceram esse emprego?
- Sim. Alec Riley é irmão de Janete Ring. Ficou viúvo há pouco tempo, e tem três filhos. Vai orar por ele?
- Você sabe que vou. Por você também.
- Não escreva de novo para o meu endereço atual — avisou Sofia — a não ser que eu lhe telefone. Chegou alguma notícia da lista?
- Oh, Sofia — a voz de Kasmira pareceu estar cheia de tristeza — isso vai levar anos, e eu não sei como... — Sua voz de tão embargada, sumiu.
- Sofia suspirou, mas não fez comentários, compreendendo naquele momento como era bom falar tcheco-eslovaco. Encontrara alguns conterrâneos em Chicago, mas o estilo de vida deles não agradou a Sofia: frequentavam muitas festas e usavam muita bebida. Como explicara à avó, a solidão era grande.



— Você nunca contou como é seu apartamento.

— É bem perto de uma mercearia — disse Sofia enquanto olhava para o lugar tão simples onde vivia: um quarto só, paredes manchadas, tapete malcheiroso.

A avó, que não era boba, sabia exatamente o que Sofia omitira em sua resposta. Disse então a si mesma que, desde que não podia fazer nada, era melhor ignorar. Mesmo assim, sentiu lágrimas virem a seu olhos outra vez. — Essa ligação vai ficar cara — disse Kasmira. — Devemos desligar logo.

— Tem razão. Vou escrever ou telefonar assim que resolver alguma coisa.

— Amo você, minha querida.

As lágrimas correram então numa torrente. — Também amo você, vovó.

Sofia quase sufocou quando a ligação foi interrompida. Deitou-se, então, e chorou até ficar com uma terrível dor de cabeça antes de cair no sono, por causa da exaustão.

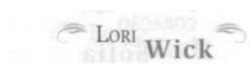


Na segunda-feira seguinte, Sofia e Janete viajaram para Wisconsin. A viagem foi feita confortavelmente na van dos Rings. Sofia trabalhara até as duas da manhã, mas elas haviam levado uma garrafa térmica com café, e isso a ajudou a não se sentir tão cansada quanto havia imaginado que ficaria. Sentia-se reconfortada porque sabia que no dia seguinte também estaria de folga.

Janete e Sofia conversaram sobre vários assuntos no caminho. Por duas vezes, Janete tentou sondar qual seria a reação de Sofia se Alec e os sobrinhos não aceitassem a ideia de ela morar com eles. Nas duas vezes, sentiu como se Sofia estivesse se preparando para isso. Então, Janete lembrou-se da razão por que ela achava Sofia uma pessoa tão especial. E pensou de si para si: O fato de Davi ter tido a mesma ideia não quer dizer que aquela fosse a vontade de Deus. Você tem de deixar o Senhor guiar tudo e se manter confiante no caso de nada acabar como planejou.

Sentiu-se bem com essa conversa consigo mesma e gostou quando Sofia distraiu sua atenção perguntando onde estavam. A viagem continuou com uma boa mistura de silêncio amigável e conversa, até que entraram na quadra em que os Rileys moravam.

Sofia teve de se esforçar para não demonstrar admiração pelas casas e jardins. Pensava que Janete não tinha percebido sua reação, e censurou-se por ver que a esperança de mudar-se para aquele lugar crescia dentro dela.



Desceram do carro assim que Janete estacionou na casa dos Rileys. A ansiedade fez com que as mãos de Sofia suassem frio.

— Alec e Vanessa compraram esta casa há dez anos e a reformaram — disse Janete em tom de conversa, enquanto se aproximavam da porta da frente. — Fizeram mudanças surpreendentes. Ela tem todos os recessos e rachaduras de uma casa antiga, além de todas as conveniências modernas.

Sofia não pôde senão concordar com a cabeça, enquanto ficava ao lado de Janete, que tocou a campainha. Um homem mais alto e mais encorpado do que Sofia esperava abriu a porta em segundos. Sofia ficou olhando, enquanto Janete entrava e abraçava o irmão.

— Entre, Sofia — disse Janete. — Este é meu irmão, Alec Riley. Alec, esta é Sofia. — Janete ficou triste por não ter procurado saber o sobrenome de Sofia, mas não perguntou; podia não saber pronunciá-lo.

— Olá, Sofia — disse Alec estendendo-lhe a mão.

— Olá, senhor Riley.

— Entre — disse ele. — As crianças estão na cozinha. Por que não vão para a sala de estar enquanto vou buscá-las?

— É por aqui, Sofia. Vá na frente.

— As crianças não foram à escola hoje? — Janete perguntou ao irmão logo que Sofia se afastou.

— Não — disse ele calmamente. — Acho bem difícil que isso dê certo. Mas se quisermos que ela fique, penso que a decisão deve ser tomada por toda a família. Se Sofia vai lidar sozinha com meus filhos, preciso saber a opinião deles.

— Faz sentido. Só fiquei surpresa.

— Volto já — disse Alec antes de ir para os fundos da casa.

Janete foi para a sala de estar onde encontrou Sofia de pé, parecendo pouco à vontade.

— Você não quer sentar, Sofia? — As duas se sentaram, e Janete notou que Sofia estava observando a sala. Uma linha de poeira em volta do tapete e vários pés de meias e embalagens de petiscos espalhados pela sala eram sinais de que havia necessidade de alguém que cuidasse da casa. Era uma sala muito bem decorada, mas a poeira e a desordem chamavam atenção.



Janete notou que Sofia parecia muito nervosa. Ia dizer alguma coisa para acalmá-la quando ouviu que Alec e as crianças estavam se aproximando. Ficou surpresa ao ver que Sofia levantou-se quando o irmão e os sobrinhos entraram.

— Esta é Sofia — disse Alec imediatamente assumindo o controle da situação.

— Sofia, estes são Rita, Craig e Tory.

Sofia fez um aceno de cabeça para cada um e sentou-se depois que todos se sentaram. Nenhuma das crianças se aproximou de Janete, mas Sofia notou que elas sorriam para a tia. A cena era tão solene e séria que ela começou novamente a transpirar.

— Não sei bem o que Janete lhe contou, Sofia — falou Alec, ainda no comando da conversa — mas devo confessar que você é a primeira pessoa com quem falamos sobre a ajuda que precisamos ter em nossa casa. Espero que tudo seja conveniente para você e para nós.

Sofia fez sinal de ter compreendido. Alec empregara a palavra *conveniente*, que ela já havia procurado no dicionário e que agora fazia sentido.

— Precisaremos de alguém para limpar a casa — continuou Alec — lavar e cuidar de toda a roupa, preparar as refeições, fazer compras e ficar aqui com as crianças enquanto eu trabalho.

Sofia fez um sinal afirmativo, sem perceber que, colocando diante dela todo aquele trabalho, a esperança de Alec era que ela saísse correndo porta afora. O serviço parecia pesado, mas ela tinha visto o rosto daquelas crianças e, a não ser que a mandassem embora, ela ficaria com o trabalho.

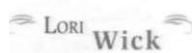
— Você tem referências? — perguntou Alec.

— Não — respondeu Sofia e encolheu os ombros constrangida. — Não pensei nisso. Tenho trabalho fixo em Chicago. Posso conseguir uma prova por escrito com o meu chefe, o senhor Markham. — Por estar nervosa, Sofia parecia quase analfabeta.

Alec olhou para ela espantado, imaginando que tipo de pessoa Janete trouxera para sua casa. Notou que as roupas de Sofia pareciam as de uma velha operária imigrante. Não conseguia adivinhar de onde ela viera. Seria russa?

— Sinto muito, Alec e Sofia — falou Janete. — Não pensei em sugerir a Sofia que trouxesse referências.

— Então, você não trabalha como governanta agora? — indagou Alec.



Não. Trabalho no restaurante Tony's.

Há quanto tempo trabalha lá?

Desde que cheguei à América, há dez meses.

De onde você é?

Da Checoslováquia.

Era governanta lá?

Não — respondeu Sofia simplesmente, achando que as coisas não iam dar certo. Olhou para Janete, que foi em seu auxílio.

Sofia, poderia dar uns minutos de licença para eu e Alec conversarmos?

Acho que eu deveria ter lhe falado alguma coisa mais.

É claro — Sofia sorriu para a amiga, esperando que seu rosto não deixasse transparecer seu desapontamento.



— O que você fez, Jan? — perguntou calmamente o irmão quando estavam na cozinha. — Checoslováquia! É até difícil compreendê-la.

Janete agradeceu a Deus o fato de seu irmão não se irritar facilmente. Mesmo quando perturbado, tornava-se friamente lógico e não perdia a calma.

— Oh, Alec, se pudesse apenas conhecê-la melhor! Seu conhecimento de inglês evapora quando ela fica nervosa, mas é uma pessoa maravilhosa. Ama o Senhor, e cada vez que conversamos, me encoraja de alguma forma, e nem sequer sabe disso. É uma trabalhadora incansável e nunca se queixa. Penso realmente que seria perfeita para ajudar você e as crianças.

Alec levou a mão para trás do pescoço e olhou para irmã do alto do seu metro e noventa:

— A decisão não é só minha, Janete — disse ele afinal solenemente. — As crianças precisam também concordar, e algo me diz que essa é a última coisa que farão.

O QUE VOCÊ ESTÁ ESTUDANDO na escola, Tory? — perguntou Sofia nos minutos de silêncio que se seguiram à saída de Alec e Janete.

- Estamos fazendo divisão em matemática. Eu não gosto.
- Matemática não é também o meu forte. Do que você gosta?
- História. Minha amiga Crystal Calkins e eu acabamos de fazer uma pesquisa.
- Qual o período que pesquisaram?
- De 1885 a 1985.
- Cem anos! Gostaria de ver seu trabalho.

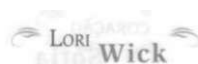
— Ficou na escola. Minha professora colocou na parede.

Sofia sorriu ao ver o orgulho naquela voz de menino. E prosseguiu na conversa, agora dirigindo-se a Rita:

- Vocês vão todos à mesma escola, como os filhos de Janete?
- Não. Craig e Tory estão na escola cristã Middleton, e eu frequento a Edgewood.

Sofia só acenou com a cabeça porque desconhecia os nomes das escolas. A conversa parou por aí. Mas a mente de todos continuava a trabalhar no assunto do momento. Craig, como sempre, lutava com sua raiva pelo fato de a mãe ter morrido e de precisarem de uma governanta. As meninas, porém, não mostravam tanta revolta. Percebendo que Sofia estava nervosa, a pequena Tory sentiu-se comovida. Rita já tinha opinião própria e achou horríveis as roupas e o penteado de Sofia. Mas gostou de seus grandes olhos negros e, vendo a delicadeza de sua pele, passou a achá-la bem bonita.

Rita ficara também impressionada com a maneira amável de Sofia conversar com eles. O sotaque forte poderia ser um problema, mas ela notou que, mais à vontade, Sofia se expressava melhor depois de Alec e Janete terem saído da sala.



— Estamos de volta — Janete interrompeu os pensamentos de todos. — Sofia, por que não vem comigo ver o resto da casa?

Sem olhar para ninguém, Sofia levantou-se e saiu da sala, seguindo Janete. Alec se sentou na cadeira em que estivera Sofia. Depois de ouvir os passos das duas na parte de cima, dirigiu-se aos filhos:

— O que vocês acham? — perguntou diretamente.

— Sobre o quê? — indagou Tory.

— Está na hora de termos alguém que ajude aqui em casa. A pessoa que escolhermos ficará muito tempo com vocês. Quero que seja alguém de quem vocês gostem. O que acharam de Sofia?

— Não sei por que temos de ter alguém — disse Craig em tom de oposição. Alec olhou para o filho e viu que seu cabelo estava muito comprido, que ele precisava de sapatos novos, e tinha quase certeza de que o menino estava usando a mesma camisa durante todo o fim de semana.

— Mesmo que você ache que não, Craig, nós precisamos de alguém para nos ajudar. Sinto ter levado tanto tempo para perceber isso. Mas, de qualquer modo, preciso que vocês me ajudem a resolver este assunto.

— E se ela cozinhar mal?

Alec teve de disfarçar um sorriso. Aos doze anos, Craig quase que só pensava no seu estômago. — Ela vai cozinhar aquilo que lhe pedirmos? — Craig continuava desconfiado.

Alec voltou-se, então, para Rita. Parecia que ela ainda não estava pronta para dar uma resposta, mas ele esperou.

— Gosto dela — Tory falou quase balbuciando. Alec voltou-se depressa para a filha. Esta fez uma expressão como se lamentasse ter falado aquilo, mas depois continuou: — Acho que ela é simpática e me tratou como se eu fosse mais velha.

— Ela parece mesmo simpática — Rita acrescentou. — Sofia não tentou falar com Craig, mas o olhar dele não era mesmo convidativo.

— Cale a boca, Rita — gritou Craig.

— Pare com isso, Craig! — advertiu o pai.

O garoto continuou sentado com ar de descontentamento, e Rita se colocou em pé.



— Acho que Sofia daria certo. Ela é diferente, mas isso não a torna má. É provável que outra pessoa fosse bem pior.

Alec concordou com a filha e perguntou:

— Você tem de sair agora?

— Tenho. Vou fazer uma prova de geometria em menos de uma hora e não posso perdê-la.

— Está bem, Rita — falou o pai. — Sua tia provavelmente estacionou atrás do nosso carro. Peça-lhe que tire a van. Vejo você à noite.

Rita ia saindo, mas parou e voltou-se para o pai: — Pai, se resolver empregar Sofia, ela estará aqui quando eu voltar?

— Duvido muito. Se ela vier mesmo, precisará preparar as coisas para a mudança.

— Vindo para cá, onde ela vai morar?

— No apartamento em cima da garagem.

Os olhos de Rita se arregalaram, assim como os de Craig e Tory. Nunca tinham tido permissão para entrar naquele apartamento. Na verdade, fazia anos que ninguém entrava lá, e eles nem se lembravam da existência daquele lugar.

— Vejo você mais tarde — disse Rita enquanto saía.

— E se ela mudar para cá e não der certo? — Craig quis saber.

Alec gostou de que o filho mostrasse algum interesse pelo assunto e afirmou:

— Vou deixar tudo muito claro para ela. Eu sei, Craig, que você não quer mais ninguém aqui em casa, mas tem alguma coisa contra Sofia?

— Não, acho que não; mas não espere que eu fique amiguinho dela. Mal posso entender o que ela fala.

— Não, não espero isso. Só quero que a respeite.

Craig assentiu e Alec voltou-se para a filha menor.

— E você, gosta dela, Tory?

— Gosto. Acho que é simpática e sei bem como é sentir-se nervosa.

Alec nem precisava comentar isso, porque também vira o nervosismo de Sofia. Não era difícil imaginar como seria estar naquela situação. Mesmo sendo bem prático, ele se compadeceu de Sofia.

— Agora peguem suas coisas. Vou levá-los para a escola.

— E Sofia?



— Quando voltar, vou conversar com ela e Janete, e à noite, conto para vocês o que resolvemos.

As crianças obedeceram. Alec encontrou Janete e Sofia atrás, no pátio. Disse para as duas que voltaria, e logo saiu para levar os filhos na escola.



Cerca de uma hora mais tarde, depois de fazer o que precisava, Alec dirigiu-se a Sofia:

— Então estamos combinados. Sofia? Eu lhe ofereço o emprego, mas quero que já saiba o que fará caso não dê certo. Se você morasse em nossa cidade, isso não seria problema. Mas ficar desempregada depois de mudar-se de Chicago para cá pode ser difícil. Penso que o melhor seria termos um mês de experiência... — Alec deixou as palavras suspensas no ar.

Sofia moveu a cabeça, mostrando que havia entendido o que Alec havia dito, e inquiriu a meia voz:

— Eu receberia pagamento por esse mês de trabalho?

— O que você quer dizer com isso? — Alec estranhou a pergunta.

Sofia percebeu que não tinha sido feliz no que dissera, e tentou ser mais clara:

— Se o senhor não me quiser em duas semanas, mesmo assim terei o dinheiro de um mês para começar de novo?

Alec não entendeu direito o que Sofia queria dizer, mas concordou:

— Acho que é razoável. Se despedirmos você em menos tempo que isso, pode ainda contar com o salário de um mês. Mas caso tenha de ir embora, terá de deixar o apartamento. — Alec ficou triste por ter se mostrado tão frio. Entretanto, era necessário que Sofia compreendesse tudo o que a situação envolvia.

— Com quem vou dividir o apartamento de cima da garagem?

— Com ninguém. O apartamento tem quarto, banheiro e cozinha. Será só seu.

A garagem é separada da casa, e isso torna o apartamento privativo.

Sofia nunca tinha ouvido a palavra *privativo*, mas achou que havia entendido o resto do que Alec lhe falara. Janete permanecia em silêncio. Ficou impressionada com a maneira de Alec considerar cada detalhe. Ainda não haviam falado em salário, mas Janete sabia que o irmão já tinha estudado também



esse aspecto. O que Alec falou a seguiu, confirmou essa certeza de Janete:

— Estou disposto a pagar... — Alec falou de maneira direta. Em seguida, falou sobre mais alguns pontos e perguntou:

— Você entendeu tudo, Sofia?

— Sim.

— Não precisa dar uma resposta agora. Pode ir para casa e pensar sobre o assunto, se quiser.

— Mas se quero o emprego agora, em experiência, posso ficar com ele?

— Sim.

— Aceito o emprego, senhor Riley. — Sofia estava com as mãos úmidas mas conseguiu pronunciar as palavras.

— Está bem. Quando podemos esperar você?

— Penso que em duas ou uma semana. Tenho de falar com o senhor Markham e venho.

— Ótimo. Isso nos dará tempo para fazer os preparativos.

O telefone tocou e Alec pediu licença para atender.

— Você está bem, Sofia? — perguntou Janete.

— Estou.

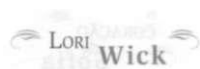
— Seu rosto está meio vermelho.

O sorriso de Sofia depertava pena dela. — Fiz uma coisa muito grande. Só oro para que tudo dê certo — ela falou.

— Por que está, então, preocupada?

— Acho que eles não sabem muito bem se querem que eu venha, mas mesmo assim me aceitaram. Tenho medo que mudem de ideia.

Janete não sabia como responder, pois sentira a mesma coisa. Alec dissera que as crianças não aprovariam a vinda de Sofia e, logo depois, ofereceu-lhe o emprego. Janete estava feliz com a decisão de Sofia, mas lembrou-se que sentiria falta da amiga. Procurou, então, pensar na vontade que Sofia tinha de sair da cidade grande, e agradeceu a Deus a oportunidade que ele lhe estava dando.



Naquela mesma noite, Sofia telefonou para a avó. Não fora trabalhar, mas estava tão agitada que acordou no meio da madrugada. Então, decidiu fazer a ligação.

— Estou saindo de Chicago — disse ela com um tom de voz que expressava a sua paz interior. — Tenho de falar com o senhor Markham e trabalhar um pouco mais, mas vou embora logo. Ainda não sei o endereço, vovó. Mas escreverei assim que souber.

— Eu orei por isso, Sofia. Como é essa família?

— É como Janete disse: sentem falta da mãe. As coisas estão muito confusas. O calendário lá ainda marca o mês de agosto. Espero fazer uma diferença.

— E as crianças?

— Duas meninas e um menino. A menina já dirige e parece uma juvenzinha, o menino está crescendo irritado, e a garota menor precisa muito do carinho de uma mãe.

— Você vai entregar seu coração, não é, Sofia? — perguntou a experiente avó.

Sofia só pôde responder com a verdade: — Já entreguei.

Duas semanas mais tarde, Sofia estava num ônibus, indo para Wisconsin. Trabalhara duas semanas de cinquenta horas para conseguir dinheiro extra, e agora se achava a caminho. Levava duas malas. No carro de Janete havia duas caixas que a amiga prometera despachar no mesmo dia. Com medo de que o ônibus não passasse perto da casa dos Rileys, Sofia decidira não levar as caixas. Temia que fosse obrigada a andar vários quarteirões, caso o ônibus não chegasse até lá.

Olhou pela janela enquanto a cidade se distanciava. Seu coração estava cheio de louvor a Deus.

"O Senhor não me prometeu que isso vai ser perfeito, mas prometeu estar comigo. Só posso ver o rosto deles, Senhor. Só posso ouvir a voz doce de Tory. Se eu não ficar ali por muito tempo, por favor, oriente-me. Mas se for para eu ficar ali, guie o meu coração. Sinto-me envergonhada por não ter procurado saber se eles crêem no Senhor. Mas estou feliz porque descobri que eles crêem. Vou sentir falta de Janete, mas confio em que o Senhor aumentará o meu mundo em Wisconsin. Ajude-me a fazer novos amigos, Senhor e a ser bênção para os que me conhecem.

"Toque o coração do senhor Riley, enquanto sente falta da esposa. Ajude-o



a confiar no Senhor. Oro por Craig, Pai, para que ele domine a revolta que demonstrou ter ainda. Toque o seu coração. Ele talvez não o conheça. Se for assim, mostre-lhe o caminho. As meninas também, Pai, que elas possam conhecê-lo e andar com o Senhor."

Sofia continuou orando desse modo na maior parte da viagem. Já estava familiarizada com o trajeto e cada sinal de que a cidade estava mais próxima fazia seu coração dar pulos. Não sabia o que encontraria à sua frente, mas sabia que qualquer que fosse o seu futuro, ele estava nas soberanas mãos de Deus.

ALEC RILEY CONTINUOU PERTO do telefone que ele desligara cinco minutos antes e se perguntou como o tempo tinha passado tão depressa. Janete acabara de telefonar, pedindo-lhe que esperasse as caixas de Sofia nos próximos dias, pois ela já estava a caminho de Wisconsin. Não eram nem nove da manhã, e ele se surpreendeu por Janete ter conseguido encontrá-lo ainda em casa. Sofia estava chegando! Para onde tinham ido aquelas duas semanas?

Alec dissera a Sofia que as duas semanas que ela precisava para despedir-se de Chicago seria o tempo necessário para que ele e a família se preparassem para recebê-la. Mas Alec não conseguira fazer nada nesse tempo. Bem, quase nada. Só procurara a chave do apartamento em que Sofia ficaria, pensando em dar uma olhada por lá. Entretanto, antes que pudesse fazer isso, o telefone tocara. A chave estava ainda sobre o balcão.

Bem, ela está aqui para cuidar da casa, Alec pensou. *Acho que terá de começar pelo próprio quarto.*

Lamentou a situação. Precisava, porém, ir até a obra em dez minutos e depois encontrar-se com um cliente naquela noite. Isso significava que era impossível preparar o apartamento para a chegada de Sofia. Escreveu um bilhete, colocou-o na porta da frente e, depois, correu até o vizinho, deixando com ele a chave do apartamento em que Sofia ficaria e a chave da entrada principal da casa. Esperava que Sofia conseguisse ler o seu bilhete escrito em inglês. Pulou na camionete e saiu a toda velocidade.



Duas horas depois, uma mulher checoslovaca muito cansada, depois de pagar ao taxista o que parecia uma pequena fortuna, chegou à porta da frente dos Rileys. Viu seu nome no bilhete e retirou-o cuidadosamente.



Sofia,

Sinto muito não estarmos aqui para recebê-la. Não tive tempo de preparar seu apartamento, mas espero que consiga arranjar-se sozinha. Nosso vizinho, o senhor Jenkins, tem uma chave do seu apartamento e outra da casa. Se as crianças não tiverem chegado, por favor, peça as chaves a ele. Não se preocupe com as crianças hoje. Acomode-se, e esteja na cozinha amanhã cedo, às sete horas. Então, organizaremos tudo.

Obrigado,

Alec Riley

Sofia leu o bilhete duas vezes e depois olhou para a casa vizinha. Os Rileys moravam numa praça. Mas no bilhete havia uma seta indicando a direção da casa do senhor Jenkins. Isso facilitava a procura. O desapontamento de Sofia foi grande. Vir de tão longe e não ter ninguém esperando por ela era uma decepção. Entretanto, ficar parada ali, pensando, não resolveria nada. Deixou as malas na varanda, foi até a casa azul do vizinho e tocou a campainha. Um senhor de idade abriu a porta alguns minutos depois, perguntando: — O que você está vendendo hoje?

Sofia apenas olhou para ele.

— Talvez queira que eu assine alguma coisa, é isso?

Sofia apertou nervosamente os lábios e quase gaguejou: — Preciso ver Jenkins, o senhor Jenkins. Sou Sofia. Preciso chaves.

— Oh, é você que vai trabalhar para o Alec. — Sem uma palavra de desculpas sequer, ele voltou para a cozinha e entregou-lhe as chaves.

— Aqui estão. Já se estabeleceu?

— Não — respondeu Sofia, perguntando-se se a falta de comunicação entre eles tinha sido do senhor Jenkins ou dela.

— É melhor começar, então.

— Obrigada — Sofia conseguiu balbuciar, e a porta foi fechada com indelicadeza.

Olhou para as chaves em suas mãos e pegou uma das malas. Foi até a garagem e, finalmente, compreendeu o que Alec quis dizer com "garagem separada da casa". Havia uma passagem de dois metros e meio entre a garagem e a casa. Os dois prédios sequer tinham o mesmo telhado. Ela não levou muito tempo



para examinar o lado de fora, mas procurou se apressar. Não estava, porém, preparada para o apartamento que a esperava no alto das escadas de madeira.

Abriu a porta e entrou. Em seguida, parou. Da soleira da porta, olhou para o que poderia ser chamado de uma sala enorme. Era um conjugado: cozinha, sala de estar, sala de jantar, tudo junto. Uma janela grande na sala de estar dava para a rua. No fim do salão, havia outra porta. Sofia pôs a mala no chão e foi até lá. A porta dava para um quarto com banheiro. O odor era o de um apartamento fechado há muito tempo; mas não tinha mofo e parecia que estava limpo.

Sofia foi até o banheiro, voltou ao quarto e depois à cozinha. O senhor Riley dissera que ela se acomodasse. Mas como? Fora uma pequena mesa e duas cadeiras, não havia nenhum móvel.



Foi buscar a outra mala e, depois de ter subido as escadas pela segunda vez, fechou a porta. Procurou papel e caneta na bolsa. Começando pela cozinha, anotou tudo que precisaria. Para sua surpresa, encontrou no armário de vassouras uma boa quantidade de material de limpeza, inclusive um pequeno aspirador de pó.

Não havia balde nem esfregão. Sofia acrescentou esses itens à lista. Foi ver o armário do quarto. Nele só encontrou várias dúzias de cabides, mais nada. Sofia escreveu as coisas que precisaria para aquela noite: pelo menos dois cobertores, talvez três, e um travesseiro. Foi ver o banheiro. Não encontrou sabonete, mas lembrou que tinha levado o seu. Havia papel higiênico e mais algum material de limpeza.

Sofia voltou à cozinha e pegou a chave da casa.

A mão que segurava a chave tremia de emoção. Antes de abrir a porta da frente, tocou três vezes a campainha. Queria ter certeza de que não havia ninguém em casa. Trazia consigo a lista de tudo o que precisaria para que pudesse se acomodar. Passou vinte minutos sentada à mesa da cozinha, pensando no que fazer. Ocorreu-lhe, então, antes que lhe ocorresse que tinha de cuidar de si mesma.

Andou devagar pela casa grande e vazia. Detestou sentir-se como uma intrusa. Obrigou-se a agir com lógica e começou a pegar o que precisava levar para o apartamento. Enquanto procurava um esfregão, descobriu a porta que dava da cozinha para bem perto das escadas que levavam ao apartamento. Sofia levou



tudo o que tinha empilhado na porta da frente e começou a transportar suas coisas através da cozinha. Em sua última viagem, deixou na mesa da copa um bilhete para Alec:

Senhor Riley,

Estou pegando emprestadas algumas coisas de que preciso até que minhas caixas cheguem. Devolvo depois tudo.

Sofia

Três horas mais tarde, os filhos de Alec chegaram e estacionaram bem embaixo do apartamento. Entretanto, Sofia estava tão ocupada com a limpeza do pequeno banheiro, que não percebeu que eles haviam chegado. As crianças puseram suas coisas em cima do bilhete de Sofia, e não viram que ela tinha chegado. Não viram também quando ela saiu para procurar uma mercearia.



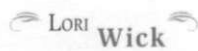
— Queixei-me ao Senhor por causa da cama que eu tinha em Chicago, cheguei a odiá-la. Agora estou aqui, sentindo uma enorme falta dela. — Havia riso na voz de Sofia enquanto orava pela "cama" que havia preparado com dois cobertores e um acolchoado num canto do quarto.

— Estou cansada, mas também contente comigo mesma. Trabalhei duro e não perturbei muito os Rileys.

Sofia levou algum tempo para dormir, mas quando adormeceu, varou a noite, absolutamente alheia ao fato de que, a uma da madrugada, Alec lembrou-se de que ela viria. Desceu descalço as escadas e foi até a porta da frente. O bilhete não estava lá. Poderia ter caído. Alec desceu os degraus da varanda e foi até a calçada. Dali podia ver o apartamento sobre a garagem. Estava escuro, como sempre.

— O que esperava? — resmungou ele para si mesmo. — Ela provavelmente está dormindo.

Todavia, não conseguiu voltar para a cama. Foi até a cozinha e acendeu a luz. Em seguida abriu a porta dos fundos, que era na verdade uma meia janela. Puxou a cortina e olhou outra vez para o apartamento de Sofia. Não tinha ideia do que esperava ver. Continuava escuro. Sentindo-se inquieto, fechou a porta



e ficou olhando para o chão. Nessa hora o encontrou: um pedacinho de papel caído debaixo da perna de uma cadeira.

Alec apanhou-o e viu a assinatura. Sentiu um grande alívio, antes mesmo de ler o bilhete. Depois de ler, sentiu uma paz que nunca tivera antes de ter empregado Sofia. Viu que, por si mesma, ela havia providenciado o que precisara. O desembaraço de Sofia o impressionou muito. Já tinha três filhos e não precisava de outro filho de que cuidar. Com esse pensamento positivo, Alec apagou a lâmpada da cozinha e foi para o quarto. O sono não veio fácil, mas isso já se tornara comum. Não conseguia dormir bem desde que ficou sem o corpo quente de alguém que estivesse ao seu lado na cama.

RITA ERA A ÚNICA NA COZINHA quando Sofia bateu de leve na porta, às sete horas da manhã.

— Sofia! — disse ela um tanto surpresa. — Não sabia que estava aqui.

— Oh! — A moça não sabia que dizer. Apenas mencionou o bilhete que Alec havia deixado para ela.

— Ele disse sete horas? — indagou Rita depois de ouvi-la.

— Sim.

— Quase sempre papai sai às seis horas. Não sei o que ele estava pensando quando marcou essa hora. — Rita parou de falar quando percebeu que tinha deixado Sofia do lado de fora.

— Entre — Rita falou. Sofia entrou e, logo em seguida, a pequena Tory apareceu.

— Oh, Sofia — não sabia que estava aqui.

As palavras dela foram tão semelhantes às da irmã que Sofia teve de sorrir. Ao que tudo indicava, o senhor Riley não comunicara aos filhos a chegada de Sofia.

— Vocês querem que eu prepare o seu café? — perguntou Sofia. Tory olhou para Rita, pedindo ajuda.

— Nós geralmente preparamos... — Rita pareceu estar quase pedindo desculpas.

— O almoço?

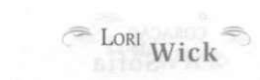
— Fazemos isso também... — explicou Tory.

— Posso, então, fazer o jantar. A que horas vocês gostariam de jantar?

Rita pensou um pouco e respondeu:

— Acho que lá pelas 17h30 ou 18 horas.

— É nesse horário que chegam da escola?



- Não, chegamos mais ou menos às 15h30.
- E não comem nada quando chegam?
- Não, nem jantamos. As vezes, fazemos um lanchinho. Mas nós mesmas é que preparamos tudo.
- Sofia meneou a cabeça como sinal de reprovação, mas notou que Tory ficara sem jeito. Sorriu, procurando deixar a menina mais à vontade. Sofia estava um tanto constrangida também, mas não queria ver aquele sentimento no rosto de Tory. O sorriso de Sofia atraiu a menina para junto dela.
- Temos feito muitas coisas sozinhas desde que nossa mãe morreu.
- É claro, Tory. Fiz mal em perguntar aquilo. Vou começar com a limpeza.
- Você já tomou café, Sofia? — perguntou Rita quando a moça já estava na metade da cozinha.
- Ainda não.
- Coma conosco — convidou Tory.
- Venha, Sofia — acrescentou Rita. — Coma primeiro.
- Havia alguma coisa em Sofia que despertava pena em Rita. Não seria justo comer na frente dela ou deixar que ela começasse a trabalhar sem se alimentar.
- Está bem — concordou Sofia, voltando-se para ver que Craig acabava de chegar. — Bom dia, Craig. — Bom dia, Craig — Sofia dirigiu-se ao menino.
- Olá, — ele respondeu simplesmente e olhou-a por um segundo. — Papai sabe que você está aqui?
- Sabe. Ele me deixou um bilhete e as chaves.
- Ele não disse nada para nós. — Com essas palavras pouco amáveis, o rapazinho virou-se, pegando uma tigela de cereal. Pôs uma porção enorme na tigela e depois sentou-se para comer.

Por causa da insistência de Tory, Sofia aceitou um pedaço de torrada e tomou um copo de suco de laranja. A torrada que as crianças lhe deram estava queimada, e o suco não parecia fresco, mas Sofia comeu tranquilamente, pensando de si para si que, para o jantar, ela faria uma refeição melhor para as crianças.



Quando acabaram de comer, havia uma perfeita bagunça que precisava ser arrumada. As crianças estavam atrasadas e correram para a garagem. Sofia ficou observando a saída deles. Rita dirigia o Ford azul e Craig ia ao lado dela. Sentada no banco de trás, Tory acenava para a governanta.



Sofia estava na cozinha quando as crianças Riley chegaram da escola. A cozinha estava muito diferente daquela que eles estavam acostumados a ver. Entraram pela porta da frente, conversando e discutindo sobre alguma coisa. Pararam em silêncio, admirados com o que viram. Fazia quase um ano que a casa não tinha aquela aparência. Talvez nem antes disso fosse tão limpa quanto agora. Não havia pratos na pia nem no balcão. De tão limpo, o chão parecia estar molhado. O cheiro era maravilhoso. Com certeza, Sofia estava assando alguma coisa deliciosa. A fragrância dizia isso.

— Olá, Sofia — Tory foi a primeira a falar. — A cozinha está linda.

— Obrigada, Tory. Como foi seu dia na escola?

— Muito bom. O que você está cozinhando?

— Fiz biscoitos para o jantar e bolinhos para depois da escola. Espero que gostem de aveia.

— Nós gostamos — disse Rita. — Obrigada, Sofia — disse ela, pegando um bolinho do prato. — Parece que você trabalhou muito hoje.

Sofia sorriu timidamente e ofereceu a Craig o prato com os bolinhos. O menino fazia com que ela se sentisse pouco à vontade, como acontecia quando estava diante do senhor Riley. Fez tudo para que as crianças não notassem isso em seu rosto.

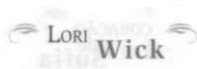
— Aveia não é a minha favorita — disse ele sério, embora o seu olhar faminto para o prato desmentisse o que acabou de falar.

— Oh, tudo bem, Craig... do que você gosta?

— Fatias de chocolate.

— Vou lembrar disso na próxima vez. Fiz um assado de carne e batatas para o jantar. Vocês gostam?

— Claro! — Craig virou as costas irritado, não querendo responder à pergunta de Sofia.



— Assado de carne! — Tory resmungou mordendo um bolinho. — Sou louca por assado de carne.

Pouco tempo depois, quando todos tinham tomado o lanche, eles saíram. Sofia voltou ao trabalho e não viu mais ninguém até a hora do jantar.



Às nove horas da noite, Alec entrou na casa silenciosa. Apesar de estar com fome, ignorou o cheiro gostoso que vinha da cozinha e subiu as escadas. Mais uma vez, as luzes estavam apagadas no apartamento em cima da garagem. Tinha de falar com Rita antes que ela dormisse. Graças a Deus, a luz do quarto dela estava acesa. Alec encontrou a filha mergulhada na leitura.

— Olá — disse ela baixinho. Pôs o livro de lado e se arrumou de modo a ficar apoiada na cabeceira. Alec sentou-se ao pé da cama com um suspiro.

— Eu devia ter falado com Sofia esta manhã. Esqueci completamente. Quando me lembrei, já estava do outro lado de Madison. Você a viu?

— Vi sim. Ela bateu na porta da cozinha às sete horas. Eu lhe disse que você já tinha saído.

Alec esfregou a parte de trás do pescoço. Rita podia ver que estava cansado.

— Ela ficou aqui em casa ou foi para o apartamento?

— Ficou aqui em casa — Rita respondeu. — Você não entrou pela cozinha?

— Entrei, mas as luzes estavam apagadas.

— Ela fez uma limpeza completa na casa, papai — Rita falou muito séria.

— Limpou a cozinha, a sala de jantar e a de estar. Fez um jantar ótimo. Embrulhou as sobras e deixou na geladeira para você.

— Muito bem. E como vocês se deram com ela?

— Normal. Só penso que ela não sabe o que fazer com Craig, porque ele está sempre tão irritado!... Mas vi que Tory está começando a gostar muito dela. Só houve uma coisa estranha.

— O que foi?

— Ela nos serviu na mesa da sala de jantar, e depois comeu sozinha na cozinha.



Alec pareceu surpreso e, depois, se lembrou de que Sofia não era americana. Era impossível saber de que ambiente ela viera.

— Gostaria que ela comesse com vocês quando eu não estou. Poderia dizer isso a ela amanhã?

— Claro que sim. Você não vai estar aqui?

— Não. Vou a cinco lugares diferentes amanhã e vocês não vão me ver até tarde. Tem certeza de que tudo vai bem com Sofia? — Sentiu-se obrigado a perguntar de novo.

— Está tudo bem. Ela me fez uma porção de perguntas, e eu respondi o melhor que pude.

— Vou falar com ela esta semana, mas amanhã vocês vão ter de se virar sozinhos.

— Está bem.

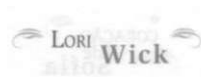
Alec levantou-se e se aproximou de Rita. Inclinando-se, beijou a filha mais velha, que retribuiu o beijo e o abraçou. Em seguida, saiu do quarto. Rita percebeu pelos passos dele no corredor que o pai ia até o quarto de Craig e de Tory. Sempre trabalhara muito, mas depois que a mãe morreu, as coisas pioraram. Rita duvidava que encontrasse os outros dois acordados. Esperava que sim, mas seu maior desejo era que, um dia, se sentissem de novo como uma família.



Alec fez o que dissera. No dia seguinte, quarta-feira, não apareceu. Saiu bem cedo também na quinta-feira, mas voltou para almoçar em casa e trabalhar um pouco no seu escritório. Ele entrou pela cozinha, sem se lembrar da governanta, e dirigiu-se para a escada. Ouviu que Sofia cantarolava no seu quarto. Assim, por causa da música, não ficou tão surpreso quanto poderia ter ficado por vê-la ali.

— Oh, senhor Riley — Sofia falou que estava tirando o pó de um dos grandes armários no quarto. — Já acabei. — Ela agarrou o aspirador e o lustre-móveis e se dirigiu para a porta. Alec afastou-se para dar-lhe passagem.

Ficou contrafeito com o fato de Sofia ter entrado em seu quarto. Pensou em voltar ao corredor e lhe dizer que, dali por diante, ela não precisava limpar aquele quarto. Mas a limpeza chamou sua atenção. Entrou e balançou a cabeça. Já esquecera o cheiro especial de frescura de uma casa limpa.



Não havia um grão de pó em parte nenhuma. O tapete parecia quase novo. Alec foi até o banheiro e ficou observando. O banheiro não fora limpo durante meses, e agora brilhava tanto que a luz se refletia em cada canto. Seu quarto e banheiro eram cômodos grandes; Sofia deveria ter levado horas para limpá-los.

Dez minutos mais tarde, Alec desceu novamente. Dessa vez, encontrou Sofia na cozinha, preparando sonhos.

— Posso falar com você, Sofia?

— Pois não, senhor Riley. — Ela foi imediatamente para a mesa da cozinha, onde ele estava. Ele ficou de pé, enquanto Sofia se sentava em uma cadeira. Depois, acomodou-se na outra extremidade da mesa.

— A casa parece ótima, Sofia. Muito obrigado. Sinto não ter podido estar aqui. Como estão as coisas?

— Tudo em ordem. Devo dizer-lhe, senhor Riley, que comi da comida que preparei para todos e usei sua máquina de lavar e de secar.

Alec precisou parar e pensar por um momento por que ela achava que precisava contar isso. Depois, compreendeu.

— Muito bem. Eu já esperava isso. Rita lhe disse que, quando eu não estou em casa, vocês todos podem comer juntos na cozinha?

— Sim. Faço isso agora.

— Ótimo. Estarei em casa à noite. A que horas você serve o jantar?

— Rita pediu para servir o jantar às 17h30.

— Excelente!

— Senhor Riley, tenho cozinhado para as crianças, mas preciso mais... — Sofia parou de repente e Alec disse com gentileza: — Ingredientes?

— Sim. Essa é a palavra. Ingredientes para as receitas.

— Rita tem feito as compras. Mas gostaria que essa tarefa fosse sua de agora em diante.

— Está bem.

— Rita vai de carro à escola. Ela deixa Craig e Tory e depois vai para Edgewood. No dia em que for fazer as compras, você pode ir com ela e ficar com o carro. Faz as compras, e depois os apanha na escola.



— Senhor Riley, eu não dirijo.

Alec não parou, senão para tomar fôlego. Mas Sofia teve de interromper. Ela percebeu que ele ficara surpreso.

— Bem — conseguiu finalmente falar —, vamos ter de pensar em outra forma de resolver isso. Gostaria que você fizesse as compras. Rita poderia deixá-la no supermercado. Não, isso não vai funcionar. E claro que se fizessem as compras juntas, seria mais rápido. Vou conversar com Rita e depois volto a falar com você sobre o assunto.

Sofia concordou e, em seguida, fez a pergunta que estava em sua mente:

— O senhor quer que eu use uniforme, senhor Riley?

— Não, Sofia — respondeu. — Isso não será necessário.

Sofia aprovou com um movimento de cabeça e, depois de mais algumas palavras, Alec pediu licença. Apanhou um punhado de bolinhos do prato na mesa e saiu da cozinha, passando pela sala de estar e indo para o escritório. Depois voltou.

— Bolinhos gostosos, Sofia.

Ela sorriu timidamente para ele, fazendo-o pensar na diferença que fizera na cozinha em tão pouco tempo. Fechou a porta ao entrar no escritório e sorriu. Sofia limpou também aquele cômodo. Teria de telefonar para Janete e agradecer-lhe por ter enviado Sofia para eles.

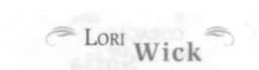
Quando as crianças chegaram da escola, Sofia estava preparando uma lista de compras para o supermercado. Havia também um bilhete do pai para Rita. Enquanto Tory e Craig comiam, Rita leu o que estava escrito no papel:

Rita,

Sofia e eu conversamos sobre a possibilidade de ela fazer as compras, mas ela não dirige. Será que você pode planejar uma forma de ajudar nisso? Talvez pudesse fazer as tarefas da escola enquanto ela faz as compras, ou vocês fazerem as compras juntas. Isso seria mais rápido. Por favor, converse com ela e resolvam. Fale comigo se precisar de ajuda.

Papai

Rita levantou os olhos e viu que Sofia ainda estava fazendo a lista de compras. Sentou-se e ficou pensando um pouco. Não se importava de fazer as compras, mas seria bom ter uma ajuda.



— Papai falou que você vai fazer as compras.

— Ele quer isso.

— E nós estamos precisando comprar outras coisas, não é?

— Tem razão.

— Não me importaria de levar você ou de ir com você ao supermercado. Mas preciso fazer a lição da escola. Preciso usar o computador, por isso não dá para fazer a lição no carro. Vou trabalhar o mais rápido possível e depois levo você. Acha que terá tempo de acabar a lista?

— Dá, sim, Rita. Obrigada.

— Volto então num instante.

Craig saiu da cozinha na mesma hora que Rita, e Tory ficou com Sofia.

— O que você fez hoje, Sofia?

— Limpei a parte de cima.

— Você se cansa fazendo limpeza o dia todo?

— Não. Você se cansa de ficar na escola o dia todo?

— Canso.

As duas sorriram uma para a outra.

— Crystal ficou doente hoje. Detesto quando ela não vai.

— Vocês sentam perto uma da outra?

— Não, conversamos demais... — admitiu Tory com um sorriso.

— Eu era assim com Katya. A gente falava o dia todo.

— Katya. É um nome estranho.

Sofia não pôde deixar de sorrir. — Não é estranho na Checoslováquia.

— Acho que não. Qual é o seu último nome, Sofia?

— Velikonja.

— Vel-o-quê?

Sofia riu. — Vamos ficar só com Sofia, está bem?

— Está.

Tory estendeu a mão para pegar outro bolinho, mas o colocou de volta quando o telefone tocou. Ela atendeu e Sofia ouviu-a dizer: — Oh, oi



vovó... eu estou bem... não, papai não está. Rita e Craig estão em casa, e Sofia... Sofia, ela trabalha para nós agora. Ela limpou muito bem o banheiro. Ela e Rita vão ao supermercado daqui a pouco, e eu vou também. Se não for, terei de ficar com o Craig, e ele é briguento... O quê? Oh, não sei como a encontramos, mas ela é da Checoslováquia... Não, ela mora aqui no apartamento e depois vem... O quê? Oh, está bem. Vou contar a papai que você telefonou. Até logo.

Sofia tentara não escutar, mas isso era difícil, porque estava logo ali na mesa. Não era uma pessoa intrometida, mas quando Tory foi buscar os livros, perguntou amavelmente:

— Está tudo bem, Tory?

— Acho que sim. Vovó telefonou, mas ela estava com pressa para desligar. Talvez tivesse biscoitos no forno.

— Talvez... — concordou Sofia.

— Vou ver televisão.

— Está bem.

Tory saiu, mas Sofia não voltou à sua lista. Houve uma mudança na conversa depois de Tory ter mencionado o seu nome. Sofia ficou pensando de quem a avó das crianças era mãe: do senhor Riley ou da falecida a senhora Riley. De qualquer modo, Sofia não pôde afastar um sentimento súbito de desconforto.

O WOODMAN'S ERA O MAIOR supermercado que Sofia já vira. Ela pensou que Rita fosse ficar no carro, mas a garota quis acompanhá-la. Sofia sentiu-se grata pela ajuda. O tamanho da seção de hortifruti impressionou Sofia. Bancas com batatas alinhavam-se em uma parede e, no centro, ficavam muitas mesas cheias de vegetais. Havia até flores frescas numa das extremidades do mercado. Sofia gostou também que Tory ficasse ao seu lado enquanto empurrava o carrinho pelos corredores do supermercado.

Se Rita tivesse pensado mais sobre o que poderiam falar se a vissem ao lado da nova governanta, talvez tivesse evitado estar perto de Sofia naquele supermercado. A adolescente de quase dezessete anos sentiu-se um pouco constrangida ao notar a maneira com que as pessoas ali olhavam para Sofia. Sua saia era azul escuro, e a blusa chegava a ser feia de tão simples. Os sapatos eram de sola grossa e as meias, soquete brancas. As emoções de Rita foram afetadas pela aparência de Sofia, que se somava aos seus olhos exóticos emoldurados por cabelo espesso arranjado em um coque muito simples.

A expressão de fragilidade de Sofia quando chegaram à seção de hortifruti fez com que Rita quisesse permanecer ao seu lado. Tory ajudou muito. Conversava ao "modo Tory". Rita notou a descontração com que Sofia percorria os corredores do supermercado. Tomou a decisão de nunca levá-la às compras nos fins de semana.

— Vamos ver... O que mais precisamos? — Rita perguntou, e permaneceu ao lado de Sofia, sem lhe tomar da mão a lista de compras, embora a governanta lhe tivesse oferecido a lista.

— Penso que já compramos tudo neste corredor. Oh, espere um pouco. Precisamos de molho para vegetais.

— Já peguei — disse Sofia com prazer, apontando para a cesta. Rita sorriu em sinal de aprovação e as duas continuaram andando. Terminaram as



compras e voltaram para casa. Sofia estava exausta, e o jantar ainda não estava pronto. Eram quase cinco horas, e ela tinha dito ao senhor Riley que serviria o jantar às 17h30.

Com uma velocidade nascida do desespero, Sofia preparou a refeição. Depois que ela assumira o emprego, aquela era a primeira noite em que o senhor Riley ia jantar com a família. Estava certa de que, se a comida não estivesse boa, Alec a demitiria ou perderia a confiança nela.

Afinal, Sofia não precisava ter se preocupado. O senhor Riley chegou depois da hora marcada. Apesar de simples, a refeição era deliciosa e farta. Era mais ou menos o que Alec esperava de sua nova governanta. Rita dissera a Sofia que a família queria comer na cozinha. Ela, então, fez seu prato e foi para seu apartamento, enquanto a família jantava. Ninguém notou que Sofia saíra. Estavam tão felizes por poderem se reunir depois de tanto tempo ao redor da mesa, que só conseguiam pensar uns nos outros.

— A vovó telefonou hoje — Tory contou ao pai.

— Minha mãe? — quis saber Alec.

— Não, a vovó Frazier. Eu contei a ela sobre a Sofia. Não falamos muito. Penso que ela tinha biscoitos no forno.

Se Tory fosse um pouco mais velha, teria notado a súbita hesitação nos movimentos de Alec, enquanto ela passava manteiga no pão. O senhor Riley não pensava em manter segredo sobre a vinda de Sofia. Mas sentiu-se um tanto contrafeito por Tory ter contado à mãe de Vanessa que eles tinham agora uma governanta em casa. Não seria difícil que ele recebesse um telefonema naquela mesma noite.

— Rick convidou-me para dormir na casa dele amanhã — avisou Craig.

— Você vai com ele depois da escola?

— Vou.

— Está bem — concordou Alec. — Avise Sofia que você não virá para casa.

— Por quê? — resmungou Craig.

— Craig, você não compreendeu ainda por que Sofia está aqui?

— Para limpar a casa.

Alec suspirou no íntimo, mas continuou a olhar para Craig. Depois de alguns momentos, o filho abaixou os olhos e tentou consertar o que tinha dito:

- Está aqui para cuidar também de nós.
- E isso mesmo. Gostaria que você aceitasse o fato. E eu gostaria de entender a razão de tanta resistência.
- Não sei. Só acho que tudo ia bem antes.
- Você agora está mentindo para si mesmo — respondeu Alec de maneira bondosa. — Há seis meses não temos uma refeição como esta. Vai ser ótimo se nunca mais precisarmos comer pizza ou frango congelado. Isso sem mencionar a casa. Tarefas domésticas não eram o ponto forte de sua mãe e, sinceramente, nossa casa nunca esteve tão limpa depois que ela faleceu.
- Como pode dizer isso? — explodiu Craig e ficou de pé. Alec não tinha observado o rosto de Craig e estava despreparado para essa reação. Suas palavras tinham sido verdadeiras, mas Alec lamentou ter dito o que disse, por causa da reação de Craig.
- Sente-se, Craig.
- Não! Como pode ficar aí e dizer que prefere Sofia à mamãe?
- Eu não disse isso, Craig. Agora, sente-se — disse Alec olhando firme para o filho, até que ele obedecesse. — Ouça-me, Craig. — a voz do pai denotava bondade. — Eu amava sua mãe e sempre a amarei. Mas precisamos ser sinceros. Se fosse eu que tivesse morrido, gostaria que sua mãe se lembrasse de mim como eu sou, e não andasse por aí usando óculos de lentes cor-de-rosa.
- O que você quer dizer com isso?
- Se ela admitisse que, muitas vezes, fico fora do ar quando estou assistindo a um jogo de futebol na TV ou quando estou lendo o jornal, isso não significaria que ela me desprezasse.

Os três filhos sorriram, porque essas coisas faziam parte das piadas da família há tempos. Mas havia lágrimas nos olhos de todos, inclusive nos de Alec. A morte de Vanessa ainda causava sofrimento.

- Gostaria de ter sua mãe de volta — sussurrou Alec —, mas isso não vai acontecer. Sou grato à sua tia Janete por ter recomendado Sofia para nós. Ela está conosco há poucos dias e já posso ver melhorias em todos os cômodos da casa. Sua irmã trabalhou muito e muito bem. Mas o trabalho era demais para ela.

Alec não conseguiu continuar a falar. Durante muito tempo, resistira à ideia de aceitar a ajuda de alguém. Com isso havia sacrificado a filha mais velha. De



fato, a batalha era tão recente que a fumaça ainda não desaparecera. Alec ainda se sentia emocionado quando tocava no assunto.

As crianças não imaginavam o quanto ele temera a vinda de Sofia, mesmo depois de tê-la empregado, e o quanto Tory o surpreendera querendo, desde o início, que ela ficasse com eles. Mas todas as suas dúvidas tinham sido afastadas quando, naquela tarde, Alec chegou a casa e Sofia lhe comunicou que estava comendo a mesma comida que fizera para eles. De repente, sentiu que as coisas funcionariam bem. Com uma pessoa tão honesta e trabalhadora assim, não haveria problemas. Era evidente para ele, e Sofia começava a provar que valia o seu peso em ouro.

Sentada sozinha à mesa da cozinha, Sofia teria apreciado muito ouvir o que o senhor Riley dissera durante o jantar. Não ter a certeza de que aquele seria o seu lar definitivo trazia certa inquietação para a moça. Se tivesse a certeza de que permaneceria naquela casa, não se teria preocupado em preparar uma refeição tão às pressas, e não procuraria fazer economia comprando móveis de segunda mão. Sofia não passava frio à noite, mas todas as manhãs acordava com o corpo doído. Lembrando-se de sua cama, desejou tê-la enviado junto com as caixas que estavam vindo de Chicago. Ao se lembrar das caixas, sentiu saudades de seus livros, pois tinha trazido com ela apenas sua Bíblia.

Sofia orou silenciosamente:

"Eu desejei tanto mudar de Chicago, pai. Ajude-me a gostar deste novo emprego. Sinto-me como um de seus filhos no Egito: primeiro me queixei do trabalho. O Senhor me fez mudar para cá, e agora reclamo de minhas condições de vida. Ajude-me a confiar, em vez de me queixar."

Sofia levantou-se e lavou o prato em que havia comido. Não o colocou no armário, para levá-lo de volta na manhã seguinte. Não sabia se os Rileys esperavam que arrumasse a cozinha. Decidiu deixar para a manhã seguinte, quando naturalmente eles estariam esperando por ela.



— Craig, ajude Tory com os pratos — disse Alec no momento em que levantaram da mesa.

— Sofia vai arrumar a cozinha.

Alec voltou-se para o filho. Seu tom de voz era tão firme, que ele mesmo ficou surpreso. Alguma coisa lhe dizia que ele não estava passando tempo suficiente



com o filho rapazinho. Mas logo se lembrou que o inverno estava chegando e que com ele chegariam também os negócios mais lentos.

— Sofia não está aqui para ser sua escrava, Craig. Ajude Tory com os pratos.

— Você acabou de dizer que ela está aqui para ajudar — a voz de Craig denotava rancor. — E agora tenho de fazer o trabalho dela!

Alec foi até o filho, olhou-o de frente e falou calmamente:

— Você vai arrumar a cozinha sem falar mais nada ou pode telefonar para o Rick e dizer que não vai à casa dele amanhã.

Craig virou-se, mal escondendo a irritação, e começou a tirar a mesa. Alec ficou tempo suficiente para ver se ele não ia descontar a raiva em Tory, e foi, em seguida, ajudar Rita no computador como prometera. Sentia-se de novo compelido a fazer as coisas de modo diferente, mas não sabia exatamente como. Achava, com frequência, que seus dias não tinham horas suficientes para o que precisava fazer.



— Gostaria de poder ficar em casa com você hoje, Sofia.

Tory conversava com Sofia na hora do café, numa sexta-feira de manhã.

— Por que, Tory?

— Poderíamos assistir *O preço certo*.

— Um programa da TV?

— É. Vocês não assistem na Checoslováquia?

— Acho que não. Talvez passasse durante o dia e eu não podia ver.

— É muito divertido. Sempre faço o lance, e algumas vezes ganho. Ganhei até um carro!

Sofia sorriu amorosamente para a menina, mas não lhe disse que assistir à TV no meio do dia era difícil para ela. E continuou comendo sua torrada em silêncio.

A manhã começara de forma normal, e Sofia ficou espantada por ver que todos já tinham entrado na rotina. No geral, a semana fora boa. Quando os três saíram para a escola, Sofia tirou a carne para o jantar e começou seu trabalho do dia: cuidar da casa e lavar roupa. O tempo voou como sempre, e Sofia não



achou tempo para almoçar nem para sentar. Antes que percebesse, Rita e Tory chegaram da escola. Craig havia levado uma mochila naquela manhã, e Sofia ficou aliviada. Ele era pouco amigável, mas chegara a ser um tanto rude aquele dia. Ver as meninas voltarem sozinhas foi bem mais gostoso.

— Você assistiu ao programa *O preço certo*? — foram as primeiras palavras de Tory.

— Não — Sofia teve de dizer —, esqueci.

— Oh, Sofia, um desses dias você tem de assistir e me contar quem ganhou.

— Está bem. Que tal comer algumas fatias de maçã e queijo?

— Comer queijo com maçã?

Rita riu com a expressão espantada da irmã. — É gostoso, Tory. Experimente.

A menina pareceu claramente cética, mas comeu um pouco.

— Como foi o seu dia, Rita?

— Tudo em ordem — respondeu ela enquanto colocava uns fios de cabelo atrás da orelha e pegava o queijo. — Tive uma prova em que achei ter ido bem, mas minha nota foi só B. Fiquei desapontada.

Sofia acenou com a cabeça enquanto sua mente estava presa às palavras da menina.

— Esteve muito ocupada hoje, Sofia?

— Sim. A maior parte do tempo trabalhei na lavanderia. Eu ia passar suas blusas, mas não consegui achar a tábua de passar.

— Oh, Sofia, está na lavanderia.

Rita levantou-se e Sofia foi atrás.

— E do tipo que fica pendurada na parede.

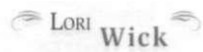
Rita abriu a fechadura de um painel de madeira comprido e puxou lá de dentro uma tábua de passar roupa. Sofia nunca tinha visto um dispositivo daqueles.

— E tão conveniência.

A palavra estava errada, mas Rita concordou com ela. As duas estavam de volta à cozinha quando a porta de trás se abriu.

— Olá — disse uma voz feminina suave.

— Vovó! — Tory gritou e pulou para abraçá-la. Rita também se adiantou para abraçar a avó.



— Como vai, vovô? — Tory falou de novo e abraçou o avô materno, que entrara atrás da esposa.

— Vovó — disse Rita ao ver a avó olhar para Sofia —, esta é Sofia. Sofia, esta é minha avó, Peg Frazier, e meu avô, Jim Frazier.

— Olá — disse Sofia baixinho e sorriu para os dois. Jim devolveu o sorriso, mas os olhos de Peg pareciam frios.

— Há quanto tempo você trabalha aqui, Sofia?

O tom de voz e os olhos da avó fizeram com que as mãos de Sofia umedecessem. — Só esta semana. Só dias esta semana — ela respondeu nervosamente, errando as frases.

— Bem — Peg falou quase majestosamente, enquanto observava a cozinha com ares de censora. — As coisas parecem suficientemente limpas, mas eu estou aqui agora e, por algum tempo, não será preciso que você fique.

Se Peg tivesse olhado para as netas, talvez tivesse se calado. Mas continuou falando sem se importar com ninguém.

— Vou cuidar de Alec e de meus netos. — O tom de sua voz mostrava que Sofia não teria condições de fazer um bom trabalho. — Você pode se considerar demitida, por enquanto.

Sofia fez um aceno para a mulher e dirigiu-se para a porta. Não olhou para ninguém. Se tivesse olhado, veria que Jim estava vermelho de vergonha com o que a mulher tinha falado, e que as meninas ficaram boquiabertas de espanto.

A COMIDA ESTAVA ÓTIMA, Peg. Obrigado — Alec falou do outro lado da mesa com a sogra, e Tory ficou olhando para ela durante vários segundos. Quando viu que a avó tinha apenas sorriso para o pai, Tory perguntou:

— Vovó, você não vai contar ao papai que foi Sofia quem fez o jantar?

Peg mostrou-se embaraçada por um instante, mas respondeu para a neta:

— É claro, querida. Eu estava distraída.

— Ah! — disse Alec sem acrescentar mais nada. Por não ter visto o encontro de Sofia com seus sogros, não imaginava o que acontecera. — Espero que Sofia tenha comido. — comentou finalmente.

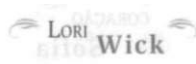
— Você está dizendo que ela come a comida de vocês?

A voz estridente de Peg elevou-se, mas Alec fitou-a impassível.

— Come sim, Peg — disse ele casualmente. — Mas desde que a comida é minha, vamos deixar que eu me preocupe com isso, não é?

— Uma ideia excelente, Peg — afirmou o marido. Todos olharam para ele, e o avô deu um suspiro abafado. Não conseguira fazê-la desistir da ideia de vir. Peg começara a fazer as malas assim que desligou o telefone quando falou com Tory no dia anterior. Jim chegou a dizer-lhe que não iria, mas quando viu que estava decidida, ele cedeu. Era sua atitude habitual; e depois de quarenta e dois anos de casamento, Peg sabia disso melhor do que ninguém.

— Vocês têm lição de casa, meninas? — perguntou Peg nos momentos que se seguiram, e foi a vez de Alec suspirar. Não havia necessidade de importunar as duas. Elas eram responsáveis em relação a seus estudos. E se não fossem, ele é quem deveria lembrá-las, não Peg Frazier.



A sogra sempre fora um tanto ansiosa demais, mas depois da morte de Van, tornara-se quase insuportável. Alec se sentia aliviado por morarem bem mais para o norte. Isso significava que os confrontos entre os dois seriam pouco frequentes. Ele e Peg discutiam pelo menos uma vez quando ela os visitava. E Alec se perguntou quanto tempo levaria até que eles tivessem nova rixa. Sempre que ele dizia para a sogra não se intrometer, ela recuava. Mas, se lhe dessem tempo, retornava com as armas carregadas e atirando. A cena na mesa fora muito desagradável. Entretanto, Alec sabia que, para Peg, significara apenas um brando desentendimento. Se ele a conhecia bem, se sabia o que ela pensava, Peg não havia terminado sua interferência na vida de sua casa. Ele se viu temendo os próximos dias.



O relógio de Sofia marcava 22 horas quando decidiu que não poderia aguentar até a manhã do dia seguinte sem comer. Tinha sido tolice não fazer uma pausa para o almoço, e agora ficara com tanta fome que sua cabeça doía. Além disso, só tinha um dólar na bolsa.

— Eu deveria ter vindo a pé da rodoviária quando chegou aqui — disse irritada para si mesma. Mas pensou logo que isso não era verdade. Teria de andar quilômetros carregando as pesadas malas. A corrida de táxi custara uma pequena fortuna, mas sem conhecer o sistema de ônibus, não tivera opção. Tinha comprado alguma coisa na primeira noite, mas tudo já tinha acabado.

— Talvez não devesse ter dado tanto dinheiro a Janete para enviar as caixas. Oh! Pare com isso, Sofia! — Impacientou-se consigo mesma. — Você queria que ela pagasse? Não seja ridícula.

Com isso, Sofia foi até a porta e espiou pela escada. A cozinha — de fato a casa inteira — parecia escura e adormecida. Ela sabia ser bem silenciosa e tinha de comer alguma coisa.

Com a chave na mão, saiu do apartamento e desceu com cuidado as escadas. Não havia luzes na cozinha, nem em todo o andar de baixo. Sofia acendeu a luz apenas sobre o fogão. Foi até a geladeira e começou a fazer um prato com as sobras. Tinha na mão uma salsicha e um pedaço de queijo quando ouviu movimento. Levantou os olhos e viu uma sombra negra, que a assustou tanto que ela quase quebrou o prato. O senhor Frazicr observou-a silenciosamente por alguns segundos e, depois, falou em tom de conversa:



— Isso não basta para uma refeição.

Sofia recuou um passo, com a porta da geladeira ainda aberta.

— Veja, precisa de um pouco de molho de maçã para o seu sanduíche. Ele abriu a tampa do vidro de molho e derramou bastante no prato de Sofia.

— Isso parece bom — exclamou ele, enquanto apanhava as peras que restaram.
— Vamos colocá-las no microondas, e você pode comer. Vamos acrescentar mais esta costeleta de porco. Agora a sobremesa. Fiquei sabendo que você fez esta torta. Estava deliciosa. Com certeza, vai querer um pedaço.

Sofia ficou calada, olhando para o senhor Frazier. Ele pegara alguns bolinhos e os estava empilhando no prato de Sofia. Até tomou o prato da mão dela e depois lhe entregou a "bandeja cheia de comida".

— Pronto, acho que agora está bom.

— Obrigada, senhor Frazier, — Sofia falou baixinho e dirigiu-se para a porta.

— Espere, eu abro a porta. Você tem sua chave?

— Tenho.

Ele abriu a porta, mas não o suficiente para que ela saísse. Sofia voltou-se e viu que ele a observava.

— Gostaria de dizer que voltasse aos seus trabalhos regulares amanhã, mas não posso fazer isso.

— Eu compreendo, senhor Frazier.

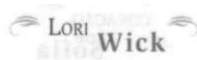
A porta finalmente se abriu. — Boa noite, Sofia.

— Boa noite.

Jim fechou a porta atrás dela, mas não saiu do lugar. Abriu a cortina e ficou observando enquanto ela subia as escadas. Só depois de ter ouvido a porta do apartamento ser aberta e fechada foi que ele verificou se a porta da cozinha tinha sido trancada, apagou a luz e subiu.



Antes das sete horas, Sofia ouviu uma batida leve, mas nítida, em sua porta. Ela estava de pé, embora ainda de penhoar, e foi abrir um tanto curiosa. Ninguém estava lá, mas no alto da escada havia cinco sacolas de mantimentos. Sofia quase perdeu o fôlego de alegria.



Havia adormecido na noite anterior enquanto ainda pedia a Deus que a orientasse sobre o que fazer. Sofia estava segura de que tudo o que se esperava dela era uma atitude confiante. Fizera isso e dormira a noite inteira. O Senhor, então, proveu o necessário. Sofia tinha certeza de que fora o senhor Frazier que colocara ali aquelas sacolas, e esperava ter uma oportunidade de agradecer.

Levou as sacolas para dentro e sorriu, deliciada com o esplêndido sortimento de coisas. Enlatados, vegetais e frutas frescas, um vidro grande de molho de maçã, queijo, ovos, manteiga, leite, café, creme para o café, açúcar, pão, cereais, massa para panqueca, recheios de sanduíche etc. Parecia-lhe que tinha o suficiente para passar umas três semanas. Teve, então, outro pensamento: *e se os Fraziers não partissem em três semanas?*

Sofia nem quis nem pensar no assunto. Estava gostando tanto das crianças que a ideia de ficar sem vê-las durante semanas era difícil de suportar. Todavia, disse a si mesma que confiasse, agradecesse a Deus pelo dia e que guardasse o que tinha recebido naquelas sacolas. Sofia fez um desjejum excelente e passou bastante tempo lendo a Bíblia. A seguir, saiu a pé com uma missão definida.



- Preciso falar com você, Alec — disse Peg. Pela voz dela, Alec sabia que o confronto que temia havia chegado.
- Sente-se — respondeu. Era sábado à tarde, e ele estava no escritório para terminar alguns trabalhos.
- Estou muito preocupada com essa Sofia — começou ela sem preliminares, com a voz já alta e denotando inquietação.
- Não precisa se preocupar, Peg. Sofia é muito capaz.
- A casa parece limpa, concordo. Mas, tirando isso, é difícil entender o que ela diz. Poderia dizer coisas inconvenientes às crianças.
- As crianças e eu nos damos bem com Sofia...
- Que exemplo é para eles vê-la, praticamente, vivendo com vocês?
- Ela não vive conosco — Alec controlava a voz. — Tem seu próprio apartamento e só vem à nossa casa quando é necessário. E é claro que fazemos o mesmo.
- Mas ela come com vocês!



- Ela come com as crianças quando não estou em casa — esclareceu Alec. — Quando eu estou, ela leva um prato para o seu apartamento.
- Um prato da sua comida!
- Peg —, Alec disse o nome dela com um suspiro. — Não poderia esperar que Sofia cozinhasse para a minha família e, depois, subisse, e fosse fazer a própria comida. O nosso arranjo está dando certo e não vejo problema nenhum.
- O seu arranjo, como diz, certamente está sendo observado por toda a vizinhança. Tenho certeza de que estão pensando o pior.
- No passado, você nunca se preocupou com os solteiros que moram por lá. — Alec lembrou já irritado.
- E claro. Vanessa nunca teria...
- Está querendo dizer que eu teria? — Uma nota de ira se insinuara na voz de Alec, e Peg percebeu que avançara demais. Permaneceu em silêncio por um momento, depois continuou falando com suavidade:
- Nada disso importa, na verdade. Estou aqui agora e vou cuidar das crianças.
- Não, Peg, você não vai! — disse ele imediatamente, mas sem irritação. — E por isso que Sofia está aqui. Será bom para as crianças vê-los por alguns dias, mas espero que você e Jim não fiquem muito tempo.
- Está nos expulsando? — ela se mostrou outra vez denotando raiva.
- Não. Apenas estou dizendo que uma visita de uma semana é uma boa medida. Peg ficou de pé e olhou para Alec através da mesa. — Se é assim que pensa, vamos embora esta noite.
- A escolha é sua, Peg, mas devo dizer-lhe que a perda é também sua. As crianças gostam de você e sei que você as ama. Se permitir que eu dirija minha família como quero, poderemos ter uma semana bem agradável.
- A abordagem gentil de Alec desarmou-a completamente. Ele não estava tão inflexível como parecia, mas se mantinha firme na sua posição.
- Acho que vou conversar com Jim.
- Ótimo. Há alguns meses estamos indo à Escola Bíblica Dominical e ao culto da noite. Portanto, se você e Jim quiserem nos acompanhar...
- Peg fez que sim, mas não conseguiu agradecer. Ela saiu, ainda perturbada, mas Alec teve a impressão de que acabaria por cair na realidade e, provavelmente, permaneceria por uma semana em sua casa.



Às dez horas no domingo, Sofia calçou seus sapatos de sola grossa e saiu. Na véspera, ela se informara e, de fato, encontrara o endereço em uma lista que encontrou em uma cabine telefônica.

Não havia muitas igrejas em Middleton, mas não foi assim tão difícil encontrar uma delas. Telefonara para a igreja e conversara com uma mulher que foi muito solícita. Depois de saber que se tratava de uma igreja que obedecia à Bíblia e que ensinava a salvação pela graça, pediu o endereço e andou até o templo, observando o caminho.

Naquela manhã, sabia exatamente para onde ia e quanto tempo levaria para chegar. Sofia achava que havia uma boa possibilidade de os Rileys também frequentarem a igreja de Middleton, mas não os conhecia o suficiente para pedir carona.

O passeio foi agradável. O sol da manhã prometia um dia quente, e Sofia caminhava devagar, com sua Bíblia em checoslovaco e sua bolsinha preta sob o braço. Vestia uma saia preta e a blusa era uma das cinco que possuía. Pensou em usar outros sapatos, mas como tinha de andar muito, decidiu calçar aquele calçado simples, amarrado, e meia soquete branca. Sabia que seus trajes não estavam na moda, mas isso também acontecera na Checoslováquia. As roupas, porém, estavam limpas e bem passadas, e não podia desejar muito mais que isso.

Sofia chegou cinco minutos antes de o culto ter início, e sentou silenciosamente num dos bancos de trás. Sem mover muito a cabeça, deixou os olhos passearem pelo santuário. Era um recinto grande com bancos de carvalho e uma galeria espaçosa para o coral. Sofia imaginou que mais de quinhentas pessoas poderiam cultuar ali, e o santuário já estava quase cheio. Uma criança chorou alguns bancos na frente, e os olhos de Sofia se fecharam ao ouvir o som. Aquela era uma igreja de famílias. E ela sempre quis encontrar uma igreja frequentada por famílias. E Deus lhe mostrara o caminho.

Abriu os olhos um segundo mais tarde e fitou diretamente os de Rita. O olhar da garota parecia de preocupação enquanto, de um banco um pouco à frente, observava a governanta. Mas Sofia sorriu amavelmente em sua direção. Depois de sorrir aliviada para Sofia, Rita acomodou-se no seu banco.

Momentos depois, o culto começou, e Sofia ficou envolvida durante a hora seguinte. Os hinos cantados pela congregação davam honra a Deus, e um



jovem deu um testemunho que fez os olhos de Sofia encherem-se de lágrimas. Teve certa dificuldade com uma ou duas palavras no sermão, mas seu coração foi abençoado pela mensagem. O pastor Baker estava ensinando o livro de ICoríntios, e chegara ao final do capítulo 15. O assunto naquela manhã era perseverança, e o coração de Sofia sentiu-se renovado e pronto a continuar. Mal a palavra *Amém* saíra de seus lábios no final da última oração, uma voz à direita perguntou a Sofia: — Nós já nos conhecemos?

Sofia voltou-se, surpresa, para a mulher mais velha que ela que estava ao seu lado, e respondeu em voz baixa:

— Não, sou nova, primeira vez este dia.

— Que bom que você veio. Sou Gladys Nickelberry — e ela estendeu a mão.

— Estou prazer em conhecê-la, senhorita Nickleberry. Sou Sofia Velikonja.

— Sou senhora Nickleberry e você não é daqui, é?

— Moro em Middleton, mas venho da Checoslováquia.

— Checoslováquia! Você está mesmo longe de casa.

Sofia sorriu. — Aqui é em casa agora.

Gladys concordou com a cabeça e estudou o rosto dela por um momento. — Você viria almoçar comigo um dia desses?

Sofia olhou diretamente para ela. — Estou livre esta semana, e você pode me chamar de Sofia.

Gladys fitou-a sorrindo: — Que tal na terça-feira?

— Terça-feira está bom. Preciso do seu endereço.

Gladys sorriu outra vez. — Onde você mora?

Sofia tentou explicar, mas terminou dizendo: — Trabalho para o senhor Riley. O endereço é Praça Holly, 615.

— Riley. O senhor que perdeu a esposa há um ano?

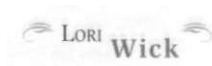
— Isso mesmo.

— Olhe, moramos perto uma da outra. Chegue até o final da rua. Você disse que é uma praça, não é?

— É.

— Depois, vire à esquerda na avenida Bennett.

Ela acabou de explicar e, depois, escreveu o endereço num pedacinho de papel.



Sofia estudou-o por um momento.

— Rua Scott, 212.

— Isso. É a primeira à direita da Bennett.

— A que horas devo chegar lá?

— Cerca das 1 lh30. Está bom para você?

— Sim, 1lh30. Eu vou.

— Então espero você. Oh, o que gostaria de comer?

Sofia teve de sufocar um sorriso ao ver a expressão da mulher.

— Gosto de tudo. Como o mesmo que você.

— Que bom! Nos vemos na terça.

Elas se despediram, mas saíram do banco juntas e continuaram a conversar. Em poucos momentos, Sofia ficou sabendo que Gladys era viúva soubera que Sofia estava nos Estados Unidos há menos de um ano. As duas foram quase as últimas a sair do estacionamento. E foram embora na expectativa de uma terça-feira agradável.

— P^{A PAI?} — Chamou Tory da porta do escritório.
 — Tory! — repreendeu Alec, enquanto olhava o relógio. — Já passa das dez horas, o que está fazendo fora da cama?

— Preciso falar com você. — As lágrimas se formaram em seus olhos enquanto falava, e Alec fez um gesto para que se aproximasse. Ela era alta para seus dez anos de idade, mas mesmo assim, ele a pôs no colo depois que rodeara a mesa e chegara até a cadeira dele. As lágrimas, então, borbulharam c, por algum tempo, a menina chorou com as mãos no rosto. Fizera isso muitas vezes logo depois da morte de Vanessa, mas parecia que já tinha vencido as lágrimas. O coração de Alec doeu, mas esperou para ver se a filha diria alguma coisa. Todavia, antes que Tory começasse a falar, Rita apareceu na porta. Quando viu a irmã, sentou-se na cadeira junto à mesa e também aguardou.

— A vovó foi má com Sofia, papai — Tory disse finalmente. Ainda posso ver o rosto dela. Sei que deve estar magoada, porque seu rosto pareceu bem triste e seu inglês ficou confuso. Depois, ela foi embora e não voltou mais. Tentei subir até o apartamento, mas a vovó me viu e disse que tinha um trabalho para mim. Até tive de voltar.

Tory não conseguiu mais falar. Alec apertou-a nos braços, e suas lágrimas caíram na camisa escura do pai. Ele olhou, em seguida, para Rita, que também tinha os olhos marejados.

— Quando isso aconteceu?

Rita explicou a chegada súbita de Jim e Peg, e como Peg falara com Sofia. Alec mal conteve a raiva por causa das coisas que ela dissera, mas compreendeu que, no fundo, já esperava por isso.

— Depois eu vi que Sofia estava na igreja, papai. — As lágrimas de Rita agora também jorravam. — Ela deve ter andado aquela distância toda. Vai pensar

- que não nos importamos. Não quero que vovô e vovó vão embora, mas quero que Sofia volte.
- Vovó não é mais a mesma — Tory falou fungando. — Sei que ela tem saudades da mamãe, mas não há razão para ficar com raiva da Sofia. Não quero que a vovó fique triste, mas também quero Sofia de volta. Ela não fica implicando por causa das tarefas da escola. — As lágrimas corriam outra vez, e Alec confortou-a.
- Ouça, Tory. Tente parar de chorar e vou contar-lhe uma coisa. Seu avô me disse — continuou Alec depois de um momento — que eles vão embora bem cedo na quinta-feira. Eu poderia falar com sua avó sobre o que ela fez a Sofia, mas acho melhor deixar as coisas como estão. Sofia parece tomar muito bem conta de si mesma. Vamos, então, esperar até quinta-feira. Não estou ignorando o problema, nem quero que Sofia pense que não nos importamos, mas para não ter de discutir novamente com sua avó, preciso fazer isso.
- Você e a vovó já discutiram?
- Sim.
- Depois de um momento de silêncio, Rita perguntou: — Por que ela fez isso, papai? Por que a vovó tratou Sofia desse jeito?
- Sua irmã tem razão, Rita. Sua avó mudou, e penso que ela vê Sofia como uma espécie de ameaça, como se ela fosse tomar o lugar da sua mãe.
- A voz de Rita foi entrecortada por um soluço: — Ninguém poderia substituir mamãe.
- Tem razão, ninguém... — sussurrou Alec também com os olhos úmidos. Puxou Rita para mais perto, e os três ficaram ali, abraçados. Levou algum tempo antes que Alec conseguisse falar.
- Tudo vai dar certo. Aproveitem a visita de seus avós. Provavelmente, vocês não o verão até o Dia de Ação de Graças. Quando eles forem embora, voltaremos à nossa rotina.
- As meninas se desprenderam delicadamente do pai, e Alec disse que as acompanharia até o quarto. Esperaram enquanto ele verificava as portas, apagava todas as luzes lá embaixo, e depois, subiram juntos a escada. Ele as pôs na cama, beijou-as, disse que oraria por elas. Em seguida, foi para o seu quarto. Não se deitou imediatamente, mas se sentou numa cadeira no escuro e olhou pela janela que dava para a rua silenciosa.



"Sinto tanta falta dela, Senhor, e estou ainda tentando encontrar o meu caminho. Ninguém jamais me falou sobre solidão, sobre a dor de não ter um contato pessoal. Estou tentando ser um homem adulto para enfrentar tudo isso, mas me sinto como um menininho perdido. Por favor, proteja as meninas. Console-as para que possam dormir esta noite, e ajude também Sofia. Eu devia ficar mais em casa, mas não sei como. É mais fácil trabalhar."

Com essa confissão, Alec compreendeu que tudo o que dissera era verdadeiro. Seus olhos se fecharam cheios de sofrimento. Ele amava os filhos, mas precisava também amar a si mesmo, porque continuava a trabalhar demais. Sofia abrandara a culpa que sentia por deixar os filhos sozinhos mas, mesmo assim, ficava fora muito tempo. Sentindo-se muito egoísta e indigno, e estando muito cansado, foi se deitar.



Na manhã seguinte, Sofia estava no fim da rua, quando Alec apareceu na camionete. Ela acordara cedo e decidira caminhar um pouco. Naquele dia, ia visitar a senhora Nickelberry, mas sabia que a casa dela não ficava muito longe dali. Fizera tão pouca coisa no dia anterior que sentiu falta de exercício. Não viu Alec até que ele parou o carro e desceu. Sofia aguardou que se aproximasse.

— Olá, Sofia. Você saiu cedo.

— É uma boa hora para caminhar.

— Imagino que sim. Geralmente corro, mas faço isso à noite, quando as crianças estão dormindo.

Sofia acenou com a cabeça, indecisa sobre como responder. Alec salvou-a.

— Você está bem?

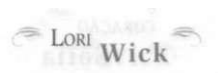
— Muito bem — disse ela e, depois, forçou-se a perguntar. — Devo sair do apartamento, senhor Riley, e procurar outro emprego?

— Não, Sofia, meus sogros vão embora na quinta-feira, e as crianças estão esperando a sua volta. As meninas me contaram o que aconteceu. Sinto muito.

— Não faz mal, senhor Riley, eu entendo. Ela está preocupada.

Alec concordou. Isso era verdade. — Agora, preciso ir trabalhar. Vou dizer aos meus filhos que você volta na quinta-feira.

— Está bem.



- Até logo.
- Até logo, senhor Riley. — Sofia ficou olhando enquanto ele se afastava e, depois, continuou a andar. Ficou pensando como era maravilhoso ter ainda o emprego, e se lembrou de agradecer a Deus pela sua bondade e provisão. Todavia, franziu a testa com o pensamento que teve naquele momento. Mas compreendeu que não poderia fazer nada a respeito. Seria cega, se não notasse como o senhor Riley era atraente.



As palmas das mãos de Sofia estavam levemente úmidas quando tocou a campainha da casa da senhora Nickelberry, mas não precisava ter ficado ansiosa. Ela se mostrou tão amável na terça-feira quanto fora no domingo.

- Sofia, estou tão contente que tenha vindo. Onde está seu carro?
- Não tenho carro. Andei.
- Ah, sim. Não é longe, não é?
- Não, muito mais perto do que a igreja.
- Você andou até a igreja, Sofia?
- Sim.
- Eu poderia ter lhe dado carona. Poderia ter levado você, mas vou ao primeiro culto, que começa às 8h30.

Sofia não sabia o que responder. Gostaria de ir ao primeiro culto, mas não sabia se Gladys queria realmente levá-la no carro.

- O almoço está pronto, entre e sente-se.
- Obrigada — disse Sofia em voz baixa, enquanto seguia a anfitriã. — Sua casa é linda, senhora Nickelberry.
- Oh, Sofia, por favor me chame de Gladys, e obrigada por suas palavras. Dell e eu construímos esta casa em 1957. Não posso imaginar viver em qualquer outro lugar. Criamos cinco filhos aqui, e a casa nos traz muitas lembranças.
- Sua família mora perto?
- Aqui e ali. Falo com eles todo o tempo. Senão pessoalmente, pelo menos nos falamos por telefone. Quando Dell e eu nos casamos, eu trabalhava como enfermeira. Ainda hoje, há pessoas que me telefonam, falando sobre o que



estão sentindo, antes de procurarem um médico. Sempre as aconselho a procurarem um médico primeiro, mas elas continuam me procurando.

Sofia riu com o que Gladys acabara de narrar. — Era assim com minha avó. Se eu estava preocupada ou doente, ela era a primeira pessoa que eu queria ver.

— Ela morreu?

— Não. Deveria estar morta. Teve câncer duas vezes e quase faleceu, mas ainda vive em Praga.

— E você tem saudades dela?

— Mais do que posso dizer — admitiu Sofia.

Gladys fez um aceno e perguntou: — Seus pais ainda vivem?

— Não. Minha mãe morreu quando eu tinha três anos e, depois, em 1968, quando a Rússia invadiu a Checoslováquia para deter os reformadores, meu pai e meu avô tombaram.

— Política, não é?

— Sim. Os líderes checos estavam decretando leis para nos dar mais liberdade, mas outros países comunistas temeram que seus povos nos seguissem e pedissem uma reforma, então atacaram. Minha família resistiu, e isso lhes custou a vida. Meu pai morreu assim que foi ferido, mas meu avô sofreu vários meses por causa dos ferimentos.

— O que trouxe você para os Estados Unidos, Sofia?

Sofia olhou para o espaço com a expressão de quem está sonhando e respondeu:

— Ouvimos tanta coisa! Ouvimos que havia tanta liberdade e oportunidades e que era uma terra de esperança incalculável. Minha avó e eu planejamos e oramos e, depois, decidimos incluir nossos nomes na lista para vir para cá. Antes disso, porém, os médicos descobriram que o câncer de minha avó tinha voltado. Era a segunda vez que ela estava com a doença. As coisas não pareciam boas daquela vez e, então, com muitas lágrimas, minha avó me disse: "Vá, Sofia, se inscreva. Eu vou embora antes que eles chamem o seu nome, mas eu morrerei sabendo que você viverá o nosso sonho". Então, assinei a minha inscrição. Depois nos envolvemos tanto com o tratamento de saúde de minha avó, que me esqueci que estava planejando minha vinda para a América. Um dia, porém, voltei do trabalho e encontrei uma carta para mim. Com um grande sorriso, vovó disse que eu deveria vir. Eu quis morrer de tanto sofrimento.



- Mas veio assim mesmo, não é?
- Sim. Era o desejo dela. Eu tinha dito que não viria se ela não desse o nome dela para ser posto na lista também. Ela diz que vai morrer antes que isso possa acontecer. Mesmo assim, assinou a lista. Estou poupando dinheiro para trazê-la para cá. Todos os dias oro pedindo que ela consiga vir para perto de mim.
- Oh, Sofia — Gladys teve vontade de chorar. — Que bom que você me contou isso! Agora posso orar também.
- Obrigada.
- Vamos comer? — perguntou Gladys, e Sofia assentiu.
- Elas estavam sentadas à mesa, mas antes de se servir, oraram juntas pela refeição. Alguns telefonemas interromperam a conversa das duas, mas na maior parte do tempo, estiveram livres para conversar. Gladys falou sobre ela e o marido, e Sofia desejou tê-lo conhecido.
- Não faz muito tempo que ele se foi, e eu às vezes ainda pego o telefone para ligar para o escritório, sem me lembrar que ele não estará mais lá.
- Ele não era aposentado?
- Não. Não trabalhava mais tanto quanto antes, mas mesmo assim ia todos os dias ao escritório.
- O que ele fazia?
- Era oftalmologista... médico de olhos. Há alguns anos, associou-se a outro médico e deixou de fazer as cirurgias. Isso o aliviou um pouco, mas ainda trabalhava algumas horas por dia, porque gostava muito da sua profissão. Um de nossos filhos seguiu os passos do pai e exerce a Medicina aqui em Middleton, no consultório de Dell. Uma de nossas filhas é enfermeira, e isso tem sido muito especial.
- Entendo...
- Você gosta de seu trabalho com os Rileys?
- Gosto muito. Amo as crianças. Tive alguns dias de folga esta semana porque os avós estão de visita, mas estou ansiosa por voltar.
- Você era governanta na Checoslováquia?
- Não.
- Então o que fazia?



— Era tradutora na Assembleia Federal.

Gladys piscou: — Uma tradutora de idiomas estrangeiros?

— Isso mesmo.

— Interessante. Que línguas você traduzia?

— Italiano, russo, alemão e polonês.

Gladys ficou olhando espantada para ela. — Você fala todas essas línguas?

— Sim — Sofia respondeu, mas estava começando a sentir-se desconfortável com a reação da amiga.

Gladys, então, a surpreendeu, fazendo uma pergunta em alemão, sem nenhuma hesitação. O rosto de Sofia iluminou-se, e ela começou a falar em alemão sem qualquer traço de acento ou hesitação. Conversaram assim por vários minutos, e nesse espaço de tempo, Gladys aprendeu muitas outras coisas sobre aquela mulher fascinante. Estava claro que o inglês era o problema de Sofia, porque, quando começaram a falar em alemão, fora como se alguém tivesse tirado a rolha de uma garrafa. Tudo o que Gladys pôde fazer foi ficar sentada imóvel, tentando entender.

— Em Chicago eu era invisível. Se a pessoa não fala de acordo com os padrões deles, não merece consideração. As vezes, eu ficava tão frustrada que queria gritar.

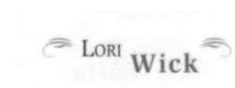
— E gritava?

— Só uma vez, mas não adiantou. Em vez disso, aprendi a orar, e acredito que o Senhor sabia que era importante. Tentei não me incomodar com a opinião dos outros.

— Quando me demiti para vir para cá, meu chefe disse que eu não devia fazer isso. Ele falou que eu era a melhor funcionária que já tivera. Perguntei por que ele nunca me dissera aquilo. A resposta dele foi que, se eu soubesse disso, poderia pedir aumento. Quando saí de onde estávamos, ele veio atrás de mim, gritando e dizendo que me daria aumento se eu ficasse lá.

— Evidentemente, você não aceitou.

— Não — respondeu ela enfaticamente. — Todos eles pensavam que eu era estúpida. Tive vontade de dizer que ele poderia me dar o restaurante inteiro, mas eu não continuaria a trabalhar ali. Entretanto, o Senhor me lembrou que eu deveria ser grata pelo fato de, pelo menos, ter tido um emprego.



Gladys e Sofia terminaram a refeição, mas a conversa estava longe de chegar ao fim. Tomaram café na espaçosa e clara sala de estar, e Sofia pôde ver todas as fotos da família da amiga, desde o retrato de casamento dos Nickelberry até a foto do último neto.

— Quantos anos você tem, Gladys?

— Sessenta e nove. Vou fazer setenta em janeiro.

Sofia abriu a boca de um modo pouco feminino, e Gladys riu alegremente. Ela não parecia nem agir como alguém dessa idade. Haviam voltado ao inglês quando Sofia se despediu e, na porta da frente, ela tomou a mão de Gladys.

— Faz tanto tempo, Gladys, desde que eu tive intermissão.

— Penso que a palavra que você quer é *interação*.

— Interação! É isso mesmo — disse Sofia triunfante. — Não tive interação com alguém que me desse tanta atenção durante tanto tempo. Obrigada por este dia.

— Oh, Sofia — respondeu Gladys sinceramente. — O prazer é todo meu. Temos de fazer isso novamente. Você sempre folga às terças-feiras?

— Não tenho certeza do dia das minhas folgas.

Gladys pensou um pouco. — Você quer ir ao primeiro culto, Sofia?

— Seria muito bom. Sou o que vocês chamariam de galinha da madrugada.

Gladys riu muito antes de explicar a razão. Ela terminou dizendo: — Apanho você às 8h15 e, depois da Escola Bíblica Dominical, você pode vir almoçar comigo.

Sofia aceitou sem hesitar e, no seu entusiasmo, quase se esqueceu de se despedir. Estava bem perto da casa dos Riley quando se sentiu voltando à realidade.

JÁ PASSAVA DAS 6H30 na manhã de quinta-feira quando Sofia olhou pela janela de sua sala e viu os Fraziers darem marcha a ré, saindo da garagem. Puxou a cortina quando o carro se afastou e viu o senhor Frazier olhando para cima. Sofia sorriu para ele e recebeu um pequeno aceno de cabeça como resposta. Sofia estava certa de que isso não era amável de sua parte, mas ficou contente com a partida deles. Uma hora mais tarde, quando as crianças saíram na van, Sofia pegou a chave e voltou ao trabalho.

A primeira necessidade do dia era lavar as roupas. Usara a pia do banheiro no apartamento, mas sabia que não poderia continuar a fazer isso. Durante quase uma semana, sentiu-se como se não estivesse limpa. Depois de colocar a roupa na máquina é que viu duas caixas bem grandes em um canto, tendo um lençol velho por cima delas. As caixas não estavam lá antes. Sofia, então, tirou o lençol de cima delas para ver que caixas eram aquelas. Como suspeitava, estavam endereçadas a Sofia Velikonja, aos cuidados de Alec Riley.

Sofia já percebera que a senhora Frazier não gostava dela, mas ver as caixas ali no canto até dava medo. Sabia que ninguém além de Peg poderia ter feito aquilo. Sentiu-se novamente feliz pelos avós terem ido embora e, depois, orou, procurando entregar a Deus o medo que sentia daquela mulher.

"O Senhor me trouxe até aqui. Ajude-me a continuar crendo." Bastou essa única sentença e, depois de orar, o dia ficou bem melhor. A senhora Frazier deixara a casa impecável, mas Sofia encontrou uma pilha grande de roupa no quarto do senhor Riley. Ela lavou a roupa, colocou-a para secar, organizou os armários de roupas de cama, passou o aspirador debaixo dos móveis na sala de estar e depois começou a preparar o jantar.

As crianças chegaram na hora habitual, e até Craig pareceu contente por vê-la. Conversaram sobre algumas coisas que aconteceram na escola e, depois de lanche, desapareceram para fazer as lições de casa.

LORI Wick

O senhor Riley não chegou para a hora do jantar. Sofia, então, pôs um quarto prato na mesa, para ela. Chegara à conclusão de que o senhor Riley ou chegava na hora, ou não vinha para o jantar. Comeu com as crianças e, pela primeira vez, alguém fez perguntas pessoais a Sofia.

— Sofia — perguntou Tory —, você gostava mais de trabalhar no restaurante do que aqui?

— Não — Sofia sacudiu a cabeça. — Gosto daqui.

— E a Checoslováquia? — Era quase incrível, mas fora Craig quem perguntara.

— Gostava do seu emprego lá?

— Sim, gostava.

— O que você fazia?

Ao lembrar da reação de Gladys, Sofia respondeu cuidadosamente:

Eu trabalhava para o governo.

— Meu pai diz que os salários que o governo paga são os melhores, mas isso nem sempre é bom. As pessoas passam a depender deles.

Sofia teve de concordar. Ela também já ouvira falar dos benefícios dos empregos do governo norte-americano. — Posso ver como isso acontece, mas penso que é diferente com a Assembleia Federal.

— Assembleia Federal? O que é isso? — indagou Tory.

— É o nosso governo.

Ela pôde ver que eles queriam fazer mais perguntas. Nesse momento, entretanto, Alec entrou pela porta dos fundos.

Sofia levantou-se imediatamente para sair da mesa, mas ele fez um gesto para que ficasse.

— Eu sento na outra cadeira, Sofia. Devia ter avisado que ia me atrasar.

Sofia levantou-se para arrumar o lugar de Alec, e colocar todos os pratos de comida ao alcance dele. Fez isso em silêncio e com eficiência, enquanto os Rileys conversavam em volta da mesa.

— Craig, vamos buscar o trator para o gramado este fim de semana. Você tem de me lembrar.

— Está bem. Vamos jogar basquete esta noite?

— Não sei.



- Tenho de ir estudar com a Tina — interrompeu Rita.
- Bem, isso responde à sua pergunta — disse Alec ao filho.
- Sofia não pode ficar comigo? — perguntou Tory e, de repente, todos os olhares se voltaram para a governanta. Sofia não sabia que Craig estava em suspense. Os jogos de basquete às quintas-feiras tinham sido o ponto alto da sua vida até que a mãe morreu.

Há tempos que Craig não falava em jogar, e agora estava tão cheio de esperança que mal podia se conter.

- Podíamos assistir a uma fita, Sofia — disse Tory antes que Sofia entendesse bem o que estava acontecendo. Ela olhou para o senhor Riley interrogativamente.
- Os homens da igreja se reúnem para uma partida de basquete nas noites de quinta-feira — explicou Alec. — Craig e eu gostamos de jogar. Rita costuma fazer companhia para Tory, mas esta noite ela vai estar ocupada. Se não quiser ficar, não faz mal. O aviso chegou muito tarde.
- Posso ficar com a Tory — respondeu Sofia e ficou contente por ter falado certo.
- Vamos assistir a uma fita — disse Tory com os olhos brilhando.
- Então, está tudo combinado — interrompeu Alec. — Mas quero que todos ajudem na arrumação da cozinha.

Não houve discussão sobre esse plano. Menos de uma hora depois, com a cozinha impecável, Sofia estava sentada ao lado de Tory no sofá da sala de estar com um filme passando na tela grande da televisão. Tory cuidou do controle remoto, e Sofia achou que ela o manejava como uma profissional. Tory deve ter notado que era observada e disse: — Quer fazer isso, Sofia?

- Oh, não, Tory. Você sabe usá-lo muito bem.
- Obrigada. Quando Craig está, ele é que toma conta do controle.

Sofia sorriu, pois isso não a surpreendia em nada. Elas comeram alguma coisa na metade do filme e, como já eram 20h30 quando o filme acabou, Tory foi direto para a cama.

Sofia ficou um pouco desapontada porque Tory não pediu que ela fosse acomodá-la, nem lhe deu um beijo de boa noite; mas como tudo tinha sido tão agradável, não foi difícil esquecer isso. Sofia lavou as tigelas de pipoca e, depois, voltou à TV. Estava se divertindo muito com o controle remoto quando Rita chegou.

LORI
Wick

— Como foram as coisas? — Sofia perguntou-lhe.

Rita caiu numa cadeira. — Muito bem. Fomos à casa de Tina e o irmão mais velho dela estava lá.

Rita não deu detalhes, e Sofia a pressionou.

— Isso é coisa errada?

— É, quando a gente está querendo estudar e Angie não consegue tirar os olhos dele.

— Ele está interessado nela?

— Não. — A voz de Rita ficou mais suave. — Tina diz que ele está interessado em mim.

— Isso não agrada você? Talvez ainda não possa namorar...

— Posso namorar. Tenho permissão para isso há um ano, mas não quero.

— Quer me dizer a razão? — perguntou Sofia gentilmente.

— Contaria se soubesse, mas não sei — Rita admitiu. — Desde que minha mãe morreu, não me senti bem sobre isso. Não tenho certeza de que vou querer me casar um dia.

Sofia pôde entender facilmente o motivo de a garota se sentir assim. O casamento valeria a dor da separação que todos estavam sentindo agora?

— Talvez você esteja se precipitando — disse finalmente.

— O que quer dizer?

— O que quero dizer é: por que você precisa namorar agora? Quem sabe quer esperar ainda algum tempo? Acho que isso vai ser bom. Se suas amigas estão pressionando você para namorar, talvez tenha de arranjar outras amigas.

Rita olhou para Sofia. O problema era justamente esse. Rita, uma garota delicada e muito atraente, com uma personalidade doce, era convidada regularmente para sair. As amigas sempre insistiam em que ela deveria aceitar os convites, em lugar de dizer não. Alguns dos rapazes que a convidavam também se sentiam rejeitados e a chamavam de esnobe. Mas o pior mesmo é que muitas das meninas que pareciam ser suas amigas íntimas não a compreendiam. A única que lhe entendia era Tina. Com poucas palavras, Sofia tinha feito Rita pensar muito no assunto.

— Você está melhor agora, Rita?

— Sim, Sofia, estou. — A voz de Rita mostrava que ela estava decidida. — Não preciso namorar até que esteja pronta, não importa o que alguém diga.

CORAÇÃO
de Sofia

Sofia sorriu. Na opinião dela, medo de ter intimidade com alguém não era bom, mas resolveu que, sobre isso, conversaria com Rita mais tarde. Levantou-se para sair, mas ainda precisava dizer alguma coisa para Rita:

— Não tenho intenção de pressionar, Rita, mas preciso lhe falar uma coisa. Se Deus tiver um parceiro para você, vai ser a coisa mais maravilhosa em sua vida. Não faz mal ficar muito ou pouco tempo com alguém, nossa vida fica maior do que se nunca o tivéssemos tido conosco.

Rita concordou. Quando as duas se despediram, sua mente ainda estava voltada para o assunto sobre que tinham acabado de conversar. Sofia saiu, e Rita continuou ali imóvel. Quando Alec e Craig voltaram logo depois das 21 horas, ela ainda não subira para o quarto. Craig foi diretamente tomar banho, mas quando Alec entrou, viu a filha mais velha na sala de estar e se juntou a ela.

— Como foi o estudo? — perguntou a Rita e se acomodou numa poltrona.

— Foi tudo bem. Pai, você gostaria de nunca ter encontrado a mamãe, em vez de ter de despedir-se dela, como tivemos de fazer?

Alec não respondeu logo. Não porque não tivesse resposta para a pergunta de Rita, mas porque parecia que a pergunta tinha surgido do nada.

— Você deve estar lembrada, Rita — começou ele —, de que conheci sua mãe na Escola Bíblica Dominical.

Rita fez que sim, e Alec prosseguiu tranquilamente:

— Eu estava na Universidade de Wisconsin, lutando com meus estudos e querendo namorar alguém. Entretanto, não conhecia colegas que fossem cristãos, e mantinha defesas levantadas em relação às mulheres no campus. Um domingo, fui à Escola Bíblica Dominical, certo de que receberia do Senhor uma garota cristã vinda numa bandeja; — Os dois sorriram com a descrição, e Alec continuou — Quero que você saiba que sua mãe despertou o meu interesse por suas qualidades espirituais, mas que também eu a achei bonita. Certo dia, quando estávamos almoçando, ela sorriu para mim lá do outro lado da mesa. Meu coração se derreteu.

— Começamos a namorar na segunda semana de aulas. Um mês depois, eu a pedi em casamento. Dei-lhe um anel no Natal, e nos casamos no mês de julho seguinte. Nosso noivado foi longo, mas nosso namoro foi curto. Creio que isso faz muita diferença. Teríamos feito a coisa certa? Acredito que sim, mas acho que fomos apressados demais. Nosso primeiro ano de casamento

foi bem tempestuoso, porque não tínhamos tido tempo suficiente para nos conhecermos melhor; e ambos éramos muito egoístas. Nenhum de nós dois dedicava tempo suficiente à leitura da Bíblia e raramente íamos à igreja.

- Ela agora se foi, e você me pergunta se lamento tê-la conhecido. A resposta é um não categórico. Não lamento. Mas, Rita... — Alec inclinou-se na cadeira — sinto não ter feito as coisas de modo diferente. Deveríamos ter namorado mais tempo, estabelecido padrões para o nosso casamento. Sinto que erramos demais na parte espiritual, especialmente nos últimos anos antes da morte dela. Na verdade, estávamos afastados das atividades da igreja, e não buscávamos a Deus como fazíamos antes. Quando sua mãe faleceu, poucas pessoas fora da família vieram nos visitar. E a razão é óbvia: o nosso mundo ficara bem menor; limitava-se a nós cinco.
- Meu amigo mais íntimo é o seu tio Davi, mas ele mora em Chicago. Sua mãe estava começando a se envolver com as senhoras do grupo de estudo bíblico, mas preferíamos passar nosso tempo à beira do lago a permanecer sentados na igreja. Foi um erro. Sei que me desviei da sua pergunta, mas não é fácil responder com um "sim" ou "não". Arrependo-me de algumas coisas, e estou tentando consertar o que posso. Não lamento em nada, porém, ter conhecido e casado com sua mãe. Ela era muito preciosa para mim e viverá sempre no meu coração. Isso faz sentido para você?
- Faz sim — Rita respondeu. Era estranho que nenhum dos dois estivesse chorando. Alec voltou-se para a filha e perguntou:
- Por que você perguntou, Rita?
- Porque estive conversando com Sofia e ela me falou que, quando tivermos alguém, seja por um longo tempo ou por um período curto, não importa, o bom será ter tido esse alguém conosco.
- Ela tem razão, mas é perfeitamente normal imaginar se teria sido mais fácil não ter passado por isso. Se não fosse por vocês, os meus filhos, seria insuportável. Sem sua mãe, sinto como se estivesse faltando uma parte de mim. Mas não posso conceber a ideia de não ter tido vocês.
- Rita assentiu, evidentemente ainda pensativa. Alec achou que ela parecia cansada.
- Melhor ir para a cama, Rita.
- Está bem. Você vai subir?

CORAÇÃO

de Sofia

— Sira. Tenho de falar com o Craig antes que ele gaste toda a água quente.
Foi um tempo de conversa bem agradável. E Alec e Rita subiram para os quartos.

— O aniversário de Rita é daqui a alguns dias. Ela vai fazer dezessete anos
— disse Alec a Sofia. Ele chegara em casa no meio do dia na sexta-feira.
- Vamos ver... — ele pegou o calendário da cozinha. — Será na próxima quarta-feira, 27 de setembro. Gostaria que você fizesse um bolo.

— É claro, senhor Riley. Que sabor Rita gosta?

— Somos todos loucos por bolo de chocolate.

Sofia tomou nota.

— Vai ser uma festa grande, com um bolo grande?

— Não, logo depois do jantar, só nós cinco.

— Pode deixar. Quer alguma outra coisa? Talvez um sorvete.

— Sim, e você pode perguntar o que ela gostaria de comer naquela noite.

Sofia assentiu e tomou nota de outras coisas num pedaço de papel. Depois, levantou os olhos e viu que Alec a observava.

— Não tive oportunidade de agradecer a você por ter ficado com a Tory ontem e por todo o trabalho que faz aqui. Aprecio muito tudo o que tem feito, Sofia.

— Estou às suas ordens, senhor Riley. — Estava claro que ela queria falar mais alguma coisa com Alec. Então, ele permaneceu calado, esperando. Finalmente ela conseguiu falar.

— Penso que não me enganei, senhor Riley, mas não sei sobre dinheiro. Vou ter dia de pagamento logo?

— Oh, que cabeça! — Exclamou Alec, e Sofia ficou admirada. — Eu ia telefonar para o meu contador e esqueci. Vou fazer isso agora mesmo. Sinto muito, Sofia. Vou lhe dar um cheque ainda hoje.

Ele começou a levantar, mas Sofia o deteve.

— Mas não trabalhei sempre esta semana, e na semana passada um dia não fiquei aqui, e a senhora Frazier fez serviços e...

Lori

Wick

— Você chegou no dia 11 de setembro, não é? — Alec apontou para aquela segunda-feira no calendário e Sofia concordou. — Então é só o que preciso saber.

Com isso, ele foi embora, e Sofia ficou sozinha na cozinha. Tomou mais algumas notas e voltou à pia para lavar os pratos. Estava com os braços até os cotovelos na espuma quando Alec voltou e pegou o telefone.

— Venha, Sofia, fale com o Jeff. Ele é o meu contador e precisa que solete o seu nome e dê mais algumas informações.

Sofia enxugou depressa as mãos e pegou o telefone. Ouviu o ruído do aparelho no escritório de Alec e, depois, alguém a cumprimentando.

— Olá — respondeu ela e, num momento, deu a Jeff os dados que já sabia de cor. Ele voltaria a telefonar daí quinze minutos, para saber o número do seu cartão da previdência e as informações do cartão de registro de estrangeiros (o *green card* norte-americano), dando tempo para que Sofia fosse buscar a bolsa.

Poucos minutos depois que ela desligou o telefone, Alec gritou "até logo" da porta de frente, dizendo que voltaria para jantar. Sofia não teve tempo de responder, mas isso não era importante. O importante era que as crianças voltariam da escola em duas horas e ela ainda tinha uma porção de coisas para fazer.

12

SOFIA NUNCA PENSOU em tirar o sábado de folga. Assim, às sete horas naquela manhã já estava na cozinha dos Rileys. Tory já se encontrava na sala assistindo a desenhos, e Sofia começou a fazer pão. A massa teria de crescer durante grande parte do dia. Ela não pensou muito nisso até que o senhor Riley apareceu na cozinha usando *shorts*, mas sem camisa e descalço. Ficou claro por que Sofia nunca pensara em tirar folga: ela não sabia que era sábado. Alec também se surpreendeu ao vê-la, mas Sofia não percebeu a sua expressão de espanto. Sentindo-se muito sem graça com a presença de Alec, Sofia ficou olhando para o chão. Foi ele que a salvou do impasse:

— Você poderia fazer um café? Vou ler os jornais na sala, Sofia.

— É claro, senhor Riley.

A razão por que Alec não disse que Sofia não trabalhasse naquele sábado era que ele precisava sair durante algumas horas para ver duas casas que estava construindo. Ele se sentia mal por ter de ausentar-se, mas saber que Sofia estaria em casa o tranquilizava. Desapareceu na escada para buscar uma camisa, e ela continuou com o trabalho.

Havia muita coisa a fazer, e tão logo pôde escapar, Sofia foi cuidar das plantas no lado de fora da casa e na garagem. Há muito tempo aquelas plantas estavam esquecidas. Ninguém pedira que ela fizesse aquilo. Mas era uma coisa que ela gostava de fazer.

Já era quase meio-dia. Sofia estava entrando em casa para continuar seu trabalho, quando ouviu a voz de Tory cheia de frustração:

— Por favor, Rita. Por favor, vá comigo.

— Não, Tory, eu não quero. Peça ao Craig.

— Ele já disse que não, e papai saiu, por isso você não pode obrigá-lo.

— Eu também não quero ir.

Lori
W i c k

Sofia chegou no momento em que Rita desaparecia pela porta de entrada.

— Olá, Tory.

— Oi, Sofia — disse ela com um ar de zanga. — Rita não quer andar de patins comigo.

— Olhe — Sofia disse calmamente —, não é agradável fazer uma coisa que não se quer fazer.

— Mas Rita não tem uma boa razão para não ir — a voz de Tory mostrou a Sofia a sua indignação.

— Eu iria com você, Tory, mas não tenho patins.

O rosto de Tory se iluminou. — Você iria patinar comigo?

— Sim, gosto de patinar, mas não tenho...

— Craig! — berrou Tory antes que Sofia pudesse terminar de falar, e correu para casa como se os fundilhos de seus *shorts* estivessem pegando fogo. Sofia seguiu-a mais devagar e, antes que pudesse sequer lavar a terra das mãos, Tory estava de volta com um par de patins pretos de rodas alinhadas.

— Estes são os velhos de Craig, eu sei que servem em você.

— Oh, Tory — foi tudo o que Sofia pôde dizer.

— Você não quer ir? — A menina parecia desapontada.

Sofia procurou palavras. Quando morava em Chicago, tinha visto muitos patinadores com as rodas todas na mesma linha, mas nunca se imaginou naqueles calçados.

— Sim, Tory — disse finalmente —, eu vou, mas nunca andei nesses.

— Quer dizer em patins de rodas alinhadas?

— Sim.

— É fácil, Sofia — afirmou Tory com plena confiança. — Acho até que é mais fácil do que os outros.

Sofia estava definitivamente cética, mas não teve oportunidade de responder, pois Rita voltou à cena, com seus patins na mão.

— Eu vou com você, Tory — disse ela. — Tina ficou de telefonar, mas não vou ficar esperando.

— Oh, Tory — Sofia praticamente gaguejou de alívio. — Rita está aqui para ir com você agora.

CORAÇÃO
de Sofia

Mas quando Rita descobriu que Sofia estava disposta a patinar, ela e Tory suplicaram que as acompanhasse. Pensando que tinha se livrado quando Rita apareceu, Sofia ficou horrorizada quando ouviu-se concordando em patinar com as duas meninas. Com o coração pesado, subiu para vestir sua única calça comprida. Era de poliéster e não ajudava em nada para que ela se mostrasse elegante. Mas, para patinar, uma calça comprida era bem melhor do que uma saia. Vinte minutos mais tarde, as três damas patinavam pela calçada. A boca de Sofia estava aberta, enquanto ofegava em pânico, e Tory caiu na gargalhada.

— Você está indo bem, Sofia! — gritou a menina menor.

— Acho que vou cair.

— Não, não vai.

Na verdade, Sofia estava indo melhor do que imaginara. Mas quando se aproximaram do fim da praça, seus tornozelos e barriga das pernas já gritavam de dor. As meninas a levaram até o parque e, nesse ponto, Sofia pediu que parassem. Caiu na grama, estirando os braços e as pernas, com a boca bem aberta e fazendo força para respirar.

— O coração de Sofia vai parar — ofegou ela.

As meninas haviam caído ao lado dela, as duas rindo e nada arrependidas.

— Vocês fazem isso sempre? — ela quis saber.

— Não tanto quanto antes de a mamãe morrer — admitiu Rita.

Sofia apoiou-se num cotovelo e olhou para os rostos ao seu lado. Elas eram tão diferentes! Podia-se ver que Rita ia ser miúda. Sua estrutura óssea era delicada e o tipo, longilíneo. Tory, todavia, já apresentava sinais de que seria tão robusta quanto Alec e Graig. Era bem alta, de complexão forte e demonstrava habilidade atlética.

— Sua mãe vinha patinar com vocês? — Sofia perguntou depois de uma pequena pausa, ainda tentando ganhar fôlego.

— Sim, mas ela não gostava de patinar. Preferia andar de bicicleta.

Sofia fez um ar de surpresa, e as meninas riram.

— Vocês me obrigaram a patinar até meu coração quase explodir e depois me dizem que têm uma bicicleta? Que crueldade! — Sofia brincou com elas.

As meninas riram outra vez, mas logo voltaram a ficar sérias.

— As coisas são agora tão diferentes!... — disse Rita olhando o parque. Havia pessoas espalhadas aqui e ali, no geral mães com crianças pequenas.

LORI
Wick

— Fico pensando que ela vai entrar pela porta e dizer que tudo foi um grande engano. Não consigo entender por que ainda me sinto assim. Já faz quase um ano.

— Tenho a data marcada no meu calendário, — disse Tory baixinho.

— Você tem, Tory? — perguntou a irmã. — Eu não sabia disso.

— Eu não queria dizer... — Ela parecia tão insegura que Sofia sentiu vontade de chorar. — Craig viu e ficou com raiva, e então guardei na minha escrivaninha.

— Qual é a data, Tory? — Sofia perguntou amavelmente.

— Doze de outubro.

Sofia mostrou compreensão. — Minha mãe morreu quando eu era bem pequena, e todos os anos colocamos flores no seu túmulo. Seu pai talvez queira fazer isso com vocês.

— Não sei — disse Rita em dúvida. — Parece tão deprimente.

— Foi muito triste naqueles primeiros anos — admitiu Sofia. — Mas minha avó achava que era importante lembrar, mesmo que doesse, e agora estou feliz por termos feito isso.

— Que idade você tinha?

— Só três anos.

— Você ainda tinha pai, não é? — Tory quis saber.

— Só por algum tempo; ele morreu quando completei sete.

— É muito pessoal se lhe perguntar quantos anos você tem agora, Sofia?

— Não, Rita, não faz mal. Tenho vinte e oito.

As meninas ficaram em silêncio. Vinte e um anos sem os pais era quase uma eternidade para elas; Sofia, porém, parecia ter-se ajustado à situação. De fato, Rita pensava que ela era uma das pessoas mais bondosas que já conhecera. No entanto, no caso dela, era impossível pensar que todos esses anos poderiam fazer diminuir a dor que latejava em seu íntimo. Ela sabia que Tory e Craig sentiam a mesma coisa.

Como se Rita tivesse chamado seu nome, Craig apareceu patinando. Ele logo as viu e se juntou a elas no gramado.

— O que estão fazendo?

— Só conversando.

CORAÇÃO
de Sofia

— Papai já voltou? — Tory quis saber.

— Não — Craig pareceu irritado. — Ele disse que seriam apenas algumas horas, mas vocês já sabem como é.

— Ele vai tirar folga amanhã — Tory lembrou em defesa do pai.

— Se não receber um telefonema... — Craig parecia outra vez zangado.

O coração de Sofia doeu por causa de Craig. A ira não faz bem a ninguém. Não resolve nada e torna difícil a convivência com a pessoa irada. Sofia vira isso com o próprio pai, até que ele compreendeu que estava assustando a filha pequena, a ponto de afastá-la dele. Quando a filha precisou desesperadamente dele, o pai a havia aterrorizado. A noite em que as coisas chegaram ao auge da agitação ainda estava na mente de Sofia, como se tudo estivesse acontecendo de novo.

Naquela noite ele fora buscá-la na casa da avó. A mãe morrera havia algum tempo, e ela já estava com quatro anos de idade. O avô também estava em casa, e quando Sofia soube que o pai vinha, correu para esconder-se debaixo da cama dos avós. O apartamento era pequeno, porém ela ouviu cada palavra trocada na sala.

— É sempre a mesma coisa — resmungou Vladimir enquanto se sentava pesadamente numa cadeira da cozinha. — Eles esperam que você seja fiel, mas o tratam como a um cão.

Nem Vasek nem Kasmira fizeram comentários depois disso. Os dois estavam pensando nas palavras de Sofia havia dito uma hora antes.

— É este sistema. Quem pode viver com ele? Minha mulher morre e ninguém se importa. Esperavam que voltasse ao trabalho uma hora depois do enterro.

— Isso aconteceu faz meses, Vladimir. Quando vai esquecer?

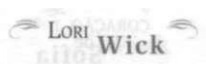
— Nunca. Nunca vou amolecer. Quando você faz isso, eles realmente pegam no seu pé.

— Deus não está no controle? — o sogro perguntou, mas Vladimir só franziu a testa e disse: — E Sofia, onde está?

Os avós trocaram um olhar antes de responder ao genro:

— Ela está no quarto. Mas ela nos disse que não quer voltar para casa com você.

— Que loucura é essa? — A ira voltou com força total. — Ninguém me respeita no trabalho, e agora minha filha pensa que pode me tratar assim? Venha cá, Sofia, vamos para casa.



Sofia não se moveu durante alguns segundos, mas depois ouviu a voz cheia de ira do pai.

— Sofia! Está me ouvindo? Venha!

Ela se arrastou e saiu de debaixo da cama, indo até a porta do quarto. Suas mãos pendiam de cada lado do corpo, agarrando forte o tecido da roupa que vestia. Olhou para o pai aterrorizada, mas ele não lhe deu atenção.

— Vamos para casa agora — disse ele parecendo estar um pouco mais calmo.

— Fique para comer — Kasmira tentou agradá-lo. — Temos bastante.

— Não. — Vladimir estava zangado com ela também. — Vamos embora.

— Por favor, Vladimir, você está assustando a menina.

— Bobagem. Venha Sofia!

A menina olhou para os avós enquanto saía pela porta. Só anos mais tarde ela soube que a avó tinha tentado impedir que o pai a levasse. Vasek interveio, até fisicamente, evitando que Kasmira agisse contra o genro. O pai não falou nada ao deixarem o apartamento dos sogros. Ficou em silêncio durante todo o caminho para casa e permaneceu em silêncio, mesmo quando pegou um pouco de pão preto e queijo para o jantar. Sofia tentou comer, mas teve dificuldade para engolir. O clímax do descontentamento do pai foi o momento que Sofia derramou o leite que estava tomando:

— Oh, Sofia — falou o pai com irritação. — Veja que sujeira. Espirrou tudo nas roupas.

Sofia recuou amedrontada quando ele se aproximou com um pano para enxugá-la, e seu olhar o deteve. Sua fisionomia, no entanto, não abrandou e ela ficou com mais medo do que nunca. Desceu da cadeira e esticou as mãos à sua frente como para proteger-se.

— Sinto muito, papai. Sinto muito, sinto muito.

— Venha aqui, Sofia — disse ele finalmente, mas ela estava em pânico para ouvir.

— Desculpe, papai, por favor. Desculpe. Oh, mamãe, por favor me ajude.

Algo aconteceu ao pai naquele momento. Ela era criança demais para reconhecer; mas, anos depois, viu que tinha sido um ponto decisivo. Vladimir adiantou-se e, delicadamente, limpou o leite do vestido da filha trêmula e, com a mesma gentileza, a colocou de volta na cadeira. Colocando seu prato mais



perto, sentou-se junto a ela e começou a falar, então, numa voz normal, uma voz que ela não ouvia há semanas.

— Coma mais um pouco de queijo, Sofia. Olhe este pedaço do seu tamanho. Não queremos deixar nada para os ratos, você deve comer tudo. Quer mais um pouco de leite ou de água?

— Água, por favor —, respondeu ela baixinho.

— Vamos achar um copo limpo. Vai me ajudar a lavar os pratos esta noite?

Sofia fez que sim e tomou um gole grande. Eia não percebera até então como estava com sede. Bebeu tudo, e o pai foi encher de novo o copo. Ele não falou muito enquanto comiam, mas suas maneiras com ela eram bondosas.

Uma hora mais tarde, os pratos estavam lavados e secos, e Sofia vestira a camisola. Vladimir pegou-a nos braços e a colocou na grande cadeira estofada da sala de estar. Sofia esperara ser mandada para a cama, e aquela atitude do pai foi uma surpresa.

— Que história vamos ler, minha Sofia?

— *Cheery, Cheery Baker Man* [Fique alegre, alegre, padeiro] —, respondeu ela imediatamente. — Era a favorita da mamãe. Se nós a lermos, talvez ele ouça.

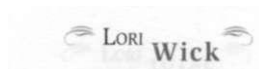
— É mesmo, minha Sofia, talvez ela ouça.

Aquele dia foi fundamental para o relacionamento deles. Vladimir continuava lutando com sua ira contra o sistema em que viviam e com a morte da sua jovem esposa. Mas esse duro sentimento nunca mais foi dirigido a Sofia e raramente o pai demonstrava a sua ira na presença da filha. Em poucas semanas, a confiança e o amor dela pelo pai foram restaurados. Ele lhe dava atenção, sempre que seu horário de trabalho permitia.

O senhor Riley não denotava ter a ira que Sofia vira retratada no seu pai. Mas as longas horas que passava longe dos filhos, ainda que trabalhando, eram verdadeiramente preocupantes. Não era saudável para nenhum dos três. Sofia perguntou-se quanto tempo levaria para que o senhor Riley percebesse isso. Depois de observar o rosto de aborrecimento de Craig, Sofia se perguntou se Alec voltaria a tempo de dar atenção ao filho.

— Sofia?

Ela ouviu seu nome e compreendeu que alguém a chamara várias vezes.



— O que foi, Tory?

— Você parecia tão distante!

— E estava mesmo — admitiu. — Do outro lado do oceano e num tempo que já passou.

A resposta misteriosa de Sofia e seu rosto contemplativo, cheio de paz e de afeto, não convidavam a perguntas. Rita, vendo isso, sugeriu que fossem patinar de novo. Os outros se juntaram a ela, e os quatro ficaram no parque muito tempo. Todavia, esse tempo não foi suficiente. Quando voltaram para casa, não havia ainda sinal do jovem viúvo.

GLADYS FOI PONTUAL na manhã seguinte ao apanhar Sofia, mas o estacionamento já estava lotado, e elas se atrasaram um pouco para o culto. Sentaram-se, então, silenciosamente no fundo do salão de cultos, a tempo de ouvir o final dos avisos.

Uma hora e quinze minutos depois, começava a Escola Bíblica Dominical. Gladys explicou o processo a Sofia.

— Veja bem — Gladys virou o boletim de Sofia para o outro lado —, aqui está uma lista das aulas oferecidas agora. Estou na classe de nosso pastor-assistente. O assunto que estamos estudando é "O fruto do Espírito", mas há outras cinco.

Sofia leu a lista.

— Se souber a qual quer assistir, vou ensinar-lhe onde fica antes de ir para a minha classe. — Gladys disse isso, esperando que Sofia a acompanhasse. Mas a resposta da amiga a surpreendeu:

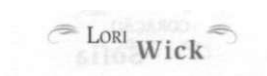
— Acho que vou para "O evangelismo como um estilo de vida". É uma aula boa, Gladys?

— Claro que sim, Sofia. O professor é um dos nossos presbíteros, e ele sabe muito bem como tratar as pessoas.

— Vou então a essa. "O evangelismo como um estilo de vida."

Gladys sorriu ao ouvir a pronúncia cuidadosa da amiga, e as duas se levantaram. Era uma igreja grande. Gladys levou Sofia do vestibulo para uma sala carpetada, no subsolo. Elas se despediram planejando encontrar-se no carro. Sofia entrou e ocupou uma cadeira no fundo da sala. Viu um homem de pé em cima de uma pequena plataforma, e logo compreendeu que era o professor. Sofia estava lendo o boletim quando ele se aproximou e dirigiu-se a ela:

— Bem-vinda à nossa classe.



— Obrigada, — disse ela.

— Meu nome é Jim Parman.

— Eu sou Sofia.

— Prazer em conhecê-la, Sofia.

Os dois trocaram um aperto de mãos e Jim apresentou sua esposa, Marlyce, que estava sentada à frente de Sofia. As duas conversaram um pouco, e Marlyce apresentou a visitante a um casal que estava à esquerda. Jeff e Susana Crowe deram um sorriso de boas-vindas e Sofia sentiu-se grata pelo interesse e bondade que lhe haviam demonstrado.

— Conheci Vanessa Riley — contou Susana a Sofia quando soube que ela estava trabalhando na casa dos Rileys. — Assistíamos à mesma classe de estudo bíblico.

— Faz muito tempo? — perguntou Sofia.

— Não — disse Susana. — Vanessa tinha estado na classe naquela manhã. Contou-nos que não frequentava a Escola Bíblica Dominical havia anos, e que estava realmente desejosa de voltar a frequentá-la o ano inteiro. Como você pode imaginar, todos nós ficamos muito pesarosos com o que aconteceu.

— E agora ela se foi — disse Sofia baixinho.

— É verdade. As vezes é difícil não saber a razão das coisas, não acha?

— Vamos recapitular o estudo da semana passada — disse o senhor Parman à frente da classe, e Sofia não teve tempo para responder.

Passou a ouvir calada e atentamente o que o professor dizia. Em pouco tempo, pôde perceber os erros que, involuntariamente, cometera durante o tempo que passara trabalhando no Tony's.

— Paulo, o apóstolo, estava disposto a ser tudo o que deveria ser, para que pudesse alcançar outros para Cristo — disse o senhor Parman. — Isso era alvo de críticas. Mas, para Paulo, só Cristo importava. Ele declara isso em ICoríntios 9. Vou ler uma parte desse texto, começando com o versículo 19:

Porque, sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível. Procedi, para com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus; para os que vivem sob o regime da lei, como se eu mesmo assim vivesse, para ganhar os que vivem debaixo da lei [...]. Fiz-me fraco para com



os fracos. [...] Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns.

— É justamente isso o que temos falado durante todas essas semanas. Se esperarmos que os incrédulos nos procurem, não vamos evangelizar ninguém. Temos de estar dispostos a nos juntar a eles em seu mundo, a mostrar-lhes amor e aceitação antes de lhes falar de Cristo. Esse foi, certamente, o método de Jesus. Vejam Lucas 19. Jesus encontra Zaqueu e quer compartilhar uma refeição com ele. O povo da cidade ficou escandalizado. Notem o versículo 7: *Todos os que viram isto murmuraram, dizendo que ele se hospedara com homem pecador.* Se continuarmos a ler, porém, veremos que Zaqueu entregou a vida a Cristo no versículo seguinte.

— Não se deve considerar alguém um caso perdido ou abaixo de nossa consideração. Temos a tendência de julgar as pessoas: *Ele fuma e trabalha demais; ela está irritada o tempo inteiro; eles não vão se interessar por Cristo.* Não podemos fazer isso. Devemos estar dispostos a ser luz para os que estão em trevas.

A hora passou antes que Sofia percebesse. O que ela ouvira, deixou-a cheia de entusiasmo. Perdera algumas ótimas oportunidades enquanto estava em Chicago, mas hoje era um novo dia e amanhã também.

Quando a aula terminou, voltou depressa para o carro, desejosa de contar a Gladys o que aprendera. Só esperou alguns minutos até ver a amiga caminhando em sua direção.

— Que tal? — foi a primeira pergunta de Gladys.

— Oh, Gladys, aprendi tanto! Cometi erros, mas aprendi muito.

— Que bom! Eu também me sinto assim depois de ter assistido à minha classe.

As duas continuaram conversando, enquanto entravam no carro e partiam, mas Sofia ficou momentaneamente perturbada ao ver Alec chegando de van com as crianças. Isso significava que não tinham vindo para a Escola Bíblica Dominical.

"Senhor, estou pronta para ir e levar a salvação para o mundo. Mas creio que aqueles que estão perto de mim necessitam mais. Ajude-me a ajudá-los." — Sofia orou em seu coração.

— Tenho almoço no forno para nós — disse Gladys. — Podemos almoçar assim que chegarmos em minha casa.

— Está bem — respondeu Sofia na mesma hora. E continuou orando interiormente pelos Rileys.



— O que você fez ontem? — perguntou Gladys depois de se acomodarem confortavelmente na sala de estar.

— Assei pão e fui ao parque com as crianças.

— Oh, você trabalhou ontem.

— Sim.

— Deve ser bom ter uma folga depois de trabalhar seis dias.

— Não trabalhei a semana inteira, — admitiu Sofia.

— Os avós das crianças vieram, e a senhora Frazier fez o trabalho.

Algo no rosto de Sofia levou Gladys a perguntar:

— Isso foi escolha sua ou dela?

— Dela. A senhora Frazier ficou aborrecida quando me viu, penso. Esperei até que fossem embora e, então, voltei e trabalhei.

— Ficou com medo de perder o emprego?

— Sim, ainda estou.

— Por quê?

— Por que é tempo experiência. É tempo decisão para o senhor Riley. Sou a primeira que eles têm e pode não dar certo. — A ideia de ir embora era tão perturbadora para Sofia, que até seu inglês falhou.

Gladys olhou com compaixão para a amiga por alguns instantes antes de dizer:

— Quer vir comigo por um momento, Sofia?

— Claro, Gladys.

Gladys voltou ao *hall* de entrada de sua casa e abriu a porta que dava para o porão. Acendendo as luzes enquanto andava, desceu as escadas, acompanhada por Sofia. Quando parou no fim da escada, Sofia encontrou-se em outra casa.

— Aqui há três quartos e um banheiro. A cozinha não é separada da sala de jantar, mas tudo é tão espaçoso que isso não importa. No fundo há duas despensas. Esta é a sala da fofalha e, é claro, a sala de estar. Como pode ver, tem entrada própria.

Sofia olhou em volta e, depois, para Gladys. Esta continuou a falar:



— O que estou tentando dizer, Sofia, é que se você algum dia precisar, venha para cá. Gosto de passar algum tempo sozinha todos os dias, mas estes cômodos permitem que alguém more aqui e, mesmo assim, eu tenha completa privacidade. Há até uma fechadura na porta do porão, de modo que não preciso preocupar-me com a possibilidade de a pessoa entrar de repente. Esta entrada permite que entre e saia quando quiser. Espero que o seu trabalho dê certo para você, Sofia, mas se não der, venha falar comigo.

— Obrigada, Gladys, não vou me esquecer disso.

— Gostaria de tomar um café. Você vem?

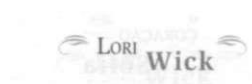
— Vou sim.

Sofia ficou até o meio da tarde e, depois, caminhou lentamente de volta para casa. Era bom saber que Gladys poderia ajudá-la. Já havia refletido muito sobre o que faria se o emprego não desse certo. Achava que, se isso acontecesse, não ficaria permanentemente com Gladys, mas era confortante saber que, se houvesse necessidade, tinha para onde ir.



Aquela segunda-feira seria um dia de rotina para Sofia. A única coisa diferente era que teria de ir ao supermercado. Iriam tão logo as crianças chegassem da escola. Sofia tinha certeza de que Tory iria com ela, mas Craig, não. Fez biscoitos de chocolate para agradar o menino. O fato de Craig ter se juntado a elas no parque, no sábado, deixou-a mais animada com relação à convivência com ele. Mas ainda sentia que ele passava muito tempo sozinho. Sofia desejava muito que o menino sentisse que ela se importava com ele, e achou que aquele gesto de bondade denotaria que pensara nele durante o dia.

Marcou o horário do forno de maneira que os biscoitos ficassem prontos no momento em que as crianças entrassem pela porta. A cozinha e toda a parte térrea da casa cheiravam a chocolate. Até Sofia tinha a boca cheia de água. Já terminara as outras tarefas e sua lista de compras estava pronta. Só precisava esperar até que a turma chegasse.



- Você vai convidar o Craig para a sua festa na sexta?
- Não — respondeu Tyler. — Ele está de cara feia há semanas. Ninguém quer ficar perto dele.
- Acho que devia convidá-lo — Rick Bennett observou.
- Você convidaria, Bennett, pois sua mãe força você a fazer coisas com o Craig.
- Cale a boca, Tyler. Ela não faz isso!
- Claro que você não vai admitir.
- Esqueça, Tyler. Eu não iria à sua festa nem que você me suplicasse — Rick replicou.
- Pode ficar certo, Bennett, não vou fazer isso.

Tyler e os outros três meninos saíram, e Rick ficou sozinho. Ao voltar-se, viu Craig parado perto dos armários do ginásio de esportes. O rosto dele era de fúria, mas por trás dessa raiva, Rick pôde ver que ele estava magoado.

- Não tem importância, Craig.
- Eu sei.

Rick não sabia mais o que dizer. — É melhor eu ir, minha mãe deve estar me esperando.

Craig fez um aceno e, momentos depois, saiu atrás do amigo. Tory já estava no carro, sentado no banco da frente. Craig bateu a porta com tanta força que ela não fechou direito e ele teve de batê-la outra vez. Depois de estar no carro, ele continuou de mau humor, e as duas irmãs sabiamente não abriram a boca. O silêncio continuou na volta para casa, e o trajeto pareceu mais longo por causa disso. Craig foi o primeiro a sair do carro, as irmãs o seguiram e tiveram tempo para assistir à cena com Sofia na cozinha.

- Fiz biscoitos de chocolate, Craig. Seus favoritos. Quer leite para tomar com eles?
- Não, não quero nada.

Ouvindo o tom de ira na voz dele, Sofia recuou com o prato.

- Pensei que você gostaria...
- Mas não quero. Não se preocupe em querer agradar-me. Você não é minha mãe e nunca vai tomar o lugar dela. Pare de tentar.

Lágrimas de ódio encheram os olhos de Craig. Ele se virou e correu para fora. Deu um encontrão em Tory no caminho e os livros dela se espalharam. Os dele já tinham sido jogados na mesa da cozinha.



— Oh, não — disse Sofia, pondo a mão trêmula na boca. — Vá atrás dele, Rita.
— Não Sofia, quando ele está assim é melhor deixá-lo sozinho. Ele já estava bravo quando entrou no carro.

Sofia estava tão abalada que precisou apoiar o prato na mesa para não derrubá-lo. Ela foi até a pia e lavou as mãos. Não estavam sujas, mas precisava de um momento para pensar, e a água fria fazia bem à pele. Virou-se e viu as duas meninas esperando.

— Você está bem, Tory? — perguntou.

— Sim. Craig já ficou desse jeito antes.

Sofia não se sentiu confortada, mas Rita não lhe deu tempo para pensar.

— Acho que eu e Tory não queremos comer nada agora, Sofia. Vamos direto para o supermercado.

— Não, Rita — protestou Sofia. — Não podemos deixar o Craig sozinho. Vamos ficar.

— Penso que ele só precisa de espaço, Sofia. — Rita falou como uma irmã mais velha. — Com certeza, quando voltarmos ele estará aqui.

Sofia parecia terrivelmente perturbada, e Rita ofereceu-se para ir sozinha ao supermercado.

— Não — respondeu Sofia. — Seu pai quer que eu faça as compras. Talvez, Tory... — Sofia começou a falar sem pensar, mas Rita sacudiu a cabeça.

— Papai não quer que ela fique aqui sozinha.

— É claro, eu não pensei. Vamos, então. Vamos depressa para voltar rapidamente.

Foi isso que fizeram, mas as compras foram prejudicadas pelo pouco tempo. Sofia estava tão preocupada que passou a cortar coisas que estavam na lista, antes mesmo de as encontrar nas prateleiras. Fizeram as compras com tanta pressa que quase se esqueceram do que precisavam para o que Rita tinha pedido para o seu jantar de aniversário.

Ao chegar em casa, viram que o que Sofia falara estava acontecendo: não havia nem sinal de Craig. Rita procurou no andar de cima e Sofia foi até o porão. Os livros dele ainda estavam espalhados na mesa da cozinha, confirmando que o menino não voltara.

— Telefone para alguém, Rita — Sofia lutou com o pânico. — Alguns dos amigos dele.

LORI Wick

— Sofia — disse Rita pacientemente —, ele já fez isso antes. Sei que vai voltar.

— Por favor, Rita — ela suplicou. — Por favor, telefone.

— Está bem — concordou a menina, meio de má vontade, mas telefonou para dois amigos do irmão. Eles não o tinham visto também. Rita voltou-se para Sofia com um encolher de ombros.

— É como eu disse, Sofia, ele já fez isso antes, mas o Craig está sempre com fome. Ele volta antes do jantar.

Sofia não tinha escolha senão aceitar a palavra de Rita. As meninas foram fazer as tarefas da escola, e Sofia dedicou-se ao jantar. Orou também. Suplicou a Deus que fizesse Craig voltar ou que, pelo menos, o senhor Riley chegasse logo. Olhou várias vezes pela janela. Já estava escurecendo quando o menino apareceu. Sofia continuava só na cozinha e correu para ele, procurando controlar-se para não abraçá-lo.

— Craig — a voz dela estava embargada, e ela olhou fixamente para ele —, você voltou!

— É... — o menino parecia ter se sentido embaraçado com a atitude de Sofia, mas não se moveu.

— Você está bem, Craig?

— Estou.

— Eu preocupada com você.

Os olhos de Sofia se encheram de lágrimas, e a vergonha que Craig sentiu naquele momento transpareceu no seu rosto sensível. As mãos de Sofia se estenderam para tocá-lo, mas ela se obrigou a afastá-las. Fez isso várias vezes até que pôs gentilmente as mãos no braço do menino. O contato se quebrou momentos depois, e Sofia conservou as mãos apertadas firmemente à sua frente.

— Sua mãe — sussurrou ela numa tentativa de explicar suas emoções — acabou de partir, e eu não sabia como dizer ao seu pai que você também tinha ido embora.

Foi a vez de os olhos de Craig umedecerem. Até aquele momento, ele não tinha pensado em ninguém, só em si mesmo. Enxugou, então, as lágrimas com a mão, mas Sofia ainda pôde vê-las.

— Por favor, Craig, por favor, não fuja outra vez. — A voz dela ainda estava sem fôlego de aflição. — Eu fico bem com a sua ira; mas, por favor, não fuja outra vez.

CORAÇÃO DE SOFIA

Ele assentiu com a cabeça e resmungou alguma coisa sobre a tarefa da escola. Sofia afastou-se para deixá-lo passar. O episódio não foi mencionado no jantar, mas houve certo constrangimento à mesa. A vontade de Sofia era que o senhor Riley aparecesse logo para estar com os filhos, a fim de que ela pudesse subir para o apartamento e chorar à vontade. Ele, porém, estava atrasado como sempre.

FELIZ ANIVERSÁRIO, RITA! — disse Sofia quando a adolescente entrou na cozinha naquela manhã. — Você está linda!

— Obrigada, Sofia. A tia Janete me deu estes presentes — contou a garota mostrando a bonita malha cor-de-rosa e a calça *jeans* escura. Rita fizera um rabo de cavalo com o cabelo e sua aparência era encantadora. Na verdade, ainda estava muito quente para o traje, mas ela não resistiu à vontade de usar a calça e a malha novas.

— Janete tem bom sabor — Sofia comentou.

Rita riu: — Bom gosto.

— Tem razão, essa é a palavra. Bom gosto.

— Olhe, Sofia, acabei de lembrar. Janete colocou no pacote que me enviou uma carta para você. — Rita subiu outra vez para buscar a carta e, ao voltar, viu os bolinhos de mirtilo.

— Mirtilo! São os meus favoritos; mas, como você sabia? — disse Rita com um sorriso. — Como descobriu?

— Perguntei à Tory.

— Obrigada, Sofia. — Rita abraçou-a impulsivamente e o coração de Sofia quase explodiu.

— Tenho também um presente para você, Rita.

— Sofia! — disse Rita surpresa. — Você não precisava fazer isso.

— É só uma coisinha... — explicou ela.

Rita abriu o embrulho e encontrou oito cartões e envelopes pintados. — Foram pintados a mão por meu primo. Ele mora em Bratislava, perto da fronteira austro-húngara.

— São lindos, Sofia! Obrigada.



Elas se abraçaram outra vez e Sofia apertou Rita nos braços por um momento, vibrando de felicidade ao ver que a garota de dezessete anos não ficara constangida nem procurara se afastar dela.

Ainda era cedo. Tory e Craig demoraram um pouco a chegar na cozinha, onde elas estavam. Quando apareceram, ambos lembraram de desejar feliz aniversário à irmã. Tory contou a Rita que ela teria de esperar até a noite para ver os presentes que os irmãos e o pai lhe dariam. Não contou também que estava pedindo a Deus que o pai não se esquecesse de buscá-la na escola, como haviam combinado.

Os três saíram para a escola bem-humorados, especialmente Rita, e Sofia voltou a trabalhar na refeição especial que havia planejado para a noite. Ainda estava se familiarizando com o sistema norte-americano de medidas e com a cozinha dos Rileys. Assim, assar o bolo e fazer a cobertura era uma espécie de aventura. Todavia, Sofia conseguiu terminar tudo a tempo. Com quase tudo em ordem na casa, saiu para ligar o cortador e aparar a grama.



- Pensei que tinha esquecido — disse Tory ao pai ao subir na camionete de Alec.
- Não esqueci. Não sei bem o que vamos comprar, mas não esqueci.
- Tenho uma ideia. Há muito tempo, Rita gostou de um coelhinho de pelúcia na loja Hallmark. Acho que devemos ver se ainda está lá.
- Está bem. Mas também quero dar a ela uma coisa que a faça sentir-se com dezessete anos. Não podemos perder muito tempo, Tory. Você tem de voltar ao colégio, e eu, ao trabalho.
- Mas, papai — argumentou Tory com lógica —, você trabalha todos os dias e eu vou para a escola cinco dias por semana. Rita só faz aniversário uma vez por ano. Estavam parados em um semáforo com a luz vermelha acesa. Alec virou-se e olhou a filha mais nova:
- É a pura verdade, Tory — falou gentilmente. — Obrigado por me lembrar.

Uma hora e meia mais tarde, Alec estava arrependido por ter falado aquilo para Tory. Ele não se incomodava de fazer compras, mas simplesmente não conseguiam encontrar nada de que ambos gostasse. E Tory continuava decidida a procurar até que conseguissem achar.

- Tory — Alec tentou argumentar com ela, — penso que Rita gostaria de um vale-presente. Ela poderia, então, comprar o que quisesse no *shopping*. — Não era a primeira vez que sugerira isso, e Tory parecia agora disposta a aceitar.
- Sei que com o vale-presente ela poderia escolher uma porção de coisas. Mas parece tão frio, papai! Com um suéter, uma bolsa ou outra coisa, ela teria mais do que um papel para segurar.
- Olhe, Tory, ela terá o coelho que você comprou, e você me disse que Sofia lhe deu cartões para recados. Janete e Davi enviaram o suéter e a calça *jeans*. Não é como se não tivesse recebido nada.
- Mas este presente é seu — contrapôs Tory. — Craig poderia dar um vale-presente, mas da sua parte tem de ser especial.

Alec não pôde dizer mais nada e, então, andou um pouco e sentou-se num dos bancos que ficavam no meio do *shopping*. Tory sentou-se ao lado dele com o coelho numa sacola e o doce favorito de Rita na outra. Ele não estava olhando para nada em particular, mas seus olhos subitamente deram com algo numa das lojas.

— Como é o casaco de inverno de sua irmã?

— Ela não tem.

Alec voltou-se para a filha: — O que está querendo dizer com isso? O que aconteceu com o casaco de frio de Rita?

— Ela tinha um verde, mas ficou pequeno e, no inverno passado, Rita usou a jaqueta de patinação na igreja e em outros lugares.

"Onde você estava, Alec, que não viu isso?" — Foi este o único pensamento do pai, enquanto abanava a cabeça e mostrava a vitrine da loja para Tory.

— Então vamos olhar os casacos — replicou a filha, dizendo com os olhos a Alec que, finalmente, podiam estar a ponto de concordar num presente.

Quinze minutos mais tarde, a vendedora colocava na caixa um lindo casaco de lã azul-marinho. O estilo era muito simples e elegante, parecendo gritar "Rita" toda vez que Alec olhava para o presente. Gritava também "Vanessa", mas ele procurou manter oculta a sua dor.

— Como me sai? — perguntou Alec à filha ao deixarem a loja. Uma caixa grande pendia de seus dedos, e Tory sorriu antes de responder.

— Ótimo, pai. Agora só precisamos comprar uma coisa para o Craig dar a ela.



— E o doce?

Tory não tinha pensado nisso. — Acho que seria bom, mas já que vamos ter de passar pelo *Penney's* para pegar a camionete, há mais uma coisa que eu quero que você veja.

O pai, subitamente cansado, deu um longo suspiro. — Você vai acabar com a minha carteira, Tory Riley.

— Sei disso, papai — ela concordou —, mas que modo bom de gastar dinheiro! A risada de Alec pôde ser ouvida por quem estivesse nas várias lojas ao redor deles.



— Oi, Rita.

Rita e Tina se voltaram do armário que compartilhavam no colégio para ver Nicole Smith se aproximando.

— Shawn me disse que convidou você para sair e você recusou.

Rita não respondeu, e o rosto da outra menina ficou vermelho de raiva.

— O que há com você, Rita? Shawn é o garoto mais bonito da classe. Que tipo de Príncipe Encantado você está esperando?

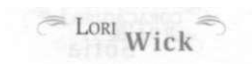
— Isso não é da sua conta, Nicole — respondeu Rita finalmente em voz baixa.

— Você é uma esnobe, Rita. Shawn e Ashley brigaram, e você agora o magoou outra vez. Espero que ele nunca mais a convide.

Nicole virou-se e foi embora apressada. Rita abriu o armário, embora já estivesse com todos os seus livros. Lágrimas quentes aferroavam os seus olhos, e ela enfiou as unhas nas palmas das mãos para não chorar.

— Veja quem falou, Rita, — disse Tina. — Nicole está sempre criticando alguém, e ela protege tanto o primo que não me admiro se vierem a se casar um dia.

A voz de Tina era tão cômica que Rita não pôde deixar de sorrir. As meninas saíram de perto do armário para voltar à classe. Foi então que viram Shawn Smith. Ele estava junto ao armário de Ashley, com o rosto perto do dela. Se um deles se mexesse, seus lábios se tocariam. As duas ficaram olhando enquanto Ashley sorria para Shawn e pegava na mão dele.



- O coitado está mesmo sofrendo — comentou Tina. — Posso ver isso daqui. Dessa vez, Rita riu de verdade.
- Ele deve ter convidado você para provocar ciúmes em Ashley. Não é bom saber que você agiu certo, Rita?
- E sim, e não estou disposta a deixar que a novelinha deles estrague o meu aniversário. — As garotas foram para a classe, ambas se esforçando para esquecer todo o episódio.



Soria estava esperando que as crianças chegassem em menos de uma hora, quando a campainha tocou. Isso acontecia vez por outra, mas geralmente era alguém vendendo alguma coisa e, ao ouvir o sotaque dela, ia logo embora. É possível que pensasse que ela não entendia suas palavras. De certa forma, era mais fácil deixar que acreditassem nisso, uma vez que Sofia não tinha liberdade para comprar nada para a família. Dessa vez, ela foi até a porta, imaginando quanto tempo levaria para que a pessoa fosse embora.

- Gladys! — disse Sofia um tanto surpresa ao abrir a porta. — Entre. Que bom vê-la!
- Oh, Sofia — exclamou Gladys ao entrar. — Que casa bonita! Nunca estive aqui antes. É linda!
- Também acho. Entre e sente-se.
- Sofia não tinha coragem de usar a sala de visitas; assim, levou a amiga para a cozinha. As duas sentaram junto à mesa, e Sofia perguntou a Gladys como iam as coisas.
- Eu estou bem, mas a minha filha não está. Ela me telefonou de Green Bay na noite passada, e o médico prescreveu repouso até passarem os três primeiros meses de gravidez. A família do marido está lá, mas ela pediu que eu fosse ajudar com os meninos.
- Green Bay é aqui em Wisconsin?
- É, perto do lago Michigan.
- Que bom que você pode ir. Posso ajudar em alguma coisa?
- Não, Sofia, mas obrigada. Arranjei uma menina da vizinhança para molhar as plantas e penso que tudo o mais vai ficar em ordem. Não sei exatamente



quanto tempo vou demorar, mas queria que você soubesse que não estarei no culto aos domingos por algum tempo.

— Obrigada por me dizer. Vou orar por você e sua família.

— Obrigada, Sofia.

— Tem tempo para tomar um café?

— Não, na verdade não tenho. São três horas de viagem, e é melhor que eu vá.

Ela se encaminhou para a porta e Sofia acompanhou-a. Gladys parou com a mão na maçaneta e voltou-se para encarar Sofia.

— Esta casa parece maravilhosa, minha querida. Os Rileys são muito abençoados por terem você.

Sofia sorriu, sinceramente satisfeita e expressou a alegria: — É bom quando o trabalho é notado.

— É mesmo, não é?

As duas se abraçaram, e a porta foi aberta. Sofia seguiu-a até a varanda, mas Gladys parou na metade do caminho.

— Sofia, você me disse que não dirige, ou você não dirige por não ter carro?

— Não dirijo.

Gladys sacudiu a cabeça e continuou a falar:

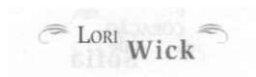
— Estou usando o carro de meu marido agora, mas o meu continua na garagem. Se aprender a dirigir, me avise. Se ainda tiver o meu Ford, estou disposta a vendê-lo para você.

— Obrigada, Gladys.

— De nada, Sofia.

— Tenha uma boa viagem.

Elas se despediram com um aceno, e Sofia ficou esperando enquanto Gladys se afastava. Permaneceu alguns momentos na varanda pensando sobre a oferta da amiga, com o cheiro da grama recém-cortada ainda pairando no ar. Voltou para a cozinha determinada. Abriu a enorme lista telefônica de Madison que estava sempre no balcão e procurou as Páginas Amarelas. Teve algum trabalho, mas acabou encontrando: duas páginas inteiras de cursos de autoescola.



É FÁCIL!

Treinamos qualquer pessoa — Adultos ou adolescentes!

Sete dias por semana e à noite! Carros de duplo controle!

Use nossos carros para o seu teste!

Com a mão trêmula, Sofia levantou o fone e discou o número. Pôde discá-lo sem acrescentar o DDD e soube que não era interurbano. Seus nervos não a ajudaram na pronúncia, mas a mulher bondosa do outro lado respondeu pacientemente a todas as suas perguntas. Ficou sabendo que pagaria por hora e o tempo necessário seria determinado pela sua competência. A mulher disse a Sofia que um instrutor iria à casa dos adultos interessados e os levaria para a aula.

O pagamento deveria ser feito no final de cada aula. Embora o preço da hora fosse alto, era menor do que o do outro anúncio na página, que exigia centenas de dólares. Sofia não tinha certeza do que era um carro de duplo controle, mas compreendeu que permitiriam que ela fizesse o teste de direção em um dos veículos deles. Quando desligou, seu coração estava pulando.

— Quero fazer isso, Senhor, quero aprender a dirigir. — Não havia ninguém em casa, assim e ela conversou com o Pai celestial em voz alta, em checoslovaco, enquanto se movia distraída pela cozinha.

— Sei que posso. Não precisava dirigir em casa, mas sabia. Há tantas coisas que poderia fazer pelos Rileys se pudesse dirigir! E o carro da Gladys, ela o ofereceu para mim. Talvez seja caro demais. As coisas dela são finas e parecem caras. Não sei quanto iria custar, mas pelo menos Rita poderia ficar em casa em vez de ir ao supermercado.

— É claro que Madison é uma cidade movimentada, mas eu me acostumaria. Se não tiver de esperar até depois da escola para fazer compras, sei que o trânsito não estará tão congestionado. Na verdade — Sofia lembrou —, o senhor Riley disse que poderia usar a van deles e, então, nem precisaria do carro da Gladys. Sei apenas que devo obter a minha habilitação.

Sofia deixou de falar. Estava parada havia vários minutos e, se alguém tivesse entrado em casa, a encontraria de pé, no meio da cozinha, com o pano de pratos na mão e a cabeça inclinada enquanto orava.

— Vou dar o primeiro passo, Pai — sussurrou. — A mulher disse que têm uma vaga na manhã de terça-feira. Vou perguntar ao senhor Riley se posso tirar folga nesse dia e ver o que ele diz.



Sofia telefonou outra vez para a autoescola e marcou uma hora para a terça seguinte. Teve o cuidado de perguntar sobre as normas de cancelamento, e ficou sabendo que deveria avisá-los com 24 horas de antecedência ou pagaria metade da taxa. Sofia preparou o coração para falar com o senhor Riley antes da sexta-feira.

NO DIA SEGUINTE, Sofia preparou uma lista do que estava precisando para ela mesma. Achava que não iriam fazer compras até a semana seguinte, mas queria ficar preparada. O senhor Riley lhe dera um cheque generoso na semana anterior. O que enfrentara com Craig, porém, a perturbara tanto que ela não se lembrara de, na segunda-feira, comprar nada do que precisava pessoalmente. Não se sentia com direito de usar nada dos Rileys, além do necessário. Assim, acrescentou à sua lista o sabão para lavar roupa.

Acabara de incluir sabonete na lista, quando pensou em Rita. A garota descera naquela manhã usando um lindo casaco azul-marinho de inverno. O mais bonito que Sofia já vira, e tinha na cabeça uma boina adorável combinando. Estava linda.

— Ganhei do meu pai — Rita contou com os olhos brilhando de felicidade.

— Ele e Tory compraram ontem, enquanto eu estava na escola. Mal posso acreditar que ele fez isso. Vai ser ótimo no inverno!

Sofia ficou também um tanto admirada e, ao mesmo tempo, se perguntou se o senhor Riley sabia o quanto aquilo tinha significado para a filha que estava em plena juventude. Ela orou, pedindo a Deus que abrisse os olhos de Alec para essa realidade, caso seus olhos já não estivessem abertos para isso. Depois, voltou à sua lista.

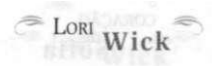
Craig e Tory voltaram da escola com catálogos e formulários de pedidos para vender chocolate. O olhar de Craig era meio reservado, mas ele se sentou à mesa da cozinha com Sofia e disse:

— Estamos guardando dinheiro para comprar equipamentos de computador. Temos um lá em cima, mas uma porção de garotos não tem computador. E eles precisam de um para os estudos.



- Que plano ótimo — comentou Sofia e folheou as páginas da enorme brochura. — Tudo parece tão bom, mas não retirei ainda o dinheiro do cheque e não sei se posso fazer o meu pedido.
- Você não tem de pagar agora, a não ser que queira — explicou Craig. — Paga apenas quando receber o que pediu. E isso só vai chegar daqui a seis semanas.
- Nesse caso, vou escolher alguma coisa. Penso que esses com nozes parecem bons.
- Você também quer comprar de mim, Sofia? — Tory quis saber.
- E claro, Tory. Há uma lata de nozes que eu poderia mandar para a minha avó.
- Eles fazem isso para você — Craig interrompeu com olhos observadores. Ele não fora bondoso com Sofia e lá estava ele pedindo favores a ela. Tinha certeza de que ela não compraria nada com ele.
- Oh, isso não vai ser fácil.
- Vai sim. Basta preencher esta seção aqui — ele apontou para um espaço em branco — e eles remetem para qualquer lugar.
- Oh, isso conveniente.
- Sofia — Rita entrou na cozinha, — vou correr até o banco para tirar o dinheiro do meu presente de aniversário. Volto já.
- Está bem.
- Sofia — Tory pegou no braço dela —, peça a Rita para sacar o seu cheque. Rita virou-se para ela: — Claro, Sofia. Você pode vir comigo ou, se preferir, pode só me dar o cheque, e eu posso retirar o dinheiro para você.
- Você não se importa?
- Não.
- Vou buscar agora.
- Posso ir com você, Sofia? — perguntou Tory e Sofia voltou-se para ver o restinho dela muito animado.
- Claro, Tory. Venha.
- Lembrei-me de que preciso dar um telefonema — disse Rita. — Não tenha pressa, Sofia.

A chave de Sofia estava presa no cós da saia e, quando as duas subiram as escadas para o apartamento, ela a tirou. O lugar parecia tão limpo quanto Tory esperava, mas a falta de mobília era chocante. A garota geralmente falava tudo o que pensava, mas, dessa vez, ficou em silêncio.



— Está no meu quarto, Tory. Espere só um momento.

Tory ficou indecisa, sem saber se devia segui-la, mas resolveu acompanhá-la. Sofia estava de costas para ela enquanto a menina observava os cobertores arranjados no chão e as roupas de Sofia em pilhas bem ordenadas, encontradas na parede. Sofia abriu o armário para pegar sua bolsa, e Tory pôde ver que ali havia pouca roupa pendurada. Seus olhos desceram até o lugar em que Sofia guardava as calcinhas; ali havia duas calcinhas e um sutiã. Sofia tinha pouca coisa assim, ou as roupas estavam sendo lavadas? A resposta veio quando Tory olhou outra vez. No chão do armário se achava uma cesta de roupa vazia.

— Pronto, Tory. Está assinado. O que foi, Tory? — perguntou ela ao ver o olhar estranho no rosto da garotinha de dez anos. A pergunta fez Tory estremecer.

— Oh, nada. Estava só pensando.

Sofia sorriu, aceitando o que ela dissera, e voltaram então para a cozinha dos Rileys. O cheque foi entregue a Rita antes de a governanta se sentar e terminar de fazer seu pedido de chocolate com Craig. Ninguém notou como, ao sair dali, Tory se mantinha em silêncio.



Tory acordou com o som da água corrente às 22h30 naquela noite, e sabia que o pai estava tomando banho depois da sua corrida noturna. Sem vestir o roupão, a menina saiu da cama e foi silenciosamente até o quarto dele. A luz estava acesa, e Tory simplesmente enfiou-se debaixo das cobertas para esperá-lo.

Seus olhos sonolentos vagaram pelo quarto e chegaram a fechar antes que o pai saísse do banho. Ela deve ter cochilado, porque sentiu que ele a levantou delicadamente antes que pudesse abrir as pálpebras.

— Papai?

— Durma, Tory. Vou levá-la para a cama.

— Preciso falar com você.

Alec olhou e viu os olhos dela bem abertos.

— É tarde.

— Eu sei, mas tenho de perguntar uma coisa.

Alec cedeu, colocando-a de volta na cama e sentando-se na beirada.



— Está bem, Tory. Mas seja breve. Estou cansado e você tem aula amanhã.

Ela concordou.

— A minha mobília é minha?

— O que quer dizer?

— Quero dizer: posso fazer o que quiser com ela?

— Dentro do razoável. Você está querendo mudar o seu quarto?

— Não exatamente... — foi o que disse, e Alec franziu a testa.

— Tory, o que foi? Conte para mim.

Ela suspirou.

— Bem, ninguém dorme mais aqui em casa comigo.

— Mas você pode fazer isso — Alec interrompeu. — É só dizer, e pode trazer uma amiga para dormir aqui em casa.

— Não, não quero trazer uma amiga.

Alec pôs a mão atrás da cabeça. Sua paciência estava chegando ao fim. Durante vários meses depois da morte de Vanessa, Tory acordara com terríveis pesadelos, gritando e chorando aterrorizada. Por essa razão, não queria que as amigas passassem a noite com ela. O que estaria acontecendo? — ele se perguntou.

— Não estou entendendo do que está falando, Tory.

— Olhe, não uso a outra cama que está no meu quarto, e quero dá-la a alguém.

— Acho esse gesto muito nobre, Tory, mas você não vai dar nenhuma peça da sua mobília.

— Posso então só emprestá-la a alguém?

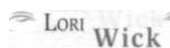
— A quem?

— A Sofia.

— Querida, Sofia tem um bom apartamento. Sei que a mobília não é nova, mas tenho certeza de que é boa e...

— Mas ela não tem, papai. Fui lá hoje e ela não tem quase mobília! — a voz de Tory era inflexível.

— Tory, isso é ridículo. As peças velhas da tia... — Alec parou de falar e só ficou olhando. Tory ouviu-o sussurrar: — Nossa! Esqueci completamente!



Quase que de imediato, Alec abraçou a filha e levantou-a, apertando-a com ternura contra o peito.

— Você é uma pessoa maravilhosa. Você sabia, Tory?

— Não me sinto maravilhosa.

Alec olhou para o rosto dela. Havia lágrimas nos seus olhos.

— Sinto-me péssima. Tenho duas camas e Sofia não tem nenhuma. Não podíamos dar a ela a cama extra, papai? Por favor.

— Vamos fazer exatamente isso, Tory. Eu esqueci completamente que havíamos esvaziado o apartamento. Se você quer que Sofia tenha uma de suas camas, vamos levá-la para ela.

— Craig tem uma cômoda a mais, e há uma cadeira no porão.

Alec sorriu ao ver a maneira como Tory havia pensado em tudo. — Vamos dar todas as coisas de que ela precisa. Vou ficar em casa de manhã, para conversar com Sofia. Você pode ir dormir agora e não se preocupe mais.

— Por favor, me carregue.

— Carrego, sim — respondeu o pai.

Cinco minutos depois, Alec foi deitar-se, mas não conseguiu dormir. Embora Vanessa nunca estivesse longe de seus pensamentos, naquela noite não era nela que Alec pensava; era em Sofia. Ele a achava competente, mas não tinha percebido o alcance de suas virtudes. Ela dormia no chão! Naquela casa, havia camas suficientes para acomodar uma dúzia de pessoas, e a sua governanta estava dormindo no chão!

Sabia que Sofia era mais moça do que ele. Não havia razão para levantar tão cedo, já que iria ter uma conversa com ela. Acabou adormecendo, fazendo como Tory: deixando que a mente vagasse pela casa, em busca de peças de mobília para Sofia.



Na manhã seguinte, quando às 6h30 Sofia entrou na cozinha, encontrou o senhor Riley à sua espera. Ele se mostrava sério, e Sofia teve certeza de que seu período de experiência terminara. Não sabia, ao certo, o que fizera para perder o emprego, mas estava claro que Alec iria demiti-la. Assim que fechou a porta, lembrou-se de que Gladys estava fora, e ela não teria para onde ir. Depois, pensou nas crianças.

— Olá, Sofia.

— Bom dia, senhor Riley, quer que eu comece café?

— Não, Sofia, quero conversar com você.

Os maiores temores dela estavam sendo confirmados, e as palmas de suas mãos estavam tão úmidas que, quando puxou a cadeira para se sentar, esta quase escorreu da mão. Alec esperou que Sofia se sentasse, ficasse de frente para ele, e começou a falar:

— Há cerca de cinco anos, nossa igreja estabeleceu uma casa missionária, um lugar onde os missionários que sustentamos pudessem ficar enquanto estavam de férias. A casa teve de ser completamente mobiliada, e Vanessa, minha esposa, lembrou-se dos móveis que estavam no apartamento em que você está morando. Ninguém morava ali, e resolvemos doar os móveis para essa casa. Até a noite passada, eu havia me esquecido completamente disso. Tory veio falar comigo e contou que você não tinha uma cama, e que lhe faltava quase tudo no apartamento. Sei que ela tende a exagerar, mas quero dizer que sinto muito, e avisar-lhe que Craig e eu vamos levar uma cama para você esta manhã. Temos também uma cômoda a mais, e provavelmente poderemos levá-la para o apartamento neste fim de semana. Novamente, Sofia, peço desculpas por você ter dormido no chão.

— Oh, senhor Riley, não faz mal. Não me importo. — Sofia ficou tão aliviada que começou a tropeçar nas palavras. — Eu penso que ia mandar eu embora — finalmente admitiu em voz baixa. — Não preocupa cama.

— Não, Sofia, não estou mandando você embora. Se houvesse um problema, falaria com você e jamais iria demiti-la de uma hora para outra.

— Obrigada, senhor Riley e, oh...

— O que foi?

— Não quero tirar avanço, mas...

— Vantagem?

— Qual é palavra?

— Vantagem. Penso que está querendo dizer que não quer tirar vantagem.

— Isso mesmo. Vantagem.

— Não estou preocupado com isso, Sofia. Pode pedir. — Ela respirou fundo. — Posso, por favor, tirar manhãs de terça-feira de folga? Não a manhã inteira, uma ou duas horas, talvez.

— Claro —, Alec concordou facilmente e se forçou para não perguntar o motivo. Ela tinha direito a uma vida própria. Ele sabia que havia estudos bíblicos para mulheres que se reuniam durante a semana. Provavelmente queria ir a algum deles.

— O senhor deixa? — perguntou Sofia, com o corpo inclinado para frente, muito tensa.

— Sim, está bem.

Sofia ficou tão contente que até se esqueceu de agradecer. Ele havia dito sim, e isso significava que ela iria aprender a dirigir. Naquele instante, todos os pensamentos foram afastados de sua mente. Sem sequer perguntar se ele havia terminado de falar com ela o que queria, começou a fazer o café. Alec observou-a por um momento, admirando-se da reação engraçada de Sofia. Todavia, não se demorou. Levantou-se também e foi acordar Craig; eles tinham uma cama para carregar.

A família inteira ajudou na mudança que aconteceu naquela manhã, e isso quase fez com que todos se atrasassem para a escola. Rita pegou lençóis, para o caso de Sofia não ter nenhum, e Tory até agarrou uma fronha extra do armário.

— Nossa, Sofia, você não tem mobília.

— Esta visão da rua é muito agradável por causa da casa dos Murray, que é tão bonita.

— No que você tem sentado? Essas cadeiras de cozinha são horríveis.

Os comentários continuaram assim até que Rita olhou para o relógio e correu até o carro para ir para a escola. Alec disse a Craig e a Tory que subissem na camionete que ele os levaria para a aula. Todavia, mesmo depois de os filhos saírem, Alec permaneceu por um tempo no meio da sala de estar do apartamento, enquanto Sofia já estava na porta, pronta para sair.

— Tory me disse que tudo o que você tinha eram a mesa e duas cadeiras. Pensei que ela tivesse exagerado e se esquecido de alguma peça da mobília da sala.

Sofia não sabia como responder a essa exclamação de Alec. Permaneceu calada, enquanto o senhor Riley ia até o quarto e retornava à sala.

— Pensei que tivéssemos posto outros móveis aqui, mas estou vendo que não.

— Estou bem, senhor Riley.

— Tenho certeza de que está, Sofia, mas temos mobília suficiente em casa para deixá-la muito mais confortável. — Ele se encaminhou para a porta.



— Vou providenciar isso amanhã.

— Obrigada, senhor Riley.

— De nada, Sofia. Vemos você no jantar. Estou planejando comer com as crianças.

Sofia o acompanhou, fechou a porta e depois desceu para a cozinha. Havia uma cadeira confortável na sala de estar, e ela se permitiu sentar nela por um momento. Tinha tido medo de o senhor Riley demiti-la. Mas não foi o que aconteceu. Pedira a Deus que pudesse frequentar a autoescola, e ele dissera *sim*. Sofia viu que tinha muito a agradecer a Deus e não poderia ter encontrado uma hora melhor para isso.

PARECIA QUE A MANHÃ de terça-feira nunca chegaria, mas finalmente ela estava ali. As palmas das mãos de Sofia quase pingavam, enquanto na sala dos Rileys ela esperava que o carro da autoescola chegasse. Seu horário era o das 9h30. Assim ela teve tempo de fazer algum trabalho da casa. Mas não falara com ninguém sobre as aulas de direção.

Sofia sabia que as crianças tinham percebido sua agitação; durante o café tinham olhado para ela várias vezes com ar estranho. Apesar de querer muito que elas soubessem o que ia fazer, era grande o seu medo de que o plano não desse certo. Se isso acontecesse e ninguém soubesse das aulas da autoescola, ela não ficaria envergonhada. Havia escrito para a avó, mas sabia que a única coisa que ouviria dela seriam palavras de encorajamento.

Quando Sofia estava em meio a esses pensamentos tempestuosos, viu que um carro azul parou na esquina. Não sabia se devia ir até lá ou esperar ser chamada. Mas estava tensa demais para permanecer parada. Pegou a bolsa e foi até a porta da frente. O instrutor da autoescola dirigia-se para a entrada da casa e, vendo que a aluna já estava ali, denotou surpresa. Sofia achou que seria porque ela aparecera de repente.

— Você é Sofia Vel...

— Velikonja — ela terminou. — Sim, sou Sofia.

— Ótimo. Eu sou Brad Marshall.

Ele estendeu a mão, e Sofia desejou ter secado a palma de sua mão antes que tivessem se cumprimentado. O instrutor parecia bondoso, mas sua atitude profissional fez com que Sofia esquecesse a sua apreensão.

— Você precisa preencher esta ficha. Sofia, com letra de forma. Mas antes de assinar, leia com cuidado o último parágrafo do formulário. Ao assinar seu nome, você estará concordando em pagar o preço da aula, quando eu a trouxer de volta.



— Está bem.

Sofia pegou a prancheta que ele lhe entregou e leu cuidadosamente o formulário. Foi preenchendo os espaços em branco enquanto lia, precisando procurar algumas informações na sua carteira. Brad Marshal ficou ali, quieto, até que ela lhe devolveu a prancheta e o formulário. Ele levou alguns momentos para verificar o que ela escrevera e tomou algumas notas.

— Acho que está tudo em ordem. Entre no banco do motorista e vamos falar sobre como dirigir.

— Vou dirigir hoje?

— Vai. — Ele viu os olhos de Sofia se arregalarem e sorriu. — Talvez dirija só um pouco, mas você já vai começar.

A bolsa de Sofia quase caiu da sua mão enquanto ia para o carro. Era um quatro-portas azul, de boa aparência, não era luxuoso, mas parecia muito limpo. Brad começou a falar no momento em que entraram no carro:

— Você já dirigiu alguma vez?

— Não muito.

— Está bem. Mas já dirigiu um pouco, não é?

— Sim.

— Ótimo.

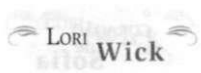
A lição começou. Brad foi paciente e claro em suas explicações e, muitas vezes, perguntou a Sofia se ela tinha dúvidas, explicando de novo amavelmente tudo o que não ficara claro para ela. Falaram por quase vinte minutos e, em seguida, ele disse:

— Está bem, vamos experimentar. Comece.

A mão de Sofia estava trêmula, mas ela fez o que ele lhe dissera, sem perceber que Brad a observava com atenção. Ele nunca encontrara uma mulher que o atraísse tanto tão depressa. Era do tipo arredondada, não gorda, mas forte. Ainda, era quase elegante. Seus gestos, seu andar e até seus movimentos de cabeça eram um modelo de elegância. E sua pele! Fina como a de uma criança.

Brad sentiu a ansiedade dela, mas viu também que ela não era precipitada nem impetuosa. Tranquila, serena... essas palavras a descreviam bem, e Brad deduziu que era solteira, já que não havia aliança em sua mão esquerda.

— Para onde? — Sofia perguntou.



Brad fez com que seus pensamentos deixassem de divagar, em tempo de ver que ela parara o carro diante de um semáforo da praça.

— Continue em frente.

Sofia obedeceu outra vez, e Brad decidiu manter os pensamentos no trabalho. Não foram longe, já que Brad a instruiu a dar muitas voltas, e levaram algum tempo para estacionar, mas a aula foi bastante satisfatória para ambos. Sofia conseguiu dirigir de volta até em casa, e olhou para ele com um sorriso de prazer.

— Fui bem?

— Foi sim. Acho que vai aprender tudo em pouco tempo. Meu relógio diz que passamos um pouco de uma hora, então vamos ver qual o preço total da aula.

Era muito dinheiro para Sofia: quarenta dólares. Mas ela já sabia qual seria o preço da aula de uma hora. Como não tinha certeza de que teria ou não outra aula, sentiu-se segura em relação à despesa. Sofia fez o pagamento e ambos desceram do carro. Ela estava quase se despedindo e agradecendo ao instrutor, quando ele perguntou: — Vi você na Igreja Bíblica de Middleton no domingo?

Ela ficou surpresa e respondeu: — Oh, sim. Estive lá.

— Achei que era você. Eu também estava na aula sobre evangelismo como um estilo de vida. Você gostou?

— Muito. Aprendi muito.

— O Jim é um ótimo professor. Em meu trabalho, encontro muitas pessoas que precisam ouvir falar de Cristo. A aula me abriu os olhos para isso.

— Senti também que os meus olhos estavam fechados. Deixei um emprego em Chicago no mês passado, e só agora percebo que poderia ter dado um testemunho melhor.

Brad sorriu, e Sofia pensou em como era fácil conversar com aquele homem. Despediu-se, então: — Obrigada pela aula, senhor Marshall.

— Foi um prazer e, por favor, me chame de Brad. Você quer marcar outra aula agora ou vai telefonar para o escritório?

— Posso fazer isso agora com você?

— Pode. Depois passo o horário para eles.

— Gostaria de ter aula outra vez, quem sabe próxima semana, mesmo dia.



— Ótimo. — Ele abriu a porta do carro e pegou uma agenda preta no porta-luvas.
— Que tal 9h30 novamente? — perguntou enquanto procurava a página para fazer a anotação.

— Nove e meia é bom.

— Combinado.

Sofia esperou enquanto ele anotava a hora e fechava a agenda. — Bem, vejo você provavelmente no domingo.

— Sim. Até logo.

— Até logo — repetiu Brad. Sofia não podia imaginar o quanto foi difícil para Brad, naquela hora, deixar de convidá-la para sair. Subiu pela entrada principal da casa, mas depois seguiu pelo caminho lateral até o apartamento. Precisava guardar a bolsa e voltar à cozinha para preparar o jantar. Além disso, tinha ainda muita roupa na cesta para passar.



— Aquela era a Sofia? — perguntou Tina no momento em que chegaram ao quarto de Rita. Tinha ido estudar com a amiga e jantar com os Rileys. Mais tarde, sua mãe viria buscá-la.

— Sim — respondeu Rita, sentindo-se mal por não ter sequer apresentado as duas e temendo o que viria em seguida.

— Ela se veste de modo meio extravagante, não é?

Rita teve dificuldade em reconhecer a própria preocupação com a aparência física de Sofia. Já ouvira esse comentário repetidas vezes. Se estivesse se referindo a qualquer outra pessoa Rita teria concordado. Mas Sofia era especial.

— Olhe, Tina, ela está aqui faz pouco tempo — disse em defesa de Sofia.

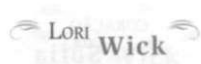
— De onde você falou que ela é?

— Da Checoslováquia.

— Eles não se interessam muito por moda, não acha?

Rita não respondeu, mas Tina não denotou muita sabedoria em falar:

— É meio esquisito que ela esteja aqui, não é? Acho que vocês não conseguem conversar muito bem com ela.



Na verdade — replicou Rita delicadamente —, é fácil conversar com ela. Sofia me ouviu e nunca ri do que digo.

Tina estava agora prestando atenção. Ela fez outra pergunta sem tirar os olhos do rosto da colega.

— Isso torna as coisas mais fáceis sobre a perda de sua mãe?

Rita suspirou e respondeu: — Um pouco. É bom ter alguém ajudando com o trabalho da casa, mas agora que não tenho tanto a fazer, passo muito tempo pensando. Isso às vezes é ruim.

— Você deveria ter entrado na equipe de voleibol outra vez este ano.

— Eu sei, mas era o esporte favorito da minha mãe, e sem ela para assistir, fiquei com medo de odiar o jogo.

As meninas ficaram em silêncio por um momento. Quando Tina voltou a falar, já tinham mudado de assunto.

— Shawn Smith procurou por você depois do almoço. Você esteve com ele?

— Estive. Ele não me convidou para sair, mas foi bem amável.

— Nicole também, eu notei.

Rita assentiu, e ambas se entreolharam. Alguém lhe dissera que, ao saber que a prima tinha falado com Rita, Shawn ficou furioso. Com certeza, a maneira gentil com que Nicole estava tratando Rita agora era indicação de que o que ele ouvira era verdade.

— Acho que você foi mais bondosa com ela do que eu seria, Rita — admitiu Tina.

— Não sei... — foi tudo o que Rita conseguiu dizer. Ela era agora uma pessoa diferente. Estava certa disso. Não sabia dizer por quê. Com certeza, a morte da mãe era uma das razões dessa mudança. Mas Sofia também fizera a diferença, embora estivesse há tão pouco tempo na casa dos Rileys.

Quando as amigas começaram a falar sobre Sofia, Rita decidiu tomar cuidado com o que diria. Não queria, mais tarde, arrepender-se do que dissera. Pensava também que seria bom se a governanta mudasse o penteado e se vestisse com mais gosto. Mas ela era uma das pessoas mais bondosas que Rita já conhecera. E dizer qualquer coisa negativa sobre ela seria insuportável para a menina. De alguma forma, porém, seus sentimentos haviam mudado com relação a Nicole.



Quando vira Nicole no vestibulo da escota, Rita nem pensara em Sofia. Mas agora estava claro que o relacionamento com Sofia influíra na sua atitude de bondade com a colega.

— Eu disse alguma coisa errada, Rita? — O silêncio alongou-se, e Tina parecia preocupada. — Você está aborrecida comigo pelo que comentei sobre Sofia? — Tina compreendia que suas palavras tinham soado mal.

— Não. Também acho que ela poderia ficar mais bonita. Mas isso não tem tanta importância. Sofia chega à cozinha mais ou menos às 6h30 todas as manhãs, Tina. — Lágrimas se formavam nos olhos de Rita. — Faz pão e bolinhos, e sempre tenho roupas limpas nas minhas gavetas. As minhas blusas estão sempre passadas e penduradas no guarda-roupa. O nosso banheiro é limpíssimo, e acho que ela passa o aspirador na sala todos os dias. — Rita estava agora chorando abertamente. Mas continuou a falar:

— Ela mantém tudo tão em ordem e faz a comida de que gostamos. Mesmo assim, sinto falta da minha mãe. Gostaria que mamãe ainda fizesse compras conosco ou nos levasse ao cinema e ficasse aqui com o meu pai. Quando penso no meu pai sozinho quando vamos dormir, mal posso aguentar. Mas, mesmo que minha mãe voltasse, eu odiaria perder Sofia.

Agora, Tina chorava agora também. Seus pais continuavam vivos e ela não sabia o que dizer à sua melhor amiga. Pensamentos sobre a morte dos pais fizeram as suas lágrimas correrem ainda mais.

Alguém bateu na porta, e Tory entrou sem pedir licença. Ficou olhando as duas meninas por um momento e, depois, fez menção de sair. Rita continuava chorando, mas conseguiu perguntar o que ela queria.

— Estava procurando meus marcadores, acho que os deixei aqui.

Rita estendeu o braço e pegou-os em seu criado-mudo.

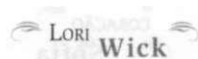
— O que aconteceu, Rita?

— Estávamos falando sobre a mamãe.

Tory fez um sinal de compreensão. Poderia ter ficado se Tina não estivesse ali, mas resolveu sair. Desceu o corredor em direção ao seu quarto, depois mudou de ideia e foi ao quarto onde Craig trabalhava no computador. Inclinou-se sobre o monitor para olhar o rosto dele.

— Posso jogar depois de você?

— Não.



— Tenha dó, Craig.

— Não, vá embora, Tory. — Ele baixou a voz, mas pôde ser ouvido claramente enquanto resmungava. — Há uma coisa boa na morte da mamãe: você não pode correr e fofocar cada vez que as pessoas não fazem o que você quer.

Craig conseguira chocar até a si mesmo. No momento em que as palavras saíram da sua boca, levantou os olhos e viu o rosto de Tory empalidecer.

— Não foi nada, Tory. Só saia daqui — disse ele em tom ainda mais baixo.

Ela saiu, dessa vez com o rosto muito sério e os olhos retratando ter ficado muito magoada. Não querendo pensar nos sentimentos que martelavam no seu peito, a menina foi para a sala de TV. Não tinha permissão para ligar o aparelho até terminar a tarefa de casa, mas naquele dia não se importou com a proibição.

— Oh, Tory! — Sofia falou alegremente quando a garota passou pela cozinha.
— Você quer experimentar este molho e dizer-me se está do jeito que gosta?

— Não gosto de molho. Já disse isso a você antes.

A voz dela denotava estar bem zangada, que Sofia parou com a colher erguida no ar. — Sinto muito, Tory, eu esqueci — disse Sofia.

A bondade de Sofia acabou por fazê-la desmoronar. Grandes lágrimas surgiram em seus olhos antes que ela se virasse abruptamente e fosse para a sala de estar. Sofia a seguiu devagar e ficou na porta da sala.

— O que aconteceu, Tory?

— Nada — respondeu ela com os olhos na TV.

Sofia não pôde fazer outra coisa senão recuar. Estava intrigada e preocupada, mas não tinha outra opção. Pensou em procurar Rita, mas depois se lembrou que Tina estava com ela. Craig não iria ajudar, e Sofia viu-se então levada a pedir a ajuda do Senhor.



Naquela noite, a hora do jantar foi a mais embaraçosa que Sofia teve, até então, na casa dos Rileys. Nem nas primeiras noites que passara com a família ela tinha presenciado tanto silêncio. Se fosse só Tory a manter silêncio, Sofia teria compreendido. Mas todos — até Tina — estavam calados. Sofia poderia ter



procurado saber, com as crianças, o que havia. Mas por causa de Tina estar ali, ela se manteve calada também.

A mãe de Tina chegou pouco depois do jantar. Mas as crianças saíram, cada uma em busca de seus afazeres. Sofia, então, percebeu que a hora não era conveniente para uma conversa sobre a situação. Meia hora mais tarde, Sofia subiu para o seu apartamento. No dia seguinte, era feita a coleta do lixo, e ela precisava juntar o que tinha de ser jogado fora. Depois disso, poderia cair na cama.

Peças de mobília continuaram a aparecer no seu apartamento durante a semana. A última peça era uma poltrona grande e estofada, tão confortável que Sofia já adormecera nela por duas vezes. Sua ideia era voltar e se sentar na poltrona, depois de levar o lixo até a esquina. Por coincidência, Alec chegou do trabalho naquele instante. Sofia acenou para ele. Ele acenou de volta e, logo desceu a rampa e se aproximou de Sofia.

— Como foram as coisas, Sofia?

— Acho que bem.

Algo na voz dela chamou-lhe a atenção.

— Você não tem certeza?

Sofia encolheu os ombros. — Todos estavam um pouco quietos na refeição.

Alec perguntou: — Eles disseram o motivo?

— Não, Tina comeu também e, talvez... — Sofia não continuou, mas Alec compreendeu o significado.

— Obrigado, Sofia, vou ficar atento.

— Boa noite, senhor Riley.

— Boa noite, Sofia, e obrigado.

Eles caminharam juntos até chegarem ao pé da escada, onde ela subiu depressa. Alec, com a mesma rapidez, entrou em casa pela porta da cozinha.

A CASA ESTAVA TODA EM SILÊNCIO quando Alec entrou e ele decidiu ir até o seu escritório. Uma das casas que estava construindo vinha apresentando mais problemas do que ele esperava, e Alec precisava dar um telefonema.

Como já imaginava, a conversa não foi nada rápida. Só após uma hora conseguiu desligar o telefone e subiu para o piso superior. Sentiu-se frustrado ao ver que as luzes dos quartos das filhas já estavam apagadas. Não era assim tão tarde, e elas deviam estar cansadas. Alec dirigiu-se ao quarto de Craig, pensando que isso talvez fosse melhor. Em sua opinião, o filho era o mais necessitado da assistência do pai.

Bateu de leve na porta de Craig e, depois, abriu-a sem esperar resposta. A luz estava acesa no criado-mudo, e ele tinha um livro na mão.

— Olá — disse Alec em voz baixa ao entrar.

— Você chegou agora?

— Não, mas tive de fazer um telefonema que durou mais do que eu esperava.

— Tem outra novidade? — resmungou Craig.

Alec sentou-se à beira da cama e lutou contra a raiva que sentia. A atitude de Craig era difícil de suportar, mas Alec sabia que grande parte da culpa era sua. Ele trabalhava demais. Tinha certeza de que Craig era o único dos seus filhos que tinha coragem suficiente para dizer o que sentia. Alec trabalhava demais. Tory só olhava para ele expressando no olhar sentir sua falta. E Rita — ele sabia — tinha esperança de que, algum dia, as coisas voltassem a ser como antes.

— Bem, estou em casa agora — disse ele um tanto embaraçado.

— É... — foi tudo o que Craig conseguiu responder.

Alec levou alguns momentos para pensar o que diria.



— Você não convida ninguém para vir aqui há tempos, Craig. Por que não chama um amigo este fim de semana?

— Não quero que ninguém venha. Ninguém viria mesmo, pois não querem mais nada comigo.

Alec aceitou calmamente as palavras do filho. — Isso inclui Rick Bennett?

Sentindo-se envergonhado, Craig baixou os olhos. — Não, Rick ainda é meu amigo. Mesmo assim, não quero que venha ninguém aqui.

— Parece que você teve um dia péssimo hoje, não é?

Craig assentiu, incapaz de fitar os olhos do pai.

— E jogou em cima de Tory parte da sua raiva?

Os olhos de Craig se fecharam por um instante, e ele concordou: — Fui muito grosso com ela.

— E com Rita?

— Também.

O menino ergueu o olhar, agora tentando se defender: — Rita e Tina passaram o dia no quarto deia! Não vi nenhuma das duas até o jantar!

— Não o estou acusando, Craig. Só perguntando. — A voz de Alec denotava bondade. — Se você saiu do sério, pisou então na bola. Não deixe de se desculpar logo de manhã, ou o dia será tão ruim quanto o de hoje.

Craig concordou com o pai e Alec pôs a mão no ombro do filho. Craig virou a cabeça, mas Alec pôde ver lágrimas em seus olhos. Um momento depois, abraçou o seu robusto filho de doze anos, fazendo as lágrimas de Craig transbordarem.

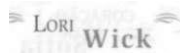
— Não aguento, pai. Não consigo aguentar — soluçou. — Você trabalha o dia inteiro e não posso falar com Sofia. As meninas fazem coisas com ela, mas eu não consigo. O que mais gostaria é falar com a mamãe. Mais do que tudo no mundo.

— Vou tentar melhorar, Craig, — prometeu o pai. — Mas continue dando tempo a si mesmo. Lembra-se de como você se sentiu quando recebemos a notícia?

— Lembro — ele estremeceu com a lembrança.

— Foi pior, não foi?

— Foi. — admitiu Craig e fungou.



— Estamos nos restabelecendo, Craig, e com o tempo nos sentiremos outra vez como uma família.

Craig deitou-se, e Alec olhou para ele. Não podia descrever o quanto o filho era precioso para ele. O rosto liso de apenas um ano atrás, sem problemas de pele ou sinal de bigodes, tinha desaparecido, mas o afeto do pai permanecia o mesmo. Aos olhos amorosos de Alec, Craig era um rapazinho atraente, embora grande parte do tempo parecesse irritado e amargo por causa da morte da mãe. Alec disse novamente a si mesmo que precisava ficar mais em casa. Mas quando pensou no que isso significaria, quase entrou em pânico.

Seus filhos preferiam ficar em casa. Agora, até mesmo mais do que quando a mãe era viva. Entretanto, para Alec, estar em casa era como se Vanessa também estivesse ali. Ele sentia a presença da esposa. E para ele era difícil suportar esse sentimento.

— Você acha que consegue dormir agora, Craig?

— Acho que sim.

— Eu ia dar uma corrida, mas se me quiser por perto, fico aqui.

Craig ficou em silêncio alguns momentos, e respondeu quase que surpreso: — Você não se importa de ficar?

— De modo nenhum. Se quiser conversar, venha ao meu quarto.

Craig fungou de novo. — Obrigado, pai.

Alec passou a mão com ternura nos cabelos castanhos e lisos do filho e sorriu para ele antes de se levantar. Como fazia quando Craig era pequeno, ele apagou a luz ao lado da cama e ficou ali, de pé, por alguns instantes. Não falaram mais, mas ambos sabiam que Craig continuava bem acordado, quando Alec finalmente saiu pela porta.



Alec virou-se agitado na cama, percebendo que não estava sozinho. Mas estava cansado demais para poder falar com quem entrara no quarto. Sabia que não seria necessário ser o primeiro a dizer alguma coisa. Com certeza, quem estava ali começaria a falar sem nenhuma cerimônia. Mal tinha pensado nisso, Tory começou a falar:

— Papai?



— O que foi? — mal conseguiu responder.

— Craig disse ontem que vai trabalhar com você hoje.

— É mesmo.

— Pensei que você fosse fazer compras comigo e Rita. Preciso de algumas coisas.

Era verdade, mas naquele momento Alec quase não pôde falar. — Que horas são, Tory?

— Seis e quinze — respondeu ela timidamente.

Alec suspirou: — Como hoje é sábado, Tory, pode me dar um tempo até as sete?

— Claro, mas será provavelmente um sim?

Como não recebeu resposta, Tory desceu da cama. Ela não olhara o relógio até o pai perguntar as horas. Estava animada com a ideia de comprar algumas coisas novas. Embora não precisasse que o pai fosse junto, isso seria divertido. O que ela realmente queria era permissão para gastar dinheiro se Rita a levasse ao *shopping*.

Tory quis manter o silêncio para que o pai pudesse dormir, por isso voltou para a cama e não desceu para assistir aos desenhos animados na TV. Ficou ali deitada bastante tempo e sonhou que tinha encontrado uma calça *jeans* igual à que vira sendo usada por uma das garotas da escola. Se o pai não concordasse em comprar aquela calça, tinha certeza de que não se negaria a comprar meias, moletons e calcinhas para ela. De qualquer modo, ganharia coisas novas. Naquela hora, Tory não podia pensar em algo mais emocionante do que comprar roupas novas. Pelo menos algumas.

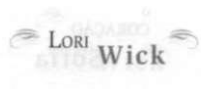


— Sofia? — Alec chamou a governanta, algumas horas mais tarde, ao encontrá-la na cozinha.

— Sim, senhor Riley.

— Craig vai trabalhar comigo hoje e gostaria de saber se você não se importa de ir às compras com as meninas.

Sofia acenou com a cabeça e ocultou a confusão que a pergunta lhe causara. Tinham ido ao supermercado na véspera.



— Acho que elas não precisam tanto de conselhos quanto de companhia. Tory me disse que precisa de roupas de baixo, sapatos e calças. Ela falou que já sabe o que quer, mas já lhe disse que, talvez, ela tenha de se contentar com o que achar.

Alec continuou a instruir Sofia:

— Dei dinheiro a Rita, e acho que é suficiente. Mas quero que leve isto para o caso de ser preciso mais algum. — Entregou uma nota de cinquenta dólares a Sofia e, depois, uma de vinte. — Use isto para levar as meninas para almoçar. O *shopping* tem uma boa praça de alimentação, e há vários restaurantes em volta do estacionamento. Divirtam-se.

Sofia ainda estava digerindo tudo aquilo, quando o telefone tocou. Alec atendeu. Ele foi breve, confirmando com alguém que, dentro de uma hora, estaria chegando. Ao desligar, foi chamar Craig. Pouco depois, ambos se despediram.

Com ares de verão, em *shorts* e camisetas leves, as meninas desceram vinte minutos mais tarde. As duas falaram ao mesmo tempo:

— Papai falou com você, Sofia?

— A que horas vamos?

— As lojas abrem às dez. Hoje é sábado e elas vão estar cheias.

— Você também pode fazer compras, Sofia. Vamos onde você quiser.

Ela não pôde deixar de rir. Nunca as vira tão dispostas.

— Tenho de esperar que o bolo fique pronto — disse Sofia.

— Oh! — as duas demonstraram seu desapontamento, e Rita foi até o forno para ver quanto tempo faltava.

— Vinte minutos de espera ainda — ela parecia decepcionada.

— Bem — disse Sofia —, vocês podem comer enquanto isso.

Ela sorriu quando as meninas pareceram surpresas. Na sua agitação, haviam se esquecido do café da manhã.

O bolo mal saíra do forno quando Rita e Tory fizeram Sofia sair depressa pela porta. Sofia ficou contente porque tivera tempo de usar o banheiro e de pegar a bolsa, pois parecia que as duas não iriam dar-lhe folga para isso. Tory cedeu a Sofia o banco da frente e sentou atrás.

— Precisamos lavar o carro enquanto estamos na rua —, comentou Rita ao chegarem no fim da praça.

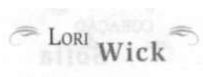


- Papai deu dinheiro a você para o lava-rápido? — perguntou Tory.
- Deu, mas disse que poderia estar lotado e, nesse caso, seria melhor deixar para a semana que vem.
- Onde vamos fazer compras? — perguntou Sofia.
- No *shopping* — respondeu Rita. — Podemos sempre encontrar ali o que precisamos.
- Seu pai me deu dinheiro para irmos almoçar — Sofia informou, e Tory deu gritos de alegria.
- Aonde vamos?
- Você escolhe, Tory. Onde você e Rita quiserem.
- Chili's — disseram elas ao mesmo tempo.
- Nunca ouvi falar.
- Vai gostar, Sofia. Eles têm a melhor salada do mundo.

Sem dúvida, era algo para se esperar. Mas Sofia não fazia ideia de que levariam duas horas fazendo compras, antes de poder dizer o que tinha achado do restaurante.



- São estes? — disse Sofia cansada. — Ela segurava nas mãos umas meias, e Tory as inspecionava cuidadosamente.
- Acho que servem, mas eu queria mesmo era cor-de-rosa.
- Estas são cor-de-rosa —, Sofia apontou para outro par.
- Não é esse o tom que quero — disse Tory.
- Sofia estava pronta para desistir. O senhor Riley fizera tudo parecer tão fácil!... Várias vezes, Rita separou-se das duas para fazer suas compras. Sofia tentou ajudar Tory, mas roupas não eram o seu forte. Ela nunca se importara com moda. Não era agora que ia se ligar nisso. Gostava de roupas, mas eram caras demais nos Estados Unidos. Na Checoslováquia, elas custavam caro também, mas a qualidade nem se comparava! Não queria gastar seu dinheiro, ganho com tanto esforço, em algo que parecia não durar mais de seis meses. Todo o seu guarda-roupa tinha mais de dois anos.
- Como vão indo? — Rita surgiu subitamente ao lado delas, e Sofia deu um suspiro de alívio.
- Tory não consegue decidir — explicou.



- Qual é o problema, Tory?
- Não gosto desta cor.
- Também não gosto — concordou Rita. — Vi algumas meias cor-de-rosa no *Penney's*. Por que não vamos até lá?
- Vamos.
- Mas primeiro — disse Rita com os olhos brilhantes de prazer— tenho uma coisa que quero que você veja, Sofia.
- Eu?
- Sim. Venha.

Rita voltou ao corredor do *shopping* e se dirigiu à quarta loja abaixo daquela.

- O preço destes *jeans* está ótimo, Sofia — falou Rita depois de entrarem. — E eles têm uma porção de tamanhos.
- *Jeans*? — Sofia parecia indecisa. Mas depois compreendeu, num relâmpago, que sua aparência causava constrangimento às meninas.
- Eles são bonitos — Tory entrou na conversa.— As duas não perceberam a mágoa de Sofia. — Experimente alguns.

Sofia engoliu a humilhação e examinou lentamente a prateleira. Rita dissera que o preço era bom, mas vinte e dois dólares por uma calça *jeans* pareciam para ela uma pequena fortuna. Ia ter outra aula de direção e fazia rápidos cálculos mentais para ver se poderia fazer a compra.

- Não sei, Rita — disse finalmente.
- Está bem —, Rita parecia tão desapontada que Sofia desejou nunca mais ser vista novamente em público. — O preço é mesmo bom, e elas seriam muito mais confortáveis para você quando formos patinar.

Sofia virou-se para Rita e perguntou corajosamente:

- Essa é a razão, Rita? É por isso que você quer que eu compre o *jeans*?

Rita fez que sim, sem perceber o peso que tirara dos ombros da governanta.

De repente, Sofia começou a examinar a prateleira com outros olhos. Escolheu várias calças e levou-as para o provador. Queria abraçar Rita, mas sabia que a hora e o lugar não eram apropriados.

Uma vez dentro do provador, Sofia vestiu uma das calças. Estava se olhando no espelho, quando ouviu a voz de Tory.



— Queremos ver, Sofia.

Abriu a porta e foi inspecionada pelas duas meninas.

— Queremos um tamanho menor — declarou Rita, voltando à prateleira.

— Você vai ficar bem de *jeans*, Sofia — disse Tory, e os olhos de Sofia voltaram para o espelho. Não tinha certeza de que concordava, mas agora seu coração estava decidido a agradar aquelas garotas, e sentia-se pronta para experimentar qualquer roupa que elas sugerissem.

Rita jogou outra calça nas mãos de Sofia, que fechou a porta para prová-la. As meninas aprovaram depois de um simples olhar, e Sofia pensou que, se fosse cuidadosa, poderia gastar aquele dinheiro na compra da calça. As meninas tentaram fazer com que Sofia comprasse um suéter do Mickey Mouse. Mas ela se recusou a atendê-las nisso.

Depois disso, foram comprar as meias de Tory. Ela acabou comprando meias brancas, porque não achou o tom de rosa que queria. Depois disso, foram para o restaurante. Ao se sentar, a sensação de Sofia era de que estava andando há dias. A comida era excelente, e o tempo ali trouxe um descanso restaurador. Mas antes que o dia terminasse, elas passaram mais três horas fazendo compras.

Naquela noite, Sofia caiu na cama e, de tão cansada, não ouviu o despertador no dia seguinte. Quando acordou, tinha perdido o primeiro culto. Se corresse, pegaria o segundo, mas a Escola Bíblica Dominical, ela já tinha perdido, mesmo. Sofia apressou-se e conseguiu chegar antes do segundo culto. Estava triste por ter perdido a aula do senhor Parman.

NÃO VI VOCÊ NO DOMINGO — foram as primeiras palavras de Brad Marshall na manhã de terça-feira. Isso foi dito com uma pequena sugestão de censura, mas Sofia não notou.

— Dormi demais — ela admitiu sem culpa, enquanto se dirigiam para o carro, e Brad franziu a testa. A mente de Sofia já estava no treino de direção e, estando de costas para o instrutor, não notou que este ficara perturbado com a resposta que ela dera.

Brad estava distraído, mas sua mente estava em Sofia. Ficava preocupado com o fato de ela ter dormido e não ter conseguido chegar para a Escola Bíblica Dominical. Demorou alguns minutos para que ele visse que a aluna já estava junto ao carro, olhando para ele e esperando suas instruções. Ela estava linda, e Brad não disse nada por um momento.

— Entre, Sofia — falou suavemente. Não conseguia pensar direito quando estava com aquela mulher, e imaginou que talvez fosse melhor outro instrutor dar as aulas de direção para ela. Pensou, então, que se não fosse o seu professor poderia convidá-la imediatamente para sair, em vez de esperar até que terminasse todas as aulas. Deveria considerar isso.

— Agora — disse Brad ao sentar-se ao lado de Sofia —, sei que você teve oportunidade de ler o manual que lhe dei. Vamos falar então um pouco sobre ele.

— Manual?

Sofia olhou-o admirada.

— Não lhe dei um livro na outra aula?

Sofia sacudiu a cabeça, parecendo muito insegura.

"Você está realmente fora dos eixos, Brad", disse ele a si mesmo. "Precisa controlar-se".



— Desculpe — disse. — Deveria ter lhe dado. Você não pode tirar a carteira a não ser que seja aprovada num exame prático, e outro, escrito. Para isso, precisa saber as leis.

Ele apanhou o livro a que se referira no banco de trás, e Sofia pegou-o da sua mão. Ela sentiu o embaraço dele e esperou para ver o que o instrutor diria ou faria em seguida.

— Este livro — Brad explicou — contém tudo o que você precisa saber. Por exemplo, você deve fazer sinal bem antes de virar uma esquina; também diz o que você necessita fazer quando mais de um carro chegam ao semáforo ao mesmo tempo.

O rosto de Sofia iluminou-se. Antes, não entendera o que Brad estava falando. Agora já compreendera.

— Compreendo agora, senhor Marshall. Devo estudar os regulamentos.

— Certo. Isso teria ajudado no nosso treino de hoje, mas ainda temos um pouco de tempo. Ligue o motor e vamos dar uma volta. Não se esqueça de colocar o cinto — acrescentou, finalmente aliviado ao ouvir sua voz soar como de costume.

O treino foi ótimo mas, na hora que voltaram para casa, os pensamentos de Brad se dispersaram outra vez.

— Eu não fiz o que devia, senhor Marshall?

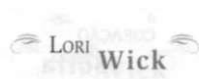
— Pelo contrário, Sofia, dirigiu muito bem. Eu só estava pensando.

Sofia achou que ele diria no que estava pensando, mas quando permaneceu calado, ela simplesmente pegou a bolsa preparando-se para pagar. Sentiu que as coisas não pareciam ter ido tão bem quanto na primeira aula, mas não conseguia descobrir qual era o problema. Pela primeira vez, relutou em fazer uma pergunta ao instrutor.

Brad notou a atitude dela e fez rapidamente as contas. Esperara por aquele dia durante uma semana, e agora estragara tudo. Se o olhar de Sofia queria dizer alguma coisa, ele a havia confundido e perturbado. Sua desconfiança foi confirmada quando a aluna fez o pagamento, e ambos continuaram de pé na calçada.

— Vou ler isto e tentar fazer melhor da próxima vez, senhor Marshall.

— Você foi muito bem, Sofia — ele tentou convencê-la. — Vai ajudar quando ler o livro, mas está indo muito bem.



Ela pareceu um tanto aliviada, e ele disse então: — Você quer marcar outra aula?

— Sim, quero.

Brad abriu sua agenda. — Dez horas na próxima semana?

— Dez horas é ótimo. Estarei aqui.

— Combinado, vejo você depois. Boa semana.

— Obrigada. Até logo.

A aula terminara, e Sofia entrou em casa, completamente alheia ao olhar que Brad lhe lançara até que entrasse.



— Preciso falar com você um momento, Sofia.

Alec disse a Sofia isso cerca de uma hora depois da sua aula de direção. Como sempre, Sofia ficou admirada ao vê-lo em casa no meio do dia. Parou para dar-lhe toda atenção. Estava limpando o corredor do andar de cima. Abandonou o pano de pó e perguntou:

— Lá embaixo, senhor Riley?

— Não, pode ser aqui mesmo. As crianças e eu não estaremos em casa amanhã. E você não precisa vir trabalhar.

— Está bem. Quer que eu faça comida e deixe aqui para vocês?

— Não, obrigado, Sofia. As crianças e eu nos arranjamos. Se for preciso, nós mesmos faremos alguma coisa.

— Está bem, senhor Riley. Devo vir trabalhar no dia seguinte?

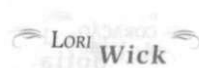
— Sim, por favor, Sofia. Obrigado por ser tão flexível.

Sofia tentou entender a palavra *flexível*, enquanto terminava de limpar o corredor e começava a limpar o quarto de Tory. Continuou a pensar na palavra até encontrar sobre a mesa de Tory um calendário em que estava escrito: *Mamãe foi embora há um ano.*

O dia seguinte era 12 de outubro. De repente, Sofia não viu mais a poeira do quarto e a cama por fazer. Tudo o que podia ver eram três crianças solitárias e um jovem viúvo. Com o pano de pó na mão, ajoelhou-se ao lado da cama e chorou, enquanto começava a orar.



- Eu não disse ao professor que ia faltar hoje, Craig confessou na hora do café. Os quatro haviam levantado tarde e estavam agora num restaurante em Madison. A manhã estava no meio, entre o café e o almoço. Enquanto isso, eles comiam coisas variadas. Craig optara por um hambúrguer, enquanto as meninas pediram omelete. Alec sentia o estômago como que fechado. Comeu apenas uma bolinha acompanhado de um suco.
- Você falou com a professora, não é Tory?
- Falei. Ela me perguntou o motivo, mas alguém interrompeu e não tive de responder.
- Poderia ter contado, se quisesse — disse Alec gentilmente.
- Eu não queria — respondeu Tory, e Alec sabia que era essa a razão de Craig ter mantido silêncio também.
- Vai ser bom — garantiu a ele.
- Onde vamos primeiro? — perguntou Rita, sabendo que estariam fora o dia inteiro.
- A uma floricultura e, depois, ao cemitério.
- As crianças tinham adivinhado isso, mas sentiam constrangimento em perguntar.
- Acho que estive conversando com Sofia, não é? — comentou finalmente Rita.
- Sobre? — as sobrancelhas de Alec se arquearam.
- Sobre visitar o túmulo de mamãe. Ela nos contou como costumava ir visitar o túmulo da mãe.
- Alec sacudiu a cabeça. — Não discutimos isso. Foi o seu tio Davi que me deu a ideia. Ele disse que sua tia Janete tinha pensado em vir, mas não foi possível conciliar o dia. Comecei a refletir e achei que era o que deveríamos fazer. Penso que é bom lembrar, mesmo que doa.
- As palavras de Alec pareciam-se tanto com as de Sofia que Rita e Tory trocaram um olhar. Era bom estar com o pai, mas subitamente as duas desejaram que Sofia estivesse ali também. Logo chegou a hora do almoço, e o assunto deu lugar a conversas sobre outras coisas.



— Flores ou uma planta? — perguntou Alec uma hora depois. Eles estavam numa grande floricultura, e Alec notou imediatamente que seus filhos pareciam praticamente perdidos. O perfume lá dentro era delicioso, mas as opções eram tantas que ninguém conseguia tomar uma decisão. Tory tocou a folha de uma planta num vaso e disse: — Mamãe não se dava muito bem com as plantas.

— É verdade — acrescentou Craig —, mas ela gostava de flores. Vamos por aqui.

Foi nesse momento que Rita a viu. Uma planta em flor pendia no teto numa cesta. A jovem aproximou-se e tocou a planta. Para sua surpresa era de seda, e teve certeza de que era a que deveriam escolher.

— Não podia suportar a imagem de uma planta ou uma flor colocada no túmulo para morrer. Vamos levar esta planta para mamãe e, depois, a levaremos para casa. Podemos pendurá-la naquele gancho vazio na sala de estar. Penso que seria uma boa lembrança.

Todos os olhos se levantaram para o teto. A cesta era grande, e a planta, de um verde brilhante com flores vermelhas ao longo do caule.

— Que ideia boa, Rita! — o pai encorajou e ficou olhando enquanto Craig pegava a cesta.

"Ele está ficando tão alto", foi tudo em que Alec pôde pensar antes de receber a planta. Alec tomou uma decisão rápida e não tirou a planta das mãos de Craig. Examinou a etiqueta de preço e tirou a carteira do bolso. Passou algumas notas para as mãos do filho. O rapazinho hesitou um pouco, mas Alec ficou com as meninas, enquanto o filho fazia o pagamento.

Estavam de volta ao carro alguns minutos depois, e o trajeto até o cemitério foi feito em silêncio. As crianças não tinham estado ali desde o sepultamento da mãe, mas tiveram uma surpresa, para a qual Alec quase não estava preparado.

— Eu a levei — disse Craig quando estacionaram, e viu Rita pegando a planta. Ela deixou que fizesse isso, e os cem metros que andaram até o túmulo foram cobertos em passos silenciosos.

As lágrimas imediatamente subiram aos olhos de Tory quando viu o nome da mãe escrito no túmulo. Rita viu um vaso com plantas abandonadas perto da lápide.



— Você esteve aqui antes, papai?

— Sim, Rita — Alec respondeu baixinho, percebendo a situação. Olhou para o rosto da filha mais velha e viu que o sinal de uma mágoa insuportável tomara conta de sua face.

— Quando? — sussurrou ela.

— A última vez foi há dois meses — confessou Alec antes de olhar para Craig, que parecia também em estado de choque.

— Por que nunca nos trouxe? — exigiu Rita.

Alec encolheu os ombros sem defesa, fazendo a si mesmo essa pergunta. — Nunca planejei nada, Rita. Eu decidia vir de repente. Vocês estavam sempre na escola e eu...

— Você nunca veio aqui num sábado? — Àquela altura ela estava zangada.

— Sim, eu vim — o pai teve de admitir —, mas não me ocorreu trazer vocês.

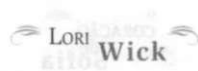
Ele parou de falar quando Rita virou-se com lágrimas correndo pelo rosto. Estava zangada com o pai, mas também consigo mesma. Por que nunca lhe ocorrera vir visitar o túmulo da mãe? Poderia ter pedido ao pai, ou ter vindo ela mesma dirigindo o carro, mas só queria estar em casa. A casa era a mãe. A casa tinha a presença de Vanessa Riley, e era isso que Rita havia necessitado tão desesperadamente.

Rita não sabia como e por que os sentimentos do pai eram tão drasticamente opostos aos dela. A casa era o último lugar em que ele desejava estar. Aquele túmulo, aquele lugar, representavam Vanessa para Alec. Ele sabia que, na realidade, ela não estava ali, mas sentia-a mais perto dele. Podia falar com ela e sentir como se não tivesse partido para sempre.

— Você precisava ficar sozinho aqui, pai? É isso? — A voz de Craig quebrou o silêncio, e Alec olhou para o filho com amor, porque viu que ele tentara compreendê-lo.

— Na verdade, Craig, nem sequer pensei. Sinto muito. Se soubesse que vocês queriam vir ou se pensasse nisso, eu os teria trazido imediatamente. Podemos vir mais vezes agora — ofereceu gentilmente. — Sempre que quiserem.

Ao ouvir essas palavras, Rita voltou-se para ele. — Não — disse cia baixinho com as lágrimas presas na garganta. — Não gosto daqui.



— Eu também não — soluçou Tory, e Alec aproximou-se para abraçá-la. Ao fazer isso, libertou inconscientemente os filhos da prisão do seu sofrimento particular. Ao sentar-se à frente do túmulo e puxar Tory para o colo, redefiniu o local, mostrando para as crianças que aquele não era um solo sagrado, mas um lugar em que poderiam estar. Craig reteve as lágrimas até chegar perto da lápide de mármore, e passar os dedos sobre a expressão gravada ali: *Mãe amorosa*. Achevou-se, depois, ao pai e escondeu o rosto na sua manga. Rita fez o mesmo.

Ficaram juntos como se o ar estivesse gelado ao seu redor, tentando lutar contra o sofrimento que voltara quando viram de novo o túmulo. O cemitério ficava num lugar tranquilo, mas havia mais duas famílias, com certeza visitando túmulos de familiares. Os Rileys nem sequer viram que elas estavam ali.

— O que você fazia, papai, quando vinha? — Tory quis saber.

Alec fungou e usou o lenço antes de responder. — Falava com a sua mãe e geralmente chorava. Algumas vezes ficava zangado.

— Com a mamãe?

— Sim, e com Deus também.

— Por que Deus a levou, papai? — Craig perguntou num sussurro de tortura.

— Perguntei isso a mim mesmo muitas vezes, Craig, e penso que a resposta não é tão negativa quanto julguei a princípio. Acho que Deus deve ter amado tanto sua mãe que queria abraçá-la desde agora, sem esperar que ela fizesse noventa anos.

As lágrimas de todos correram outra vez, mas Alec continuou em tom suave:

— Queria também mostrar-nos que devemos depender completamente dele. Sei que me considerei autossuficiente durante muito tempo.

— Você acha que foi um castigo? — A raiva estava de volta na voz de Craig. Sentia dor de cabeça por causa dos soluços.

— Não, Craig. Não acho. Não acredito também que tenha sido um erro, mas, sim, que Deus queria nos ensinar algo com tudo isso. Eu, por exemplo, quero aprender agora.

A resposta não satisfez Craig, mas ele não deixou transparecer. Não era o momento certo. Gostaria sinceramente que alguém ficasse zangado com Deus. Gostaria de gritar para Deus: "mentiroso", "enganador", "traidor", "falso"— a lista era longa. Craig sabia que só um soberano malvado faria o que Deus tinha feito com ele.



- Nunca fico cora raiva, papai —, admitiu Tory. — Mas tenho tanto medo!
- De que, querida?
- De você morrer também — disse ela. — Não teremos ninguém se você morrer.
- Os braços de Alec enlaçaram Tory com mais força. — Olhe, Tory, senti também medo de que alguma coisa acontecesse com vocês, mas Deus vai cuidar de nós.
- Queria que ficasse mais tempo em casa, papai —, confessou Rita, controlando melhor as lágrimas.
- Vou tentar fazer isso, Rita —, prometeu Alec. — Estou começando a construir uma casa na próxima semana, mas estou quase terminando a construção de duas outras. Depois disso, terei mais tempo.

Rita assentiu, e Alec abraçou-a.

- Vá até o carro, por favor, Craig. Há uma cesta de ferramentas lá; traga-a aqui.
- A cesta continha uma enxada pequena, uma pá, uma escova de cerdas duras e alguns panos de limpeza. Os quatro começaram a trabalhar no túmulo poeirento e um tanto abandonado. Um sentimento de esperança e restauração tomou conta deles.

Nada mágico ou sobrenatural aconteceu, mas aquele pequeno gesto feito em favor da mãe funcionou como um poderoso purificador.

Uma hora mais tarde, quando todos ficaram satisfeitos com os resultados, voltaram ao carro, com as ferramentas e a planta mais uma vez no porta-malas. Alec surpreendeu os filhos ao sair da cidade em direção aos vales de Wisconsin.

Os vales eram um atrativo especial para os turistas. Como ainda era o horário de aulas, tudo estava mais calmo e sossegado. Muitas atrações, como o grande parque aquático, tinham fechado para a estação, mas os restaurantes continuavam abertos. Depois de uma votação familiar, ficou decidido que dariam uma volta nos carros anfíbios restaurados da Segunda Guerra Mundial, agora usados para turismo, dentro e fora do rio Wisconsin e através das áreas de formações rochosas. Quando chegaram a casa já eram oito da noite. Estavam emocional e fisicamente exaustos. Mas Alec e as meninas sentiam uma nova espécie de paz que os levaria a avançar cada vez mais, trazendo uma cura mais eficaz e uma mudança radical de sentimentos com relação à perda de Vanessa.

SOFIA PERCEBEU UMA MUDANÇA imediata nos filhos de Alec, depois de terem saído com o pai. Craig não deu muitos sinais de ter mudado, mas Rita parecia mais despreocupada que antes, e Tory estava muito afetuosa. A menina sempre abraçava Sofia, ao sair para a escola e ao voltar para casa. Sofia gostava muito disso, e ficava imaginando qual a razão da mudança. A primeira razão que encontrou foi a permanência do senhor Riley por mais tempo em casa.

Durante o restante de outubro, ele passou a jantar com a família quase todas as noites. Ainda trabalhava em três sábados de cada mês. Nesses dias, passou a levar Craig com ele, mas às 14h já estavam de volta.

O tempo esfriava cada vez mais, e a zona Sul de Wisconsin tivera até algumas nevascas, embora nada ameaçadoras. Sofia ia a pé à igreja nos domingos pela manhã, e pedia a Deus que Gladys não demorasse a voltar. Sentia-se egoísta por ter feito esse pedido ao Senhor, e agradecia a ele por ter botas e casaco para enfrentar o frio. Como toda a sua roupa, o casaco estava fora de moda, mas era quente.

Sofia gostava do inverno. Aproveitava o tempo frio para assar biscoitos e outras guloseimas e esperar as crianças com chocolate quente, quando elas voltavam da escola.

— Craig ganhou um prêmio — anunciou Tory certo dia, e Sofia olhou para o adolescente. Ele ficou meio sem jeito com o olhar de Sofia e com o entusiasmo de Tory, mas permaneceu na cozinha.

— Pode contar-me o que foi, Craig?

— Vendi bastante chocolate — respondeu ele simplesmente.

— Que bom! Os vizinhos compraram alguns?

— Não — Tory completou. — Ele vende para a vovó. Ela compra muito.

— A avó Frazier? — indagou Sofia.



— Não, a vovó Riley, na Flórida. Ela e o vovô têm uma loja grande de presentes e compraram para todos os que trabalham para eles.

Sofia ficou contente com a informação de Tory, mas estava desesperada para conseguir que Craig mesmo respondesse às suas perguntas.

— Você foi o que mais vendeu na classe, Craig, ou na escola?

— Na escola.

Os olhos de Sofia se arregalaram, e um sorriso relutante surgiu no rosto do menino.

— Quanto, Craig?

— Trezentos e vinte e nove dólares.

— Nossa, Craig! Isso é maravilhoso! Estou orgulhosa de você. Pensei que ajudava comprando uma caixinha e aqui está você, vendedor famoso em todo o mundo.

Os dois riram com as palavras e a expressão de Sofia, e o coração dela se animou quando Craig pegou a mochila da escola e começou a fazer a lição ali na mesa da cozinha. Era um momento muito especial, nada muito dramático, mas Sofia estava agradecida pelo que significava esse passo em seu relacionamento com o menino.

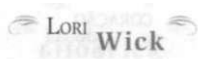


Sofia pensava que aquele dia nunca chegaria. Era 7 de novembro de 1989, ele estava do lado de fora do Departamento de Veículos Motorizados de Wisconsin, com a carteira de motorista na mão. Precisou fazer um teste para poder receber aulas de direção. Passou seis semanas tendo essas aulas, gastou mais de 250 dólares, mas valeu a pena, ela conseguiu. Brad Marshal não a acompanhara no exame de direção. Quem a acompanhou foi o senhor Parker, um homem mais velho que Brad, e uma pessoa muito bondosa.

— Muito bem, você conseguiu! — disse ele radiante. — Quer guiar na volta para casa?

— Oh, senhor Parker, gostaria muito.

Ele lhe deu as chaves, e os dois partiram. Era um sonho que Sofia conseguia realizar. Entusiasmada, precisou se concentrar enquanto dirigia o carro na volta para casa. Agradeceu meia dúzia de vezes ao senhor Parker, por pouco



se esqueceu de pagá-lo, e quase tropeçou na subida para a porta da frente; mas conseguiu! Tinha agora sua carteira de motorista. Poderia dirigir! Sua avó ia ficar impressionada.

Sofia entrou em casa para trabalhar. Estava tão contente, que se atirou na poltrona da sala de estar e passou alguns momentos em oração, antes de começar o trabalho. Então, algo lhe chamou a atenção: o controle remoto da TV estava ao seu lado. Para relaxar depois de tanto esforço, apertou o botão de canais, como vira as crianças fazerem. Começou a passar os canais a esmo, quando viu, na tela, um homem dizendo: — Venha! Você é o próximo competidor em *O preço justo!*

Sofia sentou-se na beirada da poltrona, e começou a assistir, admirada. Já ouvira falar de programas de jogos, mas aquele era o primeiro que via. As cores eram lindas, e os prêmios, grandes. Os olhos de Sofia ficaram do tamanho de um pires quando uma mulher ganhou um Cadillac novo, branco e brilhante.

Quando o programa terminou, Sofia conversava com a TV e sacudia os braços para os competidores como se estivesse no auditório. Se alguém estivesse em casa teria ouvido coisas assim: — Não, não, você vai dar um preço alto demais. Pegue o dinheiro, pegue o dinheiro! Ouça a mulher de azul, ela sabe. Cinquenta centavos não é suficiente. Gire de novo.

Quando o programa terminou, Sofia estava exausta. Percebeu também que ficara sentada durante mais de 45 minutos.

— O que o senhor Riley diria se visse isso, Sofia Velikonja — censurou-se em voz alta e apertou decidida o botão para desligar a TV. — Você não está sendo paga para assistir à televisão. Que vergonha! Volte agora ao trabalho.

— Sofia seguiu o próprio conselho, mas a maravilha do jogo continuava em sua mente. Quando Tory chegou da escola e elas ficaram sozinhas por algum tempo na cozinha, Sofia falou, aproximando-se bem da menina: — Assisti, Tory. Assisti ao programa.

— *O preço justo?* — Tory quase gritou.

Sofia sacudiu a cabeça num sim entusiasmado, e falou brincando: — Ganhei um barco. — Fingiu estar triunfante, e Tory caiu na risada.

— Eu nem sequer sabia o preço. Apenas adivinhei e ganhei um barco. Quer velejar comigo, Tory?

O rosto de Tory ficou vermelho de tanto rir, e lágrimas começaram a sair de seus olhos. E Sofia continuava a brincar:



— Vou usar um boné de capitão, e você pode ser o imediato.

Ela se pôs a dar uns passos de dança no meio da cozinha e Tory desmoronou na cadeira.

— Pare, Sofia —, ela falou ofegante — não aguento mais!

Sofia apenas sorriu. — Está orgulhosa de mim?

— Estou. Só queria que fosse no sábado.

— Eu também. Poderíamos assistir juntas.

Tinham acabado de conversar e de rir um pouco mais quando Craig desceu. Procurou Sofia na sala de estar e teve certa dificuldade em articular as frases seguintes:

— Preciso terminar minha lição... — começou.

— Está bem — disse Sofia, imaginando o que ele queria realmente dizer e grata porque Tory fora para a outra sala.

— Você vai ficar por aqui?

— Sim, Craig, vou trabalhar até depois do jantar esta noite.

— Olhe, vai chegar uma menina. Quero dizer, ela não vem me ver, mas precisamos ir à biblioteca, e a mãe de Rick vai nos levar, mas a mãe de Melissa só vai trazê-la até aqui.

— Está bem — Sofia tentava entender. — Você quer que eu avise quando ela chegar?

— Não, não quis dizer isso... — Craig ficou vermelho. — Só quero que a convides para entrar.

— É claro, Craig. Faça isso.

Parecia que ia dizer mais alguma coisa, mas não conseguia encontrar as palavras. Depois de algumas tentativas malsucedidas, apenas sacudiu a cabeça e tornou a subir. Avisou a Sofia bem a tempo, pois cinco minutos mais tarde a campainha tocou.

— Oi, o Craig está?

— Está sim — disse Sofia à garotinha simpática que estava subindo a escada.

— Entre, por favor. — Sofia esperou até que ela entrasse e depois explicou:

— Craig está terminando a tarefa de casa. Quer esperar na cozinha?

— Claro.

Sofia foi na frente, e logo a menina estava sentada junto à mesa.



— Eu sou Sofia.

A garota sorriu. — Eu sou Melissa. Moro a alguns quarteirões daqui.

— Quer um biscoito, Melissa?

— Quero sim. Obrigada.

— De nada. O Craig me disse que vão à biblioteca.

— Vamos. Estamos estudando a Criação. Alguns de nós concordamos em representar os evolucionistas. Em nossa biblioteca há poucos livros sobre o assunto, e precisamos de mais informações. Vai ser difícil, porque eu não acredito em toda essa história de milhões de anos, mas acho que vamos aprender bastante.

— Você e Craig estão na mesma classe?

— Sim. Oh, oi, Craig.

— Oi, Melissa. O Rick já chegou?

— Não.

— Craig, quer um biscoito?

Craig agradeceu e sentou-se à mesa. Sofia e Melissa continuaram a conversar, mas Craig não participou da conversa. Entretanto, Sofia notou que os olhos do menino quase não se desviavam de Melissa.

— Vai haver debate?

— Vai. Só na semana que vem, mas precisamos nos preparar. Não sei se você conhece o Rick. Ele gosta de fazer graça, e cada vez que tentamos trabalhar nisso, acabamos rindo.

— Você acha que vai ser melhor fazer a pesquisa na biblioteca pública?

— Acho. Eles são muito severos em relação ao barulho e podemos nos separar, se necessário.

— Quando eu tinha quinze anos, apresentei uma pesquisa sobre a teoria da evolução. Fiquei muito nervosa. Não me lembro de tudo o que eu disse. Só sei que deixei algumas pessoas zangadas quando afirmei que essa era uma teoria ímpia.

— Isso perturba mesmo as pessoas — Melissa concordou. — Acham que estamos querendo introduzir religião, mas é a verdade. Crer na evolução é dizer que a Bíblia é mentirosa e Deus também, gostem ou não.



- Essa parece uma boa sentença para terminar o seu debate — comentou Sofia, e Melissa sorriu contente, pegando o caderno de notas. Craig e Sofia ficaram sentados quietos enquanto ela escrevia, e foi nesse momento que Rita entrou.
- Você parece aborrecida, Rita — comentou Sofia.
- E estou mesmo — disse ela desgostosa. — Não consigo encontrar Tina, e esta tarefa de alemão não faz sentido.
- Você está estudando alemão?
- Estou. — Sua voz ainda conservava o tom de raiva.
- Talvez eu possa ajudar — ofereceu-se Sofia. Mas Craig e Rita olharam para ela, como se fosse um ET. Sofia ia rir, brincar com a reação deles e explicar, quando a campainha tocou. Rick viera buscar Craig e Melissa. Sofia acompanhou-os até a porta. Ao voltar à cozinha, Rita tinha conseguido finalmente falar com Tina pelo telefone.

OUTRA SEMANA SE PASSOU antes que Sofia contasse ao patrão que recebera a carteira de motorista. Durante semanas, era Sofia quem pegava a correspondência na caixa, já que suas cartas vinham aos cuidados de Alec Riley. Mas naquele dia, Alec adiantou-se e pegou a correspondência antes que Sofia pudesse fazer isso. Foi direto para o escritório e não esteve com a governanta. Havia, porém, uma carta para a moça, e ele foi procurá-la no porão.

Sofia lera em algum lugar que era importante manter limpos os filtros da fornalha. Então, arrastara o aspirador pelas escadas, a fim de fazer esse serviço. A presença de Alec a assustou, porque o motor do aspirador impedira que ela ouvisse seus passos.

— Desculpe assustá-la —, disse ele sem jeito — mas chegou uma carta para você.

— Oh, obrigada, senhor Riley.

Alec entregou a carta e voltou-se para sair.

— Senhor Riley?

— Sim? — Ele já estava nas escadas e não olhou diretamente para ela.

— Tenho licença agora.

Isto chamou a atenção de Alec. Ele desceu e ficou na frente da governanta.

— O que você disse?

— Tenho licença de motorista de Wisconsin, senhor Riley. Achei que devia saber.

A voz de Sofia mostrava que ela não conseguia conter o orgulho. Alec sorriu e felicitou-a:

— Isso é ótimo! Não sabia que você estava tendo aulas de direção.

— Eu fiz aulas nas terças-feiras de manhã.



- Parabéns. Quanto tempo levou?
- Seis semanas e um exame na semana passada.
- Parece que você aprendeu depressa. Você dirigia na Checoslováquia?
- Um pouco.
- Muito bem. Sempre que precisar do carro para fazer compras ou para outras coisas, combine com as crianças para deixá-las na escola.
- Está bem.

Alec despediu-se, e Sofia voltou ao trabalho. Parecia uma coisa tão pequena, mas o fato de o senhor Riley ter mostrado que confiava nela trouxe segurança para Sofia. E ela pediu a Deus que fosse sempre cautelosa e nunca desse motivo para que o senhor Riley perdesse a confiança que tinha nela.



Na sexta-feira e no sábado, a temperatura elevou-se de tal maneira que as crianças e Sofia puderam ir patinar. Ao vestir a calça *jeans* e um suéter grosso, Sofia deu razão a Rita e a Tory; patinar vestindo uma calça de *jeans* era muito mais fácil, bem mais agradável. Enquanto patinavam, riram e se divertiram como se aquela fosse a última oportunidade para fazer aquilo.

O domingo amanheceu gelado. Imaginando que sentiria frio, Sofia não conseguiu vestir saia para ir ao culto. Lembrou-se, então, de que ir à igreja era mais importante do que a vestimenta que usava. Saiu para ir à Escola Bíblica Dominical e para participar do segundo culto.

Viu que Brad estava sentado no outro lado da classe da Escola Bíblica Dominical. Ele apenas acenou para Sofia. Não sorriu, e logo desviou o olhar, evitando olhar para ela. Sofia gostaria de lhe contar que tinha sido aprovada no exame de direção. A atitude com que Brad olhou para ela, entretanto, fez com que perdesse a coragem de procurá-lo. Não sentiu liberdade para isso. Nas últimas aulas, Brad tinha voltado a agir como da primeira vez que vira Sofia: reservada e discretamente. Naquele domingo, ela viu essa atitude em Brad, mas não sabia o motivo disso.

Ao voltar para casa, Sofia continuou a pensar na atitude que Brad tinha tido com ela naquela manhã. Temeu ter feito alguma coisa de errado. Estava tão envolvida nesses pensamentos e em seus temores, que não viu que o carro dos



Rileys tinha parado na esquina à sua frente. Sofia parou e viu a porta de correr abrir-se na van, Tory pôr a cabeça para fora e falar alto:

— Entre, Sofia. Vamos dar uma carona a você.

Sofia entrou e se sentou no último banco da van. Alec dirigia. Craig estava ao lado dele, e as meninas, no segundo banco.

— Obrigada — Sofia falou baixinho quando a porta se fechou, e Alec deu partida no carro.

— Você sempre vai a pé para a igreja, Sofia? — Tory voltou-se e perguntou.

— Sim, vou.

— É longe.

Era verdade. Sofia apenas sorriu com a pergunta de Tory. Alec ouviu o que as duas falaram, olhou pelo retrovisor, mas não fez comentários até chegarem em casa.

— Obrigada pela carona, senhor Riley.

— De nada, Sofia. Por que você não vai conosco todos os domingos?

Sofia piscou. — Não quero incomodar, senhor Riley — disse sobriamente. Não tinha certeza de que deveria ir no carro com a família e não sabia o que dizer.

— Aprecio essa sua atitude, Sofia, mas está frio demais para andar a pé toda essa distância. Saímos às 9h30, e daqui por diante, pode planejar ir conosco.

Ele se virou e saiu, sem esperar nenhum comentário. Sofia não tinha certeza de que ir junto com a família para a igreja era o melhor, mas não pôde encontrar um argumento razoável. O que Alec lhe tinha dito martelou em sua cabeça durante todo aquele dia, mas ela não encontrava uma resposta. Mais tarde, deu razão a Alec; ele estava certo. Fazia muito frio, e nem começara a nevar! Uma carona seria muito bom para ela.



Ao contrário de Sofia, Alec saiu e não pensou mais no assunto. Decidira que, naquele dia, faria uma coisa que considerava desagradável, mas que não saía de seu pensamento. Comeu um sanduíche, tomou um copo de leite, e subiu para o *closet* do seu quarto. Começou a olhar para as roupas de Vanessa.

Viu que alguns dos vestidos tinham sido comprados quando os dois estavam juntos; outros tinham sido dados por ele; e ainda outros tinham sido comprados



pela própria Vanessa. Ela não chegara a usar alguns dos vestidos que estavam ali. Viu que a etiqueta de um vestido estampado ainda estava na manga.

Passou a levar a roupa do *closet* para a cama, arrumando-a em pilhas separadas: cabides, blusas, vestidos, calças. Obrigou-se, agora, a pegar um punhado de cabides e a levar as roupas para a cama. Havia trabalhado metodicamente durante alguns minutos, cabides nesta pilha, blusas aqui, vestidos ali, calças mais longe, quando Tory entrou no quarto, sentou-se na cama, quase em cima das blusas, e ficou olhando o pai pegar outras roupas no armário.

— O que vai fazer com as roupas da mamãe?

— Vou dá-las. Acho que Rita não quer nenhuma, e elas são ainda um pouco grandes para você.

— Esta não é.

Alec parou e ficou olhando para a sua caçula. Ela segurava um suéter rosa-pálido que ele atirara para um lado.

— Experimente, Tory — disse carinhosamente, tentando ignorar o anseio retratado nos olhos da filha.

A menina vestiu o suéter e se pôs na frente do pai para que ele pudesse ver como ficara. Alec enrolou várias vezes as mangas do suéter e incentivou a filha:

— Vai servir para você antes que perceba, por que não o coloca no seu armário?

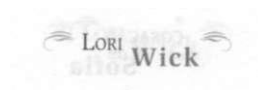
— Isso mesmo. Quem sabe posso usá-lo no ano que vem.

— Talvez.

Ela saiu, e Alec pensou que não a veria mais, mas Tory voltou alguns minutos depois. Sem que pedisse ao pai, a menina passou a tirar os sapatos do *closet* e enfileirá-los aos pés da cama. Ficou meio atrapalhada quando tentou experimentar um par de sapatos de saltos altos. Mas conseguiu organizar os sapatos que tinham sido da mãe.

Rita e Craig, um após outro, apareceram no quarto do pai. Ficaram observando o que estava sendo feito ali, permaneceram em silêncio durante algum tempo, mas logo puseram-se a ajudar. Rita experimentou um suéter que lhe servia perfeitamente, mas devolveu-o à pilha.

Alec decidira conservar algumas coisas que tinham sido de Vanessa. Procurou guardar na memória o suéter que Rita experimentara para conservá-lo também.



— O que vai fazer com tudo isso, papai? — perguntou Craig finalmente. Ele estava acostumado a ver o pai com ferramentas de construção na mão, e aquilo parecia tão estranho que não sabia o que pensar.

— Vou pôr em caixas para sua tia Janete. Ela se ofereceu, há muito tempo, para cuidar disso para mim. Vou pedir a ela que me ajude nisso.

— Mas o que ela vai fazer com tanta coisa?

— Dar a outras pessoas.

— Pessoas carentes?

— Acho que não. Ela é muito alta para usar estas roupas, mas a igreja que frequenta é grande e ela dá aula em um grupo de estudo bíblico. Provavelmente tem alguém em vista.

A resposta agradou a Craig. Ele não suportaria saber que as roupas que foram de sua mãe tinham sido colocadas em caixas no estacionamento de alguma mercearia. Amava tia Janete e confiava nela o suficiente para saber que ela faria a coisa certa.

— Quando vai mandar as roupas para a tia Janete? — Tory quis saber.

— No Natal.

Ficaram em silêncio alguns instantes, depois Craig perguntou: — Podíamos comemorar o Natal aqui em casa este ano?

— Isso mesmo, pai — interferiu Tory. — Só nós quatro.

Alec parou o que fazia e olhou para os filhos. Rita não tinha dito nada. O pai, porém, percebeu pelo seu olhar que ela gostara da ideia.

— Pensei que gostariam de ir à casa dos tios Janete e Davi.

— Nós gostamos, mas queremos ficar aqui na véspera e no dia de Natal — explicou Tory.

Alec ficou tão surpreso que perdeu a fala. Já podia ver Davi em sua casa. Mas não pôde ignorar a expressão no rosto dos filhos.

— Podemos fazer a nossa reunião aqui — Rita sugeriu. — Sei que Sofia nos ajudaria a prepará-la.

— Vamos convidar Sofia?

— Não —, disse Craig em voz baixa — mas acho que ela nos ajudaria, se pedíssemos.

— Ah, entendo. Dizemos a ela: *Sofia, faça a comida e depois vá embora.* — Alec ponderou.

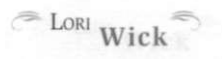


Na verdade, não era isso que os filhos pretendiam, mas Alec não sabia por que se expressara daquela forma... ou talvez soubesse. Não pensaram em como seria difícil ficar naquela casa no Natal sem Vanessa? Evidentemente não.

- Não gosta da ideia, papai? — Rita perguntou depois de observar a fisionomia do pai.
- Não é uma ideia ruim — começou ele e compreendeu que estava prestes a fugir da situação outra vez. Quase começara a apresentar desculpas, mas tinha de parar com isso. Depois de pedir forças a Deus para enfrentar mais aquela situação, Alec falou:
- Corra e pegue a folhinha, Tory, para verificarmos os dias das festas. — Ela foi e voltou como um relâmpago. Todos inclinaram a cabeça sobre a página quando Tory colocou o calendário de 1989 nas mãos do pai.
- O Natal é numa segunda-feira. Vocês gostariam de ir na terça ou não querem ir?
- Sim, na terça — respondeu Craig. Rita, entretanto, não concordou.
- Qual é a sua ideia, Rita?
- Quero ter o nosso jantar com peru na véspera de Natal e, depois, abriremos os presentes nessa noite, só nós quatro. Quero dormir na manhã de domingo, levantar-me e ir para Chicago. Poderíamos chegar lá mais ou menos a uma ou duas da tarde e jantar com os tios. Depois, passamos lá alguns dias. A escola vai mesmo fechar a semana inteira.

Não foi Rita quem pensou naquele esquema primeiro, embora, como de costume, tenha tido as melhores ideias.

- Está bem, mas penso que devemos pelo menos convidar Sofia para comer conosco.
- Ah, papai... — queixou-se Craig, mas Alec não cedeu.
- Temos de fazer isso, Craig. Vou convidá-la. Ela não precisa ficar muito tempo conosco. Mas ela participar da nossa refeição não quer dizer que vá nos prejudicar.
- Está bem — disse ele com um longo suspiro. Craig não era realmente contra a ideia. Sofia tinha sido muito amável com ele, e sabia que isso era o mínimo que podia fazer para ser agradável também. Mas preferia comemorar o Natal só com o pai e as irmãs.



Depois de completados os planos para os feriados, as crianças perderam o interesse pelo trabalho que estavam fazendo. Alec acabou esvaziando o armário sozinho. Mas não se importou com isso. Tomou o último cabide do armário, mas recolocou-o ali imediatamente. Nada no mundo poderia separá-lo do vestido de noiva da esposa!...

A CAMPAINHA TOCOU no dia seguinte pouco antes das 14h30, e Sofia riu, alegre, ao ver Gladys no degrau da frente.

— Entre! — gritou, e as duas mulheres se abraçam logo depois de a porta ser fechada.

— Como vai a sua filha?

— Ótima. O médico deu licença para ela sair da cama e, mesmo que tenha de descansar depois do almoço, com os pés para cima, já pode sair da toca.

Sofia franziu a testa: — Ela mora perto de uma caverna?

Gladys piscou e depois riu. — Não... quis dizer que está fora de perigo. Nesse caso, fora de perigo de perder o bebê.

— Oh, entendo, eu ver agora. Venha, Gladys, entre e sente-se na cozinha.

— Gostaria de uma xícara de café, se você tiver. Cheguei tarde ontem, e tudo o que fiz hoje foi ler a correspondência.

— Acabei de receber uma carta de minha avó — contou Sofia. — Ela diz que está bem, mas que se sente muito cansada.

— O que ela diz sobre a situação política?

Sofia pareceu um pouco confusa e depois respondeu: — Acho que continua quase a mesma coisa.

Havia alguma coisa errada. Gladys percebeu.

— Sofia —, perguntou ela devagar — você tem lido os jornais ou ouvido as notícias?

— Não, e acho falta, mas os Rileys não recebem o jornal daqui e nunca assisto à TV.

Gladys ficou de pé e perguntou: — Os Rileys têm televisão a cabo?

Sofia apenas encolheu os ombros e seguiu a amiga enquanto passavam para a sala de estar. Um momento depois, ela ligou a TV e encontrou o canal de notícias. A

cobertura mundial entrou logo depois de um programa esportivo, e Sofia ficou vendo, admirada, as mudanças que aconteciam em toda a Europa. A avó não escrevera sobre essas coisas, mas os mapas mostravam claramente que a Checoslováquia estava incluída nessas mudanças. Sofia imaginava que a avó esperava saber o que a neta pensava sobre isso, mas ela nem sequer tinha sabido dessas novidades. Vez por outra nas últimas semanas, ouvira rumores sobre isso, mas não lhes deu importância, pensando que fossem boato.

Agora a tela mudara era outra na TV. Sofia ficou espantada. Cenas da queda do Muro de Berlim surgiram a milhares de quilômetros de distância. Fortes emoções envolveram Sofia. Lágrimas correram pelo seu rosto ao ouvir os alemães falando. Ela podia entender tudo! "Vitória!", "Estamos livres!", "O controle terminou!", gritavam eles.

— Oh, Gladys — chorou Sofia. — Estou tão por fora de tudo! Esta casa tornou-se o meu mundo. Lembro, agora, que esse assunto foi comentado na Escola Dominical, mas não entendi bem. Se tivesse esperado, a minha *babushka* poderia ter vindo comigo.

Sofia chorava abertamente, e Gladys, comovida, colocou um braço em volta da amiga.

— Olhe, Sofia, você veio quando Deus quis que viesse, e ele nunca erra. É possível que ele abra uma porta agora. Quem sabe ele arranjará um jeito de sua avó vir para cá também? Mas saiba que a sua vinda não foi nenhum erro.

— Vou acreditar nisso, Gladys, mas estou me sentindo muito confusa agora e muito estúpida por não saber de nada disso. Poderia ter comprado um jornal para saber das notícias. Mas estou tentando economizar. Com isso, perdi o mundo.

Chorava de novo, e Gladys ficou esperando pacientemente sentada ali. Levou algum tempo, mas Sofia finalmente se acalmou. Seu rosto parecia devastado pelo sofrimento e pela dor. Gladys orou, primeiro no coração e, depois, em voz alta, enquanto segurava a mão de Sofia. Quando terminou, Sofia estava muito mais tranquila, e Gladys sabia que era hora de mudar de assunto.

— Vim convidar você para estar comigo e com minha família no jantar de Ação de Graças.

— Vi isso no calendário —, Sofia fungou um pouco e usou o lenço — mas depois esqueci.



— Vai ser bem gostoso lá em casa, e quero que você venha. Vamos fazer a refeição ao meio-dia.

— Eu gostaria, mas não sei, Gladys. Talvez tenha de trabalhar.

— Tenho certeza que não, Sofia. O senhor Riley não conversou com você sobre isso?

— Não.

— O convite está feito, e se não me avisar do contrário, espero você.

— O que devo levar?

Gladys quis responder "só você", mas para que Sofia se sentisse parte da ocasião, ela perguntou: — Que tal uma salada? Algo de que você goste?

— Está bem. Se o plano for diferença, vou lá avisar você.

— Pode também telefonar.

— Está bem.

Gladys já estava escrevendo o seu número de telefone e colocando-o na mão de Sofia.

— Você vai ficar bem agora?

— Penso que sim. Vou assistir a mais notícias e, depois, vou preparar o jantar. Isso vai ser bom para me distrair.

— Ótimo, então!... Os noticiários já estão começando outra vez. Até logo.

— Obrigada. Gladys.

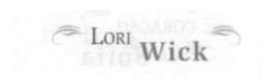
— Foi um prazer, querida, e espero vê-la na quinta-feira.

Elas se abraçaram de novo antes de Sofia voltar e assistir a mais um pouco das notícias. Quando as crianças chegaram cerca de dez minutos mais tarde, ela continuava ali. Aquela era a primeira vez que eles não a encontravam na cozinha. Permaneceram na porta de entrada, surpresos, olhando para ela. Sofia nem se quer os viu. Só quando se sentaram ao seu lado é que percebeu que haviam chegado.

— Olá — disse ela baixinho. Embora não tivesse olhado para eles, perceberam que Sofia estivera chorando.

— Aconteceu alguma coisa, Sofia? — perguntou Rita.

— Eu acabo de ouvir do muro — respondeu em tom de explicação, e as crianças assentiram. O assunto fora discutido muitas vezes na escola nos últimos dias.



O rosto de um homem surgiu na tela e ele falou algumas palavras antes de a voz do anunciante cobrir a sua.

— O que ele disse, Rita? — Tory quis saber, mas a menina mais velha não respondeu.

Sofia poderia ter dito, palavra por palavra, o que significava aquilo a que estavam assistindo. Mas não estava disposta a interpretar o que era falado na sua língua. As coisas não eram tão ruins como no Tony's em Chicago, mas Sofia tinha plena convicção de que os Rileys, até certo ponto, achavam que ela era um tanto estúpida. Naquele momento, porém, a opinião dos outros a seu respeito era o que menos lhe doía. Tudo o que podia ver era o rosto querido de Kasmira.

Ajude-me a superar. Senhor. Sofro tanto por dentro! Não posso suportar a ideia de tê-la deixado para trás ou de nunca mais vê-la. Ela poderia vir agora, mas sei que não vai ser fácil, e a passagem é muito cara. Ajude-me, por favor!

Foi no meio dessa oração cheia de angústia que Sofia percebeu que Tory falava com ela. — O que foi, Tory?

— Podemos comer alguma coisa?

Sofia finalmente lembrou-se de que as crianças estavam ali. *Com que cara devo estar para que me olhem com tanta pena?* Até Craig olhava para ela fixamente.

— Sofia —, Rita interferiu antes que ela pudesse responder a Tory — você conhece muita gente lá, não é?

— Sim, Rita, conheço.

— Você está alegre ou aborrecida por causa delas?

— Estou contente, Rita, mas deixei a minha *babushka* lá e poderia tê-la trazido comigo.

— Sua avó? — adivinhou Rita.

Sofia só assentiu com a cabeça. — Vou preparar um lanchinho agora. — ela disse, levantando-se e indo para a cozinha. As crianças continuaram na sala de estar, assistindo a outras notícias antes de saírem em silêncio para a cozinha, onde se sentaram à mesa.





Naquela noite, Rita foi ao quarto do pai, a fim de narrar o que acontecera horas antes com Sofia. Descreveu detalhadamente o que se passara na sala de estar quando eles chegaram do colégio, e o que Sofia dissera durante o resto do dia. O fato de Sofia ter deixado o mundo a que sempre pertencera emocionou Rita. Para os Rileys, Sofia se tornara o porto seguro na tempestade, e a cena a que as crianças tinham assistido naquela tarde tinha sido perturbadora. Nunca haviam visto a governanta naquele estado. O fato de Alec não ter jantado com os filhos naquela noite tinha acentuado as emoções das crianças. Ele disse a Rita que, na terça-feira estaria ausente outra vez. Com os planos de viajarem durante a semana de Ação de Graças, não tinha outra saída.

Na terça-feira, chegou a casa mais tarde do que previra. Foi por isso que, às nove horas daquela noite, estava do lado de fora do apartamento de Sofia. Trazia um jornal debaixo do braço. Bateu na porta e esperou. Sofia ficou surpresa ao vê-lo, e Alec seria cego se não visse sinais de que a jovem estivera chorando.

— Senhor Riley, tudo bem? Tudo em ordem?

— Está, Sofia, tudo em ordem. Só preciso falar um pouco com você.

Sofia afastou-se, e Alec entrou, mas ficou perto da porta. Estava frio lá fora, e ele a fechou. Mas não planejava ficar ali muito tempo, e nem se sentou.

— Sinto não ter falado com você antes, mas as crianças e eu vamos sair logo depois da escola amanhã. Sempre passamos o Dia de Ação de Graças com Jim e Peg.

— Oh. está bem, senhor Riley. O senhor não precisava avisar-me antes.

— Olhe, tenho um favor a pedir. Poderia preparar um almoço para comermos na estrada? São cinco horas de viagem, e se não tivermos de parar, vamos chegar mais cedo.

— É claro, senhor Riley. Fico feliz em fazer isso. A que horas mesmo?

— As 15h30 ou 16h. mais ou menos.

— Está bem.

— Sei que o Dia de Ação de Graças é um feriado norte-americano, mas você tem planos, Sofia?

— Tenho, senhor Riley. Obrigada por perguntar.



— Ótimo. Vou deixar você sozinha agora. Oh! — Ele tinha quase esquecido. — Tomo café e leio o jornal todas as manhãs antes de ir trabalhar. Nunca o trago para casa, já que as crianças não costumam lê-lo. Teria prazer, porém, em trazê-lo aqui, se estiver interessada.

Sofia não conseguiu falar. As lágrimas subiram tão depressa que não podia mover-se. Alec simplesmente ofereceu o jornal e sorriu amavelmente para ela, dizendo: — Boa noite, Sofia.

Sofia conseguiu acenar com a cabeça e ele se foi. A porta mal acabara de se fechar quando ela caiu no chão, soluçando sobre o jornal que estava em suas mãos.

S OFIA LEU QUASE TODAS AS PALAVRAS do jornal que o senhor Riley lhe trouxera na noite de terça-feira e devorou também a edição de quarta-feira. Na manhã de quinta-feira, foi até uma banca nas vizinhanças e comprou o exemplar do dia. Fazia muito frio, mas Sofia não se importou. Só depois de ter lido tudo o que podia sobre a situação mundial é que sentou para escrever à avó. Começou com palavras diretas que estabeleceram o tom da carta inteira.

Você não mencionou a sua situação política, portanto só posso supor que alguma coisa está errada. Gostaria de telefonar neste momento para saber a verdade, mesmo que acordasse você, mas não posso fazer esse chamado de uma cabine telefônica. Eu me afastei, *babushka*, e não posso culpar ninguém senão a mim mesma, mas agora preciso de respostas.

Fico envergonhada por admitir que só agora soube da situação mundial. Acho que julguei que, se não pensasse sobre a nossa casa, não teria tanta saudade. Fui uma tola. Só posso pedir desculpas, minha falta de interesse certamente foi interpretada como falta de amor. Nada poderia estar mais longe da verdade. Peço de novo que me perdoe.

Todavia, será você que precisará do meu perdão se não me escrever bem depressa. Sei que alguma coisa está errada. Posso sentir isso. Você precisa escrever ou telefonar. Estou tão desesperada que estou incluindo o telefone dos Rileys. Preciso saber notícias logo. Por favor, *babushka*, não me torture mais.

Sofia teve de terminar porque estava esgotada demais para continuar. Ficou contente porque só duas horas mais tarde precisava estar na casa de Gladys. Naquele momento, sentia-se tão cansada que mal podia manter os olhos abertos. Saiu da cozinha e foi para a sala de estar, sentando-se numa poltrona ali. Não procurou ler e, em cinco minutos, estava dormindo.

— Que salada maravilhosa, Sofia!

— Obrigada — disse ela baixinho, e sorriu para a nora de Gladys, Candy, do outro lado da mesa. Ela era casada com Carl, o filho que seguira os passos do pai e se tornara oftalmologista. Sofia soube que clinicava em Middleton com o antigo sócio do pai, no consultório que fora dele.

Ela estava começando a entender. Achava-se há mais de uma hora na casa dos Nickelberry e tinha procurado guardar o nome das treze pessoas que conhecera naquele dia. Os quatro filhos de Carl e Candy também estavam lá. Eram todos bem crescidos e já estavam na faculdade ou cursavam o ensino médio: Tyler, Brock, Érica e Andrew. A vizinha de Gladys, a senhora Marshall, fora igualmente convidada e levou dois netos, Cameron e Crystal.

A filha mais moça de Gladys, Barb, estava ali com o marido, John, e os dois filhos, mas Sofia já tinha esquecido o nome deles. Os outros três filhos de Gladys, Mandy, Jared e Mary, comemoravam o Dia de Ação de Graças em suas casas ou com os sogros. Gladys contou a Sofia que todos estariam em Middleton para o Natal e talvez ela pudesse conhecê-los. Sofia só esperava que, àquela altura, ela pudesse reconhecê-los.

— Onde você morou na Checoslováquia, Sofia? — perguntou John, marido de Barb, do outro lado da mesa.

— Em Praga — Sofia respondeu e ficou surpresa quando ele disse que conhecia a cidade.

— Faz tempo?

— Sim, bastante tempo, mas fiquei muito impressionado. É uma bonita cidade. Tinha ouvido falar que era a cidade de cem espirais, mas só acreditei quando vi.

— É verdade — concordou Sofia. — Tantas igrejas. Elas são lindas por fora, mas sem vida por dentro. — O rosto das pessoas ao seu redor mostrava que elas estavam interessadas na descrição que Sofia estava fazendo de sua cidade. Ela continuou: — De alguma forma, parece estranho, porque nosso governo não encoraja o aspecto religioso no país.

— Como você aceitou Cristo, Sofia? — Carl, sentado na cabeceira da mesa, fez a pergunta.

— O cristianismo começou na minha família com minha bisavó. Ela atacada...



— Sofia hesitou em continuar, pois havia crianças à mesa, mas finalmente, prosseguiu: — atacada por um soldado. Quando soube que bebê ia chegar, quis acabar com a vida.

Sofia interrompeu sua fala por um instante, depois continuou:

— Temos muitas praias na Checoslováquia, e ela foi para uma delas com o plano de entrar na água e não sair mais. Entretanto, era inverno e ela escorregou no gelo. Um casal, pessoas mais velhas, encontrou-a com o tornozelo machucado e a levou para casa. Cuidaram dela durante uma semana e lhe disseram que ela podia ter esperança no Filho de Deus. Quando voltou para casa, era uma nova cristã. Contou à família o que tinha acontecido, falou do bebê, e eles a ajudaram. Ela continuou a visitar aquele casal todas as semanas para orar e estudar a Bíblia.

Sofia continuou a narrar a história de sua família:

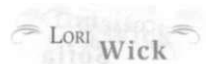
— Minha bisavó nunca se casou nem teve outros filhos, mas criou meu avô, Vasek Kopecky, na Palavra de Deus. Quando Vasek se casou, sua noiva também era cristã, e os dois tiveram Ekaterina, a minha mãe. A minha mãe casou-se com Vladimir Velikonja e tiveram uma filha, Sofia. Eles ensinaram Sofia a ter também esperança no Filho de Deus.

Sofia contou a sua história de maneira encantadora, e todos pararam de comer para ouvir.

— Puxa! — Barb respirou finalmente, e todos começaram a falar ao mesmo tempo. Agradeceram o testemunho de Sofia e fizeram mais algumas perguntas. Sofia ficou surpresa e, ao mesmo tempo, contente, com o interesse que todos demonstraram.

Quando a refeição terminou, cada um procurou fazer o que lhe interessava. Uns adormeceram nas cadeiras, diante da TV enquanto viam um jogo de futebol, outros procuraram camas no porão ou no andar de cima. Sofia ficou com Gladys e Barb, armando um enorme quebra-cabeça na mesa da sala de jantar. Foram momentos agradáveis e divertidos, quando sentiu-se cordialmente acolhida por aquela família amorosa. Mais tarde, foi caminhar com Gladys e sua neta, Erica. Ao ouvir a conversa amigável delas, Sofia sentiu-se em paz e realizada.

O que tinha sobrado do almoço foi servido à noite, no jantar. Logo depois, as pessoas da família que estavam na casa de Gladys começaram a se retirar. Carl e sua família deixaram Sofia em casa. Quando ele viu que tudo estava



escuro, Carl foi com Sofia até o pé da escada e esperou que acendesse as luzes antes de ir embora. Depois do acolhimento tão caloroso que tivera na casa de Gladys, a governanta achou o apartamento um tanto frio, e se sentiu solitária. Já começara a sentir falta dos Rileys. Sentou-se para ler e deitou-se para dormir. Quando sentiu que ia adormecer, agradeceu a Deus o dia seguinte, pois Gladys a convidara para almoçar.



— Estou querendo perguntar uma coisa a você, Sofia, mas tenho medo de ferir seus sentimentos.

— Não vou ficar magoada, Gladys. Pode acreditar.

— É possível que não fique magoada, mas pode pensar que estou criticando o que você usa. Fique certa de que não se trata disso.

Sofia olhou para a sua saia e blusa e, depois, para a amiga. Ela encolheu os ombros e esperou. Gladys deu um suspiro fundo e disse muito amavelmente:

— Não sei se na Checoslováquia há o costume de se ganhar roupas de outras pessoas. Aqui na América, isso é comum.

Sofia não disse nada e Gladys continuou:

— Estou muito atarefada agora com a arrumação de minha casa. Acho que é porque fiquei fora todas essas semanas. Com a chegada do Natal, resolvi fazer uma seleção em tudo o que tenho. Não examinava meu guarda-roupa há anos e, enquanto guardava as roupas, fiquei pensando se você estaria interessada em algumas das minhas roupas antigas.

— Oh! — a luz se fez finalmente, Sofia começava a entender o que Gladys estava dizendo. — Você quer saber se quero comprar algumas das suas coisas velhas?

— Comprar não, Sofia, aceitar. Vou doar as roupas que não quero mais. Antes disso, porém, gostaria de saber se você estaria interessada em alguma delas.

— Vai dar essas peças para mim?

— Vestidos, sapatos, calças, blusas, suéteres... diga o que quer. Já esvaziei todas as gavetas e o armário.

— Oh, Gladys, isso é demais. — Na mente de Sofia era um sonho concretizado.



— Eu não poderia...

— Pode sim — Gladys interrompeu. — Venha agora comigo, menina. Vamos fazer compras.

Duas horas mais tarde, Gladys levou Sofia para casa e a ajudou a carregar as suas novas aquisições escada acima. Foi necessário convencer a amiga de aceitar quase tudo que Gladys estava lhe dando.

— Que apartamento ótimo! — disse Gladys ao entrar.

— É mesmo. Estou muito confortável. Os Rileys têm sido bons para mim.

— Estou contente, Sofia. Você trabalha muito para eles. E bom saber que eles reconhecem isso.

— Gostei tanto desses dois dias, Gladys. Muito obrigada por tudo.

— De nada, Sofia. Pego você no domingo?

Sofia não tinha pensado no assunto, mas respondeu:

— Por favor, Gladys, não me leve a mal. Quando os Rileys chegarem, penso que vou com eles para a igreja. Eu preferia ir para o primeiro culto, mas algo me diz que devo aceitar o oferecimento deles.

— Está bem. Mas se houver qualquer problema, telefone para mim, mesmo que seja no domingo de manhã.

— Mais uma vez obrigada, Gladys.

Gladys tinha outras coisas a fazer naquele dia, e não se demorou no apartamento de Sofia. Sofia foi com ela até a entrada e, depois, voltou e ficou diante do armário, simplesmente olhando as coisas que havia ganho... Embora não parecesse, Gladys e Sofia tinham o mesmo tamanho. Até os sapatos serviram.

Sofia não aguentou. Teve de experimentar novamente o conjunto novo. A cor era rosa-escuro, e Sofia nunca tinha visto nada igual, e nunca tinha tido um conjunto. A saia era bem reta, e a jaqueta, curta. Ela abotoava até o pescoço com botões grandes e negros e não precisava de blusa, porque tinha uma gola Peter Pan preta. Gladys lhe dera também sandálias pretas de salto e uma bolsa combinando. O conjunto era muito atraente. Sofia ficou andando na frente do espelho de corpo inteiro durante alguns minutos antes de compreender o que estava errado.

— Preciso de meias-calças — disse em voz alta. Tinha as pernas depiladas (as garçonetes do Tony haviam falado tanto sobre isso, que ela resolvera depilá-las).



Mas um traje tão formal não parecia combinar com pernas brancas e nuas. Sofia sentou de repente na beirada da cama, e começou a falar para si mesma: *Por que você nunca comprou roupas, Sofia, quando gosta tanto delas? Por que elas nunca tiveram importância para você? Você tem criticado os que se interessam com a aparência, mas foi para o outro extremo!* Ela voltou ao espelho e estudou o seu rosto, e continuou a conversa de si para si:

Talvez esteja na hora de uma mudança, Sofia. Você não precisa fazer isso de uma hora para outra, mas deve ficar mais aberta à ideia. Ficou tão magoada quando pensou que Rita tinha vergonha da sua aparência! Seria mesmo errado mudar um pouco?

Essa foi uma pergunta que ficou na cabeça de Sofia pelo resto do dia. Acordou no sábado sentindo um peso muito grande ao pensar na avó. Vestiu roupas quentes e tomou um ônibus. Demorou um pouco, mas conseguiu chegar até um *shopping*. Estava lotado, como sempre. Sofia comprou uma meia-calça, duas calcinhas e um sutiã. Voltou de ônibus. Aproveitou o tempo da viagem para planejar quanto poderia poupar por mês, a fim de conseguir pagar a viagem da avó para os Estados Unidos. Se Sofia conseguisse convencê-la a vir, podia ser que o dia de sua vinda chegasse mais depressa do que ela esperava. Escreveria outra carta e poria no papel todos os seus pensamentos. Estava na hora de as mulheres na sua família fazerem algumas mudanças.



Mais de quatro horas de carro se passaram antes que os Rileys se acomodassem com os seus livros e fitas. Tory ocupava o banco da frente e havia conversado sem parar com o pai, mas agora, com os fones de ouvido, ficara quieta. Tanto Rita como Craig iam. Alec sentiu alívio com a folga, e a sua mente voltou imediatamente ao seu último conflito com Peg.

— Tory me contou que aquela mulher continua trabalhando para você — acusara ela, e Alec ficou agradecido por ela ter, pelo menos, esperado o término do Dia de Ação de Graças.

— É verdade. Estamos muito contentes com o trabalho de Sofia.

— Fico imaginando o que Vanessa diria. — As lágrimas pareciam querer brotar nos olhos de Peg. Mas Alec estava acostumado com isso. No passado, Peg usara as lágrimas como arma para alcançar o que queria.



- Considerando que todo conforto físico para a família está sendo atendido, penso que ela ficaria muito satisfeita.
- Como pode dizer isso? — As lágrimas tinham desaparecido, e ela revidou zangada. — Afirmo a você: ela não é boa para as crianças. Por que não me ouve?
- Quem você tinha em mente, Peg? — Alec a desarmou com uma pergunta razoável. A sogra balbuciou e gaguejou, olhando fixamente para o genro. Alec sabia que ela queria dizer *eu*, mas não o fez. Logo depois da morte de Vanessa, sugerira que as crianças fossem morar com ela e Jim, mas Alec não quis sequer discutir o assunto. Quando os visitara em setembro, estivera também pronta para ficar.
- É como pensei, Peg. Você está atacando Sofia, mas ninguém vai agradar você. Não tenho dúvida de que não vai aprovar ninguém com quem me case.
- Você vai se casar?
- Os olhos de Alec se fecharam, lamentando ter dito aquilo. Estava prestes a perder a calma e não sabia de onde o pensamento tinha surgido.
- Na verdade, Peg, não estou pensando nisso. Mas, se vier a acontecer, tenho de pensar em mim e nos meus filhos, não em você e Jim. Você nem sequer me aprova, portanto, sei que não posso esperar que aprove qualquer coisa que eu faça.
- Peg teve a gentileza de parecer sem jeito, e Jim escolheu aquele momento para voltar da caçada. Craig fora com ele, mas continuava lá fora. Só os adultos se encontravam ali quando Jim falou para a esposa: — Você quebrou a promessa que me fez, não é, Peg?
- Ela não respondeu. — Agora está com vergonha de admitir.
- Não me envergonho de nada do que disse! — ela atacou. — Você *sempre* toma o partido dele.
- Tomo sempre o partido dele porque está sempre certo! — Peg ficou atônita, mas Jim continuou. Alec nunca o vira assim.
- Você nunca o aprovou. Nem mesmo quando viu o amor nos olhos da nossa filha você achou que ele era suficientemente bom. Quero dizer-lhe uma coisa, Peg Frazier: Alec Riley foi a melhor coisa que aconteceu à nossa filha. Ela era uma pequena egoísta quando o conheceu, e está na hora de você enfrentar os fatos.

Peg ficou de pé e, a essa altura, toda cor fugira de seu rosto. A mão dela tateou no ar por um momento. Procurou dominar-se e saiu correndo da sala, agora com lágrimas verdadeiras nos olhos. Alec e Jim permaneceram em silêncio por alguns momentos.

— Lamento isso, Alec, mas deve estar acostumado com os meus pedidos de desculpa por causa de Peg.

— Não faz mal, Jim. Sei como é difícil.

— Eu amava a minha filha. — Lágrimas subiram aos olhos de Jim, e parecia que tinha envelhecido vinte anos. — Não sou, porém, cego aos fatos. Estou contente que tenha encontrado alguém para ajudar vocês. E, se um dia, encontrar alguém para ficar permanentemente em sua vida, vou ficar também contente com isso.

— Obrigado, Jim, sinto ter causado essa desavença entre você e sua mulher.

Jim sacudiu a cabeça e respondeu: — Isso não é verdade, você sabe. — Disse apenas isso para o genro e foi ver a esposa.

O fim de semana não foi completamente arruinado, mas houve alguns momentos difíceis. A única maneira que Peg encontrou para pedir desculpas a Alec foi dizer que tinha reservado as cabanas no lago para a primeira semana de junho.

— Marque na sua agenda — foram as últimas palavras dela, e Alec disse que faria isso.

Toda a cena voltara agora à mente de Alec, e ele se sentiu muito cansado. Ao olhar rapidamente para trás, viu que Rita dormia e não poderia dirigir. Caso contrário, teria entregado a direção a ela. Em vez disso, flexionou os ombros e pegou a sua latinha de refrigerante. Mais uma hora e meia de viagem. Fez o que pôde para manter-se alerta e mentalmente preparado.

NO DIA SEGUINTE, na Escola Dominical, Brad Marshall não conseguia tirar os olhos de Sofia, mas decidira não continuar a se relacionar com ela. Afinal de contas, faltara à Escola Dominical só para dormir e, na semana anterior, usara calças compridas! Mas naquele domingo, Sofia usava um conjunto rosa e preto, que destacava a cor do seu cabelo e pele. Isso fez com que Brad tivesse dificuldade de se concentrar na aula.

Disse a si mesmo que a sua atitude não era racional. Seguiu-a, entretanto, quando a aula acabou, aproximou-se dela no vestibulo e cumprimentou-a:

— Olá, Sofia.

— Olá, senhor Marshall.

— Brad, por favor, me chame de Brad. Como vai?

— Estou bem, já dirijo — contou Sofia, contente por ter-se enganado com o comportamento reservado dele na semana anterior.

— Ótimo. Você tem saído muito?

— Não, na verdade.

— Precisa treinar. Que culto você frequenta, Sofia? — perguntou Brad, tentando parecer casual e esperando, ansioso, que ela concordasse em sentar-se com ele no culto.

— Vim cedo hoje.

— Você sempre vem ao primeiro culto? — Ele dificilmente comparecia ao primeiro culto e tentou ocultar seu desapontamento.

— Depende se venho de carro ou andando.

— Você às vezes vem a pé? — Seu coração saltou de novo; isso explicava por que Sofia usava calças compridas.

— Venho. Mas agora está frio, e tenho de vir de carro.

— Muito bem — disse ele parecendo distraído. Na verdade, estava procurando uma forma de continuar o assunto. Baixou os olhos para refletir e, depois, disse: — Quer jantar comigo sexta-feira à noite?

Sofia piscou, pois achava que ele fosse casado.

— Sair para jantar, num encontro?

— Sim, quero dizer, se estiver livre. — Finalmente, Brad olhou-a fixamente.

Sofia pensou um pouco. *Poderia ser muito bom*, concluiu finalmente.

— Gostaria bastante. A que horas devo chegar?

O sorriso de Brad iluminou o seu rosto. — Vou buscar você às sete. Está bem?

— Bem. Fico pronta.

— Ótimo. É melhor que eu suba agora para encontrar lugar no templo. Vejo você na sexta à noite.

— Até logo — disse Sofia, e ficou olhando enquanto ele se afastava. Estava convencida de ter feito a coisa certa. Só a noite de sexta-feira poderia confirmar.



— Sofia! Onde você arranhou essa blusa? — perguntou Rita no momento em que viu Sofia na manhã de segunda-feira.

— Você gosta?

— Gosto.

Sofia sorriu. Estivera experimentando as suas roupas novas desde sexta-feira e decidira ir trabalhar com a calça **jeans** nova e uma blusa de algodão vermelho-escuro que Gladys lhe dera.

— A cor fica ótima em você. Você parece tão... — Rita calou-se com a mão na boca, parecendo horrorizada.

Sofia disse gentilmente: — Pode dizer, Rita, seja o que for.

— Eu ia dizer que você parece norte-americana — admitiu —, mas achei que talvez fosse ofensivo.

— Gosto de parecer norte-americana.

O ar complacente e risonho no rosto de Sofia era tão gracioso que Rita teve de rir. A reação de Tory foi também agradável e só ela notou os sapatos que Sofia estava usando.



— Não sabia que tinha um tênis tão legal, Sofia.

— Amiga me deu — Sofia contou. — Blusa também.

— Você está linda!

Sofia ficou radiante. — Pareço norte-americana.

Isso fez com que Tory risse. Sofia precisou se apressar, pois as crianças tinham se atrasado para o café. Mas aquele tinha sido um ótimo começo de dia! O dia ficou ainda mais agradável quando Sofia viu que o senhor Riley deixara o jornal da véspera para ela. Lera parte dele na casa de Gladys depois da igreja, mas sentou-se e acabou de ler as notícias. Depois de terminar, orou pela avó. Nunca tinha sentido que Deus pedira que ela confiasse tanto nele. Não saber o que estava acontecendo com a avó era o pior de tudo.



Craig precisava de sapatos. Os que calçava estavam horríveis e apertados. Não precisava comprar tênis para jogar basquete, porque decidira que não faria parte da equipe, mas Alec insistiu para que ele comprasse sapatos novos. Quando Tory ouviu isso, decidiu que queria sapatos novos também. Seus sapatos de domingo ficaram subitamente horríveis e machucando os dedos do pé. Foi essa a razão de, no último dia de novembro, os Rileys saírem de Middleton para a pequena cidade de Black Earth, à procura de sapatos. Sofia já usara a van uma vez, mas naquele dia Rita dirigia com Tory e Sofia no banco de trás. Craig ocupava o da frente e parecia bastante entusiasmado por poder ter sapatos novos.

— Você já sabe o que quer comprar, Craig? — perguntou Sofia.

— Sei, mas tenho um limite de preço e é menor do que o preço dos sapatos. A *Shoe Box* tem preços bons, o problema é que os melhores sapatos esportivos são sempre caros.

— E você, Tory, tem sapatos na cabeça?

— Não, realmente. Preciso de sapatos pretos. Não posso gastar tanto quanto Craig, porque tenho uma porção de outros pares.

— E você, Rita?

— Os meus estão tão bons que eu teria de gastar o meu dinheiro. — Ela sorriu.

— Os que tenho no armário parecem bastante razoáveis.

Sofia entendeu a brincadeira e também riu. A loja de calçados era bem grande para uma cidade tão pequena, e ficava perto da estrada principal. Estacionaram pouco antes de Sofia se dar conta de que haviam chegado. Entraram em grupo na loja, mas logo se separaram. Sofia e Tory continuaram juntas. Craig e Rita foram fazer as suas compras sozinhos.

Tory levou Sofia à seção de liquidação que ficava no fundo e começou a olhar o que estava nas caixas. Encontrou um par que servia, embora não fosse o que ela tinha em mente. A menina ficou segurando a caixa debaixo do braço enquanto continuava a sua busca. Quando pareceu que não encontraria outros, experimentou-os de novo.

— Como estão, minha Tory?

— Acho que são bons, mas o papai disse para não comprar nada de que *não* gostasse muito, e não consigo decidir...

— Vamos olhar lá na frente?

Tory concordou, mas não largou os sapatos, dizendo a Sofia que tinha de olhar o preço. Sofia viu que o senhor Riley e a esposa haviam trabalhado bem, ensinando os filhos a tomar conhecimento do custo de vida. Ela imaginou que era incomum encontrar crianças assim, e, novamente, considerou uma bênção trabalhar para aquela família.

Quando Tory e Sofia foram para a parte da frente da loja, encontraram Craig de sapatos novos. Um vendedor conversava com ele, e Craig andava para lá e para cá enquanto experimentava os sapatos antes de olhá-los no espelho. Sofia ouviu Rita comentar sobre a conveniência de sapatos pretos porque os brancos ficam logo sujos. Tory puxou-a para a seção de sapatos para meninas. Encontrou o par perfeito, mas custava duas vezes o que ela podia pagar.

— Talvez abaixem o preço, Tory.

— Não sei. Acho que posso usar meu tênis branco com dois de meus vestidos e sei que não devo gastar tudo isso.

— E esses? — Sofia apontou para o par da seção de liquidação.

— Não sei. O vermelho não combina com minhas roupas.

Sofia sorriu ternamente para ela e comentou: — Você está tão amadurecida, Tory! Tenho orgulho de você.

Os olhos da menina brilharam, e ela foi devolver os sapatos da liquidação. Quando voltou, explicou a Sofia:



— Vou procurar mais e falar com o meu pai. Acho que me sentiria melhor com isso.
— Olhe tudo —, Sofia apontou para as dezenas de sapatos nas prateleiras. —
depois pode contar a ele tudo o que viu.

Tory seguiu o seu conselho, e Sofia foi até os dois irmãos mais velhos. Para a
sua grande surpresa, Craig dirigiu-se a ela, quando se aproximava dele:

— O que você acha?
— Parecem bons, Craig. Como estão os seus pés?
— Ótimos! Estão um pouco grandes, mas depois dos outros, prefiro comprar
um sapato maior.

As coisas se desenrolaram rapidamente depois disso, e logo os quatro estavam no
guichê do caixa. Havia um casal à sua frente, e tiveram de esperar pacientemente
a sua vez. Sofia ainda olhava em volta, quando ouviu parte da conversa do casal. O
caixa parecia aflito porque eles não sabiam inglês. Sem pensar, Sofia adiantou-se
e falou com o homem e a mulher em alemão impecável.

— Posso ajudar?

A mulher pareceu tão aliviada que até se curvou. O homem começou a falar no
seu idioma nativo, e Sofia entendeu tudo.

— Estamos de visita, e a mulher que nos hospeda e traduz para nós ficou do-
ente. Vamos embora amanhã e precisamos trocar estes sapatos — apontou
para uma caixa — por estes.

Sofia explicou o problema ao caixa. A mulher fez algumas perguntas que Sofia
traduziu e, minutos depois, a compra tinha sido feita. O caixa agradeceu, e
Sofia saiu com o casal. Ficaram na porta conversando rapidamente em alemão
até que os Rileys pagassem pelos sapatos de Craig e se juntassem a ela. Ao
vê-los, Sofia despediu-se, e o casal agradeceu-lhe pela quinta vez.

Ninguém da família Riley falou até voltarem ao carro. Tory perguntou então:

— Essa é a língua que você fala na Checoslováquia, Sofia?

— Não, Tory —, Sofia respondeu amavelmente. — Era alemão.

Craig, que pensara a mesma coisa que Tory, voltou-se no banco para olhar
Sofia. Rita, que compreendia o que tinha acontecido desde a primeira palavra,
ficara estupefata. Ninguém disse nada no caminho de casa ou durante o preparo
do jantar. Pretendiam perguntar a Sofia quando estivessem à mesa do jantar.
Mas Alec chegou, e, naquela noite, eles não viram mais Sofia.



Era sexta-feira, e Sofia levantou-se mais cedo do que de costume. Seu primeiro pensamento foi o encontro com Brad naquela noite, e ficou novamente se perguntando se estaria agindo acertadamente. Brad não dissera aonde iriam. Sofia decidiu usar saia, mas nada chamativo demais. Achou que uma meia-calça talvez fosse melhor, mas não um sapato de salto alto. Depois riu, falando para si mesma:

Tornei-me um monstro, Senhor. Nunca liguei para roupas e, agora, nem bem acordo estou pensando nelas, não no Senhor. Ajude-me a ser equilibrada, Deus. Ajude-me a ser sábia.

Isso era tudo de que precisava para começar o dia com o pé direito. Com um hino de louvor no coração, Sofia encaminhou-se para o banheiro para uma chuveirada longa e quente.

As crianças foram pontuais naquela manhã, e Sofia fez biscoitos de aveia para elas, mas o silêncio reinou, ao contrário dos outros dias. Sofia suspeitava o motivo, mas não se ofereceu para ajudar. Rita disse finalmente.

- Sinto muito ter falado com você como fiz, Sofia, quando você se ofereceu para ajudar-me com o dever de casa.
- Não mal, Rita —, a voz da moça denotava bondade. — Você não podia saber.
- Você parecia a minha professora de alemão, Sofia. Quero dizer, seu alemão é perfeito.

Sofia sorriu ante o elogio.

- É parecido com o checo? — Craig perguntou. — É por isso que sabe?
- Não exatamente, Craig. Olhe, eu trabalhava para o governo na Tchecoslováquia. É por isso que sei.
- O que está querendo dizer, Sofia? — interferiu Tory.
- Acho que contei que trabalhava para o governo. — Tory assentiu e Sofia continuou: — Trabalhava como tradutora-intérprete. Entendeu?
- Não — respondeu a menina.
- Eu trabalhava com documentos oficiais que chegavam em outras línguas ou acompanhava os oficiais visitantes.
- Você trabalhava com os visitantes que falavam alemão e inglês? — Rita estava claramente fascinada.



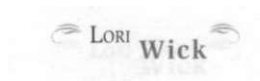
- Inglês não, Rita. Não tenho facilidade com o inglês.
- Ah! —, Rita percebeu que isso era verdade.
- Apenas alemão — Craig disse à irmã, mas Sofia corrigiu-o. As crianças iam chegar atrasadas na escola, mas estava na hora de saberem.
- Falo alemão, italiano, russo e polonês — ela informou suavemente e teve vontade de rir ao ver o espanto no rosto deles.
- Quer dizer que fala essas outras línguas tão bem quanto fala alemão?
- Falo melhor o russo — contou Sofia modestamente. — Fui mais vezes para lá.
- E você veio trabalhar aqui como governanta! — disse Craig admirado, e Sofia olhou para ele com novo respeito.
- Como se sente em relação a isso, Sofia? — Rita tinha de saber.
- No meu trabalho em Chicago, me sentia muito mal, mas gosto daqui. Rita — disse ela sinceramente e, depois, olhou para Craig e acrescentou:
— Craig algumas vezes é mal-humorado, mas mesmo assim amo o meu emprego.

Um sorriso relutante passou pela boca do pré-adolescente, e Sofia continuou:

- Gostaria de trabalhar novamente com línguas algum dia, porém, estar aqui é igualmente importante. Sou comunicativa e gosto de agradar. Só fica difícil quando os norte-americanos pensam que sou estúpida por não falar inglês perfeito.
 - Nós tratamos você assim às vezes, Sofia. Sei que fizemos isso e lamento.
 - Obrigada, Rita.
- Craig e Tory não se manifestaram, mas Sofia pôde ver que lhes dera alguma coisa em que pensar. Depois de um rápido olhar para o relógio, ela disse: — Vocês estão atrasados para a escola. Devo telefonar ou ir com vocês?
- Não — respondeu Rita. — Craig pode explicar que ele e Tory se demoraram um pouco mais em casa e eu posso avisar na secretaria.
 - Está bem. E melhor correrem. Eu lavo os pratos.

Tanto Rita quanto Tory abraçaram Sofia ao sair e, como sempre, o coração de Sofia derreteu um pouco. Craig não a tocou, mas hesitou um pouco na porta aberta.

- Sofia, você se lembra quando Melissa veio aqui?
- Lembro, Craig.



— Olhe —, ele abaixou a cabeça e não olhou para ela — obrigado por falar com ela.

— *Craig!* — Rita berrou do carro, e ele sumiu antes que Sofia pudesse responder. Fechou a porta depois que o som do motor desapareceu à distância, e ficou ali encostada por uns momentos.

É tão estranho, Senhor!... Quem pensaria que uma coisa tão pequena pudesse significar tanto para esse jovem coração?

SOFIA ESPEROU PELO CARRO DE BRAD na janela da sala de estar. Quando o viu dobrar a esquina, agarrou a bolsa e desceu correndo as escadas. Ele estava subindo a rampa, quando ela rodeou a garagem.

— Olá, Brad. — Sua voz o fez parar no meio do caminho e ele voltou para encontrar-se com Sofia.

— Você saiu do nada — brincou ele, contente por vê-la tão linda naquela noite quanto havia sonhado a semana inteira.

— Moro em cima da garagem. Trabalho na casa.

Ela o viu levantar a cabeça e balançá-la de um lado para outro, enquanto digeriria a informação.

— Ah, você limpa e faz outros serviços então?

— Isso. E também cozinheiro.

— É bom morar tão perto.

— Muito bom! — concordou Sofia, e pensou novamente em como era fácil conversar com ele.

— Vamos?

— Vamos. Quer que eu dirija?

Brad voltou-se para ela, surpreso, até que as luzes da rua mostraram o brilho provocante nos olhos dela, e então riu. Abriu a porta e Sofia entrou. Ela estava colocando o cinto de segurança, quando ele sentou na direção.

— Você gosta de comida italiana?

— Sim, muito.

— Podemos também comer peixe. O que acha?

— Italiana parece ótimo.

— Que bom. O lugar não é luxuoso, mas a comida é gostosa.

Brad deu partida no carro e falou o caminho todo. Enquanto iam para o restaurante, Sofia soube que ele tinha quase 39 anos, nascera em Nova York e que estivera nas forças armadas depois da escola fundamental. Era instrutor de autoescola havia mais de dez anos. Começou depois a interrogar Sofia, mas não foi muito longe. Sofia rapidamente teve a impressão de que ele a avaliava naquele primeiro encontro, e essa ideia fez com que passasse a se mostrar reservada. Ele tentou interrogá-la sobre sua frequência à igreja, condições de vida, amigos e planos futuros, mas ela o dissuadiu sem que ele sequer percebesse.

— Aonde você morava antes de vir para cá? — esquecendo que ela lhe contara isso depois da sua primeira lição de direção. Inclinou-se levemente para ela, esperando ouvir o nome de algum país estrangeiro.

— Chicago.

— Ah! —, ele se mostrou admirado por um momento. — Você é de Chicago?

— Não — foi tudo que Sofia respondeu, e Brad compreendeu que ela não se agradara das suas perguntas.

— Não queria me intrometer — disse ele rapidamente e sentiu um calafrio de medo quando ela não disse que não se preocupasse. Por sorte, estavam parando no estacionamento do restaurante, e naquele momento ambos voltaram a falar com naturalidade.

O lugar estava cheio. Brad registrou o seu nome, e eles sentaram para esperar. Conversaram generalidades nos vinte minutos seguintes e, quando afinal sentaram à mesa, o tempo foi tomado pela escolha no cardápio. A boca de Sofia encheu-se d'água ao ver os pratos e foi difícil decidir. Brad igualmente demorou, e o garçom teve de ir duas vezes até eles antes de estarem prontos para escolher.

Brad fez o pedido primeiro, depois ficou ouvindo Sofia pedir. Ela repetiu facilmente os nomes italianos. Quando o garçom afastou-se, Brad perguntou imediatamente a Sofia:

— Você estudou italiano, não é?

— Sim — admitiu Sofia.

— Pude ver quando fez o pedido. Alguém na sua família fala essa língua?

— Só eu. — Sofia respondeu, sabendo que isso devia parecer curioso para Brad.



— Isso é ótimo, estou impressionado. Gosto de línguas, mas não tenho bom ouvido. Estudei espanhol na escola; entretanto, não consigo enrolar os rs como deveria.

— Nunca estudei espanhol. Acho uma língua linda.

— E mesmo. Fomos ao México quando eu estava na escola fundamental, mas ficamos tão atônitos com as coisas que vimos que a maioria de nós esqueceu quase tudo que aprendeu. Tentei comprar alguns produtos no mercado, mas acho que paguei mais do que o vendedor me pediu.

Sofia riu da expressão dele e também da sua descrição.

— Você esteve na Itália para praticar o que aprendeu?

— Sim — disse Sofia simplesmente, mas teve certeza de que ele sabia que tinha sido enganado. Ele não acreditaria nisso, mesmo. — Na verdade, costumava usar italiano no meu trabalho —, continuou Sofia. Não queria entrar em mais detalhes e foi salva quando chegaram as bebidas, fatias de pão e a salada. Antes que o garçom se afastasse, Brad indagou:

— Isso foi em Chicago?

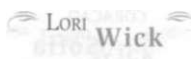
— Não, na Tchecoslováquia — finalmente admitiu.

Brad sacudiu a cabeça, satisfeito, e Sofia sentiu-se tentada a atirar um pedaço de pão nele. Estava decidido a saber tudo de sua vida. Na mente de Sofia, ele não tinha o direito de se tornar tão próximo dela de maneira tão rápida.

— Que interessante! Qual era o seu trabalho?

— Eu era tradutora. — A voz dela mostrou-se distintamente fria. Ele, porém, não percebeu e continuou com mais perguntas. Sofia enfiou uma garfada de alface na boca para evitar responder. Depois de levar muito tempo para mastigar e engolir, começou um diálogo sobre a comida. Discorreu longamente sobre o molho da salada e as torradas. Até o refrigerante foi motivo de comentário seu. Brad insistiu em fazer outra pergunta, mas Sofia estava mastigando uma torrada e só encolheu os ombros para ele e, depois, sorriu com a boca fechada.

Naquele momento, ele percebeu que estava sendo indiscreto e tentou contornar a situação. Tinha decidido ser transparente com aquela mulher. Voltou a fazer perguntas para Sofia. Mas desta vez, as perguntas foram de caráter mais geral, e Brad observou que Sofia tornou-se menos tensa. Passou a falar mais de si mesmo, e a moça mostrou-se descontraída. Brad sentiu-se tão contente por ver a Sofia que conhecera naquele primeiro dia, que expressou espontaneamente o primeiro pensamento que teve:



— Você está muito bonita esta noite, Sofia.

— Obrigada — disse ela suavemente e sorriu. Sofia estava usando uma saia azul-marinho simples e uma blusa branca. Mas tinha colocado um lenço colorido por baixo da gola. Os sapatos de couro azul-marinho de Gladys tornaram o traje muito próprio para aquela ocasião.

Os pratos principais chegaram quando terminavam a salada, e Sofia achou o dela excelente, como prometido. Ela pedira um Sabor da Itália, e a lasanha, ravióli e *fettuccini* estavam cozidos à perfeição.

O prato escolhido por Brad parecia também ótimo, e pela primeira vez a conversa foi leve. Sofia não quis sobremesa no final, mas ambos tomaram café. Por sobre as xícaras fumegantes, Brad começou a contar.

— Sou o único da família que não se casou — disse — e sou o segundo filho. Esperei muito tempo por uma mulher que compartilhasse da minha fé, não apenas do meu cristianismo, mas da maneira como eu o vivo. Achei que pudesse ser você, Sofia.

Sofia não respondeu, mas o rosto dela mostrava interesse, e ele então continuou:

— Notei que você usa saias, e isso me agrada. Acho que as mulheres não têm direito de usar calças compridas ou *shorts*. Notei também que não usa raquiletagem. Isso também é do meu agrado. Você parece capaz e trabalhadora; acho que isso falta na maioria das mulheres, hoje. E se posso acrescentar isso sem ofendê-la, acho você também muito atraente.

— Obrigada, Brad.

— Sei que pareço um tolo no mundo imoral de hoje, onde os valores cristãos estão escorrendo pelo ralo, mas creio nessas coisas. Não poderia servir a Deus se a minha mulher não agisse e não se vestisse de maneira digna diante do Senhor.

Sofia apreciou profundamente as palavras de Brad. Elas denotavam honestidade. A moça o ouvia atentamente, com ar de bondade e encorajamento. Brad falou enquanto tomava duas xícaras inteiras de café, e continuou explicando a sua posição, quando deixaram o restaurante e pararam na frente da casa dos Rileys. Quando ele terminou, os dois ficaram em silêncio por um momento. Brad convidou Sofia para sair na noite seguinte.

— Vou orar, Brad, para que encontre a mulher que deseja no seu coração.

Ela o interrompera tão delicadamente que ele não conseguiu ficar zangado. Só perguntou baixinho — Você não acha que é essa mulher?



- Não, Brad, sei que não sou.
- Você deve pensar que sou algum idiota legalista, como a última garota com quem saí. — A voz de Brad denotava certa tensão.
- Oh, não, Brad. — A voz de Sofia continuava macia e delicada. — Respeito muito a sua opinião.
- Então por quê? — ele indagou surpreso.
- Porque, embora respeite o seu ponto de vista, Brad, não compartilho dele. Se Deus colocou esses conceitos no seu coração, vai fazer com que encontre uma mulher que pense do mesmo jeito. Seria uma mentira fingir que concordo. Ele nunca encontrara alguém assim. Queria suplicar-lhe que fosse essa mulher, mas sabia que não era a coisa certa.
- Aprecio também a sua sinceridade, Sofia.
- Eles se entreolharam na claridade do carro e o coração de Brad doeu.
- Gostei muito, Brad, e agradeço por ter-me convidado para sair.
- Você tem certeza? — perguntou ele como se não a tivesse ouvido e, dessa vez, Sofia riu levemente, não dele, mas de si mesma.
- Não sou o que pareço, Brad. Uso calças compridas, especialmente quando está frio, e *shorts*, no verão. — Agora ela riu de verdade. — E a única razão de não usar maquilagem é porque nunca tive tempo para aprender.
- Brad também teve de rir.
- Você vai encontrá-la, Brad —, Sofia encorajou-o. — Se esses conceitos vêm de Deus, estou certa disso.
- Era a segunda vez que ela dizia essas palavras.
- Você acha que estou seguindo a minha própria vontade e não a de Deus, Sofia?
- Sofia inclinou a cabeça e olhou pelo para-brisa. — Não acuso você disso, Brad. Leio muito as Escrituras e sou sincera quando digo que posso me colocar diante de Deus sem me sentir envergonhada por usar calças compridas ou *shorts* decentes. Tenho certeza de que você pode apoiar os seus conceitos na Bíblia. Se não puder, eles não vêm de Deus.
- As Escrituras dizem que a mulher não deve usar roupas de homem.
- Isso é verdade, e as minhas calças compridas não são de homem. São de uma loja para mulheres, não para homens!

Ele balançou a cabeça tristemente, como se ela não pudesse compreender. Sofia viu o movimento e colocou a mão no braço dele. — Não é maravilhoso, Brad, que nós temos um Deus tão pessoal? Eu posso responder por mim mesma, e você tem o seu coração diante dele. Deus é tão bom, Brad!

O rosto dele abriu-se num sorriso. As três últimas mulheres com quem tivera essa conversa haviam gritado com ele e saído zangadas.

— Você tem certeza de que não posso fazê-la mudar de ideia? — Sofia sorriu, — Posso mudar você? — Ela o ouviu suspirar e pediu:

— Por favor, Brad, não ponha o pecado na minha porta.

— O que quer dizer com isso?

— Quero dizer que essa é a única coisa que me preocupa: pecar contra Deus, ou seja, não me visto para agradar o homem, mas a Deus. Você olha para todas as mulheres de calças compridas e diz que pecamos. Não pode tomar essa decisão por nós.

Ela pôde ver que prendera a atenção dele, embora na hora em que ele expressou suas ideias, ela não tivesse feito nenhum comentário. Depois de um momento, ele perguntou: — Você sairia comigo se a convidasse outra vez, Sofia?

O olhar dela mostrava constrangimento. — Não quero ser entrevistada para lugar de esposa, Brad. Não vai funcionar.

— Nada disso, Sofia — ele afirmou sinceramente —, só como amigos.

Sofia pensou um pouco e depois concordou. — Acho que dá certo, Brad, mas depende de você. Será que entende?

— Entendi, Sofia, e agradeço por me ouvir.

Sofia agradeceu e saiu do carro. Brad também saiu, e os dois ficaram na calçada conversando por algum tempo, até que a moça dirigiu-se para as escadas. O ar frio transformava em vapor a sua respiração. Brad permaneceu no carro até ver que as luzes do apartamento tinham sido acesas. Só depois, deu partida no carro. Brad e Sofia refletiram a respeito de tudo que fora dito naquela noite. Os dois nem haviam percebido que Alec Riley estivera na janela do seu quarto, observando a cena desenrolada lá em baixo.

25

ALGUMA COISA ESTAVA MUITO ERRADA. Sofia, porém, não tinha condições de resolver o problema. Não tinha também certeza de que queria isso. Ela e Katya corriam pelo campo. As duas haviam saído mais cedo da escola naquele dia para visitar a fazenda do avô de Katya, e agora corriam ao encontro dele. Teriam pedido permissão? A sua avó sabia onde ela se achava? De repente, Sofia não lembrava, mas os seus pés batiam na terra dura debaixo da relva e, naquele momento, era só isso o que Sofia podia pensar. O som vindo da porta do apartamento finalmente acordou Sofia. Ela permaneceu na cama por alguns minutos mais antes de compreender que as batidas eram na sua porta. Os sentidos voltaram de repente. Ela atirou as cobertas e agarrou o roupão, se perguntando todo o tempo qual das crianças estaria doente. Um momento depois, abriu a porta.

— Há um telefonema para você, Sofia. — A voz de Alec era grave e calma. Na verdade, parecia mais calma do que ele se sentia. — Penso que pode ser da Checoslováquia.

Sofia desceu sem fazer perguntas, com Alec à sua frente. Ela o ouviu dizer para tomar cuidado com os degraus e imaginou por que não pensara em acender as luzes. Com os pés descalços, sentiu o frio dos degraus e do pavimento inferior da casa, mas Sofia nem sequer pensou em calçar chinelos. A única luz acesa na cozinha era sobre o fogão. A mente de Sofia também não se concentrou nisso. Só viu o telefone que Alec segurava e logo entregou na sua mão.

— Alô!

— Alô, minha querida. — A voz da avó veio clara através da linha e Sofia começou a tremer. — Sinto muito acordar você, mas não sabia as horas.

— Não faz mal. Você está bem?

— Você pediu o meu perdão — respondeu Kasmira ignorando a pergunta de Sofia. — Quero pedir o seu agora.



— Você sabe que o tem, minha *babushka*, não importa a razão. — Sofia mal segurava as lágrimas.

— O câncer voltou, minha Sofia. Sinto não ter contado a você.

Sofia sentiu a respiração oprimida com a agonia das palavras da avó. O sofrimento caiu sobre ela, roubando o ar de seus pulmões.

— Quando?

— Fiquei sabendo há seis semanas. Vão me operar em uma hora e não parece muito esperançoso.

Sofia perdeu o controle, soluçando ao telefone durante minutos, enquanto a avó sussurrava orações e palavras de encorajamento.

— Sei que não foi por isto que nós esperamos e oramos, minha Sofia, mas é o melhor por ser o tempo e a vontade de Deus.

— Você fala como se tudo já tivesse acabado — ela conseguiu dizer.

— Não, minha querida, mas preciso ouvir o médico, e ele diz que não é bom. E, Sofia, tenho sentido tanta, mas tanta falta de Vasek!

Sofia descontrolou-se outra vez, os soluços fustigando seu corpo impiedosamente. Ela achava que nunca se recuperaria da dor e das lágrimas que a devastavam, mas ouviu então as palavras do Salmo 143 fluírem pela linha.

Atende, SENHOR, a minha oração, dá ouvidos às minhas súplicas. Responde-me, segundo a tua fidelidade, segundo a tua justiça. Não entres em juízo com o teu servo, porque à tua vista não há justo nenhum vivente. Pois o inimigo me tem perseguido a alma; tem arrojado por terra a minha vida; tem-me feito habitar na escuridão, como aqueles que morreram há muito. Por isso, dentro de mim esmorece o meu espírito, e o coração se vê turbado. Lembro-me dos dias de outrora, penso em todos os teus jeitos e considero nas obras das tuas mãos. A ti levanto as mãos; a minha alma anseia por ti, como terra sedenta. Dá-te pressa, SENHOR, em responder-me; o espírito me desfalece; não me escondas a tua face, para que eu não me tome como os que baixam à cova. Faze-me ouvir, pela manhã, da tua graça, pois em ti confio; mostra-me o caminho por onde devo andar, porque a ti elevo a minha alma. Livra-me, SENHOR, dos meus inimigos; pois em ti é que me refúgio. Ensina-me a fazer a tua vontade, pois tu és o meu Deus; guie-me o teu bom Espírito por terreno plano. Vivifica-me, SENHOR, por amor do teu nome; por amor da tua justiça, tira da tribulação a minha alma. E, por tua misericórdia, dá cabo dos meus inimigos e destrói todos os que me atribulam a alma, pois eu sou teu servo.



Sofia parou de chorar quando Kasmira terminou. Continuava, porém, abalada. Orou depressa para não perder a cabeça antes de se despedir.

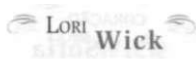
- Quem vai operar?
- O doutor Svoboda. Ele tem sido muito bom e honesto.
- Vai demorar?
- Depende do que encontrarem.

Havia muito mais implicado nessa resposta, mas ambas compreenderam.

- A quem posso telefonar para saber como foi?
- Eduard está aqui comigo. Ele liga para você logo que puder.
- Está bem. — Eduard fora chefe de Sofia na Assembleia Federal, e ela sabia que não poderia escolher um substituto melhor.
- Vai ficar bem, minha querida?
- Sim, enquanto você souber o que sinto por você.
- Oh, querida, não tenho qualquer dúvida. Ri com a sua carta severa. Perturbou-se tanto com o que perdeu. Fiquei, porém, orgulhosa de você. Quantas vezes enterrou a cabeça no jornal e tentou resolver os problemas da Terra... Não é pecado quando o seu mundo encolhe um pouco.
- Não pensou que a havia esquecido? — As lágrimas voltaram.
- É claro que não, minha Sofia. Você será o meu último pensamento e a minha última oração, minha querida. Creia nisso de todo o coração.

Precisaram despedir-se, e ficou difícil para Sofia desligar o telefone. Sentiu uma súbita câibra na mão e percebeu que estivera agarrando com tanta força a frente da camisola que prendera a circulação. Parecia entorpecida. Moveu-se mecanicamente para a porta.

- Você está bem, Sofia? — A voz do senhor Riley veio de algum lugar atrás dela, e Sofia voltou-se lentamente para vê-lo do outro lado da cozinha. Começou a responder em checo e, depois, parou.
- A minha avó tem câncer, vão operar em uma hora.
- Sinto muito, Sofia — disse ele mostrando perturbação. — Gostaria que pudesse estar com ela.
- Eu também — foi tudo o que conseguiu dizer e, depois, ficou ali parada.



— Não se preocupe com as crianças na parte da manhã, Sofia. Desligue o despertador e tente dormir.

— Já é de manhã?

— Não. Apenas 2h30.

— Está bem. — Sofia dirigiu-se para a porta, mas tinha as mãos tão frias que mal podia girar a maçaneta. Procurou concentrar-se e estava quase abrindo quando a mão de Alec surgiu. Ele andou com Sofia até o pé da escada, iluminando os passos dela com uma lanterna.

— Cuidado agora — ela o ouviu dizer e agradeceu em voz baixa. Ele não subiu. Ficou esperando até que Sofia estivesse em segurança dentro do apartamento.

O brilho da lua cheia iluminava tanto o seu quarto, que Sofia não precisou acender a luz. Ainda de roupão, deitou-se e ficou olhando para o teto.

Você confia em mim, Sofia? Confio, Senhor. Sabe que o meu caminho é perfeito porque a amo? Sim, Senhor, sei disso. Sabe também que amo sua avó mais ainda do que você? Sim, Senhor. Tenho de deixá-la nas suas mãos. Ela é sua filha. Descanse em mim, Sofia. Descanse em mim em cada sofrimento. Nunca vou abandoná-la.

Sentiu as lágrimas correrem. Não eram lágrimas de tristeza ou de ira, mas lágrimas de dor pelo sofrimento da avó, por ela ter de se submeter a uma cirurgia. Seu sentimento era também de luto, porque tudo indicava que não mais a veria. As lágrimas pesaram nos seus olhos, e o sono avançava sobre ela. Sofia lutou, porém, contra ele ao lembrar-se do livro de Jó, quando Satanás ficou diante de Deus, dizendo que Jó o amaldiçoaria se Deus o deixasse.

Isso não aconteceu com Jó, Senhor, e não quero que aconteça comigo. Não quero que Satanás lhe diga: "Pai, Sofia só o louva quando está feliz". Agradeço agora por ter tido minha babushka durante tantos anos e louvo o seu santo nome pelas coisas que ela me ensinou. Console-a agora. Guie as mãos do médico. Obrigado por Eduard estar ao lado dela. Obrigado por esse câncer. Obrigado pelas coisas que vai me ensinar com esse sofrimento. Por favor, se vai levá-la, faça isso depressa, Senhor. Não deixe que ela sofra por muito tempo.

Esses pedidos não apagaram a dor, mas trouxeram paz. Sofia compreendeu, surpresa, que já não se sentia tão cansada. Orou durante as duas horas seguintes, algumas vezes com ansiedade e outras, calmamente. A tranquilidade chegou e Sofia não entendeu a mudança em seus sentimentos. Mas sabia que já podia adormecer.



Eram 4h45, e Sofia teve certeza de que a avó estava no céu ou descansando serenamente. Deus sabia e, naquele momento, era tudo o que importava. Sofia verificou novamente o relógio para ver se desligara o alarme e se aninhou nas cobertas. Dormiu cerca de dez minutos depois, e quando as crianças saíram para a escola três horas mais tarde, ela não ouviu nenhum ruído.



Quando as crianças chegaram da escola, Sofia estava trabalhando há uma hora. Ela se encontrava na cozinha como de costume, com os ingredientes para o jantar sobre o balcão. Alec deixou um bilhete para os filhos, dizendo-lhes que não procurassem por Sofia, dando-lhes a razão por que não deveriam procurá-la. Os três entraram em casa fazendo barulho, mas quando viram que Sofia estava na cozinha, procuraram fazer silêncio.

— Olá, Sofia — começou Rita. — Tem notícias da sua avó?

— Não. Só comecei a trabalhar há pouco, talvez eles telefonem agora.

— Oramos por ela na escola, Sofia — disse Tory. — Contei na classe, e logo a senhorita Nelson nos fez orar por sua avó.

— Obrigada, minha Tory. Sei que Deus ouviu os seus corações.

O telefone tocou naquele instante, e Sofia ficou tensa. A secretária eletrônica ficava quase sempre ligada e ela nunca tinha de atender. Naquela manhã, Sofia havia desligado a secretária eletrônica.

— Alô — Rita atendeu o chamado e franziu a testa. Um segundo depois, entregou o telefone a Sofia. — É um pouco difícil de entender, mas estou certa de que é para você.

Alô foi a última palavra que Sofia disse em inglês. No momento em que ouviu a voz de Eduard passou a falar em checo, e as crianças ficaram paralisadas na mesa da cozinha.

— Um sucesso, Sofia. Não foi tão mal quanto haviam previsto e ela está descansando calmamente.

— Oh, Eduard, obrigada por estar aí. Deve ser muito tarde agora.

— É tarde, mas não queria acordá-la outra vez de madrugada, e foi difícil ter informações antes. Como vai você?

— Estou confiante. Preparei-me para qualquer notícia que você me desse e, sabe, Eduard, não há lugar melhor para ficar.

— Você me alegra, Sofia. Tive medo de que chegasse na América e que eles a corrompessem para sempre.

Sofia teve de rir com o tom dramático dele. Sempre achara notável ser cristã e ter um supervisor cristão num país comunista. Eduard tinha sido um excelente chefe, e ela sentia muita falta dele. Conversaram mais um pouco, e ele explicou o que os médicos haviam dito sobre o tratamento nas semanas vindouras. Prometeu enviar uma carta de Kasmira no momento em que ela pudesse falar. Sofia agradeceu com os olhos marejados e desligou o aparelho.

Gostaria de ter tido uma câmera para fotografar as crianças naquele momento. Cada uma se inclinara para frente na cadeira, as três com o rosto mostrando atenção, prontas para as notícias. Sofia sentiu-se comovida com a preocupação delas.

— Ela está viva — contou Sofia, agora com uma lágrima correndo pelo rosto.

— A operação foi demorada, mas bem-sucedida, e ela está descansando confortavelmente.

Craig virou a cabeça para esconder as emoções. Rita abraçou Sofia. Tory não queria chorar e continuou sentada. Dirigiu-se depois a Sofia do outro lado da mesa.

— Estou contente, Sofia. Diga a ela que oramos.

— Eu digo, Tory. Digo exatamente isso.

Naquele momento, Graig saiu apressadamente da cozinha, e Sofia teve ímpetos de ir atrás dele. Mas conteve-se, evitando criar problema.

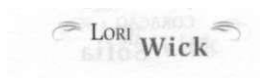
— Ele vai ficar bem, Sofia. — Rita vira a preocupação dela.

Rita não respondeu, embora tivesse dúvida de que Graig fosse ficar bem. Rita já afirmara isso antes, mas não tinha sido o que acontecera, por isso, dessa vez, Sofia não estava acreditando. Voltou ao trabalho pouco depois, com uma oração de agradecimento no coração, mas também orou por Craig.

Ajude-o, Pai. Ajude-o como só o Senhor pode fazer e permita que eu seja tão amorosa e paciente como o Senhor é comigo.

— **A**S CRIANÇAS MUDARAM NOSSOS PLANOS — disse Alec à irmã quatro semanas antes dos feriados.
— Para o Natal?

- Sim — Alec explicou e, depois, aguardou a reação de Janete.
- Acho isso ótimo — disse ela surpreendendo-o.
- Acha?
- Sim. Isso nos dá mais tempo e permite que comecem a própria tradição. Talvez um dia possamos passar o Natal com vocês. Já falou com os nossos pais?
- Não. Estava esperando... — Alec interrompeu o que estava dizendo porque Janete riu.
- Quer que eu seja o homem mau?
- Você acha que mamãe vai ficar contrariada?
- Não — respondeu Janete sinceramente. — Acho que vai compreender, e vocês não estarem conosco para o Natal não quer dizer que não vai vê-la. Preciso mesmo telefonar para mamãe, então acho que não haverá problema. Mas não se admire se ela lhe telefonar.
- Está bem. Rita diz que todos temos de dormir até mais tarde no dia de Natal. Com o cansaço que estou sentindo agora, penso que ela tem toda razão. Veremos vocês provavelmente às duas ou três da tarde.
- Certo. Podemos abrir os presentes e preparar um jantar para a noite. Vou conversar com Davi, mas tenho certeza de que ele vai gostar da mudança. Quantos dias pretendem ficar conosco?
- Penso que até quinta ou sexta-feira, dependendo do tempo. Não quero que a neve me impeça de voltar e conseguir entrar em casa.



- Falando de sua casa, como vai Sofia?
- Ela acabou de saber que a avó tem câncer.
- Oh, Alec, que pena! — Janete falou quase chorando.
- É verdade. Ontem, à noite, Sofia ficou muito perturbada, mas as crianças me contaram que, na hora do jantar, ela ficou sabendo que a cirurgia da avó foi um sucesso.
- Ótimo. Como vai o trabalho?
- O dela?
- Isso.
- Ela é admirável, Janete. Gostaria que alguns dos meus funcionários fossem a metade do quanto ela é trabalhadora. Você não acredita como esta casa está limpa. Algumas vezes me sinto até culpado por apreciar o estado em que está a nossa casa, porque Van não a mantinha tão agradável como está agora.
- Sei que gosta disso, Al. Mas Sofia só precisa se preocupar em manter a casa limpa. Ela não precisa levar as crianças na escola, não tem de participar de comitês, de preparar bolos para a escola, de pagar contas ou preocupar-se com nenhum dos outros milhares de afazeres que Vanessa tinha sobre sua responsabilidade. Entenda que não estou criticando Sofia. Penso que ela é maravilhosa, mas entre limpar a casa de outra pessoa e a sua há uma diferença, como a que existe entre a noite e o dia.
- Entendo o que quer dizer — Alec já pensara nisso. Mas Janete ter concordado com ele tirou-lhe um peso da consciência.
- E melhor desligar agora. Vou telefonar para nossos pais.
- Está bem. Diga-lhes que quero muito vê-los.
- Pode deixar. Vejo você em quatro semanas.
- Combinado. Boa noite, Janete.
- Até logo, Alec. Beije as crianças por mim e diga alô a Sofia.

Desligaram em seguida, e Alec ficou pensando em como o Natal estava próximo. Não tinha ideia do que comprar, mas devia começar. A pressão com o trabalho não seria muita no dia seguinte, então decidiu ir às compras enquanto os filhos estavam na escola. Tomou um momento para orar sobre isso e, depois, viu um catálogo de Natal. Esperando encontrar nele algumas sugestões, tomou-o e subiu para o andar de cima.



Sofia usava um conjunto brilhante, verde-escuro, com uma blusa de gola olímpica sob a jaqueta e tênis brancos, parecendo tão "natalina" quanto o ambiente que a cercava. Ela acabara de soprar uma bola enorme de chiclete que lhe cobria toda a boca, fazendo Tory rir alto.

— Não vou entrar no *shopping* com você, Tory —, Craig avisou — se continuar desse jeito.

Sofia sabia que a advertência era para ela também. Ela e Tory trocaram sorrisos de cumplicidade, e tentaram permanecer sérias, mas não conseguiram. Fazer compras no *shopping*, mesmo lotado, era divertido demais para não rir.

— Já decidi o que comprar para o seu primo Jeremy? — Sofia, que estava tentando ao máximo comportar-se, perguntou a Craig.

— Não. Ele gosta de jogos de computador, mas alguns são muito caros.

— Eu sei o que quero dar para a Beth — Tory interrompeu. — E quero que a Rita compre comigo.

— Acho que está na hora de encontrar com ela no *Penney's* — disse Craig à irmã. — Vamos buscá-la e acabar de fazer as compras para meninas.

Sofia não sabia por que Craig estava ali com elas, já que nunca tinha feito compras com as três mulheres. Mas preferiu não fazer nenhum comentário. Até que ela soubesse da doença da avó, ele estava indo bem; mas depois que Sofia soube que a cirurgia tinha sido bem-sucedida, Craig passou a tratar tudo e todos com aspereza. Sofia tentara falar com ele, mas não tinha conseguido.

— Aquela não é a Melissa Barton? — Tory perguntou de repente.

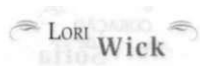
— E sim — disse Sofia. — Vamos falar com ela.

— Não... — Craig falou em voz baixa, furioso, mas dessa vez Sofia ignorou-o. Dirigiu-se para onde Melissa estava sentada sozinha num banco e parou bem na frente dela.

— Olá, Melissa.

— Oi, Sofia. Oi, Tory. Oi, Craig.

— Como vai Melissa? — perguntou Sofia, embora os olhos da juvenzinha ainda estivessem em Craig.



— Ótima. — Ela finalmente olhou para Sofia. — A minha mãe está no *Prange's* e estou aqui esperando por ela.

— Como foi o seu debate?

Melissa fez um ar de interrogação mas, em seguida, o seu rosto se iluminou.

— Oh, foi muito bom. Usei aquele último comentário como você sugeriu, e o professor gostou. Craig não disse nada?

— Esqueci de perguntar a ele — admitiu Sofia.

— Você tomou nota daquelas palavras na lousa hoje, Craig?

— Tomei. — O rosto de Craig estava meio vermelho, mas sua voz mostrava educação.

— Então, vou telefonar para você, porque não anotei uma delas.

— Claro! — Ele estava orgulhoso por se sentir à vontade. Na realidade, não se sentia assim tão à vontade. — Vamos estar em casa mais tarde.

— Não falei com você ainda, Craig, mas no dia 22, depois das aulas, vai haver uma festa na escola. Você pode ir?

— Claro. — Outra vez, ele se sentiu bem com o tom de sua voz. — Acho que tudo bem. Preciso falar com o meu pai primeiro, mas aviso você.

— Está certo. Olha, lá está minha mãe. Vejo você amanhã.

— Até logo, Melissa.

— Até logo, Craig.

Melissa não se lembrou de se despedir, mas Sofia não se importou. Viu que Craig olhava para Melissa, e se voltou para a menina também.

— Obrigado, Sofia — Craig disse finalmente. Sofia sorriu com todo o amor que sentia no íntimo.

— De nada, Craig. Vamos buscar Rita agora?

Ele concordou e começaram a andar. Rita não estava na frente do *Penney's*. Tory a viu diante do salão de cabeleireiro e correu naquela direção. Sofia e Craig seguiram mais devagar.

— Veja isso, Sofia — foi a primeira coisa que Rita disse. — Não é um estilo bonito de cabelo? — Apontou para um pôster grande na vitrine.

— É sim.

— Parece com você — acrescentou Tory.



- Era o que eu estava pensando — mencionou Rita.
- Fica sempre perfeito quando descobre um corte diferente que combina com você.
- O que você quer dizer com isso, Rita? — Sofia quis saber.
- É só diversão. Mas assim você pode ver como ficaria com um corte diferente.
- Seu cabelo é muito comprido, Sofia? — Tory quis saber.
- Não muito. Talvez até o meio das costas.
- É bem comprido — disse Tory enquanto punha a mão no seu cabelo que ia até os ombros.
- Olhe, Rita — Tory mudou de assunto depressa. — Quero comprar um presente para a Betânia no *The Elephant and Canary*. Você vai comigo?
- Claro.

Os três Rileys foram na frente, e Sofia seguiu-os devagar. A mulher no pôster tinha os olhos e boca parecidos com os seus, e o cabelo dela era *deslumbrante*. Pelo resto da tarde, Sofia ficou pensando no que Rita tinha dito sobre seu cabelo.



Três noites mais tarde, na quinta-feira anterior ao Natal, Sofia acompanhou Brad à festa da empresa dele.

- Deixamos muito para a última hora para fazer as reservas num fim de semana, mas talvez seja melhor assim.
 - Por que está dizendo isso?
 - Porque é melhor as pessoas ficarem preocupadas em olhar o relógio do que ficar com o copo na mão. Ai, que gafe!...
 - O que foi Brad?
 - O restaurante tem um bar. Esqueci de dizer-lhe isso Sofia.
 - Não faz mal, Brad. Não vou ficar bêbada.
- Como fazia com frequência, ela o apanhou desprevenido. A cabeça dele virou-se surpresa em sua direção antes que visse o brilho nos olhos dela.
- Falando sério, Sofia, isso vai ofender você?
 - Não, mas agradeço por perguntar.
 - Seu vestido está muito bonito.

Sofia tocou o colarinho verde-escuro que aparecia no alto do casaco. — Obrigada, queria parecer com o Natal.

— Você parece.

— Você também está, com essa gravata vermelha e verde — mencionou ela.

— A minha mãe me deu no ano passado.

— Os seus pais estão vivos, Brad?

— Sim. Moram em Iowa.

— Vi Iowa no mapa. É região de fazendas. Porcos.

Brad riu. — Para falar a verdade, é justamente isso o que meus pais fazem: criam porcos.

— Que interessante. Foi onde você cresceu, na fazenda?

— Sim.

Era agradável conversar como amigos e, antes que percebessem, estavam entrando apressados no restaurante para fugir do frio. O grupo alugara uma sala de banquetes e, embora algumas das piadas fossem grosseiras e o ar estivesse pesado de fumaça, eles se divertiram bastante. Sofia teve uma conversa maravilhosa com uma mulher à sua direita e pôde ver que Brad verdadeiramente amava as pessoas com quem trabalhava.

Seu testemunho era firme, mas ele não afastava as pessoas. Ninguém lhe ofereceu bebida, e parecia que seus colegas tinham ficado satisfeitos porque ele estava acompanhado. Todos desconfiavam que eles tinham se conhecido na igreja. Sofia confirmou que frequentavam a mesma igreja, e os amigos de Brad ficaram admirados de saber que os dois se conheceram quando Brad tinha sido instrutor de direção da moça. Quando voltavam para casa, Sofia contou os comentários que os colegas de Brad tinham feito, e ele pareceu bem satisfeito com o que eles falaram.

— Sei que você causa impacto, Brad, e isso me entusiasma.

— Obrigado, Sofia. Eles são, na maior parte, um ótimo grupo de pessoas, e alguns me procuraram quando estavam enfrentando grandes problemas. Oro para que, com o tempo, o Senhor abra ainda mais portas para o meu testemunho.

Eram 23 horas, o chão estava gelado, e Brad levou Sofia até o pé das escadas antes de se despedirem. Ela mal havia entrado quando lembrou que tinha algo a fazer na cozinha. Não se preocupou em vestir um casaco. Desceu as escadas, usando a sua chave para entrar em casa.



Sofia foi direto acender a luz sobre o fogão e puxou a assadeira grande do armário, procurando fazer o mínimo de ruído possível. Lutava ainda para tirar o enorme peru do *freezer*, quando seu patrão apareceu.

— Deixe-me ajudá-la com isso.

Sofia afastou-se e deixou que ele colocasse a ave na fôrma. Procurou um espaço no refrigerador e agradeceu quando ele a colocou lá dentro.

— De nada.

— Sinto ter chegado tarde e acordado o senhor — lamentou Sofia.

— Eu ainda estava de pé e achei bom encontrá-la. — Alec puxou uma cadeira na ponta da mesa, e Sofia compreendeu que deveria sentar-se. Sentou do outro lado e disse: — Preciso perguntar como os meus filhos se comportaram com as compras de Natal.

— Penso que bem. Tory encontrou presente para Beth e Craig, para Jeremy. Rita ainda está procurando presente para o Brian, mas disse que sabe o que quer.

— Bom — disse ele suavemente e ficou em silêncio. Sofia teve a impressão de que não tinha acabado, mas Alec só ficou ali, sentado.

— Quer que eu faça compras para o senhor, senhor Riley?

Alec olhou-a como se só então percebesse a sua presença. — Vanessa sempre fazia — disse ele com um tom de voz pensativo. — No ano passado, não tivemos nada. Quero dizer, as crianças e eu não fizemos nenhuma compra de Natal. Vanessa tinha morrido recentemente, e a dor ainda era muito forte. Queria fazer melhor este ano, mas não sei o que comprar. Sei que os três estão sempre precisando de roupas, mas não sei os tamanhos.

Alec calou-se e Sofia disse gentilmente: — Parece ainda recente para o senhor Como se fosse ontem, não um ano atrás.

— Isso mesmo. — A voz dele continha um tom de admiração pelo fato de alguém ter adivinhado tão bem. Não olhou sequer para Sofia ao acrescentar: — Pensei que íamos envelhecer juntos. Tínhamos preocupação com a saúde porque nas duas famílias havia problemas cardíacos. Mas nunca imaginamos que sofreríamos um acidente de carro. Posso ver ainda o rosto de Craig quando atendeu a porta. Era um policial e o médico legista do condado; tinham vindo avisar que eu estava viúvo. O torpor tomou conta imediatamente de mim. Começou no meu coração e se espalhou até que nem conseguia sentir os meus dedos.



Alec continuava a falar, como se isso lhe estivesse fazendo bem:

— Depois disso, as crianças não queriam sair de casa. A essência de Vanessa enchia esta casa, e eles queriam ficar por perto. Ao contrário, eu me sentia melhor saindo de casa. Não conseguia nem me aproximar da cama. Dormi na cadeira durante semanas. Naquela primeira noite, a agonia cobriu meu rosto e eu não conseguia nem respirar. Deus teve de respirar por mim. Palavra que ele fez isso; caso contrário, eu não conseguiria sobreviver. Sinto a mesma coisa agora quando tenho de ir ao *shopping*. Não sei o que as crianças querem para o Natal e meu desejo é satisfazê-las, mas em todo lugar que olho vejo o rosto dela. Uma mulher tem o cabelo de Van, outra parece com ela de costas. Já é dia 21. As lojas estão tão cheias que é quase impossível andar nelas. Não sei o que meus filhos vão dizer se não comprar nada novamente este ano.

A partir daí, Alec permaneceu em silêncio. Sofia não conseguiu mover-se nem falar por algum tempo e depois disse baixinho: — Rita gosta do rádio branco que viu na Loja Kohl. E quadrado, tem relógio com números grandes e alarme com tecla para soneca.

Alec fitou-a novamente como se, só então, percebesse que estava ali, mas se recuperou depressa e pegou uma caneta e papel no bolso da camisa. De ímpeto, tomou nota só do que Sofia falou. E a governanta continuou a sugerir:

— Tory diz que os seus patins estão apertados e ela quer proteção para os joelhos e os pulsos. Ela usa agora sapatos tamanho 35. Craig procurou bastante um jogo de computador no *Best Buy*. Chama-se *Blaster Squad* e tem *joystick*. Tory trouxe para casa um papel da escola que dizia que as meias de Natal eram boas para guardar materiais escolares: lápis, cola, *crayons* e papel. Todas as crianças gostam de doces com nozes da *Fanny May* no *shopping* e todas têm buracos nas meias.

Sofia parou de falar e esperou que Alec terminasse de escrever. — Rita comprou rolo grande de papel de Natal. Se esconder os presentes, deixe um bilhete e posso embrulhá-los.

— Obrigado, Sofia — disse Alec em voz baixa, mostrando que as emoções ainda estavam muito à flor da pele.

Sofia ficou de pé e falou para Alec: — Vou para casa agora.

Alec levantou-se também, mas não foi até a porta com ela. Ambos se despediram e, quando a porta se fechou, Alec sentou-se de novo e sentiu todo o corpo tremer.



— *Tinha tanto medo!* — orou em sussurros, com lágrimas jorrando dos olhos
— *Tinha medo de não encontrar nada para eles, Senhor, mas o Senhor providenciou.* — As lágrimas lhe correram pela face. — *Por favor, ajude-me a atravessar este momento* — soluçou baixinho. — *Ela não está aqui para eles, Senhor, portanto tenho de estar. Ajude-me, por favor.*

Escondeu o rosto nas mãos e deixou que o sofrimento e a mágoa o envolvessem. Soluços roucos o sacudiram por alguns minutos até que se lembrou da lista de Sofia. Orou pedindo calma e louvou a Deus pela sua orientação, pedindo ajuda para cumprir bem sua tarefa.

Dormiu pesado naquela noite sem praticamente nenhuma lembrança do que dissera à governanta. Quando, na manhã seguinte, as lojas se abriram, Alec Riley já estava lá com a lista de presentes para os filhos. As compras terminaram ao meio-dia, e ele voltou depressa com os pacotes para Sofia. Deixando tudo de lado para embrulhar os presentes, Sofia colocou-os debaixo da árvore antes que as crianças chegassem da escola.

S OFIA NÃO VAI JANTAR CONOSCO?

— Não, Tory, não vai.

— Mas por quê? Você disse alguma coisa, Craig? — ela acusou.

— Não, Tory — defendeu-se ele parecendo também perturbado.

— Chega agora, Tory —, disse o pai. — Não tem nada a ver com Craig. Sofia não se sente à vontade para comer conosco, e temos de respeitar os desejos dela.

Nenhum deles, no entanto, sentia-se bem com o fato. A refeição da véspera de Natal à sua frente parecia algo tirado de uma revista, e Sofia preparara tudo sozinha. O plano era que ela só ajudasse, mas não funcionara desse jeito. O fato de ter de trabalhar no domingo já era ruim, mas cozinhar uma refeição assim e, depois, ficar sozinha em casa era mais do que as crianças poderiam aguentar. Estava claro, pelo peru inteiro e a salada perfeita, que ela não separara nada para ela.

— Você talvez devesse levar um prato para ela agora, Tory —, sugeriu o pai, e a fisionomia da menina iluminou-se. Ela correu para pegar outro prato no armário e, quando voltou, todas as mãos se juntaram para enchê-lo.

— Vai conseguir carregar isso?

— Vou — respondeu Tory, e Alec segurou a porta enquanto ela saía com o presente soltando fumaça.

Não conseguiu bater na porta de Sofia, mas deu um chute de leve com o pé. Sofia arregalou os olhos quando viu quem era.

— Minha Tory, onde está o seu casaco?

— Não tive tempo para pegá-lo, Sofia. Tinha de trazer isso enquanto estava quente.

Sofia pegou o prato, colocou-o na mesa e depois abraçou Tory. — Obrigada, minha Tory, estava gostoso?



— Ainda não comemos.

— Oh, Tory! Não precisava fazer isso.

— Não se preocupe, era o que nós queríamos.

Sofia sacudiu a cabeça, mas estava sorrindo. — É melhor você voltar.

Tory fez que sim e se dirigiu para a porta, mas não saiu. — Vamos viajar amanhã.

— O seu pai me contou.

— Você vai trabalhar?

— Não amanhã, só durante a semana.

— Sabe de uma coisa, Sofia?

— O quê?

— Se você assistir ao *O preço justo* aqui e eu assistir em Chicago, é como se estivéssemos assistindo juntas.

Os olhos de Sofia se arredondaram. — Que ideia boa. Vou fazer isso.

Tory sorriu.

— Vá agora, Tory. Coma o seu jantar.

— Está bem.

— Feliz Natal, minha Tory.

— Feliz Natal, Sofia.

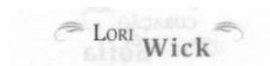
Sofia sorriu para a porta fechada alguns minutos depois de a menina ter saído. Como Tory fora atenciosa! Ainda antes de o cheiro da comida chegar aos seus sentidos, ela decidira que aquele seria, de fato, um Natal feliz.



A satisfação de Alec com a reação dos filhos aos presentes que receberam foi imensa. Ele comprara exatamente o que Sofia tinha recomendado, e todos apreciaram. Os filhos também tinham comprado presentes para ele e, quando viu a camisa, meias, navalhas e xampu do tamanho e marcas certas, soube que Sofia, com certeza, participara da escolha.

— Olhem! — gritou Rita quando o chão sob a árvore estava esvaziando. — Há uma cesta de presentes aqui de Sofia.

— Para quem?



— Para todos nós.

Rita começou a distribuí-los. Abriram em seguida e ficaram sentados em silêncio, enquanto olhavam os presentes que, com certeza, Sofia havia preparado com grande interesse. Alec só recebera um cartão, e ele o leu em voz alta.

"Caro Senhor Riley,

Por favor aceite este cartão com os meus agradecimentos pelo emprego que me deu. Espero estar servindo bem. Espero também que os presentes para as crianças sejam aceitáveis e não penosos para elas. Se me excedi em minha posição, peço desculpas. Feliz Natal para o senhor e seus filhos.

Sua serva por causa do amor de Cristo,

Sofia Vclikonja"

Antes de dar atenção aos presentes nas mãos dos filhos, Alec notou, distraído, que não havia no cartão nenhuma palavra escrita ou usada erradamente. Tory e Rita ganharam lindos medalhões de ouro. As correntes eram delicadas, e Tory estava tentando abrir a pequenina porta gravada. Lágrimas subiram aos seus olhos quando dentro encontrou uma foto pequena da mãe. O de Rita era idêntico. Craig mostrou um lindo porta-retrato com a mesma foto. Tinha sido ampliada, é claro, mas mesmo assim continuava encantadora, captando o sorriso alegre da mãe e seus cabelos negros e brilhantes.

Os filhos colocaram nas mãos do pai os presentes que tinham recebido de Sofia. Alec olhou-os com atenção, suspirou profundamente e comentou:

— Foi muito atencioso da parte dela — disse ele suavemente, não querendo lágrimas naquela noite. — Quero que vocês não esqueçam de agradecer a Sofia antes de viajarmos amanhã.

— Temos um presente para ela — afirmou Craig.

— E verdade — acrescentou Rita. — Compramos um quadro na *The Bread Shop*. Ela não tem nenhum quadro no apartamento.

— Estou certo de que ela vai gostar.

— Foi Rita quem escolheu — Craig achou que tinha de explicar —, mas colocou os nossos nomes nele.

— Ótimo — foi tudo que Alec conseguiu dizer. Ultimamente, o Senhor vinha mostrando o seu amor de maneiras surpreendentes. Muitas vezes, por meio de atos de bondade da sua governanta.



— Mesmo assim, gostaria que ela tivesse jantado conosco — disse Tory e, pela primeira vez, Craig desejou que ela tivesse feito isso.

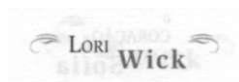


- Feliz Natal, minha *babushka*.
- Sofia, minha querida —, respondeu Kasmira. — Que bom ouvir a sua voz! De onde está telefonando?
- Da casa dos Rileys. O senhor Riley me deu permissão para pagá-lo quando voltar. O orelhão é frio demais, e conversar com você por telefone é melhor do que qualquer presente.
- Eu queria mandar alguma coisa para você.
- Tudo de que preciso é ouvir a sua voz. Como vai?
- Vou indo bem. Ainda meio dura, mas de pé e me movimentando um pouco.
- Ótimo. Gostaria de estar aí.
- E eu gostaria de estar aí.
- Você pode estar. — A alegria iluminou a voz de Sofia.
- Oh, minha querida, eu não estava falando sério. Os médicos dizem que as coisas parecem boas, mas sou idosa demais agora. Viajar para tão longe provavelmente seria a minha sepultura.
- Eu sei que seria difícil — Sofia pareceu mais resignada do que se sentia. — Cheguei até a verificar o preço da passagem. É mais barato comprar um bilhete de ida e volta e não usá-lo, mas esse não é o maior problema. O maior problema é convencê-la a vir.
- Como está o tempo aí?

Sofia suspirou baixinho. O Natal não era dia para reclamação, mas ela foi tentada a reclamar:

- Está muito frio e nevando. As montanhas são lindas! Vou à casa da Gladys hoje e usarei minhas botas de cano longo e meu casaco comprido. Você e Eduard comeram juntos?
- Sim. Ele cozinhou, e eu banquei a inválida.

Sofia riu porque Kasmira nunca bancara a inválida na sua vida. Isso introduziu uma nota leve no final da conversa. Quando desligaram, Sofia pôde despedir-se



sem chorar. Todavia, os seus olhos marejaram, quando voltou ao apartamento e encontrou sob a árvore o presente que recebera das crianças. Por causa da doença da avó, aquele fora o único presente que recebera. Sofia sabia que seria sempre precioso para ela.



- Oh, Alec, essa Sofia impressionou mesmo a Tory.
- Como? — Alec olhou para a mãe do outro lado da sala dos Rings na noite seguinte.
- O que quer dizer?
- Ela fala de Sofia o tempo todo. Essa moça parece boa demais para ser verdade.
- Ela é muito boa em tudo o que faz — respondeu Alec sinceramente.
- Compreendo, mas se é tão fluente em todas essas línguas, por que está fazendo faxina para viver?
- Alec trocou um olhar com Janete do outro lado da sala. Janete, por sua vez, olhou para Davi, que acabava de entrar com o pai dela, Ben Riley.
- O que foi? — Ben quis saber, e Kay, Alec e a mãe de Janete explicaram.
- Quem sabe Tory entendeu mal — sugeriu Ben.
- Olhe, mamãe — Beth chegou correndo à sala com Tory nos calcanhares e uma fita nova de Natal na mão.
- Tory e eu podemos assistir a isto no seu quarto? Brian, Rita e os outros meninos não querem assistir a essa fita.
- Claro. Só não fiquem pulando na cama.
- Pode deixar. Venha Tory.
- Tory ia sair quando Alec chamou-a.
- O que foi, pai?
- Venha aqui um minuto. — Ele esperou até que ela chegasse à sua frente. — Conte sobre as línguas que Sofia fala. Você nunca disse nada a respeito.
- Sei que ela fala Tchecoslováquia, ou o que quer que chamem, e nós a ouvimos falar alemão na sapataria. Acho também que ela fala italiano ou talvez francês. Por que quer saber?



— Fui eu que perguntei, querida —, explicou a avó. — É surpreendente que uma mulher com essa educação esteja limpando casas para viver.

Tory olhou para a avó, depois para o pai e perguntou:

— Por que queria saber, papai?

— Estava apenas curioso, filha.

Tory olhou para o pai de uma forma que ele não entendeu e disse: — Você não vai mandá-la embora, não é?

— Não, querida, claro que não.

O corpinho da menina ficou rígido e lágrimas lhe subiram aos olhos. — Ela diz que quer trabalhar com idiomas algum dia, mas diz que somos importantes para ela. E se mandá-la embora eu...

— Tory, Tory. — O pai tentou deter aquele sinal de pânico na filha. Esfregava os braços rígidos dela e falava carinhosamente: — Não vou, Tory. Acho ótimo que Sofia tenha tantos conhecimentos e não vou mandá-la embora. Não faria isso.

Ela cobriu o rosto com as mãos e soluçou. Alec colocou-a no colo, e Tory escondeu o rosto no peito dele. Davi, que sentara no sofá entre Alec e a esposa, estendeu o braço e bateu delicadamente nas costas da garotinha.

— Você vai assistir à fita com a Beth? — perguntou tranquilamente.

Tory sacudiu a cabeça e fungou. Todos viram que estava constrangida, porque não olhou para ninguém. Apenas para o pai.

— Tudo em ordem agora. Não há nada com que se preocupar — acrescentou Alec.

Tory desceu do colo dele e saiu da sala. Beth continuava parada na porta.

— O que foi, Tory?

— Nada. Estou bem.

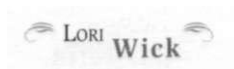
— Algum problema?

— Não.

Quando os passos das meninas foram ouvidos na parte de cima da casa, Kay se desculpou: — Sinto muito, Alec. Não pensei que poderia perturbá-la.

— Posso entender — Davi interferiu. — Ela gosta de Sofia como um patinho da água, e pensou que você estava esvaziando o lago.

— Mas, não estou — afirmou Alec. — Eu poderia construir vinte casas por ano. se todos os meus operários fossem tão dedicados e capazes quanto Sofia.



Sabe? — perguntou Janete com olhos distantes. — Davi e eu sempre achamos que havia mais em Sofia do que ela contava.

Ela é tão aberta e cordial quando escuta alguém! — acrescentou Davi — Mas não fala sobre si mesma.

Exceto para as crianças, eu acho. — Alec comentou e, por alguma razão ninguém disse mais nada. A conversa tomou o rumo de outros assuntos.

ALEC E OS FILHOS NÃO SAÍRAM de Chicago até tarde na quinta-feira, dia 28. Craig e Tory dormiram logo no começo da viagem. Rita vinha no banco da frente com o pai e conversavam em voz baixa. Rita dera mais detalhes sobre Sofia, e Alec ficou levemente atônito com o que ouvia. Ela falava cinco idiomas diferentes, além do inglês... não só falava como trabalhara ativamente com eles quando era tradutora.

- Acho que tenho de pedir desculpas a ela, Rita. Sei que houve ocasiões em que a tratei como se ela fosse um pouco retardada.
- Fiz isso, pai. Quando conversei com ela naquela manhã, disse-lhe como lamentava ter feito isso. Ela foi muito compreensiva, mas eu certamente aprendi pelo caminho mais difícil a não julgar as pessoas.
- Ela me ajudou com os presentes que comprei para vocês.
- Ela foi com você?
- Não, mas me sentei à mesa da cozinha com ela certa noite e fiquei falando como um idiota. Ela só ficou ali escutando. Nem sei ao certo o que falei, mas lembro-me de que foi sobre sua mãe e sobre vocês. Sofia me disse simplesmente o que vocês queriam, e fiz as compras no dia seguinte. Lembro-me de que chorei como uma criança quando ela saiu.
- Oh, papai —, a voz de Rita mostrava compreensão — Sofia é assim. Ela faz nascer em mim emoções que nem pensava que tinha. Falei com ela sobre não querer namorar, e ela me disse para não me precipitar. Fiz isso e foi ótimo. Quer dizer, alguns garotos me convidam para sair, mas não entro mais em pânico. Ela disse que eu saberia quando fosse a hora certa.
- Gostaria de ter contado isso à sua avó. Ela parecia meio preocupada com a maneira de Tory ter se apegado a Sofia.
- Quer dizer, se Sofia arranjar outro emprego?



- Isso e também sobre qualquer influência que ela possa estar tendo sobre vocês. E eu me envergonho, mas admito que não tenho estado tão atento quanto deveria.
- Acho que não precisa se preocupar, pai. Os padrões de morai dela são bem elevados. Eu nunca a ouvi dizer uma palavra negativa sobre ninguém. Não tenho bem certeza se ela tem assim tantos amigos. Mesmo que tivesse, ela não é do tipo fofoqueiro.
- Alec assentiu, sentindo-se um pouco melhor, mas queria dizer mais uma coisa.
- Rita, se tenho sido uma pedra de tropeço para você em tudo isso, quero que me perdoe.
- Não sei o que está querendo dizer.
- Você provavelmente me viu andando por toda parte como um zumbi e talvez seja essa a razão de não querer um compromisso sério. Sinto muito. Fiquei realmente abalado durante algum tempo e não tenho desculpa para isso, mas estou tentando agora ser o homem que Deus quer que eu seja.
- Oh, papai. — Ela chorava. — Só tive dificuldade o tempo em que você trabalhava demais. Mas hoje você não faz mais isso, e estou começando a sentir que somos novamente uma família.
- Tudo bem, Rita, mas não facilite as coisas para mim. Sei que cometi uma porção de erros e peço que me faça prestar contas.
- Combinado.

Houve então um silêncio amigável entre eles, e que não foi quebrado até que Rita lembrou ao pai que tinha de ir ao oftalmologista no dia seguinte. Alec disse que Sofia deveria acompanhá-la. Rita concordou e, quando chegaram à fronteira do Estado, Craig e Tory haviam acordado. Rita colocou uma fita para tocar, e o carro se encheu com as músicas de Michael Card pelo resto da viagem de retorno.



A consulta de Rita era com o doutor Carl Nickelberry, na tarde do dia seguinte, e Sofia gostou de conhecer o consultório dele. Trabalhara para distrair as crianças durante horas, e sentou-se, agradecida, em uma das cadeiras estofadas da sala de espera do consultório médico. Os três Rileys pegaram revistas para ler, mas Sofia recostou-se e fechou os olhos.



Rita foi chamada alguns minutos depois, e permaneceu no consultório do médico por cerca de uma hora. Ela dissera a Sofia que o exame era de rotina, e a governanta permaneceu sentada e descansou os pés.

— Sofia, não consigo encontrar o segundo lápis ou o rato nesta gravura.

Sofia inclinou-se sobre a revista infantil e procurou as figuras com Tory. Achou o lápis, mas a garota já o encontrara. A cabeça de Craig entrou em cena, embora o garoto não quisesse parecer interessado naquilo. Mas ele encontrou o rato.

Tory agradeceu, mas o irmão arrepiou o cabelo dela, e a menina sentou-se indignada, olhando feio para ele, enquanto arrumava o cabelo. Sofia olhou severamente para ambos, porque tinham estado provocando um ao outro o dia inteiro. Eles permaneceram quietos por alguns momentos. Já iam começar de novo a implicar um com o outro, quando Rita saiu do consultório. O doutor Carl a acompanhou e Sofia levantou-se para ir até eles.

— Olá, Sofia. Como vai?

— Estou bem, Carl. E o resfriado de Candy? — Ela adoecera no dia de Natal.

— Melhorou muito. Você já tem planos para a véspera do Ano Novo? — Ele a olhou com afeto.

— Tenho certeza de que vou ter — Sofia piscou para ele. — Estou pensando em ficar acordada até às 22h15.

Carl riu e depois olhou para as crianças. A expressão deles deu-lhe vontade de rir outra vez ao pensar: *Como a maioria das crianças, provavelmente não sabem que Sofia tem uma vida social.*

— Já acabei com Rita — disse ele a Sofia e, depois, voltou-se para a menina menor.

— Diga ao seu pai que tudo está em ordem

— Obrigada, doutor Nickelberry — disse Rita por trás de enormes óculos de cartolina.

O grupo todo se dirigiu junto para a porta. Tory comentou o fato de Sofia conhecer o doutor Nickelberry, mas Sofia estava ocupada em dar atenção a Rita e não deu resposta. Estava ficando escuro e as lâmpadas da rua iam se acendendo. Rita pôs as mãos nos olhos.

— Ele disse que isso vai durar cerca de uma hora, Sofia. Talvez seja melhor você dirigir.

— Está bem. Suba e acomode-se. Cuidado com o gelo. Craig, por favor pegue no braço dela.

Craig obedeceu e Tory pulou para segurar a porta. Eles subiram, e Sofia ligou o motor com a promessa de levá-los para casa em poucos minutos. O que ela não previa era que havia um veículo parado logo acima na rua. Sofia ficou atrás dele por um momento, examinando os espelhos retrovisores e decidindo a melhor maneira de sair dali. Refletia ainda sobre o que fazer, quando um carro saiu da entrada de uma casa em direção ao deles. Sofia olhou bem a tempo de vê-lo chegar. As palavras: — Oh, não! — escaparam da sua boca segundos antes que o grande carro batesse na van. Do lado do motorista.

Todos gritaram, especialmente Tory, que teve a cabeça atirada com força contra a janela oposta. Rita agarrou os óculos de cartolina, enquanto Sofia perguntava se todos estavam bem. Craig respondeu que sim, enquanto abria a porta corre-dição, e Sofia tirou o cinto de segurança e também saiu. Tremia muito, mas não tanto quanto o homem que batera neles.

Sofia sentiu o cheiro de álcool antes mesmo de o homem se aproximar. Ele olhou-a fixamente, e Sofia viu que não adiantaria nada falar com aquele sujeito.

— Muito bem, pessoal — uma voz feriu subitamente o ar. — Qual é o problema?

Sofia olhou surpresa para o agente de polícia. Nem sequer vira o carro dele. O homem que colidira com eles tentou explicar, mas foi interrompido pelo musculoso policial.

— Isso não importa agora. Vamos ver as identidades. Você também — disse ele a Sofia e ela voltou para pegar a bolsa. Procurou a licença e o *green card* e foi falar com Rita, que tinha ido para o banco de trás com Tory.

— Espere um momento — falou o policial. — De quem é este carro?

Sofia ficou espantada com o seu tom de voz, mas conseguiu responder:

— Tenho registro aqui que pertence a Alec Riley. Trabalho Alec Riley.

O homem atravessou-a com um olhar e Craig aproximou-se com os olhos cheios de medo.

— Você talvez deva vir comigo — disse ele, e Sofia viu subitamente outros policiais que os rodeavam. O homem pegou no braço de Sofia e começou a levá-la.

— Oh, por favor, não. — O pânico fez com que elevasse a voz. — Sou responsável por crianças. Por favor — estava suplicando agora, mas não adiantou.



O policial foi gentil, mas agiu com rigidez. Levou-a a um edifício que reconheceu como a Delegacia de Polícia de Middleton. Ao perceber o seu destino, o medo estreitou a sua garganta e pensou, por um momento, que ia desmaiar, mas Craig apareceu então ao seu lado.

— Onde estão meninas?

— Estão vindo. Por que eles estão levando você? Não foi culpa sua.

Sofia abriu a boca para responder, mas a porta de vidro estava se abrindo, e ela teve de tomar cuidado para não bater contra o vidro. Teve vontade de desprender-se das mãos do homem, mas conteve-se e, em lugar disso, olhou para trás. Um homem tentava examinar a cabeça de Tory. Rita achava-se ao lado dela e Sofia gritou: — Rita! Tory! Venham aqui comigo! Já!

As meninas obedeceram imediatamente ao som da voz dela e correram, desajeitadas, para onde Craig continuava segurando a porta. O interior do prédio estava abençoadamente aquecido, mas Sofia continuava tremendo. Teve novamente vontade de gritar com o homem que a segurava, mas ele subitamente a soltou, e as crianças a rodearam.

— Vocês estão bem? Estão machucados? — As palavras saíram aos borbotões da boca de Sofia, e Tory começou a chorar outra vez.

Rita tentou acalmá-la, embora ainda estivesse segurando os óculos no rosto, Craig parecia aterrorizado.

— Agora, Miss Velkna — disse o homem — se vier para esta sala comigo vamos tentar descobrir o que aconteceu.

— Venham, crianças — disse ela automaticamente.

— Não — interrompeu o homem. — Eles podem esperar por você aqui. É possível que queiramos interrogá-los também.

— Não! Não! — O pânico tomara conta dela inteiramente. — Sou responsável por eles. Não pode separá-los de mim. Devem ficar comigo.

Ele naturalmente não estava escutando. Sofia foi levada pelo braço novamente e andou por um longo corredor. Olhou para trás e viu que as crianças também estavam sendo levadas. Ainda ouviu o choro de Tory. Era como se estivesse fora do corpo, observando a cena se desenrolar, mas incapaz de agir.

— Agora, há quanto tempo mora em Middleton?

— Sou responsável por eles. Devo ir ter com eles. A cabeça de Tory.

— Alguém vai cuidar disso. Responda apenas às minhas perguntas.

Tudo foi inútil. Sofia ficara tão perturbada que nada do que dizia fazia sentido, e o homem não conseguiu retirar dela nenhuma informação. Quase meia hora se passou. Ao ver que ela estava prestes a perder o domínio próprio, decidiu deixá-la a sós por um momento. Acabara de levantar-se quando outro soldado chegou à porta. Em sua companhia, parecendo completamente controlado estava Alec Riley.

— Oh! Senhor Riley! — Sofia gritou e levantou-se de um salto. Ela agarrou o braço dele com toda força. — Eles têm crianças! O homem bateu em nós e não pode fazê-los explicar. Levaram meu Craig e minha Tory. A cabeça de Tory. Ela pode estar confusa.

— Fique sossegada, Sofia. Tory já foi examinada. Não houve concussão. — A voz calma de Alec chegou até ela. — Eu vi as crianças e um paramédico também as examinou. Estão bem. Só ficaram preocupadas com você.

— Devo encontrar elas.

— Calma — ele a ajudou a sentar-se de novo na cadeira, e o outro soldado informou.

— Há um homem aqui, Mike, que diz que viu tudo. A mulher da van estava parada quieta, e o homem que bateu nela está bêbado demais para ficar em pé.

Os momentos seguintes passaram como um borrão. Alec foi interrogado sobre como conhecera Sofia e, depois de o relatório ter sido preenchido, ele e Sofia saíram da sala. As crianças esperavam no vestíbulo, e o tremor de Sofia aumentou quando as viu. Ela correu e tentou abraçar os três ao mesmo tempo.

— Estão machucados? Sentem dor?

Todos disseram que não, mas ela continuava tocando os braços e cabeças deles. Alec viu que os quatro estavam a ponto de cair no choro em massa. Pegou a carteira e o *green card* de Sofia e levou a família para a sua camionete.

— Como ficou sabendo, pai? — perguntou Craig.

— Estava saindo do escritório na cidade e vi a van. Não foi difícil descobrir onde vocês se achavam.

Foi meio complicado caberem todos na cabine da camionete, mas com Alec ao volante e Craig ao seu lado, Rita apertou-se contra o irmão e Sofia sentou perto da porta. Tory no colo dela. A conversa fluiu ao redor de Sofia, mas ela não conseguia entender. Estava fria... muito gelada.

— Estávamos parados e ele veio para cima da gente...



— Então, aquele homem pegou o braço de Sofia. Ele a tratou como se ela tivesse culpa.

— A cabeça de Tory bateu na janela. Mas o vidro não quebrou.

Sofia mal se lembrava de ter saído da camionete, mas quando percebeu que chegara em casa, andou como que entorpecida até as escadas. No último momento, porém, uma mão forte pousou nas suas costas e a dirigiu para a porta da cozinha. Uma vez lá dentro, com Alec à sua frente, ela levantou os olhos e disse: — É mesmo, esqueci de fazer o jantar.

— Sente-se, Sofia —, Alec ordenou. Mas Sofia ficou de pé.

O braço dela foi tomado pela milionésima vez, e ela foi levada para que se sentasse em uma cadeira. Uma pequena pressão no seu ombro ajudou, e a moça sentou-se, tremendo e olhando com olhar vago para Craig.

— Você está bem, Sofia? — perguntou ele, demonstrando que ainda estava abalado.

Sofia tentou controlar-se, mas tudo voltava à sua mente. Estava com o pai, e havia tantos homens!... homens de uniforme. Havia um corredor comprido e tão sombrio!... Sofia começou a falar. Não fixou os olhos em ninguém ou em nada, mas as palavras brotaram da sua boca.

— Eu era bem pequena. Eles levaram o meu pai para outra sala. Não pude ir com ele. Gritei o nome do meu pai, mas aquele homem agarrou o meu braço. Pensei que ia quebrar. Ele o torceu e apertou forte. Lutei, e o meu cabelo ficou preso no cinto dele e puxou e puxou e pensei que você...

Ela não pôde continuar. Sofia olhou para o rosto pesaroso das crianças e, depois, para o senhor Riley.

— Mas não foi a mesma coisa hoje e fiz tudo errado. — Sua mão trêmula subiu à garganta. — Estraguei sua linda van. Compreendo demissão. Sei que deve.

— Dê-me a sua chave, Sofia — Alec interrompeu e ordenou.

— A minha chave?

— É, do seu apartamento.

Sofia procurou na bolsa e entregou a chave a ele. Ela ficou se perguntando como iria pegar as suas coisas. Depois, imaginou se Gladys estaria em casa. Seria uma caminhada fria naquela noite.

— Vá lá em cima e descubra alguma coisa para ela dormir e usar amanhã.



Qualquer coisa que ache que ela vá precisar.

Sofia ouviu mas elas não registrou o que Alec estava dizendo. Rita voltou com uma cesta de roupas nas mãos.

— Craig, pegue a sua cama de armar. Você pode dormir na cama de Rita, ela e Sofia vão dormir no seu quarto. Tory, vá ajudar Craig a fazer a cama. — Eles obedeceram sem fazer perguntas.

Alec foi até a mesa e pôs uma caneca quente nas mãos de Sofia. Ele se sentou, para ficar mais ao nível dos olhos dela, e Sofia falou outra vez.

— Sinto muito ter estragado sua van.

— Você vai ficar aqui esta noite com Rita. Vai tomar um banho quente para aquecer-se e depois vai dormir. Está me ouvindo, Sofia?

Sofia assentiu e, então, Rita voltou.

— Como estão os olhos, Rita?

— Estão bons, Sofia — mentiu ela. Ela ainda sentia que a luz machucava os olhos. — Vamos lá para cima.

Sofia fez o que lhe diziam, embora suas pernas e braços continuassem a tremer enquanto subia os degraus acarpetados. Rita preparou um banho bem quente para Sofia, que ficou bastante tempo na banheira.

Eu os decepcionei, Senhor. Entrei em pânico e estraguei tudo. Não sei o que me aconteceu. Sinto tanto! O Senhor fez minha babushka resistir ao câncer e à quimioterapia e eu desmorono por causa de um bêbado em seu carro.

Mesmo enquanto orava, ela sabia que não era verdade. Estava sendo muito exigente consigo mesma. O incidente que vivera na infância ainda a machucava muito, e imaginar que nunca mais se lembraria dele era impossível. Aquietou-se e deixou que Deus a confortasse. Podia dizer a seu patrão que já estava bem. Podia até ir para o seu apartamento. Chegou a preparar o que dizer. Alec, entretanto, estava à sua espera no corredor, e ela não pôde falar o que planejava.

— Está tudo bem, Sofia. Quer comer alguma coisa?

— Não, mas eu...

— Vá então acomodar-se no quarto de Craig. Se precisar de alguma coisa, peça a Rita. É um pouco cedo, mas acho que todos nós precisamos dormir cedo hoje.

— Estou me sentindo melhor, senhor Riley. Eu podia voltar...



— Vá agora. — Ele rejeitou delicadamente todas as objeções, e Sofia viu pela determinação no seu rosto que não adiantava discutir. Rita também estava ali, e um momento depois, Sofia entrou no quarto de Craig com ela, aconchegando-se em lençóis de flanela limpos e quentes. Um tremor percorreu o seu corpo quando os episódios vividos naquela noite passaram em sua mente. Já estava adormecendo quando viu que Rita saiu do quarto.

Alec esperava pela filha no corredor, e Rita fechou a porta e parou perto do pai. Alec não disse nada, nem mesmo quando os olhos dela se encheram de lágrimas. Ele a rodeou com o braço e a puxou delicadamente contra o seu corpo. Nenhum dos dois falou, mas não havia necessidade de falar nada. E, mesmo que houvesse, nenhum dos dois conseguiria encontrar as palavras certas.

NINGUÉM. ESSA FOI A ÚNICA PALAVRA QUE ALEC encontrou para descrever a maneira com que tratara Sofia. Antes daquela noite, ele não a vira como uma pessoa com desejos e necessidades. Sentiu-se envergonhado pela forma com que se mostrara indiferente. Ele a apreciara, mas praticamente da mesma forma que gostava que a sua camionete desse partida todas as manhãs. Já vira emoções no rosto dela, mas nunca se sentiu tocada por elas. Até aquela noite.

Era como se estivesse observando um dos seus filhos sofrendo enquanto ela se descrevia como criança nas garras daquele homem brutal. Alec sabia que não tinha sido também gentil com ela. Entretanto, Sofia não precisava de ternura naquele dia. Haveria tempo para isso mais tarde. Tinha estado em choque, e Alec sabia que, quando alguém entra em choque, você não pergunta nada: manda.

Era necessário fazer algumas mudanças em sua vida. Alec não ia mais trabalhar aos sábados, e Sofia também não. Essa seria a primeira coisa a determinar no dia seguinte. Conversaria com ela a respeito. A sexta-feira fora um dia longo, e ele ia juntar-se ao restante da família e cair no sono.



- Os sábados são seus — explicou ele de novo. — Sei que os meus filhos gostam de fazer coisas com você, mas se pedirem para fazer compras, andar de trenó ou de patins, e você tiver outros planos, não hesite em dizer isso a eles.
- Então não estou demitida, exceto no sábado?
- Você não está absolutamente demitida — replicou Alec amavelmente. — Só estou resumindo seus dias de trabalho para uma semana de cinco dias. Você será bem-vinda aqui a qualquer hora no sábado ou domingo, mas nada de fazer limpeza nem de cozinhar.



Sofia mostrou ter entendido, mas franziu a testa.

— O que foi?

— Asso pães no sábado.

— Asse na sexta — respondeu Alec simplesmente.

— Faço limpeza na sexta.

— A casa está sempre brilhando na quinta-feira — argumentou ele e foi recompensado com um franzir de testa. Sempre a vira submissa e, agora, conhecia essa Sofia, que não gostava de mudar os seus horários. Era muito interessante de observar. Evidentemente, ela queria discutir as ordens dadas por Alec, mas o respeitava demais para fazer isso. Alec quase desejou que o fizesse.

— Está tudo combinado, então — Alec levantou.

Não está nada combinado, mas não tenho escolha. — Foi isso que Sofia pensou de si para si.

— Alguma coisa errada, Sofia? — Alec perguntou com ar de inocência, sabendo que a resposta era sim, não importava o que ela dissesse.

— Não me importo com trabalhar no sábado.

— Gosto de ouvir isso. Aprecio o seu espírito diligente e espero que você e os meus filhos façam algumas coisas juntos. Mas não vai cozinhar nem limpar aqui nos fins de semana. — Alec olhou-a firmemente nos olhos para certificar-se de ter dado a palavra final.

A palavra dele é lei, Sofia. A casa é dele. Entretanto, esses pensamentos não impediram que os olhos dela faiscassem um pouco, nem detiveram o pequeno levantar do seu queixo. Alec, embora não tivesse ficado ofendido ou zangado com a reação dela, pensou que voltar à normalidade seria uma boa ideia para ambos. Fez um movimento para sair, mas a voz de Sofia, cheia de frustração e falando em outra língua, o deteve.

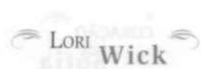
— O que você disse? — Alec voltou-se e perguntou.

Só então Sofia percebeu que falara em checo.

— Como a van será paga se o senhor corta as horas de Sofia?

Alec deu meia-volta e sentou-se à mesa da cozinha.

— Sinto não ter explicado. Em primeiro lugar, o seu salário permanece o mesmo. Em segundo, você não vai pagar um centavo do conserto da van. O



acidente não foi culpa sua, e o carro está no seguro. De fato, espero que o meu agente de seguros telefone ou venha aqui a qualquer hora. Ele fará uma inspeção dos danos e nos dirá o que estão dispostos a fazer. Qualquer que seja o resultado, você não vai ser financeiramente responsável.

— Mas se eu tivesse saído antes... — Sofia argumentou.

Alec sacudiu a cabeça. — Se você tivesse saído antes, o homem poderia ter batido na sua porta ou numa porção de outras coisas, e tudo seria dez vezes pior. Evidentemente, Sofia não parecia convencida, mas Alec não ia intimidá-la. Já dissera o que ele esperava e estava disposto, agora, a deixá-la tratar sozinha do assunto.

— Preciso fazer um reparo nas ferragens da porta da garagem — disse ele ao levantar-se. — Avise-me se o inspetor do seguro chegar — e foi embora.

Sofia ficou tão perturbada que não conseguiu mover-se por alguns instantes. Ele falara com ela como se pertencesse à família, quase como se vivesse ali! O que deveria fazer? E claro que ele não queria dizer tudo o que disse. Juntar-se a eles nos fins de semana para fazer compras? Ela já ia com eles à igreja, e não tinha certeza se deveria continuar a fazer isso. Como isso funcionaria a longo prazo? E a parte mais difícil era reorganizar o seu programa de trabalho. Era muita coisa com que lidar...

Sofia não tinha ideia de quanto tempo passara ali sentada, refletindo sobre o problema, quando notou que Tory tinha entrado na cozinha, vindo da sala de estar. Ela chegara, evidentemente, da sala de estar.

— Oi, Tory.

— Oi, Sofia. Papai nos disse que você não vai mais trabalhar aos sábados.

— Disse para mim também.

— Você pode fazer tudo o que quiser.

— E o que parece.

— Até brincar com a gente?

Sofia olhou para ela. — Sim — respondeu devagar. — Eu posso.

— Pode assistir aos desenhos comigo? — O desejo no rosto da menina era indiscutível.

Um sorriso lento surgiu no rosto de Sofia e iluminou seu rosto. — O que está passando agora?



Tory contou a Sofia, e esta pôs a sua reserva de forças momentaneamente de lado, e acompanhou a menina à sala de estar. Comeram tigelas de cereal frio e riram, deliciadas, com os personagens animados na tela.



Uma hora mais tarde, Alec se encontrava no apartamento de Sofia. Pedira a chave e a permissão para entrar, a fim de ouvir lá de cima enquanto Craig trabalhava nas ferragens da porta da garagem. Não ouvira nenhum ruído que confirmasse que o equipamento estivesse funcionando bem. Mas talvez não tivesse prestado muita atenção.

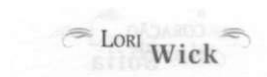
No canto da sala de estar do apartamento de Sofia se achava a menor árvore de Natal viva que já vira. Ao primeiro olhar, parecia não ter nenhum enfeite. Olhando de perto, porém, Alec viu que havia dois enfeites entre os ramos. Um deles era uma lâmpada verde, simples, e outro, um pequeno coração de madeira pintado de vermelho. Como se estivesse querendo criar um tema, embaixo da árvore havia só dois presentes. Um deles era o quadro de que Rita falara: uma mulher andando num campo muito lindo. O versículo na parte inferior era o de Provérbios 3.5,6, escrito à mão. O outro presente era uma almofada acolchoada para o sofá, em cores vivas, vermelho, azul e rosa.

Alec perguntou-se se ela guardava outros presentes, mas sabia que não. Muitas pessoas deixavam seus presentes sob a árvore, e Sofia era evidentemente uma delas.

Seria tão fácil incluí-la. Senhor, orou ele. Ela já faz parte da vida dos meus filhos, e quando estou por perto é tão quieta que mal percebo a sua presença. Não seria problema fazer com que se sentisse parte de nós.

Alec sentiu uma nova decisão apossar-se dele. Dissera a Sofia que ficasse à vontade e se alegrara ao vê-la na sala de estar com Tory. Entretanto, talvez, tivesse de fazer mais alguma coisa por Sofia. Pensou nos planos da família para a véspera de Ano Novo, mas lembrou-se depois de que Sofia se mantivera inflexível sobre juntar-se a eles no Natal. Sabia o que queria fazer, isso se conseguisse convencê-la.

— Pai — Craig pôs a cabeça na porta. — Tory disse que o telefonema é para você.



— Está bem. — Esperando que fosse o homem do seguro, Alec desceu as escadas atrás do filho. Tiraria o caso da van da cabeça, terminaria o concerto da engrenagem da porta da garagem e trataria, em seguida, da situação da governanta.



Sofia não teve realmente chance nenhuma. Na outra ocasião, Alec fora à luta sozinho, mas dessa vez, chegara acompanhado de recrutas. Tinha acabado de almoçar, e Sofia e Tory montavam um quebra-cabeça grande na sala de estar. Alec entrou com Rita, fazendo a coisa parecer muito natural. Ele sentou, e Rita debruçou-se sobre o jogo.

— Vamos jantar e assistir a filmes antigos amanhã à noite — disse Alec, embora ninguém estivesse olhando para ele. — Quero que se junte a nós, Sofia.

A cabeça dela levantou-se na mesma hora e Alec continuou a conversa.

— Vamos pedir pizza para o jantar e colocar os filmes cedo. Vamos assistir a pelo menos três, e se você tiver algum especial que deseje ver, inclua o seu pedido.

— Meu pedido...

— Sim. Quero também saber como quer a sua pizza.

— Minha pizza...

— Isso mesmo. Gostamos de soda limonada, mas se quiser outro tipo de refrigerante, pode dizer.

— Posso dizer... — ela repetiu outra vez, e Alec teve de reprimir o riso.

— O que há, Sofia? Até parece que você não quer... — Rita interferiu.

— É isso não, Rita, mas... — e parou aí. O que era exatamente? Sofia não sabia ao certo, exceto que eles eram uma família. *Os Nickelberrys são uma família e você sempre se junta a eles*, uma voz a fez se lembrar. E era verdade. Por que isso parecia tão diferente?

— Você gosta, então, de soda limonada, Sofia? — perguntou Tory desempenhando muito bem o seu papel.

Sofia percebeu que todos a observavam. Craig também chegara, e ela sentiu o rosto pegando fogo.



— Sinto muito, Sofia — disse Alec delicadamente. — Você fez evidentemente outros planos, e nós estamos forçando...

— Não! — respondeu Sofia automaticamente e, depois, quase desejou ter mentido. — Não tenho planos... — terminou em voz fraca.

— Agora você tem — disse Alec em triunfo. — Vamos planejar. Logo depois do culto, amanhã, vamos buscar os filmes, e tudo fica, então, resolvido.

Com isso todos, menos Tory, saíram da sala. Sofia ficou um bom tempo de pé, sem trabalhar no quebra-cabeça, e sem pensar em nada, até que percebeu os olhos tristes de Tory sobre ela.

— Você não quer comer conosco, Sofia? — Dessa vez a pergunta era sincera.

Sofia aproximou-se e abraçou a menina, com os olhos se fechando sofridos.

— Eu quero, minha Tory, mas não quero atrapalhar.

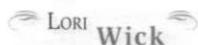
— Você não atrapalha, Sofia. Gostamos de você.

Sofia não conseguiu dizer mais nada. Estava muito confusa e se sentindo constrangida com o que lhe haviam pedido. Perguntou-se novamente por que era capaz de fazer isso com a família de Gladys e não com a dos Rileys. Não teve resposta.

Tory também não falou mais no assunto, e logo terminaram de montar o quebra-cabeça. Sofia, que não fora para casa desde a véspera, juntou as suas coisas e desculpou-se finalmente. Tory não a pressionou para voltar mais tarde nem para ficar mais tempo, e Sofia foi limpar o seu apartamento como vingança.



Quando Sofia chegou ao seu apartamento à lh30 na noite seguinte, estava cansada, mas feliz. Nunca rira tanto em toda a sua vida. Havia assistido a um filme antigo da dupla Abbott e Costello, a um clássico de Shirley Temple, e terminaram com um de Laurel e Hardy. Sofia riu até que lágrimas corressem pelo seu rosto. A meia-noite, celebraram a chegada do Ano Novo com latas de refrigerante e tigelas de batatas fritas, assim como muito riso. Tinha sido uma noite maravilhosa. Ela não fora tratada como alguém especial, mas como parte da família. Ajudou a fazer a limpeza, mas não teve de servir ninguém.



O Senhor me trouxe a um lugar maravilhoso, Pai. Não agradei o suficiente. Meu coração tem estado com tanto medo, mas o Senhor sabia o que eu necessitava e o que eles necessitavam. Craig está difícil outra vez, mas esta noite mostrou-se alegre. Senhor. Que ele possa encontrar a sua paz. Dê ao senhor Riley as palavras, Senhor, e ajude Craig a abrir o coração para o amor e também para aceitar a repreensão.

Sofia poderia ter passado aquela noite inteira em oração. O seu coração transbordava. Ela preparou-se para dormir, enquanto orava a Deus em favor daquela família, e orou outra vez, enquanto esperava que o sono viesse.

Devo estar disposta a mudar, Senhor. Tenho sido uma escrava dos meus horários, mas se quiser que eu me modifique, devo fazer isso. Não queria ficar tão apegada a ponto de sentir que morreria se eles me mandassem embora. Era, porém, tarde demais depois daquele primeiro dia, e fui uma tola em não ver isso. Ajude-me a continuar, Senhor, mas a continuar para o Senhor e não para mim mesma.

O sono tomou conta de Sofia logo depois, mas Deus ouvira cada palavra. Nas semanas que se seguiram, Deus moveu-se de formas que Sofia jamais poderia ter imaginado nos seus sonhos mais extravagantes. Ela continuou a orar em favor de Craig, pensando que o pai dele era a chave, sem saber que Deus iria usá-la da maneira mais poderosa que tudo.

QUERO IR PARA CASA, RITA! — A discussão continuou na van dos Rileys, agora completamente consertada.

— Não seja teimoso, Craig.

— Pensei que não quisessem voltar lá.

— Mudamos de ideia. Você pode ficar sentado no carro.

— Não! — O grito foi tão alto que Rita e Tory se assustaram. Depois, o rosto de Rita deixou transparecer a sua ira. Ela manobrou para a direita tão logo o trânsito permitiu e voltou para casa. Dirigia com segurança, mas os irmãos puderam ver que estava furiosa. Tory odiou aquilo, e Craig, sempre zangado, nem se importou.

Rita foi tentada a deixar Craig no fim da praça e ir embora, mas antes que fizesse isso, Tory disse: — Sofia talvez venha conosco.

— Você quer que ela venha? — perguntou Rita sem olhar para a irmã.

— Quero.

Rita não respondeu, mas ao chegar em casa, saiu com Craig. Tory foi atrás deles. Craig entrou correndo pela porta da cozinha como um furacão. Sofia, como sempre, foi tomada de surpresa. O seu sorriso e acolhimento morreram na mesma hora, quando Craig quase a derrubou na sua pressa. Não havia nada de extraordinário naquilo, mas o padrão ia ser quebrado.

— Craig! — a voz de Sofia cortou o ar. Surpreso, Craig parou a sua fuga. Ele se voltou para ela, e Sofia falou em tom ameno, mas com autoridade.

— Não quero que entre assim. Não fiz nada. Por favor, não me faça ficar com raiva.

Ele assentiu, parecendo muito envergonhado.

— Quer falar sobre isso, Craig?

O adolescente sacudiu negativamente a cabeça.



— Tem certeza?

— Vou fazer o dever de casa.

— Está bem.

Ele só saiu depois de Sofia ter dito isso. Ela se virou, em seguida, para as meninas.

— A culpa é minha — afirmou Rita. — Tory e eu decidimos que iríamos visitar o túmulo da mamãe agora de manhã. Não falamos isso com Craig, porque supusemos que ele queria ir também. Quando ele disse que não queria ir, falei que poderia ficar no carro enquanto eu e Tory iam até lá. Aí ele explodiu.

— Nós ainda queremos ir — Tory interrompeu — e estamos pensando se você não quer ir conosco.

Sofia olhou para o lugar onde Craig estivera e, depois, de novo para as duas.

— Só ir até lá e voltar?

— É.

— Eu vou.



A neve no cemitério estava alta em alguns lugares por causa do vento, mas elas puderam, mesmo assim, parar bem perto do túmulo e andar sem dificuldade. O frio não era problema, uma vez que as três estavam agasalhadas com chapéus, luvas e casacos. No momento em que se aproximaram, Tory e Rita varreram com a mão a neve em cima do túmulo. O pé de Sofia bateu numa flor murcha, e Rita estendeu a mão para retirá-la.

— Papai veio faz um mês, pouco antes do Natal — disse. — Ele perguntou se quedamos vir, mas eu não quis.

— Eu também não — acrescentou Tory. — Não sei bem o que Craig fez.

— E hoje? Havia uma razão especial hoje? — Sofia quis saber.

— Não — respondeu Rita, mas parecia que ainda estava pensando no assunto.

— E você, Tory?

— Não, na verdade. Sei que algumas pessoas conversam com os túmulos, mas não gosto disso. Digo a Deus o que quero que ele fale para a minha mãe.



— Acho que você é sábia, Tory —, concordou Sofia. — Conheço pessoas que precisam ir até o túmulo para curar-se, mas podemos abrir o nosso coração para Deus, e é uma coisa muito especial.

Elas permaneceram ali caladas por algum tempo. Depois, Rita falou:

— Acho que ainda preciso falar com o túmulo — admitiu baixinho. — Ontem anunciaram um chá mãe/filha. Vai ser daqui a um mês. — Rita voltou-se para Sofia e continuou: — Acho que vim aqui perguntar à minha mãe se era certo convidar você.

Sofia tirou a luva, tocou delicadamente o rosto de Rita e concordou: — Pergunte, então, minha Rita, e siga o seu coração. Não se preocupe comigo, fique em paz no seu íntimo.

Sofia afastou-se e dirigiu-se para outros túmulos em vez de ir para o carro. Movia-se com cuidado e respeito, lendo as lápides enquanto caminhava, e não demorou para Tory juntar-se a ela.

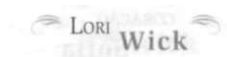


— Oh, mamãe! — foi tudo o que Rita pôde dizer durante longo tempo. Lágrimas subiram aos seus olhos tão logo Sofia a tocara e não conseguia parar.

— Preciso de você aqui — finalmente conseguiu dizer. — Devia ter visto os olhares de piedade que recebi ontem. Quando alguém perde a mãe, todos têm medo de mencionar essa palavra. E já faz mais de um ano! — Rita parecia frustrada, mas depois compreendeu que não queria estar assim, principalmente naquele lugar e naquele momento. — Sinto muito, mãe. Sei que não nos deixaria por vontade sua. É tudo tão difícil neste mundo, que realmente não desejo que volte. Tenho receio de ser desleal a você levando Sofia comigo para representá-la no chá mãe/filha. Seria bom que uma de minhas avós estivesse. Mas as duas moram tão distante, e o chá vai ser de apenas duas horas.

As lágrimas escorriam outra vez, e Rita odiou-se por isso. Não comentara com ninguém o quanto o chá seria importante para ela. Nem ela mesma sabia disso!... Mas suas lágrimas revelavam a verdade.

— *Por favor, ajude-me a enfrentar isso, Senhor* —, ela pediu em oração. — Sempre quero fazer a coisa certa e tenho medo de cometer um erro. Quer dizer, não estou assumindo um compromisso para a vida inteira ao pedir que Sofia vá ao chá. Mas queria que fosse assim, mamãe.



Com suas declarações, Rita sentiu tranquilidade no coração. Seria ótimo ir com Sofia, tão entusiasmada a respeito de tudo no mundo deles. Naquele instante, Rita compreendeu que, por ser tão ocupada, é que muitas vezes sua mãe parecia interessar-se mais pelo próprio mundo do que pelo mundo dos filhos. De repente, as palavras que seu pai dissera semanas antes pareciam estar sendo repetidas agora: "O serviço de casa nunca foi o ponto forte de sua mãe... Se fosse eu que tivesse morrido, gostaria que sua mãe se lembrasse de mim como eu sou, e não andasse por aí usando óculos de lentes cor-de-rosa".

De repente, Rita sentiu-se aliviada. Amava a mãe e gostaria de poder falar com ela de novo, mas isso não mudava o fato de ela ter cometido erros. Rita sabia que ela também cometia erros. Esperava, entretanto, ter aprendido com eles. De alguma forma, Rita sabia que, se a mãe pudesse fazer tudo de novo, se esforçaria para fazer mais. Rita levantou os olhos e viu Sofia e Tory encaminhando-se para ela. Não havia necessidade de passar mais tempo sozinha. Tudo ia dar certo.



Uma semana depois, chegou um envelope endereçado à senhorita Sofia Velikonja. Sofia abriu-o, curiosa. Dentro dele havia um bonito convite para um chá de mulheres, com a senhorita Rita Riley, na Escola Secundária de Edgewood. O chá seria daí a três semanas, mas Sofia já começou a planejar o que vestiria para acompanhar Rita ao chá. Por alguns minutos, ficou preocupada com isso, mas logo lembrou-se de que Rita poderia ajudá-la a escolher o traje.

— Vou com ela ao meu armário — Sofia disse à galinha que preparava. — Desse modo parecerei norte-americana e não vou envergonhá-la.

Bateu no peito da galinha ao tomar a sua decisão e voltou-se para ver o senhor Riley, que a observava com as sobrancelhas levantadas e olhos risonhos.

— Você está falando com galinhas mortas agora, Sofia?

O riso brotou em seu íntimo, mas ela o engoliu rapidamente. — Fui convidada para um encontro importante e o senhor Galinha me dizia como vestir-me.

— Um encontro? Quem é o sortudo?

Sofia pegou o cartão e o mostrou a ele. — Alguém que conhece muito bem.

Alec leu o convite e sorriu. — Um chá de mulheres. Por que ela não me convidou? — Continuou com seu jeito brincalhão. E Sofia, que já aprendera a rir dos gracejos de Alec, respondeu: — Porque acho que não teria a roupa certa.



Ele conseguiu parecer totalmente indignado, com uma mão na cintura e a outra no ombro, como que fazendo pose, e Sofia caiu na gargalhada.

— O senhor voltou cedo — comentou ela quando conseguiu controlar-se.

— Vim porque tenho de pedir-lhe um grande favor: Esta noite, deveria levar Craig para comprar alguns moletons, mas tenho de fazer outra coisa. Poderia ir com ele?

— Claro. É no *shopping*!

— É, mas a loja é do lado leste, e tenho de estar no lado oeste para uma reunião que pode ou não terminar em tempo.

— Faço isso e, se ele me morder, mordo também. — Sofia estava brincando, mas o rosto de Alec ficou sério.

— Como ele vai indo?

— Recuante.

— Reservado — corrigiu ele amavelmente como sempre fazia.

— É essa a palavra. Reservado. Distante.

— Está bem. — Alec parecia preocupado. — Vou estar aqui quando eles chegarem e posso explicar a situação para Craig. Mas, se você puder fazer isso para mim. Sofia, gostaria muito.

— É claro.

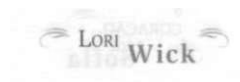
— Você é uma num milhão, Sofia. — Pegara o hábito de dizer isso a Sofia.

— Sim — respondeu ela, desta vez com um sorriso atrevido —, eu sei.



A neve caía quando Craig e Sofia foram para o *shopping*, mas a previsão não era das piores. Sofia aprendera que, em Wisconsin, se esperasse o tempo clarear não iria a lugar nenhum. Craig manteve-se em silêncio a maior parte do caminho, mas quando Sofia falava com ele, o menino respondia. Achava-se meio cansada naquele dia, portanto não se importou com o fato de ele ficar calado.

O *shopping* a leste de Madison era ainda maior do que o da zona oeste. Levaram algum tempo para achar a loja. Craig tinha um tipo especial de moleton em mente, e a única coisa que Sofia fez foi ajudá-lo a encontrar o tamanho certo. Não pensava em experimentá-lo, mas Sofia o empurrou para



o provador. Ela ficou contente quando o rapazinho agradeceu-lhe por tê-lo levado à loja para ajudá-lo.

A neve caía forte ao saírem, e Sofia guiou devagar e com cuidado. Havia um acidente um pouco adiante e ficaram presos por mais de uma hora. Craig, que começara a ficar mais animado, começou a perder a paciência.

— Estou vendo uma grande abertura daquele lado. Por que não nos mandam para lá? — explodiu ele a certa altura, mas Sofia ignorou-o.

— Tente ficar calmo, Craig.

— Olhe, Sofia, vá por ali! — Ele nem sequer a ouvira. — Vá, vá por ali, ou vão mandar que a gente passe pelo acidente. Oh, não!

Sofia não estava disposta a contrariar as ordens do policial encarregado do trânsito e ignorou o seu jovem acompanhante, dirigindo para onde a mandavam. Craig, que não queria passar pelo local, parecia incapaz de desviar os olhos quando a van se aproximou. Até virou a cabeça quando passaram, para dar uma olhadela.

— Por que você fez isso? Por que teve de passar por ali? — Ele estava realmente perturbado agora. — Havia uma menininha lá.

Sofia continuou sem responder. A maioria dos carros ultrapassava para alcançar a avenida mais à frente. No entanto, Sofia permaneceu no desvio e avistou uma entrada. Sem saber para onde a entrada a levaria, ela fez sinal com a seta e virou. Foi dar no estacionamento de uma mercearia. Embora quase vazia, a loja continuava aberta. Sofia parou o veículo num local em que o estacionamento era mal iluminado; estava meio escuro, e a neve se acumulava rapidamente. Ela parou, colocou a van na vaga, ligou a luz interna e voltou-se para Craig.

— O que você está fazendo? — O adolescente continuava zangado.

— O que há com você, Craig?

— Nada. Vamos para casa. — Ele parecia estar a ponto de entrar em pânico. Sofia não disse nada.

— Vamos embora.

— Por que está com tanta raiva?

— Não estou! — mentiu ele. — Só quero ir para casa.

A perturbação dele era evidente e ele mal conseguia ficar parado, mudando de posição a todo instante.



— Aquela não era a sua mãe, Craig, — disse Sofia calmamente, e viu que ele permanecia imóvel. — Quero dizer que você não precisa deixar o acidente perturbá-lo tanto. Não era a sua mãe.

— Não diga isso para mim!

— E verdade, Craig. Por favor, diga por que você está sempre zangado e mais ainda esta noite.

— Não — ele a interrompeu. — Vamos para casa.

— Ela está no céu, Craig. Não há motivo para você sofrer tanto.

— Não me diga onde minha mãe está — ele gritou no rosto dela, mas Sofia não desistiu.

— Alguém precisa dizer isso a você, Craig. Porque da maneira como age, parece que pensa que ela está perdida.

— Pare! — ele gritou de novo. — Sei onde a minha mãe está. Sei exatamente onde ela está. Eu a mandei para lá!

O silêncio caiu sobre eles. Craig ficou chocado e sem fala, diante do que acabara de afirmar. Sofia se sentiu atônita, pelo que ouviu do menino.

— O que quer dizer, Craig?

— Não quero dizer nada — respondeu o garoto, mas ela podia ver as lágrimas dele.

— Isso não é verdade, Craig.

— Você não sabe. — Ele agora chorava alto, sem enxergar mais nada, os olhos fixos no para-brisa. — Você não sabe qual é a verdade.

— Oh, Craig, não. Por favor, escute.

Ele, porém, não estava mais em condições de ouvi-la em meio ao choro convulsivo. — Eu a matei — soluçou. — Queria que morresse, e ela morreu. Orei por isso e Deus atendeu.

— Oh, meu querido Craig, — o coração de Sofia angustiou-se ao ouvir a confissão dele.

— Nós brigamos. — as palavras pareciam agora jorrar de sua boca. — Ela queria que eu usasse aquela calça e eu não queria. Discutimos, e ela me obrigou a vesti-la. Quando me deixou na escola, orei para que ela morresse. Estava com tanta raiva! E ela morreu. Esse foi o castigo de Deus para mim. Estou usando a calça que ela queria que eu vestisse naquele dia.

— Craig levantou a cabeça e falou como que em direção ao céu. — Estou

usando a calça agora, mamãe. Pode ver? — Ele chorou como uma criança perdida. — Eu a uso o mais que posso, mamãe. Sinto muito!

Sofia não aguentou mais. Esticou os braços através do espaço entre os bancos e o aproximou de si. Todo o corpo de Craig tremia, enquanto chorava encostado em seu peito. Sofia escondeu o rosto nos cabelos dele e chorou também.

Longos minutos se passaram, enquanto os dois permaneciam abraçados. Quando Sofia viu que Craig estava mais calmo, falou:

— Você entende o que Cristo fez por você na cruz, Craig?

— Sim — fungou ele.

— O pecado é uma coisa horrível, Craig, mas em Cristo somos livres. Se você aceitou Cristo, também é livre para confessar o seu pecado daquele dia e se esquecer dele.

— Acho que não posso. Eu a *matei*, Sofia.

— Não, meu querido Craig, você não a matou. Você pecou e precisa confessar esse pecado, mas a morte de sua mãe fez parte do plano de Deus.

Ele se sentou, então, endireitando-se no banco e tentando recompor-se. Sofia soltou o cinto de segurança e se inclinou para ele. Pegou suavemente o rosto do menino nas mãos e fez com que olhasse para ela.

— Ponha isso de lado, meu Craig. Satanás mentiu para você. Não sei por que Deus queria sua mãe em casa com ele, mas não foi para castigar você. Você já leu 1 João 1.9?

— Já.

— Repita então, Craig.

Ele fungou outra vez.

— Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça.

— É isso mesmo, Craig. Confesse. Diga a Deus que você pecou contra ele e contra sua mãe naquele dia, e esqueça.

— Não sei, Sofia.

— É tão simples, Craig!

— E toda a raiva que senti desde aquele dia?



— O versículo, Craig —, disse Sofia com rapidez — diz que nos purifica de toda injustiça. — Peça isso, Craig. É a sua herança em Cristo.

A fisionomia de Craig estava tão cheia de medo e de dor que Sofia teve vontade de chorar outra vez. Nesse momento, ela apertou as mãos do menino entre as suas mãos.

— Vou orar, Craig — disse mostrando decisão. — Você ora comigo. *Deus Pai, toque o meu precioso Craig. Toque-o com a sua mão poderosa. Ele está sofrendo. Deus, e ouvindo as mentiras do maligno. Ajude-o a ver. Ajude-o a confessar e conhecer o seu perdão.* — Sofia, então, parou.

Craig pensou que ela ia continuar a oração, mas ela chegara ao fim de sua prece. Subitamente, Craig compreendeu o que devia fazer. Sofia falara com Deus como se ele estivesse no carro, e Craig fez o mesmo.

— *Sinto muito, Deus, pelo meu ato.* — Ele estava chorando de novo, mas não perdera o autocontrole. A sua voz era de súplica, mas não de desespero, e Sofia orou com ele. O menino tinha mais a dizer a Deus do que Sofia esperava, e ela pensou que o coração de Craig fosse explodir com as orações que ele fazia, pedindo em favor dele mesmo.

Os dois sentiam-se praticamente exaustos quando Craig disse "Amém". O menino parecia que não tinha mais fôlego, mas sorriu para Sofia de um modo que ela nunca tinha visto antes.

— Vamos para casa agora? — disse ela em tom suave.

— Vamos — respondeu ele. — E obrigado, Sofia.

Sofia inclinou-se para abraçá-lo, e ele a abraçou também com força. Que longa viagem longa aquele adolescente tinha feito! Ele ia completar treze anos na semana seguinte, mas para Sofia parecia que a comemoração já se tinha iniciado.

A ÚLTIMA VEZ QUE ALEC consultou o relógio eram mais de 21h30. A reunião que teria naquela manhã foi cancelada, embora não tivesse sabido disso com antecedência. Chegara meia hora atrasado para encontrar Sofia e Craig. Quando viu, porém, que as estradas estavam escorregadias achou que seria tolice ir atrás deles. Todavia, os dois demoraram muito mais do que Alec imaginara. As meninas já estavam deitadas e dormindo. Agradeceu por isso, mas havia um peso de ansiedade no seu coração. Alec havia orado o tempo todo, e como a visibilidade diminuía cada vez mais, pediu a Deus que nada acontecesse com Sofia e seu filho. Sabia que a sua confiança estava vacilando e ia justamente pegar a Bíblia quando viu a luz dos faróis.

Como se achava na sala de estar com as luzes apagadas, pôde ver o carro no momento em que entrou na praça. Não pensou sequer em pôr um casaco. Levantou-se e atravessou a cozinha, orando agradecido. Havia uma pequena porta ao pé das escadas que levavam ao apartamento de Sofia e, no momento que ela desligou o motor, Alec já estava ali, esperando por ela e por Craig.

— Tudo em ordem? — perguntou e abriu a porta do lado dela, abaixando-se para ver Craig.

— Sim — respondeu Sofia. — Houve acidente e nós desviou.

Enquanto o pai e Sofia trocavam essas palavras, Craig deu a volta e se pôs perto da governanta. A moça levantou os olhos pela primeira vez, e Alec pôde ver o rosto deles. Não fez qualquer comentário por ter visto Craig olhar para Sofia e, por um momento, ela falou só para o menino:

— Vou deitar agora, Craig. Converso com você amanhã.

— Está bem.

Ela se aproximou para abraçá-lo e ele a abraçou também. Enquanto se abraçavam, ela sussurrou no seu ouvido: — Conte ao seu pai esta noite, Craig. Não espere.



Ela se afastou de Craig, deu boa noite a ambos, entregou as chaves a Alec e subiu.

Alec apertou o botão para fechar a porta da garagem, e os dois saíram.

— Obrigado, Sofia — disse Alec enquanto Sofia subia as escadas do apartamento e ela respondeu sem parar. Ele abriu a porta para Craig e deixou que o filho entrasse na sua frente. A cozinha estava às escuras. Isso tornou mais fácil para Craig dizer para o pai:

— Posso falar com você, pai?

— Claro. Por que não põe o pijama e me espera?

Craig assentiu e foi para o seu quarto. Alec verificou se a parte de baixo da casa estava fechada e tentou acalmar as batidas frenéticas do coração. Algo acontecera naquela noite, e o fato de não saber o que ocorrera era quase tão difícil quanto esperar por Craig e Sofia chegarem a salvo em casa.

Alec entrou no quarto de Craig quando o rapazinho ia deitar-se. Sentou-se na beirada da cama, como costumava fazer, e a luz brilhante do abajur de cabeceira mostrou o que Alec havia suspeitado: o filho tinha chorado.

Craig estava tenso quando começou, mas disse a si mesmo que não iria chorar. Todavia, não previra a reação do pai. Os dois acabaram abraçados ao lado da cama, ambos soluçando. Levou algum tempo para conseguirem falar e, quando conseguiu, Alec pediu para ver a calça de que o filho tinha falado. Craig levantou-se e pegou a calça na primeira gaveta. Era exatamente aquela que Alec tinha imaginado. Vira que o filho a usava com frequência. O tecido azul-escuro já estava desbotado. Alec levantou-as e perguntou: — Você gostaria que a levasse embora, Craig, ou ainda quer usá-la?

— Não sei... Sei que não preciso mais usá-la, mas ela me faz lembrar da mamãe.

— E essa é uma boa ou má lembrança?

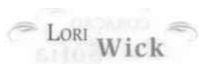
— Boa, agora. — Os olhos de Craig desceram até a calça e ele riu baixinho. — Quase não serve mais.

Craig se deitara novamente, e Alec acariciou a sua cabeça. — Sua mãe não gostaria que você sofresse tanto, mas estaria contente porque agora você resolveu obedecer.

— Só queria ter feito isso aquele dia.

— Nada mais de remorsos, Craig.

Ele assentiu. — Está bem, pai.



Os dois permaneceram em silêncio durante algum tempo.

— Preciso agradecer a Sofia, não é?

— Por quê?

— Ela devolveu o meu filho para mim.

Se Craig ainda tivesse lágrimas para chorar, ele as teria derramado. Mas seus olhos estavam secos.

— Sinto muito ter sido tão rude com você, papai.

— Eu o perdoo, meu filho. Espero e oro para que você não deixe que isso aconteça de novo. Se precisar, venha falar comigo, e eu o ajudarei.

— Obrigado, pai.

Eles se abraçaram novamente, e Alec foi dormir. Não se lembrava da última vez que se sentira tão cansado. Teve vontade de levantar-se e escrever um bilhete para Sofia, agradecendo sua interferência naquela noite, mas não conseguiu. Com uma oração de gratidão, e pedindo a Deus que não o deixasse esquecer de escrever o bilhete na manhã seguinte, Alec caiu em sono profundo.



No momento em que entrou na cozinha no dia seguinte, Sofia viu o bilhete pregado na cafeteira. Não era extravagante ou floreado, dizia apenas: "Obrigado, Sofia. Alec". Três palavrinhas. Significaram, porém, para Sofia mais do que podiam dizer. Significavam que Craig tivera suficiente maturidade para falar com o pai. Embora Deus tivesse feito uso dela para ajudar, a verdadeira ajuda viria daquele que realmente tinha mais significado para o menino: seu pai.

Sofia dobrou cuidadosamente o bilhete e o colocou no bolso da calça *jeans* antes de preparar o desjejum. Aquela manhã exigia algo especial, e ela começou a fazer massa de panqueca. Havia um prato cheio delas no forno quando Tory apareceu.

— Bom dia, minha Tory.

— Oi, Sofia. Panquecas?

— Sim.

— Vou pegar o melado. — Com isso, a garotinha de dez anos arrumou a mesa e pôs suco no copo de todos. Craig e Rita ficaram tão alegres quanto Tory



com a refeição da manhã e Craig surpreendeu a todos, oferecendo-se para orar agradecendo o jejum.

— *Amado Pai do céu* — começou ele. — *Obrigado por este alimento e por todo o serviço que Sofia faz. Abençoe o papai no trabalho hoje e nós também na escola. Por favor, abençoe Sofia também enquanto ela trabalha aqui. Em seu nome eu oro, amém.*

Os olhos de Rita, cheios de bondade e surpresa, pousaram sobre o irmão durante alguns instantes antes de ela começar a comer. Definitivamente, alguma coisa tinha acontecido. Craig até parecia diferente!...

— Rita —, Sofia interrompeu seus pensamentos — recebi o convite ontem.

Rita sorriu para ela.

— Gostaria muito de ir, mas você tem de me ajudar para saber o que devo vestir.

— Claro, Sofia. Não é formal, mas é elegante. Acho que vou usar saia e blusa.

— Você acha que pode dar uma olhada nas minhas saias?

Rita ia dizer que qualquer coisa que usasse estaria ótimo, mas reconheceu novamente o olhar vulnerável de Sofia que sempre surgia quando Rita menos esperava. Sempre que o via, tinha vontade de prometer tudo a Sofia.

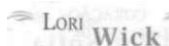
— Claro, Sofia. Vamos fazer isso hoje depois da escola.

Estava tão preocupada — Rita disse e ao Senhor — *sobre como eu ia me sentir no chá que nem pensei em Sofia. Ela quer tanto agradar e penso que morreria se achasse que eu ficaria envergonhada com sua aparência.*

Lágrimas encheram os olhos de Rita por pensar nisso e teve de inclinar-se sobre o prato para escondê-las. Houve época em que Rita se *sentira* envergonhada quando via como Sofia se vestia. Isso, porém, não acontecia mais. Agora era capaz de ver a pessoa que existia dentro de Sofia. A maturidade a fizera compreender que as roupas que a moça usava pouca diferença faziam.

— É melhor vocês irem — a governanta advertiu-os, c houve uma debandada, enquanto pegavam as mochilas e os casacos e calçavam as botas. Rita foi a primeira a sair, beijando Sofia no rosto em despedida. Tory, depois de um abraço apressado, seguiu rapidamente a irmã. Craig foi o último, e não parecia com pressa nenhuma. Parou na porta onde Sofia estava e apenas olhou para ela.

— O seu dia vai ser muito ocupado hoje? — perguntou.



Sofia sorriu. — Acho que normal. Tenho de encerar o chão e lavar roupa.

Craig abanou a cabeça e pareceu indeciso. Sofia o salvou.

— Dê-me um abraço, Craig, e vá para o carro antes que fique atrasado.

O menino não hesitou. Deu um abraço apertado em Sofia e abriu a porta. Sofia tinha muito a fazer, mas deixou tudo de lado. Num momento estava no que ela agora chamava de "cadeira de oração" na sala de estar, louvando a Deus e orando por aquela família tão firmemente plantada no seu coração.



O dia do chá das mulheres finalmente chegara. Raios de sol iluminavam a neve. A saia azul-marinho e a blusa branca de Sofia tinham sido passadas. Ela descobrira uma fita plissada escura para colocar sob a gola e brinquinhos lindos para combinar com o conjunto. Sofia, porém, não estava satisfeita. Já eram 9h30 da manhã, mas ela não começara a trabalhar. Colocou-se na frente do espelho no \

estábulo, observando sua aparência.
Quanto tempo vai ficar com medo disso, Sofia? Você sabe que quer. Que dia melhor do que hoje para surpreender Rita? Os pensamentos de Sofia se aquietaram então, mas ela não continuou a se examinar. Com um movimento decidido foi até o telefone.

— Alô?

— Olá, Gladys, é Sofia.

— Oi! Estava pensando em você. Quando vai ser o chá?

— Hoje.

— Que bom. Está animada?

— Vou ficar se puder ir até aí e pegar o seu carro emprestado.

— Claro que pode. Vai me contar do que se trata?

— Ainda não. Explico quando estiver de volta.

— Está bem, mas o suspense vai me matar.

Elas desligaram, e Sofia agasalhou-se e saiu. O dia estava lindo, o ar limpo esco. Em menos de dez minutos, Sofia tocou a campainha de Gladys. Ela atendeu já com as chaves na mão.

— Tem certeza de que não pode me contar?



— Tenho. Vejo você daqui a pouco. — Sofia afastou-se antes de fraquejar e logo se pôs a aquecer o carro. Ele não funcionava havia algum tempo, e foi preciso esperar um pouco. Quinze minutos depois, Sofia estacionou no *shopping*. Ao chegar perto da loja a sua falta de coragem quase a fez desistir. Mas obrigou-se a entrar.

— Posso ajudá-la?

— Sim. — A voz de Sofia tremeu um pouco. — Quero cortar cabelo.

— Lavar e cortar?

— Sim, por favor.

— Tenho alguém livre em cinco minutos, se quiser dar o nome e esperar um pouquinho.

Sofia fez o que pediam e sentou-se, com as palmas das mãos manchando de umidade a bolsa de couro. A recepcionista saiu e Sofia ficou sozinha. As dúvidas a assaltaram, e ela teve de fazer força para manter-se sentada.

Eu poderia ir embora. Ninguém ficaria sabendo. Ninguém se importaria. Tudo o que tenho a fazer é levantar-me e sair...

— Sofia — chamou uma voz no canto da sala de espera e ela assustou-se.

— Sim.

— Sou Becca. Quer vir agora?

Sofia acenou e levantou-se. *Esperei demais. Senhor. O que faço agora?* Becca indicou uma cadeira. — Quer dar-me a bolsa? Vou pendurá-la aqui e você pode sentar-se.

Becca pendurou a bolsa bem à vista e Sofia acomodou-se com o coração na boca. Levantou automaticamente o queixo quando Becca colocou uma proteção ao redor dos seus ombros e prendeu-a à altura do pescoço.

— Agora —, disse Becca com um sorriso — no que estava pensando?

— Bem... — começou Sofia e depois parou. Becca ficou aguardando, mas ela não prosseguiu.

— Pensando um pouco mais? — A voz de Becca denotava bondade.

— Sim. Vi o pôster na vitrine e pensei...

— Oh, é mesmo! — exclamou Becca ao ouvir as palavras de Sofia. — Ela parece com você.



Sofia concordou.

— Por que não solta o cabelo para dar uma ideia?

Sofia tirou os grampos e, em poucos minutos, o seu cabelo cascadeou pelas costas da cadeira. Não era extremamente longo, talvez um pouco abaixo dos ombros, mas era espesso e pesado, mais ou menos da cor de um casaco de vison escuro.

— Você tem um cabelo lindo — disse Becca com sinceridade enquanto o tocava delicadamente. — É tão grosso e saudável! Costumo não influenciar as freguesas para que cortem o cabelo. Garanto, porém, que com a textura e espessura do seu cabelo você vai ficar muito bem com esse corte.

Sofia olhou-se no espelho. Sempre tivera cabelo bonito e não dava muito valor a isso. Agora tentava imaginar-se com o corte do pôster, mas não conseguia.

Você está sendo ridícula, Sofia. É só um corte. Se não gostar, o cabelo cresce outra vez.

Sofia encontrou os olhos de Becca no espelho. — Por favor, corte.

Becca sorriu satisfeita enquanto girava a cadeira e inclinava a cabeça da cliente sobre o lavatório. Conversaram um pouco e, depois, Becca concentrou-se na tarefa. Sofia estava espantada demais com o que via para falar. As batidas do seu coração aceleraram a cada tesourada, mas não de medo. A única coisa que podia perguntar a si mesma era por que não tinha feito aquilo anos atrás.

A MANEIRA COM QUE RITA ENTROU na cozinha naquela tarde, parando de repente, era compensadora para uma mulher que suara tanto para deixar que o cabelo fosse cortado naquela manhã.

— Sofia! — espantou-se ela.

— Fiz o que era certo, Rita?

— Claro que sim! Claro que sim! — a mocinha respondeu sinceramente. — Ficou lindo em você! — disse enquanto observava como ficou a parte de trás.

— Oh, Sofia, — Tory entrara em seguida. — O seu cabelo ficou maravilhoso.

A governanta continuava sorrindo para as meninas quando ouviu Craig dizer:

— Uau, Sofia!

Os olhos de Sofia brilharam de prazer, e o menino riu para ela, parecendo muito garoto e muito adulto ao mesmo tempo. Foi então que a governanta percebeu que Rita continuava parada à sua frente.

— Vá, Rita — insistiu ela. — Vamos ficar atrasadas.

— Oh! Está bem! — Ela deixou o estado de êxtase para subir a escada e arrumar-se para o chá.

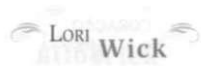
— Você está tão bonita, Sofia!

— Obrigada, minha Tory. — Ela tocou o rostinho macio e depois pôs-se a falar. — Deixei biscoitos e bolinhos aqui para você e Craig. Cuidem bem um do outro.

— Quanto tempo vão demorar? — perguntou Craig antes de colocar metade de um biscoito na boca.

— Não tenho certeza, mas o fogão vai ligar às 16h15 para cozinhar o ensopado. Não se preocupa com o jantar.

— Está bem. Qual é o ensopado?



Sofia estava procurando algo na bolsa e não ouviu. Passaram-se alguns minutos e Rita apareceu. Ela estava linda, vestida de saia e blusa como Sofia. Com mais algumas palavras para as crianças, as duas saíram.

Alec terminara de conseguir os alvarás de construção na cidade e ficou pensando se iria ou não até uma das obras. Achava que ninguém estaria lá naquele dia por causa da nevasca da noite anterior e decidiu não ir. Já tinha sido forçado a chegar tarde várias noites naquela semana. Como era sexta-feira, pensou que seria bom começar o fim de semana um pouco mais cedo.

Sentia-se um tanto preocupado e agia quase automaticamente ao dirigir-se para casa e entrar na rampa da garagem. Alec geralmente estacionava na rampa, mas a porta da garagem começou a subir naquele momento. Ele parou e ficou esperando. De repente, toda preocupação e fadiga desapareceram.

Quando a porta levantou, um par de tornozelos e pernas mais bem torneados que já vira surgiram à sua frente. A mulher usava sapatos de salto alto sociais e ele achava que os de Rita não eram tão altos assim. De qualquer forma, as pernas de Rita eram muito mais finas. Quem seria ela? A porta continuou a erguer-se e, então, uma saia azul-marinho e, depois, uma blusa branca surgiram. Alec piscou ao reconhecer Sofia. Ele havia certamente visto a sua governanta antes, mas nunca daquele jeito. Quando ela cortara o cabelo?

— Oi, pai — ouviu Rita chamar e se esforçou para fazer um aceno e não olhar para a mulher que, inocentemente, estava ao lado de sua filha. Estacionou de um lado e desceu vagarosamente da caminhonete.

— Vamos para o chá — falou Rita enquanto o pai se encaminhava para elas.

Alec desviou os olhos de Sofia e perguntou à filha:

— A que horas vão voltar?

— Não sei. É provável que daqui a algumas horas.

— Divirtam-se.

— Obrigada, pai. Vejo você mais tarde.

— Até logo.

As duas se despediram e entraram na van. Rita deu partida ao veículo, mas Sofia falou e impediu que fizesse marcha a ré.

— Rita, não sei se minhas roupas estão boas para este chá.



— Você está linda, Sofia.

— Não, Rita, acho que não. Seu pai olhou estranhamente para mim. Acho que estou vestida errado.

Rita fitou-a. A saia dela era simples com um cós estreito e comprimento logo abaixo dos joelhos. A blusa era também simples, mas a fita junto à gola dava o toque certo, e o corpo de Sofia ajustava-se perfeitamente ao traje numa curva suave. Com o novo corte, o cabelo de Sofia ficava agora entre o queixo e o ombro, e Rita não sabia quando vira alguém tão bonita. O novo estilo emoldurava o rosto dela e fazia com que os seus olhos, já esplêndidos, sobressaíssem ainda mais.

Rita sentia coisas que não sabia como tratar. Seu pai **havia** olhado para Sofia, mas quem não olharia? Teve de admitir, porém, que aquele olhar não tinha sido casual.

— Não quero estar vestida errado, Rita — falou Sofia, e a adolescente fez cessar o que imaginava.

— Confie em mim, Sofia, você está ótima. O meu pai deve ter pensado isso também.

Sofia parecia estar ainda em dúvida, mas Rita sorriu e engatou a ré. A jovem sufocou momentaneamente os seus sentimentos conflitantes, mas quando o chá terminasse sabia que precisava pensar.

Sofia, sentada em silêncio ao lado da garota, já estava afundada em pensamentos. Jamais lhe ocorrera saber se o senhor Riley aprovava que ela fosse ao chá. Talvez ele estivesse pensando que ela queria tomar um lugar que não era o dela. Ele vira o convite, mas talvez não soubesse como dizer a ela que não deveria acompanhar a filha em um chá para mães e filhas. Sofia decidiu dar a Rita uma tarde agradável naquele dia, mas também se certificou de não estar se aventurando a entrar em um terreno que não lhe pertencia.



— Pai? — Tory gritou no momento em que viu o pai e correu para abraçá-lo. —
Elas acabaram de sair, você as viu?

— Vi, sim.

— O cabelo de Sofia não está bonito?

— Sim, está — disse ele à filha, procurando manter um tom de tranquilidade na voz, apesar de sentir exatamente o oposto disso.



— Eu gostaria de ir a um chá.

Alec pegou-a no colo e se admirou de como estava crescida.

— Esse dia vai chegar, Tory. Não queira apressar a infância.

A menina abraçou o pescoço do pai por um instante e, depois, Alec colocou-a no chão. Cumprimentou Craig que estava na frente da TV e foi para o escritório. Precisava procurar algumas coisas nos arquivos, mas depois de sentar-se à escrivaninha, só conseguiu ficar olhando para o espaço. Os seus olhos fitavam a parede à sua frente, mas tudo o que podia ver eram olhos enormes, exóticos e um cabelo escuro, sedoso, caindo sobre os ombros. Por que nunca notara a boca sensual e bonita dela? Os viúvos tinham sempre essa falta de percepção? Durante aqueles meses após a morte de Vanessa, Alec não se interessara nem remotamente pelo sexo oposto. Era como se os seus sentimentos tivessem morrido com a esposa. Então, num relâmpago, estava pronto a tomar a governanta nos braços e beijá-la.

Alec sacudiu a cabeça. Devia ser algo passageiro. Nada mais poderia explicar a súbita explosão de emoções e de paixão. Com outra sacudidela de cabeça, decidiu não pensar mais nela. Abriu uma das gavetas de arquivos na mesa e tirou uma pasta, esquecendo completamente que pretendia começar mais cedo o fim de semana. O seu plano funcionou muito bem durante as duas horas seguintes. Ele realizou mais do que tinha esperado e não pensou de modo nenhum em Sofia. Não até que Tory falou que o jantar estava pronto, e as coisas começaram a desabar.

Levantou-se da mesa, com a mente ainda no trabalho, e foi para a cozinha. Encontrou ali Sofia preparando a refeição, e ainda vestida com a roupa de festa. Parecia tão bonita e "certa" em sua cozinha que, por um momento, Alec quase perdeu o fôlego. Quando finalmente se recuperou, soube, na mesma hora, que os seus sentimentos anteriores não tinham sido um capricho passageiro.

Durante semanas até então, Sofia fora como uma universitária no meio deles, trabalhando meio-período para pagar a escola, e que se tornara naturalmente parte da família. Jovem demais para ser mãe dos seus filhos, mas com idade suficiente para ser responsável. Alec, de repente, a via agora sob outra luz. Sempre soubera que era madura, mas agora era também feminina. Se tentasse explicar isso a alguém, estava certo de que pensariam que ele era doido. Sentia-se, porém, assim. Gostaria de desaparecer até que os seus pensamentos se organizassem; seus filhos, entretanto, não compreenderiam se não fosse jantar com eles.



Sofia vinha jantando com a família desde o Ano Novo, e naquela noite fez o mesmo. A refeição durou uma eternidade para Alec. Tinha certeza de que Sofia não mudara nas últimas horas, mas de repente começou a notar tudo nela: a maneira graciosa com que movia as mãos; as caretas engraçadas que fazia para as crianças para vê-los rir ou sorrir; os olhares atentos que lançava a todos os que se dirigiam a ela; e o seu hábito de tocar o braço, a mão, ou a cabeça das pessoas com tanta facilidade. Tudo isso e mais uma porção de outras coisas saltaram aos olhos de Alec enquanto a família jantava. Esperava com ansiedade a hora de ficar sozinho e de proceder a uma verdadeira investigação no seu íntimo.



— Você pretende namorar outra vez, papai?

Alec, que se abaixara para pegar alguma coisa no chão da sala, endireitou-se lentamente e olhou para a filha mais velha. Pensava ter agido direito na última semana, mas talvez não tivesse conseguido.

— Não sei — disse sinceramente, observando-a como ela o observava.

— Acho que devia — Rita respondeu, e Alec viu que estava na hora de sentar-se para ouvir. Era tarde, mais de 22h30 e estavam sozinhos. Tory fora deitar e Craig ia dormir na casa de Rick.

— Você tem alguém em mente, Rita?

Os olhos de Rita baixaram por um momento. — Acho que seria bom se você convidasse Sofia para sair.

Alec suspirou.

— Pensei que tivesse sido mais cuidadoso.

Rita pareceu perspicaz — Acho que foi, mas eu conheço você melhor do que ela.

— Quando você notou isso, Rita?

— Na semana passada, antes do chá.

— Ela me surpreendeu mesmo. — Alec disse balançando a cabeça e ficou outra vez em silêncio. — Você acha que ela notou?

Rita respondeu sem hesitar:

— Ela notou naquela primeira noite, mas a observei hoje. Não percebeu nada.

— Isso é bom.

- Por que, papai? Você não quer que Sofia saiba que está interessado?
- Não, Rita, porque não sei se estou. Quero dizer, estou, mas não sei se é certo. Preciso refletir muito ainda. Além disso, não vejo nenhum interesse da parte dela. Se me aproximasse, ela provavelmente pediria demissão na hora.
- Acho que não, papai — Rita começou a dizer, mas Alec levantou a mão.
- Por favor, não continue Rita. Gostei que viesse falar comigo e que me ouvisse, mas se há algo em tudo isso, preciso descobrir sozinho.

Rita assentiu. Ele tinha razão.

- Mas preciso saber uma coisa — prosseguiu Alec. — Se algo acontecesse entre mim e Sofia, como você reagiria?

- Alguma coisa permanente?

Alec encolheu os ombros. — Neste momento, é impossível dizer.

Rita olhou para o ar e, passados alguns momentos, voltou a fitar o pai.

- Penso que, se a mamãe pudesse me dizer agora que tipo de mulher seria o ideal para ser sua segunda esposa, provavelmente ela diria que uma mulher que amasse e cuidasse de nós, os seus filhos, tanto quanto de você. Desejaria que ela fosse dedicada ao Senhor, divertida, e tivesse o bem de todos em mente. Não conheço muitas mulheres solteiras da sua idade, papai; mas, mesmo que conhecesse, não imagino ninguém que se aproximasse tanto desse ideal quanto Sofia.

Quando você amadureceu tanto, Rita? Foi tudo o que Alec pôde pensar naquela hora. Ele não comentou sobre os seus pensamentos, mas agradeceu à filha.

Cinco minutos depois, Rita levantou-se, beijou e abraçou o pai, indo deitar-se. Alec não demorou em segui-la, mas antes de sair da sala, conversou com o Senhor. Disse a Deus que estava deixando tudo completamente nas mãos dele.

Não posso ficar me afligindo com isso. Senhor. Por favor, me ajude a entender o caminho. Sei o que quero. Quero Sofia na minha vida, mas bem no fundo quero mais a sua vontade. O bem-estar de minha família está em jogo aqui, portanto, não posso pensar só em mim. Ajude-me a usar de sabedoria. E acima de tudo, Senhor, não permita que eu a magoe. Não permita que eu traga qualquer sofrimento a essa moça.

TORY COMEÇOU O MÊS DE MARÇO COM GRIPE. Alec telefonou pouco antes das nove horas para dizer que a escola o avisara que ela se sentia mal no banheiro. Ele ligara para saber se Sofia estava com o carro naquele dia, mas não estava. Disse, então, que ia sair do canteiro de obras e levar a filha para casa.

Sofia não tinha ideia de quanto eles iriam demorar, mas não perdeu tempo. Preparou o quarto da menina, colocando na cama uma almofada térmica para aquecer os lençóis. Levou também um balde da lavanderia. Alec chegou com Tory quinze minutos mais tarde, e Sofia, que os encontrou na cozinha, tomou a menina nos braços. Esse ato de bondade fez com que Tory chorasse.

— Estou me sentindo mal, Sofia.

— Eu sei, minha Tory. Venha deitar e Sofia vai fazer você confortável.

O coração de Alec ficou comovido com a ternura dela e a maneira delicada como tirou as roupas de inverno de Tory. Ele estendeu as mãos para pegar o casaco, luvas e chapéu. Quando Sofia subiu com ela, Alec pendurou-os na lavanderia.

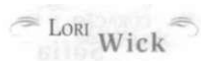
No momento em que ele subiu, Tory estava novamente vomitando no banheiro. Sofia ficara na porta, parecendo insegura, mas Alec entrou. Ao saírem, Alec ajudou a filha a vestir a camisola, e Sofia afastou-se. Depois que Tory achava-se confortavelmente instalada entre os lençóis, Alec foi para o corredor, pegando gentilmente no cotovelo de Sofia e a levando com ele.

— Você se incomoda com vômito, Sofia? Quero dizer que não me importo se se não quiser fazer a limpeza.

— Não, não —, Sofia assegurou. — Quando estou doente, não quero companhia, por isso não entrei no banheiro.

— Tem certeza?

— Sim. Vamos ficar bem — Sofia sorriu para ele, e Alec apertou levemente o braço dela.



— Tudo bem então. Vou despedir-me e telefono para você mais tarde.

Alec saiu dez minutos depois, e Sofia fez o possível para fazer Tory sentir-se melhor. A menina ficou doente durante a manhã toda, mas à tarde já conseguiu reter algum líquido. Tory dormiu a maior parte do dia e da noite, embora no dia seguinte ainda estivesse sem cor no rosto.

— Vou para a escola? — perguntou ela ao pai que ficara em casa pela manhã para verificar o estado da filha.

— Não. Já é sexta-feira e não há motivo para apressar as coisas. — Ele parou de falar e olhou o rostinho dela contra o travesseiro. — Você está branca como papel.

Tory levantou a mão e tocou o rosto. — Não vomitei mais. Acha que posso ficar deitada na frente da TV lá em baixo?

Alec respondeu que consultaria Sofia. Ela concordou. Quando todos saíram, Tory foi agasalhada entre travesseiros e cobertores na sala de estar. Sofia pôs-se a ler para ela os títulos dos vídeos na prateleira. Tory escolheu um, depois de várias sugestões, e Sofia foi trabalhar, mas não antes de ter concordado em assistir com ela ao programa *O preço certo*.

Sofia andou de um lado para outro muitas vezes, mas quando a música começou e os quatro primeiros competidores foram chamados, estava no canto do sofá com os pés de Tory no colo.

— Vamos ganhar muito hoje, Tory — previu e viu um sorriso retratando sono no rosto da menina.

O jogo desenrolou-se rapidamente, mas Sofia manteve-se em silêncio, pensando na sua paciente. Todavia, quando o último competidor apareceu, Sofia entusiasmou-se.

— Tente o carro — ela encorajou a mulher na TV. — Tente o carro. Ela não vai fazer isso, Tory.

Tory, que passara mais tempo observando o perfil animado de Sofia do que o programa, apenas deu risada.

— O dinheiro talvez fosse melhor — sugeriu.

— Não — Sofia estava inflexível. — Ela deve tentar o carro. Olhe! O marido dela está dizendo isso também. Escute o que ele diz! — Sofia gritou para a TV, e Alec escolheu aquele momento para entrar em casa. Ele chegou em silêncio, sentou-se numa cadeira e ficou observando a governanta. Sofia o



vira, mas estava ocupada demais, aconselhando a mulher, o apresentador e até o operador de câmara.

— Oh, não! Veja, Tory, é como eu já disse. Ela pegou o dinheiro e a última letra era C. Poderia ter ganhado o carro. — Pareceu decepcionada e notou então que Alec a observava. Era mais do que óbvio que ele a achara divertida, e Sofia teve de rir de si mesma. Ela encolheu os ombros, impotente.

— Poderia ter ficado com o carro.

— Foi o que você disse. — A voz grave dele era amável. — Como você está, Tory?

— Estou melhor. Comi torradas e suco de maçã.

— Ótimo.

— Penso que é mosca-24 horas, — anunciou Sofia, e Alec olhou espantado para ela. A testa de Sofia franziu-se. — É chamada de gripe-mosca — explicou.

— Penso que foi isso o que Rita disse.

Alec nem tentou segurar o riso e até os ombros de Tory sacudiram silenciosamente.

— Acho que está tentando dizer virose — explicou ele, e Sofia franziu novamente a testa.

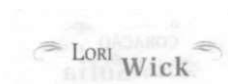
— O inglês é tão diferente!

— Vocês não têm frases estranhas na Checoslováquia?

— Temos, mas aqui é pior. Aqui bolsa e saque são a mesma coisa, mas nem sempre. Eu disse ao Craig que assisti ao futebol e vi bolsa do zagueiro. Ele riu de mim e disse que não é bolsa, mas saque, saque do zagueiro. Está vendo? Aqui é pior. — Ela encolheu os ombros e os olhos de Alec brilharam denotando ter achado engraçado o que Sofia dissera.

Você não é uma em um milhão, Sofia Velikonja, é uma em dez trilhões — pensou Alec ternamente. Ela esteve aqui bem debaixo do meu nariz desde o último outono, mas eu nunca a vi. Você não fica flertando, não é Alec? Quando se apaixona é de uma vez. — Alec sacudiu a cabeça levemente ao compreender que queria casar-se com aquela mulher. Não sabia como poderia pensar assim quando ainda sentia falta de Vanessa, mas era isso mesmo.

Um momento mais tarde, o *show* voltou à tela. Sofia e Tory ficaram vendo TV despreocupadas, uma vez que Alec não deixara transparecer nenhum dos pensamentos que tivera. Ele assistiu ao programa também, mas na realidade



perguntava ao Senhor quanto tempo teria de esperar antes de expor os seus sentimentos.

Ele era um homem bastante paciente. Ao observar Sofia furtivamente como fazia então, ao vê-la tão bela e à vontade na sua casa, Alec pensou que a sua paciência estava prestes a ser testada ao máximo. Tudo o que tinha a fazer era orar pedindo forças. Foi isso exatamente que ele fez, enquanto almoçava rapidamente e voltava ao trabalho.



Três dias depois, Sofia, caiu deitada no sofá sentindo muita dor. Acabara de vomitar no banheiro do piso inferior da casa. Tinha sido a quinta vez desde o meio-dia, e a sua compaixão por Tory, que voltara à escola naquela manhã, triplicou.

A única diferença era que Tory não se queixara de dor do lado. Sofia sentia uma dor terrível do lado, tornando até impossível voltar ao seu apartamento. Tremia da cabeça aos pés ao puxar uma colcha para cobrir-se e orou para que soubesse o que fazer. Era perturbador demais imaginar as crianças voltando e a encontrando assim. Talvez, se dormisse um pouco, poderia tentar subir as escadas de novo. Se pelo menos não fossem tão geladas!...

— Sofia? — o seu nome chamado em voz suave acordou-a, e fitou o rosto de Rita com olhos embaçados.

— Oh, Rita. Eu sinto não muito bem.

— Você deve estar com a gripe de Tory — disse a menina. — Está péssima?

— Estou. O meu lado também dói.

— Oh, Sofia.

— Você quer alguma coisa, Sofia? — perguntou Craig quando se aproximou delas.

— Não, Craig. Obrig... — A palavra parou no meio porque sentiu que ia vomitar outra vez. Os dois saíram do caminho quando ela levantou. Enquanto ainda estava no banheiro, ouviram o som da campainha. Rita atendeu e encontrou Gladys na entrada.

— Olá, senhora Nickelberry. — As crianças sabiam que ela era mãe do seu oftalmologista e amiga de Sofia.

— Olá. Você deve ser a Rita.



— Sou.

— Desculpe chegar sem aviso, Rita, mas a Sofia está?

— Está, mas não se sente bem.

— Oh, está no apartamento? Posso ir lá.

— Não, ficou aqui, mas minha irmã teve gripe e acho que ela pegou.

Gladys olhou para Rita. — Acho que vou entrar e ver como ela se acha. Posso?

— Claro — respondeu Rita já abrindo a porta.

Quando Rita e Gladys chegaram à sala, Sofia tinha voltado ao sofá. Ela tremia na hora em que Gladys inclinou-se para falar-lhe.

— Está se sentindo mal, Sofia?

— Estou. A dor do meu lado é muito forte.

Gladys ficou tensa, mas Sofia não percebeu. — Que lado, Sofia?

— O quê?

— Qual o lado que dói?

— O direito.

— Uma dor aguda?

— Sim. Medonha.

— Deixe-me ver, Sofia —, falou Gladys mostrando conhecer a situação da amiga.

Ela permitiu que Gladys levantasse a colcha, e gritou de dor quando a amiga começou a apalpar seu lado. A colcha foi reposta e Sofia nem sequer notou que Gladys saíra levando Rita com ela. Craig, que estivera observando, as seguiu.

— Onde está o seu telefone, Rita?

— Bem aqui — apontou ela.

Gladys foi até ele e discou. — Escreva o nome da sua rua e o número da casa neste papel... depressa. Sim, alô. Preciso de uma ambulância na Praça Holly, 615. Sou enfermeira registrada, e há uma mulher aqui que acredito estar com apendicite aguda.

Rita e Craig ouviram, espantados, as palavras de Gladys, mal percebendo que Sofia passou por eles e fora novamente ao banheiro. Gladys deu mais informações e desligou logo depois.



— Sinto não ter falado nada para vocês, mas é urgente. Rita, talvez você deva ir na ambulância, já que Rita vai ficar um tanto tonta. Craig, você pode ir comigo. Onde está a Tory?

— Na casa de uma amiga.

— Telefone e diga para ela ficar lá.

Rita obedeceu, agradecida por outra pessoa estar tomando as providências. Ela telefonou, explicando a situação da melhor forma possível. Quando desligou, admitiu que achava que não podia ir na ambulância.

— Eu vou — ofereceu-se Craig e voltou à sala atrás de Sofia, que estava também voltando. Ele esperou até que ela deitasse e, depois, ajudou-a a cobrir-se com a colcha.

— Você precisa ir para o hospital, Sofia — disse ele.

— Oh, não, Craig — ela falou com voz de quem já se sentia enfraquecida.

— É grave, Sofia. A sua amiga já chamou uma ambulância.

— Mas, Craig, e vocês?

— Vou com você, e Rita, com a senhora Nickelberry.

— Tory. Eu não vi a Tory. — A voz dela encheu-se de pânico.

— Está com uma amiga e vai ficar lá.

— E só uma gripe... — Sofia tentou de novo, mas Craig não respondeu.

Rita estava na cozinha tentando falar com o pai, mas sem sucesso. Ela acabou deixando uma mensagem para ele na secretária eletrônica, e estava escrevendo um bilhete para deixar na mesa quando a ambulância chegou.

Os minutos seguintes foram caóticos para todos eles. Sofia foi levada para o hospital, e Craig a acompanhou na ambulância. Rita e Gladys seguiram de carro. Rita orava para que o pai estivesse no hospital à espera deles, mas isso não aconteceu. De fato, Sofia foi operada e já estava na recuperação quando ele chegou. Rita e Craig continuavam sentados com Gladys na sala de espera. No momento em que viu o pai, Rita explodiu em lágrimas.

Alec, que compreendeu bem as emoções da filha, tomou-a nos braços.

— Fui tão tola, pai! Ela estava sofrendo tanto e só fiquei ali olhando. Craig e a senhora Nickelberry tiveram de providenciar tudo.

— Não faz mal, Rita. Onde está Sofia agora?



— Na recuperação — Craig informou. — O médico disse que removeram o apêndice bem na hora. Disse também que ela aceitou bem a anestesia e podemos vê-la dentro de uns vinte minutos.

Alec sentou-se, com o braço ainda rodeando a filha.

— Onde está a Tory?

— Na casa da Crystal. Rita telefonou, mas não disse o que tinha acontecido, e a senhora Calkins cuidará dela.

— Ótimo. Olá, senhora Nickelberry — Alec finalmente a cumprimentou.

— Oi, Alec. Como vai?

— Muito bem. Obrigado por ter vindo.

— De nada. Como é natural, os seus filhos e Sofia pensaram que era apenas uma gripe.

Alec assentiu. — De fato, Tory acabara de ficar doente.

— Eles me contaram. Rita está sendo severa demais consigo mesma. Ela agiu muito bem, e Craig até veio na ambulância com Sofia. Você pode ficar orgulhoso dos seus filhos, Alec.

Ele sorriu agradecido para a senhora Nickelberry, e, depois, para Craig, que estava meio envergonhado com toda aquela atenção.

A meia hora seguinte pareceu arrastar-se para Alec. No momento em que foram chamados, todos levantaram depressa e entraram no quarto de Sofia. Ela dormia e parecia muito pálida, mas Alec sentiu como se o seu coração pudesse bater de novo, pois ele havia parado quando telefonara e soubera que a governanta fora levada para o Hospital Meriter.

— Sofia — Gladys chamou-a suavemente, e as pálpebras dela mexeram, mas não se abriram.

Rita tocou a mão dela que estava em cima das cobertas e achou-a fria. Como uma mãe com o seu bebê, ela cobriu delicadamente a mão de Sofia com o cobertor.

— Estava fria — disse ela a Craig, que a observava, e ele fez que sim com a cabeça.

— Não parece que ela vai acordar e falar conosco — comentou Alec baixinho, mas a sua voz grave chegou até ela. Os olhos de Sofia se abriram e a moça olhou para ele.

— Não tenho a Tory — falou em voz rouca, enquanto retirava agitada a mão de sob as cobertas.

— Está tudo bem, Sofia — Alec aproximou-se para olhá-la no rosto. — Ela está na casa da Crystal, e a mãe da amiga vai cuidar dela. Vou até lá daqui a pouco contar o que aconteceu. Amanhã, depois da escola, eu a trago para vê-la.

— Preciso ficar? — a voz dela estava ainda rouca.

— Sim, por algum tempo.

— Não quero ficar.

— Eu sei, mas não vai demorar muito.

Todos a ouviram suspirar. — Estou com sono.

— Durma de novo, então — a voz de Alec era gentil.

Sofia assentiu com os olhos no rosto dele por um momento. — Diga às crianças que volto logo para casa.

— Pode deixar.

Os olhos de Sofia se fecharam, e a sua mão enfiou-se nas cobertas. Sem pensar, Alec estendeu o braço e tomou as mãos de Sofia. Ela as apertou por menos de um minuto. Quando sentiu que o aperto afrouxava, soube que havia adormecido. Todos saíram em silêncio.

— Ela nem percebeu que estávamos lá — disse Craig no corredor.

— A gente se sente muito estranho depois de uma anestesia — explicou Gladys.

— Quero ir buscar Tory — disse Rita. — Sofia pareceu tão preocupada com ela que vou fazer isso.

— Está bem — concordou Alec, lutando contra o impulso de voltar ao quarto de Sofia, pegar de novo na mão dela e permanecer ali durante horas.

— Vou ficar mais um pouco — disse Gladys. — Se ela acordar e chamar alguém, telefone para vocês.

— Obrigado — disse Alec, e ia despedir-se dela quando Gladys pediu para falar-lhe. Rita e Craig foram andando pelo corredor, enquanto Gladys e Alec ficaram conversando por alguns minutos. Houve uma porção de acenos de cabeça da parte de Alec e, depois, Gladys disse alguma coisa que o fez sorrir. Ele saiu em seguida, e Gladys parou para observá-lo.

Fiquei imaginando que ele poderia vir a amá-la um dia — disse ela ao Senhor. Agora me pergunto quanto tempo vai passar antes que Sofia saiba disso.

QUANDO ALEC CHEGOU AO HOSPITAL, logo depois do almoço no dia seguinte, Sofia tinha uma visita. Alec reconheceu-o como o homem da igreja, mas não sabia o seu nome até que Sofia o apresentou.

— Este é Brad Marshall, senhor Riley.

— Olá — Alec sorriu e cumprimentou-o.

Brad levantou-se, apertou a mão de Alec e respondeu amavelmente ao cumprimento, mas não se sentou de novo.

— Preciso ir, Sofia.

— Está bem.

— Devo dar uma aula dentro de vinte minutos.

— Obrigada ter vindo, Brad, e por flores.

Foi aí que Alec notou as flores e mal conseguiu manter uma expressão natural. *Você não pode aceitar flores desse homem, Sofia. Vai casar-se comigo.*

— Até logo. Prazer em conhecê-lo.

Alec ouviu as palavras, mas levou um momento para registrá-las.

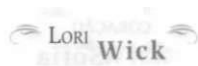
— Sim, prazer em conhecê-lo também — Alec replicou, tentando ser sincero.

Ficou olhando Brad sair e, depois, voltou os olhos para Sofia que o observava. Esquecendo Brad Marshall na mesma hora, Alec sorriu ao ver a aparência em desalinho dela, e Sofia devolveu o sorriso.

— Como você está? — Procurou falar de forma natural, no esforço de ocultar suas verdadeiras emoções. — Passou bem a noite?

— Eles entram a toda hora — Sofia queixou-se com um suspiro e depois franziu a testa.

— Desculpe. Pareço de mau-humor.



Alec sorriu outra vez. — Você não é mal-humorada a toda hora, é?

— Não, acho que não. Talvez as crianças digam outra coisa. E a Tory?

— Ela está bem. Queria vir direto aqui esta manhã, então resolvi pegá-la depois da escola e trazê-la para ver você. Rita e Craig vão esperar até a noite para vir.

Sofia achou que era muita bondade de Alec ter ido vê-la àquela hora, se teria de voltar depois de pegar Tory na escola. Mas estava começando a esperar essas atitudes da parte dele. Durante algum tempo, o senhor Riley mal a notara. Agora a tratava como um membro querido da família, e o coração de Sofia era frequentemente abençoado pelos atos de bondade daquele homem.

— Você disse que virão à noite?

— É isso.

— Olhe, se neve, eles não precisam sair. Diga que fiquem segurança.

— Eu digo.

— Acho que posso ir embora amanhã, diga então também às crianças que voltarei para fazer o jantar amanhã.

Alec não respondeu na mesma hora. Gladys tinha avisado que Sofia iria agir desse jeito.

— Não tenho certeza de que o médico vá recomendar que faça muita coisa ao sair do hospital — Alec falou com certa nota de desinteresse.

— Mas tenho emprego... — replicou Sofia, como se isso explicasse tudo.

— O seu emprego ainda vai estar lá quando você se recuperar.

Sofia não pareceu contente, mas Alec não ia discutir com ela. Em vez disso, ele disse: — Rita mandou isto para você — e tirou do bolso um medalhão de ouro.

— Oh, o meu medalhão. — Ela pareceu muito satisfeita. Alec colocou-o na mão estendida, e ela tentou abri-lo, mas não conseguiu.

— Deixe que eu abro — ofereceu-se.

Alec abriu-o cuidadosamente e segurou-o para ela, mas Sofia sentiu-se cansada e nem sequer tentou pegá-lo. Olhou para a foto na mão dele e seus olhos se suavizaram, cheios de amor.

— Os seus pais?

— Sim. No dia do casamento.



Alec observou a foto. — Como se chamam?

— Vladimir e Ekaterina Velikonja.

Alec olhou de novo a fotografia, refletindo sobre os nomes de som estranho. Ekaterina sorria para a câmera, mas Vladimir contemplava a noiva. Mesmo naquela pequenina foto, o amor dele por ela era evidente.

— Eles parecem amar-se muito.

— E verdade — disse Sofia enquanto dava um grande bocejo.

— Quer que o coloque em você?

Ela sacudiu a cabeça de cabelos escuros contra a franha branca do travesseiro.

— Tenho medo de perder. Pode levar de volta para casa com você?

— Claro.

Ela bocejou outra vez.

— Acho que estou aborrecendo você.

Ela conhecia aquela maneira de Alec brincar, e sorriu, mas não conseguia manter os olhos abertos.

— Eles dão injeções para fazer a gente ficar tão cansada! — ela murmurou. Agora as pálpebras de Sofia estavam totalmente fechadas. — Disseram que vou andar esta tarde, mas neste momento... — As palavras morreram e Alec ficou olhando suas feições relaxadas pelo sono. Permaneceu sentado ali com ela por mais de uma hora. Sofia não acordou, mas de certa forma ele se sentiu satisfeito. Não era o momento de dizer nada, nem de tornar conhecidos os seus sentimentos, e se ela acordasse e o visse ali, poderia ficar imaginando a razão. Alec não estava ainda preparado para responder às perguntas dela.



— Onde nós vai?

Era o dia seguinte. Sofia recebera muitas visitas na véspera, mas agora tivera alta depois de passar duas noites no hospital. Alec foi buscá-la, após ter limpo a cabina da caminhonete para isso. Quando viu que ele não seguiu o caminho que levava à Praça Holly, Sofia ficou desconfiada. Era o momento que Alec temia.



— Vou levá-la para a casa da senhora Nickelberry — disse tranquilamente.

— Por quê?

— Porque o médico disse que você não deveria subir escadas nem trabalhar. Portanto, não pode subir para o seu apartamento, e não fica ninguém em casa para cuidar de você.

— Não preciso de cuidados.

Alec não respondeu.

— Quero voltar o meu apartamento. Posso subir escadas uma vez. Posso até trabalhar depois de ter descansado. Talvez não hoje, mas amanhã.

Eles estavam na entrada da casa de Gladys, e Alec voltou-se para ela:

— Você vai ficar aqui — a voz dele denotava calma.

O rosto de Sofia ficou vermelho de raiva. — Isso é louco.

— Loucura — corrigiu Alec automaticamente e Sofia então explodiu.

— Não corrija inglês de Sofia quando ela está com raiva, Alec Riley!

Alec fez todo o possível para não rir, mas conseguiu acenar gravemente com a cabeça.

— Vou entrar — Sofia falou para o para-brisa, parecendo muito confiante — e digo a Gladys para me levar para casa.

Nesse momento, a porta foi aberta com força, mas Sofia só deu dois passos antes de sentir que fora de encontro a uma parede de tijolos. Alec não se preocupou com as reações de Sofia. Apenas acompanhou-a devagar até que chegasse à casa e subisse os degraus. Várias vezes as mãos dele se estenderam para ajudá-la, mas a moça conseguiu caminhar sozinha.

Gladys deve ter percebido a chegada deles, porque a porta da frente abriu-se para Sofia como num passe de mágica. A amiga cumprimentou-os cordialmente, mas sem exageros. Um olhar para Sofia e outro para Alec, e ela entendeu o que havia acontecido.

Sofia mal podia acreditar em como se sentia péssima. Estivera pronta a enfrentar o mundo na camionete. Agora entrou na casa de Gladys e ficou ali de pé até que sentiu alguém remover o seu casaco e empurrá-la por trás. Quando mandaram que deitasse no sofá, ela obedeceu. Os seus olhos se fecharam agradecidos por sentir-se tão confortável, e quando os abriu, Alec estava inclinado sobre ela. Parecia estar sessenta centímetros acima dela, então pôde notar que seus olhos mostravam alegria.



— Depois de ficar descansando aqui neste sofá por algumas horas e de finalmente chegar em casa, você vai esfregar o chão da cozinha de joelhos ou limpar o banheiro primeiro?

Sofia não pôde deixar de sorrir. — Sou mal-humorada e não gosto que mandem em mim.

Por saber disso melhor do que ninguém, Alec apenas sorriu e disse a Gladys que ia buscar as coisas de Sofia. Depois de trazê-las, ele não demorou, avisando a Gladys e a Sofia que, com certeza, elas teriam visitantes: os seus filhos. Tinha razão. Os Rileys sabiam que Sofia ia ficar na casa de Gladys e nem sequer voltaram para casa depois da escola. Sofia, que acabara de acordar de um cochilo, sentia-se pronta para as visitas.

— Como você está? — perguntou Rita.

— Muito bem. Queria voltar para trabalhar, mas seu pai me proibiu.

— Pensei que tinha sido o médico — comentou Craig.

— Estou ótima —, disse Sofia, mas as crianças trocaram os olhares, e Sofia percebeu.

Todos estão conspirando contra mim. Não quero que me tratem como um bebê. Quero voltar ao trabalho. Em meio aos seus pensamentos tempestuosos, Sofia lembrou de como se sentira mal ao sair da caminhonete do senhor Riley. *Você não está tão forte quanto gostaria, Sofia. E melhor fazer o que lhe dizem.*

Voltou à realidade ao ouvir Tory falando. Contava algo que acontecera na escola aquele dia e, ao ver o ar cômico no seu rosto, Sofia riu e deu um pequeno grito.

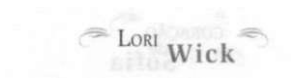
— Está doendo? — a menina quis saber.

— Meu lado — explicou Sofia. — Só dói quando dou risada.

Gladys juntara-se a eles e afirmou a Sofia que isso era normal.

— Vai incomodar por algum tempo. Você talvez tenha de tomar bastante cuidado, mesmo depois de o médico dizer que pode levantar-se e andar.

Pela primeira vez, Sofia apenas assentiu. Estava começando a parecer que teria de ficar deitada vários dias. Um momento depois, quando Gladys convidou os filhos de Alec para jantar com eles na noite de sexta-feira e levarem o pai, ela soube que era verdade. Era bem provável que só na semana seguinte pudesse voltar ao trabalho.



- Olá, Alec — disse a mãe dele surpresa ao telefone. — Está tudo bem?
- Será que ligo tão poucas vezes que assusto você com o som da minha voz?
- A mãe riu. — Só estou surpresa. Está telefonando sobre os feriados da primavera?
- Isso. Recebeu minha carta sobre o dia 6 de abril?
- Recebi. Você disse que as crianças estarão livres nesse dia.
- Vamos sair logo depois da escola e viajar durante muitas horas. O segundo dia vai ser longo, mas estaremos em Naples na tarde do Domingo de Ramos.
- Isso é ótimo. Já estou assando alguns dos biscoitos favoritos dos meus netos.
- Tinha certeza disso. Mamãe, o que eu queria na verdade era perguntar se Sofia poderia ir conosco.
- É claro, Alec —, respondeu ela sem hesitação. — Eu ia perguntar se o Craig gostaria de dormir no bangalô este ano, mas seria perfeito para Sofia. — Ela parou de falar, e Alec sabia o que viria em seguida. — Há alguma coisa que queira nos dizer, Al? — Ela o ouviu suspirar.
- Gostaria que houvesse, mãe. Mas no momento, não, não há. Ainda nem falei com Sofia, portanto, não sei se ela vai. Mas, se for, pode ter certeza de que pensará que vou convidá-la para trabalhar.
- Você preferia que não fosse assim.
- É. Ela esteve hospitalizada há apenas duas semanas, e acho que precisa do descanso.
- Não é só isso, não é?
- Não — admitiu ele baixinho. — Gostaria de conhecê-la melhor, mas não tenho ideia de como fazer isso.
- Acho que ela ainda não sabe do seu interesse.
- De modo nenhum.
- E as crianças?
- Só Rita.
- Como ela se sente a respeito?



Alec riu. — Tentou ser sutil, mas basicamente me perguntou por que eu não estava namorando Sofia.

Kay riu também. — Você nunca passou por isso, não é?

— O quê?

— Quer dizer, quando cortejou Vanessa não havia filhos em volta. Agora tem três pares de olhos observando cada movimento seu.

Alec nunca havia pensado nisso antes e não sabia se deveria rir ou gemer. Se chegasse a fazer com que Sofia percebesse o seu interesse por ela, os seus três filhos estariam atentos a cada detalhe. Era mais uma coisa sobre a qual orar.

Ele e a mãe conversaram a respeito da loja que os pais possuíam, sobre o tempo, as costas do pai e assuntos gerais por mais vinte minutos. Alec, que estivera falando no seu quarto, sentia-se cansado o suficiente para deitar-se, mas resistiu. Levantou-se da cadeira e procurou os sapatos no armário. A neve continuava caindo. As estradas, porém, estavam secas e ele precisava de uma corrida; esperava que ela clareasse a sua cabeça e que o ajudasse a ter paciência até saber, sem sombra de dúvida, que poderia falar com Sofia sobre o que estava acontecendo no seu coração.

— F LÓRIDA?
— Isso mesmo. Vamos descer até Illinois na sexta-feira e, depois, percorreremos a maior distância possível no sábado. Chegaremos à casa de meus pais no Domingo de Ramos.

— E o senhor quer que trabalhe na casa dos seus pais?

— Não — disse Alec. E poderia ter dado um soco em si mesmo por estar falando sem a companhia dos filhos. — Vamos para a casa dos meus pais nas férias da primavera todos os anos, e neste ano gostaríamos que fosse conosco. São férias. — Alec foi tentado a dizer que ela não estava ainda completamente boa. Mas decidiu não falar isso. Aprendera duas coisas sobre Sofia nas últimas semanas: ela não gostava de mudar a sua rotina e não gostava de ficar doente.

— Quanto é o custo?

— Nenhum. Vamos ficar com os meus pais e comer a comida que eles comerem. A minha mãe prepara tudo semanas antes de chegarmos. Eles têm até um bangalô no fundo da casa e que já está preparado para você.

— Mas deve haver custo.

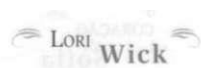
— Não, Sofia. O custo será o mesmo que seria se estivéssemos indo só nós quatro. — Isso era quase verdade. Eles precisariam de um quarto extra no hotel para as noites que passariam no caminho. Mas Alec não quis mencionar isso. — Meus pais estão querendo conhecer você — acrescentou.

Ela parecia muito desconfiada e indecisa. A ideia era maravilhosa. Boa demais para ser verdade. Não que não confiasse no senhor Riley, mas com certeza iam querer que trabalhasse.

— Não quer trabalho?



- Só as coisas de todo dia e vamos ajudar você.
- Coisas de todo dia — repetiu ela.
- Você sabe: os pratos, arranjar a mesa, roupas e coisas assim.
- Sofia assentiu e pensou um pouco. — É caminho longo?
- Sim. Veja — Alec levantou-se da mesa da cozinha e foi buscar um atlas. Abriu no mapa dos Estados Unidos e apontou para onde iam.
- O caminho que vamos pegar é cerca de cento e sessenta quilômetros mais comprido do que a rota direta, mas as estradas são excelentes e menos transitadas. De Wisconsin, descemos para Illinois e, depois, para Missouri. Fazemos um ângulo e vamos para Tennessee; pode ficar um pouco complicado em Nashville. A seguir, descemos para Alabama e, finalmente, para a Flórida. Naples fica aqui, abaixo do Forte Myers.
- É longe — disse Sofia enquanto os seus olhos escuros estudavam a rota que os dedos dele haviam traçado.
- É verdade. Cerca de dois mil e quatrocentos a dois mil e seiscentos quilômetros.
- Vocês param e dormem?
- Sim, duas noites. Você e as meninas ficam num quarto, e Craig e eu no outro. Sofia sabia que não tinha concordado em ir, e o seu olhar revelava isso para o patrão.
- As crianças querem que você vá, Sofia. — Alec voltou a sentar-se à mesa. — Perguntei a elas ainda antes de telefonar para os meus pais, e acharam uma ótima ideia. Não estou dizendo isso para pressionar, mas às vezes penso que você tenta ficar muito distante.
- Não quero intrometer-me — admitiu Sofia. — Não sou mãe delas e não quero interferência.
- Interferir —, corrigiu Alec — e você não está interferindo. Eu lhe diria se isso fosse um problema.
- Sofia concordou. Podia acreditar nisso. O senhor Riley sempre a procurava nos diferentes problemas que surgiam e era sempre direto e bondoso.
- Você vai conosco?
- Sim — respondeu Sofia com os olhos novamente no mapa. — Se mudar, porém, de ideia, deve...



- Avisar você — interrompeu Alec, contente porque ela não estava olhando para ele. *Mudar de ideia? Nunca.* Ele ficou estudando o delicado perfil de Sofia, ainda surpreso por tê-la em sua casa há tantos meses e nunca haver notado a sua presença. Estivera bem debaixo do seu nariz. Sua mãe teria dito: "Se fosse uma cobra, o teria mordido". — Ele fora mesmo mordido, mas não por uma cobra.
- A estrada parece uma cobra.
- O quê? — Alec quase gritou, pensando ter dito alguma coisa em voz alta.
- Disse que a estrada parece uma cobra, toda curva.
- E mesmo. — Alec ficou tão aliviado que riu de leve. Sofia olhou para ele, tentando entender a piada, mas ele não explicou a razão de ter sorrido com ansiedade.
- O que levar de roupa?
- Uma porção de *shorts* e de camisetas. Maio, toalha, sandália de tiras. Chapéu de palha se tiver.
- Vai ser quente — afirmou ela.
- Difícil dizer. Pode chover bastante. Não importa. Vai ser mais quente do que aqui. Então, leve roupas para calor.
- Sofia fez que sim com a cabeça. Estava na hora.
- Quando trabalhava para o senhor Markham no *Tony's*, eu falava com ele.
- Alec não tinha ideia do que ela queria dizer e então esperou.
- Era empregada dele.
- Sei.
- Quando precisamos suprimentos, digo guardanapos ou toalhas de mesa, eu falava.
- Alec compreendeu quase imediatamente. — E precisamos de coisas?
- Sim. Crianças têm buracos em algumas roupas, e Craig crescer muito depressa.
- Alec concordou e viu então que ele enrubescia.
- Mais alguma coisa?
- Sofia assentiu sem olhar para ele. Alec entendeu outra vez.
- Eu também preciso?



Sofia concordou outra vez e ficou de pé. — Precisa. Devo cuidar da roupa para lavar agora — resmungou ela e correu para a lavanderia como se suas calças estivessem pegando fogo. Alec apenas sorriu, um sorriso de amor e ternura. Poderia perfeitamente imaginar como ficaria embaraçado se tivesse de dizer a Sofia que ela precisava comprar novas roupas de baixo. Algum dia, se o Senhor permitisse, teriam um relacionamento em que essas coisas entre eles seriam normais e agradáveis. Por enquanto, porém, não era assim.

Os pensamentos de Alec o levaram, então, a imaginar que Sofia também devia ter suas necessidades. Sabia que essa era uma área da qual não poderia tratar sem deixá-la tremendamente constrangida. De repente lembrou-se de Rita: *ela é quem pode ajudar*. Alec decidiu que iria fazer compras com Craig, e pediria a Sofia que fizesse o mesmo com as meninas. Quando elas fossem, daria algum dinheiro a mais para Rita usar com Sofia. Ficou imaginando as várias maneiras de fazer isso. Quando finalmente se levantou, estava certo de que seu plano era perfeitamente seguro.



Quatro dias mais tarde, o plano foi posto em prática. Mas Alec provou que o que tinha planejado não dera certo. Era sábado, e Rita e Tory haviam voltado de um dia de *shopping* com Sofia. As duas vibravam com o sucesso das suas compras, mas Rita balançou negativamente a cabeça com relação a Sofia.

— Ela não fez compras? — indagou ele.

— Comprou, sim —, disse Rita quando estavam sós. — Para Craig, para Tory e até para mim, mas não para ela. Não quis gastar nada do dinheiro que você me deu para usar com ela. O que gastou foi conosco. Ficou dizendo: "O seu pai é bondoso por me incluir nessa viagem. Não precisa comprar também roupas. Vai começar a pensar que sou mais um peso do que uma ajuda". Sinto muito, pai.

— Não, Rita, não é sua culpa. Vou ter de cuidar disso.

Rita ficou intrigada. — O que vai fazer?

Alec percebeu logo o brilho romântico nos olhos da filha.

— Provavelmente, vou levá-la para fazer compras.

— Oh, papai, ela vai morrer — objetou Rita. Um brilho travesso surgiu nos seus olhos. — Pensando bem, ela não vai. Vai se recusar a ir.



As sobrancelhas de Alec se levantaram, e Rita percebeu que o tinha desafiado. Sabia que não estaria por perto quando o pai falasse com Sofia, mas daria tudo para assistir à cena.



Na manhã de segunda-feira, Sofia estava atacando o chão da cozinha quando Alec chegou. Ela pusera um CD no aparelho de som e não escutou até que ele abriu deliberadamente a porta da cozinha outra vez, batendo-a com força, para avisá-la que estava ali. Sofia estava ajoelhada, e levantou os olhos para Alec, que estava junto do balcão.

— O chão está seco aqui. Não tem perigo — disse ela, mas ele não se moveu.

— Em quanto tempo você fica pronta para ir ao *shopping*?

Sofia pareceu surpresa, mas disse que em quinze minutos.

— Ótimo. Vou estar no escritório. Avise quando estiver pronta. — Com isso atravessou a cozinha e saiu. Sofia ficou olhando para as costas dele por um momento antes de levantar-se. Era estranho, mas estava acostumada a obedecer ordens sem fazer perguntas.

Vinte minutos se passaram antes que a governanta surgisse na porta do escritório de Alec. Durante todo esse tempo, ele estivera em oração. Queria desesperadamente ajudar essa mulher que Deus colocara na sua casa. Entretanto, não queria pressioná-la. Se fosse preciso, porém, ele exerceria pressão sobre Sofia. Com uma súplica final por sabedoria, Alec levantou-se da mesa, e Sofia o seguiu até a caminhonete. Sofia permaneceu calada enquanto rodavam alguns quarteirões.

— Vamos fazer compras?

— Sim. Preciso de você para comprar algumas coisas.

Sofia assentiu, e Alec perguntou-se qual seria a melhor hora para dizer a Sofia para quem eram as compras que fariam. Encontraram uma vaga bem perto da porta. Já tinham caminhado metade do *shopping*, quando Alec lembrou-se de que já deveria ter falado com Sofia sobre fazer as compras para ela.

— No sábado, dei algum dinheiro a mais para Rita, mas ela me disse que você não quis comprar nada para você mesma.

— Não — Sofia respondeu, sentindo-se subitamente muito mal por ter recusado a generosidade dele.



— Não precisava de nada?

Sofia não respondeu, e Alec parou. Ela também parou e olhou para ele. Sofia era mais alta do que a média das mulheres. Tinha quase 1,70m de altura. Mas diante de Alec, com 1.90m, ela precisava levantar a cabeça para olhar de frente para o rosto dele.

— Sofia —, perguntou ele diretamente — você precisa de alguma coisa?

— Talvez, mas...

Ela não pôde terminar. Alec tomou-a pelo braço e entraram na grande loja de departamentos em que haviam parado. Depois de alguns passos, Alec retirou a mão do braço de Sofia, mas ela permaneceu ao seu lado. Ela colaborava com ele em todos os lances, até que Alec atravessou a loja, detendo-se decididamente na seção de *lingerie*. Os olhos de Sofia se arregalaram. Ela deu meia-volta, tentando fugir. No entanto, a mão de Alec no seu braço fez com que retornasse. Sofia ficou ali, imóvel, com os braços caídos, os olhos fixos à sua frente, pensando que ia morrer.

— Você vai começar neste departamento — disse Alec suavemente, abaixando-se para falar ao ouvido dela. — Vou dar uma volta e venho mais tarde. Compre o que precisar.

A cabeça de Sofia balançava em resposta negativa. Alec, então, aproximou-se.

— Você precisa de coisas e vamos começar nesta seção. Aqui está algum dinheiro — ele comprimiu as notas na palma da mão dela e fechou os seus dedos ao redor delas. — Quero que compre o que precisar e vou deixá-la fazer isso sozinha, se prometer que *vai* cuidar disso.

Sofia não conseguia falar. Sentia-se morrer, e as palavras não saíam.

— Compreendeu o que quero, Sofia?

Silêncio.

— Responda, Sofia. — Quando deveria mostrar impaciência, a sua voz transformou-se em carícia, e ela finalmente o fitou.

— Entende o que quero que faça? — perguntou outra vez, com ternura nos olhos.

— Sim — sussurrou ela.

— Ótimo. Volto daqui a pouco, e se não a encontrar, quer dizer que ainda está ocupada aqui. Quando terminar, vá para aquele banco da frente e me espere.

Sofia fez um esforço para assentir e Alec saiu. Por alguns minutos, não conseguiu mover-se. Os seus lábios estavam secos e a cabeça doía com a pressão de manter o corpo tão rígido. Começou a raciocinar consigo mesma em silêncio e, depois de alguns minutos, acalmou-se completamente.

Ele tornou você parte da família, Sofia. Como queria que agisse? É evidente que a considera uma filha. Sorri docemente para você como faz com os filhos, e isso porque se importa e pensa em você como um membro precioso da família.



O pequeno discurso particular de Sofia teve efeito. Sentiu alívio e, depois de alguns minutos, entrou na seção. *Precisava* realmente de alguma roupa de baixo... uma combinação e algumas calcinhas. A sua camisola também era velha.

Alec, que ficara do outro lado para vigiá-la à distância, sorriu ao ver que ela se dirigira às prateleiras. Desconfiava que Sofia tentasse escapar, e não queria perdê-la de vista. Sentiu-se, então, livre para visitar o departamento masculino.

— Está bem. Penso que agora a única coisa que falta são sapatos. Andamos muito na Flórida, e você precisa de sapatos bons para caminhar.

Sofia aprendera a assentir, apenas. Estavam cobertos de embrulhos, e ela se encontrava quase em estado de choque. Tinha *tops*, calças, *shorts*, vestidos de verão, duas saias, um suéter leve, meias, uma camisola, calcinhas, uma combinação, uma bolsa, e agora iam comprar sapatos. Ele parecia obcecado. Agarrando roupas da prateleira, encaminhava Sofia ao provador para experimentá-las. Ela pensara que ia comprar um ou dois conjuntos. Jamais passara por algo assim em toda a sua vida. Não tinha ideia de quanto tempo levaria para pagar tudo.

Os sapatos foram encontrados. Eram de couro branco e muito confortáveis. De posse dos calçados e de mais uma bolsa, Alec sugeriu que fossem comer. Sofia achava que não poderia engolir nada. Ao entrarem na praça de alimentação, encontraram uma mesa para quatro, empilharam os pacotes nas duas cadeiras vazias e sentaram-se, um na frente do outro. Alec tinha procurado ignorar a tensão no rosto de Sofia, mas estava na hora de ela falar.

— Preciso saber total, senhor Riley, para pagar dívida.

Essa era a última coisa que Alec esperava e tudo que planejara dizer fugiu da sua mente. Em vez disso, tentou explicar-se diante de Sofia. Ele ainda não a conhecia muito bem, mas com o tempo, viria a entender que era a melhor coisa a ser feita.

— Deve fazer cerca de quatro ou cinco anos que Davi Ring e eu frequentamos um seminário juntos.

Sofia não sabia o que isso tinha a ver com as roupas, mas permaneceu em silêncio, com os olhos pregados no homem à sua frente.

— Foi uma reunião de fim de semana em Rockford, Illinois e aproveitamos muito. Os oradores eram bons e Davi e eu éramos amigos íntimos: ficamos juntos no mesmo quarto e rimos bastante. Lembro-me bem de um dos oradores. Era um autor popular na área financeira e ele nos mostrou alguns cálculos sobre quanto custaria empregar alguém para fazer o que a nossa esposa faz todos os dias. Cozinhar, limpar, lavar, cuidar dos filhos... tudo em que se possa pensar ele calculou. E os seus cálculos eram baixos. Afirmou, também, que provavelmente custaria muito mais do que pensara. Mesmo assim, Davi e eu ficamos chocados ao descobrir como não havíamos dado valor ao trabalho de Janete e de Vanessa.

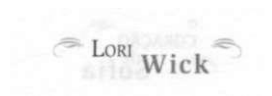
Alec continuou a recordar; — Esse orador insistiu para que fizéssemos um seguro de vida para a nossa esposa. Depois de conversar a respeito, Davi e eu concordamos. Davi precisava atualizar o seu seguro, e ambos adquirimos seguros bastante substanciais para Janete e Vanessa.

Sofia ouvia interessada o que Alec falava:

— Tenho de ser sincero com você, Sofia, e admitir que, ao tomar essa atitude, pensei que ela estaria ao meu lado até envelhecermos juntos, mas isso não aconteceu. Acho que homem nenhum planeja perder a mulher antes dos cinquenta ou sessenta anos, muito menos aos quarenta, mas foi o que houve. E ali estava eu, com três filhos para cuidar, ao mesmo tempo que tentava dirigir um negócio.

Alec continuava a falar com sinceridade:

— Admito também que, a primeira coisa que disse a Janete quando ela me telefonou falando sobre você, foi que não sabia como poderia pagá-la. Minha irmã me fez lembrar do pecúlio de Vanessa. Eu havia recebido o cheque, depositara no banco e esquecera completamente o assunto. Você



então entrou em cena e eu, sinceramente, achava que não ia dar certo. Quero dizer, você foi a primeira pessoa que entrevistamos e me parecia uma tarefa grande demais. Entretanto, tudo se entrosou tão bem que nem percebi quando o mês de experiência passou.

E Alec continuava nas suas declarações para Sofia:

- Não quero que você me pague pelas roupas, Sofia. Eu recusaria qualquer dinheiro que tentasse dar-me. Você veio até nós justamente na ocasião em que mais necessitávamos, e não posso pôr preço no significado disso. O salário que ofereci quando aceitou o trabalho não cobria tudo o que você faz. Esse era o preço para as mulheres que entram às 8h da manhã e saem às cinco da tarde, tirando também uma hora de almoço. Nunca pretendi que trabalhasse aos sábados, mas você está sempre lá nesses dias. Peço desculpas por isso. Você nunca tratou o trabalho como um emprego, mas como uma missão maravilhosa de conforto e de cuidado. É isso que nos tem dado. Não conheço ninguém que estivesse disposto a entrar às 6h30 da manhã e ficar até depois do jantar, e algumas vezes até a noite.
- Mas eu não me importo — Sofia tentou interromper.
- Entendo isso e não posso dizer-lhe como sou grato, mas não me fale mais de reembolsar o dinheiro. Você faz parte da família agora, e vou tratá-la como tal. Vou pagar pelas coisas na Flórida, refeições e tudo mais, e não quero que fique a toda hora pegando a bolsa. Se eu não pudesse pagar eu lhe diria. Entendidos?

Sofia olhou para ele por um momento e depois assentiu. Alec estendeu a mão nesse ponto e tocou ternamente a ponta do seu nariz. Depois, sorriu gentilmente para ela, fitando-a nos olhos, e foi pedir o almoço.

A praça de alimentação estava repleta, mas Sofia não conseguia ver ninguém senão seu patrão. As crianças sabiam que o pai delas era um homem especial? Percebiam como ele trabalhava duro e os esforços que fazia por causa delas? Sofia franziu um pouco a testa. Em sua opinião, ele ainda ficava muitas horas trabalhando, mas sabia que estava se esforçando para permanecer mais tempo em casa.

Enquanto o esperava, lembrou de certa manhã, depois da alta do hospital, quando ficaram a sós em casa de Gladys, e Alec compartilhara com ela o que lera na Bíblia naquele dia e como as palavras haviam tocado o seu coração. Sofia sabia que ele não fazia devocionais com a família, mas isso talvez acontecesse



algum dia. Alec não era um pai perfeito; Sofia, porém, o admirava mais do que a qualquer outro homem que conhecia.

Ela contou ao Senhor o que ia no seu coração e ainda orava pelo senhor Riley e pelos seus filhos quando ele voltou. Estava tão preocupada com os seus pensamentos que não pensou em perguntar como ele sabia o que ela desejava comer. Tory mencionara de passagem, certo dia, que Sofia gostava de comer burritos na praça de alimentação. Qualquer outra pessoa talvez não prestasse a mínima atenção a isso. Entretanto, no que se referia a Sofia, Alec não perdia nada.

NO DIA 6 DE ABRIL DE 1990, com Sofia a reboque, os Rileys saíram de Wisconsim em meio a uma nevasca. Por causa do tempo, Alec fora buscar os filhos na escola mais cedo, mas a neve caindo ao redor deles era, na verdade, um espetáculo lindo. Dirigir ficou um pouco difícil. Alec, porém, fez tudo para que parecesse fácil. Rita sentara na frente, Craig no banco do meio, e Sofia e Tory no de trás. Estavam literalmente cercados pela bagagem e a refeição da noite se achava num cesto grande aos pés de Tory.

— Vai peixe-espada? — perguntou Tory a Sofia.

— Vai peixe — respondeu ela demonstrando alegria.

— Vai tubarão? — Sofia indagou de Tory.

— Umm... — Tory resmungou porque teve de entregar um.

— E peixe-anjo?

— Vai peixe. — Foi a vez de Tory demonstrar sua alegria.

Alec, ouvindo a conversa do banco da frente, sentiu um misto de emoções. Seria agradável ter Sofia ao seu lado. Mas se ela estivesse junto dele, não podia olhar no espelho e ver os seus olhos esplêndidos e brilhantes faiscando para a sua filha mais nova.

— Estou com fome — anunciou Craig.

— Você já disse isso — comentou Rita.

— Vamos pelo menos sair deste Estado, Craig — disse o pai de maneira incisiva, e o garoto voltou ao seu livro.

Rita inclinou-se também sobre um livro. Eles iam faltar um dia à escola, e ela precisava fazer um trabalho para entregar no dia seguinte ao da sua volta. Queria esquecer-se dele nos dez dias de folga, assim, queria terminar o trabalho antes que saíssem de Wisconsin.



Rodaram por mais de sete horas naquela tarde e noite. Saíram do Estado de Illinois e dormiram em um hotel pequeno e agradável fora de St. Louis, Missouri. Todos caíram direto na cama, pois sabiam que Alec colocara o despertador para as cinco horas.

Já estavam na estrada às 5h30 do dia seguinte, e planejavam parar para comer quando todos estivessem bem acordados. Aquele fora um dos dias mais longos da vida de Sofia. Ter sentado no banco da frente ajudou um pouco, mas quando chegaram a Montgomery, Alabama, cerca de doze horas mais tarde, Sofia não queria saber mais da van dos Rileys. Naquela noite, durante o jantar, estava como que amortecida.

— Você está bem, Sofia? — Rita quis saber.

Ela respondeu, mas não tirou os olhos do saleiro, que quase não enxergava. — Eu poderia estar em Praga agora, dormindo na minha cama.

Todos riram.

— Não sinto o meu traseiro — continuou ela e até Alec pôs a mão na boca. — Estou cansada da cor da sua van. Sempre gostei de azul — disse ela com ar triste enquanto sacudia a cabeça. — Não gosto mais. E cor feia.

Os quatro companheiros de Sofia também estavam agora perdendo a batalha contra o sono e o cansaço. Havia colocado o rosto nas mãos ou apoiado sobre os braços na mesa, mas ela sabia muito bem o que estava fazendo com eles e não deixou por menos.

— E a estrada — ela quase cantava agora — não acaba. Não posso ver as coisas porque temos de chegar à Flórida. Acho que tudo é inventado, que a Flórida não existe. Vimos Illinois, Tennessee e até Alabama, mas a Flórida é só um sonho.

— Estão prontos para fazer o pedido? — Uma garçonete sorridente aproximou-se da mesa.

— Sinto muito —, respondeu Sofia com ar de ingenuidade — mas não estamos prontos. Todos estão *muito* cansados.

Os olhos de Alec se encheram de lágrimas, e ele sacudiu a cabeça enquanto pegava o cardápio. Era verdade. Sentiam-se tão cansados que mal conseguiam raciocinar. Alec agradeceu à garçonete e disse que precisavam de mais alguns minutos. Sofia olhou para ele com inocência fingida por um instante, antes de voltar os olhos para o seu cardápio.

Por sorte, a comida era excelente. Depois de comerem, todos resolveram andar um pouco. Não foi um passeio longo, mas removeu as dores do corpo



deles e novamente dormiram profundamente no hotel. No dia seguinte, estariam em Naples.



- Nunca vi você assim, Kay — comentou Ben Riley enquanto a observava caminhando de lá para cá na frente da janela grande da sala de estar.
- Alec nunca veio desse jeito antes.
- Você talvez esteja pensando que há mais nessa história do que realmente existe.

A mãe de Alec voltou-se para o marido. — Oh, Ben, se você tivesse ouvido a voz dele!... Está gostando dessa mulher. Tenho certeza.

Ben balançou a cabeça, mas não porque discordasse. Esperava sinceramente que Alec tivesse encontrado alguém que pudesse amar, mas não queria alimentar esperanças nem fazer nada que pudesse deixar aquela jovem desconfiada.

- Você não acredita em mim, não é?
- Não se trata disso, Kay, mas pense um pouco. Se estivermos *atentos* a algum sinal, então, no momento em que Sofia chegar, vamos deixá-la embarçada.
- As sobranceiras de Kay se levantaram. — Acho que tem razão. Só não estou certa de que vou ser capaz de evitar olhá-la com curiosidade.
- Para o bem de Alec, assim como o de Sofia, por favor, tente.
- Kay olhou novamente pela janela. — Eles chegaram. Vou fazer então o meu melhor.



- O que está fazendo, Sofia? — Craig perguntou, com um ar sério no rosto.
- Sofia continuou a apalpá-lo dos lados. — Estou procurando outros braços.
- Por quê? — Ele não riu nem sorriu.
- Você está caranguejo e quero então achar outros braços.

Um sorriso relutante surgiu na boca de Craig. Estavam finalmente ali, na entrada da casa dos avós. O rosto dele, franzido nas últimas duas horas, parecia agora tempestuoso. Alec e as meninas haviam seguido até a casa, mas Craig ficara para trás. Sofia permaneceu com ele, mas por razões pessoais.



— O que há de errado, Craig?

Ele parou e ficou olhando para a casa grande de dois andares, antes de responder.

— Não viemos para cá no ano passado. A última vez que estivemos aqui a minha mãe estava conosco.

Sofia já havia calculado isso.

— Você tem de pensar nas boas lembranças, Craig.

Ele a fitou e ela continuou gentilmente.

— Você vai vê-la em toda parte e, se não tiver cuidado, a semana inteira vai ser triste. Procure lembranças que aqueçam o seu coração e que façam com que agradeça o tempo que teve com ela.

Sofia ficou imaginando se conseguira expressar-se corretamente, mas Craig mostrou ter entendido, e ela ficou certa de que fora compreendida. Os dois levantaram os olhos naquele momento e viram Alec vindo na sua direção. Craig começou a subir a rampa e, quando passou pelo pai, trocaram algumas palavras. Alec apertou o ombro de Craig e foi até onde Sofia se encontrava, ao lado da van.

— Talvez devesse descarregar as malas e sacolas — sugeriu ela e começou a afastar-se.

— O que está preocupando você, Sofia? — A pergunta feita por Alec em tom suave fez com que ela parasse. Ela se deteve e olhou para ele.

— Tive mudança de mente. Não certa se devia ter vindo.

— Por quê?

Sentindo-se terrivelmente desconfortável, Sofia virou o rosto, mas conseguiu falar finalmente. — A senhora Frazier não gostou de mim. Não tenho onde ir se a senhora Riley também não gostar.

O coração de Alec doeu ao pensar na maneira com que Sofia tinha sido tratada pela sogra.

— Isso não vai acontecer aqui — disse ele. Ao olhar, porém, para ela, viu que ainda tinha dúvidas.

Vários minutos se passaram antes de Sofia perceber que isso era verdade, mas a sua hesitação teria desaparecido instantaneamente se tivesse levantado os olhos para a casa. Ben e Kay observavam os dois de uma janela e trocaram um sorriso de cumplicidade.



— Sofia —, começou Kay — você tem certeza de que não precisa de nada?

— Não, senhora. É tudo bom.

— Me chame de Kay... todo mundo me chama assim. E o Ben é Ben para todos.

Sofia sorriu e pensou como os pais de Alec haviam provado rapidamente o que ele dissera. Kay se esmerara em fazer com que Sofia se sentisse em casa, e Ben Riley era um doce de pessoa.

O bangalô a que fora levada no fundo da casa era esplêndido. Muito bem mobiliado e com todas as conveniências concebíveis. Sofia desfizera as malas e já recebera um "não" para o seu oferecimento de ajudar na cozinha.

A casa dos Rileys também era linda. Os aposentos eram grandes e arejados, e a mobília, confortável e mostrando sinais de uso. A refeição naquela noite foi deliciosa, mas a viagem já estava cobrando dividendos dos viajantes cansados. Comeram e conversaram um pouco; chegaram a ir até a praia depois de lavar os pratos, mas às 21 horas todos tinham seguido para os quartos a fim de sonhar com a semana na Flórida.

TORY, RITA E SOFIA caminharam até a loja de presentes bem cedo na manhã de segunda-feira. Ficava a uma distância de cerca de três quilômetros, e o sol nos seus braços e pernas desnudos estava uma delícia. As meninas apontaram lugares conhecidos ao longo do caminho e até acenaram para alguns rostos familiares.

— Os seus avós moram aqui há muito tempo?

— Moram — respondeu Rita. — Eles se mudaram para cá quando eu era ainda bem pequena, e nós os visitamos todas as primaveras desde que posso me lembrar.

— Nem todas — interferiu Tory em voz baixa, mas Rita não comentou nada. Sofia não precisava perguntar por saber exatamente ao que Tory estava se referindo.

As três continuavam andando em silêncio, quando um conversível com três rapazes passou. Eles não assobiaram nem fizeram nenhum gesto obsceno, mas o seu interesse nas três era mais do que evidente. Rita, que era com frequência o foco da atenção masculina, não se importou e percebeu também que fora a única a notar os rapazes. Sofia nem sequer olhou na direção deles, e Tory estava observando as gaivotas brigarem por um pouco de alimento. Rita não fez nenhum comentário, mas, por alguma razão, a cena ficou gravada em sua mente.



A loja de lembranças e presentes dos Rileys ficava no *Old Marine Market Place*, em Tin City, e era uma das quarenta lojas ali. Construída com barcos e peças de demolição, a Praça do Mercado era pavimentada com pedras e madeira. A alimentação era excelente. Havia também várias outras lojas de presentes e um agente de viagem. Muitos gracejos eram ouvidos e repetida a pergunta: Se você



já está na Flórida, por que desejaria ir a outro lugar? Era fato, porem, que o lugar estava sempre cheio de gente.

Sofia ficou maravilhada e queria ver tudo, mas Tory insistiu por começarem pela loja dos Rileys. As prateleiras continham curiosidades de todos os tipos, e um canto inteiro fora dedicado aos livros: títulos cristãos e seculares. Sofia perambulou, encantada, pela loja inteira antes de dedicar-se às compras. Escolheu um livro sobre a Flórida, para dar a Gladys, e encontrou uma linda camiseta para a avó. Descobriu também um livro que tinha certeza de que a avó iria gostar, mas por ser escrito em inglês, achou que seria mais uma provação do que um tesouro para Kasmira. Assim, decidiu não comprá-lo.

Ben viu Sofia alguns momentos depois que ela começou a examinar os livros. Aproximou-se no momento em que ela queria saber a respeito de determinado título, e os dois conversaram longamente.

Enquanto isso, Rita, que estava no corredor logo depois dos livros, notou um homem olhando atentamente para alguém ou alguma coisa na seção de livros. Não deu a perceber imediatamente, mas depois de alguns olhares furtivos, compreendeu que ele estava observando Sofia. Poderia ter ficado alarmada, mas sabia que ele morava nas redondezas e era bastante conhecido dos avós.

Enquanto Rita ainda observava, o homem aproximou-se depois que seu avô se afastara. Ele começou a conversar com Sofia na mesma hora. Embora se mostrasse bondosa, a governanta falou com ele da mesma forma que falaria com Craig ou Tory. O homem continuava observando-a atentamente com olhar caloroso, analisando seu rosto. Sofia, porém, não parecia ter percebido os olhares de que fora alvo.

— O que está fazendo, Rita? — Tory chegou sem avisar, e Rita estremeceu.

— Nossa, Tory, você me assustou!

— Desculpe. O que você está fazendo?

Rita enrubesceu e Tory olhou-a, franzindo a testa.

— Nada — a menina mais velha disse finalmente. — Você encontrou alguma coisa para comprar?

— Sim. O que acha desta camiseta? — Tory levantou-a.

— E bonita, mas será que serve?

Tory olhou para a camiseta em suas mãos. — Achei que parecia pequena demais, mas é a única desta cor.



— Vamos perguntar ao vovô.

As garotas saíram dali e Rita perdeu o final da troca de palavras entre Sofia e o admirador. Ele estava fazendo o possível para saber se ela queria sair com ele; mostrava-se sutil demais. Sofia não percebera as suas intenções.

Não que isso importasse. Rita já decidira um curso de ação. Se tivesse visto a conduta ingênua de Sofia, isso só teria fortalecido a sua decisão.



— Ninguém faz com que ela se sinta uma mulher.

Alec estava no quintal dos pais, deitado numa espreguiçadeira. Ele colocou o livro sobre o estômago nu, tirou os óculos escuros e piscou para a filha.

— O que você disse?

— Eu disse — repetiu Rita — que ninguém faz Sofia sentir-se uma mulher. Os homens olham para ela, mas ela não presta atenção a isso. Descobri que ninguém mostrou a Sofia como ela é maravilhosa.

Alec olhou para o rosto determinado da filha e apontou para uma cadeira. Rita se sentou.

— Quando você descobriu tudo isso?

Rita explicou o que vira na loja e na rua.

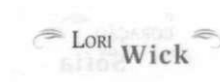
— Você poderia tomá-la nos braços e dar um nela, papai, e ela ainda continuaria no escuro — a voz de Rita parecia mortificada.

— Dar um nela? — perguntou Alec, e Rita riu.

— Você sabe: beijá-la. Acho que é a única maneira de conseguir a sua atenção. Alec sacudiu a cabeça. Ele ainda estava se acostumando a ter esse tipo de conversa com a filha de dezessete anos. Mas Rita estava absolutamente certa.

— Essa é a última coisa que eu faria no momento, Rita; mas estou contente por você ter falado sobre isso. — Sofia, *não* se vê como se ela...

Alec interrompeu a frase com a chegada de Tory e da mulher sobre quem estavam falando. Ele se recuperou o suficiente para perguntar o que elas haviam comprado no porto. Tory levou muito tempo explicando, e Alec percebeu por duas vezes os olhos de Sofia pousados em seu peito desnudo. Quase pegou a



camisa, e teria feito isso se não fosse a conversa que teve com Rita. Essa talvez fosse outra área na qual Sofia precisava mudar de ideia. Ao que tudo indicava, realmente não se via como mulher. E isso também fazia sentido quando se tratava de homens. Para, Sofia, Alec era seu patrão; nada mais.

Alec gostaria muitíssimo de falar com ela naquele instante e, depois, de tomá-la nos braços e beijá-la até que ela não tivesse mais dúvidas. Como até ali, porém, a ocasião não era oportuna. Concentrou então os pensamentos na filha mais nova. Tory tinha esperado por aquela semana desde que Sofia concordara em ir com eles. Ficou imaginando, agora, se teria tanto trabalho quanto se tivesse ficado em casa.



Já se tinham passado alguns dias daquela semana quando houve um jogo de bola na praia. Sofia e Tory ficaram no centro do campo durante grande parte do tempo. A certa altura, Alec errou o arremesso e Sofia finalmente conseguiu agarrar a bola. Tanto Rita quanto Craig tiveram de ir para o meio, e Sofia precisou esforçar-se para ficar na ponta. Alec acabara de ir para o centro quando as coisas começaram a desmoronar.

Sofia viu-se com a bola na mão, mas não havia mais ninguém para apanhá-la. Todos tinham se espalhado, e Sofia percebeu que não teria forças para arremessar a bola para muito longe. Além disso, o senhor Riley estava vindo em sua direção. Sem refletir, Sofia virou-se e correu. As crianças a seguiram e ninguém estava suficientemente perto para ouvi-lo dizer a Kay:

— Acho que a bola não está mais sendo perseguida.

De fato, não estava. Alec movia-se tão depressa quanto suas longas pernas permitiam, e ele a teria perseguido mesmo que Sofia tivesse atirado a bola no chão. Vendo que quase a alcançara, Sofia virou-se rapidamente e começou a suplicar. Colocou para trás a mão que estava com a bola e estendia a outra, tentando enganar seu perseguidor.

— Não a tenho comigo — mentiu. — Ela caiu na praia.

Alec nem sequer ouvira. Para surpresa de Sofia, ele pegou em seu pulso e começou a arrastá-la para a água.

— Você parece meio enalorada, Sofia.



— Não, não estou.

— Venha, Sofia — Alec tentou persuadi-la. — Venha para a água.

— Não posso — respondeu ela, procurando soltar o pulso da mão de Alec. —
Sou feita de açúcar, vou derreter.

Alec riu, mas não a soltou.

— Admito que você é doce, mas acho que não vai derreter.

— Rita, Tory, Craig! Me ajudem — gritou ela para a praia.

Alec apenas riu outra vez e continuou a puxá-la para mais perto das ondas.

Craig foi o primeiro a aproximar-se, mas apenas a empurrou pelas costas, e ela foi mais depressa em direção à água. As meninas então atacaram Craig e, dentro de momentos, os cinco estavam no mar.

Sofia levantou-se rindo e cuspiendo água. Ao ver Craig ao seu lado, ela bateu na cabeça dele com a bola que ainda apertava na mão.

— Nós vencemos — disse a Alec quando ele afastou o cabelo do rosto dela. —
Ainda tenho a bola, e nós então vencemos.

O comentário dela foi um erro. Uma verdadeira luta aconteceu a seguir na água. Antes de Rita pegar a bola e voltar correndo para a praia, Sofia sentiu como se fosse afogar-se.

— Você está bem? — perguntou Alec enquanto a apoiava com o braço até que os pés da moça pudessem tocar a praia arenosa.

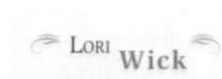
— Sim — ofegou Sofia. — O Craig me pegou de surpresa.

As crianças já tinham ido embora há muito, e os adultos as seguiram mais lentamente. Alec estava de calção e Sofia vestia um *short* e um *top*. Pensou que não ia se molhar, por isso, Sofia sentia-se um tanto contrafeita. Caminharam bem devagar, Alec pensando nas palavras de Rita no início da semana e Sofia pensando em como o tempo correria rápido.

— Vamos logo para casa?

— Sim. No domingo, logo depois do culto.

— Gosto da Páscoa — recordou Sofia. — Eu ia com minha avó à igreja e depois tínhamos jantar de pernil. Era o melhor do ano inteiro. Algumas páscoas falávamos o tempo todo do sacrifício de Cristo. Tudo é tão maravilhoso e surpreendente. — A voz dela era um misto de admiração e reverência.



Alec permaneceu cm silencioso. Estava estudando a Palavra mais do que fazia há anos. Naquele momento, perguntou a si mesmo: *Quando foi a última vez em que senti reverência e assombro pelo que meu Salvador fez por mim?* Isso dava o que pensar!...

— Eu disse coisa errada?

— Não, eu refletia sobre a Páscoa. Amanhã vamos ao culto da Sexta-Feira Santa. E sempre uma ocasião especial.

— A semana inteira foi especial — disse Sofia. — Obrigada por trazer mim, senhor Riley.

— Trazer-me — corrigiu ele — e de nada.

— Sim. Essa é a palavra, trazer-me. Obrigada por isso também. Quero isso falar certo.

— Você fala muito bem, Sofia. Só esquece alguns pronomes.

— Os meus pronomes? O que é isso?

— Quando você disse: "quero isso falar certo". Deveria ser: "quero falar isso certo".

— Quero falar isso certo.

Sofia assentiu com seriedade. Alec não conhecia ninguém tão sedento de conhecimentos. Ele supunha que ela passara a vida inteira com a cabeça enfiada nos livros. Quem sabe essa era a razão de não se ver como mulher?

Alec quase não conseguiu vencer a tentação de pegar na mão de Sofia. Ia fazer isso, quando Rita chamou-o da casa da avó. Alec ouviu o que ela dizia e acenou concordando. Sofia falava alguma coisa, mas ele não a ouviu. Fez o que fazia com mais frequência ultimamente: orava por paciência.

N A NOITE DE SÁBADO, Sofia e os Rileys reuniram-se diante da TV. Havia um programa interessante, e Tory fizera planos o dia inteiro para que todos assistissem. Ficou muito decepcionada quando o *show* foi interrompido para um noticiário especial sobre as mudanças na Europa. Imagens de Mikhail Gorbachev surgiram na tela e, logo depois, Sofia comentou baixinho: — Ele é bondoso com o seu pessoal.

— Seu o quê? — quis saber Tory.

— Seu pessoal, as pessoas que trabalham para ele.

— Como você sabe? — indagou Kay.

— Trabalhei com ele — respondeu Sofia simplesmente. — Era muito amável.

Não concordo com toda a sua política, mas é um homem bom.

Os olhos de Sofia estavam na TV, mas o de todos os outros fitavam Sofia. Levou alguns momentos para que ela notasse os olhares de todos sobre ela, e não entendeu por quê. Os seus olhos viajaram pelos seis rostos que estavam na sala, antes de fixar o olhar no patrão que tinha uma expressão inquiridora.

— Assistimos a essas notícias — disse ele suavemente — sem pensar nessas pessoas como se fossem reais. Estão muito distantes de nós; mas você esteve lá. Esses acontecimentos tocaram a sua vida, e agora está aqui e tocou a nossa vida. Algumas vezes, Sofia —, ele terminou baixinho — ficamos perplexos.

Sofia olhou novamente para a expressão dos que a rodeavam e viu que era verdade. Todos pareciam meio admirados com ela. Gostaria de ter as palavras certas para dizer que não havia necessidade de toda aquela admiração; no íntimo, ela era uma mulher simples. No momento, não pôde dizer nada, pois o programa voltou à tela da TV, e o assunto morreu ali. Entretanto, Sofia não conseguiu prestar atenção ao programa. Seu pensamento e os próprios olhos estavam voltados para o homem para quem trabalhara na Checoslováquia.



No domingo de Páscoa anterior, Sofia não tivera folga. Estava trabalhando no restaurante Tony's. Este ano, entretanto, tinha vestido suas melhores roupas e ia para a igreja com uma família que, praticamente, tornara-se a sua família. Por essa razão, a sua mente concentrava-se em Maria e José, e o que eles deveriam estar sentindo quando testemunharam ou ouviram sobre a morte, sepultamento e ressurreição de Jesus. Ela olhou para os filhos do senhor Riley. Não eram certamente perfeitos, nem seus filhos, mas a presença deles colocou o sacrifício do Filho de Deus sob uma nova luz. Ela tinha certeza de que os três percebiam os seus olhares para eles, mas ninguém comentou nada.

Como eu me sentiria, Senhor, se fosse meu filho que morresse? O que meu coração teria sentido? Teria coragem de continuar? Fico imaginando... O sermão começou nesse ponto, e Sofia o achou maravilhoso. Lágrimas correram pelas suas faces ao ouvir a leitura das Escrituras contando a história do sacrifício de seu Senhor. Ao perceber que os olhos de Tory estavam nela e ao sentir os dedinhos da menina agarrarem os seus, Sofia quase perdeu o controle. Não teve noção do efeito profundo que estava tendo também sobre Rita, que se sentiu subitamente muito perturbada com as lágrimas de Sofia.

Quando foi a última vez, orou Rita, que fiquei tão comovida com o que o Senhor fez por mim? O coração de Sofia é tão terno, e eu não dou o valor devido ao Senhor. Ajude-me a conhecer o prodígio e a beleza do seu sacrifício e a lembrar-me de tudo a que renunciou por mim.

Ela orou assim por algum tempo, e Deus moveu-se no seu coração. Antes do término do culto, Rita também chorava. Ela perdera a mãe, mas a morte de Vanessa fora rápida. Deus fora forçado a ver o seu Filho morrer em agonia e tudo por causa dos seus pecados.

Alec achava-se ao lado de Rita e passou o braço ao redor da filha. Ele não chorou, mas quase. Sentiu terrivelmente a perda de Vanessa naquele momento; mas, como Rita, agradeceu a Deus pela morte dela ter sido rápida. A sua mulher poderia ter sofrido durante meses ou anos como resultado de ferimentos graves, câncer, ou qualquer outra doença física. Deus fora, na verdade, misericordioso. O sofrimento do Pai, ao ver o sacrifício final de seu Filho, Jesus Cristo, era a garantia do lugar em que Vanessa se encontrava agora. E Alec tinha essa certeza.



Um rápido olhar para o rosto de Craig fez com que Alec supusesse que o filho estava tendo os mesmos pensamentos que ele. Parecia pálido e tinha os olhos lacrimejantes e, quando o pai colocou a mão amorosa no seu ombro, o filho lançou-lhe um olhar grato e reteve as lágrimas.

Quando o culto terminou, Kay e Ben foram conversar com as pessoas, mas Sofia e os Rileys ficaram sentados. Sofia sentia que seria capaz de dormir por horas a fio. Tory, com a cabeça encostada no braço do pai, parecia sentir o mesmo.

— Está na hora de irmos embora — comentou Alec, mas ninguém se moveu.

— Temos mesmo de voltar hoje? — Tory quis saber.

— Temos. Mesmo assim, você só vai à escola na quarta-feira.

— Estou pronta para voltar — comentou Rita.

— Está? — Craig pareceu espantado.

— Sim. Quero dizer que foi ótimo estar aqui, mas gosto da nossa casa.

Craig sentia a mesma coisa depois de ter ficado tão ligado a Sofia, e disse concordar com Rita.

— Bem —, Alec disse e se pôs de pé — sua avó disse que teria o jantar de Páscoa preparado quando chegássemos. Vamos indo, então.

Os Rileys saíram, mas Sofia permaneceu no salão de cultos quase vazio. A igreja estava quase vazia. Ela foi até a nave central e olhou para a frente. Era uma igreja linda, c a mensagem e os cânticos tinham dado honra a Deus. A Páscoa estaria quase terminada na Checoslováquia e, com certeza, sua avó tinha ido ao culto. Os olhos de Sofia descansaram finalmente na cruz simples de madeira, colocada na mesa da comunhão.

Estamos unidos no Senhor, Pai. Obrigada por isto. Obrigada por tudo.

Sofia, então, foi subindo, atravessando a nave do templo. Não sabia se voltaria àquele lugar, mas nunca esqueceria aquele culto de Páscoa. Os Rileys naturalmente não sabiam disso, mas era a eles que Sofia devia agradecer aqueles dias. A volta para casa seria demorada. Sofia decidiu que, a cada quilômetro da viagem, ela agradeceria aos Rileys os dias tão agradáveis.



Era maravilhoso chegar em casa. Sofia almoçou com Gladys logo depois da chegada, e as duas falaram sobre as suas viagens. Gladys gostou muito do



presente de Sofia e deu, por sua vez, uma lembrança a ela. Gladys estivera na Califórnia, enquanto Sofia tinha estado na Flórida.

Sofia vestiu a camiseta da Califórnia na frente de Gladys e perguntou — Você viu alguma estrela de cinema, Gladys?

— Claro que não — disse Gladys com urna risada. — Estive em São Francisco, e a maioria dos artistas mora em Hollywood.

— Pensei que estivessem em toda parte. — Sofia mostrou-se decepcionada e Gladys riu outra vez.

— Isso é só boato. Como assisto pouca televisão, acho que não iria mesmo reconhecer ninguém.

Sofia teve de concordar. Ela poderia encontrar a mais famosa estrela de cinema e não saberia quem ela era.

Como geralmente acontecia, o tempo correu rápido para as duas. Parecia terem conversado apenas minutos, quando na realidade fazia horas que estavam juntas em conversa.

— Preciso voltar para casa! — exclamou Sofia quando viu que já eram 15h30. — As crianças vão chegar.

— Elas não têm chave? — perguntou Gladys um tanto surpresa e Sofia fez uma pausa.

— Sou tola — riu de si mesma. — É claro que têm chave. Não preciso entrar em pânico, mas vou embora.

Gladys acompanhou Sofia até a porta e combinaram que se veriam em breve. Sofia andou até em casa, aproveitando o ar agradável e as flores recém-abertas. O ar estava tão perfumado que Sofia não conseguiu andar rápido. Quando entrou, porém, na cozinha dos Rileys, encontrou Tory e Rita esperando por ela. Rita parecia um tanto preocupada, mas Tory estava pálida de medo.

— Tory —, a voz de Sofia era toda preocupação — o que foi?

— Você não estava aqui — respondeu ela chorosa. — Pensei que tivesse ido embora.

— Estava na casa da Gladys, Tory. Sinto muito ter assustado você.

Tory não conseguiu esconder o alívio que sentira ao vê-la. Explodiu em lágrimas e correu escada acima. Sofia olhou para Rita sem saber o que fazer.

— Tentei dizer a ela que você não faria isso... sabe, ir embora sem nos avisar. Mas ela não quis ouvir.



— Vou falar com ela, Rita, sinto muito.

— Você não precisa sentir, Sofia —, disse Rita demonstrando desagrado com Tory.

Sofia não tinha certeza da razão das palavras dela e apenas subiu silenciosamente as escadas. Craig trabalhava no computador. Sofia cumprimentou-o ao passar e seguiu até o quarto da menina.

— Tory, posso entrar?

— Sim — veio a resposta abafada e Sofia entrou calmamente. Tory estava sentada na beira da cama, de costas para Sofia, que se acomodou bem de leve do outro lado. Ela ouviu várias fungadelas e um soluço reprimido, mas não tocou na menina.

— O que aconteceu, minha Tory ?

O tom de ternura foi demais para ela. Tory escondeu o rosto nas mãos e soluçou. Sofia deu a volta, e Tory chorou nos seus braços.

— Está tudo bem, Tory. Não chore mais.

— Pensei que tinha ido embora — soluçou. — Pensei que tinha partido para sempre.

— Não, não. Só fui na Gladys. Você sabe, a senhora Nickelberry.

— Rita ficou tão brava comigo!...

— Tudo em ordem agora, Tory.

Sofia não tinha certeza do que estava acontecendo, mas, naquele momento, só queria acalmar Tory. Isso aconteceu devagar e, quando a garota levantou finalmente a cabeça, deu um sorriso pálido para Sofia.

— Como foi a escola hoje? — perguntou Sofia, esperando evitar mais lágrimas.

— Bem. Estou fazendo um relatório de história. Sabe sobre que país?

— América?

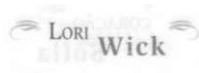
— Não.

— Canadá?

— Não. Checoslováquia.

— Checoslováquia? Que maravilha! — disse Sofia entusiasmada.

— Já arranjei boas ilustrações. A mãe de Crystal sempre recebe calendários lindos, com figuras de todas as partes do mundo e ela me deu estas duas — e Tory mostrou as duas fotos lustrosas.



— Oh! — Sofia exclamou encantada. — Esta é de Krumau. Estive lá muitas vezes. — Sofia pegou a outra foto e ficou imóvel, mordendo o lábio para dominar as emoções.

— O que foi, Sofia? — indagou Tory, mas Sofia não respondeu imediatamente.

— E a minha cidade — respondeu afinal, parecendo distante...

— Você morava aí?

— Sim. Não é uma cidade linda?

Tory olhou a foto por um momento e, depois, fitou o perfil de Sofia.

— Tem saudades dela? — perguntou a menina enquanto estudava cuidadosamente o rosto de Sofia.

— Tenho sim, Tory. Mas sinto mais falta de minha avó. Tentei trazê-la, mas ela não quer. Diz que a América é muito longe.

— Vai voltar para lá? — Tory conseguiu evitar o tom de medo em sua voz.

— Não, Tory. Quem sabe um dia, mas não agora.

Sofia continuava estudando a bonita foto de Praga e percebeu então o ar de completo alívio no rosto de Tory.



— Não saia, Tory — Rita disse à irmã quando esta se preparou para deixar a mesa.

— Quero que conte ao papai o que aconteceu hoje.

Tory fez cara feia para ela, mas Rita só franziu a testa em resposta.

— Você não manda em mim, Rita.

— Não me importo. Você vai contar ao papai ou eu conto.

— O que está havendo? — Alec ouvira o suficiente.

Tory ficou teimosamente calada, com os braços cruzados no peito. Rita deu um suspiro e começou.

— Sofia não estava aqui quando chegamos hoje, e Tory teve um ataque.

— Não tive!

— Teve, sim. Ela perdeu totalmente o controle e fez Sofia sentir-se terrível. Tentei falar com ela, pai, mas não quis ouvir. Quero dizer, Sofia tem a vida



dela, e Tory não precisa entrar em pane quando Sofia não assina o ponto e nos conta todos os seus movimentos.

Craig fora à casa de um amigo e Sofia precisara da van para fazer compras. Alec sabia, então, por que Rita se sentia livre para falar.

— Foi isso mesmo, Tory?

Tory fechou a cara para Rita. — Só pensei que ela tivesse ido embora.

— Espero que isso nunca aconteça —, interrompeu Rita — mas Sofia tem direito à própria vida.

— Está bem, Rita — Alec falou em tom baixo —, compreendo o que disse.

Rita viu que aquele era o sinal para que ela saísse, e não fez nenhum comentário. Ela deveria lavar os pratos naquela hora, mas como o pai e a irmã estavam na cozinha, decidiu ver o que havia para assistir na TV.

— Você não acha que extrapolou, Tory? — perguntou Alec no momento em que ficaram a sós.

— Não como Rita disse.

— Que tal se você me contasse o que acha que aconteceu?

Tory não deu resposta e nem sequer olhou para o pai, e Alec soube que Rita dissera a verdade.

— Venha aqui, Tory.

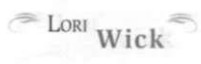
Alec esperou até que a filha estivesse em seu colo antes de continuar.

— Rita está certa sobre Sofia ter uma vida pessoal. Da mesma forma que você, não quero que ela vá embora, mas não podemos esperar que esteja aqui constantemente. Você sabe, ela trabalha muito e merece algum tempo de folga. Sei que a ideia dela partir perturba você. Temos, porém, de confiar em Deus nesse assunto. Se Sofia nos deixasse, Deus mandaria outra pessoa para cuidar de nós.

— Não quero outra pessoa — Tory respondeu chorosa.

Eu também não, disse Alec consigo mesmo, mas no que se referia a Sofia, ele havia recentemente entregado todo o seu coração a Deus, e agora deveria ajudar a filha a fazer o mesmo.

— Deus compreenderia as nossas lágrimas, Tory, se Sofia nos deixasse e chorássemos, como fez com a mamãe. Devemos, entretanto, crer que ele nunca vai nos abandonar e que ele é quem realmente importa.



- Mesmo assim, não quero que ela vá — Alec tentou concluir o assunto.
- Não parece que vai fazer isso. Quero dizer, não precisamos nos preocupar com isso neste momento. Você não deve, porém, ficar tão preocupada quando ela não estiver em casa.
- Entendo.
- Se chegar o dia em que Sofia não trabalhe mais aqui, você terá de confiar que Deus ainda vai cuidar de nós.

Tory pareceu devastada com a ideia, e Alec suspirou. Como poderia fazê-la entender que, se não fosse por Deus, nunca teriam podido superar as suas circunstâncias? Ela seria jovem demais ou teimosa demais? Ou quem sabe aquilo era sinal de que estava sofrendo outra vez por ter vivido a circunstância de uma pessoa muito amada sair da sua vida para sempre?

Conversaram por mais dez minutos e, pelas palavras de Tory, Alec viu que ela precisava de tempo. Continuaria a falar com a filha sobre esse assunto nos dias e semanas seguintes, mas tudo indicava que ela tinha mais necessidade das suas orações do que de qualquer outra coisa.

AS AULAS FORAM SUSPENSAS no fim de maio. Os Rileys ficaram radiantes por estar livres durante o verão. Com os planos imediatos de irem para o lago na primeira semana de junho, Sofia teve dificuldade em mantê-los sossegados. Já era tradição na família a ida anual ao lago DuBay com os Fraziers, e eles ansiavam por essa viagem todas as férias. Sofia não iria com eles. Mas seria gostoso de qualquer maneira.

Os avós costumavam alugar uma cabana para eles por duas semanas. Na segunda semana, alugavam a cabana ao lado para que Alec e as crianças passassem aquele tempo com eles. Faziam isso desde que Rita era criança. Jamais teria ocorrido aos filhos não ir, embora Alec preferisse muito mais ficar em casa. Aquele era não só um período do ano de muito trabalho para ele, e agora, a ideia de não ver Sofia durante uma semana inteira era desanimadora. Na véspera da viagem, Alec estava em seu escritório, e os pensamentos corriam céleres em sua mente.

Você está parecendo um adolescente apaixonado, Alec repreendeu a si mesmo, embora sem resultado. Estava apaixonado pela governanta e, naturalmente, desejava estar com ela sempre que possível. Havia dias em que quase não a via, mas isso era melhor do que ficar a quilômetros de distância. Se a viagem fosse com os seus pais, teria convidado Sofia para acompanhá-los sem hesitação. Todavia, com Peg Frazier como anfitriã, isso era impossível.

Partiriam logo que Alec saísse do trabalho na sexta-feira, 1º de junho. Alec achava que teria de voltar rapidamente para casa no meio da semana e, depois, retornar ao lago. A família permaneceria até sábado, dia nove. Com a presença de Sofia, Alec não teria de se preocupar sobre as crianças ficarem sós pelo resto do verão. Pela natureza do trabalho, o período mais difícil do ano para o seu negócio costumava ser o verão. No ano anterior, mesmo que tivesse desejado, não poderia ter ficado em casa. Agora, o seu desejo era estar mais com os seus, mas o trabalho já começava a entrar aos borbotões.

Para onde tinham ido as semanas entre a Páscoa e o verão? Enquanto se encontrava na praia, depois de uma corrida solitária. Alec orava, pedindo a Deus que logo abrisse uma porta para ele e Sofia. Sentira paz no sentido de que Deus faria eventualmente isso; mas, ao que parecia, o tempo de Deus não era o seu, e ele viu que teria de esperar novamente.

Se alguém tivesse pedido a Alec para predizer qual seria a situação no final de maio, ele teria dito que já estaria namorando Sofia. Com toda convicção, diria que, a essa altura, estaria livre para fazê-la sentir-se como uma mulher. Todavia, mesmo agora, não se achava mais perto de nenhum desses alvos, do que estivera em abril.

De fato, algumas semanas depois de terem chegado da Flórida, Sofia tivera um encontro com Brad Marshall. A oportunidade certamente fora do Senhor, já que Alec vira-se forçado a entregar a si mesmo e a Sofia a Deus, de um modo como nunca fizera antes. Não demorou muito para que contasse a Tory o que aprendera: Deus tinha de ser tudo para ele. Não, não queria que Sofia partisse, mas se Deus estivesse ao seu lado, tinha certeza de que conseguiria enfrentar até isso.

— Senhor Riley — a voz de Sofia interrompeu os seus pensamentos. Ele se esquecera que ela estava ali, jogando com Tory, que não queria ficar longe dela.

— Entre, Sofia.

— Não, vou subir para casa, mas queria apenas saber se o senhor precisa de trabalhos extras enquanto estiver viajando.

— Quer dizer, se quero limpeza extra? — Sofia assentiu.

Alec encolheu os ombros. — Você sabe melhor do que ninguém, Sofia. Seria certamente mais fácil com a casa vazia, mas no momento não posso pensar em nada. Fica combinado: se lembrar de alguma coisa, deixo um bilhete para você na cozinha.

— Está bem. Então boa viagem.

— Obrigado, Sofia. — Ele sentiu-se tentado a dizer-lhe que estaria de volta no meio da semana, mas decidiu não falar nada sobre isso.

Despediram-se, e Sofia subiu para o seu apartamento. Alec ficou sentado por algum tempo depois. Orou para que os seus sentimentos mudassem, caso ela não fosse a mulher para ele. Sabia que Deus era capaz de tudo, e com isso se aquietou.

— Todavia —, Alec falou para o escritório vazio — por mais capaz que Deus seja, ele não vai arrumar a sua mala.



Com esse puxão de orelhas animador, Alec subiu a fim de preparar-se para a viagem e depois deitar-se.



Sofia sentiu falta dos Rileys na hora do almoço no dia seguinte. No entanto, ela ficou muito contente ao receber a correspondência que lhe trouxe uma carta da avó e a fez entrar em contato com o mundo lá fora.

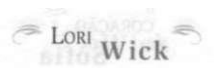
Querida Sofia,

Começo cada carta com "Sinto falta de você" e temo que isso se torne repetitivo, mas é muito verdadeiro. A República Checa parece solitária sem você. Fiz algumas mudanças no seu quarto. Se algum dia vier, espero que goste.

A nossa primavera se transformou num verão ardente e já me sinto cozida. Não estou me queixando, nada disso. É muito melhor do que a neve. Tenho, porém, de deixar o ventilador funcionando a noite inteira. Todos dormem de janela aberta ouvindo o choro de bebês à noite. Quando você era criança, também chorava por causa do calor.

Os Rileys já viajaram para as suas férias? Vai sentir falta deles ou vai fazer uma porção de trabalhos extras? Tenho certeza de que dirá sim para as duas coisas. Algumas vezes em suas cartas, sinto que esta família parece estar engolindo você. Fico imaginando se iria reconhecê-la se a visse na rua. Ou ficou tão norte-americana, ou tanto como uma Riley, que passaria por você sem saber quem era? Sei que vai rir disso, porque parece tão ridículo, mas há alguma verdade em minhas palavras. Você se afastou de mim, Sofia, e isso foi certo e bom. Como a sua *babushka*, porém, vou querer sempre a minha linda menina de cabelos negros, até aquela que chorava no calor.

Os olhos de Sofia se encheram de lágrimas mesmo enquanto sorria. Ela havia certamente mudado, mas achava que para melhor. Era uma tentação pegar papel e lápis e escrever imediatamente para a avó. *Você poderia ver-me*, diria a carta. *Basta vir à América*. Sofia certamente não escreveria isso, embora a tentação fosse grande. Quem sabe ela voltaria para visitar a avó? Tory tinha até perguntado se ia voltar. Sofia ficou cogitando se não devia fazer planos nesse sentido. A avó, evidentemente, não faria a viagem. Sofia voltou à carta.



Gostaria de ver o seu cabelo. Encontrei uma mulher na rua outro dia que parecia com o que você descreveu, mas era loira e então ficou difícil demais imaginar que parecia com você.

Fotografia! Sofia lembrou que nunca enviara fotos para casa. Não tinha uma câmera, mas seria fácil pedir emprestado. Gladys e Brad Marshall possuíam uma. Sofia terminou de ler a carta. Tomara uma decisão. Daria imediatamente um telefonema para Gladys e veria o que era possível fazer. Quando Rita voltasse, pediria que a adolescente tirasse algumas fotos dela. Parte do seu apartamento seria também interessante e talvez uma dos Rileys. Ela sabia que a avó orava por eles diariamente, e por essa razão uma foto seria ótimo.

Sofia levantou-se do degrau da varanda onde se sentara e examinou o resto da correspondência. Ninguém mais lhe escrevia, mas ela sempre verificava. Já se achava na cozinha e quase terminara a pilha de coisas para lavar, dessa vez, estava errada. Havia outra carta para ela, enviada aos cuidados de Alec Riley, mas sem endereço do remetente. Sofia não planejara trabalhar naquele dia; colocou, então, a correspondência numa pilha de envelopes no balcão e saiu. Estava na mesa da sua cozinha quando abriu o envelope. A leitura fez o brilho do sol diminuir naquele dia.

Sofia,

Você vai encontrar em anexo uma lista de coisas que notei precisarem de atenção. Fiquei impressionada com a maneira de cuidar da casa, mas esta é uma boa ocasião de fazer esses trabalhos que podem escorregar tão facilmente. Por conhecer Alec como conheço, estou certa de que ele hesitaria em fazer isso e preparei então uma lista para ele.

Obrigada,

Pcg Frazier

A mão de Sofia estava firme ao pegar a lista. Tremeu um pouco, porém, quando viu que tinha quatro páginas. Começou a ler rapidamente cada item.

- Puxe o refrigerador, limpe a serpentina e o chão por baixo.
- Compre tinta branca e pinte a madeira onde descascou atrás da garagem.
- Lave todas as janelas, por dentro e por fora, inclusive o porão e a garagem.
- Lave todas as telas.

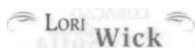


- Limpe completamente a fofalha.
- Encere a mesa e as cadeiras da sala de jantar.
- Tire todo o mato da frente da casa e ao longo das frestas na calçada.
- Limpe a mobília do pátio.
- Lave a parte de fora da casa.
- Pude as plantas do lado norte.
- Limpe a garagem.
- Lave e torne a pendurar todas as cortinas.
- Retire e limpe as luzes no corredor de cima.
- Esfregue o pátio de trás (notei muitas teias de aranha e muita poeira).
- Limpe todos os armários e a despensa.
- Puxe a máquina de lavar e a secadora e limpe atrás e embaixo.

A lista continuou por mais três páginas. Sofia não planejara trabalhar naquele dia, mas teria de começar. Era a única maneira de terminar o serviço. Por um momento, os olhos de Sofia voltaram à carta. *Por conhecer Alec como conheço, estou certa de que ele hesitaria em fazer isso.* Sofia pensou na noite em que perguntara se ele tinha algum trabalho extra. Encolhera os ombros e dissera que deixaria uma lista. Estaria Alec se sentiu sem liberdade para falar com Sofia? A senhora Frazier dissera que ele hesitaria. Sofia não achava que isso era verdade. Recebera, entretanto, uma lista e não ia questionar. Examinou mais uma vez os itens e ficou de pé. Era uma longa relação, mas faria todo o possível. Sentiu-se aliviada com o pensamento até encontrar uma notinha no fim da lista de quatro folhas.

Estou certa de que você vai fazer essas coisas numa semana sem a família para distraí-la. Detestaria ver Alec e as crianças desapontados.

As palavras tiveram um efeito estranho sobre Sofia. Agarrou a lista e desceu as escadas rapidamente com ar de urgência. Uma semana sem a família parecia muito tempo. Agora temia vê-los voltar sem que os trabalhos estivessem terminados.



Alec e Craig saíram de DuBay às 8h30 na manhã de quarta-feira. Alec precisava verificar duas casas antes de ir para a sua. Esperava poder estar de volta à estrada para o lago às dezesseis horas, mas só chegaram em casa às 15h30. Quando chegaram, nada estava como esperavam. Alec sentiu o cheiro de tinta fresca no momento em que desceu da van e, por um momento, só ficou olhando a garagem impecável. Não havia nada fora do lugar. A próxima coisa que notou foi que a sua camionete tinha sido lavada. Ele pensara que Sofia poderia achar alguns trabalhos extras para fazer, mas isto era demais. Por alguma razão, os esforços dela o irritaram.

Quando ele e Craig entraram na cozinha, não a encontraram, mas as coisas estavam em completa desordem. Havia uma lata de tinta embaixo da mesa e baldes, panos de chão e escovas apoiadas na parede.

— Sofia? — Craig chamou, mas não houve resposta. Alec esperou na cozinha com a testa franzida. Craig voltara até ele quando ouviram o barulho... um som como se algo estivesse sendo raspado e, depois, um baque. Sem fazer nenhum comentário, Alec foi ao quintal, com Craig em seus calcanhares. O que viu quase fez o seu coração gelar. A uma distância de praticamente mais ou menos quatro metros de altura, Sofia se encontrava na maior extensão da escada, lavando as janelas do quarto de Craig. A sua primeira reação foi gritar para que descesse. Mas, se a assustasse, ela poderia cair. Esperou, então, até que notasse que eles estavam ali.

Sofia viu os dois, mas por um momento pensou que estava sonhando acordada. Olhou para baixo e piscou, dizendo bobamente: — Já é sábado?

— Não, é quarta-feira. Por favor, desça.

Sofia terminou a janela que começara e, depois, obedeceu. Alec segurava a escada. Se Sofia o conhecesse bem, teria visto que estava furioso.

— O que você está fazendo? — perguntou ele com uma calma que não sentia.

Sofia piscou para ele. — Lavando as janelas.

Alec só olhou — Venha cá, Sofia.

Sofia o seguiu até a cozinha. Alec puxou as cortinas da janela perto da mesa.

— Se você acha que tem de limpar as janelas, faça isso pelo lado de dentro. Elas são especiais e é fácil limpá-las dos dois lados.



Os olhos de Sofia se arregalaram enquanto ele demonstrava e viu como a limpeza teria sido fácil. O quarto de Craig era quase o último. Limpou quase todos com a escada. Ela deu um risinho nervoso, e Alec virou-se para olhá-la.

— Eu não sabia — procurou explicar, enquanto lutava com as lágrimas. Estava muito cansada e havia ainda duas páginas de serviços que precisava terminar.

— Não se preocupe com isso, Sofia, — disse Craig.

— Você parece exausta — comentou Alec, ainda meio irritado com o que ela se propusera fazer. — Esqueça as janelas, está bem?

Sofia concordou. — Acho melhor. Não limpei as janelas por dentro. Não poderia terminar a lista se continuasse.

— Lista?

— Sim — disse Sofia e começou a afastar-se. Alec tomou-a delicadamente pelo braço. Foi então que se aproximou o bastante para notar o cansaço dela.

— Não deixei uma lista.

— A senhora Frazier fez no seu lugar.

Craig, que ficara em silêncio até aqui, mostrou as páginas com a lista. Sofia nem percebeu. No momento em que Alec a soltou, foi trabalhar no armário do vestíbulo. Havia feito limpeza nele duas semanas antes, mas queria verificar e riscá-lo da lista.

— O que é isso?

— E da vovó.

Alec examinou as páginas. As palavras saltavam diante dele. *Limpe todos os armários... Lave toda a roupa de cama e areje todas as colchas... Limpe a camionete de Alec por dentro e por fora... Limpe a fornalha.* Alec teve de parar.

Ao observar a fisionomia do pai, Craig notou o que Sofia não vira. Alec Riley mal podia conter a sua fúria. Craig queria perguntar ao pai por que a avó Frazier teria feito aquilo, mas sabia que a pergunta não seria uma boa coisa naquele momento.

Alec colocou a lista no balcão e foi procurar Sofia. Ele a encontrou removendo os reposteiros na sala de estar. Estes não eram laváveis, mas a parte transparente interna era, e Sofia resolvera remover tudo para poder tirá-la.

— Sofia — falou Alec ao entrar na sala.

— Sim, senhor Riley, — respondeu Sofia, sem parar de trabalhar e sem sequer olhar para ele. Estava ocupada demais retirando as cortinas. As mãos de Alec, subitamente, se juntaram às dela, mas para espanto de Sofia ele estava repondo os ganchos. Sofia recuou, surpresa, sem dizer nada. Quando Alec terminou, olhou a moça e viu novamente a sua fadiga.

— Quero que vá para o seu apartamento agora e se arrume. Quando estiver pronta, desça e conversaremos.

— Não posso — ela o surpreendeu com essas palavras. Os seus olhos ficaram marejados e prendeu o fôlego. — Preciso fazer lista.

Alec balançou a cabeça. Ele achou ótimo que Peg Frazier não se achasse ali, porque seguramente teria dito algo de que se arrependeria mais tarde.

— Não se preocupe com a lista. Suba e volte quando estiver pronta.

Sofia ainda parecia esgotada e hesitante, mas Alec insistiu com a mão no seu braço. Ele a levou até a porta da cozinha e ficou observando enquanto ela subia as escadas. O seu coração doeu quando viu as escoriações em suas pernas. Ele sabia como aquilo acontecera.

Duas horas depois, ela ainda não havia voltado. Alec estava orando pelo que deveria fazer em seguida, quando alguém bateu na porta. Era a senhora Nickelberry. Alec deu-lhe a chave e perguntou se poderia ver como Sofia estava. Não ficou surpreso ao saber que dormia a sono solto. Alec agradeceu a Gladys, despediu-se dela e pediu calmamente uma pizza para ele e Craig. Telefonou, depois, para o lago, dizendo que não estariam de volta senão no dia seguinte.

SOFIA ACORDOU AOS POUCOS, sentindo-se completamente desorientada. Estava de roupão, deitada em cima das cobertas. Eram 7h15. Lembrou-se de ter deitado depois do banho, cerca das 16h30. Será que tinha dormido por mais de duas horas? Levantou-se, foi até a sala do apartamento e até abriu a porta da frente. Não costumava fazer isso antes de vestir-se, mas ficou satisfeita porque havia um bilhete pregado na porta:

Sofia,

Craig e eu passamos a noite aqui. Vamos voltar ao lago mais tarde hoje.
Desça quando estiver pronta para conversar.

Alec

Sofia leu o bilhete duas vezes e abanou a cabeça. Ela não dormira apenas algumas horas. Dormira mais de doze horas. Não é de admirar que se sentisse tão estranha. Sacudiu outra vez a cabeça e correu para vestir-se, mas enquanto colocava as meias, seu ritmo pareceu diminuir. Percebeu finalmente o que ocorria. Estava sendo resgatada. Lembrou-se da maneira com que as mãos do senhor Riley se juntaram às suas nas cortinas e, depois, que ele mandara que fosse arrumar-se.

Sofia compreendeu, de repente, que ele não estava feliz com a lista de "coisas para fazer" e queria falar com ela. A culpa tomou conta dela quando pensou que eles haviam ficado em Middleton só por sua causa. Entretanto, não havia nada que pudesse fazer agora. Sem se apressar dessa vez, Sofia tomou um novo banho, vestiu *short* azul-marinho, uma blusa branca limpa, tênis e meias brancas. Não eram roupas de trabalho, mas ela sabia, de algum modo, que não ia trabalhar.

Seu palpite deu certo. Conversou com Alec e Craig por algum tempo e descobriu que eles já haviam feito a limpeza. Ela não tinha de ocupar-se de mais

nada da lista. Embora Alec não tivesse dado ordem, ele recomendou que não trabalhasse nos dias seguintes. Já era quinta-feira, e a família voltaria no sábado. Depois disso, o verão estendia-se à frente deles.

Craig e Alec estavam de volta à estrada de DuBay às 9h30, e as únicas instruções que o patrão dera a Sofia foram para que se sentisse de férias.



Alec esperou que os filhos estivessem na cama naquela noite, antes de ir até a cabana de Jim e Peg. Jim atendeu e calmamente convidou-o a entrar; os homens haviam conversado horas antes, e Jim sabia o que esperar. Peg, porém, parecia muito tensa. Ela começara a aparentar desconforto no momento em que Alec e Craig chegaram, mas agora estava a ponto de explodir.

— Temos de conversar — Alec não perdeu tempo. Ele se sentou à mesa e esperou que Peg se acomodasse. Jim juntou-se a eles.

— Quando reformamos a casa, Van queria janelas duplas como as suas.

Peg piscou confusa, mas não disse nada.

— Ela achou que seriam bem mais fáceis de limpar, e tinha razão. Nunca lamentei tê-las instalado. Sofia, entretanto, não sabe a vantagem dessas janelas. Quando Craig e eu chegamos em casa ontem, ela estava a quatro metros de altura em uma de minhas escadas de extensão, lavando os vidros do lado de fora.

Alec sentiu uma leve satisfação ao ver Peg levar a mão à boca, mas Alec estava longe de ter terminado, e continuou a falar:

— Vi que você ficou realmente perturbada ao saber que eu ia voltar para casa ontem, e agora sei a razão. Tenho a certeza de que sabe melhor do que ninguém que não agiu certo. Você não tem o direito de dizer à minha governanta o que deve limpar. Se acha que estou fazendo algo errado, julga justo interferir. Não cabe a você fazer isso, Peg.

— Alguém precisa fazer! — explodiu ela subitamente, e Alec só pôde sacudir a cabeça incrédulo. Estendeu depois as mãos, com as palmas para cima, completamente derrotado.

— Peg, o que estou fazendo que você não aprova?

— É essa mulher!



— Não, não é. Você já se sentia assim *antes* de Sofia chegar.

A boca de Peg se abriu e fechou. Não conseguiu dizer nada. Suas mãos também se fechavam e se abriam. Quando continuou calada, Alec prosseguiu em tom amável:

— Você sempre foi superprotetora, Peg, mas desde a morte de Van tem sido completamente irracional. As crianças e eu estamos melhor agora do que jamais imaginamos, mesmo assim você interfere. Ouvi você dizendo a Rita que tipo de homem deve namorar. Não faça isso. Rita não está saindo com ninguém agora porque não se considera pronta, e acho muito bom. — Alec parou e respirou fundo. Chegou, então, ao ponto-chave do assunto:

— O que aconteceu com a sua fé, Peg? Vanessa me contou que você a levou a Cristo quando era criança. O que houve? A convivência com você tornou-se tão difícil, que não quero que os meus filhos fiquem ao seu lado com medo do que vai dizer ou fazer.

As palavras dele foram demais para Peg. Ela cobriu o rosto com as mãos e soluçou. Não cabia a ele fazer isso, mas Jim não conseguira nada. Como Peg convivia com a sua família de maneira muito direta, ele não poderia ficar sentado em silêncio.

— A minha única filha partiu para sempre — as palavras surdas vieram à tona.

— Não para sempre —, corrigiu Jim — só nesta vida.

— Não acho que isso sirva de consolo — admitiu ela entre soluços e fungadelas, e Jim balançou a cabeça.

— Não podemos, então, ajudá-la, Peg. *Você* é a única que pode confiar em Deus por Vanessa e as crianças. *Você* é a única que pode entregar-se a ele por si mesma.

Já controlada, Peg levantou a cabeça, mas não olhou para nenhum dos dois. Os olhos dela fixaram-se na lareira de pedra escura que cobria uma parede.

— Acho que estou pronta para aquele cruzeiro agora, Jim — disse ela baixinho, depois de vários minutos de silêncio.

Alec olhou para o sogro com olhos indagadores.

— Há anos venho tentando levar Peg comigo a um cruzeiro cristão, mas aquele em que estou interessado começa perto do Natal, e ela não quer ir porque quer ver as crianças.

— Acho que deveria ir — disse Alec a Peg, que estava com o rosto voltado para o lado. Ela se virou para ele.

— Quando veria as crianças?

Alec encolheu os ombros. — Não estou tentando mantê-las longe de você como uma espécie de castigo. Entretanto, a falta de confiança entre nós e nossos conflitos me levam a evitar que meus filhos estejam presentes quando estamos juntos.

Como era ela quem sempre começava as brigas, Peg não teve muito a dizer. Alec não tinha certeza de que a situação teria sido resolvida naquela noite. E quando Peg levantou-se devagar, foi para o quarto e fechou a porta, Alec teve confirmada sua desconfiança.



— Como a vovó está? — perguntou Craig ao pai na manhã seguinte.

Alec sacudiu a cabeça e confessou: — Não sei. Eu a confrontei, mas talvez não tenha compreendido até que ponto a situação poderia ter sido grave.

— Estou com raiva dela.

Alec pôs a mão no ombro do juvenzinho e apelou: — Não deixe de amá-la, Craig. Ela precisa do nosso amor e orações. É difícil saber o que ela está pensando, mas sei que está sofrendo. Só Deus pode consolá-la. Por favor, continue orando.

Craig assentiu e voltou a mover sua vara de pescar. Eles haviam alugado um barco para o último dia e esperavam terminar a última noite com uma peixada. Isso só havia acontecido algumas vezes, mas Alec e Craig nunca perderam a esperança. Quase todos os anos, Jim ia com eles, mas ele aparecera apenas para avisá-los que, daquela vez, não iria com eles.

— Vamos ficar o dia todo amanhã?

— Não sei. Se sua avó parecer contrafeita, será melhor arrumar as malas e sair logo depois do café. Gostaria de ficar até a hora do almoço ou um pouco mais, mas vamos tocar essa de ouvido.

Craig riu subitamente.

— O que é tão engraçado?

— Sofia — respondeu Craig. — Certo dia, ela tentou usar essa expressão e acabou toda enrolada. Começou dizendo: "Vou ter de tocar piano para isso". Tory e eu ficamos olhando para ela, e nada deu certo depois. Sofia começou



a citar todos os instrumentos dos Estados Unidos, até que conseguimos entender o que ela estava querendo dizer. Quando citamos o provérbio, ela perguntou como alguém podia tocar o ouvido. Não tenho certeza de que tenha entendido.

Alec também riu. Ele podia bem imaginar a conversa... não tinha problema nenhum em imaginar Sofia. Ela sempre estava em seus pensamentos. Agora Craig permanecia calado, e Alec sentiu-se livre para deixar seus sentimentos vaguearem. O que ela estaria fazendo agora?



— O ruído é muito grande, minha Sofia. Onde você está?

Sofia sorriu alegremente e respondeu: — Numa cabine telefônica e com várias moedas no bolso. Desse modo, não tenho de pagar o senhor Riley.

— Por que não gosta de fazer isso?

— Ele nunca deixa. Sempre diz que a conta chegou e que irá pagá-la. Tento argumentar com ele, mas não me escuta.

— Ele é certamente bom para você, não é?

— É.

A resposta foi bem curta. Mas Kasmira tinha agudeza de espírito, percebeu logo os sentimentos de Sofia e lançou de pronto outra pergunta:

— Você sente alguma coisa por ele, minha Sofia?

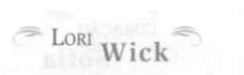
— Não sei — ela respondeu honestamente, em voz suave. — Ele não se parece com nenhum homem que já conheci. — Lágrimas começaram a lhe subir aos olhos, e Sofia não sabia a razão. — Ele corrige o meu inglês, *babushka*. Deveria ouvi-lo. É tão amável e doce e nunca me faz sentir como uma tola. Eu o admiro muito e sofro quando penso nele sozinho.

— Você talvez encha o coração dele, Sofia.

— Oh, *babushka*! — ela estava chorando agora. — Acho que ele ainda ama a mãe de seus filhos.

— Por favor, coloque cinco dólares e oitenta centavos para os próximos cinco minutos — Sofia ouviu a voz da operadora de telefonia.

Sofia fungou e tentou assoar o nariz, ao mesmo tempo que inseria moedas no telefone. A voz da operadora a assustara e fez com que ela deixasse cair algumas



das moedas. Quando viu que as moedas tinham caído dentro do telefone, ela tentou de novo:

— Está ainda aí, *babushka*?

— Estou aqui, querida. Sente-se bem agora?

— Sim.

— Não deixe que nossa conversa seja interrompida. Repita o que me contou.

Sofia deu um suspiro. — Alguns dias não tenho certeza. Tenho sentimentos por ele, mas penso que ainda ama a primeira mulher.

— O que você espera que ele sinta, Sofia?

— O que quer dizer?

— Não há ninguém mais para encher o seu coração e os seus braços. Ele naturalmente sente falta dela.

Sofia ficou alguns momentos em silêncio. — O que está realmente querendo dizer, *babushka*?

— Não vou soletrar para você.

Sofia calou-se outra vez. O que ela não estava entendendo?

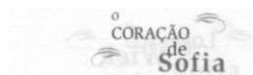
— Como você sabe de tudo isso? — perguntou afinal, só para ouvir a risada da avó.

— Sofia, Sofia, sou velha, mas não sou cega. Li várias vezes as suas cartas e está tudo lá. Você fala dessas crianças com tanto amor! Quando acha que ninguém está olhando, fala também do pai delas. Diz quanto o admira, mas vejo mais que admiração. Diz como ele é bom e como a trata bem, mas vejo mais que gratidão. Se estiver errada, não importa. Mas se estiver certa e você não tiver enfrentado isso, está na hora.

— O que posso fazer?

— Não posso dizer-lhe isso, Sofia. Se estivesse aí, talvez pudesse falar mais sobre isso. Mas não estou, e você deve descobrir isso sozinha. Deus vai mostrar-lhe, Sofia. Ele vai guiar o seu coração, como sempre fez.

Sofia não conseguiu responder. Seus pensamentos estavam num torvelinho. O tempo ia terminar outra vez, e ela se sentia completamente perturbada. Poderia colocar mais dinheiro, mas sentiu que havia um branco em sua mente. Nem sequer perguntara sobre a saúde da avó. Tentou então, mas Kasmira apenas riu.



- Devemos despedir-nos agora, Sofia, e escrever uma para a outra. Você precisa pensar. Posso dizer isso sem sequer ver seu rosto.
- Está bem, *babushka*. Sinto ter falado só de mim.
- E eu estou furiosa como sempre.

Sofia riu. Amava demais a avó. Despediram-se então, mas ambas prometeram escrever naquele mesmo dia e compartilhar todos os seus pensamentos. Sofia recolheu as moedas e voltou para casa. Ela não se apressou nem perdeu tempo, mas, na verdade, sua mente não estava em Middleton, Wisconsin. Achava-se aos pés do Senhor, com a cabeça nos seus joelhos, pedindo consolo e orientação. Andara menos de dois quilômetros quando compreendeu os seus sentimentos. Queria conhecer Alec Riley melhor, isso era certo. Um pensamento, porém, a detinha. Não queria tomar o lugar de Vanessa. Jamais pediria a ele que esquecesse a primeira mulher, mas a ideia de substituí-la para que Alec não sofresse mais era algo que não teria condições de cumprir. Como resolver, então, o problema?

Sofia ajoelhou-se outra vez aos pés de Cristo. Permaneceu ali, mesmo depois de ter voltado para casa, e começou uma carta para a avó.

ERA ÓTIMO VOLTAR PARA CASA depois da semana no lago e, sem perda de tempo, a família Riley preparou-se para o verão. Craig passava grande parte do dia na casa de Rick Bennett. Tory contentava-se em ficar brincando em casa ou falando ao telefone com Crystal. E um jovem chamado Kurt Marx vinha telefonando para Rita. Ela ainda não saíra com o rapaz, mas a família de Kurt era nova na igreja, e ele parecia ter-se interessado pela filha mais velha dos Rileys. Telefonara algumas vezes e até fora vê-la um dia. Era muito simpático, e Sofia ficou impressionada quando viu os dois debatendo sobre algo que haviam aprendido na Escola Dominical.

Rita entrou um dia na cozinha, depois de o rapaz ter telefonado, e a sua expressão era levemente sonhadora.

— Kurt é tão legal!

Sofia apenas sorriu.

— Acho que ele quer me convidar para sair, mas sempre que tenta, eu mudo de assunto.

Sofia parou o que estava fazendo, virou-se para Rita e indagou:

— Por que, Rita? Do que tem medo?

— Acho que não estou com medo, Sofia... não como antes. Descobri, porém, que é tão divertido ir devagar. No começo de cada ano chegam novas alunas e, uma semana depois, elas já estão de mãos dadas com os rapazes mais velhos. Você não pode imaginar o quanto se perde quando se age assim, apressadamente. Perde-se o sabor de conhecerem melhor um ao outro, apenas como amigos. Não quero, de modo nenhum, provocar ninguém, Sofia, e não quero também que me apressem. Sei que não sou normal, mas sinto realmente a paz de Deus nesse aspecto.



— Oh, minha Rita —, disse Sofia e deu-lhe um abraço apertado. — Você pode não ser normal nos dias de hoje, mas está fazendo o que é certo. As outras moças poderiam aprender muito com você.

— Obrigada, Sofia. Você faria o mesmo?

— Acho que sim, Rita. Olhe, não tive experiência.

Rita olhou-a com ar malicioso: — Você provavelmente viraria uma selvagem no primeiro encontro.

Sofia percebeu a brincadeira, abanou a cabeça e concordou: — Tenho certeza que sim. Pularei nos braços dele e beijarei o seu rosto.

— Muito bem... — a voz de Alec veio por trás dela, e Sofia virou-se surpresa.
— O que está havendo?

Rita riu e explicou o gracejo: — Decidi que Sofia vai ficar maluca no seu próximo encontro e beijar o sujeito.

Sofia ficou muito vermelha, mas isso não impediu que a brincadeira continuasse. Rita lançou um enorme sorriso para ela antes de sair, e Alec aproximou-se com os olhos brilhando divertidos.

— Rita só provocando... — gaguejou ela ao voltar-se para ele, com os olhos enormes, ainda mostrando surpresa.

— Não se desculpe, Sofia — disse Alec suavemente e, depois, se inclinou para falar junto ao rosto dela enrubescido: — Tenho inveja desse homem.

Em seguida, Alec saiu da cozinha. Sofia cobriu com as mãos o rosto que ardia. Queria perguntar a si mesma o que ele devia estar pensando, mas estava ocupada demais com os próprios pensamentos... Sofia não encontrava a palavra certa. O olhar dele, no entanto, fora tão caloroso! Quase íntimo...

— Oi, Sofia —, Tory falou antes de entrar — não consigo encontrar a camiseta azul de que gosto. Aquela com... O que foi?

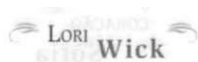
— Nada — respondeu Sofia baixinho.

— Sabe? — continuou ela — Não encontro minha camiseta azul... aquela com os gatinhos e a lã.

— Não estava na roupa por lavar, Tory. Será que não deixou na Crystal?

— E bem possível. Vou telefonar e perguntar.

Ela mal tinha posto a mão no telefone, quando Craig entrou querendo ligar para Rick.



— Ela não vai demorar, Craig — disse Sofia.

— Com quem está falando?

— Com a Crystal.

Craig revirou os olhos e reclamou: — Vai levar anos!...

Sofia não pôde deixar de sorrir. Craig fazia a mesma coisa quando falava com Rick. Em meio a tudo isso, Sofia lembrou-se de um telefonema que recebera para o senhor Riley. A mensagem encontrava-se no bolso do seu *jeans*, e ela foi até o escritório para ver se ele estava lá. Alec ia saindo naquele exato momento, e os dois colidiram. As mãos de Alec rodearam gentilmente a cintura de Sofia e, por apenas um momento, a mão direita da moça pousou no peito dele. As mãos de Alec permaneceram ao redor da cintura de Sofia, mesmo depois de ela ter retirado a mão do peito do patrão. Por um instante, ela esqueceu o que fora fazer ali.

— Você precisa de alguma coisa? — Perguntou ele, apoiado muito à vontade no batente da porta.

— Eu, bem... tenho mensagem telefone.

— De quem?

Sofia deu-lhe o papel e teria se afastado, se Alec não continuasse a olhar para o rosto dela, mesmo depois de ter pegado o papel. Sofia sentiu-se como se tivesse caído numa armadilha.

— Esse rosa claro fica muito bem em você — disse ele referindo-se à blusa dela.

— Obrigada — a voz de Sofia era quase inaudível.

Os dois continuaram se olhando até que Sofia engoliu em seco e disse:

— Tenho trabalho agora.

— Está bem — respondeu ele amavelmente. — Obrigado pela mensagem. — Os olhos de Alec a seguiram até que estivesse fora de vista e, depois, voltou ao escritório e caiu sentado na cadeira.

Rita dissera que Sofia precisava sentir-se feminina. Alec estivera fazendo tudo o que podia, mas até agora só conseguira perturbá-la e embaraçá-la. Mesmo assim, se sentia impelido a prosseguir. Algo notável acontecera no dia em que voltaram do lago. Evidentemente, Sofia tinha ouvido o barulho do carro, e descera para cumprimentá-los. Abraçara as crianças, e Alec notou algo semelhante a ternura quando o olhar de Sofia cruzou com o



seu olhar. Ela não o abraçara nem o tocara de modo nenhum, mas sua expressão permitira que Alec entrevisse muita coisa mais que um olhar. Estava finalmente na hora de cortejar Sofia Velikonja.

Nos dias que se seguiram, Alec esforçou-se para destacar, sempre que possível, a feminilidade de Sofia. Depois das refeições, teve o cuidado de não dizer apenas que a comida estava saborosa, mas comentar o quanto as mãos de Sofia eram graciosas e o quanto seu perfume era agradável. Sua última tentativa fora o comentário sobre a cor da blusa. Como de costume, ela não soube como reagir. Alec procurou não estar atento apenas aos seus sentimentos. Estes, com certeza, o levariam a agir depressa demais. Procurou observar cuidadosamente a reação de Sofia em relação a ele. Mais do que ela podia imaginar, Alec percebeu o seu olhar insistente para ele. Isso lhe trazia grande esperança porque mostrava que ela não era completamente insensível à sua presença. Sabendo disso, Alec sentiu que tinha forças para continuar esperando com grande dose de paciência.

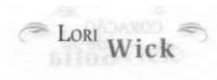
Nesse ponto, em meio às reflexões de Alec, Tory o chamou para jantar. Ele viu, então, que nem sequer olhara para a mensagem que Sofia lhe entregara. Leu-a depressa antes de descer para o jantar. O fato de o recado não ser importante fora uma bênção disfarçada, uma vez que o esqueceu no momento em que entrou na cozinha e viu Sofia. Como sempre, ele achou que ela parecia tão "certa" ali. Soaria, porém, como um clichê se dissesse isso em voz alta, embora fosse verdade.

Ele queria sentar-se e ficar olhando para ela durante horas. Para o bem de Sofia, entretanto, teve o cuidado de reprimir a sua atenção durante o jantar. Sabia, também, que Craig e Tory ignoravam tudo. A refeição inteira foi uma prova de paciência, mas pelo menos o Quatro de Julho estava chegando. Poderiam passar juntos quase o dia inteiro. Com isso em mente, Alec teria condições de segurar os seus sentimentos durante mais algum tempo.



— Tory, por favor, conte outra vez a Sofia sobre a avó em Mazolee.

— Mazomanie — Tory corrigiu e viu Sofia franzir a testa. — Olhe, Sofia, vou escrever. Rita ensinou um jeito fácil de ajudar as pessoas a pronunciarem esse nome.



Tory pegou um papel e escreveu MA-ZO-MA-NIE em letras bem grandes.

— Ma-zo-ma-nie. É um nome indígena, que significa "ferro que anda".

— Ferro que anda — Sofia repetiu.

— Isso mesmo. É a estrada de ferro.

Sofia então entendeu. — E a sua avó morou lá em Mazomanie?

— A avó do meu pai, a minha bisavó. Ela ia à igreja em Black Earth, você sabe, aquela cidade em que fomos à sapataria.

Sofia assentiu com a cabeça.

— Todos os anos a igreja, a Black Earth Congregacional, faz um grande piquenique no Quatro de Julho. Comemos e brincamos e depois há fogos de artifício. É muito divertido. Vamos sempre, embora a minha bisavó tenha morrido há quatro anos.

— Entendo — disse Sofia. Gladys tinha perguntado sobre os planos dela para esse dia, mas àquela altura, os Rileys já a tinham "reclamado" — o senhor Riley, para ser mais exata. Ele avisara que tinham planos para o feriado e perguntara se Sofia iria com eles. Olhara muito ternamente para Sofia, e ela esquecera o que iam fazer. Agora só faltavam dois dias, e finalmente compreendera.

Rita e Tory tinham sido designadas para preparar a comida para o jantar improvisado, e Sofia estaria de folga. Ela se sentia cansada naqueles dias com todas as novas emoções que estava experimentando, e dormir até tarde no meio da semana parecia uma bênção. Mas o que ia fazer em relação ao senhor Riley? Ele tinha sido maravilhoso para ela no passado, e agora... agora era indescritível. Sofia tentara manter as emoções escondidas, mas sabia que não tivera sucesso.

E se ele tiver pena de mim? — perguntou a si mesma e ficou tão abalada que pensou que ia chorar. *Não pode ser!* — disse ela ao Senhor. *Por favor, não deixe que ele tenha piedade de mim. Não permita que eu faça um papelão. Sei que ele acha que sou eficiente, mas talvez não queira uma mulher mais moça. Devo aceitar isso. Minha hahushka disse que eu compreenderia, estou porém ainda no escuro. Por favor. Senhor, ajude-me a saber.*

— O que você está fazendo, Sofia? — a voz de Tory penetrou nos pensamentos angustiados de Sofia. Por um momento, ela não respondeu.

— Você tem andado estranha ultimamente, Sofia!...



— Tenho, Tory? — Sentia-se agoniada com as palavras da menina.

Tory assentiu.

— Sinto muito, vou melhorar.

Tory sorriu como se já tivesse esquecido tudo, e Sofia sentiu-se aliviada quando ela saiu da cozinha. *Se Tory nota isso, o que os outros vão perceber?* — perguntou intimamente. Não houve resposta, e Sofia continuou confusa. Disse a si mesma que iria melhorar, mas não sabia como. De repente, ir ao piquenique e passar o dia inteiro com o senhor Riley não pareceu tão divertido. Sofia perguntou-se como poderia atravessar aquele dia.



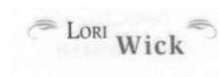
A viagem de 32 quilômetros na direção oeste, atravessando Cross Plains, Black Earth e depois seguindo para Mazomanie, era belíssima. O litoral e as montanhas de um verde luxuriante e as fazendas, com vacas Holstein nos campos, fizeram Sofia sorrir. Cerca de trinta minutos foram necessários para chegar à fazenda dos Barsness, onde fariam o piquenique, e Sofia gostou da recepção calorosa que Alec e os filhos tiveram. Tory lhe contara que só visitavam aquele lugar uma vez por ano. Ficara claro, porém, que eram bem-vindos ao lugar.

Rita apresentou Sofia a Dale e Kate Barsness, proprietários da fazenda, e Sofia disse-lhes, com toda sinceridade, como apreciara a casa deles e as suas terras. Craig colocou a geladeira térmica embaixo de uma árvore e, quando alguém avisou que o jogo de voleibol ia começar, Alec e Craig foram para lá.

As meninas também desapareceram. Sofia andou um pouco, apreciando o riacho e as lindas árvores antes de conversar com várias pessoas diferentes. Quase todos com quem falou conheciam Alec, ou pelo menos tinham ouvido falar dele. E quem não conhecia Alec conhecia Tory. Sofia constatou a razão: Tory conversava com todos os que encontrava e andava por toda a fazenda, distribuindo sorrisos. Ela se aproximou de Sofia, que estava em meio a uma conversa, mas não interrompeu. Quando a mulher com quem Sofia falava se afastou, Tory deu um abraço rápido na governanta.

— Isso foi bom — disse Sofia enquanto a olhava.

Tory pareceu um pouco constrangida e, depois, olhou para o outro lado. — Sabe aqueles romances cristãos que a Rita lê? — perguntou ela à governanta.



— Sei — respondeu Sofia cuidadosamente, sem saber aonde Tory queria chegar.

— Você estava justamente conversando com a autora.

— Uma autora? Vivendo aqui?

Tory fez que sim, alegre por ser a primeira a contar a Sofia. — Rita diz que vou gostar desses livros um dia, mas não sei.

Sofia sorriu ternamente. — Deixe que o tempo passe, minha Tory. Não há pressa.

— Você não teve pressa.

— Não mesmo.

— Você vai casar-se, Sofia? — O pensamento acabara de ocorrer a Tory.

— Não sei, Tory. — A pergunta da menina agitou o coração de Sofia e ela teve de esforçar-se para não olhar na direção da quadra de voleibol.

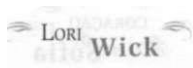
— Espero que não — disse a garota egoisticamente. — Quero que fique conosco.

Sofia decidiu não comentar, mas abraçou Tory, pensando ao mesmo tempo em como gostaria de fazer justamente isso.

QUANDO A NOITE CAIU, um clima de excitação moveu-se em todo o grupo. Sofia ouviu a expressão "fogos de artifício" muitas vezes. Não só as crianças, mas também os adultos se mostravam entusiasmados. Sofia juntou-se ao grupo reunido ao redor da quadra de basquete e ficou observando, enquanto alguém chamado Bob acendia fontes de todos os tamanhos e cores. Exclamações de admiração pareciam ser a ordem da noite, e depois de algum tempo a coisa ficou bastante cômica. O riso não tinha fim, e Sofia também participou, enquanto as brincadeiras e as faíscas corriam juntas. Sofia contentou-se em apreciar com os outros até que olhou para trás, na direção do riacho. Os seus olhos viram algo e a sua atenção desviou-se por algum tempo. De vez em quando, olhava para a exibição de fogos de artifício, mas os seus olhos buscavam por iniciativa própria as margens do córrego. Pouco depois, ficou de pé e dirigiu-se para a água, quase esquecida da multidão que deixara para trás.



Do seu lugar do outro lado do grupo, Alec viu Sofia afastar-se. Não tiveram tempo para ficar juntos como planejara, e o dia tinha passado num turbilhão. Os dois jogaram *softball*, mas em times opostos. A não ser em um curto período em que ela ficara na terceira base, eles não conseguiram conversar durante o jogo. A seguir, na hora da refeição, Sofia terminara ficando numa mesa com Tory e Craig. Não sobrara um lugar para Alec. Houve um período de descanso depois do almoço, mas como não tinham nada a resolver, não se procuraram apenas para jogar conversa fora. Alec sentiu-se desconfortável ao aproximar-se. Agora que ela se afastara do grupo, não queria invadir a sua privacidade. O medo de que talvez ela não estivesse se sentindo bem impeliu-o a continuar.



Sofia já estava um tanto longe, junto ao riacho, quando Alec a encontrou. Ao ouvir que ela suspirava, teve certeza de que o seu temor se confirmara.

— Sofia? — A voz dele era de preocupação.

— Oh, senhor Riley —, ela parecia sem fôlego. — Olhe para eles.

Alec acompanhou os olhos dela e sorriu. A mata que cercava o riacho exibia um espetáculo particular de fogos, enquanto dezenas de vaga-lumes acendiam e apagavam as suas luzes numa sinfonia de cores única.

— Já tinha ouvido falar deles, mas nunca os tinha visto. Não são maravilhosos? Sofia apanhara um com as mãos. Ao deixá-lo ir, acendeu a sua luz, e ela ficou outra vez empolgada.

— Deus é tão maravilhoso por ter feito esses bichinhos! — a voz dela era reverente. — Suponho que os sapos só apreciam o gosto, mas para mim, são maravilhosos aos olhos.

Alec sorriu ternamente no escuro. — Você é boa para mim, Sofia — disse ele baixinho.

— Sou? — Ela o olhou surpresa, só então percebendo como estava escuro e como haviam se distanciado do grupo.

— Sim. Você aprecia coisas que me passam despercebidas, e preciso disso.

— Estou contente — a voz de Sofia baixara também de intensidade. — Quero agradecer, senhor Riley, por me convidar para este dia. Tive bom tempo.

— De nada, Sofia. Estou satisfeito por ter vindo.

Seria tão fácil pegar na mão dela naquele momento, mas a luz iluminou subitamente o rosto de Sofia, e Alec percebeu um vislumbre de incerteza. A escuridão era romântica, mas sem saber se o seu avanço seria bem aceito, decidiu que tinha de esperar.

— Pronta para ir embora? — perguntou.

— Não ainda — admitiu Sofia, e eles trocaram um olhar.

— Fique quanto quiser — disse ele finalmente. — Esperamos por você.

Sofia acenou e viu quando ele foi embora. Ao ficar sozinha, o seu olhar voltou aos vaga-lumes, mas ela não estava realmente vendo a cena. Alguma coisa acontecia, sem que soubesse realmente o quê. Podia enfrentar a rejeição ou a aceitação. O suspense e a falta de definição, porém, eram quase mais do que Sofia podia suportar.



Você vai aguentar, Sofia, disse a si mesma. Neste momento, você faria quase tudo para ficar perto desse homem. Acalme suas expectativas e continue entregando tudo a Deus.



Um grupo cansado, mas satisfeito, voltou a Middleton naquela noite. O dia fora esplêndido, apesar dos pernilongos e do calor. Agora, porém, todos estavam prontos para tomar um banho e dormir. Alec disse a Tory que fosse a primeira a ocupar o banheiro, e Tory pediu a Sofia que ficasse e que a pusesse na cama.

— Está bem — concordou Sofia, e esperou no quarto de Tory, enquanto a menina tomava banho. Ela se sentia cansada, mas também estranhamente alegre. O quarto de Tory, em branco e azul, era confortável, e Sofia começou a relaxar. Quando Tory voltou, estava quase adormecendo.

— Você escova o meu cabelo?

— Escovo — e começou a passar a escova com movimentos relaxantes, longos e lentos. Quando Tory cabeceou várias vezes, Sofia foi procurar uma toalha seca. Colocou-a sobre o travesseiro de Tory e, depois que a menina deitou, cobriu-a cuidadosamente. Os seus olhos já estavam fechados, mas ela agradeceu a Sofia, que a beijara na testa. Sofia ficou de pé e olhou para ela por um momento antes de apagar a luz e fechar a porta.

Passou por Rita no corredor. O cabelo dela estava ainda úmido do chuveiro e ouviu também Craig abrir a água.

— Boa noite, Sofia.

— Boa noite, Rita. Durma bem.

Chegando à cozinha, encontrou o senhor Riley apoiado no balcão, perto da porta, lendo o jornal. Vendo Sofia entrar, ele pôs de lado o jornal que lia e sorriu para ela.

— Está exausta?

— Nem tanto. Foi um dia divertido.

— É verdade. Temos ido para lá há tantos anos que já perdi a conta. Não viajamos no ano passado, e foi gostoso ver todo mundo de novo.

- Tory disse que a sua avó morava em Mazomanie.
- É verdade. A avó Wilson. Ela era maravilhosa, e adorava Vanessa e as crianças. Tínhamos dificuldade em ir vê-la, e Van começou, então, a tradição do Quatro de Julho com ela. Nunca mais deixamos de fazer isso.
- Os dois ficaram em silêncio por algum tempo, e Sofia disse, mostrando pesar:
- Deve ter sido difícil hoje para o senhor.
- Não tão difícil como pensei — afirmou Alec. — Quero dizer, lembro bem dos nossos dias ali, mas vivi novas lembranças hoje.
- Sofia assentiu. — Tory não mencionou a mãe hoje, e faz isso quando pensa nela. Craig também parecia estar se sentindo bem.
- O tempo, Sofia. O tempo realmente faz diferença. Você ouve isso a vida inteira e começa a parecer apenas um clichê, mas é verdade. Além disso, temos o consolo e a graça de Deus. Jamais esqueceremos Vanessa, e a cura tem levado tempo para acontecer, mas seria surpreendente se não nos deixássemos curar ao considerar o cuidado de Deus por nós.
- Sofia concordou. — Todas as crianças parecem bem.
- Sim, estão, e tenho de agradecer a você por isso.
- Sofia sorriu meio constrangida e Alec pigarreou.
- Tenho desejado fazer uma pergunta a você, Sofia —, ele começou. — Você possui certamente habilidades que vão muito além do trabalho de governanta. Acha que perdeu tempo aqui ou que preferia ir embora?
- Oh, não, senhor Riley. Gosto de minhas linguagens, mas gosto ainda mais deste emprego.
- Ótimo! — Alec procurou falar sem grande ênfase. Aquela era uma palavra inadequada de se expressar, mas ele não conseguia revelar seus sentimentos de outra maneira. Sabia que aquele era o momento. Devia convidar Sofia para sair, mas continuou a hesitar.
- Devo ir para casa — disse Sofia com um pequeno sentimento de pesar denotado em sua voz.
- Alec só pôde assentir, mas expressando pena também. Ele se moveu para pegar a maçaneta da porta, mas quando Sofia aproximou-se, titubeou em abri-la. Sofia olhou interrogativamente para a porta e depois para ele. Não conseguia desviar os olhos. Os de Alec estavam cheios de ternura, e Sofia não pôde mover-se, nem



mesmo quando os dedos dele deixaram a maçaneta e Alec, estendendo as mãos, pegou o seu rosto.

Nenhuma palavra foi dita. Alec envolveu as faces de Sofia como se fossem um presente raro e olhou nos olhos dela, tão grandes e belos que não pôde dizer nada. Os lábios de Sofia se abriram, porém ela não conseguiu dizer nada. Essa expressão chamou a atenção de Alec, e ele abaixou a cabeça.

O beijo foi diferente de tudo o que Sofia já experimentara e, por sua iniciativa, os braços dela seguraram os de Alec. Quando ele abaixou as mãos e a rodeou com os braços, Sofia imitou-o, abraçando-o também. Os olhos de Alec estavam fechados, mas os de Sofia continuavam abertos, cheios de admiração pela maneira com que a abraçava e beijava.

— Papai?

Sofia ouviu uma voz suave, antes mesmo que Alec pudesse tê-la ouvido. Ele levou alguns momentos até perceber que Sofia havia andado para trás. Estava ainda junto dele, mas os seus braços o soltaram e sentiu que ela se virava para trás. Naquele momento, Alec viu que Craig estava do outro lado da cozinha, e soltou Sofia. A mão dela fez girar a maçaneta, e a moça saiu em silêncio, sem olhar para qualquer dos dois. O som da porta sendo fechada soou bem alto no cozinha silenciosa, e Alec, por fim, encarou o filho.

— Você estava beijando Sofia — sussurrou ele com os olhos marejados.

— É verdade.

— E a mamãe? — disse ele num soluço. — Esqueceu dela?

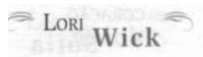
Alec pôs a mão atrás do pescoço e admitiu: — Não sei o que dizer, Craig. Se disser que não esqueci, você vai perguntar como tive coragem, então, de beijar Sofia. Se disser que esqueci, vai dizer como tive coragem de fazer isso. Sinceramente, não sei o que dizer.

Mais do que tudo no mundo, Craig queria sair correndo e se esconder. Ele desejava não ter descido, mas já fugira muito das situações que eram difíceis para ele. Precisava ficar até compreender.

— Você a ama?

— A sua mãe?

Craig balançou a cabeça. — Ama Sofia?



Alec suspirou. Como resolver essa situação?

— Tenho sentimentos fortes em relação a Sofia, Craig, e gostaria de conhecê-la melhor, mas não à custa de vocês. Compreende o que quero dizer?

— Acho que sim. Você quer algo permanente com Sofia?

— Se chegarmos a esse ponto, sim, mas os meus filhos teriam de desejar isso também. Não vou fazer o que quero sem vocês.

Craig não disse nada por um momento. Compreendia, agora, que a situação já existia há algum tempo. Notara que o pai ficava diferente quando Sofia estava por perto, mas não quisera enfrentar a realidade.

— Quando ia nos contar sobre vocês dois?

— Craig, não há nada a dizer.

— O que vi há pouco não era nada?

Alec abanou a cabeça e sussurrou: — Sofia nem sabe como me sinto, Craig.

— E você a beijou? — A voz do filho era praticamente de descrença.

— Sim. Eu provavelmente estraguei tudo.

Craig não esperara aquilo. O seu pai parecia tão solitário e vulnerável que a garganta do menino doeu.

— Você acha que ela não queria ser beijada?

O sorriso de Alec era autodepreciativo. — Não sei, filho, não dei oportunidade a ela para dizer não.

— Mas você está interessado em Sofia há bastante tempo, não é?

— É.

As palavras de novo faltaram a ambos. Alec pôde ver que Craig estava prestes a sair, mas ele não podia deixar que se fosse.

— Está zangado, Craig?

— Não. Só não estou certo de que entendo.

Alec assentiu. Era fácil perceber o motivo.

— Está bem. Conversamos amanhã.

— Certo. Vai estar de folga amanhã?

— Não, mas posso vir almoçar em casa, se você quiser.



— Não. Acho que não vai funcionar com Sofia aqui.

Alec concordou. — Amanhã à noite, então.

— Isso. Com as meninas?

— Acho que está na hora.

Craig fez que sim e deu boa-noite ao pai, mas voltou em seguida.

— Vai subir agora?

— Vou. Só tenho de fechar a casa.

— Eu espero.

Eles subiram juntos a escada e, por um instante, Alec imaginou que Craig o teria esperado para controlá-lo. Essa suposição desapareceu completamente quando, indo ao quarto do filho, Alec e Craig se abraçaram.

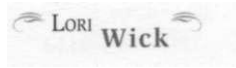
Alec tomou uma chuveirada e se deitou, certo de que Sofia iria invadir os seus pensamentos. Isso não aconteceu de todo. Os filhos vinham sempre à mente, e ele, por fim, desceu da cama, ajoelhando-se para orar por eles. Até aquele momento, não se dera conta de que as coisas haviam mudado para sempre. Quer Sofia fosse embora da sua vida e da vida de seus filhos, nada mais voltaria a ser a mesma coisa.



— *As coisas nunca mais vão ser as mesmas* — orou Sofia em checo para o Senhor, sentada na beirada da cama. — *Vou ter de ir embora, pois acho que não posso suportar, Senhor. Esta se tornou a minha casa. Aconselhei Rita e Tory a não se precipitarem, e eu o beije.* — Agora ela chorava. — *Nem sequer namoramos e eu o beije! Nunca mais poderei olhar no rosto dele.*

Sofia pôs a cabeça no travesseiro e soluçou. Estava cansada, e a tristeza a inundara; se não fosse assim, teria pensado no fato de Alec tê-la também beijado. Na verdade, fora Alec quem começara tudo. A única coisa que sentia no momento era dor, acreditando que, certamente, ele se sentira como que beijando a esposa enquanto a abraçava. Jamais passara por tamanho sofrimento.

Se pelo menos ousasse pensar que estava errada, talvez mudasse o que estava pensando em fazer. Subitamente tomou a decisão: tinha de fugir daquela casa. Substituir Vanessa era mais do que Sofia podia suportar.



Foi demais, Senhor, querer o amor dele para mim? Não posso ficar aqui e fingir. Não posso. Soluçou outra vez no travesseiro, mesmo enquanto decidia colocar algum espaço entre ela e Alec Riley. Não ficaria afastada para sempre, mas pela manhã deveria estar longe dali.

ALEC ENTROU NA COZINHA antes das seis horas na manhã seguinte, mas o bilhete já estava sobre a mesa. Ele o apanhou com mão firme, que não correspondia ao martelar no seu peito.

"Não vou descer hoje. Sofia"

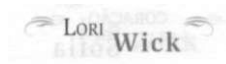
Era direto, embora não dissesse realmente nada. Ela descera na noite passada ou tinha deixado o bilhete antes das seis naquela manhã? Se Alec não tivesse tido medo de acordá-la, teria batido na sua porta na mesma hora para ver se Sofia responderia.

Em vez disso, colocou o bilhete no bolso e deixou outro bilhete para os filhos. Não queria que eles soubessem que a situação saíra dos eixos... pelo menos não por enquanto. Craig, sem dúvida, suspeitaria, mas queria evitar que Tory ficasse perturbada, como se isso fosse possível. O seu bilhete dizia apenas que não esperassem por Sofia e que ele telefonaria antes do almoço para ver como estavam. Além disso, pouco podia fazer.

Subiu na camionete e deu marcha a ré até a rua. Não deu partida, demorando-se para olhar as janelas de Sofia. *Você está aí, Sofia?* O seu coração suplicava. *Por favor, apareça para que eu possa subir e falar-lhe.* As cortinas não se mexeram. Alec esperava sinceramente que ela estivesse dormindo, mas duvidava. Obrigou-se a ir embora sem as respostas que desejava tão desesperadamente, tentando todo o tempo não contar as horas antes de poder ligar para os filhos, na fraca esperança de que ela tivesse feito contato.



Se não estivessem no mês de julho, quando Wisconsin era muito quente e úmido, Sofia jamais teria tido condições de pôr em prática o seu plano naquela manhã. Desde as 5h30, achava-se sentada no quintal de Gladys, com uma maleta de roupas aos seus pés. Insetos zumbiam ao seu redor e até se



aproximavam para picá-la. Entretanto, além de um tapa ocasional, nem sequer os notou.

Ela olhou para o relógio pela centésima vez e viu que finalmente passava das sete horas. Com a mala e a bolsa em uma das mãos, levantou-se mais graciosamente do que se sentia e rodeou a casa até a porta da frente. Não ficou surpresa ao ver que Gladys ainda estava de roupão, mas Sofia sabia que não a acordara.

— Olá, Sofia, você saiu cedo de casa. — A voz dela mostrava surpresa e também prontidão em acolher Sofia.

— E verdade, Gladys. Há algum tempo você disse que eu talvez pudesse usar sua casa no porão. Ainda tem oferta?

O fato de o inglês de Sofia estar confuso mostrou a Gladys mais do que as palavras que pronunciara.

— Claro que sim, Sofia. Entre.

O corpo de Sofia estava rígido ao entrar. Uma vez no vestíbulo da casa de Gladys, ela pensou que se sentiria mais descontraída, mas com a tensão que sentia, seu pescoço começou a doer.

— Você já tomou café, Sofia?

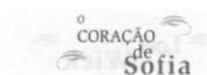
— Não, mas não quero ser peso.

— Eu digo se você for. Por que não desce e se acomoda? Quando voltar, faça umas torradas para você. Não me lembro. Sofia... você gosta de café preto?

— Com creme — disse ela e, por alguma razão, as lágrimas lhe subiram aos olhos. Se alguém gritasse com ela naquele momento, teria levantado o queixo obstinada, mas a ternura de Gladys era demais para suportar.

Gladys não fez comentários. Levou-a até a porta do porão e voltou à cozinha. Pôs-se junto à mesa e orou. O rosto de Sofia estava tão pálido e os seus olhos mostravam que alguma tragédia acontecera. Coisas como morte e incêndio na casa passaram pela cabeça de Gladys, mas colocou-as de lado. O que quer que fosse, era um problema do coração. Gladys só podia supor o que teria acontecido; com certeza, fora algo ligado a Alec Riley. Não poderia haver outra razão para Sofia desejar sair de casa dos Rileys.

Passos na escada lembraram Gladys que ela ainda não tinha movido uma palha para preparar o café. Quando Sofia entrou na cozinha, a amiga ainda fazia os preparativos. Sofia sentou-se à mesa. Não estava acostumada a ser servida, mas subitamente se sentiu trêmula.



— Que quarto você escolheu?

— O do canto, com duas janelas.

— É também o meu favorito.

— Não vai ser por muito tempo. Vou encontrar um lugar.

Gladys voltou-se para olhá-la. — Não se preocupe com isso, Sofia. Você é muito bem-vinda aqui.

Sofia meneou a cabeça sem responder. Gladys preparou um excelente desjejum e manteve a conversa leve. Sofia conseguiu comer, desculpando-se logo depois de terminar. Sentia-se muito cansada, e a cama no seu quarto parecia convidativa. Não conseguiu manter os olhos abertos, enquanto tentava ler a Bíblia, e acabou dormindo até quase meio-dia.



— Alô.

— Oi, Craig —, disse Alec quando o filho atendeu.

— Oi, pai.

— Como vão as coisas?

— Tudo bem. Rita foi ler lá fora, e Tory está escrevendo uma carta ou coisa parecida.

— Está bem. — Alec hesitou e, depois, disse em voz baixa: — Sofia se comunicou?

— Não. — Craig mostrou estar confuso. — Ela deveria ligar?

— Não, eu só esperava.

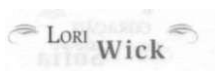
O silêncio reinou entre eles por um momento, e Craig então disse: — Pensei que você tinha falado com ela e que Sofia tivesse decidido tirar o dia de folga.

Alec desejou ter mantido a boca fechada. — Não, Craig. Achei um bilhete na mesa dizendo que ela não desceria. Depois da noite passada, as coisas ficaram difíceis, e eu não queria perturbar ninguém.

— Você não falou com ela, então.

— Não.

— E se aconteceu alguma coisa?



- Pensei nisso, Craig, mas ela deixou um bilhete.
- É verdade.
- Ouça, vou tentar sair cedo para conversarmos à noite. As meninas parecem estar bem?
- Sim. Não disse nada a elas.
- Ótimo. Vejo você à noite.
- Foi tudo minha culpa, não é, pai?
- Por ela ter saído hoje?
- É.
- Não, Craig, não foi você. Eu é que me precipitei.
- Ficaram de novo em silêncio, mas só por um instante.
- Você vai ficar bem?
- Vou — respondeu Craig, agora falando normalmente. — Vejo você depois.
- Está bem.
- Eles se despediram, cada um pensando na conversa daquela noite; isso infelizmente fez a tarde parecer longa. Alec voltou logo depois das dezessete horas, mas sentiu como se houvesse ficado vários dias fora. Rita, que não dera muita atenção à falta de Sofia por acreditar que ela merecia ter vida própria, começou a imaginar se a ausência da governanta poderia ser a razão de o pai parecer preocupado na hora do jantar. Ele nunca deixava de agradecer à filha quando ela cozinhava alguma coisa, mas naquele dia mal notou o que comia.
- O telefone tocou logo depois que levantaram da mesa. Era para Tory. Alec não deu muita atenção ao que estava sendo dito até que Tory o chamou.
- Papai, a Crystal quer que eu vá dormir na casa dela.
- Alec quase não conseguiu esconder a surpresa. — Acho que pode, Tory. Se você também quiser.
- Tory fez que sim, com os olhos brilhando.
- Vá, então — Alec sorriu para ela, pensando como a filha amadurecera.
- Ele deixou, Crystal. Uh-huh. Está bem. Eu levo. Vejo você depois.
- Tory desligou o telefone.
- O pai dela vem me buscar em meia hora, e querem que eu fique o dia inteiro amanhã. — Sua voz mostrava empolgação.



- É melhor arrumar as suas coisas. Eu lavo o seu prato.
- Obrigada, papai — disse ela e saiu correndo. Alec falou quando não se ouviam mais o som dos passos da filha.
- Queria conversar com vocês três esta noite, mas talvez isso seja melhor. Rita olhou para o pai e, depois, para Craig; não era difícil entender.
- Sobre a razão de Sofia não estar aqui hoje?
- Sim. Ajudem-me a arrumar a cozinha e conversaremos quando Tory sair.
- A cozinha foi arrumada quase em silêncio, e um ar de tragédia anunciada reinava no ambiente. Alec não queria que se sentissem desse modo, embora no momento não soubesse como melhorar a situação.
- O senhor Calkins chegou 45 minutos mais tarde, e Alec esperou sinais de Tory ter mudado de ideia. Não viu nenhum. Em seu entusiasmo, ela quase esqueceu de dar-lhe um beijo de despedida antes de correr para o carro dos Calkins sem olhar para trás.
- Esta é a primeira vez, Larry, portanto, não sei o que você pode esperar. O pai de Crystal mostrou plena compreensão. — Crystal garantiu a Tory que ela poderia telefonar para você ou voltar para casa a qualquer hora, mesmo que fosse no meio da noite.
- Obrigado, Larry. Por ter certeza disso, provavelmente ela vai ficar bem. O senhor Calkins despediu-se. Ao entrar, Alec encontrou Rita e Craig esperando por ele na sala de visitas. Era um lugar mais formal do que a sala de estar, e ele ficou um tanto admirado, mas os dois pareciam prontos para o que quer que o pai tivesse a dizer. Alec sentou-se e começou imediatamente.
- Acho que vocês dois sabem que gosto de Sofia já há algum tempo. — Ele esperou até que os filhos assentissem e, depois, prosseguiu.
- Todavia, não senti até recentemente que podia aproximar-me dela. Quando finalmente tomei a decisão, fui precipitado.
- É por isso que ela não está aqui hoje?
- É — respondeu Alec pesaroso, esperando que a filha mais velha não pedisse detalhes.
- Onde ela foi o dia todo?

— Não sei, Rita. Sofia deixou um bilhete que não estaria aqui, mas não disse para onde ia.

— Ou se voltava... — interferiu Craig em voz baixa.

Alec assentiu com um ar de cansaço e ansiedade. — Não acho que ela tenha ido embora para sempre. Isto é, acredito que poderei falar com ela novamente. Mas antes quero saber como vocês se sentem. Gostaria muito de conhecer Sofia melhor. Só faço isso, no entanto, se vocês não se opuserem.

Eles ficaram quietos por tanto tempo que Alec viu que teria de fazer uma pergunta de cada vez.

— Quero perguntar o seguinte: qual é a sua opinião sobre Sofia trabalhar aqui?

— É ótimo — disse Craig.

— Isso mesmo — concordou Rita. — No momento, não posso imaginar a vida sem ela.

— Muito bem. Agora, como se sentem com relação ao meu namoro com Sofia?

Craig não achou a pergunta muito fácil de ser respondida. Rita não tinha problema com a ideia, mas temeu dizer isso antes de Craig dar a sua opinião.

— Parece meio engraçado — admitiu o rapazinho. Depois, olhou diretamente para o pai. As emoções tomaram conta dele, e os seus olhos marejaram. Pelo menos dessa vez não tentou esconder as lágrimas. — Acho que seria meio estranho, quero dizer — ele fungou e prosseguiu:

— Ela é a nossa governanta, mas tem sido mais do que isso. Por que você... — Ele teve de parar um pouco e, depois, continuou com voz muito estudada. Sabia que parecia tão confuso quanto se sentia. — Rita, Tory e eu vamos crescer e nos casar. Por que você deveria ficar sozinho? Sei que vai demorar um pouco para a gente se acostumar com a ideia, mas se quer namorar Sofia, acho que deve.

— Tem certeza, Craig? Não quero que fique zangado e esconda a sua raiva.

— Não estou zangado. É que as coisas estavam tão confortáveis! Se você começar a pegar na mão de Sofia e a beijá-la, não sei...

Alec riu um pouco.

— Penso que está sendo um tanto prematuro. Sofia não concordou com nada. E mesmo que concordasse, Craig, não quero apressar as coisas.

Ele assentiu, e Alec virou-se, então, para Rita. Ela também tinha lágrimas nos olhos, mas falou com calma e segurança.



— Espero que case com ela — quase sussurrou enquanto as lágrimas escorriam pelo seu rosto. — Espero que a ame tanto que não sofra mais por causa da mamãe. E espero que ela também o ame até que os dois fiquem velhos e de cabeça branca.

Foi demais para Alec. Levou as mãos aos olhos e os soluços o sacudiram. Sem se sentirem envergonhados pelas lágrimas do pai, os dois o abraçaram. Ele chorou agradecendo aos dois filhos e dizendo o quanto ele os amava. As lágrimas continuaram enquanto afirmava que os filhos significavam mais do que tudo para ele. Se não queriam aquilo, só precisavam dizer.

Deus moveu-se no íntimo de Craig, e ele acabou encorajando o pai a seguir o seu coração. Rita ofereceu-se para conversar com Tory sobre o assunto, mas Alec chegou a rir e lembrou-os de que ainda não tinha falado com Sofia.

— Fale com ela logo, pai.

— Vou fazer isso, Rita. Espero que esta noite, quando ela voltar.

Craig mostrou-se satisfeito. Podia parecer estranho no começo, mas sabia que tudo ia dar certo. Depois de toda a hesitação dele, foi até um pouco cômico que Craig nunca tivesse imaginado que Sofia talvez recusasse o pedido do pai.

JÁ ERAM 21H15 E SOFIA NÃO VOLTARA. Alec tinha certeza disso, pois fora até a porta da cozinha e olhara para o apartamento dela a cada poucos minutos nas últimas duas horas. Várias vezes pensou que não percebera a chegada dela e, então, subiu e bateu. Não houve resposta. Já estava escuro quando resolveu procurá-la. Não se tratava de uma busca; ele sabia aonde teria de ir para encontrá-la, e ele não conseguia mais se manter parado. Rita tinha acabado de fazer uma tigela de pipocas e assistia a um filme, e ele lhe perguntou:

— Vai demorar muito?

— Não sei.

— Quer que eu vá junto?

— Não. Craig está no quarto dele e talvez não ouça o telefone no caso de Tory ligar. As chaves da camionete estão na cozinha.

— Tudo bem. Cuido das coisas até você voltar.

Alec poderia ter dado uma corrida, especialmente por não estar indo muito longe, mas os pernilongos eram mais ferozes àquela hora. Decidiu ir de van. Depois de ligar o ar-condicionado, orou por alguns instantes:

Tenho de dormir esta noite. Senhor, quer eu saiba onde ela está quer não. Preciso confiar no Senhor em relação a isso, mas quero tanto vê-la! É possível que não esteja aonde vou; mas, por favor, faça com que esteja em casa quando eu voltar. E, mais do que tudo, ajude-me a ter paz no Senhor.

Alec não tinha certeza de que veria Sofia naquela noite, mas se obrigou a pensar em versículos que lhe davam a segurança de que Deus cuidaria dos dois e de que a perfeita paz só era encontrada nele. Cantou hinos de louvor enquanto saía da garagem e descia a rua. Fez a si mesmo todos os tipos de perguntas: desde ter ou não o direito de se aproximar de Sofia, até estar ou não pronto para arriscar-se a amar outra vez.



Antes de ter qualquer resposta, já chegara à porta da casa dos Nickelberry. Fizera algum trabalho naquela casa anos antes e sabia que havia um porão com entrada independente. A parte de cima estava iluminada e também o lado da casa onde se achava o porão. Alec desceu até o quintal e viu Sofia através da cortina transparente. Ficou a observá-la por um momento. Ela estava meio deitada no sofá com um livro nas mãos. Não percebera a chegada dele, pois parecia completamente relaxada. Orando por sabedoria, Alce bateu na porta. A luz de fora logo foi acesa, e Sofia espiou para ver quem estava batendo. Abriu devagar a porta. Alec entrou. Sofia afastou-se no momento em que fechou a porta, e os dois se olharam fixamente.

— Como estão crianças? — ela conseguiu dizer.

— Estão bem. Tory foi passar a noite na casa de Crystal.

— Isso é bom.

— Sim — respondeu Alec de modo a dar a parecer um tanto indiferente, obrigando-se a examinar a sala enquanto tudo o que queria era olhar para a mulher que amava.

— Por favor, sente. — Sofia lembrou-se das boas maneiras e permitiu que os seus olhos o acariciassem enquanto ela se movia à sua frente. As costas dele eram tão largas! Naquela noite, ele parecia cansado e abatido enquanto se sentava. A vontade de Sofia era enterrar a cabeça no peito de Alec e chorar.

— Quer fria... — Ela parou e começou de novo: — Quer uma bebida fria?

— Acho que sim.

Alec não tinha sede, mas precisava fazer alguma coisa com as mãos. Os seus olhos seguiram Sofia da mesma forma que os dela o haviam seguido, e pensou que ela também parecia cansada.

Nós nos pertencemos, Sofia. Estamos ambos sofrendo e cansados porque pertencemos um ao outro, e isso ainda não aconteceu.

— Obrigado — disse Alec gentilmente, e Sofia entregou-lhe um copo alto com gelo e uma bebida feita de raízes. Ela não esquecera que aquela era a favorita dele. Sofia cuidava maravilhosamente dos que viviam ao redor dela. De súbito, Alec teve o desejo ardente de ser amado e acariciado por ela. Não sabia, ao certo, o que fazer com esse sentimento, e tomou então um longo gole da bebida. Sofia, que se sentara no sofá, olhou detidamente para



os músculos do pescoço de Alec, enquanto ele bebia e, depois, virou o rosto. Alec notou a atitude dela e se sentiu desanimado. Abaixou lentamente o copo.

— Eu estraguei tudo, não foi, Sofia?

Ela olhou para ele longamente.

— Quem você beijou? — indagou baixinho.

Alec franziu a testa. Quem havia beijado? Ele a beijara. O que estaria querendo dizer? Pela primeira vez se sentiu frustrado com a barreira da linguagem entre eles e, então, disse a si mesmo que ouvira errado.

— Quem eu beijei?

— Sim. — A palavra curta guardava todo sofrimento íntimo de Sofia. — Que mulher você tinha nos braços e beijou os seus lábios? Quem era?

O sentido das palavras dela atingiu Alec tão repentinamente que ele não conseguiu responder. Pôs de lado o copo, e se sentou no sofá, ao lado de Sofia. Ela se afastou um pouco, e Alec não pegou na sua mão como desejava. Sofia apenas o fitou com precaução, tentando medir a resposta dele.

— Eu não faria isso com você — ele disse.

Sofia olhou constrangida para o chão, vendo que, mesmo sem que ela tivesse exposto claramente seu sentimento, Alec tinha entendido o que ela quis dizer.

— Seria compreensível.

— Acho que sim, mas não foi o que aconteceu.

Ela continuava evitando olhá-lo, mas falou:

— Sofia não quer abraços de outra mulher.

— Sei disso, e garanto a você que não a abracei pensando em Vanessa.

Ela ficou calada, e Alec viu como sofria. O seu beijo não seria rejeitado, desde que fosse dela e não de outra mulher.

— Sofia —, Alec disse o nome dela de modo a fazê-la olhar diretamente para ele. — Dê-me sua mão.

Sofia atendeu-o com cautela, e Alec aproximou-a mais dele. Em seguida colocou a mão dela no seu peito. Sofia ficou observando até que sentiu o coração dele. Os seus olhos se fixaram em Alec, e ele sussurrou: — É você que faz o meu coração bater assim, Sofia. Só você. Foi você que abracei e beijei, e é você que quero conhecer. Pensei só em você o dia inteiro e temi não vê-la mais



por ter agido tão precipitadamente. É você, Sofia Velikonja, que faz o coração acelerar no meu peito sempre que está presente.

Sofia tirou a mão do peito dele e com ela cobriu a boca, mas as lágrimas ainda brotavam dos seus olhos. — Pensei que era substituta.

— Não, Sofia. — O coração de Alec quase se partiu. — Eu nunca faria isso.

Novas lágrimas brotaram, e Sofia chorou nos braços dele por mais alguns instantes, afastando-se em seguida. Era tão agradável ficar ali e as suas atenções eram tão ternas! Mas ela precisava ser cautelosa com ela mesma. Não era a mulher de Alec.

— Sinto muito ter fugido — ela fungou um pouco. — Não sabia o que fazer.

— Compreendo. Não devia tê-la beijado. Foi cedo demais.

Sofia olhou para ele. — Cedo demais?

— Sim — respondeu com um olhar intenso. — Quero conhecer você melhor, Sofia. Se não quiser isso, está na hora de dizer, porque vou persegui-la.

As palavras dele a emocionaram e lhe deram medo ao mesmo tempo.

— Eu não move depressa demais.

— Não vou apressá-la. mas também não vou ignorá-la.

Sofia olhou-o com insistência, enquanto ele a observava atentamente.

— E as crianças?

— Tory não sabe, mas Rita e Craig já deram a sua bênção.

Sofia perdeu a fala. Eles haviam conversado sobre ela! Alec discutira o assunto com seus filhos, e eles aceitaram a situação.

— O que eu disse de errado?

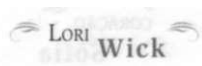
— Nada. Só eu surpresa.

— Surpresa?

— Sim, surpresa. Essa é a palavra. Eu pensava que eles nunca iriam querer isso. Quero dizer, que você e eu nos víssemos de maneira pessoal. — Sofia estava orgulhosa de parecer muito lógica, quando, na verdade, sentia como se o seu mundo tivesse saído um pouco do prumo.

— Pode acreditar quando digo que eles aceitaram a proposta. Ainda não falei com Tory, mas espero que você faça isso comigo.

— O que vamos dizer a ela? — Sofia tinha de ouvir dele as palavras.



— Que estamos namorando.

Sofia assentiu com a fisionomia séria, mas o seu coração ficava cada vez mais leve.

— Por falar nisso —, Alec continuou — sei que já é quinta-feira, mas você jantaria comigo no sábado?

Sofia piscou para ele. — Um encontro?

— Sim.

— Com as crianças?

Os olhos de Alec se enrugaram divertidos. — Não. Amo meus filhos e quero dividir a minha vida com eles. Mas no sábado à noite, quero você só para mim.

Sofia não pôde deixar de sorrir. Ele a fazia sentir-se tão especial!

— Se estiver cansada demais para levar as suas coisas para casa hoje à noite, venho buscá-la de manhã.

O sorriso morreu na face dela. — Não posso.

Alec observou-a sem fazer nenhum comentário, mas a sua expressão era transparente.

— Não é direito que devemos viver tão perto se formos namorar — explicou.

Alec não havia pensado nisso. — Você vai continuar trabalhando em nossa casa?

— Sim, mas quero ser exemplo, *um* exemplo para as crianças, e não posso morar tão perto e fazer isso.

Alec concordou. Seria talvez mais difícil vê-la, mas estava certa. O apartamento poderia ser uma verdadeira tentação. Nunca tivera uma conversa assim em toda a vida. Em vez de namoro, parecia que estavam discutindo um contrato de negócios, mas isso não era mau. Quando as emoções dominam e obscurecem o bom senso é que se cometem erros.

— Vai morar aqui?

— Por algum tempo, mas tenho de achar alguma coisa que eu possa pagar.

— Aumento o seu salário.

Ele pôde ver imediatamente que isso iria constrangê-la. Alec viu o rosto dela se ruborizar e pensou nas poucas vezes que a vira enrubescer. Ele, porém, queria tudo às claras.



— Quando empreguei você, Sofia, mencionei um salário sabendo que casa e comida já estavam incluídas. Agora, a questão é diferente. Será mais que razoável que ajuste o seu salário.

— Vai custar muito caro. Melhor procurar outro emprego.

Alec tomou a mão dela sem pensar. — Por favor, não pense nisso neste momento. Se o salário for maior do que eu possa pagar, aviso você. Não sei o que os meus filhos fariam se você não estivesse lá agora, e eu ficaria também perdido.

— Está bem — Sofia concordou. Os dois perceberam que Alec ainda segurava a mão dela. Os olhos de ambos desceram para o espaço entre eles no sofá. A mão de Alec era maior, mais escura e calejada pelo trabalho que fazia diariamente. A mão de Sofia não era a de uma modelo, mas era macia e delicada, com unhas afiladas, que faziam os seus dedos parecerem mais longos.

— É melhor ir para casa.

Sofia levantou os olhos para encontrar os dele. Estivera contemplando as mãos de ambos.

— Combinado. Chego de manhã, como sempre.

— Certo. Vou tentar aparecer na hora do almoço para podermos falar com a Tory. Oh, não, não vai dar. Tory vai passar o dia na casa da Crystal. Amanhã à noite, então.

— Como você acha que ela vai sentir?

Alec balançou a cabeça. — Dos três, ela tem sido a menor das minhas preocupações.

Sofia não pôde deixar de concordar. Ela foi com Alec até a porta, e ele ficou a olhá-la por um momento.

— Vou ficar esperando a noite de sábado.

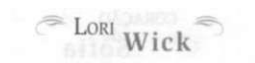
Sofia sorriu. — É formal ou informal?

— Formal — Alec decidiu na mesma hora, e Sofia sorriu de novo. Alec já tinha saído havia mais de um minuto, quando Sofia percebeu que ainda estava na porta, sorrindo à toa.



— Você vai trabalhar aqui, mas não vai morar aqui?

— Isso mesmo, minha Tory.



Tory olhou de Sofia para o pai e de novo para Sofia. — Mas por quê?

— Porque Sofia e eu vamos estar nos encontrando — respondeu Alec. Ele tentara ser sutil a respeito. Tory, entretanto, não havia entendido. Ele pensara que ia ser mais fácil com essa filha. A menina, porém, parecera quase nervosa quando dissera que precisavam falar com ela.

— Se encontrando?

— Sim, namorando.

Tory olhou, então, realmente para eles. Sofia prendeu a respiração.

— Está bem — Tory disse com um encolher de ombros. — Mesmo assim, gostaria que morasse aqui.

— Estarei aqui de manhã e, no outono, estarei aqui quando vocês chegarem da escola.

Tory concordou, parecendo muito satisfeita. Sofia sentia-se também aliviada, mas Alec não se surpreendeu ao encontrar Tory no seu quarto naquela noite. Os cinco haviam assistido a um filme até bem tarde, mas ali estava ela parecendo tão desperta como se fosse meio-dia.

— Olhe, Tory, já são mais de 23h30. Você precisa dormir.

— Preciso falar com você.

— Amanhã é sábado. Podemos falar então.

Tory sacudiu a cabeça. — Sofia pode estar aqui.

Alec olhou para ela e levantou as cobertas. Tory puxou-as e olhou para o pai.

— Você segurou na mão de Sofia durante o filme?

— Não. Fazia diferença se eu segurasse?

— Não sei. Você vai pegar na mão dela amanhã à noite ou beijá-la?

— Não sei, Tory. Por quê?

— Não quero que fiquem juntos se forem se separar.

— Por que nos separaríamos?

Tory encolheu os ombros e mexeu no cobertor leve que os cobria. — Não sei, mas a irmã mais velha de Crystal namora e, depois, quando termina com o namorado, eles não se falam mais. Quer dizer, nem são mais amigos depois disso, e não quero que você e Sofia se odeiem.



Alec puxou-a para mais perto dele. Ela se deixou abraçar sem ter ideia de como o pai tinha orado sobre aquele assunto. Não podia prometer-lhe isso. Afinal de contas, ele e Sofia mal se conheciam. Não ia, entretanto, mudar de planos quanto a namorar Sofia.

— Acho que, quando a gente tem 39 anos e namora uma mulher que é também madura, as coisas são diferentes de quando se está na escola fundamental. — Alec falava com seriedade com a filha. — Não estou criticando a irmã de Crystal, mas acho que você não pode fazer uma comparação dessas.

— Você quer certeza — continuou ele. — Quer que eu diga que tudo vai dar certo, que Sofia e eu vamos estar aqui para sempre. Não posso fazer isso, Tory. — A voz dele era amorosa, mas sabia que tinha de ser sincero. — Não sou Deus, apenas não sei. Confio, porém, nele. Sei que ele vai cuidar de todos os meus amanhãs. Não tenho intenção de namorar Sofia e, depois, deixá-la, mas se chegar uma hora em que ela não estiver mais conosco, Deus vai cuidar de nós.

Alec estava emocionado, mas continuou a falar:

— E quero dizer mais uma coisa, Tory: nunca vou ficar zangado nem me negar a falar com Sofia. Isso seria um pecado da minha parte, e nunca a trataria assim. Se ela continuar aqui, seremos amigos.

Tory viu que teria de ficar satisfeita com isso e, de modo surpreendente, compreendeu que seus sentimentos já eram aqueles também. De tal forma que, agora, só queria dormir. Alec percebeu isso e se levantou. Pegou-a nos braços — algo que estava ficando cada vez mais difícil — e atravessou o corredor até o quarto dela. Sabia que estava quase adormecida, mas ficou ao seu lado um pouco mais, pedindo a bênção de Deus sobre a vida dela, e que ela continuasse sempre a sentir liberdade para procurá-lo, como tinha feito naquela noite.

ALEC FEZ UMA CARETA para o seu reflexo no espelho e arranjou a gravata pela décima vez. Ele alisou novamente o cabelo perfeitamente escovado e virou-se com um olhar de censura.

— Que tal esta gravata?

— Está ótima, pai — respondeu Rita pacientemente. A sua favorita era a terceira que experimentara, mas decidiu não falar nada.

— Isto é uma mancha? — Alec aproximara agora a gravata do nariz, inspecionando-a como se estivesse procurando bactérias, e Tory decidiu sair nessa hora.

— Não — Rita falou, também tentada a sair. — Só faz parte do desenho.

— É melhor trocar. — Com isso, correu para o armário pela trigésima vez.

Rita caiu de costas na cama e olhou para Craig sentado numa cadeira. Eles pareciam estar compartilhando o mesmo pensamento: *se era assim que o pai ia ficar em cada encontro com Sofia, eles iam desaparecer na véspera.*

— E esta?

Rita quase gritou ao ver que era a gravata da qual gostara desde o início.

— Está perfeita, pai. Só coloque e vá embora.

— É isso mesmo, pai — avisou Craig. — Vai se atrasar se continuar assim.

Alec olhou para o relógio de pulso. — Oh, não! Eu já devia estar lá. — Colocou a gravata com a facilidade gerada pela prática e correu para a porta. Estava de volta segundos depois.

— Você lavou a van?

— Lavei, papai. — A voz de Rita continuava a denotar paciência.

— Está bem. Onde estão as minhas chaves?

— Vi você pôr no bolso — Craig informou.



— É verdade. — Ele foi até o filho, um homem com propósito, tirou-o da cadeira e deu-lhe um abraço. Abraçou depois Rita e foi embora sem sequer se despedir. Os dois juvenzinhos se entreolharam por alguns momentos e caíram na risada, balançando a cabeça admirados.

Craig olhou pela janela e viu o pai descendo a rua a toda velocidade.

— Ele bateu em alguma coisa?

— Não, mas digo a você, Rita, que é melhor acontecer alguma coisa logo ou o papai não vai aguentar.

Rita também sacudiu a cabeça. Era verdade. Ninguém poderia também adivinhar quanto tempo aquele arranjo iria durar.



Alec só ficou olhando. Não notara ao ir buscá-la; mas depois de chegarem ao restaurante, viu que a sua maravilhosa e prática Sofia usava sandálias de saltos tão altos e finos que até doía vê-los. Ela estava linda num traje de verão de duas peças em verde-menta e branco, mas ele não sabia quanto tempo iria aguentar aqueles saltos. Foram, então, chamados para a mesa, e Alec não teve mais tempo de especular. No momento em que Sofia sentou-se, ele se esqueceu completamente dos pés dela.

— É gostoso aqui, Alec — disse ela com um sorriso, e o contentamento tomou conta dele. Sofia só dissera o seu nome algumas vezes; para ele, porém, não era o suficiente. Todos pronunciavam o seu nome em duas sílabas e Sofia também, mas ela enfatizava o A. Em vez de Alec, era A-lec. Amava isso.

— Não tenho vindo muito aqui, mas é bom. O que quer comer?

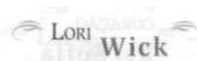
— Batata assada — respondeu simplesmente, e as sobrancelhas de Alec subiram divertidas.

— Só isso?

— Não, mas não tenho feito batata assada muito, *há* muito tempo, e estou com saudades.

— Sofia —, ele ficou com seriedade— já fiz você se sentir depreciada por corrigir o seu inglês?

Os olhos dela ficaram redondos como pires: — Oh, não, Alec! Quero dizer corretamente as sentenças.



— Você pronuncia muito bem, Sofia — disse ele gentilmente. — Posso ver que está realmente tentando aprender, e isso me impressiona.

O elogio deixou-a com as faces vermelhas, assim como o calor que viu nos olhos dele. A aprovação de Alec significava muito, e os idiomas sempre tinham sido importantes para ela. Foi quase um alívio quando o garçom veio buscar o pedido.

— O que está achando? — perguntou Alec 45 minutos depois. A entrada acabara de ser servida, e a porção de carne de Sofia pedira parecia deliciosa!

— A aparência é ótima, mas vou começar com a minha batata.

Alec sorriu e perguntou a Sofia: — A comida checa é muito diferente da nossa?

— Muito diferente. Se eu não tivesse trabalhado no Tony's, não serviria nada senão pratos checos em sua casa. As coisas eram tão caras em Chicago que minha melhor refeição era no Tony's, quando trabalhava lá. Aprendi, então, a gostar da comida norte-americana.

— Você tem alguma comida favorita, Sofia?

— Não, gosto de bife e batata. Gosto também de hambúrguer e batatas francesas fritas.

— Quer dizer que eu poderia tê-la levado ao *McDonald's*?

Ela parecia tão cômico que Sofia não pôde ficar chateada. Ela sorriu e se ofereceu para deixar a gorjeta.

— Gorjeta? — a voz de Alec fingia dúvida.

— Sim. Craig sempre oferece. Ele diz: — Compre barato, venda caro.

Alec precisou de um pouco de tempo para entender e, depois, sacudiu os ombros com um riso silencioso. Sofia inclinou-se, com os olhos maiores do que nunca, e sussurrou: — Eu nunca tive coragem de perguntar o que significa.

Alec ficou num impasse. Ele queria rir alto, mas o lugar não era apropriado. Gostou de não estar com a boca cheia, ou ele teria sufocado. Levou o guardanapo à boca e abaixou a cabeça até que o pior passasse. Sofia viu que ele tinha lágrimas nos olhos ao levantar a cabeça, e se sentiu penalizada. Gostava de vê-lo sorrir.

Alec só sacudiu a cabeça para ela. Sabia que ia fazer isso com ele pelo resto da sua vida. Quando estivesse em outro restaurante ou diante de outras pessoas, ia dizer alguma coisa hilariante para Sofia, só para ver a sua reação. Isso o fez pensar que os próximos cinquenta anos poderiam ser tudo, menos monótonos.



O restaurante em que haviam comido ficava do outro lado do estacionamento do *Shopping West Towner*. Alec sugeriu que dessem um passeio pelo *shopping* e que deixassem para comer a sobremesa mais tarde. Sofia aceitou a ideia com entusiasmo, mas ela mancava quando chegaram à porta. Alec levou-a até a Boston Store e disse: — Muito bem, Sofia, dê-me essas sandálias. — A mão dele estava estendida à espera. Desejando não ter compreendido, embora compreendesse, Sofia olhou para os pés e, depois, para ele.

— Vou estragar as meias — declarou com firmeza.

— Melhor as meias do que os pés — a voz de Alec era razoável, mas inflexível.

Sofia fez uma careta: — Não posso andar pelo *shopping* sem sapatos.

— Claro que pode. Agora me dê as sandálias.

Sofia atendeu, mas com um suspiro prolongado.

Alec prendeu as tiras finas nos dedos da mão esquerda.

— Onde arranjou esses sapatos?

— Eram da Gladys e achei tão bonitos!...

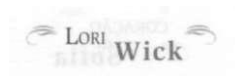
Sofia encolheu os ombros, indefesa, e Alec piscou para ela antes de pegar a sua mão esquerda. Saíram, então. Não levou muito tempo para Sofia esquecer completamente os pés.

Conversaram sobre muitas coisas, enquanto faziam compras nas vitrines, só com os olhos. Algumas vezes andando pelos corredores, outras sentando nos bancos e falando em voz baixa. O *shopping* ficava aberto até a meia-noite por causa das vendas e estava lotado, mas Alec e Sofia nem notaram que havia tanta gente! Estavam ocupados demais conhecendo um ao outro. Numa loja pequena que vendia café, canecas, chás, bules de chá e tudo o mais, Sofia comentou: — A minha mãe colecionava bules de chá de porcelana. Eu não me lembro, mas minha *bahushka* me contou. Ela os guarda empacotados. Algum dia, vou mandar dinheiro, e ela vai enviá-los para mim.

— Vanessa não gostava de coleções — disse Alec pensativo. — Ela se interessava mais por mobília e decoração.

— Fez um excelente trabalho; a sua casa é linda!

— E verdade. Penso que, se ela não tivesse casado e tido filhos, poderia ter feito carreira em decoração de interiores.



- Quem sabe faria isso depois que as crianças crescessem?...
- Talvez. — Alec lançou um olhar de soslaio para ela. — Você não se importa de falar em Vanessa, não é?
- Não. Você achava que me importaria?
- Olhe, falamos sobre ela depois do piquenique na quarta-feira e eu apenas...
- Isso foi quando eu pensei que você a tinha beijado — admitiu Sofia, e Alec entendeu. Olhou, então, nos olhos de Sofia e desejou que estivessem sozinhos.
- Você sabe agora quem eu estava beijando? — perguntou ele só nos ouvidos dela.
- Sofia, sentindo-se prisioneira dos olhos dele, só pôde acenar.
- Tem certeza?
- Outra vez o aceno suave, e Alec tomou as mãos dela. Estavam úmidas, e ele se perguntou se a deixara nervosa. Esperava que não, mas depois pensou em como ambos estavam se sentindo. Como Sofia poderia estar? Tudo fora súbito demais, e ela deveria considerá-lo alguém completamente fora de controle. Alec sorriu ao lembrar quantas vezes mudara de gravata. Se ela o tivesse visto naquele momento, teria percebido a realidade.
- Que idade você tem, Sofia? — Alec lembrou de repente que não sabia a idade dela.
- Quase 29.
- O que quer dizer com *quase*?
- Na semana que vem.
- Alec parou, e Sofia naturalmente parou com ele. — Ia contar isso a alguém?
- Sofia encolheu os ombros. — Ia fazer um bolo e colocar um milhão de velas para confundir todo mundo.
- Alec sacudiu a cabeça e começou a caminhar de novo. — Que dia é o seu aniversário?
- Dia 15.
- E um domingo, não é?
- Acho que sim. Posso ir ver você construir uma casa algum dia?
- A cabeça de Alec voltou-se com a mudança de assunto.



— Por que pensou nisso?

— Estava olhando aquele bule de chá no formato de casa na loja do café e tive de perguntar antes que esquecesse.

— Claro que sim, você pode ir, mas não sei se vai ser interessante.

— Queria vê-lo martelar pregos.

Alec sorriu. — Não é exatamente assim, Sofia. Veja bem, sou empreiteiro de uma grande firma construtora. Eles fazem casas apaineladas.

Ela o fitou interrogativamente.

— Casas apaineladas — explicou Alec — significa que, ao receber um pedido, as paredes da casa são feitas na fábrica. Depois são enviadas até o local da obra, e nós as colocamos no lugar. Eu faço os contratos, mas tenho homens para realizar todos os trabalhos. Verifico se o encanador e o eletricitista abriram espaço para nós. Usamos também concreto e algumas vezes trabalho no paisagismo, pintura interna e externa, assim como em vários outros itens. Em meio a tudo isso, a minha função é mais ou menos como a de um regente de orquestra: sempre atento para que a música não desafine.

Sofia olhou para ele com admiração. — Eu não sabia. Parece maravilhoso.

— O que vamos fazer no seu aniversário? — Alec mudou o assunto tão depressa como ela fizera antes.

— Não sei.

— Vamos comer fora.

— Não precisamos fazer isso. A minha ideia era preparar alguma coisa de que gosto e assar um bolo.

— Você não pode fazer o próprio jantar de aniversário e o seu bolo — ele pareceu inflexível, e os olhos de Sofia se arredondaram graciosamente.

— Há regras sobre isso na América?

— Há — disse Alec com falsa gravidade. — Há regras. Primeiro, você não deve assar nem cozinhar nesse dia.

— E se eu gostar de fazer essas coisas?

Alec balançou tristemente a cabeça. — Você não está entendendo. O seu aniversário é um dia para tirar folga e se divertir.

— Você tirou folga no seu último aniversário?



tia o pegara e, por um momento, ele não respondeu.

— As regras são diferentes para os homens — disse finalmente e Sofia riu.

— Quais as regras para dizer à sua namorada que vai ganhar sobremesa e, depois, não cumprir a palavra?

— Você está pronta?

Sofia assentiu e Alec puxou-a para seguirem na direção oposta. Voltaram à praça de alimentação do *shopping*. Em suas roupas formais e Sofia sem sapatos, pediram pão doce recheado e café. Conversaram até às 22h30, e Sofia não poderia ter sonhado com um final melhor para a noite.

Uma hora mais tarde, quando Alec subia vagarosamente as escadas para ir deitar-se, Tory apareceu no corredor. Ela foi a única a acordar, e Alec agachou-se à sua frente por um momento.

— Foi bom? — A voz da menina estava cheia de sono.

— Muito bom, Tory. Segurei na mão dela — ele sussurrou. — Você concorda?

Tory sorriu sonolenta, mas respondeu: — Sim.

Alec ficou de pé e, pondo a mão no meio das costas da filha, levou-a de volta à cama. Não se demorou porque estava cansado e sabia que a manhã chegaria logo. É claro que o dia seguinte era domingo e poderia passá-lo com Sofia e os filhos. De repente, não foi difícil ajustar o despertador. Procurando uma posição confortável, Alec virou-se entre as cobertas, até que estendeu um braço sobre a cama. Ele podia sentir ainda a mão delicada de Sofia na sua; era um modo maravilhoso de adormecer.



ANIVERSÁRIO DE SOFIA é na próxima semana — disse Alec aos filhos na manhã seguinte.

— Que dia? — perguntou Tory.

— Domingo, dia 15.

— O que vamos fazer?

— Não tenho certeza — disse Alec. Vocês têm sugestões?

— O Parque Aquático *Dell* 's — falou Craig imediatamente. — Sofia nunca foi nos escorregadores de lá.

— É mesmo! — Tory aprovou entusiasmada, mas Rita parecia duvidosa.

— Não sei. Precisamos achar alguma coisa de que Sofia goste.

— Ela vai gostar, Rita — disse Tory convicta. — Sofia gosta de tudo.

— Pode ser uma boa ideia. — Alec interrompeu, e Rita olhou surpresa para ele. — A previsão do tempo para toda a próxima semana é de quarenta graus, com a umidade alta também.

As crianças fizeram caretas. O verão estava quente e úmido, e os insetos não davam folga.

— Vamos perguntar a Sofia o que ela quer fazer.

Todos concordaram com Rita, mas não foi assim tão fácil. Sofia foi almoçar com eles depois da igreja, parecendo muito constrangida em ser o centro das atenções. Quando perguntaram o que queria fazer, ela respondeu. Mas sua resposta não ajudou em nada.

— Quero fazer o que vocês quiserem.

— É o seu aniversário — disse Tory. — Você tem de escolher.

O rosto dela ficou vermelho, Sofia encolheu os ombros e baixou os olhos para o prato. Tory estava pronta a pressioná-la, mas Alec a salvou.

— Sofia não tem de decidir hoje. Vamos deixar isso para depois.

Os ombros de Sofia relaxaram de alívio, embora não levantasse os olhos para agradecer.

Sabia que não iriam compreender, e uma explicação era difícil demais. Poderia ter tentado, mas Alec levantou-se para ajudar as meninas com os pratos. Ele disse a Sofia que não ajudasse, e ela foi para a sala de estar. Só entrara para pegar um livro, mas Craig foi atrás dela. Ele ficou ali como se não quisesse nada, e começou a folhear uma revista. Depois de um momento, Sofia levantou os olhos e viu que ele a observava.

— O que foi, Craig?

— Por que você não quer fazer nada no seu aniversário?

— Eu quero, Craig, mas não precisa ser nada especial. Como estou com a família que amo, o que fazemos não é importante.

— O que você faria na Checoslováquia?

— Qualquer coisa com música — Sofia respondeu sem hesitar. Alec juntou-se a eles, sentando numa cadeira lateral. Os dois nem sequer notaram.

— O que quer dizer?

— A minha avó e eu gostamos de música. Poderíamos assistir a um concerto ou a uma ópera.

Craig fez careta, e Sofia riu.

— Veja, Craig, é muito mais divertido para todos se você decidir. Vou gostar de qualquer coisa.

— Até de um tobogã no *Dells*?

Os olhos de Sofia brilharam. — Eles têm uma piscina?

— Têm várias.

Ela se endireitou um pouco mais. — E poderíamos nadar durante horas?

— O dia inteiro — informou ele, esquecendo-se de que o aniversário de Sofia era no domingo.

Sofia sentou-se satisfeita. Olhou para Craig e depois para Alec. — Já decidi o que quero fazer no meu aniversário.

— E mesmo? — Alec estava claramente achando graça na estratégia de Craig.

— Sim —, disse ela com convicção — vou nadar o dia inteiro no *Dells*.



Alec voltou-se para o filho: — Espero que saiba que foi você que a convenceu.

— Eu não, pai. — O rapazinho levantou as mãos no ar, certo da sua inocência.

— Você estava aqui. Ela quer.

Alce olhou para o filho por um momento e, depois, se levantou. Foi para junto de Sofia e se sentou no sofá. Craig saiu da sala.

— É o seu aniversário — começou ele. — O que *você* quer fazer?

— Só ficar com a sua família — respondeu Sofia simplesmente, mas Alec não estava satisfeito.

— Por que estou sentindo que você não me contou alguma coisa?

Sofia ficou olhando para o outro lado da sala por longo tempo. Podia sentir os olhos de Alec observando-a de lado, e orou para que soubesse dizer as palavras.

— Não podemos ficar muito estabelecidos nesta vida, Alec, porque a nossa casa é o céu, mas eu estava feliz e em paz na República Checa. O Senhor Cristo era meu Deus e me protegia. Ele também me protegeu em Chicago, mas não era um lugar feliz para viver. Middleton não é o paraíso, mas cada dia aqui em Wisconsin é especial. O meu aniversário é apenas outro dia. Se puder ficar aqui com a sua família, não importa onde.

Sofia continuou a falar, quase emocionada:

— Vocês todos têm muito aqui, mas não sabem. Cada dia é algo para agradecer e louvar. Os filhos, no entanto, sempre querem mais. As minhas palavras parecem soar tão críticas, mas você pergunta o que quero fazer, eu digo, e você não aceita.

Ela se voltou, então, para ele. Como ele sentara no meio do sofá, os seus rostos estavam muito próximos. Sofia observou os olhos dele, e Alec ficou analisando os olhos de Sofia, e depois falou:

— Você não parece crítica, mas fez uma observação sincera. Somos agraciados com todas as facilidades, e nem sequer sabemos valorizá-las. Gostaríamos de vê-la alegre com alguma coisa no seu dia especial, mas se você quer apenas estar conosco, e ir ao *Dell's* é uma boa ideia, é isso o que vamos fazer.

Sofia concordou, e continuou a observar Alec.

— Ficou zangado?

— Não — respondeu Alec. — Estava pensando no que você acabou de dizer.

Sofia observou-o em silêncio e, depois de alguns minutos, prosseguiu:



— É tudo escolhas e atitudes. Tenho trabalhos que devo fazer e que não são meus favoritos. Não gosto de limpar o banheiro e posso limpá-lo com raiva ou posso agradecer por termos encanamento dentro de casa e limpar com paz. Tenho escolha.

Alec não olhou para ela nem respondeu. As mãos de Sofia estavam no seu colo, e ele pegou uma delas e segurou-a no sofá, entre deles. Sofia queria muito perguntar outra vez se ele estava zangado, mas manteve silêncio. O polegar dele acariciava distraidamente as costas da mão dela, e Sofia esperou. Alec continuou mudo.

— Pai? — Tory chamou do outro canto da casa. Quando viu que ela estava vindo, Alec soltou a mão de Sofia. Ela pôs de novo a mão no colo de Alec, sentindo-se estranhamente rejeitada.

— Pai —, acabei de me lembrar que prometi ir ao aniversário de Ann Mickelson amanhã. Não tenho nem um cartão.

— O que isso quer dizer? — perguntou Alec, embora já soubesse.

Ela olhou para ele suplicante: — Podemos, por favor, ir ao *shopping*? Tenho um pouco de dinheiro guardado. Pai, prometo que não vai levar muito tempo.

Alec olhou para a filha e, depois, para Sofia. — Quer ir conosco?

Ela balançou negativamente a cabeça e sorriu, embora não sentisse alegria.

Sem notar a inquietação de Sofia, Alec levantou-se, chamando a filha:

— Vamos então Tory, ponha os sapatos. Vejo você depois — disse ele a Sofia, e ela ficou observando enquanto ele saía da sala.

As perguntas jorravam na sua mente, mas não houve respostas. Sofia não estava contente com a direção dos seus pensamentos e se forçou, então, a levantar. Havia colocado *shorts* e tênis antes do almoço, e estava agora grata pelo conforto. Ainda tinha algumas coisas para tirar do apartamento, e talvez não houvesse outra oportunidade até o fim da semana. Lembrando a si mesma que a sua escolha era ser alegre, Sofia subiu as escadas.

Mais de duas horas depois, havia andado seis vezes entre a casa dos Rileys e dos Nickelberrys. Exausta, deixou-se cair em uma cadeira. Estava cansada, mas o trabalho tinha sido feito. Tudo o que restava era limpar o apartamento, e isso não levaria muito tempo. Sofia ficou imaginando se Alec iria alugá-lo. Se ia aumentar o seu salário, talvez não tivesse outro jeito.



Cuidadosamente, Sofia procurou não se lembrar dos últimos momentos que passara com Alec. *Talvez eu tenha de ser cuidadosa com o que digo ao Alec. Não quero ser. Quero ser eu mesma e que ele me ouça e continue aberto.* Sofia compartilhou tudo isso com o Senhor e se sentiu melhor, mas a mágoa maior continuava presa no seu íntimo. Alec envergonhara-se por ter pegado na sua mão? Ele talvez não gostasse de demonstrações públicas de afeto. Isso não era, porém, verdade, porque ele segurara na mão dela no *shopping*. Confusa e sofrendo, Sofia cobriu a boca com uma das mãos. Não sabia nem como orar. Os seus pensamentos correram em todas as direções até ouvir a voz de Gladys:

— Sofia, você está aí?

— Estou, Gladys.

— Quer subir um pouco e tomar um refresco comigo?

Sofia olhou, apavorada, as pilhas de roupas e de outras coisas que precisavam ser guardadas, mas disse a Gladys que subiria logo.

Ela se forçou a não pensar nem a olhar em volta. As pilhas esperariam, assim como a dor no seu coração. Decidida, Sofia levantou-se e guardou os alimentos perecíveis na geladeira. Foi em seguida ao banheiro e lavou o rosto e as mãos. Alguns minutos mais tarde, conversava com Gladys e se refrescava com um copo de limonada. Durante algum tempo, tiraria Alec da cabeça.



— Onde está Sofia? — Rita levantou os olhos do livro e piscou para o pai.

— Sofia? Ela não está com você? — Alec admirou-se.

— Não.

Alec franziu a testa e afirmou espantado: — Mas ela ficou aqui!

Rita balançou a cabeça. — Estava falando com o Kurt ao telefone e não a vi quando Sofia saiu. Pensei que estivesse com vocês.

Alec concordou com naturalidade, mas virou-se antes que Rita pudesse perceber o seu olhar de preocupação. Estavam quase no *shopping* quando compreendeu como a conversa deles terminara abruptamente... ou, antes, não terminara. Estivera refletindo seriamente sobre as palavras que Sofia havia dito, mas não lhe explicara que aquela reação lhe era comum quando meditava no que

tinha acabado de ouvir de alguém. Vanessa teria compreendido. Mas também, estivera casada por mais de dezessete anos com ele!...

Alec olhou para o relógio. Craig encontrara Rick no *shopping* e fora para a casa dele. Não teria de ir buscá-lo senão duas horas mais tarde. Rita achava-se mergulhada num livro, e Tory tinha ido embrulhar o ursinho de pelúcia que comprara para Ann. Alec tinha quase certeza de que Sofia não possuía um telefone só seu. Queria ir falar direto com ela. Algo, porém, o fez hesitar. Decidiu conversar primeiro com Gladys. Tinha uma pergunta a fazer a ela e, depois, rodearia a casa para ver se Sofia estava.



- Quer mais um pouco de limonada, Sofia?
- Acho que só água agora, Gladys. Obrigada.
- Como vão indo as coisas?
- Muito melhor. Obrigada por me deixar ficar aqui por algum tempo, Gladys.
- Fique quanto quiser, Sofia.
- Acho que tenho de arranjar um apartamento, pois não posso mais morar com os Rileys.

Gladys não perguntou, mas Sofia disse: — Alec Riley e eu tivemos um encontro no sábado à noite. — Sofia era reservada e não planejara contar isso a ninguém. De repente, no entanto, ficou contente por ter contado.

Gladys sorriu. — Alec Riley é um homem muito abençoado.

- E eu? Você não acha que sou abençoada?
- Acho sim, Sofia. Mas não conheço Alec como conheço você. Sei apenas que homem algum poderia desejar uma mulher tão maravilhosa na sua vida como Sofia Velikonja.

Sofia enrubescou com o elogio. — Não é sério, por enquanto. — De fato, depois daquela tarde, ela não sabia qual a sua situação.

- Não precisa ser — Gladys não levou em conta o que ouvira. — Vocês não são crianças. Vão saber como resolver isso.

Sofia concordou, orando para que fosse verdade. — Tudo é muito novo para mim, e às vezes fica difícil com os filhos observando.



Gladys sorriu com simpatia. — Posso imaginar. Deve ser frustrante para Alec. Quando você é jovem, não tem de pensar em ninguém senão em si mesmo e na mulher que ama. Com filhos em cena, a história é completamente diferente. Sofia ainda tentava compreender a terminologia de Gladys, quando a campainha tocou. Gladys atendeu, e Sofia ficou no sofá da cozinha.

— Olá, Alec, entre.

Alec entrou e Gladys fechou a porta.

— O que posso fazer por você?

— O aniversário de Sofia é no próximo domingo, e as crianças e eu... — Alec parou quando Gladys pôs o dedo nos lábios.

— Ela está aqui — disse ela baixinho.

— Falo com você mais tarde, então.

— Como quiser — a voz de Gladys voltou ao normal. — Sofia está aqui. Entre e tome limonada conosco.

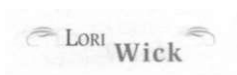
Sofia, que não percebera a presença de Alec até a entrada dele na cozinha, não teve tempo de sair do sofá ou teria ficado de pé. O fato de estar sentada pareceu-lhe bastante embaraçoso, quando Alec, com seu Im90, entrou na cozinha. A aparência dele era sempre atraente. Já o vira logo depois do trabalho, de calção de banho, de gravata e de roupa formal. Suado, ou com os cabelos desarranjados pelo vento, Alec sempre conseguia ser cativante. Naquele dia, então, de *shorts* azul-marinho e de camisa branca, bronzeado e alto, estava devastador!

— Olá — ele cumprimentou diretamente Sofia, os olhos concentrados no rosto dela.

— Olá. — A mão de Sofia agitou-se nervosamente por um instante antes que Sofia fizesse força para mantê-la no colo. Alec sentou-se perto dela no sofá, e Gladys entregou-lhe um copo. Ambos começaram a conversar, e Sofia ficou calada quase todo o tempo. Manteve-se atenta, mas no momento em que houve uma pausa na conversa, ela se levantou.

— Tenho muito a fazer — explicou sem olhar para Alec. — Obrigada pelo refresco, Gladys. Vejo você mais tarde. — Dirigiu seu olhar para ambos, ao mesmo tempo, e assim não teve de encontrar o olhar de Alec.

Gladys despediu-se. Alec, porém, não disse nada. Gladys observou que Alec seguia Sofia com os olhos até a porta. Sua expressão era impenetrável. Depois



de um momento, desviou o olhar para encontrar os olhos da anfitriã, que estavam fixos nele.

— Você não se despediu, Alec.

Ele sorriu e disse para Gladys: — Como deve ter adivinhado, vou atrás de Sofia. Ela não pode livrar-se de mim tão facilmente.

— Você acha que ela quer?

Alec encolheu os ombros. — Não sei o que pensar, mas ela provavelmente sente o mesmo a meu respeito. — Ele balançou a cabeça confuso. — Não cortejo ninguém há mais anos do que gosto de mencionar.

— E isso que está fazendo, Alec... namorando?

— Sei que Sofia não compreende a intensidade dos meus sentimentos. Trabalhei muito nisso. Mas há algumas pessoas no meu mundo, você inclusive, que podem dizer só de olhar para mim.

— Eu soube desde aquela noite no hospital.

As sobranceiras de Alec se altearam, mas depois sorriu. — Ela não se sentia feliz quando a trouxe aqui para recuperar-se. Acho, porém, que isso já foi perdoado.

— E hoje?

O sorriso desapareceu. — Estou ainda trabalhando nessa área.

Gladys continuava curiosa, embora soubesse que devia deixá-los resolver os seus assuntos sozinhos. Perguntou a Alec o que ele começara a dizer, e depois de explicar os seus planos para o fim de semana, levantou-se.

— Você pode ir pela escada, Alec, mas suponho que não seja o melhor, se Sofia não estiver à sua espera.

— Não me importo de dar a volta, e acho que você está certa. Ela tem direito à sua privacidade.

Foi embora em seguida, com passos leves e orando no íntimo. Sabia que não iria entrar em confronto, mas não ignorava que havia uma nuvem entre eles. Era muito cedo no relacionamento para mágoas e incompreensões. A sua única oração, no momento, era que as coisas logo se acertassem.

S OFIA PENDUROU AS ROUPAS de inverno no fundo do armário e esfregou o braço onde uma saia de lã roçara em sua pele. A ideia de pensar em lã num dia como aquele era insuportável. Ela ligou o ventilador que havia no teto do seu quarto. Mesmo com o ar-condicionado, o calor estava intenso, e o ventilador foi uma bênção.

Sofia voltara à sala para pegar mais sacolas de roupas, quando Alec bateu na porta. Não ficou realmente surpreendida, mas não se sentia pronta para encará-lo. Parecia muito sério ao entrar, e Sofia não soube o que fazer quando ele se encostou à porta e olhou para ela.

— Acho que lhe devo desculpas — disse com voz que denotava calma.

Sofia sentiu-se melhor só de ouvir a voz dele. — Entre e sente-se, Alec. — Sofia correu à sua frente, abrindo caminho para ele.

— Você trouxe tudo do apartamento?

— Trouxe.

— O que usou, a van?

Sofia piscou e sacudiu a cabeça. Alec sentara no sofá, e Sofia ocupou a cadeira. Quis sentar do lado dele, mas teve receio de ele não aprovar.

— Pediu emprestado o carro da Gladys?

— Não, vim a pé.

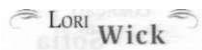
— Por quê?

— Rita usou a van ontem. — Alec tinha ido trabalhar e esqueceu completamente disso.

— Você não precisava fazer tudo num só dia.

— Não fiz. Trouxe também hoje.

— Nesse calor? Por quê?



— Porque tinha tempo. — Sofia sentia-se um tanto irritada.

— Podia ter usado a van — Alec falou franzindo a testa.

— Você estava com a van no *shopping*!

Essa última sentença mostrou a sua frustração.

— Sinto muito, Sofia. Não queria criticá-la. Nunca pensei que andaria com todas as suas coisas até aqui.

Sofia encolheu os ombros. — Estava quente. Seria mais fácil com a van, mas já acabei e estou bem.

— Tirou tudo?

— Sim.

— Fico contente porque está bem. Mas, se mudar daqui, por favor, fale comigo.

Sofia assentiu. Ela sabia que os seus motivos tinham sido justos. Não fizera nada para ofendê-lo nem para provar o próprio valor. Era como havia dito: tinha tempo e cuidou das coisas. Todavia, seria bom ter a ajuda dele da próxima vez, especialmente com o calor escaldante.

— Sinto muito a maneira como deixei você em casa — disse Alec subitamente, e Sofia não soube o que responder diante da mudança de assunto. — Eu estava pensando no que você dissera sobre a alegria e só depois que sai com Craig e Tory é que lembrei que não havia comentado nada sobre o assunto com você.

Alec continuou a falar:

— De fato, pensei nisso a tarde toda. Craig corta a grama, mas só depois de tornar claro para mim que não quer fazer isso. O mesmo acontece com Tory. Ela odeia esvaziar o lava-louças e fica se queixando o tempo todo. A tarefa é realizada. A atitude, porém, é negativa. Tenho também agido assim com respeito a certas coisas.

— Algumas vezes —, confessou Alec — preciso refletir. E era exatamente isso que eu estava fazendo quando Tory nos interrompeu. Não estava zangado nem ignorando você. Só precisava de tempo.

— Que bom que não estava zangado! Tive medo de não poder conversar com você. Pensei que estava fora das linhas.

O erro era tão gracioso que Alec não pôde corrigi-la. Ele sorriu: — Vou dizer para você quando eu me sentir assim, e quero que faça o mesmo comigo.



Sofia concordou.

— Queria ficar mais um pouco, mas tenho de buscar Craig na casa do Rick. Quer vir jantar conosco?

— Quero, mas tenho de arrumar esta bagunça.

Alec levantou-se. — Acompanhe-me, então, até a porta.

Ele se aproximou, tomou a mão dela e foi andando em direção à porta. Sofia puxou a mão e, Alec voltou-se. Os seus olhos estavam cheios de indagações, e os dedos de Sofia se enovelaram no seu embaraço.

— Não quero dar as mãos até que você esteja pronto para isso.

Alec deu meia-volta. — Não estou entendendo.

Sofia engoliu em seco. — Você não quer segurar a minha mão na frente de Tory, e senti como se fosse enganadora.

— Soltei a sua mão, não foi? — A voz de Alec mostrava surpresa.

Sofia, que ainda sentia a rejeição, só concordou.

— Sinto muito, Sofia. Não sei por que agi assim. Tenho de pensar também sobre isso.

Os olhos de Sofia baixaram por um momento; sentia-se horrível. — Você vai pensar que sou difícil de satisfazer.

— Olhe para mim, Sofia. — Ela obedeceu e, por alguma razão, os seus olhos marejaram.

— Não vou pensar isso. Continuo querendo conhecer você e espero que queira me conhecer.

— Quero.

— É só uma questão de tempo, está vendo?

— Sim.

— Queria conversar mais um pouco, mas tenho de correr. Você talvez pense que não é da minha conta, mas por que não vai dormir mais cedo hoje?

— Eu vou.

— Vejo você provavelmente amanhã, logo que puder.

— Está bem. Até logo, Alec.

— Até amanhã. — Com essas palavras ele se foi, e Sofia ficou olhando pela janela enquanto Alec se afastava. O relacionamento deles era estranho em

alguns pontos. Conheciam um ao outro; entretanto, ainda havia muita coisa dc que não tinham consciência. Sofia lavara as roupas e limpava a casa dele como uma esposa. O relacionamento de ambos, porém, não era nada íntimo. Sofia não tinha sequer certeza de que Alec desejava que fosse. Ele era um homem afetuoso. Isso significava que desejava um relacionamento duradouro? Ela queria. Não sabia exatamente o que era amar, mas tinha sentimentos fortes em relação a Alec Riley... algo que a fazia desejar estar ao lado dele o tempo todo.

Uma hora mais tarde, Sofia comeu torradas e ovos, sentindo que mentira a Alec, pois não tratara dc arrumar a desordem em que a sala se encontrara. Não tinha mais remédio. Cansada demais para fazer qualquer coisa, foi para a cama antes do pôr do sol e dormiu a noite inteira.



Sofia olhou-se no espelho pela segunda vez e, depois, pegou a bolsa. Era sexta-feira à noite e tinha sido convidada para um churrasco na casa dos Rileys. Eles haviam dito que aquele era o seu jantar de aniversário, e iam partir o bolo naquela noite, já que Rita queria fazer compras com ela no sábado, e todos estariam passando o dia inteiro dc domingo no *Dell* 's.

Sofia acabara de virar a esquina da casa de Gladys, quando Alec aproximou-se na van. Ela sorriu ao vê-lo e entrou no conforto do ar-condicionado.

— Que surpresa!

— Está muito quente, e eu não queria que os pernilongos a levassem embora.

— Você é muito cavalheiro.

— Nem tanto — disse ele com uma risada. — Rita disse que precisávamos de gelo, e senti pena de você.

Sofia riu e Alec sorriu para ela antes de dar partida no carro. Não haviam nem dado as mãos desde o domingo anterior, principalmente pelo fato de não terem tido tempo de falar sobre o que ocorrera entre eles. Alec decidiu que não se constrangeria se o vissem demonstrar seu carinho para com Sofia. Na verdade, não sabia por que, naquele dia ele soltara a mão dela. Agora que descobrira, acreditava que precisavam discutir o problema para ter certeza de que os seus pensamentos seguiam na mesma direção.



A compra do gelo foi feita. Alec, porém, não tinha pressa. Dirigiu com toda calma e pôs os pacotes de gelo bem devagar na parte de trás, enquanto Sofia esperava na van. Conversaram sobre a semana e o último projeto de Alec: uma casa de trezentos e vinte e cinco metros quadrados em Madison, que levaria algum tempo para ser construída. Chegaram, então, à entrada da casa dos Rileys, e pararam na garagem. Sofia não reparou que Alec não havia retirado o gelo do porta-malas. Ouvia tão atentamente as palavras dele que, quando chegaram à cozinha e treze pessoas gritaram "Surpresa!", Sofia quase desmaiou. A sua boca abria e fechava sem que pudesse pronunciar uma só palavra. Gritos de "Feliz aniversário!" e de "Ficou admirada?" soavam por toda parte, e ela foi abraçada e beijada por todos.

— Não posso acreditar!... — disse Sofia à sorridente Janete Riley. Davi aproximou-se por trás dela, junto com os três filhos. Gladys também viera, na companhia de Carl e Candy Nickelberry. Ela reconheceu Jim e Marlyce Parman, da sua classe da Escola Dominical. Além de Sofia, cerca de quinze pessoas estavam apertadas na cozinha. Sofia ficara tão espantada que só conseguia balançar a cabeça e iniciar sentenças que nunca terminava.

— Eu nunca... Como você pôde... Você deve ter telefonado... E o bolo, é tão...

— Você está bem? — Alec conseguiu finalmente sussurrar.

— Sim — sussurrou ela de volta. — Só muita surpresa.

O sorriso dele era terno antes de beijá-la no rosto e de afastar-se. Janete e Davi vieram em seguida, e Sofia ficou sabendo que Alec telefonara a todo mundo na noite de domingo, depois do encontro deles, para combinar as coisas. A noite de sexta-feira fora escolhida para a festa, a fim de que os Rings pudessem passar o fim de semana com eles. Alec havia originalmente convidado Gladys para o sábado, mas isso antes do seu telefonema para Chicago. As compras com Rita tinham sido um disfarce desde o começo, mas iriam ao *Delis* logo depois do serviço e da Escola Dominical. Sofia só pôde rir de todas as estratégias. Soube, pelo ar de carinho de Rita e Craig, que eles estavam por trás de toda aquela trama.

Em meio a todo barulho, Sofia ouviu Alec gritar alguma coisa a respeito do gelo. Correu até a van e, para divertimento de todos, voltou com dois sacos gotejantes. Rita providenciou uma vasilha para gelo, e as gotas que sobraram foram guardadas ali. A partir desse ponto, a noite foi uma emoção só. Uma conversa gostosa com Jim e Marlyce levou a outra com Davi Ring e Carl Nickelberry. Os presentes recebidos por Sofia eram maravilhosos e delicados. Papel de carta e

canetas, um devocional escrito por Chuck Swindoll (Sofia gostava de ouvi-lo no rádio), um jogo de manicure, um buquê de flores, patins com as rodas em linha, oferecidos pelos filhos de Alec, e um lindo xale de algodão para cobrir o sofá. Não ganhou nada de Alec, mas mal notou isso, com todos os lindos presentes que recebera.

A noite foi perfeita do começo ao fim, e já passava da meia-noite quando Alec a levou para casa e foi com ela até a porta. Ficaram na entrada para despedir-se. Os olhos de Sofia brilhavam felizes, e Alec precisou esforçar-se ao máximo para não tomá-la nos braços.

— Foi maravilhoso. Já agradei você?

— Mais ou menos cinco vezes. — A voz de Alec soava divertida. Sofia, um tanto embaraçada, foi até a cozinha procurar um vaso onde arranjar as flores. Quando o vaso de flores foi colocado no centro da mesa da cozinha, Sofia voltou para onde Alec estava e comentou:

— Não vamos querer levantar de manhã.

— E verdade —, concordou ele — mas teremos lindos sonhos.

Sofia sorriu e Alec tomou as duas mãos dela nas suas. — Vai ser diferente desta vez — começou ele de repente. — Eu não tinha filhos quando Vanessa e eu namoramos. Desta vez, pensei durante horas sobre como eu gostaria que alguém tratasse Rita, e sei que devo fazer o mesmo com você. Não pode haver áreas de pensamento fora dos limites entre nós. Se quiser saber alguma coisa sobre mim, pergunte. Quero ter a liberdade de fazer o mesmo.

Sofia fez que sim. Ela também pensara muito nisso e concordava plenamente com ele. Não poderia funcionar de outra forma.

— Quero dizer, também, que desejo muito segurar a sua mão quando for apropriado, não importa com quem estejamos. Você tem alguma objeção?

Sofia riu suavemente. — Sinto muito ter aberto a boca. Senti falta da sua mão tocando a minha.

A emoção envolveu Alec. Ela era tão transparente!... Seus olhos olhavam fixamente para ele, com muita confiança e sinceridade. *Amo você, Sofia*, o seu coração sussurrou, mas ele apenas estendeu a mão e tocou o nariz dela.

— Gosto do seu nariz — ele disse.

Enrugando o nariz, Sofia dirigiu-lhe um olhar cômico. — É útil para segurar os meus óculos de sol.



Alec riu um tanto excessivamente.

— Você está cansado — disse Sofia. — Vá para casa. Nos vemos amanhã.

— Está bem. Jan me disse que vai procurar apartamento.

— Vou sim, e Davi disse que você vai jogar golfe com ele.

— Isso mesmo.

Alec soltou a mão dela com relutância, e Sofia suspirou de leve. Saiu em seguida e, mesmo cansada, ficou ali de pé por algum tempo e saboreou o momento. De repente, sentiu como se estivesse voltando à cozinha dos Rileys no Quatro de Julho. Não deviam apressar-se, mas tinha sido agradável sentir os braços dele em volta do seu corpo e os seus lábios delicados tocando sua boca.

— Vá para a cama. Sofia — disse ela a si mesma. — O tempo deve ser de Deus, não seu.

Sofia acreditava nisso de todo coração. Ficou, porém, contente por Alec ter ido embora. Se estivesse ali naquele momento, ela certamente teria lançado os braços em volta dele e o abraçado com toda força.

VEJA, SOFIA! — Janete exclamou quando entraram em outro apartamento pequeno. — Este é ótimo!

Tem razão! Sofia olhou em volta admirada. Os três primeiros tinham sido deprimentes.

— Veja as janelas!

Sofia assentiu. — Quanto é o aluguel?

Janete olhou para o papel nas mãos. — Não pode estar certo.

— O quê?

— Veja, parece ser o mais barato.

— Verdade? — Sofia não acreditava.

— Espere um pouco. Vou ler de novo.

Sofia prendeu a respiração, não ousando esperar, e depois sentiu vergonha. *Você pensa que Deus queria que morasse numa toca de coelhos, Sofia? É claro que escolheu algo maravilhoso para você.*

— É verdade mesmo, Sofia —, disse Janete, mencionando um preço que fez saltar o coração de Sofia. As duas se entreolharam cada vez mais entusiasmadas e, depois, inspecionaram tudo um pouco mais. O quarto e o banheiro eram pequenos, mas a sala grande, com ótima cozinha e área de jantar, onde caberiam um sofá e uma poltrona, era bem espaçosa. Além disso, todas as paredes pareciam recém-pintadas.

— Penso que deveria alugá-lo — aconselhou Janete.

Sofia disse apenas: — Fico pensando por que alguém ainda não alugou.

Parte da alegria de Janete diminuiu: — Pensei nisso também, mas quero tanto que consiga algo bom que não refleti muito.



A senhora Kent, mulher do proprietário, escolheu aquele momento para bater e entrar.

— O que acharam?

— Gostamos muito — afirmou Janete. — O aluguel no jornal está correto, senhora Kent?

— Está.

Janete sacudiu a cabeça e confessou: — Não sei como ainda não foi alugado!...

O sorriso da senhora Kent fez o seu rosto enrugar. — Só saiu no jornal esta manhã. Vocês foram as primeiras a telefonar e ver o apartamento. — A mulher decidiu não contar a elas que duas outras pessoas viriam na parte da tarde.

— Estou interessada, senhora Kent —, falou Sofia. — Pode dar-nos mais alguns minutos?

— Claro. Vou estar em casa. Você compreende o que meu o marido falou sobre o estacionamento de um carro, não é?

— Claro que sim.

— Ótimo. Pode usar o quintal, o balanço ou qualquer outra coisa, mas na entrada e na garagem só cabe um carro, por isso precisa estacionar na rua.

— Está bem.

A senhora Kent saiu em seguida, e Sofia disse a Janete:

— Devemos orar agora, Janete. Quero fazer o que é certo e orar.

Não foi preciso pedir duas vezes. As duas amigas ficaram juntas, inclinaram a cabeça e pediram sabedoria e paz nas horas seguintes para aquela importante decisão. Agradeceram a Deus pelo seu cuidado e provisão. Quando Sofia levantou a cabeça, já decidira.

— Quero este apartamento, mas quero também que Alec o veja antes de eu alugá-lo.

— Tem razão — Janete concordou fazendo cálculos imediatamente. — Quer que pergunte se ela aceita cem dólares para garantir o aluguel? Depois vamos procurar Davi e Alec.

Sofia concordou, e Janete saiu pela porta. Havia outro apartamento na lista, mas Sofia achava que não precisariam vê-lo. Inspeccionou um pouco mais à sua volta. O tapete estava manchado perto da porta da frente, embora tudo o mais estivesse fresco e limpo. A geladeira estava imaculada por dentro, e todos os

armários da cozinha tinham sido limpos. Sofia sorriu e mordeu os lábios. Era um lugarzinho adorável, e não ficava em um edifício de apartamentos. Parecia mais um chalé construído atrás da casa dos Kents. Para chegar até ele, haviam andado por uma entrada estreita e tomado um caminho ao lado da garagem. Quando a neve caísse, seria necessário abrir todo aquele espaço; entretanto, podia facilmente imaginar-se aconchegada e confortável lá dentro.

— Tudo arranjado — disse Janete ao voltar. — Ela gostou de você, aceitou alegremente o dinheiro e está disposta a esperar a sua decisão.

Sofia riu contente.

— Venha, vamos atrás de Davi e Alec.

Vinte minutos depois, estavam no campo de golfe. Sofia ficou do lado de fora para ver se conseguia localizá-los, e Janete foi para o prédio do clube. Atravessava depressa o salão de refeições, quando uma voz amável disse: — Onde é o incêndio?

Janete virou-se com um sorriso para Davi, e ele a abraçou por um momento.

— O que aconteceu? — disse ele ao seu ouvido, e Janete recuou.

— Encontramos um apartamento para Sofia, e ela quer que Alec o veja.

Marido e mulher trocaram um sorriso. Havia conversado na noite anterior antes de dormir. Janete acabara chorando ao lembrar da maneira terna com que Alec olhara para Sofia o tempo todo na festa. Sentiu vontade de chorar outra vez. Davi a salvou.

— Vou buscar o Alec e me encontro com vocês na porta.

Sofia desistira de procurar no campo e também esperava na porta. Dez minutos depois, os quatro estavam nos carros e se dirigiam ao chalé dos Kents.

— E limpo — disse Sofia a Alec no caminho. O entusiasmo no seu rosto governava também seus movimentos. — Não é grande, mas é bonito. O refrigerador é também limpo e os armários. Tudo cheira bem.

— Os outros lugares não cheiravam?

Sofia mordeu o lábio. — Não eram tão simpáticos. — Ela parecia estar quase pedindo desculpas.

— E o preço é bom?

— Sim. Acho que não vou precisar de aumento. Não posso estacionar na entrada nem na garagem. Como não tenho carro, isso não importa. O casal Kent



tem um gramado e um jardim bem cuidados. Ela disse que não aceitam animais de estimação, mas não quero cachorro nem gato.

— Qual a distância da nossa casa?

— Menos de dois quilômetros, penso que Janete disse.

Alec olhou para ela.

— Não é longe, posso andar.

— Não depois de escurecer — foi a resposta dele, e Sofia calou-se. Haviam discutido sobre isso antes. Depois de ter morado em Chicago, mostrava-se um tanto confiante demais, e isso preocupava muito Alec.

— Entre nessa rua.

Alec entrou e, alguns minutos depois, pararam na frente da casa. A senhora Kent, que se achava ali, foi encontrá-los e deu a chave a Sofia. Cumprimentou Alec e, sorrindo amigavelmente, disse que levassem o tempo que quisessem.

Sofia pôde ver que Alec estava impressionado. Examinou tudo cuidadosamente e até foi procurar a senhora Kent para perguntar o custo médio do aquecimento e do ar-condicionado. Perguntou se a tomada do telefone funcionava. Indagou também sobre os aparelhos elétricos e o gás. Deve ter ficado satisfeito, porque, ao voltar, brincou com Sofia:

— Você não poderá receber uma centena de pessoas, mas é realmente aconchegante.

— Você acha que devo? — ela parecia esperançosa.

— Penso que sim. Precisamos conversar sobre algo primeiro.

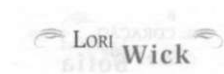
Sofia levantou o queixo. — Sobre andar.

— Sim. Não é muito longe, mas você não vai ficar andando da minha casa para cá no escuro.

— Isto é Middleton, não Chicago — objetou Sofia.

— Mesmo assim, não é seguro. — Alec mostrava-se tão razoável e convicto que Sofia sentiu-se confusa. Achou que estava sendo, na verdade, super-protetor.

Nessa hora, Alec e Sofia perceberam que eram observados pelos Rings. Escutavam a conversa abertamente e, ao serem descobertos, sorriram para o casal que discutia.



— Não se incomodem conosco — falou Janete alegremente.

— É isso mesmo — concordou David. — Vocês dois parecem casados há muito tempo.

O olhar de Alec voltou-se para Sofia, que ficou vermelha até a raiz dos cabelos e virou o rosto. Os Rings saíram, e Alec foi até ela, que examinava a pia da cozinha. O balcão em forma de U formava um corredor, e ele bloqueou propositadamente a saída com o seu corpo avantajado.

— Você acha que não devo ficar com o apartamento? — Perguntou ainda de costas para ele.

— Acho que deve.

Sofia fez meia-volta.

— Sofia — Alec tentou novamente —, não importa onde você more. Não pode andar sozinha depois do anoitecer. Quando os dias são mais curtos, você não deve caminhar no escuro, mesmo que more na casa da Gladys.

— Como vou para casa?

— Levo você.

Sofia sacudiu a cabeça. — É muito trabalho.

Alec pegou o queixo dela e perguntou: — Quando vai entender que você não é trabalho? Quando vai compreender que gosto da sua companhia e de satisfazer suas necessidades? Se for necessário, para que esteja segura, atravesso Madison com você todas as noites. Por favor, não me peça para concordar com algo que possa fazê-la correr risco, porque não vou fazer isso.

Sofia suspirou. — Você acha que fui teimosa.

— Não exatamente. Mas está acostumada a cuidar de si mesma e é muito ingênua quanto ao perigo.

— Não lembro de ingênua.

— Inocente. Confiante demais.

Sofia assentiu e percebeu, então, que Alec ainda segurava o seu queixo. Os dedos compridos acariciaram gentilmente a face dela até ouvirem Janete e Davi entrando. Alec rodeou os ombros de Sofia com o braço.

— O que decidiram? — Davi perguntou.

— Vou ficar com ele — respondeu Sofia.



— Oh, Sofia, estou tão contente! — exclamou Janete. — Eles são simpatíssimos! O senhor Kent disse a Davi que vão cobrar os dias que restam do mês e segurar o apartamento para você até 1º de agosto, como você quiser.

Sofia teve de se informar com Alec sobre como isso funcionaria. No momento em que compreendeu, começou a fazer os cálculos de cabeça.

— Penso que se esqueceu de nós — comentou Davi, mas Sofia não ouviu. Perguntou a Alec se tinha papel, e ele tirou um do bolso. Os outros três adultos ficaram ali quietos enquanto ela escrevia.

— Perdemos os cem dólares do sinal, Janete, ou a senhora Kent vai devolver?

— Disse que vai descontá-los do depósito de duzentos dólares que você terá de fazer junto com o aluguel do primeiro mês.

— Devo, então, cem dólares a você. — Sofia voltou às contas. Ficou mais alguns minutos absorvida até que Alec colocou um cheque em branco ao seu lado. Estivera, evidentemente, dobrado na sua carteira, mas chamou a atenção de Sofia, que levantou os olhos.

— Vamos descobrir o que a senhora Kent quer hoje, e eu cuido disso para você. Pode acertar comigo mais tarde.

— Mas devo a Janete... — isso parecia preocupá-la.

— Cuido disso também. Resolvemos os detalhes depois.

— Oh! — Ela pareceu muito satisfeita e aliviada. — Obrigada, Alec.

Voltou-se, então, para os Rings: — Obrigada, Janete. Pensei que teria de procurar um apartamento por semanas.

— De nada, Sofia. Só gostaria de estarmos aqui para ajudá-la com a mudança.

— Não tenho muita coisa, na maioria roupas. Vou voltar a dormir no chão por algum tempo. — Com essas palavras bem-humoradas, Sofia saiu para falar com a senhora Kent. Os Rings olharam para Alec como a pedir uma explicação.

— E uma história comprida.

— Pode ser, mas você não vai deixá-la dormir no chão, não é, Alec? — Janete não pôde deixar de inquirir.

— Não, mas ela tem toda razão para esperar isso. Vou contar a vocês mais tarde.

Meia hora depois, o apartamento era de Sofia. Os Kents foram muito justos quanto ao aluguel da última metade de julho, e Alec encorajou Sofia a mudar-se logo para o apartamento.

— Fazemos a mudança na próxima semana — disse ele. — Segunda à noite, ou terça, se for necessário.

Sofia apenas sorriu. Alec tomou a mão dela e Sofia apertou a dele com força. A felicidade e a empolgação dominaram-na de tal forma que ficou até meio tonta, e a mão de Alec pareceu-lhe muito estável e segura. Voltaram à casa dos Rileys. As crianças já estavam preocupadas com a demora deles. O grupo de dez pessoas que estavam na casa de Alec passou o dia na piscina de Middleton. A piscina estava lotada, mas a água estava fresca.

Todos se sentiam cansados demais para fazer churrasco naquela noite e, em vez disso, pediram pizza. Ficaram acordados até tarde conversando e comendo. Mesmo assim, no dia seguinte, não deixaram de levantar-se para o primeiro culto e a Escola Dominical, antes de irem ao *Delis*. Aquele foi um dos fins de semana mais ocupados que Sofia tivera com a família Riley, mas fora muito divertido, e o tempo que passou na companhia de Alec fez com que ela admitisse que cada minuto de sono perdido valera a pena.

Ela se preparou para dormir com o coração cheio de lembranças: a festa-surpresa e o bolo delicioso; Alec segurando ternamente o seu queixo e preenchendo o cheque para que tivesse um lugar agradável onde morar; Davi perguntando como ela estava *realmente*; Tory suplicando que fosse com ela a um túnel interno no parque aquático, de onde, no fim, caíam na piscina, espalhando água por todo lado; a briga com Craig na água, em que ele foi o primeiro a desistir e, depois, voltou com os primos para quase afogá-la. E Alec, ensopado, com os cílios grudados pela água, os dentes tão brancos enquanto ria e sorria para ela.

As lembranças do fim do dia estavam também ainda frescas: Janete abraçando-a ao despedir-se, sem saber explicar por que tinha lágrimas nos olhos, lágrimas compreendidas por Sofia. Alec esperando até ficarem sós para dar-lhe o seu presente: uma caixa de jóias musical, muito linda, que ela guardaria para sempre como um tesouro; e, finalmente, Alec levando-a para casa, os dois cansados mas contentes, depois de ver aquele brilho alegre nos olhos dele, no momento que agradeceu por ela ter tido um aniversário que o deixara exausto.

Que lembranças! Sofia deitou-se afinal, agradecendo a Deus uma por uma dessas bênçãos. Não estava nem na metade quando o sono tomou conta dela.

DEZ DIAS ANTES DE AS AULAS COMEÇAREM, os Fraziers chegaram para uma visita. Tudo havia sido preparado e esperado pelas crianças, mas Alec não tinha certeza do que poderia acontecer, embora tivesse tido algum contato com os sogros durante o verão, e sentido que as coisas tinham melhorado. Haviam avisado, no fim de junho, que fariam um cruzeiro em novembro. Essa era uma das coisas pelas quais Alec orava sempre que o Senhor o fazia lembrar-se de Jim e Peg. Não tinha ideia do que aconteceria quando soubessem que estava namorando Sofia. Ficou aliviado pelo fato de a governanta não estar presente quando os Fraziers chegaram.

— Feliz aniversário! — foram as primeiras palavras de Peg a Tory, que fizera onze anos no dia 2 de agosto. A avó entregou uma caixa enorme para a neta.

— Obrigada, vovó! — Os olhos de Tory se arregalaram, e a família rodeou-a para ver o presente.

— Você andou fazendo compras, vovó —, comentou Rita durante a agitação.
— Gosto desta blusa.

— Obrigada, querida. — Ela parecia muito satisfeita, e Jim falou em voz baixa para Alec:

— Ninguém avisa você sobre isso.

— O que quer dizer? — perguntou Alec com um sorriso; os seus sogros estavam de bom-humor.

— O agente de viagens dá o preço dos voos e do cruzeiro, mas ninguém lhe diz que a sua mulher vai comprar até levá-lo à bancarrota.

— Oh, Jim —, censurou Peg, e ambos sorriram. De fato, pareciam estar ótimos.

— Onde está Sofia? — perguntou Jim.

— Ela queria que ficássemos um pouco a sós com vocês e foi para casa mais cedo.



- Telefone então para ela depois, Alec —, disse Peg. — Queremos levar todos vocês para o Fitzgerald's amanhã à noite.
- Está bem — Alec sorriu para ela, embora não soubesse como conseguira manter a voz em tom normal.
- Oh, vovó! — Tory exclamou outra vez ao tirar da caixa uma cadeira de balanço, listrada de azul e branco.
- Elas estão na moda de novo, Tory —, explicou Peg. — Comprei para combinar com o seu quarto.
- Achei linda, vovó! Muito obrigada. — A menina levantou-se para beijar os avós antes de esparramar-se na cadeira nova. Os outros também se sentaram na sala de estar, e Alec e os filhos fizeram perguntas aos Fraziers sobre a viagem. Os sogros estavam dispostos a contar as aventuras que tinham vivido. Quando terminaram de descrever o itinerário que tinham feito, Alec ficou com vontade de fazer uma viagem igual à deles. Durante a refeição e pelo resto da noite, a mente de Alec estava voltada para essa ideia. Depois que ficou sozinho, foi para o seu quarto e telefonou para a mulher dos seus sonhos:
- Alô?
- Oi — foi tudo o que Alec disse quando Sofia atendeu o telefone e, como de hábito, o coração dela acelerou-se. Amava ouvir o som grave da voz dele ao telefone.
- Como vai? — perguntou, parecendo um pouco ofegante.
- Estou ótimo e você?
- Também ótima. Os Fraziers chegaram bem?
- Chegaram. Estão entusiasmados com a viagem e não os via assim tão alegres há anos.
- Que bom, Alec!
- Eles nos convidaram para jantar.
- Oh! — Sofia não entendeu o que ele queria dizer. — Vocês vão gostar.
- Quero dizer todos nós. Peg me pediu para convidar você.
- Houve um momento de silêncio.
- Está brincando comigo, Alec?
- Não. Fiquei admirado também, mas ela parecia sincera.



- Oh, Alec, ela não tem de fazer isso. — A voz de Sofia mostrava que ela estava penalizada ao pensar em Peg. — Não quero vê-la sofrer. Não me incomodo se vocês forem.
- Compreendo a sua intenção, Sofia, mas não acho que Peg vai entender. Penso que está realmente tentando. Se você recusar essa oferta de paz, acho que ela vai considerar uma rejeição.
- Colocado desse jeito, fico contente de ir. A roupa é formal?
- Já jantei várias vezes no Fitzgerald's usando jeans. Penso, porém, que Jim e Peg vão ser mais formais.
- Está bem. Devo ir até aí a pé?
- Não. Vou buscar você. Ainda não marcamos a hora, mas acho que por volta das seis.
- Tudo bem.
- O que vai fazer o resto do dia amanhã?
- Vou ajudar a senhora Kent no jardim.
- Como vai o tornozelo dela?
- Parece melhor, mas ela não para. Sei que o senhor Kent se preocupa.
- As crianças e eu oramos ontem por todos vocês.
- Obrigada, Alec. Eu disse ao senhor Parman que nunca tive oportunidade de usar o que aprendi no curso "O evangelismo como um estilo de vida", e tenho agora duas pessoas no meu batente.
- Alec riu consigo mesmo. Já andara pelo quarto falando ao telefone sem fio, mas agora estava deitado, com os olhos fechados, imaginando como estaria Sofia. Com certeza, estaria descalça, pois, sempre que chegava em casa, ela jogava longe os sapatos. E, por certo, estava de óculos, lendo alguma coisa. Ele só a vira de óculos algumas vezes, mas ficava adorável com eles! Seus olhos escuros e imensos recebiam um toque especial com os óculos.
- Você ficou quieto.
- Sim, fiquei. Estava pensando em você.
- Bons pensamentos ou estou com problemas?
- Problemas terríveis!... — brincou ele para esconder as suas emoções. Sofia suspirou do outro lado e por algum tempo os dois se calaram.

— Sinto falta de você — disse de repente Sofia admirada — sempre que alteramos a nossa rotina. Estou contente com a visita dos Fraziers, mas sinto falta de estar com você e as crianças.

— Sei o que quer dizer. Estou, no entanto, em pior situação, porque comecei a ficar muito egoísta na minha velhice. Quero ficar com você e sou muito tentado a mandar as crianças procurarem outra coisa para fazer.

Sofia sorriu. — Somos amigos, Alec? — perguntou.

— Somos.

— Seremos um dia mais que amigos?

— Penso que sim, mas prefiro discutir isso quando estivermos juntos.

— Não posso — admitiu Sofia. — Não teria tido coragem se você pudesse ver meu rosto.

Alec ficou pensando um pouco. — O que você quer realmente saber?

— Não tenho certeza...

Ficaram em silêncio outra vez, Alec desejando desesperadamente estar com ela, e Sofia com as faces queimando, embora estivesse sozinha, e desejando não ter feito a pergunta.

— Fui injusta, Alec. Estamos namorando há poucas semanas e agora ponho você na parede. Sinto muito.

— Não, Sofia, nada disso. Não estou quieto porque me perturbou ou porque me sinto encurralado. Quero encontrar as palavras. Você não é uma aventura passageira para mim. De fato, tenho sentimentos fortes a seu respeito. Por essa razão, algumas vezes preciso dizer a mim mesmo para ir devagar.

— É verdade, Alec? Você se esforça para ir devagar? — Sofia não pensara nisso.

— Sim. Você me disse que não queria apressar-se, e penso que é sensato, mas nem sempre é fácil.

Sofia não soube o que dizer por algum tempo. Acreditava que o melhor era ir com cautela. Ao dizer isso, porém, não fazia ideia de como ele se sentia.

— Acho que perdi você — disse Alec suavemente do outro lado da linha.

— Não. Estou também pensando agora. Ao ir devagar, não sabemos o que estamos fazendo. Não posso ir correndo para beijos e coisas assim, mas preciso saber minha posição. Por que estamos namorando? Há futuro



nisso? Queremos isso ou só estamos nos divertindo por algum tempo?
Dá para entender?

— Perfeitamente. Sinto não ter compreendido antes.

Sofia ouviu alguns ruídos e, depois, Alec voltou ao telefone.

— Tenho um livro nas mãos. É sobre o casamento. Vi a propaganda numa revista e comprei dois na *Bread Shop*, em Madison, esperando que algum dia pudéssemos lê-los juntos. Assustei você, Sofia?

— Não. — A voz de Sofia era ofegante, mas ela se mostrava entusiasmada.

— Vou ler a última capa para você.

Ele limpou a garganta e leu em voz alta: — Os casais que estão pensando em casamento, ou os maridos e mulheres já casados há anos, irão gostar e beneficiar-se com este livro. Ao compartilhar a sua experiência pessoal, os autores contam honestamente a própria história de maneira bem-humorada e comovente. Verdades bíblicas fundamentam o texto, e os autores dão dicas práticas e sugestões sólidas sobre como conhecer melhor o homem ou a mulher em sua vida etc.

— Alec acabou de ler e comentou: — Achei que parece bom. O que você acha?

— Também acho bom.

— E se eu levar um exemplar para você amanhã e nós dois lermos o primeiro capítulo e, depois, discutirmos? O livro tem um guia de discussão no final. Parece um bom plano?

— Sim. — O coração de Sofia estava tão leve que ela queria dançar. Ia fazer uma brincadeira com a ideia, mas Alec começou a falar com alguém no quarto. Sofia achou que a voz era de Tory.

— Estou de volta.

— Algum problema?

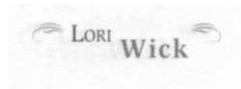
— Não, mas Tory quer que eu a ponha na cama, acho melhor ir.

— Está bem.

— Vejo você amanhã — disse Alec baixinho.

— Vai lembrar do livro?

Ele disse que sim, e desligaram o telefone. Alec orara pedindo paciência e, às vezes, se sentira realmente provado. No entanto, a conversa que tivera com Sofia o encorajara. Valorizava o tempo de espera. Sacudiu a cabeça ao pensar na sua falta de compreensão:



— Quase sempre, o homem pensa que, quando a mulher pede para os dois irem devagar, refere-se a tudo no namoro. Sofia está pronta para assumir um compromisso sério comigo, ou pelo menos tentar, e eu não percebi isso; tenho evitado beijá-la de novo.

— Paaiii? — Tory gritou com voz cantada no fim do corredor.

Alec colocou o telefone na base e foi para a porta, com os pensamentos em tumulto. *Mal posso esperar para conhecer Sofia o suficiente e lhe contar como fui um tolo.*

S OFIA ARRANJOU O GUARDANAPO no colo e tentou acalmar seus movimentos. Os Fraziers tinham se mostrado realmente bondosos e Sofia pôde ver que Peg estava se esforçando para isso. Por alguma razão, entretanto, muitas vezes citou o nome de Vanessa. Não parecia que tinha más intenções com essa atitude, mas com isso constrangia Sofia, que ficava sem saber o que falar.

Sofia quis se lembrar de como se iniciara aquela noite, mas a única coisa que veio à sua mente foi a maneira com que Alec colocara a mão nas suas costas, quando entraram no restaurante. Além disso, não houve nada mais. É possível que Peg Frazier já suspeitasse e os estivesse observando. Se fosse verdade, as histórias sobre Vanessa eram uma espécie de advertência. Na verdade, Sofia não podia culpar a mãe de Vanessa. Devia ser penoso pensar que Alec fosse escolher alguém para tomar o lugar da sua filha.

Sofia procurou não olhar muito para Alec, nem interferir muito na conversa. Para ela, tinha sido agradável o fato de os Fraziers a terem convidado para aquele jantar, mas, afinal de contas, ela estava sempre com a família Riley, enquanto Jim e Peg tinham apenas aquele final de semana para aproveitar a companhia deles. As coisas melhoraram no final da noite, quando Jim comentou sobre o cruzeiro que fariam, mas o tempo de refeição fora deveras desgastante. Ao deixarem o restaurante, Sofia estava com dor de cabeça.

Todos se empilharam na van, com Alec ao volante. Sofia sentara no fundo com Rita e Tory a caminho do restaurante, e o mesmo arranjo foi mantido na volta para casa. Para surpresa de Sofia, porém, Alec anunciou que ia levá-la para casa e estaria de volta dentro de pouco tempo. Sofia teve medo de olhar para Peg Frazier, mas sorriu um pouco quando Rita desceu do carro e piscou para ela.

— Por que você não vem para cá? — sugeriu Alec quando todos haviam descido e iam em direção à casa dos Rileys. Sofia foi para o banco da frente, com um mínimo de alarde, e colocou o cinto de segurança.

— Você está bem? — perguntou Alec ao dar partida no carro.

— Sim. Só com um pouco de dor de cabeça.

— Por causa de toda a conversa sobre Vanessa?

— Não, realmente. Nunca me importei de ouvir falar da sua esposa. Quero que a senhora Frazier sinta-se à vontade comigo. Não quero vê-la sofrer, nem que alguém me considere uma ameaça.

Acredito nisso — disse Alec a si mesmo. *Você é uma das pessoas mais generosas que conheço, e gostaria de poder dizer-lhe neste momento tudo o que sinto no meu coração.*

— Pareci uma ameaça para você, Alec?

— Não! — respondeu ele imediatamente. — Foi uma excelente ouvinte. Acho que eles talvez tenham notado que estamos nos encontrando. Embora seja difícil, Peg vai ter de enfrentar isso.

— Vai ser difícil quando voltar esta noite?

Eles estavam na entrada dos Kents, e Alec segurou a mão de Sofia. Colocando-a no seu braço, os dois continuaram andando em direção à pequenina casa.

— Acho que não. Tenho certeza de que Peg está tentando ao máximo e penso que continuará a fazer isso. Só vão embora na segunda-feira e, pela primeira vez, não estou ansioso para que partam.

— Não se preocupe em me levar para a igreja amanhã — disse Sofia. — É perto daqui.

— Gostaria de convidá-la para passar o dia conosco... — Alec disse com interesse.

Quando Alec ainda estava falando, Sofia já sacudiu a cabeça: — Tenho você todo o tempo, e os Fraziers só vão ficar no fim de semana. É melhor desse jeito.

Eles se achavam na pequena sala de estar de Sofia, e Alec ocupara a cadeira. Olhou para ela sem fazer qualquer comentário. *Tenho você todo o tempo.* Não conseguia tirar as palavras da cabeça. Estaria contente com a sua situação? Desejava ficar mais ao seu lado, mas Sofia talvez...

— Trouxe o livro, Alec? — a voz de Sofia cortou os seus pensamentos.



— Não, sinto muito. Planejo falar com os meus sogros sobre nós. Achei que não seria justo deixá-los ver o título do livro sem uma explicação.

Sofia concordou, embora decepcionada.

— Tentarei escapulir amanhã e trago para você.

Aquele foi um tom bem mais doce para terminar. O coração de Sofia estava pesado quando ele saiu. Haviam passado tanto tempo juntos nas últimas semanas e interromper agora esse contato parecia terrível. Embora Sofia tentasse se sentir feliz pelo fato de Alec e os filhos terem esse tempo com os Fraziers, ela se sentia solitária. A sua casa era tão pequena que ficava limpa em segundos, e perambulava então sem propósito, de um lugar para outro.

— Saia de dentro de si mesma — disse Sofia para o quarto vazio. — Está presa dentro de uma concha, a ponto de se sentir infeliz quando fica sozinha?...

Sofia não gostava de sentir-se assim. Não temia envolver-se mais profundamente com Alec e os filhos, mas esse descontentamento estava errado. Se as luzes estivessem acesas, teria batido na porta dos fundos da casa dos Kent para uma visita noturna. Mas estava tudo escuro por lá. Sofia verificou novamente se a porta e as janelas estavam fechadas, tomou a Bíblia e foi para o quarto. Leu até ficar tão cansada que não conseguia manter os olhos abertos e, depois, dormiu com as luzes acesas. Acordou cedo, muito bem disposta, sabendo no coração quem ela era, e como Deus queria que ela fosse.

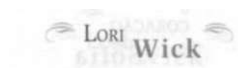
Acordou também muito alegre porque era domingo. Gostava de estar na casa de Deus, com o povo de Deus. Como era cedo, foi ao primeiro culto, sentou-se com Gladys, e depois encontrou Brad na Escola Dominical. Eles não se viam havia algumas semanas. Como Brad também assistira ao primeiro culto, tiveram tempo para conversar enquanto se dirigiam ao estacionamento.

— Como tem passado, Brad?

— Muito bem, e você?

— Estou ótima também — respondeu Sofia e, depois, perguntou com um olhar de quem quer fazer graça: — Será que vi você conversando com uma mulher há pouco tempo, uma que usava calças compridas?

Brad deu risada. — Pensei muito no que você disse, Sofia. Não contei antes por causa do meu orgulho.



Sofia agarrou o braço de Brad, cheia de prazer. — Está se encontrando com ela, Brad? Está namorando?

— Estou... — disse ele baixinho, enrubescendo um pouco. — Você me desafiou de verdade, Sofia. Eu tinha certeza de que Deus queria que me casasse um dia, mas estava prejudicando a mim mesmo.

— Não me lembro de ter dito isso.

— Você não disse, mas perguntou o que eu poderia estar perdendo, se a única objeção que eu faria a uma mulher seria ela usar calças compridas. Fiquei pensando nisso o tempo todo, e agora conheci Kathy Ann. Ela é maravilhosa, e compreendo, à medida que a conheço melhor, que estive julgando as pessoas com excessivo rigor. Kathy Ann, e provavelmente a maioria das mulheres cristãs, não estão querendo fazer uma espécie de reivindicação por usarem calças compridas. São apenas parte da nossa cultura e, quando usadas com decência, Deus certamente as aceitará.

Sofia tinha agora um sorriso largo no rosto.

— Soube que você também está namorando — comentou Brad com um sorriso como o de Sofia.

— Sim. — O olhar de Sofia tornou-se como que um olhar sonhador. — Estou saindo com Alec Riley.

— Não me admiro. Ele não ficou nada contente quando me viu no seu quarto de hospital naquele dia.

Sofia fitou-o espantada. — O meu quarto do hospital?

— E. Quando você teve apendicite.

— Olhe, Brad, isso foi há meses... — disse Sofia como se ele estivesse fora de si.

Brad apenas sorriu. — Eu sei.

Sofia ficou atônita. Ela olhou para Brad e, depois, para o estacionamento, sem fixar-se em nada específico. Brad apenas observou o rosto dela e sorriu. Sofia não sabia por quanto tempo teria ficado ali parada se Gladys não aparecesse.

— Sofia, quer uma carona?

— Quero sim, Gladys. Brad, sinto muito, eu...

— Posso ver que você está surpresa, provavelmente, precisa pensar no assunto — interrompeu ele.



— Obrigada, Brad.

Sofia subiu no carro de Gladys e foi embora. Brad ficou parado alguns minutos, esperando que Alec Riley compreendesse que mulher especial estava nas suas mãos.



— Você está bem, Sofia?

— Estou sim, Gladys. Estou só em pensamento.

Gladys silenciou, com um leve sorriso no rosto. Se o inglês de Sofia estava assim tão mal, ela **devia** estar precisando de tranquilidade. De fato, as palavras de Brad a surpreenderam tanto que não sabia o que pensar. Se Brad tinha dito a verdade, Alec demonstrava gostar dela há meses. Sofia não percebera isso. De repente, lembrou-se do que a avó dissera ao telefone.

- Penso que ele ainda ama a primeira esposa.
- O que mais você poderia esperar, Sofia?
- O que quer dizer?
- Quero dizer que não há ninguém para encher o coração e os braços dele...
- O que eu posso fazer?
- Não me cabe dizer isso a você, Sofia... Deve descobrir sozinha.

Algumas horas depois, os Rileys tinham voltado do lago. Sofia lembrou-se como o seu coração tinha pulado ao ouvir o som da porta da garagem subindo. Descera as escadas correndo para abraçar as crianças e mandar a si mesma que mantivesse a calma, permitindo-se depois olhar para Alec Riley. Não tinha condições de saber o que ele notara, mas compreendia que deve ter dado alguma pista para Alec, porque a maneira com que ele a tratou foi diferente depois disso.

Todo esse tempo... Sofia se maravilhava. *Todo esse tempo ele se interessou por mim e não disse nada. E eu, há quanto tempo gosto dele? Não sei. Penso que esse sentimento vem crescendo no meu coração há semanas, mas a minha cirurgia foi em março.*

— Você está bem, Sofia? — Gladys inquiriu outra vez, e Sofia voltou de muito longe, e viu que haviam chegado à casa dos Kents.

— Acho que sim, Gladys. Brad mencionou algo sobre Alec não gostar da presença dele no meu quarto de hospital, e eu apenas... — Sofia não conseguiu continuar.

— Você não sabia que há muito tempo Alec se importa com você.

— Você sabia disso, Gladys? — Imediatamente isso ficou muito claro para Sofia, e ela se voltou para Gladys e a ouviu falar:

— Sabia, querida. Percebi sim.

Sofia olhou outra vez para a frente. — Deve me amar. — A sua voz era muito suave. — Não percebi isso, mas deve ser verdade. Ele disse algumas vezes que não queria ir devagar, e era isso o que estava dizendo.

Gladys ficou sem palavras. Poderia ter dito a Sofia como Alec se sentia, mas achava que não devia. Assim, perguntou:

— As emoções fortes que você percebe em Alec a amedrontam, Sofia? Ou elas lhe agradam?

Sofia voltou-se para ela. — Acho que um pouco de cada coisa. No meu coração quero ficar com Alec para sempre, mas não me perguntei se ele é o homem com quem desejo casar-me. Tenho sonhos românticos que dizem que sim, mas ainda não analisei todos os fatos.

— É isso o que está fazendo agora, não é, minha querida? Vocês estão namorando, e esse é o ponto principal: conhecerem um ao outro.

— E verdade! — Os olhos de Sofia ficaram enormes. — Não estava errada nem sendo tola. Ajo como devo.

Gladys teve vontade de rir. Sofia dirigia-se a ela, mas, na realidade, conversava consigo mesma.

— Você consegue falar com Alec sobre isso?

— Não sei — respondeu sinceramente. — O que eu diria? *Acabei de descobrir que você me ama e que acho que eu o amo, mas preciso de mais tempo?* — Ela encolheu os ombros aflita. — Ia ficar vermelha, Gladys. Sei que ia.

— Seria o fim do mundo?

— Sim — disse Sofia e compartilharam um sorriso.



— Passe algum tempo hoje para examinar o seu coração e ore. Deus não a deixará sem rumo. Ele vai mostrar-lhe. Sofia agradeceu e saiu do carro, pensando o tempo todo em como Gladys era uma boa amiga.

Sofia a convidara para almoçar, mas soube que ela tinha outros planos. Depois de entrar em casa, sem os sapatos e com o almoço à sua frente, ficou satisfeita. Era bom passar algum tempo sozinha. Deus a colocara na vida de Alec, tinha certeza disso. Sabia igualmente que, por essa razão o Senhor tinha um propósito. De repente, o seu dia iluminou-se.

Estou preocupada e perturbada, mas sei que o Senhor já tinha conhecimento de tudo. O Senhor conhece o coração de Alec e o meu coração. Ajude-nos a entrar em harmonia, não um com o outro, mas com o Senhor. O resto entrará nos eixos sozinho.

Aquela não foi a última vez que Sofia orou desse modo. Fez isso sempre que a ansiedade ou o medo surgiam. A paz de Deus, porém, era a sua escolha. Escreveu uma carta à avó e, depois, foi patinar. Teria sido mais divertido com Tory e Craig, mas era um exercício melhor do que andar, e ela precisava de algum exercício.

Na volta para casa, encontrou a senhora Kent. Conversaram alguns minutos e, pela primeira vez, Sofia contou-lhe que havia orado pela cura do tornozelo dela. Sofia observou enquanto a senhora Kent passava do choque à surpresa, e da surpresa à apreciação. Agradeceu com lágrimas nos olhos, e Sofia foi embora louvando a Deus por ver que uma semente fora plantada.

Quando chegou a casa, viu o livro de que Alec lhe havia falado. Sentiu não tê-lo encontrado, mas alegrou-se por ele ter deixado o livro para ela. Ele deixara um bilhete pedindo que lesse o primeiro capítulo para que pudessem conversar sobre ele na noite seguinte.

Sem sequer tirar os patins, Sofia sentou-se à mesa da cozinha e abriu o livro. Com um lápis na mão, percorreu a introdução e o primeiro capítulo. A seguir, leu as perguntas para discussão no final e releu as páginas. Quando fechou o livro, tinha o pescoço duro, e os tornozelos doíam porque ainda estava calçada com os patins. Estava ansiosa pela sexta-feira.



UERO CONFESSAR UMA COISA — disse Sofia baixinho, no momento em que ela e Alec se sentaram à mesa no restaurante, na sexta-feira.

— Conte, então — a expressão de Alec era de total atenção, embora Sofia parecesse bastante séria.

— Li mais do que o primeiro capítulo.

Alec sorriu. — Eu também.

Sofia deu uma risadinha; ficara tão nervosa! — É um livro ótimo, prático e engraçado. Não pude parar.

— Nem eu. Em cada página encontrava uma coisa que queria discutir com você.

— O mesmo aconteceu comigo. Queria que estivéssemos lendo juntos.

Alec lhe sorriu ternamente. Lera o livro na cama e não podia contar a Sofia a imagem que as palavras dela formaram em sua mente. A chegada do garçom para pegar o pedido deles foi um alívio.

Sofia pediu o ***Tour*** da Itália, como fizera quando jantara com Brad no mesmo restaurante, mas ele era a pessoa mais distante dos seus pensamentos naquele momento. Alec preferiu a lasanha, e os dois queriam mesmo era conversar. Interrompiam um ao outro nos noventa minutos seguintes, na pressa de dizer tudo o que estivera preso durante uma semana, rindo várias vezes ao ver como estavam repetindo quase as mesmas palavras.

Os temas para discussão do livro eram variados, mas o assunto principal era o casamento, com alguma menção da infância de cada um. Haviam lido que tinham de ser compatíveis não apenas física e mentalmente, como também espiritualmente. "Agora é a hora" era um dos capítulos, e ele discorria sobre o fato de o primeiro ano de casamento não ser a hora de conhecer um ao outro. Nada era proibido. O passado de cada um era discutido, sonhos futuros, alvos,



problemas de pecado, tudo. Era imperativo que todas essas coisas fossem expostas já durante o namoro. O livro recomendava que o supérfluo fosse abandonado, para que ambos se mostrassem como realmente eram. Usar uma fachada por um tempo era fácil, mas como seu cônjuge reagiria na intimidade? Em certo ponto, Alec admitiu sinceramente:

— Lutei com o ciúme — disse a Sofia. — Quando Van e eu estávamos casados há cerca de sete anos, fomos a uma reunião da classe dela. Um antigo namorado compareceu também. Fiquei incrivelmente desconfiado. Ela não fez nada para provocar-me, e a sua atitude foi adequada em todos os sentidos. Eu é que fiquei num estado lastimável. Pensei que tinha superado isso, mas no domingo...

Ele parou de falar e Sofia inclinou-se na sua direção.

— O que aconteceu domingo?

— Vi você conversando com Brad Marshall — admitiu ele. — Quase não ouvi o sermão, preocupado em que você combinasse se encontrar com ele.

O coração de Sofia quase parou. Poderia dizer-lhe que ele significava mais que tudo para ela, mas não teria feito diferença, uma vez que Alec tivera o mesmo sentimento com a esposa, uma mulher que lhe dedicara a vida..

Sofia não poderia saber que era exatamente isso o que Alec queria ouvir. Queria que afirmasse estar totalmente comprometida com o relacionamento deles, e não tinha de se preocupar. Em vez disso, ela o surpreendeu com uma pergunta:

— Não é maravilhoso que o ciúme seja um pecado?

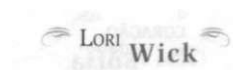
Alec olhou para ela. Sofia, porém, não entendeu a sua expressão. E ela continuou a falar:

— Você poderia ter-me dito que tem câncer, e eu saberia que não há cura. O pecado, no entanto, é uma boa notícia. Ele tem cura por causa da obra de Cristo na cruz. Eu poderia dizer que você não precisa sentir-se assim porque gosto de você e não faria isso, mas seria apenas um curativo na ferida. Em Cristo você pode curar-se do pecado do ciúme.

Alec continuava a fitá-la. Nunca havia conhecido alguém como ela.

— Nunca pensei nisso antes, Sofia. Você está certa. Quer dizer, nada mais faz sentido, mas eu nunca...

Ele parou de falar, sem que Sofia percebesse como estava abalado. Ela apenas sorriu gentilmente e aceitou mais café quando o garçom chegou.



— Vou orar por você, Alec. Se puder fazer alguma coisa, basta dizer.

— Você já fez muito.

A conversa mudou um pouco, voltando-se para os filhos de Alec. As aulas de Tory e Craig recomeçavam na segunda-feira, e as de Rita, na quarta. A reação deles tinha sido uma mistura de sentimentos: estavam com saudades dos amigos, mas achavam que o verão passara depressa demais.

— O que você vai fazer de especial neste fim de semana? — perguntou Sofia.

— Na verdade, não sei. Craig sempre quer ir ao *Dell's*, mas as meninas já se cansaram. Como estão com amigos hoje, acho que talvez não pensem tanto em diversão.

Sofia levantou a sobrancelha, cética, ao ouvir isso, e Alec encolheu os ombros. O fato de estar completamente enganado ficou claro na manhã seguinte, quando Tory e Craig apareceram no seu quarto logo depois das 7 horas. Ele e Sofia haviam conversado até mais de meia-noite, e Alec não se entusiasmou quando os viu entrar.

— Queremos fazer alguma coisa, papai — começou Tory. — A escola começa na segunda, e esta é a nossa última oportunidade.

— Você fala como se a sua vida fosse acabar — resmungou Alec, mas eles não acharam graça.

— Vamos, pai — insistiu Craig.

— Posso dormir mais uma hora? — perguntou e eles suspiraram.

— Está bem — Craig concordou. — Vai levantar ou devemos chamá-lo?

— É melhor chamarem — conseguiu dizer antes de cair novamente no sono.

Eles o esqueceram por mais de uma hora e, quando voltaram, Alec estava pronto para levantar-se. Rita também acabara de sair da cama, e todos sentaram à volta da mesa do café tentando concordar em uma atividade. Quando ficou decidido que jogariam minigolfe, Alec disse que ia telefonar para Sofia.

— Sofia tem de vir? — perguntou Tory. Os outros três membros da família olharam boquiabertos para ela.

— Por que não quer que ela venha? — Perguntou Rita antes que Alec pudesse dizer uma palavra.

— Ela está aqui o tempo todo... — queixou-se a menina.



— Precisa acostumar-se com isso, Tory. — Craig achava que ela estava sendo ridícula. — Porque o papai vai casar-se com ela.

Tory tentou falar, mas ficou sem palavras e simplesmente fitou o pai. Alec não sabia como responder. A menina tomou isso como um bom sinal.

— Ele não vai, Craig! — disse em voz alta. — É melhor ficar quieto.

Alec continuava mudo. Dos três filhos, pensava que Tory seria o menor problema no seu relacionamento com Sofia.

— Você não quer mesmo que a convidemos, Tory? — Alec encontrou finalmente a sua voz.

Tory encolheu-se, culpada, mas disse: — Não desta vez.

Alec virou-se, magoado e confuso. Os seus sogros haviam sido amáveis quando contou a eles, Rita e Craig já sabiam havia algum tempo. Tory agora...? Alec não sabia como agir.

O assunto foi posto de lado, e a família divertiu-se muito. Rita, porém, não conseguia esquecer a cena. Ela foi para o quarto de Tory naquela noite e se sentou na cama da irmã.

— Oi, Tory —, o que está havendo entre você e Sofia?

— Nada, Rita. Só achei que podíamos fazer alguma coisa sozinhos hoje.

Rita olhou para ela. A garota não parecia perturbada, mas aquilo não fazia sentido.

— Pensei que gostasse de Sofia.

— Gosto, Rita, mas não quero que ela se case com o papai. Quer dizer, onde ela iria dormir?

— Com o nosso pai, Tory. As pessoas casadas fazem isso.

— Ela não pode, Rita. E a mamãe?

Rita suspirou. A conversa estava estranha demais. — Tory, você sabe melhor do que ninguém que a mamãe não vai voltar.

— Isso não importa, Rita. O que a mamãe vai dizer quando olhar do céu e enxergar o papai com a Sofia? Sabe que ela não vai gostar. Ele não pode fazer isso.

— Tory —, a voz de Rita denotava paciência com a irmã —, você não pode esperar que o papai fique sozinho para sempre. Tenho certeza de que nós três vamos nos casar. Por que ele não pode ter alguém?



Tory fechou a cara. As palavras de Rita fizeram com que se sentisse tremendamente culpada, mas não quis admitir.

— Não quero outra mãe — disse.

— Ela não seria a sua nova mãe. Será sua amiga, como sempre foi, e mulher do papai. O que há de errado nisso?

— O que há de errado com as coisas do jeito que estão? Diga, Rita.

Rita viu que estava na hora de terminar a conversa. Ficou de pé e deu boa-noite à irmã. Tory fez o mesmo com um ar de superioridade. Rita não respondera, então ela devia estar certa. As coisas precisavam continuar como estavam. Quem desejasse qualquer mudança mostrava apenas que era egoísta. Todavia, recusou-se a pensar que a sua atitude poderia ser um dos principais fatores negativos.



Tory chegou em casa muito cansada e mal-humorada no seu quarto o dia na escola. O fim de semana do Dia do Trabalho ia começar em breve, e todas as suas amigas tinham planos. Tory sentiu-se deveras aborrecida com isso e deixou todos saberem. Craig aconselhou que deixasse de lado o péssimo humor, mas ela mostrou a língua para o irmão quando ele não estava olhando. Sofia achou que ignorar a situação seria melhor. Ela não sabia os sentimentos da caçula sobre o seu relacionamento com Alec, ou teria sido mais cuidadosa. Lembrou, entretanto, que Tory estivera rabugenta a semana inteira. Achara, porém, que era apenas um cansaço natural causado pelo início de um novo ano escolar.

Quando chegaram da escola, os dois filhos mais velhos foram cada um para o seu lado, mas Tory ficou na cozinha, algo que não fizera a semana inteira. Foi até a despensa, pois não tinha gostado das barras de chocolate que Sofia havia feito, e, quando não encontrou nada de interessante, bateu a porta com força.

— Não encontrou alguma coisa, Tory? — perguntou Sofia delicadamente.

— Não. — A menina movimentou-se inquieta pela cozinha, e Sofia decidiu distraí-la.

— Assisti hoje *O preço certo*, Tory. Gostaria que estivesse aqui.

— O meu pai sabe que você assiste à TV quando deveria estar trabalhando?



Se Tory tivesse batido nela, Sofia não teria ficado mais espantada. As suas mãos se agitaram sem saber o que fazer, e Tory virou-se, mostrando estar cheia de raiva. Estivera procurando briga, mas Sofia não ajudara em nada.

— Vou fazer um bolo — ela anunciou, e os ombros de Sofia caíram.

— Essa não é uma boa ideia, Tory. Já fiz um hoje. Por que não espera alguns dias?

— Que bolo você fez?

— De chocolate.

— Estou cansada de chocolate. Vou fazer um bolo amarelo.

— Olhe, Tory —, Sofia continuou — vai ser bolo demais.

— Podemos comê-lo. — Ela começou a pegar tigelas e Sofia viu que precisava ser firme.

— Não, Tory, não quero que faça isso.

— O que você disse? — A menina se virara para ela com as mãos na cintura.

— Você não pode fazer um bolo hoje, Tory. Talvez mais tarde. — A voz de Sofia era delicada mas firme.

— Está dizendo que não?

Sofia assentiu, enquanto pensava no que estava errado.

— Você não manda em mim — Tory estava agora desafiadora e estendeu a mão para ligar o forno.

— Você não vai fazer isso, Tory. — A voz de Sofia era calma, embora estivesse tremendo por dentro.

— Você não é minha mãe — insistiu ela.

— Eu sei disso, Tory —, Sofia respondeu baixinho. — Sou sua amiga e espero que me atenda.

A voz e a expressão de Sofia foram demais para ela. Lágrimas de raiva por não ter conseguido o que imaginara encheram os olhos da menina, e ela saiu correndo da cozinha. Sofia ficou ali, trêmula, por um momento, antes de vagarosamente desligar o forno e subir as escadas. Bateu de leve na porta da menina.

— Tory, posso entrar?

Não houve resposta. Sofia abriu a porta um pouquinho.

— Eu não disse que podia entrar. — A voz chorosa da menina fez-se ouvir.

— Podemos conversar, Tory?

— Não.

Sofia hesitou por um momento e fechou, depois, a porta. Ela voltou para a cozinha, procurou um pedaço de papel e escreveu um bilhete para Rita quanto ao que precisava ser feito para terminar o jantar, pegando, em seguida, os seus pertences. Na metade do caminho, se perguntou se estava fugindo, mas sabia que não estava. Desejava, de muitas formas, que não fosse quinta-feira. Sentia que ela e Tory precisavam de algum tempo afastadas. É claro que havia meios de se resolver isso e ela poder fazer o seu trabalho. A garota não queria a presença dela, isso era claro, e Sofia não pretendia forçá-la. Tory mostrara perfeitamente os seus sentimentos: por alguma razão, passara a não querer nada com Sofia.

O sofrimento que isso causava fez os olhos de Sofia marejarem. Disse a si mesma que não deveria chorar até chegar a casa, e quase conseguiu. Mal pôde achar a fechadura ao colocar a chave, mas finalmente entrou em casa, onde a única testemunha das suas lágrimas era o travesseiro macio.

ALEC CHEGOU CEDO NA NOITE DE SEXTA-FEIRA, mas não encontrou Sofia. Não havia uma explicação para que ela não tivesse estado na casa dos Rileys no dia anterior: as crianças não sabiam dizer, e o bilhete que ela deixara para Rita não dizia nada sobre isso. Quando Alec teve a chance de telefonar para Sofia, já era tarde demais. Tory tinha grudado nele a noite inteira. Alec, que praticamente esquecera a cena com a filha no sábado, descobriu-se desejando que Sofia estivesse ali para cuidar dela. Estava claro que era disso que a menina mais precisava. E agora, Sofia tinha desaparecido, deixando apenas o bilhete para Rita, em que falava o que fazer para o jantar. Mas, de repente, Alec viu um envelope com seu nome. Abriu-o, curioso e rapidamente:

Alec,

Sinto não ter podido ficar até a sua chegada. Sei que isto vai parecer repentino, mas preciso tirar uns dias de licença. Trabalhei ontem e hoje e, como segunda-feira é feriado, decidi tirar o resto da semana. Sei que vai ficar confuso quando disser que não posso explicar o motivo, pelo menos não agora. Se isso deixar você numa situação impossível, posso ir por algumas horas na parte da manhã.

Gostaria de vê-lo, Alec, mas acho que seria melhor que não nos víssemos. Telefone no próximo fim de semana, dia oito ou nove, para ver como estão as crianças. Depois de falar com você e ver como foi a minha semana, talvez possa ter uma ideia sobre se devo ou não voltar. Acho que isso vai ser uma surpresa. O problema é que não sei bem o que fazer. Sei que vai ficar tentado a telefonar, mas peço que reconsidere. Preciso de algum tempo, Alec.

Sempre,

Sofia

Alec leu e releu a carta. Tentou decifrar as entrelinhas e não conseguiu. A não ser... ele releu a pergunta de Sofia sobre as crianças. Sua mente repassou a semana, desde o último sábado. Naquele momento, decidiu não dizer nada aos filhos sobre a carta de Sofia. Ela estava com a razão: seu desejo era telefonar-lhe na mesma hora, mas Alec conseguiu dominar-se. Foi um esforço para ele; reprimiu-se ao máximo durante o jantar. Não mencionou o nome de Sofia, até que a sobremesa foi servida.

— Nada de Sofia esta noite, estou vendo. — Alec olhava na direção de Tory ao dizer isso e, em seguida, os seus olhos fitaram Rita. Ele fez força para fixar o olhar em Craig, sem voltar a olhar para Tory, que tinha ficado muito pálida.

— Ela deu alguma explicação?

— Não — respondeu Rita. — Não estava aqui quando voltamos.

Alec assentiu. — E você, Tory? — Ele falou com a voz o mais natural possível.

— Sofia falou alguma coisa com você sobre isso?

A boca da menina permaneceu fechada, e ela balançou depressa a cabeça.

— O que há, Tory? — Rita perguntou com ar de seriedade. — Parece que comeu alguma coisa de que não gostou.

Os olhos de Tory relancearam pela irmã antes de se voltarem para o prato. A essa altura, todos olhavam para ela.

— Você quer dizer alguma coisa, Tory? — A voz de Alec era um misto de convite e ordem.

— Não... — sussurrou ela.

— Tem certeza?

Tory só moveu negativamente a cabeça, denotando medo, mas procurando se defender.

— Você vai telefonar para Sofia, pai? — perguntou Craig.

Alec balançou a cabeça. — Ela deixou um bilhete dizendo que vai tirar folga na semana que vem.

— Se ela deixou um bilhete —, falou Tory — por que nos perguntou por ela?

— Porque Sofia não disse a razão de não estar comendo conosco.

— Ela talvez tenha um encontro — disse Tory em voz baixa, mas de maneira inflexível. Todos olharam novamente na sua direção.



— Tory! — começou Craig. Alec o interrompeu.

— Vamos lavar os pratos — foi tudo o que disse.

Todos se levantaram de boa vontade, mas calados. O serviço foi feito com ordem e, quando todos começaram a sair para seus afazeres, Alec pegou Tory nos braços. Ele a abraçou forte e, depois, colocou-a no ombro, levando-a para a sala de estar. Sentou-se com a filha no colo na cadeira grande e perguntou.

— O que aconteceu, Tory?

Por alguns momentos ela não olhou para o pai. Alec não fez nenhuma pressão, esperando pacientemente, orando para que a filha falasse com ele.

— Não quero que as coisas mudem — admitiu Tory finalmente.

— O que vai mudar?

— Não sei. Só não quero que case com ninguém e quero que Sofia fique e cuide de nós. Por que não pode ser assim?

— Compreendo como se sente, Tory. Quero, porém, que reflita como isso é sinal de egoísmo.

— Eu não estou sendo egoísta —, protestou Tory. — Acho que você é que está.

— Por que estou sendo egoísta?

— Porque quer que tudo mude quando tudo está bom como está.

Alec suspirou. Seria muito fácil discutir com a filha, mas isso não adiantaria.

— Vamos conversar sobre isso na próxima semana. Está bem, Tory?

Ela esperava uma repreensão e, então, franziu a testa.

— Por que na próxima semana?

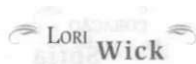
— Teremos passado uma semana sem Sofia. Se não quiser que a veja mais, não vou vê-la mais. Quero, no entanto, que reflita durante uma semana.

— Quer dizer que, se eu pedir que não se case com Sofia, você não casa?

— Isso mesmo, Tory. Você é muito importante para mim.

Alec percebeu que surpreendera a filha. Ele pensou em falar várias vezes, mas balançou a cabeça negativamente, deitando-a no seu peito. Alec passou a falar para si mesmo:

— Você sabe, Tory, quanto eu a amo? Vejo o rosto da minha irmã quando olho para você. Quando a fito, o meu coração se enche de amor. Creio, de todo o coração, que Sofia deve fazer parte desta família, mas não vou



apressar você. *Por favor, Senhor, me ajude a resolver isso. Quero, acima de tudo, andar com a sua bênção. Vou ficar afastado como Sofia pediu. Peço, porém, que me mostre a sua vontade na hora oportuna.*

— Amo você, papai —, disse Tory subitamente, e Alec abraçou-a apertado.

— Amo você, Tory, e sempre hei de amar.

Eles se abraçaram outra vez, e Alec pediu novamente forças ao Senhor. Tinha certeza de que a semana seguinte ia ser difícil. Sofia tornara-se parte dele. Será que ignorara as necessidades dos filhos por causa dela? Achava que não, mas simplesmente tinha de ficar ao lado de Tory no momento.

Por favor, Senhor — pediu mais uma vez. Por favor, faça com que Tory sinta tanta falta de Sofia quanto eu. Por favor, faça com que esse desejo amoleça o seu coração.



— Olá, Tory —, cumprimentou Sofia alegremente na manhã de domingo. — Como vai?

— Vou bem — disse ela, mas parecia constrangida. Pensou em que deveria ter usado o outro banheiro do prédio da igreja. Lembrava-se muito bem das coisas que dissera a Sofia e ainda se sentia envergonhada.

— Tem algum programa divertido para o Dia do Trabalho?

— Acho que não — Tory respondeu meio confusa.

Ficaram em silêncio por um momento.

— É melhor eu ir para a Escola Dominical. — Sofia percebera o desconforto da menina e sabia que deveria deixá-la ir embora.

— Até logo, Tory.

— Até logo.

Sofia saiu e Tory ficou ali parada. Esqueceu-se até que tinha de ir ao banheiro e, depois, à Escola Dominical. Sentia falta de Sofia. Uma falta terrível! Apesar disso, ainda achava que, se o pai casasse com Sofia, ela sentiria como se tivesse traído a mãe. Lágrimas subiram aos olhos de Tory, e ela as enxugou. Correu, em seguida, para a sua classe para não se atrasar. Aquela não tinha sido uma boa forma de começar bem o domingo, nem de iniciar uma semana feliz.



Rita se recusara a levar os irmãos para casa. Tinha ido apanhá-los na Escola Cristã de Middleton, e depois fora diretamente para o supermercado. Craig e Tory não quiseram acompanhá-la, e permaneceram na van. Rita não gostara nada da atitude deles, e agora fazia as compras sozinha. Tory estava zangada com a maneira de Craig tratá-la na véspera, quando lhe pedira que assistisse com ela ao programa *O preço certo*. A atmosfera no carro era decididamente fria.

Todos tinham estado ocupados demais. Tory pensava que o Dia do Trabalho era um dia para correr e brincar. No entanto, o pai trabalhara na casa e no jardim até quase o fim da tarde. Craig e Rita foram cuidar dos seus interesses. De repente, a menina não aguentou mais o silêncio. Tinha certeza da maneira com que Rita responderia à pergunta que queria fazer; virou-se, então, para Craig antes que a irmã voltasse.

— Craig, você quer que o papai case com Sofia?

Craig olhou para ela. — Eu não queria no começo —, admitiu — mas agora quero.

— Por quê?

Craig encolheu os ombros. — Gosto muito de Sofia e não posso suportar a ideia de o nosso pai ficar sozinho.

— Ele tem a nós, Craig.

— Tem agora. Pode parecer muito tempo para você, Tory, mas não é. Rita já está no último ano e vai para a faculdade. Em dez anos, o papai vai ficar só. Ele precisa de Sofia, e ela precisa dele.

Craig não mostrou estar com raiva nem acusar ninguém, mas, mesmo assim, Tory olhou chorosa para a janela. Sentia-se tão traída! Rita dissera exatamente a mesma coisa; ela, no entanto, tinha achado que Craig estava do seu lado, que pensava da mesma forma que ela. Por um instante, tentou imaginar o pai sozinho. Isso não era fácil, porque sempre se via ao lado dele. De repente, passou por sua mente uma cena que ela tentou logo afastar da imaginação, pois quase a levava a chorar pela dor que lhe causara. Mal conseguiu controlar-se antes que Rita voltasse. Ansioso para chegar em casa, Craig pulou para ajudar a carregar as compras. Tory, no entanto, permaneceu sentada no banco, e ali ficou, em silêncio.



A semana de Sofia foi bem tranquila. Ela passou algum tempo com os Kents, mas ficou o maior tempo da semana sozinha. Já tivera em sua vida períodos em que ficara isolada, mas nunca se sentiu solitária. Conhecera a verdadeira solidão naquela semana. Sentia falta de Alec e das crianças, quase mais do que poderia suportar. Sabia que a sua decisão de afastar-se durante uma semana era a melhor, apesar de não ser fácil. Na quinta-feira, quase entregou os pontos.

Tory sentia o coração pesado a semana inteira e, na quinta-feira, piorara. Sofia passou grande parte do dia orando por ela. Não sabia a razão, mas a menina estivera em seu pensamento quase que o dia inteiro. Se Sofia tivesse visto o que se passara na mesa do jantar naquela noite, teria ido imediatamente procurá-la. Sentindo-se sozinha e infeliz, Tory passou todo o tempo do jantar brincando com a comida que tinha posto no seu prato. Alec não fez comentários, só orou para que a filha o procurasse, especialmente porque ela parecia não estar bem. Ele apenas comeu, orou e refletiu sobre como deveria agir em seguida.

A refeição terminou antes que pudesse tomar uma decisão definida, e resolveu que ficaria perto de Tory naquela noite. Alec nem precisava ter se preocupado, porque Tory o seguiu como uma sombra, do jantar à hora de dormir. Ele tentou várias vezes conversar com ela, mas as suas respostas monossilábicas não o encorajaram. Teve, porém, o cuidado de se mostrar afável e pronto a ouvi-la. Quando disse a Tory que se aprontasse para dormir, ele viu que sua estratégia tinha surtido efeito:

— Posso falar com você, papai?

— Claro, Tory. — Alec parou o que estava fazendo e se voltou para ela. A menina tentou falar por várias vezes, como se estivesse nervosa, mas as palavras custaram a sair de sua boca.

— Craig e Rita me disseram que todos vamos embora um dia. Eu não acreditei neles.

Alec assentiu. Tory, porém, não continuou.

— Como você se sente agora?

Lágrimas encheram seus olhos, mas ela conseguiu falar: — A minha professora disse uma coisa hoje que ninguém tinha dito antes. Ela falou: "Tory, você poderia ser uma ótima professora, porque explica tão bem as coisas!". Pensei nisso a manhã



inteira. Quero dizer, sonhei como seria legal se pudesse ter a minha classe e, depois, lembrei de você.

Chorava agora, mas continuou. — Craig e Rita disseram que dentro de dez anos teremos ido embora. Estaremos na faculdade ou casados. Não acreditei neles, porque pensava que estaria aqui com você para sempre. De repente, imaginei que estava ali na minha classe e todos me chamando de senhorita Riley, e usando giz e...

Tory sentia-se quase sufocar pelas lágrimas, e Alec puxou-a para sentar-se no sofá junto dele. Abraçou a filha, e Tory soluçou com o rosto colado em sua camisa. Rita entrou na sala e pôs uma caixa de lenços de papel na mesa, saindo em seguida. Tory não a viu, mas Alec pegou um lenço na caixa e colocou nas mãos de Tory.

— Rita disse que eu era egoísta e não acreditei. Sofia ficou sozinha a semana inteira e não pude falar com ela. Rita não faz as coisas como Sofia, e Craig deixa o banheiro e a cozinha em desordem quando Sofia não está por perto.

— Você, então, só quer Sofia de volta para manter as coisas limpas?

Tory levantou a cabeça para olhar o rosto do pai.

— Não, quero que ela volte porque sinto tanta falta dela quanto da mamãe. Não posso fazer nada pela mamãe, mas se eu pedisse desculpas a Sofia, talvez ela voltasse.

Alec queria muito perguntar a razão por que a filha achava que devia pedir desculpas a Sofia. Entretanto, decidiu ficar em silêncio.

— E sobre eu e Sofia, filha? Como se sente em relação a isso?

Ela chorou um pouco mais. — Ainda acho que a mamãe vai ficar triste, mas não quero que fique sozinho.

— O que está querendo dizer, Tory?

A história veio, então, à tona. Tory contou ao pai que acreditava que a mãe poderia vê-los e ficar magoada. Isso deu oportunidade a Alec para explicar à filha que essa era uma coisa que nunca poderia acontecer. Procurou falar com delicadeza e sabedoria, para não ferir o sentimento de Tory. Afirmou que Vanessa estava agora bastante ocupada louvando e servindo a Deus, e que ela entendia, como nunca antes, como Deus estava no controle.

— Veja então, Tory —, terminou ele — sua mãe está lá no alto servindo a Deus. Deus colocou Sofia nas nossas vidas com um propósito. E, se sua

mãe pudesse nos ver, diria que Sofia nos ama e cuida bem de nós. Acima de tudo, Deus a faria ver que Sofia o ama e quer servi-lo de todo coração. Tenho certeza de que sua mãe não ficaria magoada nem faria objeção quanto a isso.

Tory precisava chorar mais um pouco, mas eram lágrimas de alívio. Perguntou a si mesma por que não conversara antes com o pai. Ele explicara tão bem as coisas que o seu coraçãozinho sentiu-se confortado pela primeira vez em semanas.

— Quero falar com ela, pai. Quero falar com Sofia.

— Sei disso, Tory, mas vou contar o que precisamos fazer. Vamos esperar até sábado. Sofia pediu algum tempo e, por mais difícil que seja, quero dar esse tempo a ela. Na manhã de sábado, vou ver Sofia e a trarei aqui. O que acha?

— Tudo bem — disse Tory e pegou outro lenço. — Estou com dor de cabeça.

— Tenho certeza de que sim. Venha, vamos subir.

Eles subiram juntos as escadas e encontraram Rita no quarto de Tory. Abraçou a irmãzinha com amor, e as lágrimas caíram de novo. Craig apareceu na porta e, quando Tory olhou para ele, o rapazinho disse: — Você está bem, Tory?

— Estou. — Ela, porém, chorou outra vez quando viu as lágrimas de Craig. A semana fora difícil para todos. Alec estava abraçando Craig, quando Rita perguntou: — Sofia vai voltar?

— Vou vê-la no sábado — explicou Alec. — Se a semana dela foi parecida com a nossa, acho que vai voltar.

Alec lembrou, então, a todos que tinham aula na manhã seguinte e, no momento, tudo o que desejava era que pensassem em dormir. A casa ficou silenciosa e calma meia hora mais tarde. Depois de fechar a parte de baixo, Alec foi deitar-se. Sentou-se na cadeira perto da janela e orou. Louvou a Deus por sentir que lhe fora dado um recomeço. Pediu humildemente a Deus que o ajudasse a agir sabiamente nesse novo começo. No momento em que se deitou, lembrou-se que precisava tomar mais cuidado. Queria cortejar Sofia, mas a atitude de Tory o tomara completamente de surpresa. Percebeu que, mais do que nunca, precisava dar mais tempo aos filhos, se quisesse satisfazer as necessidades de todos. Isso trouxe certa intranquilidade para Alec, mas o Senhor interveio, fazendo-o se lembrar, muito docemente, que o capacitaria para agir. Alec adormeceu com esse pensamento.

SOFIA LEVANTOU CEDO NO SÁBADO. Ia telefonar para Alec naquele dia. Marcaram dia oito ou nove, e já era dia oito. Olhou o relógio, eram 5h40. Com certeza, Alec não gostaria que ela ligasse para ele àquela hora da madrugada.

— *E se ele não quiser ouvir a minha voz de jeito nenhum? E se não entender por que precisei de tempo?*

Sofia soluçou com o pensamento. Era tentador pensar em outras coisas para bloquear a expectativa do sofrimento. Concentrou-se, porém, na imagem de Cristo ao seu lado. Leu a Bíblia e orou durante uma hora, e foi tomar banho. Eram 7 horas. Sofia ainda tinha os cabelos molhados, às 7h30, alguém bateu à porta. O coração de Sofia acelerou ao ver Alec. Abriu a porta e afastou-se. Sofia viu quando ele a fechou, encostando-se no batente. Olhou para ele sem saber que o coração do amado estava nos seus olhos. Engoliu em seco e se obrigou a falar:

— Veio para despedir-se?

— Não, vim para dizer "bem-vinda de volta à nossa casa!"

Sofia não conseguiu segurar o choro e cobriu a boca com a mão trêmula. Alec tomou-a nos braços, apertando-a contra o peito. Sofia soluçou. Não chorou. Soluçou.

— Sinto muito — disse afinal, mas ainda não conseguia controlar-se.

— Tudo bem — a voz grave dele chegou até ela. — Tudo vai dar certo.

— Tory — ela conseguiu dizer. — Tenho de falar...

— Você vai. Ela também quer ver você.

— Quer? — Sofia levantou a cabeça. — Ela quer falar comigo?

— Quer. Quando lhe digo que tivemos uma semana horrível, não estou querendo dizer "talvez ela queira falar com você". Estou lhe assegurando isso.



— Oh, Alec, senti tanto a sua falta!

Ele lhe deu um abraço apertado e, depois, tomou-a pela mão para levá-la até o sofá. Sofia agarrara alguns lenços de papel no caminho e fazia, agora, uso deles. Ao sentarem, Alec mais uma vez segurou a mão dela.

— Como foram os seus dias? — perguntou gentilmente quando Sofia voltou-se para ele.

— Compridos e solitários.

— Os meus também. Tory queria falar com você na noite de quinta-feira, mas me obriguei a aguardar. Acordei às 6h30 e fiquei orgulhoso de mim mesmo por ter esperado até agora.

— Você poderia ter vindo — disse Sofia. — Estava de pé antes das 6 horas.

Ele fitou-a: — Você acha que já teve tempo suficiente?

Sofia assentiu. — Era necessário, Alec. Eu me sentia muito emotiva, e pude ver que Tory passava por uma crise. Quero você, mas não à custa de Tory.

— Você percebeu que Tory estava sofrendo?

Sofia sacudiu a cabeça: — Não até pouco antes de vir embora. Pensei que estivesse só cansada com o início das aulas. No entanto, ela disse depois algumas coisas... — Sofia parou de falar por um instante. A situação era, na verdade, entre ela e Tory e se sentia constrangida em contar a Alec.

— Ela disse que precisava pedir desculpas a você.

Sofia só balançou a cabeça.

— Foi mau assim, não é?

— Oh, Alec — Sofia sussurrou. — Fiquei tão ferida! A princípio pensei que estava fugindo para não confrontá-la. Ela não queria nem falar comigo e achei então que o afastamento seria saudável. Como ela está?

— Muito infeliz. Sei que sente demais a sua falta. Craig e Rita também estão sofrendo.

— Sinto também falta deles.

Os dois se calaram por algum tempo e, depois, Alec olhou para o relógio. Ainda não eram nem 8 horas.

— Você já comeu?

— Não — respondeu Sofia surpresa. — Nem sequer pensei nisso.



Alec ficou de pé e a puxou para o seu lado. — Venha, vou levá-la para tomar café e, depois, vamos para casa e poderá ver a Tory.

— Vamos. Espere só um pouquinho.

Sofia entrou no banheiro e fechou a porta. Alec ouviu o ruído do secador de cabelos e resolveu sentar para ler o jornal do dia anterior. Já lera tudo o que pudesse interessá-lo, mas percorreu as páginas devagar. Ainda, passaram apenas alguns minutos até perceber que, na verdade, não queria olhar o jornal. Encostou a cabeça no sofá e fechou os olhos para pensar em Sofia. Como fora maravilhoso encontrá-la de novo! Alec pensou por alguns instantes sobre como se sentira com ela nos braços, — bom demais para descrever! Estava relaxando inteiramente pela primeira vez desde que levantara, e o sofá era tão macio!...

Alec acordou lentamente. Não se ouvia mais o ruído do secador. Franziu, então, a testa. Que secador? Onde estava? Sofia! Sentou-se rapidamente e viu a mulher que amava do outro lado da sala, sentada numa cadeira e olhando ternamente para ele. O coração de Alec derreteu-se.

— Sinto muito.

— Não tem importância. Você estava cansado.

— Quanto tempo dormi?

— Só dez minutos.

Ele esfregou a parte de trás do pescoço. Ela estivera sentada ali por dez minutos! Um olhar rápido para o relógio mostrou que já passava das 8h30. Ele dormira pelo menos por meia hora!

— Quer comer agora? — perguntou ela, e Alec viu que estava rindo.

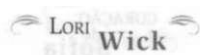
— Tive uma semana difícil — disse ele ao levantar-se.

Sofia sorriu, compreensiva, e Alec sacudiu a cabeça. Ao se encaminharem para a van, ele perguntou a Sofia onde queria comer. Ela parou e se voltou para ele:

— Preciso ver Tory, Alec. Agora mesmo. Podemos, por favor?

Alec olhou para ela por um segundo. *Se eu estava errado, Vanessa, e você, Vanessa, pode realmente nos ver, sabe então que não tem nada com que se preocupar. Sofia adora os nossos filhos.*

— Claro que sim — respondeu Alec, e dentro de dez minutos chegavam à sua casa. Quando Sofia apareceu na porta, Tory voou para ela. A menina agarrou-se à governanta com toda força e tentou não chorar. Mas em vão.



— Sinto muito, Sofia, sinto muito — chorou. Sofia apenas a abraçou apertado e beijou o alto da sua cabeça.

— Estou aqui, Tory. Tudo bem agora.

— Sinto tanto! — continuou ela.

— Perdoo você, Tory e amo você.

Agora Sofia também chorava. Levou Tory para a cadeira grande, e se sentaram uma ao lado da outra. Quando Sofia afastou o cabelo do rosto molhado de Tory, a menina levantou os olhos.

— Eu disse coisas horríveis.

— Disse, sim, Tory —, respondeu Sofia sinceramente — mas agora pediu desculpas.

— Você me perdoa?

— Perdoo.

A família inteira assistia à cena, mas Sofia e Tory não notaram.

— Sofia —, disse a menina — você pode casar com o papai, se quiser.

Sofia sorriu e se abaixou ternamente para beijar a testa de Tory.

— Obrigada, minha Tory, estou contente porque aprova. O seu pai e eu estamos indo bem devagar. Todos teremos tempo de nos acostumar com a ideia, ou para ver que não vai dar certo. Está vendo?

Tory disse que sim, e Sofia olhou para Craig e Rita. — Vão se vestir. O seu pai vai nos levar para tomar café.

— Ele vai? — perguntou Tory.

— Vai — disse Sofia, e olhou com ar travesso para Alec.

— Que bom! — gritou Craig enquanto todos saíam correndo da sala.

— Não bastava que eu fosse comprar dois cafés. Agora são cinco... — queixou-se.

— Você vai sobreviver — respondeu Sofia, e ele riu.

— Espero que saiba que Rita demora muito arrumando o cabelo. Vamos ter de esperar para sair.

Sofia encolheu os ombros. — Não faz mal, nós dois temos também de pôr a nossa conversa em dia.

As sobrancelhas de Alec se levantaram alegremente, e ele dirigiu-se a Sofia: — Parece que está querendo ser abraçada. Vou até aí ou você vem aqui?



Sofia tentou ficar séria enquanto sacudia a cabeça e respondia: — Estava falando do seu trabalho. Como estão as coisas?

— Formidáveis — respondeu ele secamente. — E eu que pensava que você queria namorar um pouco, quando, na verdade, quer falar da construção de paredes.

Sofia teve de fazer força para não dar risada. Ele parecia tão ofendido e atraente ao mesmo tempo! Não sabia o que dizer, mas também não teve oportunidade. Tory juntou-se a eles, sentando de novo junto de Sofia. Esta se voltou para falar com a menina, embora sentisse os olhos de Alec a observá-la do outro lado da sala. Isso a fez sentir-se maravilhosa, uma sensação que a acompanhou até o restaurante.



— Tenho uma ideia — anunciou Rita depois de terem feito o pedido.

— Oh, não... — provocou Craig. — Vamos amá-la ou detestá-la?

— Vai amá-la — afirmou Rita. — Gostaria de ficar em casa no Natal. Não é que não queira ver ninguém. Só não quero sair de Middleton. Acho, então que, neste ano, o Natal, ou pelo menos uma comemoração depois dele, deveria ser na nossa casa.

— Considerando que estamos em setembro —, disse Alec bondosamente — acho que vamos ter muito tempo para decidir.

— Isso não é tudo — continuou ela. — Acho que devemos ir a Chicago para o Dia de Ação de Graças. Quer dizer, nunca fomos, e penso que todos gostariam da mudança.

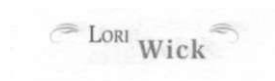
— A família do seu tio Davi passa sempre com eles o Dia de Ação de Graças — enfatizou Alec.

— Sei disso. Não seria gostoso encontrar todo mundo?

— Bem, Rita... — começou Alec e parou. Estava prestes a dizer que não podiam fazer isso. Lembrou-se, então, de que quase dissera a mesma coisa no Natal passado e, no entanto, as mudanças sugeridas por ela deram certo.

— Você pelo menos pergunta, pai? — Rita praticamente lera os seus pensamentos.

— Sim, pergunto. E foi bom você ter falado agora, porque a sua tia Janete terá tempo de pensar no assunto. A casa deles é grande, mas talvez queiram vir



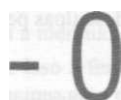
aqui no Natal, o que significa que teremos de celebrar o Dia de Ação de Graças sozinhos.

- Gostaria de ir para a casa dos avós Frazier — comentou Tory.
- Eu sei, Tory, mas devemos ficar contentes porque eles vão fazer o cruzeiro.
- Recebi uma carta da sua avó Frazier — Sofia contou ao grupo.
- Recebeu? — Craig parecia espantado.
- Sim, foi muito delicada. Ela sente a falta de vocês três e disse que vai escrever quando estiverem no cruzeiro. — A carta também pedia desculpas pela lista que Peg enviara. Sofia, no entanto, não mencionou isso.
- Acho que virão passar conosco o Natal conosco, mas chegarão uma semana mais cedo — acrescentou Alec. — Jim falou algo sobre a primeira semana de dezembro.

Em algum ponto da discussão, Alec colocou o braço nas costas da cadeira de Sofia. Deixou ali o braço e até pôs a mão no ombro de Sofia uma ou duas vezes, observando o tempo todo a reação dos filhos. Eles notaram, mas não houve risinhos nem olhares desconfortáveis. De fato, parecia que consideravam isso normal. Alec lembrou-se de olhar para Sofia, para ver também o que ela pensava. A moça parecia tão natural como sempre. Chegou até a aproximar-se mais dele quando trouxeram o seu prato, e ofereceu a mão quando Alec estendeu a sua ao pedir a bênção de Deus sobre a refeição.

Aquele foi o começo de um dia e de um fim de semana esplêndidos. Depois de ficarem afastados tanto tempo, foi difícil para os cinco se satisfazerem. Sofia arranjou momentos em particular com cada uma das crianças para saber como estavam e se era realmente aceita. Verificou que sim, e seu coração cantou de alegria. O futuro parecia brilhante de promessas e de esperança. A única sombra no horizonte de Sofia apareceu na forma de saudades de casa... não da Checoslováquia, mas de uma mulher baixinha, idosa, que prendia com ternura o seu coração do outro lado do Atlântico. Sofia continuava poupando dinheiro e orando. Dizia ao Senhor regularmente que, algum dia, veria outra vez a avó.

Pensei que só fosse no céu — disse ela, mas gostaria que pudesse ser aqui. Por favor, mostre-me o caminho, Senhor. Talvez deva viajar até lá, se ela não vier. Mas, por favor, mostre-me o caminho. Sofia deixou as coisas assim. Nunca se sentiu ansiosa; apenas confiou. Cria, de todo o coração, que Deus a ouviria e lhe daria as forças necessárias para receber a sua resposta, qualquer que fosse ela.



LÁ, SOFIA, ENTRE. — A senhora Kent cumprimentou a inquilina, e Sofia entrou na casa dos Kents pela porta dos fundos, acompanhando-a até a sala de estar.

- Como vai, senhora Kent?
 - Melhor, agora que já posso apoiar-me neste pé. Ficava nervosa por ter de mancar daquele jeito.
 - Estou contente em vê-la passando bem, senhora Kent —, disse Sofia bondosamente e sentou-se na cadeira habitual.
 - O que é isso? — A dona da casa também se sentou e ficou olhando para a lata que Sofia tinha nas mãos.
 - Bolinhos — Sofia ofereceu-lhe a lata. Abóbora e mirtilo. A combinação parece estranha, mas são os meus favoritos e acho que vai gostar. — Sofia colocou a lata na mesa de café e sentou-se outra vez.
 - O frio está chegando — disse a senhora Kent.
- Sofia sorriu. — Coloquei todas as minhas roupas de inverno espalhadas na sala de estar. Estavam em sacos, e agora vou arejá-las.
- Preciso fazer o mesmo — concordou a senhora Kent.
 - Posso ajudá-la? — ofereceu-se Sofia. Como de costume, a senhora Kent pareceu surpresa.
 - Oh, você não vai querer fazer isso!
 - Quero sim, senhora Kent. Ainda falta uma hora para o Alec chegar. Teria muito prazer em ajudá-la.
 - O seu namorado é bem simpático — comentou a senhora Kent enquanto as duas se dirigiam ao quarto, nos fundos da casa. — Vocês vão ter filhos?
- Sofia respondeu indo atrás da proprietária. — Não somos casados, senhora Kent.

A mulher parou com as mãos na porta do quarto: — Hoje em dia, isso não impede os jovens.

— Impede a mim — disse Sofia gentilmente.

A senhora Kent fitou-a. — Por causa da sua religião?

— Não, é porque a Bíblia diz que é errado, e quero fazer as coisas de acordo com a vontade de Deus.

— Isso é o mesmo que religião.

Sofia sacudiu a cabeça. — Tenho um relacionamento pessoal com Cristo, senhora Kent. Não chamo isso de religião. Tenho esperança para o futuro e paz com respeito à vida após a morte. É mais do que uma prática religiosa. É um estilo de vida.

Ela viu que estava sendo novamente observada. — Olhe, você é a primeira que pude aguentar. A minha tia pensa o mesmo que você e não suporto a sua pregação. Ela não vive o que prega; só fala, e odeio isso.

Sofia não tinha ideia de como responder. Ficou, então, calada enquanto a outra a fazia entrar no quarto. Estavam tirando as roupas de inverno do armário quando o senhor Kent apareceu. Ele fora à loja de ferragens e viera, agora, ajudar. Ela era meio mandona, mas o marido não se importava. Ele deu uma piscadela para Sofia quando a mulher se mostrou muito dominadora e simplesmente continuou o que fazia. O tempo correu e, quando olhou para o relógio, Sofia percebeu que se atrasara. Alec estaria imaginando o que acontecera. De fato, ao despedir-se dos vizinhos e sair da casa deles, encontrou o namorado já atravessando o gramado para procurá-la.

— Sinto muito, Alec. O tempo voou depressa demais.

— Pensei que tinha se esquecido de mim.

Ele sorriu e beijou-lhe o rosto, antes de Sofia pegar no seu braço e darem a volta na casa, seguindo até a van.

Iam jantar, só os dois. Havia semanas que não conseguiam ter um tempo só para eles, e sabiam que era necessário fazer isso sempre que pudessem. Continuavam a conversar a respeito do livro que falava sobre casamento, e a cada semana descobriam coisas novas um do outro.

— A senhora Kent queria saber se iríamos ter filhos — disse Sofia em tom baixo enquanto colocava o cinto de segurança.



- Filhos? — Alec voltou-se para ela. — Será que pensa que somos casados?
- Não, ela apenas disse que, hoje em dia, os jovens têm filhos, mesmo fora do casamento.
- Você ficou desconcertada?
- Um pouco, mas disse que penso que é errado por ser contra a Palavra de Deus. Não sei se ela entendeu.
- Nunca falamos sobre filhos, Sofia. Você espera ter os próprios filhos um dia?
- Quer dizer, os meus mesmo?
- Sim.

Sofia ficou olhando pelo para-brisa e comentou com Alec: — A minha bisavó não se casou. O meu avô foi produto de um estupro, mas quando ele cresceu e se casou com a minha avó, só tiveram um filho, a minha mãe. Nunca tomaram precaução e, mesmo assim, só houve um filho. Com os meus pais aconteceu a mesma coisa. Nunca usaram anticoncepcionais e só eu nasci. A minha avó me avisou, desde cedo, que eu não esperasse ser muito fértil. Acho que por essa razão amo as crianças. Não esqueço a verdade, mas também não me demoro nos fatos. E provável que nunca tenha filhos meus. Gostaria de ter, mas devo aceitar quem sou e como Deus me fez.

Sofia voltou-se, então, para Alec. O olhar dele era terno, sem mostrar qualquer embaraço por tudo o que ela revelara. E o seu coração encheu-se de amor. Alec, mais uma vez, se surpreendia com ela. *Gostaria de ter filhos com esta mulher. Senhor. Tenho quase quarenta anos, mas gostaria de fazer amor com Sofia e vê-la engravidar com o nosso filho. Obrigado porque ela aceitou isso. Obrigado porque ela sempre me ensina tanto.*

- Quando ouço falar de pessoas que abusam dos seus filhos, sofro. Digo a Deus: *Por que Sofia não pode ter um filho? Ela cuidaria dele. Deus, então, me faz lembrar que ele faz melhor o seu trabalho do que Sofia, e devo ficar calma.*

Alec ainda não tinha saído do lugar. Pegou o rosto de Sofia e acariciou a sua face ternamente com as costas dos dedos. O sorriso de Sofia era amoroso, e Alec teve de desviar os olhos. Deu partida no carro e entrou no trânsito. Aquele foi o começo de uma noite maravilhosa.



A sugestão de Rita para que a família fosse a Chicago parecia estar a anos de distância, mas o dia em que planejavam viajar chegara. Sofia olhou para o relógio pela décima vez, sabendo que Alec e os filhos voltariam a qualquer momento. A bagagem de todos já estava pronta —, a arrumação terminara de ser feita na noite anterior — e ela passara o dia deixando a casa em ordem e preparando o jantar que comeriam na estrada. O plano era estar em Chicago a tempo de assistir a um culto de Ação de Graças especial com os Rings. Sofia aguardava isso tanto quanto a própria celebração. Preparara uma salada, pão de canela com uma porção de biscoitos. Tudo o que tinha a fazer, agora, era esperar. Enquanto isso, perguntas lhe passavam pela mente. *Como seria a família de Davi? Quantas pessoas estariam lá? Teria de compartilhar um quarto com outra pessoa? E, por último, por que não perguntara essas coisas a alguém antes?*

Sofia sentiu as palmas das mãos umedecerem e sabia que estava ansiosa. Por que se preocupava? Já conhecia Janete e Davi; eles gostavam dela. Com esse pensamento, riu de si mesma. Seria um ótimo fim de semana. Por que alimentar ideias negativas? Entretanto, uma dúvida ainda pairava em sua mente. Sentiu, de súbito, que a ocasião poderia ser mais do que importante. Poderia ser uma transformação de vida. Sofia não sabia de onde viera esse pensamento ou o que fazer com ele.

A van acabara de chegar e, logo atrás dela, a camionete de Alec. Que cronometragem! Sofia sorriu. O fim de semana ia ser formidável. Com toda certeza!



— Olá, Sofia — cumprimentou Janete alegremente enquanto a abraçava. As duas ficaram assim muito tempo, até que Davi lembrou-as de que queria cumprimentar Sofia também. Janete foi falar com os outros, e Davi pôde, então, ter um momento a sós com a amiga.

— Como vai?

— Estou bem. E você, Davi?

— Ótimo. Você ainda está aguentando o meu cunhado?

Os olhos de Sofia brilharam. — Oh, Davi — sussurrou ela —, gosto tanto dele!

Os olhos de Davi piscaram divertidamente. — Estamos contentes, Sofia — a voz dele era de alegria — porque Janete e eu sabemos o quanto ele é caseiro, ninguém mais iria querê-lo.



O riso brotou da garganta de Sofia, e Alec juntou-se a eles. Os homens se cumprimentaram.

— Davi está assassinando o meu caráter? — Ele passara o braço pelos ombros de Sofia.

— Não — Davi respondeu por ela com uma nota de riso na voz. — Só estava agradecendo por Sofia suportá-lo, porque você é tão caseiro que ninguém mais faria isso.

— Vamos ficar atrasados para o culto — disse Janete enquanto passava rapidamente por eles.

— Betânia, o seu casaco ainda está no vestíbulo.

Entraram, depois, nos carros e seguiram para a igreja onde os Rings eram membros e frequentadores regulares. Os Rileys não tiveram sequer tempo para trocar de roupa, mas isso não importava. Era um culto de louvor informal, um tempo de abrir o coração e de agradecimentos. Sofia chorou ao ouvir muitos dos testemunhos, enquanto pessoa após pessoa compartilhava pelo microfone. Que ano fora aquele! Havia muito a agradecer.

No final, Sofia pensou que já chorara todas as lágrimas que tinha, mas estava enganada. Rita aproximou-se dela no momento que o pastor terminava com uma oração. Seus lindos olhos estavam úmidos.

— Não consegui levantar — sussurrou junto ao rosto de Sofia. — Queria contar a todos como me sinto, mas não consegui; vou contar a você, Sofia. Agradeço a Deus por você ter entrado nas nossas vidas e por nos amar. É isso o que eu teria dito, Sofia, e queria que você soubesse.

As lágrimas transbordaram quando Sofia abraçou Rita. Ficaram assim muito tempo, as duas chorando e se abraçando apertadamente.

— Oh, minha Rita — Sofia finalmente conseguiu falar. — Você é tão preciosa para mim!

— Amo você, Sofia — disse Rita no seu ouvido e, depois de um momento, se separaram para rir do rosto molhado de lágrimas e do nariz vermelho uma da outra.

— Os seus olhos estão em sua face — disse Sofia a Rita, referindo-se ao rímel que ela usava.

A garota riu procurando um lenço, e Sofia então notou Craig. Ele estava um pouco afastado e, com um toque final da mão em Rita, Sofia aproximou-se dele.

— As lágrimas incomodam você, Craig?

— Algumas vezes.

— Agora?

Ele balançou a cabeça, e Sofia estendeu o braço para tirar com delicadeza o cabelo da sua testa.

— Não quero que vá embora — disse ele. Sofia olhou em seus olhos. — Outro dia, acho que na segunda-feira, fui até a van com o Rick. Você lembra?

— Lembro.

— Ele não podia enxergar quem estava ao volante e perguntou quem era. Antes, eu teria dito que era a nossa governanta ou Sofia, mas dessa vez disse que era a namorada do meu pai. — Craig riu meio sem graça. — Achei um tanto esquisito; mas, então, o Rick perguntou: Ela é simpática? Eu respondi: É a Sofia, Rick, e é a mesma que sempre foi. Pensei logo em como isso era verdade. — Os olhos de Craig ficaram úmidos, mas ele continuou a falar:

— Você sempre foi amável, Sofia. Sempre estive ao nosso lado, fazendo o seu trabalho e cuidando de nós, mesmo quando não dizíamos obrigado. Agradeço a Deus, Sofia, mas também agradeço a você.

Sofia abraçou-o e, depois, se afastou, dizendo a si mesma que não deveria passar da conta. Teve de fazer um esforço.

— Você está muito perto do coração de Sofia, Craig, e isso há muito tempo. Não vou fazer promessas que não posso cumprir. No entanto, enquanto puder, ficarei com vocês.

Craig abraçou-a. Era quase tão alto quanto ela, e Sofia suspirou quando o rapazinho envolveu-a com os seus braços compridos. *Este é o meu menino*, disse ela a Deus. *Este é o filho do meu coração. Alec perguntou se eu queria filhos. Penso que posso dizer que não, eu tenho filhos, filhos do coração.*

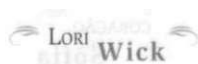
A igreja já estava ficando vazia, e Sofia pensou nos indivíduos que deveriam ter planejado o culto e trabalhado para que ele se realizasse. Desejava ir para casa, sem precisar esperar que as luzes fossem apagadas. Como havia feito na Flórida, Sofia permaneceu por mais alguns momentos no santuário. Ela amava a casa e o povo do Senhor. Como as crianças já tinham dito naquela noite, Sofia tinha muito a agradecer.

GILBERT RING É IRMÃO DE DAVI, e sua mulher chama-se Gail. Eles são pais de Russ, Selia e Christopher. Bonnie Lambert é irmã de Davi, casada com Hank, e têm só uma filha, Hannah, da idade de Rita. Paul Ring é o mais velho, é divorciado, mas está aqui com a filha, Melissa, o marido dela, Tom, e sua filhinha, Jade. O nome do senhor Ring é Kevin e o da senhora Ring é Else. Há mais pessoas que não estão aqui. Não vou nem tentar guardar o nome delas — pensou Sofia.

Sofia estivera nessa tortura mental durante uma hora e ainda não tinha certeza de que guardara todos aqueles nomes. Ela não havia usado o nome de ninguém nas conversas com medo de errar. Rita ficara animada ao ver e estar com outros membros da família de Davi, mas Sofia não esperava que houvesse tanta gente. Só Gilbert e a família ficariam na casa dos Rings com eles. Embora não houvesse gente demais, o almoço ao meio-dia fora diferente de tudo o que Sofia já conhecera. Janete aceitara aquele alvoroço com tranquilidade; Sofia, porém, continuava espantada ao ver como 24 pessoas haviam encontrado lugar para sentar-se.

Fora examinar a comida antes que qualquer pessoa chegasse, e achou que comeriam peru durante semanas, mas agora a enorme ave assada não passava de um esqueleto. A salada que trouxera parecera colossal. A tigela estava vazia. Sofia teve vontade de rir ao pensar nas celebrações na Checoslováquia: Natal, aniversários, o que quer que fosse. Só estariam lá a avó dela e, talvez, Eduard. — Está nevando!

Sofia ouviu alguém gritar, enquanto se atropelavam escada abaixo. Quase todos foram para a janela. A neve ameaçava cair durante a maior parte do dia e agora descia do céu em flocos enormes. Todos tinham levado botas de neve e outros equipamentos. Sofia podia ouvir Tory, Betânia e Selia logo fazendo planos. Sofia não fora para a janela, e Alec subitamente aterrissou no sofá ao seu lado.



— Como você está? — perguntou ele em voz baixa.

— Ótima — respondeu carinhosamente.

— Um pouco assustada?

Sofia sorriu e concordou. — Estou me divertindo, Alec. Só não esperava tanta gente. Ele a rodeou com o braço, e Sofia relaxou encostando-se nele. Nevava forte agora, o fogo ardia na lareira, e Alec a esquentava contra o seu corpo. Ele se inclinou para lhe falar algo no ouvido, quando as crianças entraram correndo querendo usar o vídeo. O barulho que faziam era suficiente para desencorajar qualquer conversa, e Alec prometeu: — A partir de amanhã vai ficar mais silencioso, algumas pessoas forem embora.

Todavia, isso não aconteceu. No Dia de Ação de Graças, o ruído continuou até tarde e, então, todos voltaram na sexta-feira. Foi outra cena de tumulto desde a metade da manhã até altas horas da noite. Sofia dividia um quarto com Rita e Hannah, não tendo, portanto, nenhum lugar para onde fugir. Quando todos voltaram no sábado para uma corrida de trenó, Sofia chegara ao seu limite. Quase todos suplicaram que ela participasse. Sofia foi amável, porém, inflexível. Alec, que gostaria de ficar a sós com ela, obrigou-se a ir com os outros. Podia ver no rosto dela que precisava de tempo sozinha.

Sofia ficou de pé por alguns instantes depois de terem saído e se regozijou com o silêncio. Janete, que também percebera que a amiga precisava de algum espaço, disse a ela que comesse o que quisesse na cozinha. Sofia, no entanto, não precisava de comida e, sim, ficar um pouco sozinha. Foi até um canto da sala de estar e ficou simplesmente observando o que a rodeava. Fazia dois anos que não tocava piano. Lembraria como tocar? Só havia um meio de descobrir.

Com as pernas um tanto trêmulas, sentou-se no banco. Os seus olhos se fecharam de prazer ao tocar uma canção de ninar que aprendera quando criança e, enquanto isso, o tempo pareceu não existir mais. Havia partituras na estante, e Sofia tomou uma delas. Martelou as teclas em alguns pontos e tocou gentilmente em outros, como se estivesse fazendo cócegas numa criancinha. Observava atentamente os seus dedos enquanto tocava *Clair du Lune*, de Claude Debussy, quando Alec voltou. Ele estava sozinho e entrou silenciosamente na casa, ficando ali parado e ouvindo atônito.

Sofia dissera que gostava de tocar, mas ele não achou que ela soubesse de verdade. Sofia tocava lindamente. Alec ficou na entrada da sala por algum tempo,



com as botas pingando no assoalho, antes de Sofia perceber que ele estava ali. O sorriso que deu para ele era radiante, e Alec foi até o vestibulo tirar os agasalhos. Voltou, depois, se sentando numa cadeira que lhe permitisse ver o rosto de Sofia e ficou ali apreciando. Ela foi de uma música para outra, chegando até a tocar ocasionalmente uma nota errada. Alec, porém, mal notou. Tudo o que conseguia ver era a mistura de deleite e de determinação em sua face. Alec estava tão enlevado com o que Sofia tocava, quanto com a própria Sofia. Quase chorou ao ouvi-la tocar *Maravilhosa graça*, suave e lentamente, com os olhos fechados e a cabeça inclinada para trás, enquanto os lábios repetiam silenciosamente a letra do hino.

Foi a última música. Ela levantou as mãos das teclas e deu um longo suspiro. Ao abrir os olhos e sorrir serenamente para Alec, ele se juntou a ela no banco do piano. As pernas de Sofia ainda estavam debaixo do teclado, mas as de Alec estavam fora, ombro direito com ombro direito, rostos quase colados. Eles se entreolharam e, por alguns instantes, nenhum falou. Sofia percebeu que Alec estava espantado, e estava certa de que diria que ela tocava bem, mas surpreendeu-se.

— Amo você, Sofia —, sussurrou Alec, e o coração de Sofia derreteu-se dentro dela. Os seus olhos, já amorosos, tornaram-se ainda mais cálidos ao sussurrar de volta: — Oh, meu Alec!

As mãos de Alec subiram para envolver o rosto dela. Ele a beijou pela primeira vez depois do Quatro de Julho. Foi um beijo tão terno que as pálpebras de Sofia palpitararam, e ela se sentiu invadida pela emoção. Nem percebeu quando os braços dele a enlaçaram, mas devolveu o beijo com o coração explodindo no peito. Ao abrir finalmente os olhos, sentiu-se apoiada pelos braços dele. Alec olhou para o rosto de Sofia e gostou do que viu. A sua boca sorria gentilmente e os olhos estavam cheios de admiração.

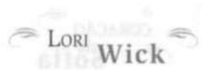
— Gostei disso — falou ela e Alec sorriu.

— Eu também.

Sofia, então, franziu a testa de brincadeira. — Penso que poderia gostar demais. Alec riu novamente. — Em outras palavras, tenho de fazer de você uma mulher honesta.

Sofia levantou a cabeça: — Você acha que não sou honesta?

— Não, não quis dizer isso. — Alec sentiu-se terrível. — Sinto muito. Não deveria ter dito isso. Algum dia explico a você.



Sofia olhou séria para ele. — Quero saber agora.

Alec suspirou, mas continuou a abraçá-la gentilmente. — É uma frase antiga sobre um homem que engravida uma mulher... alguém que não é a sua esposa. A ideia era que ele se casasse com ela para torná-la uma mulher honesta.

Sofia endireitou-se e saiu dos braços de Alec. Olhou por sobre o piano, cônica dos olhos dele no seu perfil. Queria mostrar-se indignada, mas, de certa forma, ele expusera delicadamente o significado exato das suas palavras.

— Acho que, de algum modo, eu quis dizer o seguinte: Gosto dos seus beijos, Alec, mas devo ter cuidado para não ultrapassar os limites de obediência ao meu Deus. Não somos casados e, como não posso prever o futuro, não sei se casaremos. Era isso o que queria dizer.

— Ficou aborrecida porque a beijei?

Ela olhou finalmente para ele. — Não. Sou, porém, uma pessoa afetuosa e devo manter a minha guarda levantada.

— Isso serve para nós dois. Posso afirmar a você, Sofia, que é uma mulher muito desejável. Quero, no entanto, fazer-lhe uma pergunta: os meus beijos serão novamente bem-vindos?

Sofia concordou imediatamente: — Desde que tenhamos cuidado.

Alec assentiu e deu um chute mental em si mesmo. *Ela* é quem deveria estar dizendo isso e, nos momentos seguintes, desculpou-se outra vez e deu as explicações que julgou necessárias.

— Veja bem — terminou. — Sinto que o meu lugar diante de Deus é guiar este relacionamento, e lamento ter feito essa brincadeira. Vou fazer o possível para dar honra a nós dois diante de Deus no nosso relacionamento.

— Obrigada, Alec. Você acha que não sou uma pessoa romântica?

Alec piscou: — Nunca pensei nisso.

— Eu não falo como as pessoas apaixonadas. Conversamos como se estivéssemos fazendo uma transação comercial.

Alec sorriu de leve. — Acho que prefiro assim. Ficarei contente em dar-lhe flores e enchê-la de elogios, mas quando se trata de uma decisão sobre entregar ou não a sua vida a outra pessoa, vamos manter o romance em câmera lenta.

— O que é câmera lenta? — A ruga adorável voltara ao rosto dela, e Alec inclinou-se para beijar rapidamente o canto da sua boca.



— Só quis dizer que era melhor fazer as coisas mais devagar e não ser essa a única base do nosso relacionamento.

— Entendo! — Os olhos de Sofia começaram a brilhar travessos. — Camera lenta e mulheres honestas. Namorar você é muito instrutivo, Alec Riley.

Ele achou essas palavras divertidas, e a conversa dos dois, nos quinze minutos seguintes, foi muito leve e alegre. Depois, os outros se juntaram a eles, tendo entrado em tropa, gelados e procurando pipoca e chocolate quente. Alec, que não andara de trenó fazia muito tempo, e Sofia, que nunca andara de trenó, ficaram ouvindo as histórias alegres contadas com detalhes. Não muito mais tarde, o restante da família foi embora. Na hora do jantar, ficaram reduzidos aos Rileys, aos Gilbert Rings e aos anfitriões. Por ser noite de sábado, as crianças foram para a cama cedo. Apenas os seis adultos ficaram conversando durante horas, e Sofia achou que tinha sido um final de dia muito próprio para aquele fim de semana. Planejaram assistir aos cultos da igreja com Davi e Janete na manhã seguinte e, depois, voltar para casa logo após o almoço. Sofia agradeceu a Deus por todas as lembranças agradáveis.

Na viagem de volta, houve ocasiões em que a atenção de Sofia se desviava, mas quem poderia culpá-la? Alec a amava. Isso era maravilhoso! E a maneira com que Alec a beijava fazia com que ela se sentisse muito querida. O que o futuro reservava para ela? Essa e muitas outras perguntas pairavam nebulosamente na cabeça de Sofia. Só havia uma única coisa que sabia com certeza: namorar Alec Riley ia ser divertido.

S OFIA SUBIU NA CABINE da camionete de Alec, procurando se encolher e tremendo. Nunca sentira tanto frio na vida. Alec fechou a porta do lado dela e deu a volta. Ligou o motor e o aquecedor na potência alta. Em seguida, pegou a garrafa térmica embaixo do assento e colocou uma xícara de café preto e quente na mão de Sofia. Virou o corpo, encostando-se na porta, a fim de observá-la, e comentou intrigado:

— Você é maluca. Sabe disso, não é?

Sofia sacudiu a cabeça e respondeu mostrando convicção: — Como vou saber o que você faz em seu trabalho se não o acompanhar?

— Poderia ir comigo em junho em vez de fevereiro.

Ela balançou outra vez a cabeça. — O verão está muito longe. Sofia queria saber agora. Não me lembro do que você disse sobre andaimes.

Alec explicou outra vez, com toda paciência, enquanto ela olhava pelo para-brisa a casa parcialmente construída e tentava entender as explicações dele. O calor voltava aos poucos aos seus pés e às suas mãos, e os seus dentes tinham parado de bater. Alec encheu de novo a xícara de café, e Sofia continuou a questioná-lo. Ele apreciava o interesse dela, embora não visse razão para ter de ficar congelada. Nenhuma das casas que estavam sendo construídas por Alec se achava nos estágios finais. Pelo menos, Sofia poderia deixar para ver uma casa que já tivesse aquecimento central.

— Alec —, disse ela subitamente — o café está visitando.

Ele apontou. — Há um banheiro bem ali.

O nariz de Sofia enrugou-se. — É desgostoso?

— É — disse Alec com uma risada e, depois, brincou: — Já que decidi ser um trabalhador de construção hoje, algumas vezes terá de suportar as inconveniências.



— Acho que terei de insistir que me leve a outro lugar.

Alec suspirou em falso desespero: — Você é sempre tão mandona e exigente!

— Faça o que posso — respondeu Sofia e pegou outra xícara. Foi então que percebeu que ele não se movera um palmo. Continuava sentado ali a observá-la, e as duas xícaras de café estavam se fazendo sentir cada vez mais a cada instante. Sofia virou-se para pedir outra vez, mas hesitou. Alec mostrava um ar estranho. Os olhos dele pareciam muito atentos, e Sofia olhou para ele, aguardando o que elealaria.

— Você sabe que quero casar com você, não é, Sofia?

— Esperava que quisesse — respondeu ela baixinho. — Mas não tinha certeza.

— Amo você há muito tempo.

Sofia assentiu. — Desde aquela vez no meu quarto de hospital.

— Você já sabia, então?

— Não. Brad Marshall disse algo sobre isso muitos meses depois. O meu amor por você começou ao voltarmos do lago no último verão.

Alec sorriu. — Pude ver isso no seu rosto. Quando penso nas coisas que lhe disse, fico surpreso com o risco que corri. Se os meus comentários não fossem aceitos por você, poderiam ser tidos como assédio sexual.

— Eles são bem-vindos.

Eles se entreolharam e, então, os olhos de Sofia se arredondaram. — Preciso ir... — resmungou e pôs a mão no trinco.

— Não, não... — Alec fez sinal e ligou o motor da camionete. — Há um *McDonald's* logo ali na rua. Levo você lá num minuto.

Eles voaram rua abaixo. Nenhum deles disse nada, nem mesmo quando Sofia pulou da cabine. Não conversaram mais até que ela voltou do banheiro e encontrou Alec numa mesa com café e algo para comer. Sentou-se e olhou para ele.

— Um homem diz que quer se casar comigo e respondo: *tenho de ir ao banheiro*. Estou com vergonha.

Alec apenas estendeu as mãos por sobre a mesa, com as palmas para cima, e Sofia colocou suas mãos sobre as dele. Ele se pôs a olhá-la com insistência.

— O que está pensando? — perguntou ela.

— Que queria que estivéssemos casados e sozinhos agora.

Sofia apertou levemente as mãos dele. — Gosto quando me diz que sou atraente. Vanessa era tão pequena que, às vezes, me pergunto se você deve mesmo se casar com uma mulher mais alta.

— Acho ótimo que não seja do mesmo tamanho que a Van. Não quero que pense que estou procurando uma substituta para ela.

— Vi o vestido de casamento dela no armário. Ela era pequena, como Rita.

— Espero que Rita use aquele vestido um dia.

— Ficaria linda.

— Que tipo de vestido de casamento você quer?

Sofia moveu a cabeça para o lado e respondeu: — Não posso fazer um casamento de luxo, Alec. Acho que algo simples.

— Eu também prefiro.

— Devemos falar com as crianças.

— Sim. Esta noite.

— O que vão dizer?

— Vão ficar contentes.

— Como sabe?

— Eu sei —, começou Alec — porque há uma semana, quando cheguei em casa, encontrei Rita e Tory examinando uma revista para noivas. Perguntei o que estava acontecendo e disseram que eu precisaria de ajuda quando chegasse a hora.

Sofia riu. Ela sabia que os filhos de Alec a amavam, mas aquele era um passo enorme, e se sentiu aliviada. Lembraram, então, da comida à sua frente, agradeceram por ela e começaram a comer. Passaram juntos o resto do dia e, embora Alec não tivesse trabalhado muito, teve horas maravilhosas. Viu o trabalho com novos olhos. Pelo fato de perceber a quase reverência da namorada pela sua profissão, sentiu-se muito valorizado e especial pela maneira com que Sofia o olhava e o elogiava.

— Você deve sentir-se muito bem — disse ela a certa altura — por ajudar as pessoas a terem casa própria. Sempre morei em apartamento e acho que o que você faz, Alec, é muito valioso.

Há muito tempo, ninguém encorajara Alec dessa maneira, e ele teve oportunidade de fazer com que Sofia também se sentisse especial. Quando Alec estava



serrando ou estocando madeira, Sofia se prontificava a ajudá-lo, sem esperar que ele a convidasse para isso. E Alec não deixava de agradecer sinceramente a ajuda na namorada. Ele sabia que ela estava ansiosa para pregar alguns pregos. E, embora esse não fosse o seu trabalho, Alec pôs na mão de Sofia um pedaço de madeira, martelo e pregos. Ele a observou de longe e viu que os comentários que resmungava em checo eram muito engraçados. Não compreendia o que ela dizia, mas o sentido das palavras era mais que claro. As 16h, mais cedo do que o costume, Alec e Sofia estavam em casa para comunicar aos filhos a decisão que tinham tomado.

— Que bom! — Tory gritou e atravessou a sala correndo para abraçar o pai.

Craig foi até Sofia e a abraçou. Ele estava enorme agora. Acabara de fazer quatorze anos, e Sofia se espantava com o crescimento físico e espiritual dele.

— Acho que não vou chamá-la de mãe — disse ele com ar de seriedade.

— Está bem, Craig.

— Quero dizer, não que eu esteja contra o seu casamento com o meu pai, mas você é Sofia.

— Parece ótimo para mim, Craig. — Ela sorriu, e os dois se abraçaram novamente.

Rita, naturalmente, queria saber quando, onde e como.

— Não escolhemos a data — disse o pai.

— Vou pegar o calendário — ofereceu-se ela, e saiu correndo como o vento para a cozinha. Alec só encolheu os ombros para Sofia, cujo sorriso era de puro contentamento.

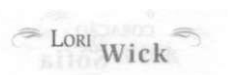
— Maio... — anunciou Rita. — Penso que devem casar-se em maio. Isso daria um prazo de três meses. Tempo mais que suficiente. Vai ser um grande casamento, é claro, e...

— Não, Rita — interrompeu Alec, — Só uma coisa bem simples.

Ela franziu a testa e voltou-se para Sofia. — É isso o que você quer, Sofia, um casamento simples?

— Olhe, Rita, não posso bancar um casamento grande. Não é possível. E não esqueça da sua festa de colação de grau.

Rita concordou, mas a sua mente estava em movimento. Não se preocupava com a festa de graduação. Poderia arranjar as coisas, mas o casamento do pai era outro assunto.



— Está bem —, disse finalmente — mas que tal o casamento ser em maio?

— Acho que 22 de fevereiro parece bom.

— Isso é amanhã —, falou Tory ao pai.

— Eu sei —, disse ele, e piscou para Sofia.

Os olhos de Tory arregalaram-se, e a menina entrou de cabeça no planejamento.

— Vocês poderiam casar-se em março ou abril e... — ela começou, então, a tagarelar animadíssima. Sofia tomou o calendário da mão de Rita e estudou os vários meses. Os outros falavam à sua volta, enquanto ela verificava calmamente as datas. Achou, afinal uma que a agradou.

— Você está muito quieta — comentou Alec quando o barulho diminuiu um pouco.

— Acho que encontrei um dia. — Ela passou o calendário para ele. — O que você acha de 25 de maio? E um sábado.

Alec estudou a data e pensou em como estariam os negócios àquela altura. Era meio difícil prever, especialmente se a primavera fosse úmida, mas decidiu concordar.

— Parece bom para mim — disse isso tirando a caneta e fazendo um círculo na data. Eles compartilharam um sorriso antes de Sofia sair da sala e ir preparar o jantar. A refeição seria simples, já que ela estivera fora o dia inteiro, mas devia ser saudável e matar realmente a fome. Craig e Tory a seguiram, os dois ainda falando. Alec teria feito o mesmo, se Rita não o estivesse olhando com olhar atravessado.

— Pai —, disse ela em tom grave e em voz baixa — é isso o que Sofia quer realmente?

— Quer dizer casar-se?

— Não, um casamento simples.

— Rita —, a voz dele mostrava bondade — vai ser mais simples assim.

Rita balançou a cabeça. — Acho que não é justo. Você já foi casado antes, mas esta é a única vez para Sofia. Acho que devia ser especial.

A ideia já havia passado pela cabeça de Alec, mas não dissera nada a respeito. Pensando de maneira egoísta, seria mais fácil planejar algo pequeno. Guardara algum dinheiro para a lua de mel, mas talvez uma viagem menor e um casamento mais refinado agradasse mais a Sofia. De repente, Alec desejou satisfazer os desejos dela, fossem eles quais fossem. Estendeu a mão



e acariciou de leve o rosto da filha, agradecendo-lhe com os olhos, antes de irem ambos para a cozinha.



Alec levou Sofia para casa horas depois. Quando se acomodaram no sofá dela, Alec puxou o assunto. As luzes estavam com pouca intensidade, e ele a rodeara com o braço. Seus pensamentos, entretanto, estavam voltados para o planejamento prático.

- Se o dinheiro não fosse um impedimento, que tipo de vestido de noiva você compraria?
- Oh!... — Sofia não pensara nisso, mas se deliciou em poder falar sobre o assunto com Alec. Este ficou admirado ao ver que ela não precisou absolutamente parar para pensar.
- Compraria um vestido longo, até o chão, com botões pequeninos de pérolas nas costas e renda no pescoço e nas mangas. Não teria um decote alto, mas modesto, para que o meu medalhão aparecesse. A saia seria meio armada, embora não muito, e haveria uma cauda bem pequena, ou talvez nenhuma cauda. — Sofia olhou então para Alec com os olhos brilhando. — Não é gostoso sonhar, Alec?

Alec olhou para os olhos dela, cheios de entusiasmo. Era como se eles estivessem dizendo: "Não vai ser assim, mas obrigada por perguntar". Com esse pensamento, ele a puxou para mais perto. *Obrigado, Rita, obrigado*, sussurrou no seu coração.

- Quero que comece a procurar o vestido que acabou de descrever para mim — disse ele após um momento de silêncio.

Sofia recuou, sacudindo a cabeça, prestes a dizer algo, mas Alec colocou delicadamente os dedos nos lábios dela.

- Separei algum dinheiro para nós, e isso é importante. O vestido que descreveu ficaria lindo em você, e quero que você use esse vestido. Compreendeu?

Sofia fez que sim e ele tirou a mão.

- Oh, Alec, pode ser tão caro!

- Vamos orar agora para que o encontre com um preço razoável. Se não encontrar, tomaremos essa decisão mais tarde.

Sofia olhou para Alec e comentou com emoção: — Eu estava tão sozinha em Chicago que tive de procurar companhia. Fui àquela igreja e uma mulher chamada Janete mostrou-se bondosa comigo. Ela disse depois que havia um homem com filhos, sua mulher estava morta e ele se sentia perdido, se eu queria ir? Fui. Vim para cuidar de você e seus filhos, mas você acabou cuidando de mim. Quando vou deixar de me surpreender com o amor tão grande que Deus me tem?

Alec beijou a testa dela e admitiu: - Eu estava perdido. Não conseguia superar o sofrimento, mas Deus me ajudou. Estava enterrado em minha dor, mas Deus ficou comigo. Nunca vi você. Durante semanas ficou ali, embora eu nem sequer a olhasse. Um dia, então, eu soube. Era como se Deus tivesse dito: *esta é aquela que planejei para você. Cuide dela.* Pude fazer isso alegremente, porque o meu coração tinha começado a amolecer.

Alec continuou em seus quase devaneios:

— Tive dois amores na minha vida, e fico surpreso ao ver que um não diminuiu em nada o outro. Por ter tido um primeiro amor, o meu segundo é mais forte e saudável. Poucas mulheres teriam vindo como você fez, mostrando amor e cuidando de nós. Eu também me espanto com a provisão de Deus. É algo de que nunca duvido. Se algum dia for tentado a duvidar, basta olhar para você.

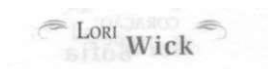
— Oh, Alec —, sussurrou Sofia. — Amo tanto você!

Ele a beijou e a apertou nos braços. Ela ia ser a sua mulher e cuidaria dela. Ele seria o seu marido e iria amá-lo e honrá-lo. Seria fácil ficarem admirados *demais* em meio a tudo aquilo, mas isso, somente até que Sofia e Alec se lembrassem daquele a quem eles pertenciam, e que tipo de amor havia sido dado em pagamento por suas vidas.

Alec ficou até mais tarde do que deveria. De fato, Tory telefonou para saber dele. Havia, porém, tanto a falar com Sofia e ele desejava tanto ficar perto dela!... Foi com relutância que se separaram, mas amanhã seria outro dia. E o dia mais especial de todos estava a apenas três meses de distância. O tempo de espera parecia longo; eles sabiam, no entanto, que chegaria num piscar de olhos.

CERCA DE TRÊS SEMANAS MAIS TARDE, Alec entrou na cozinha e viu imediatamente que Sofia estava aborrecida. Parada perto do fogão, olhou para ele, mas não falou.

- Está zangada com alguma coisa.
 - Estou. — A voz dela denotava raiva. — Ela é uma mulher velha e teimosa.
 - A sua avó.
 - É. Economizei e economizei e ela não quer nem considerar vir. — Sofia sacudiu a carta no ar. — É uma desculpa após outra. Eu *sei* que ela tem economias. Juntei mais da metade da passagem, e ela podia completar o resto. Mas vem? Não!
 - Vamos —, disse Alec sentando-se à mesa da cozinha — leia para mim.
— Sofia sentou-se também e traduziu em voz baixa o conteúdo da carta. Quando terminou, Alec disse:
 - Sua avó pede que você compreenda, Sofia.
- A noiva fez cara feia para ele: — Não li isso. — E voltou a ler a carta.
- Quase na metade, leia de novo essa parte.
- Sofia voltou à página e leu outra vez: — Você diz que *preciso* ir, mas não percebe como isso é errado, minha Sofia? A maior tarefa de um pai ou avô é perder o emprego. Não preciso que você precise de mim. Vê-la seria uma alegria indescritível, mas vai ficar bem sem a minha presença.
- Há mais do que simples palavras para você, Sofia — Alec afirmou no fim da leitura.
 - Sua avó está falando a mesma coisa para ela mesma. Você tem de parar de insistir. Precisa aceitar a decisão dela.
- Os ombros de Sofia caíram, como se ela se sentisse derrotada: — Quero tanto que ela venha! Eu a quero comigo, Alec.



— Eu sei, querida, mas pense em como seria assustador para ela. Você me disse que o seu inglês não é bom. Como seria atemorizante arrumar as malas e viajar toda essa distância, mesmo que seja para uma visita. Estou certo de que, só em pensar nisso, ela fica com medo.

— O que devo fazer?

— Continue orando e aceitando. Mostre que compreende, e que ela será bem-vinda para visitar ou morar aqui. Deixe depois a decisão nas mãos dela.

Sofia esfregou a testa como se estivesse com dor de cabeça. Lágrimas encheram seus olhos, e ela falou: — Acho que estou um pouco zangada com Deus porque ele não interferiu nisso, fazendo com que ficássemos juntas de novo.

— Estaria então disposta a voltar para Praga?

— Não.

— O mesmo acontece com ela.

Sofia chorou, embora o seu coração já começasse a aceitar. Alec abraçou-a e, depois, puxou a cadeira para perto dela e tomou a sua mão. Oraram juntos e conversaram, até que Alec se lembrou que estava atrasado para um compromisso. Teve de sair correndo, mas o tempo que estiveram juntos foi proveitoso. Sofia sentou-se e fez exatamente o que Alec sugerira. Escreveu a Kasmira e contou ternamente que aceitava a situação e que ela seria sempre bem-vinda.

Terminou, dizendo: "Não tenha medo. Vamos tirar rolos de fotos e vai sentir como se tivesse assistido ao casamento". — Fechou a carta com mais lágrimas, apesar de saber que tinha feito o que era certo. Ainda continuava sofrendo. O seu coração, porém, estava em paz. Pôde até pedir a Deus que, se fosse da vontade dele e não da sua, ele as reunisse novamente.



Os dois meses seguintes voaram e, antes que Sofia pudesse tomar fôlego, faltava uma semana para o casamento. Ela encontrara o vestido dos seus sonhos, por sinal em uma liquidação, e Alec ajudara nas despesas, sempre que necessário. Nenhum dos dois era gastador. Sofia, no entanto, era mais cautelosa no uso do dinheiro difícil de ganhar. Alec tivera de insistir várias vezes para que comprasse o que desejava.



A festa de casamento estava preparada. Rita e Tory seriam damas de honra, e Craig, padrinho de Alec. Davi acompanharia Sofia, servindo depois de padrinho de Alec junto com Craig. Janete disse que ficaria feliz em sentar-se no primeiro banco, chefiando a seção de choro. Davi contou a Alec, pelo telefone, que ela só fizera chorar desde que soubera das boas notícias.

Gladys oferecera amavelmente a sua casa para os membros da família que viessem para o casamento. Os Fraziers ficariam lá. Eles ficariam ali durante a lua de mel de Alec e Sofia. Davi e a família se acomodaram na casa de amigos, em Madison.

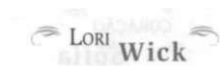
A medida que o dia se aproximava, Alec e Sofia eram os únicos a permanecer calmos. Tory estava um feixe de nervos; Craig começava sentenças e não terminava. Rita discutiu até o último minuto o que fazer com o cabelo; mas, no dia 25 de maio, às 13 horas, todos estavam em ótima forma.

Sofia ficou um pouco nervosa enquanto esperava numa sala lateral antes de percorrer a nave. Davi e Rita, percebendo isso, ficaram falando de assuntos leves para confortá-la. Quando chegou a hora, o seu coração batia acelerado no peito. Alec, porém, a aguardava na frente da nave, e ela logo esqueceu-se de tudo. Só tinha olhos para ele.

Alec parecia incrivelmente bonito num terno formal, camisa alva como a neve e gravata. Sofia colocou a mão no seu braço e teve vontade de rir quando ele teve a ousadia de piscar para ela. Embora não tivesse sido longo demais, o culto foi lindo e com tudo o que haviam desejado. O casal decorara os votos, mas o pastor Baker tinha uma cópia, para o caso de eles precisarem de ajuda. Sofia ficou orgulhosa por não ter chorado quando prometeu a sua vida ao homem que amava.

A recepção no jardim de Gladys foi magnífica, com coisas gostosas e um bolo deslumbrante. O casamento tinha sido como Sofia imaginara. Não faltou nada. As malas deles estavam prontas e, depois da recepção, Sofia só precisou trocar de roupa e encontrar-se com Alec, que também usava, agora, traje de viagem. A família e os amigos ficaram na calçada, diante da casa de Gladys, para vê-los ir embora. Quando Alec finalmente deu partida, o suspiro de Sofia foi profundo e sincero.

Ela sabia que iriam para um lugar pequeno chamado Bayfield, ao norte de Wisconsin, mas não tinha ideia da distância e de quanto tempo a viagem levaria. Sofia riu ao ver o olhar conspirador de Alec quando a levou a um hotel de luxo



em Middleton. Ao se registrarem, foram tratados como realeza. Alec e Sofia finalmente ficaram a sós em seu quarto de hotel, marido e mulher, sozinhos e cheios de amor.

— Alô, senhora Riley — disse ele em voz suave.

Sofia suspirou outra vez, respondendo ao "alô" do marido: — Você é a realização do meu sonho, sabia disso?

Alec abraçou-a e beijou-a apaixonadamente.

— Comprei uma camisola bonita — contou Sofia quando conseguiu respirar.

— Vou ficar esperando para ver — disse Alec, mas então a beijou de novo.

Sofia tinha toda intenção de trocar de roupa; todavia, de alguma forma naquele momento isso não importava. Alec a queria nos seus braços, e Sofia não achou motivo para se afastar dele. Levantaram-se de madrugada e saíram do hotel, continuando a viagem.

Bayfield ficava a quinhentos quilômetros de Middleton, mas eles não tiveram pressa. Chegaram no fim do dia, e o lugar era tão lindo quanto Alec descrevera. Durante os sete dias de viagem de lua de mel, visitaram todo o norte de Wisconsin, indo até a península na parte superior de Michigan e voltando para casa contornando o lago Michigan. Hospedaram-se em pousadas, com café e almoço, e também em lugares mais luxuosos, com piscinas e *spas*. No meio da semana, se cansaram das refeições em restaurantes e atacaram uma mercearia comum, em busca de comida fresca.

Surpreenderam a família e as crianças ao voltarem um dia antes. Entretanto, algumas surpresas aguardavam os recém-casados.

— Papai e Sofia voltaram! — gritou Tory enquanto se atirava na direção deles e, depois, o resto da família os rodeou. Ben e Kay abraçaram fortemente Sofia, e as crianças tinham muitas perguntas.

— Sofia, lembra que eu lhe disse que tivemos de pedir o seu presente de casamento? — Kay perguntou à nova nora quando houve uma pausa no tumulto.

— Lembro, sim.

— Bem... ele chegou.

Sofia sorriu. — Onde está?

— Precisa fechar os olhos — disse Tory repentinamente.

— É uma boa ideia — interferiu Alec. — Eu levo você.



— E você, não tem de fechar os olhos? — perguntou Sofia ao marido, pensando ter entendido mal.

— Não — os olhos dele piscaram para ela. — Fui eu quem disse o que você queria.

— Não é um presente para nós dois?

— Vou gostar dele, Sofia. Não tenha medo.

Ela viu que ele não diria mais nada, e concordou. Fechou os olhos e deixou que o marido a levasse pela sala de estar. Sofia ouvia os risinhos e sussurros animados, e todos dando instruções a Alec.

— Cuidado com a parede, Alec! Não deixe que ela bata.

— Você vai amar, Sofia.

— Chegou na segunda-feira, você já tinha viajado.

— Oh, cuidado com essa cadeira!

— Chegamos, amor — a voz grave de Alec estava próxima do ouvido dela. — Abra os olhos.

Sofia obedeceu e quase perdeu a fala. Diante dela estava um piano de meia cauda, com acabamento preto brilhante e um banco combinando. As teclas, tão brancas e perfeitas, convidavam as mãos de Sofia, e ela se sentou. Tocou a sua canção de ninar favorita, com as mãos tremendo ligeiramente. Voltou-se no banco e olhou para os sogros.

— É maravilhoso demais! Não sei como agradecer.

Ela se aproximou deles e os abraçou novamente antes de voltar-se para Alec.

— E você sabia disso.

Ele encolheu os ombros, contente com a trama. — Eles me perguntaram o que nós queríamos, e eu disse a verdade.

— Oh, Ale!...

Ele sorriu um pouco mais, mas Sofia não percebeu por que os outros estavam elogiando sua habilidade no piano.

— Vamos levar as nossas coisas para cima — sugeriu Alec alguns momentos depois, e agarrou uma mala com uma das mãos e Sofia com a outra.

Ao subir as escadas, Sofia orou para que as crianças não sentissem uma barreira em relação àquele quarto que iria compartilhar agora com Alec, não percebendo.



então, para onde estavam indo. Alec a puxara para dentro, fechara a porta e colocara a mala dela no chão antes que notasse. Toda a mobília de carvalho anterior fora removida do quarto, substituída por um lindo conjunto de cerejeira. Ao lado da cama, havia mesinhas de cabeceira combinando e uma cômoda com espelho, além de um espelho oval de corpo inteiro de um lado. A madeira era entalhada e elegante. Sofia ficou olhando tudo antes de voltar-se para Alec.

— Como isso é possível? Limpei o banheiro deste quarto na véspera do nosso casamento, Como você fez isto?

— As coisas ficaram na casa de Carl Nickelberry.

— Oh, Alec, é lindo! Mas você não tinha de fazer isso.

— Este é o nosso quarto, Sofia. Eu não queria que houvesse outros pensamentos sobre ele. As crianças estão acostumadas a entrar e sair daqui sempre que querem, e espero que continuem fazendo isso e que, também, tenham em mente a nossa privacidade. Não queria que houvesse nenhuma confusão, da parte deles ou da sua, sobre quem mora aqui. Este é o quarto de Sofia e Alec. E aqui que Alec e Sofia compartilham uma cama. ninguém mais.

Sofia foi para os braços dele. No momento em que os lábios de ambos se tocaram, ele se perdeu cm outro mundo. Teve vontade de fechar a porta, quando ouviu vozes lá embaixo.

— Acho que vou fechar a porta... — falou ainda abraçado a ela.

— Hoje à noite — respondeu ela, acariciando o seu rosto.

— Tem razão. Precisamos descer agora e ser tão normais quanto possível. As crianças precisam disso.

Sofia concordou inteiramente. Ela tirou os sapatos, sem se incomodar onde eles caíam, e deixou que Alec tomasse a sua mão para descer as escadas. Foi a coisa mais sábia que poderiam ter feito. Todos estavam à espera para saber se Sofia tinha gostado do quarto. Mais do que tudo, porém, queriam que voltassem para dizer que iam pedir pizzas e assistir a filmes antigos.

A formatura de Rita seria dentro de duas semanas, e houve muita conversa a respeito disso. Sofia gostou de estarem usando trajes casuais, porque ficaram com os pais de Alec e as crianças pelo resto da noite.

Enquanto comiam pizza, eles contaram tudo sobre a viagem. Sofia descreveu, com a naturalidade de sempre, alguns dos lindos quartos que ocuparam e, depois, as cataratas que visitaram na Península Superior.



Muito mais tarde naquela noite, quando Alec e Sofia se viram finalmente sós, ela se aconchegou a ele e ficou ouvindo as suas palavras:

— Quis muito ter você comigo, Sofia, durante tanto tempo!...

— Aqui no quarto?

— Sim, mas não apenas aqui. Eu via você na cozinha ou patinando com Tory, e pensava: *ela parece tão certa*! Pedia, então, paciência a Deus, porque não podia dizer-lhe isso na ocasião.

— Estou contente porque me contou agora — disse Sofia com um suspiro de contentamento. A cama nova era muito confortável, e por já ser tarde, os dois logo adormeceram. Não foram tão íntimos quanto planejavam, mas não havia urgência. Havia uma vida inteira pela frente. Alec e Sofia sentiam que tinham todo o tempo do mundo...

O VERÃO CHEGARA COM TODA FORÇA em apenas um mês, e a maior parte das conversas concentrava-se na decisão de Rita ir para uma faculdade bíblica no outono. Fora aceita na Universidade de Madison e, também, numa faculdade bíblica em Illinois. Escolheu, porém, uma pequena escola cristã em Indiana. Tinha de apresentar-se em 25 de agosto para orientação dos calouros; podia, no entanto, chegar mais cedo e inscrever-se para ter um dormitório para ela. Alec e Sofia não tinham ainda estado na faculdade. Rita tinha ido com Kurt Marx e a família dele. Os dois jovens não estavam mais namorando, embora continuassem amigos. A família inteira planejava acompanhá-la no dia 23. Sofia lutava com certo sentimento de perda, pensando em que Rita não estaria com eles todos os dias. Isso era mais do que Sofia poderia imaginar. Era preciso forçar-se a pensar nas tarefas diárias para desviar os pensamentos. O verão apenas começara, e ficar à espera de um episódio triste era apenas perda de tempo precioso.

Um dos eventos mais apreciados do verão era o piquenique anual de Quatro de Julho, em Maxomanie. Foi maravilhoso desfrutar daquele piquenique, como esposa de Alec! Algumas pessoas da igreja haviam assistido ao casamento, e a nova senhora Riley foi recebida cordialmente. Que dia esplêndido! Entretanto, o melhor ainda estava por vir. O aniversário de Sofia seria dez dias mais tarde, em 15 de julho, e Alec tinha algo especial.

Era um sábado. Faltavam ainda dois dias para o aniversário de Sofia, mas Alec já estava agitado. Tudo começou no fim do banho de Sofia naquela manhã. Havia um cabide na parede fora do box, e marido e esposa colocavam nele as suas toalhas. Naquele dia, quando Sofia puxou a cortina, viu que um esfregão estava pendurado no lugar da sua toalha. Ao ouvir a risada de Sofia, a cabeça de Alec surgiu na porta. Seus olhos eram brilhantes e denotavam diversão.

— O que foi? — perguntou com ar inocente.



Sofia deu um risinho: — Alguma coisa aconteceu com a minha toalha.

Alec apontou o esfregão. — Não é essa?

— Oh, Alec, você é muito...

A frase estava errada, mas ele não corrigiu.

— Sou muito — disse enquanto pegava a toalha dela do esconderijo e a entregava. — Muito apaixonado por você.

Esse fora o começo de um dia maravilhoso. Almoçaram no restaurante favorito de Sofia e, depois, a família inteira foi andar de bicicleta. Sofia sentiu-se cansada aquela noite, embora fosse um cansaço gostoso. Rita, por sua vez, não estava absolutamente cansada e queria conversar. Sofia passou, então, algum tempo no quarto da enteada. Quando saiu, não encontrou Alec. Não estava no andar de cima, e o de baixo parecia silencioso e vazio. Já tinha escurecido, e ela resolveu não ir ao quintal. Limpou um pouco a cozinha, apagou a luz e decidiu ir para a sala de estar. Então, ela viu o marido no quintal, segurando uma lanterna. Não, não era uma lanterna.

Sofia saiu. As luzes de fora estavam apagadas, e como a lua não passava de uma fatia, a escuridão imperava. Ela seguiu na direção da luminosidade.

— Oh, Alec —, sussurrou ao aproximar-se e ver que ele segurava um frasco cheio de vaga-lumes. Deveria ter apanhado dezenas deles, porque brilhavam muito.

— Feliz aniversário, amor.

— Oh, Alec —, repetiu ela, pegando o frasco. — Que maravilha, são lindos!

Alec olhou com intensidade o rosto da esposa e ficou à espera. Os olhos dela fitaram os seus, quando ouviu um leve tilintar no fundo do frasco. Sofia levantou-o e examinou melhor. Alec ouviu que ela prendera a respiração.

— Oh, Alec, o que você fez?

— Achei mais importante comprar a mobília do quarto em maio, mas sempre quis dar-lhe um diamante.

— Quero pegá-lo, mas não quero que os vaga-lumes se vão.

Alec riu. — Acho que não pode ter as duas coisas.

Depois de um breve momento de indecisão, ela abriu a tampa.

— Não vire de cabeça para baixo — advertiu ele.

— Oh! lá fazer isso! Faça você. — Ela colocou o vidro nas mãos dele e esperou. Alec tirou a tampa e sacudiu um pouco o frasco. Alguns dos vaga-lumes voaram, mas outros ainda se atropelavam dentro do frasco.

— Junte as mãos — disse ele, e Sofia obedeceu. Ele inclinou o frasco com todo o cuidado. Ela sentiu quando o anel caiu na sua mão, mas continuou imóvel. Alec colocou o vidro no chão antes de pegar as mãos da mulher.

— Tenha cuidado, Alec, está tão escuro!

Ela colocou as mãos, bem maiores, em volta das dela, fechando-as sobre o anel.

— Vamos andando até a casa.

Era estranho, mas ninguém notou. Sofia estava num mundo de sonhos, e Alec triunfante por ter feito a surpresa. Uma vez na porta dos fundos, sobre o piso de cimento e não da grama, debaixo dos pés, Alec acendeu a luz e abriu as mãos de Sofia. Ele deu um piparote num último vaga-lume e pegou delicadamente o anel de ouro com seu pequeno e belo diamante. Tomou a mão de Sofia e colocou-o no dedo da esposa. Sofia puxou-o por sobre o nó do dedo e olhou para vê-lo pousado perfeitamente junto à sua aliança.

— Oh, Alec —, sussurrou — nunca pensei!...

Eles estavam atraindo os pernilongos. Alec apressou Sofia, e entraram na cozinha. Uma vez lá dentro, ele fechou a porta, encostou-se nela e a abraçou. Ela levantou os braços e segurou o rosto do marido.

— Sou tão mimada por você! — disse. — O meu favorito no mundo me trata como uma joia preciosa. Obrigada, Alec.

Ele a beijou docemente.

— Quero que saiba mais uma coisa que fiz para o seu aniversário. Abri uma caderneta de poupança especial para a sua avó, para o caso de ela mudar-se para cá, um dia, ou vir nos visitar.

— Obrigada, Alec. Posso fechar a minha conta e acrescentar esse dinheiro ao seu.

— Está bem. Vou dar-lhe a caderneta de movimentação.

— Ela ficou tão contente com as fotos do casamento! — continuou Sofia. — Disse que chorou quando me viu vestida de noiva.

— Você estava linda! — afirmou Alec e pôs uma mecha de cabelo atrás da orelha de Sofia. Ficou observando o fruto do seu trabalho e, depois, ficou



olhando insistentemente para Sofia, enquanto ela permanecia olhando para o anel.

— Não é lindo?

— E — Alec, porém, continuava observando o rosto dela.

Eles se beijaram outra vez e Alec sussurrou alguma coisa íntima no ouvido da esposa. Com um sorriso entusiasta, Sofia deixou os braços do marido, para que ele pudesse fechar a parte debaixo da casa, e ela foi esperá-lo no quarto. O dia fora magnífico, e o seu aniversário ainda ia acontecer na segunda-feira!... Quando o marido chegou ao quarto, Sofia estava meditando no Salmo 136, em que os 26 versos falam que a bondade de Deus é eterna. O amor dele era de tal forma prodigioso para Sofia, que se deleitava nele. Ela era, porém, igualmente sábia para pedir a Deus que pusesse na sua mente que, estivesse a vida correndo bem ou não, ela teria sempre muito a agradecer.



Ao saírem de Indiana, Sofia chorou todo o caminho de volta para casa. Rita, alegre como um passarinho, foi deixada com uma ótima companheira de quarto numa escola esplêndida, mas Sofia, mesmo assim, chorava.

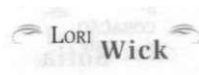
— Está tudo bem, Sofia — Alec tentou confortar a esposa detrás da direção.

— Você esteve com ela quase dezenove anos. Eu acabei de encontrá-la. — Sofia chorou mais forte. — Ela não vem nem para o aniversário em setembro.

Não havia consolo para ela. Alec podia ver que se esforçava para controlar-se, mas as lágrimas continuavam correndo. A certa altura, ficou exausta e adormeceu por mais de uma hora. Não viu a parte pior do trânsito de Chicago, e isso foi até uma bênção, embora Sofia continuasse um pouco chorosa no restante do caminho. A semana que se seguiu não foi muito melhor.

Sofia teve crises de choro nas horas mais estranhas. Explodiu em lágrimas diante de um comercial na TV e verteu baldes de lágrimas quando queimou uma assadeira de biscoitos. Mais de oito dias se passaram, quando Alec chegou em casa e encontrou os filhos preparando o jantar. Aquilo o fez se lembrar tanto do dia em que Vanessa falecera, que, por um momento, não conseguiu dizer nada.

— Onde está Sofia? — perguntou finalmente.



— Não se sentia bem e subiu — disse Tory, que parecia bastante tensa. Alec foi até ela e pôs a mão no ombro da menina.

— Vou subir. Obrigado por vocês estarem ajudando.

Ele abriu a porta do quarto e entrou sem ruído para não acordar Sofia, caso ela estivesse dormindo. Ela, porém, estava sentada na cama, de costas para ele, com o corpo sacudido por soluços. Alec aproximou-se e abraçou-a. O rosto dela estava inchado e vermelho, e quando tentou falar, ele achou difícil entendê-la.

— Sinto muito, Alec. Não consigo parar.

— Não faz mal, querida. Está sentindo alguma dor?

— Não... — ela gaguejou em cada palavra. — Só não consigo me controlar.

— E por causa de Rita?

— Não, Deus me deu paz sobre isso, mas as lágrimas continuam.

Alec fez com que descansasse em seu peito, e isso deu resultado, porque ela se aquietou depois de alguns minutos. Sofia respirou fundo várias vezes, e as lágrimas finalmente secaram. Alec enxugou os cabelos molhados no seu rosto e lhe deu um lenço de papel.

— Querida —, perguntou delicadamente — em que dia do mês estamos?

Sofia olhou para ele com os olhos arregalados antes de enrugar a testa. Quase se sentiu mal outra vez. Alec teve de rir.

— Está a caminho ou já chegou?

— A caminho — lamentou, e Alec insistiu para que deitasse, sorrindo por dentro o tempo todo. Ou fazia isso ou chorava com ela.

Sofia estava mais calma quando ele desceu para jantar, e Alec pôde assegurar aos filhos que estaria boa em alguns dias. Tory, que crescera muito aquele ano, ofereceu-se para levar comida para Sofia. A menina voltou quase imediatamente, dizendo ao pai que Sofia adormecera. Ela dormiu a noite toda, e Alec não achou aquilo anormal, até que voltou para casa na semana seguinte e, no meio do dia, encontrou a esposa dormindo no sofá da sala de estar. Sofia acordou minutos depois e viu Alec numa cadeira, olhando-a.

— Oh, Alec —, Sofia parecia meio tonta. — Não ouvi você.

— Você me disse que dormiu ontem à tarde também, não é?

— E — disse Sofia, ainda sem energia para sequer sentar-se.



— Acho que precisa ir ao médico.

Sofia acordou de todo e olhou para ele. O marido parecia sério.

— Você acha que estou doente?

— Não. Acho que está grávida.

Ela reagiu exatamente como ele esperava. Olhou primeiro para o teto e depois para ele antes de levar a mão ao abdômen. Ficou muda alguns minutos.

— O meu período não veio. — Disse isso como se tivesse percebido naquele momento. Alec já sabia do fato, mas não comentou.

— Deixei de sonhar com essas coisas quando era ainda adolescente — disse ela, então. — Depois de me despedir de Rita fiquei egoisticamente alegre por nunca ter de me despedir de um filho meu, mas agora... Você acha mesmo, Alec?

— Sim. Você não está doente como Vanessa ficava, mas quase não come, e as suas lágrimas e cansaço mostram que alguma coisa está acontecendo.

Ela ficou novamente imóvel, fitando o teto.

— Os testes de gravidez em casa são muito caros? — quis saber.

— Não sei, mas posso trazer um quando vier para casa.

— Não quero que Craig e Tory saibam. Pelo menos por enquanto.

— Está bem. Acho que tem de fazer o teste logo de manhã, e podemos então verificar.

Sofia assentiu. — Como você se sente sobre isso, Alec?

— Acho que vou ficar aliviado. Você não tem sido a mesma ultimamente.

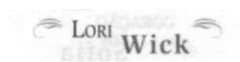
— E se eu não estiver grávida?

Alec suspirou. *O Senhor iria realmente pedir-me para desistir de outra esposa?* inquiriu no seu coração. No mesmo momento, soube que Deus iria capacitá-lo.

— Vamos tratar disso se e quando chegar a hora.

Essas palavras ficaram na mente de Sofia o resto do dia e até ir se deitar naquela noite. Levantou cedo para fazer o teste, e Alec ficou em casa com ela. Permaneceram juntos no banheiro e ficaram olhando o pequeno sinal vermelho surgir.

— Um bebê — sussurrou Sofia. Uma pessoinha com dedos e orelhas pequeninos. É maravilhoso demais.



O choro obstruiu da garganta de Alec enquanto a observava. A alegria dela era contagiante. Estava ainda em choque com a notícia. Afinal de contas, ia fazer 41 anos em três meses. Teria quase 42 quando o filho nascesse.

— Você está bem, Alec?

— Estou — respondeu sinceramente. A ideia ia se tornando mais real a cada minuto. Abraçou Sofia e ela perguntou: — O que vamos dizer ao Craig e à Tory?

— Vamos esperar até depois das aulas hoje. Como é sexta-feira, terão o fim de semana para acostumar-se com a ideia.

— E a Rita?

— Telefonamos para ela.

Sofia estudou o rosto do marido. — Tem certeza de que está bem?

Ele a beijou. — Não vou dizer que não estou surpreso, mas me sinto bem.

— O que as crianças vão dizer, Alec?

Sofia parecia tão vulnerável que Alec pediu silenciosamente a Deus para que os filhos aprovassem.

— Não se preocupe com isso — afirmou com firmeza. — Vamos contar a eles esta noite, depois do jantar, e tudo vai ficar bem.



— Um bebê? — Tory ficou olhando o pai e a madrasta. — Vocês vão ter um filho? — Ela voltou-se, então, para Craig, dizendo: — Um bebê, Craig. Nunca pensei nisso... — e explodiu em lágrimas.

Sofia fitou Craig por algum tempo sem saber o que dizer. Alec abraçou Tory.

— Sinto muito, Craig, sinto muito.

— Nada disso... — ele asseverou rapidamente com uma expressão de alívio no rosto.

— É que nós não sabíamos. Tory achou que você poderia ter câncer ou alguma outra coisa, porque você ficou um tanto diferente. Ela está apenas aliviada.

Isso foi o suficiente para Sofia começar a desculpar-se sem parar. — Sinto muito — gritou. — Não tenho sido uma boa mãe estes dias e sei que vai piorar.

— Os lamentos dela eram tão cômicos que os olhos de Tory secaram. — Acho que vai ser uma gravidez chorona e vou parecer um rinoceronte. Sinto muito.



Ela ficou chorando com pena de si mesma, enquanto os outros tentavam não rir. Decidiram então, naquele momento, que Alec telefonaria para Rita. Fez isso na outra sala, e Tory sentou-se perto de Sofia enquanto esta tentava controlar-se.

— Está tudo bem, Sofia. Vou estar aqui para ajudá-la.

Sofia respirou fundo. — Obrigada, minha Tory, eu só queria parar.

Craig ficou olhando e se perguntou quando começara a amar Sofia. Já fazia bastante tempo agora. Fora em algum momento depois de terem conversado na van, mas não podia determinar o dia exato. Ela era muito especial, e o rapazinho reconheceu que, no que dizia respeito a Sofia, o seu coração era mole. Ele se esforçara para ser forte por causa de Tory nas últimas semanas, mas tivera medo. Não quis também falar com o pai e talvez perturbá-lo. O comportamento de Sofia se tornara tão estranho, tão diferente do comum! Estava cansada e chorando o tempo todo, sem motivo.

E agora um bebê... Craig se surpreendera. Iam ter uma criancinha em casa. Quando o irmão nascesse, ele teria quinze anos. Como seria essa criança? Craig não precisava indagar se o bebê seria bem cuidado; bastava olhar para o pai e Sofia, para ver que estavam vibrando. Como os outros iriam se sentir? Craig não sabia, mas para a sua surpresa não estava detestando a ideia.

Um bebê? Legal! Espero que seja um menino.

A CARTA DE RITA COMEÇOU COM AS PALAVRAS: "Querida Sofia", e a futura mãe ficou muito contente de tê-la levado consigo ao médico. Se tivesse ficado em casa, só veria o trabalho a ser feito; ali, tinha tempo para apreciar as palavras de Rita.

Sei que vai achar estranho que eu esteja escrevendo a você e não ao papai. Tenho, porém, algo que quero dizer só para você. A maioria do pessoal da escola ficou feliz com a notícia do bebê, quase tanto quanto eu. Houve, porém, uma menina que me olhou de modo estranho. Não tive oportunidade de falar com ela senão mais tarde. Quando fiz isso, a garota me contou que a mãe se casara novamente quando já estava em meados da casa dos trinta, e tivera um filho. A menina disse que foi terrível. Ela ficou embaraçada com a notícia e, quando ia para casa, a mãe e o padrasto só falavam no assunto. A criança nasceu, um menino, e ela ainda não gosta dele... o seu próprio meio-irmão!

Escrevi isso para que saiba que não me sinto assim. Odiei ver o meu pai lutando sozinho depois da morte da minha mãe e sempre desejei que ficasse com você. Sei que vou amar esse irmãozinho como amo Tory e Craig, e não quero que duvide disso nem um minuto.

Quase esqueci. Obrigada pelos maravilhosos presentes de aniversário. Tive um dia excelente. Vou contar tudo para vocês no fim de semana, e então talvez já possa contar-me quando o nenê vai chegar. Pense bem: quando estivermos juntas de novo, já vai estar usando roupas de gestante!

Muito amor, Rita

Sofia disse a si mesma que não chorasse. Não adiantou. Ficou grata porque a sala de espera estava quase vazia. Leu várias vezes a carta e sorriu, lamuriando ao pensar em como as suas roupas estavam apertadas. Usaria roupas de gestante bem antes do dia de Ação de Graças. Mesmo agora, já usava *shorts* com elástico na cintura, porque nada mais servia. Quanto à data do nascimento do bebê, Sofia esperava saber



naquele dia. Se houvesse qualquer dúvida sobre a sua gravidez, teria ido imediatamente consultar o médico. Tivera, entretanto, uma conversa longa com a avó e com Gladys, e não viu razão para apressar-se. Outubro chegara e quase fora embora. Ela estava consultando o médico no dia vinte e nove.

— Sofia Riley — a recepcionista chamou. Ela pôs a carta na bolsa e se levantou. Conhecera o doutor Fouch antes de casar-se e tinha certeza de que trabalhariam bem juntos durante a gravidez.

Horas mais tarde, Sofia dirigiu até uma das casas que Alec estava construindo, e quase chorou ao ver a camionete dele. Estacionou a van o mais perto possível e, depois, atravessou com cuidado o canteiro de obras. Não conseguiu chegar até a frente por causa da lama e sentiu-se desanimar. Estava perguntando a Deus o que fazer, quando viu Alec saindo do fundo da casa.

— Ora, que surpresa gostosa! — disse ele ao aproximar-se, mas os seus passos ficaram mais lentos quando viu a palidez do rosto dela e a insegurança em seus olhos.

— Posso falar com você, Alec?

— Claro.

Ele a levou para a camionete. Depois que sentaram naquele lugar mais recolhido, disse:

— Você teve a sua primeira consulta médica hoje, não é?

— Sim — respondeu Sofia em tom grave.

— Está tudo bem?

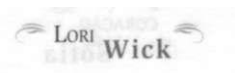
— Sim, Alec, mas as minhas datas não combinavam com o meu tamanho e mandaram fazer um ultrassom. — Ela fez uma pausa, não para brincar com ele, porque ainda estava chocada.

— São gêmeos, Alec. São dois bebês!

Alec olhou para ela e, depois, se encostou na lateral da camionete. Gêmeos! A sua mulher ia ter gêmeos! Ele ia ser pai de cinco filhos... não três, nem quatro, mas cinco.

— Você está bem? — Alec conseguiu finalmente recompor-se. — O médico disse como eles vão?

— Sim. Ele disse que eu estou bem. Gostou do meu peso e de minha condição física. Quer que ande todos os dias, mesmo que não tenha tempo para isso.



Disse também que muitos casais são beneficiados com as aulas Lamaze.

— Ótimo. Fiquei contente porque você está bem. — As palavras pareciam forçadas até para os seus ouvidos. — Obrigado por vir me contar.

Sofia concordou com a cabeça, ainda meio atordoada. — E melhor deixar você voltar ao trabalho.

— Isso mesmo.

— Até logo, Alec.

— Até.

A porta de Sofia na *van* se abriu no momento em que Alec gritou o seu nome. Ela o viu caminhar na sua direção e, logo depois, se achou nos braços dele. O seu corpo tremia inteiro embora o dia estivesse quente.

— Tudo vai dar certo — disse Alec para ela e para si mesmo.

— Estou em choque, Alec. — Ela se inclinou para ver o rosto dele. — Disse a você que as mulheres da minha família não ficam grávidas e, agora, estou grávida não só de um filho, mas de dois. Vamos precisar de dois de tudo. Dois berços, dois andadores, dois cadeirões. Como isso pôde acontecer?

Alec deu um sorriso provocante. — Sinceramente, Sofia, na sua idade, perguntar uma coisa dessas? Pensei que sabia tudo a respeito.

Sofia riu. Era um som de alegria e alívio. Iam ficar bem. O tom brincalhão voltara à voz do marido, e o sinal de choque ia desaparecendo da sua face. Sofia ainda se sentia meio atordoada, mas quem poderia culpá-la?

— O médico disse quando será o parto? — Que pergunta maravilhosa e *normal*!

— Vinte e três de maio.

— Quase nosso aniversário de casamento!

— E se eu estiver no hospital no nosso primeiro aniversário?

Alec apenas sorriu. — Então, vou ter de fazer amor louco e apaixonado com você em outra noite.

— Oh, Alec —, suspirou Sofia. — Preciso tanto de você.

Alec abraçou-a apertado. Eles precisavam um do outro. Em meio a tudo isso, Alec teve um pensamento súbito. Sofia também teve, e eles se separaram para olhar um para o outro.

— As crianças! — exclamaram simultaneamente.



— Devo esperar até que você volte ou conto depois das aulas?

— Espere por mim, está bem?

Sofia assentiu e, depois, sorriu de súbito. — Vão ficar empolgadas... pelo menos a Tory.

— Acho que tem razão. Mal posso esperar para ver a cara deles.

As expressões valeram a espera. Os olhos de Tory ficaram arregalados por meia hora e, dentro de cinco minutos, estava no telefone para contar a novidade a cada colega de classe. A reação de Craig foi um pouco diferente.

— Eu fiquei imaginando por que você já estava tão grande.

— Craig Riley! — Sofia mostrou indignação.

— Bem — ele riu um pouco — o Pete disse que a mãe dele não precisou de roupas de gestante até o quinto mês, e você já está usando batas largas.

Sofia ainda parecia desconcertada, mas quando Craig riu, ela teve rir também.

— Lembre-se, Sofia —, ele acrescentou — foi você que disse que ia parecer um rino.

Todos riram, então, e Alec percebeu naquele momento que ela não estava mais chorando tanto. Mais do que de costume, é certo, mas não tanto quanto no começo da gravidez. Várias horas depois, teve de mudar de ideia outra vez.

— Vou embarçar você, Alec?

— Do que está falando? — Ele se preparava para deitar.

Os olhos dela marejaram. — Vou parecer uma baleia.

Alec teve de rir, e Sofia chorou de novo. Ele tentou se desculpar, embora fizesse isso desajeitadamente porque ainda queria rir.

— Durma, Sofia — disse afinal.

— Você está querendo mudar de assunto — acusou ela.

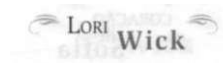
— Tem razão. Durma agora.

— Quero conversar.

— Não. Você teve um dia cansativo e eu também. Nós dois precisamos dormir.

— Você fala Sofia como se criança — ela estava zangada agora.

Alec não respondeu, e ficaram os dois em silêncio por algum tempo. Alec ouviu um soluço abafado pouco antes de Sofia dizer: — Sinto muito, Alec.



- Tudo bem, querida — disse ele enquanto a abraçava.
- Preciso conversar, mas estou tão cansada.
- Venho para casa amanhã na hora do almoço, combinado?
- Combinado.

— E vamos telefonar para Rita no fim de semana e contar a ela.

Sofia concordou com ele porque estava no meio de um enorme bocejo. O cansaço era enorme, mas não tão grande que não pudesse reconhecer o pecado do orgulho.

Você está preocupada com a sua aparência, quando tudo de que precisa é cuidar desses bebês. Que vergonha, Sofia. Ajude-me, Senhor. Ajude-me a manter tudo em perspectiva. Depois dessas palavras, Sofia não conseguiu mais pensar e, logo em seguida, o sono a envolveu.



Sofia caminhou pelo corredor do hospital puxando a barra da bata de gestante e pensando que Alec ia dar risada quando lhe contasse. Ao entrar no vestibulo, quase derrubara um menininho por não o ter visto. Ele bateu diretamente no seu estômago redondo, porque ela não tinha nenhuma visão periférica, de cima para baixo, a fim de avisá-la que saísse do caminho.

Quarto 209. Era aquele. A porta estava aberta, mas Sofia não reconheceu a mulher no primeiro leito. A cortina entre as camas estava fechada e Sofia, então, espiou pelo canto.

- Sofia — disse uma voz alegre.
- Olá, senhora Kent.
- Você não contou que ia ter um filho. — A velha senhora, embora muito doente, mostrou-se curiosa.
- Vou mesmo.
- Parece que vai ser logo, não é?
- Não, só em maio. São gêmeos.

A velha senhora riu fracamente. — Não diga! Se alguém pode fazer isso é você. Sofia sorriu e depois ficou séria. — Como estão as coisas?



Os velhos olhos ficaram um tanto embaçados. — Dizem que não podem fazer mais nada. Estão dando alta para mim amanhã. Depois disso, tenho de aceitar o que vier.

— O câncer está se espalhando?

A cabeça grisalha moveu-se sobre a franha branca. — Não, mas estava em toda parte antes que soubéssemos. O tornozelo foi o primeiro sinal de algo errado. Só algumas semanas se passaram antes que quebrasse pela terceira vez.

Sofia levava algumas flores e as colocou na mesinha de cabeceira. A senhora Kent agradeceu e ficou esperando que a amiga se sentasse ao seu lado, na cama.

— Não tenho estado em contato como desejava, senhora Kent, e espero que não queira que eu vá embora. Vim para conversar.

A velha mulher olhou para ela e perguntou: — É sobre religião?

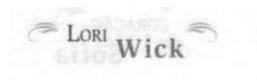
Sofia assentiu. — É sobre o meu relacionamento com Jesus Cristo. Nunca preguei para a senhora, mas gostaria de contar-lhe uma história. Está disposta a ouvir?

A senhora Kent fez que sim, demonstrando grande interesse e Sofia começou a narrar sua história:

— Cresci na Checoslováquia. Acho que já sabia disso. A minha mãe morreu quando eu era bem pequena e o meu pai, quando tinha apenas sete anos. Morei com minha avó depois disso. Os países soviéticos sofrem grande opressão, senhora Kent, embora isso não seja assim tão negativo. A opressão leva as pessoas a Deus. A América é um lugar muito confortável. Sei que há pessoas sem-teto e famintas aqui; não existe, entretanto, o sofrimento que vi em outros lugares.

Sofia continuou a falar amorosamente:

— O câncer, como a senhora está sofrendo agora, ou qualquer aborrecimento, nos faz olhar para dentro de nós mesmos. A senhora disse que o prognóstico não é bom, mas tem por acaso esperança? Talvez ache que já é idosa e que é tarde demais, mas vou contar a história de um homem. Era ladrão. Viveu sempre para si mesmo. Não conheço a sua vida, mas sei detalhes da sua morte. É por isso que sei que estava perdido ao morrer. Encaminhava-se para o castigo eterno. Não precisava imaginar se o fim estava perto. Sabia disso porque se encontrava pendurado numa cruz ao lado de Jesus Cristo. Havia outro ladrão ao lado de Cristo. Ele também vivera uma vida de pecado e de egoísmo, mas zombou de Deus. Disse a



Jesus: "Se é Deus, salve a si mesmo e nos tire daqui". O ladrão na outra cruz o repreendeu e disse que eles, os ladrões, mereciam aquele castigo; Jesus, porém, era inocente. A seguir, pediu que Deus se lembrasse dele, e Jesus, o Filho de Deus, respondeu: "Hoje, você vai estar comigo no paraíso".

A senhora Kent estava atenta, e Sofia continuou:

— Aquele foi o fim da vida dele, senhora Kent, uma vida vivida para si mesmo.

A graça e a salvação de Deus são, porém, tão grandes que até um homem pecador, agonizante, pode conhecer o perdão e a vida eterna.

Sofia sempre chorava ao pensar ou falar sobre a grandeza do amor e do sacrifício de Deus. Ao enxugar as suas lágrimas, viu as da senhora Kent.

— Afligi a senhora ou lhe dei esperança? — a pergunta veio sussurrada.

— Preciso do seu Salvador — disse ela a Sofia com as lágrimas ainda correndo.

— Não vou vencer esse mal, e a morte é como um buraco negro para mim.

Sofia tomou a mão dela e apertou-a delicadamente. — Eu lhe direi como, se quiser ouvir-me.

A velha senhora concordou com a cabeça, mas antes de Sofia poder falar, cias foram interrompidas. O senhor Kent entrara de mansinho, parando ao ver as lágrimas da esposa. Olhou confuso para Sofia e, depois, outra vez para a mulher.

— Tenho de fazer isto, Walt — disse ela ao marido. — Não posso continuar fingindo que terei mais tempo, e Sofia conhece o caminho.

Walter Kent olhou pensativo para a esposa antes de tirar o chapéu e de ir para o outro lado da cama. Sem saber realmente do que ela falava, ele disse: — Faça isso, Vi, se é o que realmente quer.

A senhora Kent olhou para Sofia e fez um sinal de aquiescência.

— A Bíblia diz que devemos crer no Senhor Jesus Cristo para sermos salvos.

Devemos confessar com a nossa boca e crer no nosso coração que Deus ressuscitou seu Filho dos mortos e que pecamos e temos necessidade do Salvador. O Filho de Deus tornou-se homem, para que pudesse morrer pelos nossos pecados — os seus e os meus. O dom da salvação só tem valor quando aceitamos a Jesus Cristo. Isso ficou claro?

Houve um aceno e Sofia orou para que pudesse pronunciar as palavras certas.

— Ore comigo, senhora Kent — convidou-a. Disse uma frase e esperou que a amiga idosa repetisse antes de continuar.



— Pai que estás nos céus, sei que sou uma pecadora perdida. Creio que mandou seu Filho para morrer pelo meu pecado. Eu mereci o castigo, mas Jesus pagou o preço. Não quero ir embora daqui sem o Senhor Jesus. Por favor, salve-me da perdição eterna. Por favor, torne-se meu Salvador e Senhor a partir deste momento. Oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

Sofia levantou os olhos. Violet Kent apertava as mãos dela com força surpreendente.

— Eu orei, Sofia. Não disse só as palavras. Não tenho ideia de como você sabia que eu precisava disso, mas orei, Sofia, eu orei.

— Deus sabia, senhora Kent. A senhora pertence agora a ele por toda a eternidade.

Violeta assentiu e voltou-se para o marido. — Tenho de contar uma história a você, Walt. Tenho de contar.

O velho concordou, e Sofia pôs-se de pé.

— Vou ter de sair agora.

— Está bem.

— A senhora vai para casa amanhã?

— Vou.

— Irei visitá-la dentro de alguns dias. Telefone primeiro.

— Não — a mulher mostrou-se inflexível. — Só vá. Se eu estiver dormindo, faça o Walt me acordar.

Sofia concordou e se despediu com um sorriso amável para o senhor Kent. Estava passando pelo outro leito quando a mulher ali deitada fez um sinal para ela. Sofia aproximou-se cautelosamente, e a paciente pediu com um gesto da mão ossuda que chegasse mais perto ainda. Sofia ainda podia ouvir a senhora Kent falando com o marido. Quando Sofia inclinou-se para ouvir, a mulher sussurrou:

— Tenho orado desde que ela chegou aqui há uma semana. Obrigada por falar com ela, querida.

Sofia sorriu para aqueles olhos velhos e cheios de sabedoria, enquanto estendia a mão e acariciava o rosto da mulher. Ao chegar ao corredor, Sofia sentiu que não suportava mais. Levantou os olhos e viu a palavra *capela* sobre uma porta. Entrou ali rapidamente. Um silêncio abençoado reinava naquele lugar vazio, e



Sofia sentou-se num dos últimos bancos, tendo os olhos presos num crucifixo lá na frente. Com lágrimas escorrendo pelo rosto, ela orou breve, mas triunfante: *O Senhor não está mais na cruz. Está vivo para sempre. Louvado seja o seu santo nome!*

DUAS SEMANAS MAIS TARDE, a senhora Kent sentiu-se disposta o suficiente para jantar na casa dos Rileys. Dias depois disso, porém, ela começou a piorar depressa. O marido afligiu-se terrivelmente por não poder cuidar da esposa em casa, e ela concordou em voltar para o hospital. Sofia visitou-a duas vezes, mas a amiga idosa parecia piorar a cada hora. Depois de uma dessas visitas, Sofia voltou para casa e conversou com a família. Craig fez várias perguntas, mas Tory manteve-se calada até o fim.

— Não compreendo — admitiu ela.

— O que você não entende, Tory? — indagou o pai.

— Por que Deus mandou a senhora Kent entrar em nossas vidas, só para tirá-la outra vez?

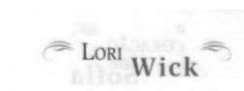
— Olhe, Tory —, continuou Alec. — Algumas coisas bem maravilhosas aconteceram. A senhora Kent está morrendo agora, mas porque Deus a colocou próxima à nossa família, ela agora sabe para onde vai. O seu corpo está morrendo, mas o seu espírito está vivo em Cristo.

— É tão difícil vê-la sofrer e morrer! — confidenciou Tory.

— Eu sei, querida. Deus, entretanto, de alguma forma está nos fazendo um favor. Precisamos lembrar que este mundo é pecador e não devemos nos acomodar tanto a ele. A senhora Kent está contando a todos para onde vai e quanto Deus a ama. Você sabe que Sofia levou uma Bíblia para eles, e o senhor Kent está lendo para a mulher todos os dias. Ele disse a Sofia que quer ir à igreja conosco, mas no momento precisa ficar com a esposa.

— O seu sentimento de perda é normal, minha Tory —, acrescentou Sofia. — Seríamos duros de coração se não detestássemos vê-la sofrer ou se quiséssemos que ela ficasse aqui conosco. Deus compreende os nossos sentimentos.

— Posso ir com você na próxima visita?



— É claro, Tory. Quero que saiba, porém, que o chamado pode vir a qualquer hora.

— Por que não levo você esta noite? — ofereceu-se Alec, embora fosse noite de aula. Ele olhou para o relógio. — Quanto tempo você acha que temos, Sofia?

— Acho que o horário de visitas é até as 20 horas.

— São 19h20. Tory, vamos.

Os dois saíram em seguida. Craig acompanhou-os, mas Sofia ficou. Sentia-se cansada. Cada vez que deixava a senhora Kent, esforçava-se para não sentir tristeza. Era algo que fazia deliberadamente, no caso de não poder vê-la mais.

Ao voltarem, Tory contou que a senhora Kent ficara muito contente ao vê-los e até conversara um pouco. O senhor Kent também estava lá e agradeceu várias vezes a presença deles. Sofia visitou a senhora Kent novamente naquela semana, mas foi a última vez. Violet Kent partiu no meio da noite, cerca de cinco semanas depois de ter entregado o seu coração a Deus. Embora triste, Tory enfrentou bem a situação. Ela e Craig pediram para faltar à escola a fim de assistir ao enterro.

O senhor Kent pediu a Alec que dissesse algumas palavras no funeral, e Sofia lutou com as lágrimas quando ele se referiu à decisão tomada pela senhora Kent e o que isso significava. Deus foi glorificado com as suas palavras, e algumas pessoas falaram com eles para agradecer e encorajá-los. O senhor Kent prometeu que os veria no domingo e, na hora do jantar naquela noite, todos oraram para que ele cumprisse a promessa.



— É você, pai? — Tory chamou da sala quando ele e Sofia entraram pela porta da cozinha.

— Somos nós. O que você está fazendo acordada?

Tory entrou na cozinha, e Sofia passou por ela a caminho de um assento macio na sala de estar. Os gêmeos deveriam nascer dentro de oito semanas e o casal começara a frequentar as aulas Lamaze. Sofia caiu nas almofadas com um suspiro.

— Como foi? — perguntou Tory ao sentar-se perto de Sofia.

Sofia riu. — Eles me fizeram deitar no chão. Pensei que nunca poderia levantar-me dali.



— O que teve de fazer?

— Respirar. Você devia ter visto, Tory. — Sofia riu outra vez. — Os estômagos de todas as outras mulheres ficavam um pouco achatados ao deitar, mas o meu subia mais. — Ela voltou-se para Alec, que se juntara às duas. — É isso o que acontece na cama?

— É sim — respondeu ele casualmente. — É mais ou menos como dormir com um camelo.

Sofia olhou espantada para o marido, e um riso incrédulo escapou dos seus lábios. — Gosto de camelos — Alec assegurou-lhe na mesma hora. Ele nunca sabia o que poderia fazê-la chorar.

Tory estava rindo, mas afirmou com simpatia: — Não ligue para ele, Sofia. A propósito, o que isso está fazendo para o seu estômago?

— Oh, Tory —, lamentou Sofia. — Você devia ver. Parece um mapa da Lua.

Alec e Tory acharam muita graça; mas, por mais que detestasse acabar com a alegria, ele lembrou Tory de que tinha aula de manhã. A menina foi para a cama, e Alec acompanhou-a para despedir-se dela com um beijo de boa-noite. Ao voltar para a sala, ele observou Sofia: — Acho que você deve ir dormir também. — Ela parecia estar caindo de sono.

— Acho que vou dormir aqui — a mão de Sofia pousava sobre o estômago. — Eles estão lutando o tempo todo.

Alec sorriu. — Quem está ganhando?

— Eles.

— São meninos ou meninas esta semana? — Perguntou Alec com um sorriso, porque Sofia mudava a toda hora de ideia.

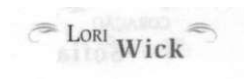
— Um de cada, acho. Petra e Nicolai.

— Nada de Jane e John?

— Bom... — concedeu ela. — Petra Jane e Nicolai John. — Sofia parecia vitoriosa, mas depois ficou séria. — E se não pudermos decidir antes de os bebês nascerem?

— Vamos continuar escolhendo. Eles gostam de saber antes que a pessoa saia do hospital, mas não é necessário. Tivemos muita dificuldade com o nome de Tory. Ele se lembrou repentinamente — Eu queria Stephanie.

— Stephanie. É um nome lindo, mas difícil de pronúncia junto com Riley.



— Pronunciar, corrigiu Alec. Foi exatamente isso o que Vanessa disse.

— Temos de ter dois de cada, Alec. Por que você não escolhe?

Ele pensou um pouco e, depois, sacudiu a cabeça. — Não sei no momento. Esses bebês são metade checos, e penso que isso é especial, mas não quero que tenham nomes tão estranhos que achem que não possam sequer viver nos Estados Unidos. — Sofia concordou completamente. Estavam ainda discutindo as possibilidades quando o telefone tocou.

— Alô.

— Oi, pai.

— Rita! O que foi?

— Só estou telefonando para que saiba a que horas chego.

— Diga.

— O nosso motorista tem aula até as cinco horas. Então, vou chegar tarde, provavelmente depois da meia-noite.

— Está bem. Mas tenha cuidado.

— Vamos ter. Como Sofia está?

— Grávida.

— Vou reconhecê-la?

— Vai, mas ela dorme muito e diz que os bebês brigam o tempo todo. — Alec espiou para ver Sofia. Parecia estar dormindo.

— Se é assim —, disse Rita — vamos nos entender bem. Eu gostaria de dormir a semana inteira, quando estiver em casa.

O pai riu. — Quero só ver. Vai ficar uma hora no telefone depois de levantar no sábado pela manhã.

Rita riu também e, depois de mais cinco minutos de conversa, eles desligaram. Sofia continuava dormindo, Alec fechou então a parte de baixo da casa e se inclinou depois sobre ela.

— Sofia — chamou de mansinho com a mão acariciando o seu cabelo.

Os olhos dela se abriram, mas só olhou para a frente da camisa do marido.

— Venha. Ajudo você a subir.

— Eu falei com a Rita? — Estava franzindo a testa agora.



— Não, querida, mas ela disse que vai chegar bem tarde na sexta-feira.

Sofia pareceu muito satisfeita e, depois, permitiu que Alec a levasse para a cama. Caiu no sono na hora em que deitou, dormindo sem sonhos até que a sua bexiga a chamasse para ir ao banheiro. Cada vez que isso acontecia, Sofia perguntava a Deus se, algum dia, voltaria a dormir a noite toda.



— Estou com fome — anunciou Sofia, e as meninas pararam no meio do *shopping*, olhando para ela.

— Só temos mais duas lojas — Rita barganhou.

A madrastra balançou devagar a cabeça com um ar obstinado. — Vou comer agora. Se quiserem vir comigo, podem, mas eu vou comer *agora*.

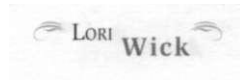
As duas riram. — Acho que ela está mesmo falando sério — Rita sussurrou alto.

— Pode acreditar — Tory brincou. — Quando Sofia precisa comer, ninguém discute com ela.

Sofia empinou o nariz, com um ar de desdém altaneiro e um floreio, antes que as garotas caíssem na risada. Mas conseguiu o que queria. Dez minutos depois, estavam sentadas na praça de alimentação, e Sofia mordia um burrito. Os olhos se fecharam de prazer, e as suas companheiras apenas balançaram a cabeça.

A madrastra não se parecia com ninguém que já tivessem conhecido. Sofia era transparente em todos os sentidos. As coisas não eram ignoradas. Se precisava falar com alguém, falava. Se alguém estava preocupado, não ficava perturbada, permanecendo calma e ouvindo. Em sua gravidez, já derramara mais lágrimas do que era possível, mas riu de si mesma em todo o período, e disse que, algum dia, seria "Sofia" novamente.

Havia também o pai. Ele era onze anos mais velho, mas os filhos nunca sentiram nenhuma diferença. A maturidade de Sofia era incrível, e o pai parecia mais jovem do que nunca naqueles dias. Os dois formavam um grande par. A maneira de o pai olhar para Sofia era a coisa mais romântica que Tory e Rita já haviam visto. Rita gostava de romances cristãos e Tory começava também a gostar, mas observar o pai com Sofia era melhor do que qualquer coisa nas páginas de um livro. Não eram perfeitos; às vezes, olhavam um para o outro



de modo a avisar que haveria uma discussão por trás de portas fechadas. Na maioria das vezes, porém, ficavam felizes juntos. O pai era um homem muito afetuoso, e a maneira terna de cuidar de Sofia era realmente notável.

— O que vocês duas estão pensando? — Sofia notou repentinamente a expressão sonhadora no rosto das meninas.

— Nada — disse Tory, e Rita apenas sorriu.

Sofia examinou-as cuidadosamente e deixou o assunto de lado; percebeu que não havia nada de grave. Uma mulher não poderia desejar enteadas mais preciosas. É bem possível que a deixassem exausta com essa viagem de compras; Sofia, porém, não as trocaria por nada, nem pelos bebês dentro dela. Ao considerar como aqueles bebês eram preciosos para si, isso falava bem alto sobre o amor que Sofia sentia por Rita, Craig e Tory.

O PRIMEIRO ANIVERSÁRIO DE CASAMENTO de casamento de Alec e Sofia chegou e foi embora. Não havia ainda sinal dos bebês. O doutor Fouch disse a Sofia que iria dar-lhe apenas mais cinco dias, até primeiro de junho, e depois induziria o parto. Sofia não gostou da ideia; entretanto, por outro lado, estava mais do que pronta para o *show*. Voltara a chorar a toda hora e chegara até a irritar-se consigo mesma.

Rita ficou em casa no verão, sem dar tempo integral no trabalho, porque Alec queria que ela ajudasse com os bebês. Ela fazia o jantar quase todo dia mas, naquela noite em particular, Rita tinha um trabalho de babá. Sofia fez o jantar. Tory pôs a mesa, e Craig deveria ajudar com o resto. Ele descascava cenouras quando Sofia tirou uma tigela de gelatina da geladeira. Craig virou-se ao ouvir um ruído alto. A tigela estava virada no chão, e lágrimas enormes brotavam dos olhos de Sofia.

— Não vou chorar — disse ela com firmeza.

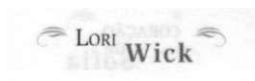
— Pode chorar, se quiser — ele aprendera a responder.

Então, ela explodiu em lágrimas. O alarme tocou para avisar dos biscoitos no forno, e Craig tirou a assadeira. Tory chegou e começou a limpar a gelatina caída no chão. Sofia ficou só chorando o tempo todo. Ela demorou mais alguns minutos na cozinha e, depois, foi para a sala de estar, a fim de chorar ali. Tory seguiu-a em poucos minutos.

— Estou tão cansada de gravidez — chorou Sofia. — Estou tão cansada de gravidez. É como uma piada enorme sobre Sofia; ela vai carregar os bebês para sempre.

Tory ficou ali sentada muito quieta. Não sabia o que dizer. Achava que Sofia estava grávida tempo demais.

— Estou contente porque temos tudo pronto. — Tory disse a primeira coisa que veio à sua mente. — Jenny Lambert é a mais velha da família, e ela contou que nasceu antes da hora. Eles não tinham berço nem qualquer outra coisa.



Sofia fungou e engoliu em seco, mas se pôs a escutar.

— Quero dizer, se os bebês vierem esta noite, estaremos prontos. Rita até passou o aspirador no quarto deles ontem, e tudo está realmente preparado.

Sofia fungou outra vez e virou o corpo desconfortável na cadeira. Era difícil sentir autopiedade com Tory falando essas coisas.

— Craig e eu vamos estar de férias em menos de uma semana. Poderemos ficar aqui para ajudar.

Sofia sorriu. Tinha de fazer isso. — Você está no coração de Sofia, Tory. Sinto ser tão mal-humorada.

— Não tem importância — a garota parou e olhou atentamente para a madrasta.

— Está com um pouco de medo, Sofia?

— De ter os bebês?

— Sim.

— Talvez um pouco, mas estou também pronta, minha Tory. Quero conhecê-los. Compartilhei com essas pessoinhas as experiências mais íntimas e imagináveis. Eu os alimentei no meu corpo. E algo maravilhoso. Amo esses bebês, tenho certeza, mas não **05** conheço e desejo tanto conhecê-los!

Tory assentiu. Sofia sabia que tinha de voltar para a cozinha, mas no momento se sentia cansada demais para se mover.

— Eu não deveria ter sentado.

Tory ficou de pé e ajudou Sofia a se levantar. As duas voltaram à cozinha, e logo que Alec chegou, sentaram todos para comer. Sofia, porém, ficou mexendo a comida no prato. De repente, não se sentia bem.

— O que está havendo? — perguntou Alec depois de os pratos terem sido lavados.

— Sinto-me dolorida e pesada — disse ela —, mas venho me sentindo assim há semanas.

— Hoje está um pouco diferente?

Os olhos de Sofia se arregalaram. — Como você sabe isso?

Alec balançou a cabeça e encolheu os ombros. — Pelo seu rosto e pelas suas atitudes. — Ele sorriu, então. — É claro que também a hora. Os bebês nunca deixam os pais dormirem a noite inteira antes de começar a diversão.



Alec estava errado. Sofia não dormiu muito bem, mas a primeira contração só chegou no começo da tarde no dia seguinte. Ela se encontrava na cozinha, completamente calma, e a violência da dor deixou-a sem fôlego. Alec tinha telefonado a manhã inteira e, quando chamou de novo, vinte minutos depois, Sofia já tivera três contrações.

— Está se sentindo bem?

— Sim. Dói, mas não é insuportável. Você está vindo?

— Estou. Só que demorarei ainda 45 minutos. Rita já chegou?

— Não, mas acho que chega logo.

— Telefone para a Gladys avisando; deixe o telefone livre.

— Está bem.

— Outra coisa, Sofia. Não vá limpar nada.

Ele conhecia bem a esposa. Na hora que chegou, Rita estava acompanhando Sofia, enquanto ela arrumava cada quarto da casa. As contrações doíam; ela, porém, se sentia estranhamente alegre.

— Sente-se, por favor — Alec tentou raciocinar com ela.

— Tenho algumas coisinhas a fazer.

Alec a seguiu e continuou falando. — Sente-se apenas por um pouco, para que eu possa cronometrar as contrações. E se o intervalo estiver ficando menor?

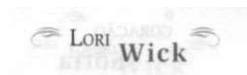
— Acho que não, Alec — começou ela, e quis afastar-se. O marido pegou a sua mão e a levou para a sala.

— Faça o que peço — resmungou ele empurrando-a delicadamente para o sofá.

— Alec! — queixou-se ela. Ele a conhecia bem e, naqueles dias, era difícil para ela sair daquele sofá macio. Todavia, não conseguiu deixar de rir quando Alec tirou o cronômetro e sentou-se olhando para ela.

— Você está sendo bobo — disse ela, mas ele não respondeu. Rita, em silêncio, sentou-se também em uma cadeira.

Alec marcou as contrações de Sofia nos trinta minutos seguintes. Quando terminou, os intervalos eram de cinco minutos. Alec telefonou para o médico, que lhe deu instruções para o passo seguinte. Rita foi buscar Craig e Tory na escola, e os dois filhos mais novos entraram sem fazer ruído e com o rosto cheio de expectativa.



Alec levou finalmente Sofia ao hospital às 6h30 da tarde, mas tiveram ainda várias horas de espera. Mais de dez horas após a primeira contração, Sofia deu à luz um menino. Eram 22h 18 de 29 de maio de 1992. As 22h20, o outro menino chegou e, para grande alegria dos pais, ele parecia idêntico ao primeiro.

Por um momento, Alec deitou a cabeça ao lado da de Sofia no travesseiro. O choro dos bebês era muito alto. Mesmo assim, as palavras de Alec puderam ser ouvidas.

— Você conseguiu — disse ele, quase tão molhado quanto ela.

— Consegui — ofegou Sofia.

— Amo você.

— Amo você também, Alec.

Ela a beijou antes de levar os filhos ao berçário acompanhando as enfermeiras. Sofia estava fraca e exausta. Mesmo assim, pediu um telefone. Craig respondeu.

— Sofia?

— Sim, sou eu.

— Como você está?

— Estou cansada, mas tão... — Ela teve de parar ao ouvir Craig gritando para todos da casa escutarem.

— O que você teve?

— Meninos. Dois meninos.

Ouviram-se mais gritos e Tory pegou o telefone.

— Oi, Sofia. Queremos ir vê-la.

— Gostaria que viessem, mas vai ficar muito tarde.

— De manhã, vamos de manhã.

— Está bem.

— Rita quer falar com você.

— Oi, Sofia.

— Oi, Rita. Tive meninos.

— O Craig me contou — Sofia pôde sentir as lágrimas na voz dela. — Papai está aí?



— Está com os bebês.

Rita não aguentou mais. — Amo você, Sofia.

— Amo você também, minha Rita. Diga isso a Craig e Tory.

— Eu digo.

A conversa terminou então, mas Alec que não sabia que Sofia tinha telefonado, ligou para casa quinze minutos depois. Disse a eles que tudo estava em ordem e que os seus novos irmãos eram saudáveis. Não tinham nome ainda, mas Alec contou a Tory, que escreveu cada palavra, que o primeiro menino pesava três quilos e meio e tinha quarenta e oito centímetros de comprimento. O irmão chegara com três quilos e seiscentos gramas e cinquenta centímetros de comprimento. Os dois estavam ótimos, e Sofia fora uma maravilha. Alec disse aos filhos que estaria em casa dali a pouco e que todos poderiam visitar Sofia na manhã seguinte.

O dia seguinte foi bem ocupado. Alec e os filhos não foram os únicos visitantes. O senhor Kent entrou num momento calmo durante a tarde. Os bebês haviam acabado de voltar para o berçário, e Sofia ficou contente ao vê-lo.

— Como vai?

— Estou bem — disse ela. — Já viu os meninos?

— Ainda não.

— Tive dois meninos.

— Alec me contou por telefone.

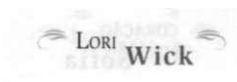
O velho sentou-se e conversaram sobre várias coisas, nada em particular. Ele ia à igreja todos os domingos com a família Riley, sentava-se junto deles, mas nunca fazia qualquer comentário. Alec o convidara para o grupo de oração dos homens. O senhor Kent, porém, até aquele dia, não aceitara o convite. Ele ficava ali sentado todas as semanas, com os olhos fixos no pastor Baker. Por ser um homem reservado, ficava difícil descobrir os seus pensamentos.

— Vi deixou instruções — disse o senhor Kent a Sofia. Ela ficou surpresa porque ele nunca mencionava a esposa falecida. — Falou que eu deveria comprar algo muito especial para essas crianças, algo que pudessem usar e lembrar.

— Está bem — Sofia pensou um pouco.

— Você não precisa decidir hoje, é só para saber.

— Está bem — Sofia sorriu. — Sinto falta da senhora Kent — acrescentou.



- Você foi uma boa amiga para ela.
- Quem está alugando o chalé agora?
- Um homem mais velho, senhor Blackenship. Ele é muito reservado. — Silenciou com os olhos voltados para a janela.

Sofia estudou o perfil dele e, como outras vezes, pediu a Deus que amolecasse o seu coração e o salvasse. *Por favor, deixe que ele o veja, Pai. Permita que reconheça que sem o Senhor estará perdido. Ajude-me a ajudá-lo o mais possível.*

- Você escolheu uma ótima época do ano para ter esses filhos — disse ele subitamente. — Vai haver uma porção de festas de aniversário no correr dos anos.
- Eu não tinha pensado nisso, senhor Kent. Será bem divertido.

Ele ficou mais um pouco, depois se despediu. Sofia permaneceu sozinha durante a hora seguinte. Tinha muito em que pensar e pelo que orar. O tempo foi bem gasto. Cochilou, finalmente, e o seu último pensamento em gratidão foi não ter chorado desde o nascimento dos filhos. Disse ao Senhor que era esplêndido ser "Sofia" outra vez.



- Oh, Alec, eles não são a coisa mais preciosa que você já viu?
- São, sim.

Sofia apoiava-se na cabeceira da cama no seu quarto, com Alec ao lado. Em seu colo estava Jordan Wade Velikonja Riley e no de Alec achava-se Payton James Velikonja Riley. Jordan dormia, mas Payton observava o pai com olhos que procuravam fixar-se. Tinham seis dias, e Sofia não conseguia deixar de admirá-los e de tocá-los. Continuava um tanto rígida e dolorida, mas pronta a enfrentar o mundo. Todas as tentativas para amamentar tinham sido um completo fracasso; Sofia, porém, não permitira que isso a desanimasse. Seu maior desejo era amamentar os bebês. Deus tinha, no entanto, outros planos, e Sofia viu-se forçada a aceitar esse fato.

- Olhe os dedos dele, Alec — disse ela enquanto levantava ternamente a mãozinha delicada de Jordan. Houve uma batida na porta antes que se abrisse uma fresta, e a cabeça de Craig espiou para ver se havia alguém acordado.



— Fiquei imaginando onde esses dois estariam. Oi, Payton — disse ele quando viu os olhos do bebê se abrirem e se abaixou para beijar a cabecinha sedosa. Sem pedir permissão, ele o roubou do colo do pai e o apertou ao peito. Alec não fez objeção, precisava ir trabalhar. Craig subiu na cama com Sofia quando o pai saiu.

— Oi, Jordan. Acorde e fale comigo.

Craig foi completamente ignorado, e o bebê continuou adormecido. Sofia riu. O rosto de Craig estava perto do seu, e ela se voltou e sorriu para ele.

— O que você acha de ser quinze anos mais velho do que os seus irmãos?

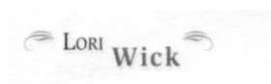
Craig fez careta. — Agora é normal, mas quando eles tiverem quinze anos, eu terei trinta. Isso é estranho.

Sofia riu outra vez e Rita juntou-se a eles. Jordan foi tirado do colo da mãe tão depressa quanto Payton deixara o de Alec, mas Sofia não se importou. Ela ouvira histórias de horror sobre filhos mais velhos ressentidos com a intrusão de irmãos mais novos. Isso, porém, não acontecera com os filhos dos Rileys. É claro que os meninos tinham menos de uma semana, mas se ela e Alec soubessem como agir, Sofia estava confiante de que não haveria ressentimentos.

Sofia tinha razão. Aqueles dias marcaram o começo de um relacionamento de amor entre os filhos mais velhos e os mais moços, que só cresceu com o passar dos meses. Dentro de seis semanas, Rita, Craig e Tory se mostraram tão eficientes quanto Alec e Sofia no manuseio das mamadeiras e fraldas. Quando os meninos não dormiam bem durante a noite, surgiam algumas escaramuças na manhã seguinte, mas as coisas eram sempre resolvidas rapidamente.

Foi triste ver Rita voltar à escola no outono, e as coisas pioraram quando Craig e Tory também recomeçaram as aulas, embora isso desse a Sofia tempo para estar a sós com os bebês. Com o passar das semanas, Sofia aprendeu que uma casa limpa não era tão importante assim. Ficava frequentemente cansada, embora não desanimada, enquanto agradecia a Deus diariamente por permitir que fizesse aquilo de que mais gostava. Sabia que nunca deveria desconsiderar o privilégio de ficar em casa com a família.

Alec apoiava isso de todo coração, mas muitas vezes orava, pedindo a Deus que, algum dia, pudesse usar o conhecimento dos idiomas de Sofia para dar glória e honra a ele. A herança checa de Sofia era importante, e Alec nunca

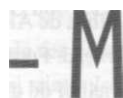


se esqueceu disso. Ficou satisfeito quando o professor de alemão de Craig a convidou para acompanhar a classe à Alemanha no verão seguinte. Os gêmeos seriam ainda pequenos, mas Alec encorajou-a a ir. Ele encorajou também a habilidade de Sofia no piano, e ela fazia de boa vontade serenatas para ele e as crianças quando davam aos bebês as últimas mamadeiras da noite. Aquele era sempre um momento especial, e Alec lembrava, com frequência, da jovem assustada que chegara à sua porta, oferecendo-se para o cargo de governanta.

É verdade que ela cuidara da casa, mas cuidara também de muitas outras coisas, como por exemplo o seu compromisso com Deus, como sua filha, e os votos que tinha feito no altar, em seu casamento. Lágrimas subiram aos olhos de Alec da primeira vez que ouviu Sofia contar a Tory o que ia no seu coração. Foram necessários meses de mágoa e de cegueira, mas Alec sabia agora, melhor do que ninguém, que morar no coração de Sofia era algo muito especial.

EPÍLOGO

ABRIL 1994



— MENINOS, MENINOS! — Sofia gritou e bateu palmas bem forte.

Os dois garotinhos de cabelos escuros saíram de cima um do outro e olharam para a mãe. Ela *nunca* berrava com eles.

— Quero que sentem já! Chega de lutas! Estão me ouvindo?

Os meninos puseram os traseiros bem forrados no tapete, no lugar em que se encontravam na frente da TV, e continuaram a olhar para ela. Sofia cravou as unhas de uma das mãos na palma da outra para evitar sorrir para eles. Os seus preciosos bebês. Os dois rostinhos eram idênticos, com olhos grandes e escuros e bochechas gordinhas. O cabelo era também preto e anelado, caído na testa. O coração de Sofia ficava derretido cada vez que olhava para ambos. A luta tinha, porém, de acabar. Durara horas. Eles dormiram só um pouquinho depois do almoço, e ficaram correndo pela casa quando acordaram. As forças de Sofia estavam no fim. Deveria tê-los levado lá fora; mas onde arranjar coragem para calçar mais uma vez as botas neles?

— Agora escutem. — Sofia ia fazer algo que dissera a si mesma que nunca faria: usar a TV como babá. — Vou colocar um desenho do Pernalonga, e vocês não vão sair do lugar. Estão me ouvindo?

Eles sacudiram a cabecinha juntos.

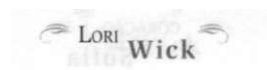
— Não vão tocar um no outro, nem levantar, nem pedir bolacha. Escutaram?

Novamente os meneios de cabeça.

Sofia ajustou o som e, depois, caiu numa cadeira. Mesmo depois de a música ter começado, os meninos ficaram olhando para ela.

— Vejam o desenho — disse a mãe com a voz um pouco mais branda, e eles se voltaram para a TV.

Sofia sentiu que os seus olhos fechavam. A culpa era sua. Nos últimos dias ficara trabalhando na casa em vez de fazer a sesta com os filhos, e isso não



lhe deixara energia suficiente para atravessar o dia. Com um olhar ocasional para os seus querubins, Sofia cochilou. Ela ouviu os meninos conversarem de vez em quando, algo que só eles compreendiam, mas pelo menos ficaram quietos. O desenho estava quase terminando quando Craig entrou. Aos dezessete anos, ele tinha quase a altura de Alec. Ao perceber a situação, disse apenas: — O que está havendo? — A sua mochila aterrissou no chão enquanto sentava no sofá.

Muito poderia ser dito quanto à educação que Alec e Sofia haviam dado a eles, ao ver os meninos permanecerem nos seus lugares. Os dois viraram as costas para a TV e ficaram de joelhos na frente de Craig, mas não se moveram.

— Estou cansada, e eles só ficam lutando.

— Eu não tenho tarefa de casa. Quer que tome conta dos dois por algum tempo?

— Oh, meu Craig, você é uma joia!

Ele sorriu e voltou-se para os meninos. — Vamos lá, meninos —, disse Sofia.

— Vocês podem brincar com o Craig.

Os dois voaram na direção dele, que apenas deu risada. Queriam lutar, mas o irmão fez com que ficassem calmos por algum tempo e, depois, deixou que lutassem. Não era tão divertido sem Alec, porque com ele podiam brincar de pega-pega. Craig, porém, conseguiu deixá-los cansados.

Tory fora à casa de uma amiga depois da escola. Voltou, no entanto, a tempo de ajudar com o jantar e de levar os garotinhos para um passeio. Aos quatorze anos e meio, ela já era uma juvenzinha, e o coração de Sofia inchou de orgulho ao ver a maneira amorosa da enteada lidar com os gêmeos.

O jantar estava na mesa quando Sofia notou que Alec se atrasara. Ela detestava servir a refeição sem o marido, embora ele tivesse dito que, se os filhos precisassem comer, não esperassem a sua chegada. Estavam nos cadeirões, com os babadores no pescoço e a comida à frente, quando a porta de entrada se abriu. Tory e Craig haviam também sentado à mesa

— Deve ser o seu pai — disse Sofia. — Já volto.

Sofia foi para a porta da frente, mas não chegou lá. De pé, do lado de dentro, encontrou a sua avó, parecendo menor, mais velha e mais frágil do que nunca.

— Estou sonhando você? — disse Sofia automaticamente em checo.

— Não, minha Sofia —, veio a resposta terna. — Sou eu.



Sofia ficou quase sem fôlego. Pôs as mãos na boca e, depois, estendeu lentamente os braços. Elas se abraçaram. Sofia soluçou.

— Pensei que não a veria nunca mais.

— Eu sei, minha querida, eu sei. O seu Alec foi muito insistente.

— Alec fez isso?

Sofia levantou, então, os olhos e viu quando ele entrava pela porta. O marido adiantou-se, e Sofia foi para os seus braços.

— Oh, Alec, você trouxe um milagre.

Ele infelizmente não pôde entender, porque ela continuava falando em checo. Os minutos seguintes foram uma espécie de borrão para Sofia, enquanto ela fazia as apresentações e observava Kasmira examinar, derretida, os bebês de cabelo encaracolado que tinham os olhos grandes e negros da mãe, assim como o seu cabelo preto. Tory e Craig sorriram alegremente para ela quando pronunciou os seus nomes em seu forte sotaque. Sofia perguntou a Alec como ele conseguira aquilo.

— Foi interessante — respondeu sorrindo. — Você sempre me disse que Kasmira entende inglês melhor do que fala. Falei muito, e ela respondeu com alguns sons. Como pode ver, finalmente nos entendemos.

— Esta é uma visita? Você pode ficar algum tempo?

— Até que me mande embora — disse Kasmira, e os olhos de Sofia se arregalaram.

— O apartamento! — falou para Alec. — Você disse que devíamos limpar o apartamento no caso de quisermos alugá-lo.

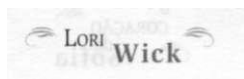
Alec apenas sorriu e, logo depois, estavam todos à volta da mesa. Sofia proporcionou a todos um verdadeiro espetáculo, falando em checo com Kasmira e, depois, em inglês com algumas palavras em checo no meio com o resto da família.

Kasmira riu, deliciada, quando ela falou em checo com os gêmeos e eles compreenderam.

— Fiquei imaginando se falava com eles na sua língua nativa.

— Desde que eram bem pequenos. Mas, devo confessar, na maior parte das vezes só falo quando estou aborrecida.

— Você fica aborrecida, Sofia? — O sarcasmo de Kasmira era divertido.



Sofia apenas riu e a chamou de velha teimosa.

A noite passou em um ambiente cheio de amor, e Sofia passou muito tempo no apartamento, verificando se a avó estava bem acomodada. Kasmira, finalmente, disse: — Sofia, estou cansada. Volte à sua família.

— Você é também a minha família.

— Eu sei, e vou estar aqui de manhã. Vá embora.

Elas se despediram, e Sofia voltou para encontrar as crianças na cama e Alec esperando por ela na sala de estar. Ele estava lendo a Bíblia, mas largou-a no momento em que viu a esposa. Ela se sentou na outra ponta do sofá e olhou para ele.

— Como conseguiu isso, Alec?

— Telefonei e falei com o Eduard. Perguntei que tipo de possibilidade haveria de convencê-la a vir. Ele me encorajou e disse que faria o mesmo do seu lado. Quando telefonei outra vez e falei com ela, a sua avó já estava um pouco mais acostumada com a ideia.

Sofia balançou a cabeça. — Há quanto tempo foi isso?

— Quase um ano.

— Não sei como você manteve segredo.

— As crianças só ficaram sabendo há cerca de um mês, e isso ajudou.

Sofia só ficou olhando para ele.

— Não sei como agradecer você.

Alec pegou na mão dela: — Você já agradeceu mais do que precisava.

Sofia franziu a testa.

— Você nunca se queixou, Sofia, nem criou problemas para mim por não ir para lá. Poderia ter feito isso, mas não fez. Nunca disse: *em meu país, nós...*, nem insinuou coisas desse tipo. Deixou tudo para ficar aqui conosco. Sei, porém, que o seu coração ficava às vezes dividido. Agora, embora tenha saudades da Tchecoslováquia, não vai ter saudade da avó do seu coração. Era o mínimo que eu podia fazer.

Ela foi para os braços dele. Alguns homens faziam coisas para as esposas, mas nunca diziam "amo você". Outros diziam "amo você", mas não agiam de acordo com as suas palavras. Alec Riley fazia as duas coisas, e Sofia o amava indescritivelmente.



Quantos acontecimentos! A avó aconselhando que deixasse a Checoslováquia. A vida em Chicago. O encontro com Davi e Janete. Entrar na sala desta casa na Praça Holly e ver o rosto dos Rileys. O encontro com Gladys. O amor que sentira por Alec. Observar a senhora Kent entregar a vida a Cristo e, um ano depois, o senhor Kent fazer o mesmo. Ter filhos com Alec. Observá-lo como pai e cuidando dela e amá-la de todo coração. E agora, a avó estava a poucos metros, não mais a um oceano de distância.

Quantos acontecimentos! Mas, com certeza, o melhor ainda estava por vir. Deus sem dúvida os guiaria. Nem sempre os dias eram tão agitados. Isso, porém era bom. Precisavam da rotina diária, dos altos e baixos, dos momentos movimentados, e dos mais descontraídos. Tudo permanecia gravado no coração de uma mulher que, simplesmente, pedira a Deus que lhe mostrasse o seu caminho. Era o coração de Sofia. Mais importante ainda: era o coração de Deus. E Sofia tinha a certeza de que não havia um lugar mais seguro para viver.

SOBRE A AUTORA

LORI WICK é uma das escritoras de ficção cristã mais versáteis no mundo literário de hoje. Entre suas obras, há livros de ficção sobre os pioneiros, uma série de histórias vividas na Inglaterra vitoriana, e romances contemporâneos. Os livros de Lori — mais de quatro milhões e cem mil exemplares impressos — continuam sendo do agrado do público e se mantêm no topo da lista dos mais vendidos em literatura de ficção cristã.

Lori e seu marido, Bob, moram em Wisconsin, com "os três filhos mais legais do mundo".

Sua opinião é
importante para nós.
Por gentileza, envie seus
comentários pelo e-mail
editorialif.hagnos.com.br.



Visite nosso site: www.hagnos.com.br

Esta obra foi composta nas
fontes Aparajita. corpo 10,
11. e Orator. corpo 9 e 24; e
impressa na imprensa da Fé.
São Paulo, Brasil,
vcrão dc 2014.

Lori Wick é autora de mais de 40 títulos. Entre eles encontram-se emocionantes romances localizados em épocas diferentes que vão do contexto da Inglaterra vitoriana ao velho oeste americano e à vida cotidiana. As personagens de seus livros têm personalidades concretas, os relacionamentos são significativos, e o enredo é sempre interessante. Lori começou a escrever em 1989.

Já recebeu três vezes da “Premiação Medalha de Ouro” o prêmio principal na categoria Ficção Cristã. Suas obras já venderam mais de um milhão e meio de cópias. Ela mora no estado de Wisconsin (EUA) com o marido e três filhos.



O coração de Sofia

Sofia, uma moça culta que morava na Tchecoslováquia, país do leste europeu durante os anos 1980, é incentivada por sua avó, com quem morava, a tentar a vida nos Estados Unidos – o país das oportunidades. Deixar a sua querida avó foi muito difícil, mas como só ela conseguiu permissão para viajar, foi em frente pedindo a Deus que guiasse seus passos. Ao chegar à América teve muitas decepções, como só conseguir trabalhar em subempregos, mesmo sendo tão capacitada. O pior de tudo, porém, era a profunda solidão que a sufocava.

Foi então que Sofia recebeu um convite para trabalhar em uma casa cuja mãe/esposa havia sofrido um terrível acidente e morrido, deixando os filhos e o marido desarraigados e perplexos. Mas o que fazer com o preparo que Sofia recebera nas melhores universidades de seu país, bem como com sua experiência de trabalho junto aos órgãos federais? Valeria a pena abrir mão de tudo e dedicar-se a trabalhar na reconstrução emocional daquelas pessoas? Será que ela seria a pessoa adequada, dadas as condições de ambas as partes?



ISBN 85-243-0331-X



9 788524 303319

Categoria: Ficção/Romance